

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

Luísa Pádua Zanon

MONSTRUOSIDADES E O MUNDO DE PONTA-CABEÇA:

representação de monstros em folhetos impressos na Inglaterra Moderna (1604-1688)

Belo Horizonte

2025

Luísa Pádua Zanon

**MONSTRUOSIDADES E O MUNDO DE PONTA-CABEÇA:
representação de monstros em folhetos impressos na Inglaterra Moderna (1604-1688)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Liebel

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Belo Horizonte

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

907.2 Zanon, Luisa Pádua.
Z33m Monstruosidades e o mundo de ponta-cabeça [recurso
2025 eletrônico] : representação de monstros em folhetos
impressos na Inglaterra moderna (1604-1688) / Luisa Pádua
Zanon. - 2025.
1 recurso online (289 f. : il.): pdf.
Orientadora: Silvia Regina Liebel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.História – Teses. 2. Monstros – Teses. 3. Impressos
efêmeros – Teses. 4. Inglaterra – Vida social e costumes,
1604-1688 -Teses. I.Liebel, Silvia , 1980-. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SEI/UFMG - 4257737 - Folha de Aprovação

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_we...



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

[NOME DA UNIDADE]

COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO / PÓS-GRADUAÇÃO EM [XXXX]

FOLHA DE APROVAÇÃO

"Monstruosidades e o mundo de ponta-cabeça: representação de monstros em folhetos impressos na Inglaterra Moderna (1604-1688)"

Luísa Pádua Zanon

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profª. Dra. Silvia Regina Liebel - Orientadora
UFMG

Prof. Dr. William de Souza Martins
UFRJ

Prof. Dr. Rene Lommez Gomes
UFMG

Belo Horizonte, 05 de junho de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Rene Lommez Gomes, Professor do Magistério Superior**, em 06/06/2025, às 09:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **William de Souza Martins, Usuário Externo**, em 09/06/2025, às 08:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Silvia Regina Liebel, Professora do Magistério Superior**, em 01/07/2025, às 23:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4257737** e o código CRC **F0CC5816**.

Referência: Processo nº 23072.233899/2025-63

SEI nº 4257737

À Kira

(E, claro, aos meus pais e irmãs)

AGRADECIMENTOS

Inicio este agradecimento esboçando a minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo financiamento através da bolsa de mestrado facultou a execução desta pesquisa. Expresso ainda todos os meus agradecimentos à minha orientadora, professora dra. Silvia Liebel. Obrigada por ter sido referência e suporte durante todo esse percurso. Como sou grata por, ainda em 2018, ter iniciado os meus estudos em História Moderna e, daí em diante, prosseguir com pesquisas e trabalhos na área. Agradeço por todo apoio, delicadeza, incentivo e leitura cuidadosa ao longo desses anos, sendo sempre uma fonte inesgotável de admiração e exemplo profissional e pessoal. Foi de fato, um privilégio tê-la como um norte na construção desta dissertação e da minha *persona* como historiadora.

Aos professores Ana Paula Sampaio Caldeira e Douglas Attila Marcelino, agradeço por todo o incentivo no início do Mestrado, às aulas ministradas em 2023 e às seguintes contribuições para a construção deste texto quando ele ainda era algo incipiente. Aos professores doutores William de Souza Martins e René Lommez Gomes, agradeço pelo aceite em participar da banca e por tecerem valorosos comentários para esta pesquisa, alavancando ideias desde a qualificação. À professora dra. Rita de Cássia, também agradeço por me abrir os olhos, nesta reta final da pesquisa, para a construção da obstetrícia no tempo e o local da monstrosidade perante a História da Medicina.

Expresso minha gratidão ao grupo de História Moderna da UNIFESP pelas sugestões e partilhas ao longo da construção dos capítulos. Toda a acolhida do grupo “Cinco Reinos” foi e segue sendo fundamental para a minha ambientação nas discussões da área. Em especial, agradeço aos professores Luís Filipe Silvério e Verônica Calsoni Lima por todo suporte e leitura cuidadosa dos meus textos. Não poderia deixar de mencionar também o papel de Livia Bernardes Roberge e Aline Moreira. Como sou grata pela parceria e troca neste percurso, cativando-me ainda mais pelas possibilidades que a Modernidade nos abre.

Não há como não ser clichê e mencionar que, se assim como De Certeau nos mostra que a escrita da história se dá de forma situada e localizada no tempo e espaço, eu também sou grata aos locais em que pude percorrer e às pessoas em que pude esbarrar ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Foi graças ao “Sítio da Lagoa” que o floreio pela história começou e de onde surgiram tantas outras leituras sobre o meu tema. De lá partiu não só o projeto da dissertação, mas também o respiro para se lidar, simultaneamente, com a pesquisa e o trabalho docente. Foi em cada conforto dali provido que partiram as minhas melhores ideias

e parágrafos. E, em cada ser vivo que ali habita ou já habitou, que eu segui escrevendo. Ora por Tina, Rex, Tom e Jane. Ora com Kira, Meg, Luna, Ruth e Biscoitinho.

A minha mais profunda gratidão eu dedico aos meus pais, Elmo e Graziela. Agradeço por me proporcionarem, desde pequena, a oportunidade de estudo, a qual me viabilizou a realização de um mestrado, anos depois. Agradeço pelo respeito à minha escolha pela História, mesmo com as incertezas da profissão. Sou grata pela paciência e carinho de ambos, os quais me cederam espaço para escrever enquanto estavam nos bastidores, cuidando e provendo suporte.

Às minhas irmãs, Isabela e Sílvia, sou grata por me impulsionarem e servirem de consolo nas horas difíceis. São elas as primeiras a bradarem as minhas vitórias. À Isabela, em específico, por compartilhar as dores, as angústias e também os sorrisos de se fazer um mestrado, vivenciando o que um ensino público e de qualidade, como o da UFMG, pode proporcionar. A Guilherme, Alessandra, Sílvia Pádua, Clarindo e Patrícia por serem o elo familiar que sedimentou a minha base para a escrita, assim como tantos outros parentes que me acompanharam nesta trajetória acadêmica, vide Bárbara e Julinha. E, claro, à Letícia Pádua, por ser o meu primeiro exemplo de pesquisadora de Humanas na família e me incentivar ao máximo a buscar na História e na pós-graduação a minha realização profissional.

Agradeço ao Jordano por toda a acolhida e presença neste processo de escrita. Por ter segurado a minha mão e partilhado as dificuldades e as conquistas na construção desta pesquisa, tranquilizando-me nos momentos de ansiedade. Por ser âncora em um mundo tão caótico e ternura em meio às tribulações. Sou grata ainda ao apoio infindável das minhas amigas mais doces: Julia Eduarda, Belinha, Lívia, Aninha, Fernanda, Katharina, Maria Luíza, Rani, Nina, Laurinha, Bruna e João Alberto. E, claro, às companhias sinceras e aos amigos que a História ou a docência me proporcionaram: Priscila Marra, Ailton Júnior, Fernanda Viggiano, Denise, Carla Lobenwein, Letícia Pena, Marina, Mateus, Luiz e tantos outros...

O meu obrigada fervoroso é dedicado à minha mãe, por ter presenciado todo o meu processo de redação e seguir sendo a minha maior inspiração. Obrigada por adoçar a minha caminhada pela História e por partilhar os meus sonhos. Ou ainda, por me incentivar a ir além e, durante o percurso, aplaudir cada passo, tal como o meu pai.

Dedico esta dissertação a todas as vozes que em mim ecoaram para que eu pudesse ter a confiança de redigir o que eu escrevi. Assim como os monstros despertam o fascínio, sou grata a tudo que atiçou a minha curiosidade para que fosse possível pesquisar o insólito e o disforme que habita este mundo.

“Os monstros são-lhe absolutamente necessários para continuar a crer-se homem.”
(GIL, 2000, p. 170)

RESUMO

A presente dissertação teve por pretensão construir uma análise das representações dos monstros redigidas e veiculadas em impressos efêmeros na Inglaterra do século XVII. Ao tomar como base o período de 1604 a 1688, almejou-se constatar em que medida essas narrativas impressas foram produzidas, bem como a sua relação com a crença no monstruoso na época. Procurou-se não só entender o que significava o monstro para os ingleses na Primeira Modernidade, mas também em que medida tais seres poderiam ser mobilizados para se exteriorizar, por vezes, anseios, denúncias ou ideias daquele momento. Ao se ater ao conjunto de fontes selecionadas, que se revestem de particularidades mediante o seu formato e público leitor, analisou-se como esses relatos estavam imbricados à experimentação de uma série de atritos religiosos e políticos. Valendo-se do conceito de “representação” de Roger Chartier, buscou-se compreender como esses impressos de caráter efêmero e de ampla circulação (retidos sob o nome de “literatura efêmera” ou “literatura de rua”), descreviam os casos de nascimento ou aparição de monstros. Ao focalizar nessa Inglaterra convulsionada, de *ponta-cabeça* (ou de *cabeça para baixo*), refletiu-se sobre as possíveis interlocuções desses impressos efêmeros com a produção tratadística, médica e filosófica sobre a monstruosidade, de tal modo a sinalizar como esse monstro poderia ser representado textualmente ou visualmente. Uma vez consideradas as disputas entre católicos, puritanos e anglicanos, deteve-se um olhar para o monstro mediante o cenário de entraves políticos entre os monarcas Stuarts e o parlamento. Por meio da documentação obtida através da *Early English Books Online*, considerou-se tais narrativas textuais à luz dos jogos de mando, dos processos de construção das identidades e da relação com o outro, visando delimitar como o monstro poderia personificar a figura do inimigo político ou religioso. Além dessa ótica, jaz um esforço de se verificar o local feminino no processo de descrição dos monstros, entendendo como as mulheres revestiram-se de uma culpabilização quanto à existência desses seres. Ao pensar tais aspectos, investigou-se como os relatos publicados sobre esse tema contribuíam para uma lógica de moralização e reforço da visão androcêntrica, confluindo para um processo de controle dos corpos, da sexualidade feminina e da maternidade. Sopesando que o monstro finca as suas raízes e floresce no tempo, ganhando força em locais cuja ordem estava em descabro, examinou-se aqui a sociedade inglesa e as suas peculiaridades no século XVII. Indagou-se, portanto, em que medida o monstro seria um artifício literário para se abordar os problemas locais ou parte de um universo de crenças, sendo a teratologia um elemento expressivo na história da Inglaterra.

Palavras-chave: monstruosidade; cultura impressa; Primeira Modernidade; Inglaterra; representação.

ABSTRACT

This dissertation aimed to construct an analysis of the representations of monsters written and disseminated in ephemeral prints during the 17th-century, in England. For this purpose, it took the period from 1604 to 1688 as a central point, especially because it determines the extent to which these printed narratives were produced, as their relationship with the belief in the monstrous at the time. In this sense, this project sought not only to understand what was the monster for the English in the Early Modern Period, but also to what extent such beings could be mobilized to externalize, at times, desires, critics or ideas of that time. After the set of selected sources, which are endowed with particularities due to their format and readership, was analysed how these accounts were intertwined with the experimentation of a series of religious and political acts. Using Roger Chartier's concept of "representation," we tried to understand how this ephemeral and widely circulated printed materials (retained under the name of "ephemeral literature" or "street literature") described cases of the birth or apparition of monsters. By focusing on this *upside-down* England, we reflected on the possible interlocutions of these ephemeral printed materials with the medical treatises and philosophical production on monstrosity, in order to signal how this monstrous could be represented textually or visually. Having considered the disputes between Catholics, Puritans, and Anglicans, we focused on the monstrous in the context of political obstacles between the Stuart monarchs and Parliament. At the same time, through the documentation obtained through *Early English Books Online*, we considered these textual narratives in light of the games of power, the processes of identity construction and the relationship with the other, trying to delimit how the monstrous could personify the figure of the political or religious enemy. In addition to this perspective, there was an effort to verify the female role in the process of describing monsters, understanding how women were made to feel guilty about the existence of these beings. When considering these aspects, we investigated how the published stories on this subject contributed to a logic of moralization and reinforcement of an androcentric view, converging into a process of control over bodies, female sexuality and motherhood. Considering that the monstrous takes root and flourishes over time, gaining strength in places where order was in chaotic, we examined English society in the 17th century. Therefore, we asked to what extent the monstrous was a literary thought to address local problems or a part of a universe of ideas, with teratology being an expressive element in the history of England.

Keywords: Monstrosity; Print Culture; Early Modern; England; Representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - <i>Nota do museu que antecede a narrativa impressa de 1604</i>	54
Figura 2 - <i>Gravura de uma sereia no início do impresso de 1604</i>	56
Figura 3 - <i>Representação de Alexandre de encontro a homens sem cabeça</i>	69
Figura 4 - <i>Representação dos Blêmios nos bestiários</i>	70
Figura 5 - <i>Ilustração de Blêmios na edição de 1664 de Liceti, De monstruorum</i>	72
Figura 6 - <i>Monstruo femenino sin cabeza, retratado na obra Des monstres et prodiges</i>	72
Figura 7 - <i>Frontispício do impresso A true and certaine relation of a strange-birth which was borne at stone-house in the parish of plimmouth, the 20. of october. 1635</i>	75
Figura 8 - <i>Exemplo de gêmeos siameses na obra Prodigiorum ac ostentorum chronicon</i>	77
Figura 9 - <i>Niña con dos cabezas, representada na de Ambroise Paré, de 1575</i>	78
Figura 10 - <i>Dos gemelas pegadas y unidas por la parte posterior, representada na obra de Ambroise Paré, de 1575</i>	79
Figura 11 - <i>Gravura contida no frontispício do impresso de março de 1646</i>	102
Figura 12 - <i>Gravura da “Besta monstruosa” no impresso de 1643</i>	112
Figura 13 - <i>Revelation of St. John: Beast with Ram's Horns</i>	113
Figura 14 - <i>Gravura de A true relation of the birth of three monsters in the city of Namen in Flanders (1609)</i>	120
Figura 15 - <i>Ilustração ao final da última página do impresso A true relation of the birth of three monsters in the city of Namen in Flanders (1609)</i>	124
Figura 16: <i>Folha de rosto do impresso The world turn'd upside down, or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times (1647), de John Taylor.</i>	150
Figura 17: <i>Gravura do impresso The Kingdomes Monster Uncloaked (1643)</i>	154
Figura 18: <i>Gravura do impresso As sete cabeças de Martinho Lutero (1529)</i>	156
Figura 19: <i>Gravura do impresso The true portraiture of a prodigious monster, taken in the mountains of Zardana (1655)</i>	159
Figura 20: <i>Gravura do impresso A monstrous shape. Or a shapelesse monster (1639)</i>	178
Figura 21: <i>Gravuras em A monstrous shape. Or a shapelesse monster (1639)</i>	181

Figura 22: Gravura no impresso <i>The Exact Effigies of a monstrous Tartar taken in Hungary by the valour of the noble Count Serini, February, 1664</i>	183
Figura 23: Gravura do impresso <i>The Worlds Wonder! or, The prophetical fish</i> (1666)	195
Figura 24: Gravura alemã encontrada em um impresso de 1664	196
Figura 25 - Gravura disposta na folha de rosto do impresso de 1614	213
Figura 26 - Imagem da folha de rosto do impresso " <i>The wonder of wonders</i> ", de 1675	227
Figura 27 - Gravura do impresso: <i>Prides Fall: or, A warning for all English women</i> (1674).....	241

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	A MONSTRUOSIDADE POR MEIO DOS IMPRESSOS.....	40
2.1	Os impressos populares na Primeira Modernidade	44
2.2	A estranheza do monstruoso	58
2.3	Ver para crer o monstro	65
3	O MONSTRUOSO SOB O PLANO DIVINO	82
3.1	A monstruosidade na linha de fé.....	94
3.2	O monstro no fim dos tempos	111
3.3	O monstruoso e a Teratologia	132
4	A TERATOLOGIA FACE À QUESTÃO DO MANDO.....	148
4.1	A política e o jogo do medo.....	164
4.2	O monstro como o outro.....	177
4.3	Política e poder pelas lentes da monstruosidade	194
5	NASCE O MONSTRO, MAS E QUEM O PARIU?	210
5.1	A maternidade segundo a teratologia moderna	229
5.2	Do comportamento feminino ao nascimento monstruoso	240
5.3	Os impressos efêmeros em meio ao androcentrismo e à política	248
6	CONCLUSÃO.....	257

1 INTRODUÇÃO

Derivado etimologicamente da palavra *monstrum*, do latim *mostrare* (mostrar), o monstro se portou, no decurso do tempo, como um elemento para “ser visto”, ou ainda, algo que revelava, avisava ou enunciava algum ponto¹. Ao envolver uma visualidade, o monstro também comportaria uma carga adjetiva, chamando a atenção para alguma coisa e qualificando-a. Não por caso, a sua aparição nos textos impressos se deu quase sempre rodeada do uso de expressões e palavras como “[...] fascínio, espanto e medo”². Ainda que se atenha à polissemia do monstruoso e à possibilidade de usos e retóricas, esses seres, quase sempre, levam a pensar no insólito³. Isto é, do latim *insolitus*, aquilo que não era costumeiro, mas, ao contrário, estranho. “Ou seja, aquilo que não é habitual”⁴. Como um ser “[...] construído por meio da palavra”⁵ e que passa por uma formalização verbal, a presente dissertação se atém à narrativa dupla que o monstro conta: sobre quem o escreveu e a mensagem que ele vociferava para quem o lia, podendo servir a um uso cultural, político ou religioso.

Para tanto, questiona-se aqui o que seria o monstro em si, sobretudo quando se defronta com a Inglaterra do século XVII. Seria ele apenas uma metáfora para se explicar os seres horrendos e malignos, como uma forma de abordar inimigos externos e as possíveis ameaças do país? Ou seria o monstro um elemento de credo popular responsável por adornar a compreensão de mundo da sociedade inglesa na Primeira Modernidade? Ou ainda, em que medida esses seres mobilizavam emoções e se projetavam nos impressos que circulavam nessa época, podendo vociferar ideias, críticas ou anseios? Face a essa multiplicidade de questões que

¹ Isso pode ser visualizado pela própria etimologia do vocábulo *mostrare*, visto que “o Dicionário de inglês de Oxford cita a palavra inglesa 'monstro' como tendo se desenvolvido a partir do monstro francês do século XII ou do latim *monstrum* (um presságio, prodígio ou criatura monstruosa) e do latim *monere* (para avisar)”. Traduzido livremente de: “*The Oxford English Dictionary cites the English word monster as having developed out of the twelfth-century French mostre or Latin monstrum (a portent, prodigy, or monstrous creature) and the Latin monere (to warn)*” (Oxford English Dictionary *apud* Dirks-Schuster, 2013, p. 4).

² BERTIN, Juliana. **O monstro invisível**: o abalo das fronteiras entre monstruosidade e humanidade. Outra travessia, Florianópolis, n. 22. p. 41.

³ A título de ilustração, cita-se: “A palavra monstro é ambígua, pois recobre realidades diferentes: na Idade Média ela evoca a ideia de diferença, de estranhamento, mas também de emanção do poder do Criador. Durante o Renascimento, a de maravilha e prodígio e, igualmente, a de força maléfica e abismo devorador. Durante o século XVII, ela se reveste de credulidade científica, envolvendo, contudo, as armadilhas da razão. [...] Duzentos anos de literatura nos revelam as rupturas e permanências das ideias, das mentalidades e dos comportamentos em face dos monstros” (Priore, 2000, p. 34 *apud* Silva, 2016, p. 24).

⁴ SILVA, Vanessa Simon da. **O grotesco e o monstruoso entre culturas**: do discurso científico aos folhetos de cordel brasileiros. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 23.

⁵ KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 261.

se abrem a partir desse tema, volta-se aqui um olhar para as representações de monstros nos textos de caráter efêmero que foram produzidos e comercializados na Inglaterra ao longo dos anos de 1604 a 1688. Se esses monstros contam uma história, resta entender, portanto, que história é essa e como ou por que ela foi narrada.

De início, volta-se aqui um olhar para a cidade Londres, onde, em 1645, um curioso impresso *Signes and wonders from heaven* (Sinais e maravilhas do céu)⁶, foi publicado. Em suas curtas páginas, ele reportava estranhas passagens na Inglaterra, a exemplo de alguns nascimentos monstruosos que ali tomavam curso. Com apenas cinco folhas, ele destacava a notabilidade das ocorrências vistas pela população londrina, evidenciando como Deus estaria atuando na terra por meio do envio de certas mensagens pelos céus. Ao relatar as condições de um nascimento monstruoso, o documento, de autoria anônima, evidenciava como tal cenário era fruto da ira divina desencadeada pelos pecados cometidos pelos homens e as perturbações que assolavam o país⁷. Publicado por I. H., o texto também explicitava diretamente os entraves entre o rei e o parlamento, comentando como tais alvoroços implicavam um cenário de guerra e pecaminosidade, que insultavam a Deus e promoviam a sua cólera⁸.

Ao perflustrar esse texto, uma série de indagações surgem ao leitor. Uma vez que se consideram as rivalidades políticas entre o monarca Carlos I e o parlamento a partir de 1640, considera-se como o documento impresso apresentava nexos com a própria sociedade inglesa. Mais do que um mero confronto entre o rei e os parlamentares, tem-se, no século XVII, uma série de desavenças religiosas, políticas e sociais que abalaram o escopo inglês. Desde a alternância da casa real dinástica para uma dinastia católica escocesa (a dos Stuarts) em 1603, até os atritos oriundos da Guerra dos Bispos e dos confrontos entre Inglaterra, Escócia e Irlanda

⁶ Título mais extenso, no original: “*Signes and wonders from heaven. with a true relation of a monster borne in Ratcliffe highway, at the signe of the three arrows, mistris bullock the midwife delivering here thereof. also shewing how a cat kined a monster in Lombard Street in London. likewise, a new discovery of witches in stepney parish. and how 20 witches more were executed in suffoke this last assise. also, how the divell came to soffam to a farmers house in the habit of a gentlewoman on horse-backe. with divers’ other strange remarkable passages*” (Signes [...], 1645, p. 1).

⁷ Dispõe-se da afirmativa: “*Tis long of the King that the whole Nation is so grievously troubled, for, say they, if the King had slaid with his Parliament, we had beene all at peace and quiet.*”. Em tradução livre da autora: “É culpa do rei que toda a Nação está tão gravemente perturbada, pois, dizem eles, se o Rei tivesse matado seu Parlamento, estaríamos todos em paz e sossego” (Signes [...], 1645, p. 2).

⁸ Isso fica ainda mais nítido na passagem: “*[...] the Lord had decreed a separation betweene the King and his Parliament before the wars began in England for the fins of the whole nation. That the Lord is angry with us every one; for our sins doe appeare in this*”. Em tradução livre da autora: “[...] o Senhor decretou uma separação entre o Rei e seu Parlamento antes do início das guerras na Inglaterra pelos pecados de toda a nação. Que o Senhor está zangado com todos nós; pois nossos pecados aparecem neste” (Signes [...], 1645, p. 2).

no período, verifica-se um clima de inquietações e ansiedades, que se rivalizavam progressivamente com a ocorrência da chamada Guerra Civil Inglesa⁹.

Frente aos desdobramentos desse conflito, a incluir a decapitação do monarca em 1649, a ascensão de uma breve República comandada por Oliver Cromwell e o seu posterior regime de Protetorado, tem-se ainda, em 1660, a restauração da monarquia e o retorno de Carlos II. Além dessas agitações políticas e das hostilidades entre os Três Reinos¹⁰, delineia-se como o período de 1603 a 1689 pode ser caracterizado como um momento de intensas disputas na Inglaterra, a mencionar ainda a eclosão da Revolução Gloriosa em 1688¹¹. Ao final desse processo, dispõe-se de uma Inglaterra imersa em cataclismas e disputas políticas, que se entremeavam nas esferas religiosas, sociais e culturais. É nesse percurso que se pode dizer que a localidade inglesa se encontrava tal qual um mundo de *cabeça para baixo*, valendo-se aqui da expressão de *ponta cabeça* utilizada por Christopher Hill em sua obra redigida em 1972.

Ainda que os trabalhos do autor tenham sido reexaminados pela historiografia revisionista e que se faça necessário evidenciar que o escopo social inglês era dinâmico e margeado por uma série de agentes e interesses políticos, cabe dizer que a ideia de inversão, a qual tal terminologia evidencia, serve em muito aos propósitos desta pesquisa para se pensarem as instabilidades que rondavam a Inglaterra no século XVII. Isto é, ela auxilia a análise sobre como o quadro inglês estava tumultuado e assolado por rupturas políticas na ordem pública. Ao tomar essa perspectiva, considera-se como tal sociedade, mediante os imbróglios e as tensões do momento, formava um terreno fértil para a eclosão de desavenças e contestações da ordem e do poder, sendo a proliferação de monstros e as anomalias uma possível expressão dessas crises¹².

⁹ Christopher Hill (2012, p. 11) esboçou em sua obra, *O século das Revoluções*, como o período das Guerras Civis foi intensamente conturbado e marcado por ansiedades sociais.

¹⁰ Faz-se uma alusão aqui aos confrontos ocorridos entre Inglaterra, Escócia e Irlanda no século XVII. O uso dessa nomenclatura pela historiografia revisionista também aponta para uma crítica à centralidade destinada outrora somente à Inglaterra nessas disputas políticas. Desse modo, o uso do termo “Guerra dos Três Reinos” corrobora para se pensar as experiências de locais como Gales, Irlanda e Escócia no espaço de disputa política, social e religiosa do período abarcado.

¹¹ A historiografia revisionista também traçou críticas relativas ao uso da terminologia “Revolução” para os eventos que tramitaram em 1688 e 89, apontando que eles não se enquadrariam como “revolucionários” de fato. No entanto, ao ter-se em mente que o termo “Revolução” apresenta “[...] possibilidades semânticas flexíveis, ambivalentes e ubíquas” (Koselleck, 2006, p. 62), adota-se aqui esse vocábulo pensando nas mudanças políticas oriundas dos eventos do século XVII – sobretudo àquelas de 1688 e 1689 se considerada a adoção do *Bill Of Rights* e a configuração da monarquia após as deliberações do Parlamento. Santos Júnior (2013, 2018) também se dedicou em seus artigos a problematizar o uso do termo “Revolução”, pensando a sua aplicabilidade perante o caso inglês.

¹² Vale-se aqui do termo “mundo de *ponta-cabeça*” utilizado por Christopher Hill em seu livro de 1972, cuja tradução para o português se deu em 1987. Ao fazer um apanhado sobre os grupos políticos radicais que permeavam esse período – em especial os *Diggers*, *Levellers*, *Quakers* e *Ranters* – a obra, ainda que criticada pela historiografia revisionista como um estudo teleológico e anacrônico, possui uma importante contribuição para se

Como amostra, o documento mencionado acima, *Sinais e maravilhas do céu*, ressaltava a culpa dos ingleses no que diz respeito ao nascimento do monstro¹³, além de apontar para como as mulheres sofriam com a incidência de nascimentos de monstros feios e deformados em virtude de um cenário de devastação¹⁴. Ao tangenciar aspectos relativos ao parto e à maternidade, o texto sinalizava a violência da guerra nos três reinos¹⁵ e o grande número de pessoas que teriam morrido nos conflitos, destinando um local especial aos problemas que ali se aglutinavam. Isso é notório quando se depara com o trecho, traduzido para o português: “[...] toda a nação está tão terrivelmente perturbada [...] não vemos que as guerras sangrentas aumentam cada vez mais em nossos três reinos, fazendo com que o coração de cada homem trema ao pensar no que acontecerá com elas”¹⁶. A partir desse singelo vislumbre fica nítido como o documento perpassava por questões relativas à religião, à política e às mulheres no século XVII, atribuindo a aparição de monstros a uma ruptura da ordem e à existência de uma ação divina face aos pecados humanos¹⁷.

pensar a sociedade inglesa face ao conturbado século XVII. Apesar de suas limitações, há que se considerar a importância da ideia do autor em alocar a Inglaterra como um local de “ponta-cabeça”. Isso, no que lhe concerne, é essencial para se apreender as vivências humanas no século XVII, ao passo em que também elucida sobre como o próprio escopo da Inglaterra estava delineado por tensões – tanto no campo político, como no campo religioso, cultural, e econômico ou social (Roberge, 2017, p. 10).

¹³ Há também nesse impresso uma ênfase sobre a coletividade inglesa na geração do monstro. Ao afirmar que a ira divina era resultado dos pecados cometidos por todos, e não por apenas um indivíduo, o impresso reforçava a responsabilidade coletiva sobre essa situação, indicando ainda um tom moralista acerca desse incidente.

¹⁴ Curioso notar que a expressão “mundo de *ponta-cabeça*” também apareceu em um impresso inglês no ano de 1647. Apesar de não ser a única aparição da expressão e do impresso em questão não tratar diretamente sobre monstros, o documento intitulado *The world turn'd upside down: or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times* (traduzido livremente para o português como “O mundo virou de cabeça para baixo: ou, Uma breve descrição das modas ridículas destes tempos de distração”), mencionava como a terra estaria em desordem justamente por conta dos acontecimentos entre o parlamento e o rei. Ao informar a autoria do impresso (T. J.), o texto ainda explicitava como a Inglaterra e a igreja estariam fora de ordem, de modo a serem comparadas a ervas daninhas – danosas e problemáticas ao Reino. O impresso, que também assinalava a existência de um Diabo inglês louco e dominador, fazia menção às rebeldias contra Deus e o governante, demonstrando, por sua vez, um nítido apoio à causa monárquica. Com isso, na perspectiva do documento, a expressão “mundo de ponta-cabeça” corrobora com a ideia de um mundo invertido no qual as relações políticas, sociais e religiosas encontram-se deturpadas e abaladas.

¹⁵ Como amostra, tem-se a passagem, traduzida livremente para o português, “Não vemos que as guerras sangrentas aumentam cada vez mais em nossos três Reinos, fazendo com que o coração de cada homem trema ao pensar no que acontecerá com elas?” (Signes [...], 1645, p. 3. Tradução própria). No original: “Doe we not see that the bloody wars doth more and more increase in our three Kingdoms whereby every man's heart een trimbles to thinke what shall become of them”.

¹⁶ SIGNES and wonders from heaven. With a true relation of a monster borne in Ratcliffe Highway, at the signe of the three Arrows, Mistris Bullock the midwife delivering here thereof. Also shewing how a cat kitned a monster in Lombard street in London. Likewise a new discovery of witches in Stepney parish. And how 20. witches more were executed in Suffoke this last assise. Also how the divell came to Soffam to a farmers house in the habit of a gentlewoman on horse-backe. With divers other strange remarkable passages. Londres: I. H, 1645. p. 3.

¹⁷ Isso fica ainda mais nítido quando se responsabiliza o cenário vigente a uma ação divina contra os pecadores, como exposto em: “[...] o Senhor está irado conosco por causa dos nossos pecados. [...] cometas estranhos vistos no ar, prodígios, lutas nos mares, tempestades e tempestades maravilhosas na terra: todos esses são sinais eminentes da ira de Deus para com os pecadores. (Signes [...], 1645, p. 3. Tradução própria). No original: “[...] Lord is angry with us for our sins. Have there not beene strange [...] Comets seen in the ayre, prodigies, fights on

No entanto, tal enredo não se porta como algo isolado. Alguns anos depois, em um período já não tão turbulento como as décadas de 1640 e 1650, tem-se, em 1674, a publicação de um outro texto traduzido do inglês como *Prides fall: or, A warning for all English women by the example of a strange monster, born of late in Germany, by a merchant's proud wife in Geneva* (A queda do orgulho: ou, Um aviso para todas as mulheres inglesas pelo exemplo de um estranho monstro, nascido recentemente na Alemanha, fruto de uma esposa orgulhosa de um comerciante em Genebra). Nele, verifica-se a associação do nascimento monstruoso aos pecados cometidos pelas mulheres. Com um tom moralista, o impresso, também de autoria anônima, elencava, por meio de suas linhas, como o monstro era fruto de uma postura libertina das mulheres, em especial de suas mentes tolas e vãs¹⁸.

Ao assinalar a dor do parto vivenciada pelas grávidas e a deformidade da ninhada, o impresso relatava como Deus agia na terra de modo a punir as mulheres por suas ações errôneas. Contendo ainda uma gravura em sua única página, o documento permitia, visualmente, o relato das anomalias daquela forma monstruosa, sendo essa correlacionada à má conduta feminina. Ao traçar relações entre Eva, o Pecado Original e a postura das mulheres naquela sociedade, o impresso findava a sua narrativa conectando o monstruoso a determinados vícios femininos. É a partir desse quadro que uma série de perguntas se irrompe, a começar pela: o que seria esse monstro na Primeira Modernidade inglesa¹⁹? Qual a sua relação com a maternidade? Seria o monstruoso algo dentro da ordem da natureza (tido como natural) ou algo fora dela (sobrenatural)? Como tais seres poderiam ser representados imageticamente e textualmente no século XVII?

Ou ainda, qual a relação da monstrosidade com a posição das mulheres, seus corpos e sua sexualidade face à sociedade moderna? Em que medida a literatura impressa teria fornecido

the seas, marvellous tempests and stormes on the land: all these are eminent tokens of Gods anger to Sinners yet thats one all".

¹⁸ É possível visualizar essa citação em: "A devassidão dessas mulheres e suas mentes vãs e tolas, nunca se contentam com aquilo que Deus designa" (Prides [...], 1674, p. 1, tradução própria). Tradução livre de: "*These womens wantonness, and their vain foolish minds, never contented are with that thing God assigns*".

¹⁹ Usa-se aqui o termo Primeira Modernidade com o objetivo de salientar os anos do século XVII. Ainda que se tenha noção da artificialidade dos termos "Idade Média" ou "Idade Moderna", bem como a noção de que a história não é linear e possui dinâmicas que vão além de uma simples datação, o uso do vocábulo "Primeira Modernidade" auxilia a compreender o período moderno inglês e as suas respectivas mudanças, evidenciando aspectos latentes desse período (como as rupturas religiosas e políticas e o contato com o "Novo Mundo", bem como o advento da prensa e a proliferação de impressos). No caso, o início do uso da expressão – com origem no inglês *Early Modern* – tinha por objetivo abarcar o período entre os séculos XV e XVII. Tal terminologia, no entanto, ganhou espaço por meio dos historiadores anglófilos a partir de 1970 e esteve coadunada aos desdobramentos historiográficos desse momento. Alguns historiadores como Natalie Zemon Davis e Peter Burke retomaram essa nomenclatura para as suas demarcações temporais. Por conseguinte, tal vocabulário, além de enfatizar os eventos políticos, nacionais ou as figuras políticas desse período, também serviu como mecanismo para se externalizar aspectos relativos à economia, à sociedade, à religião e à cultura no decurso do tempo (Hutton, 2015, p. 8).

espaço e ferramentas para a profusão de relatos acerca dos monstros, imbuindo esses seres de um tom moralista? Seria uma mera crença na monstruosidade ou o monstro se irromperia como um dispositivo retórico capaz de externalizar anseios e críticas ao Reino, à religião e aos indivíduos? Haveria um fundo teratológico e tratadístico que acordaria uma familiaridade e uma inserção do monstruoso em textos de caráter efêmero²⁰ e barato? Ou seja, seria possível uma correlação entre esses impressos e as discussões que rondavam a Igreja, o Estado e a sociedade de modo geral?

Face a essas indagações, cabe tensionar em que medida o trato dos monstros por meio de sua representação nos impressos lança luzes sobre aspectos relativos à identidade, à sexualidade, aos corpos, à disposição política, à religião e à cultura. Ao esbarrar em temáticas de alteridade, fronteiras e jogos de poder, o olhar para teratologia por meio das produções culturais também possibilita descodificar as relações entre os indivíduos e o mundo, dando sentido às relações de mando e às disputas alavancadas no escopo social. Se por um lado o monstro exaltava um caráter disforme e anômalo, evidenciando falhas e brutalidades, por outro, ele também assinalava o que existia naquela sociedade, abrindo espaço para reflexões. Desse modo, cabe refazer a pergunta: o que o monstro nos impressos da Primeira Modernidade tem a dizer?

É a partir dessas premissas, portanto, que a presente dissertação utiliza como fonte os impressos efêmeros tidos como “literatura de rua”²¹, que foram produzidos e veiculados no

²⁰ A presente dissertação vale-se da expressão “textos de caráter efêmero” como forma de pontuar um diferencial desse tipo de produção impressa no século XVII de outros documentos oriundos da prensa. Entende-se por efêmero aqui aqueles textos com uma produção mais simples e mais barata. Ao abordar a dimensão passageira dos textos, André de Melo Araújo (2021, p. 7) enfatizou como essas fontes eram, no geral, tidas como efêmeras devido ao fato de serem destinadas ao descarte. Não eram impressos feitos, intencionalmente, para serem retidos e preservados no tempo, diferente de outros tipos de livros ou publicações mais ornamentadas. Assume-se aqui que esse tipo de documentação circulava nas ruas das cidades inglesas, angariando um público mais amplo.

²¹ Adota-se aqui o termo “literatura de rua” conforme a definição de Leslie Shepard (1973, p. 13) em *The History of Street Literature*. Para ela, “[...] *street literature is concerned with the cheap ballad-sheets, pamphlets and other ephemera of the masses, which circulated from the dawn of printing right up to the end of the nineteenth century, a literature often more influential than books*”. Traduzido livremente para: “[...] a literatura de rua refere-se às baladas baratas, panfletos e outros produtos efêmeros para as massas, que circularam desde o início da impressão até o final do século XIX, sendo, muitas vezes, uma literatura mais influente do que os livros”. Essa concepção, que será melhor detalhada nas páginas seguintes, tem por objetivo enquadrar alguns dos impressos que circulavam na Primeira Modernidade e que se diferenciavam de outros tipos de publicações por conta da sua efemeridade, forma de produção, preço e mercado consumidor. Além disso, o presente trabalho vale-se ainda da contribuição de outros autores perante o trato dos impressos do período moderno – vide as obras de Silvia Liebel (2017, 2013a), Ana Paula Megiani (2019), André de Melo Araújo (2020), Rodrigo Bentes Monteiro (2021), Joad Raymond (2003), Margaret Spufford (1981), Joy Wiltenburg (1992), Carla Suhr (2011), Roger Chartier (2002, 2007), Luís Filipe Silvério Lima (2022) e Alessandra Halasz (1977). Por meio desse repertório, torna-se possível pensar o universo da cultura impressa e as nuances que abarcam o trabalho com esse tipo de fonte, chamando a atenção, em especial, para o mercado editorial e as práticas de leitura, bem como para os aspectos linguísticos, paratextuais, materiais, imagéticos e conteudísticos desses documentos.

século XVII inglês²². O recorte, que transcorre entre 1604 e 1688, resulta da disponibilidade de fontes aferidas nesse período, bem como da intercorrência de uma significativa quantidade de eventos políticos que ali se desenrolam²³. À luz delas, busca-se compreender como o tema da monstrosidade esteve inserido dentro de uma Inglaterra de *cabeça para baixo*, podendo o monstro servir como mecanismo de inserção de ideias ou críticas na esfera político-social.

Embasando-se na tese de Jeffrey Cohen, de que “[...] seguramente [os monstros] devem existir, pois, se eles não existissem, como existiríamos nós?”²⁴, pontua-se como a monstrosidade ainda é uma parte inquietante do próprio trato da humanidade, sendo reproduzida em uma série de produções imagéticas, musicais, literárias e cinematográficas²⁵. Como um ser emblemático, o monstro, conforme argumenta Mary Campbell, coloca em xeque a própria noção de cultura, integrando-se ainda a um domínio simbólico, discursivo, político e social²⁶. Envoltas em mistérios, essas figuras também foram responsáveis por chamarem a atenção para os sórdidos elementos relativos às vivências humanas, bem como os seus aspectos constitutivos. Nesse preâmbulo, ao tomar como empréstimo as ideias de Cohen acerca do monstruoso enquanto um elemento cultural, pode-se pensar como cada sociedade pode ser lida e interpretada a partir dos monstros que ela engendra mediante tempo e espaço.

Em virtude disso, esta dissertação, ao alicerçar-se na ideia de que cada comunidade produz e exterioriza os seus monstros, procura entender como a representação dos monstros circulou na Inglaterra do século XVII a partir de um contexto político e social turbulento, dotando-se de um potencial retórico e simbólico distintivo. No entanto, mais do que pensar em

²² O historiador Luca Baratta (2016, p. 22), ao trabalhar com os impressos ingleses do século XVI, também enfatizou como o uso desse termo não implica uma redução entre as noções de culto X popular. Ao contrário, para ele tratava-se de uma literatura não destinada exclusivamente a um público popular, mas “aberta a todos” e, portanto, também receptiva às solicitações de diferentes ambientes culturais. Há aqui a ideia de uma osmose entre a pequena e a grande tradição, bem como uma fluidez entre a cultura oral e a escrita. Ou seja, há que se pesar ainda que essa distinção culto e popular, apesar de aludir à existência de duas dimensões da cultura no início da Europa Moderna (popular e erudito), também não correspondia simetricamente aos grupos e posições sociais (elite e pessoas comuns) de fato da época (Liebel, 2013a, 2017). Torna-se importante enfatizar esse ponto uma vez que a dita elite também participou da construção da pequena tradição.

²³ Em especial, tendo em mente a ascensão da casa real dos Stuart em 1603 e a Revolução Gloriosa em 1688. Consequentemente, considera-se tais anos como os marcos que delimitam temporalmente esta pesquisa.

²⁴ COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz (org.) et al. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 54.

²⁵ Generosa Souto expõe, nessa perspectiva, como “[...] ir à caça das monstrosidades e dos monstros é bem antigo. Acredita-se que tenha iniciado com os gregos. Tornou-se um assunto de grande importância, digno de ser discutido por grandes pensadores como Michel Foucault, quando afirma que o problema que vamos encontrar ao longo de todo o século XIX é descobrir o fundo de monstrosidade que existe por trás das pequenas anomalias, dos pequenos desvios, das pequenas irregularidades” (Foucault, 2002 *apud* Souto, 2011, p. 101).

²⁶ CAMPBELL, Mary. Anthropometamorphosis: John Bulwer's Monsters of Cosmetology and the Science of Culture. In: COHEN, Jeffrey Jerome (ed.). **Monster Theory** – Reading Culture. Mineápolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 203.

meras conexões temporais desses relatos de monstros com as subsequentes intempéries políticas e sociais vivenciadas no cenário inglês, extrapola-se aqui para as ligações do trato da monstrosidade com um esquema representacional coletivo próprio da vivência inglesa, capaz de expor as fragilidades do corpo político e tonificar as relações ali dispostas.

Essa particularidade destinada, em especial, ao século XVII, assentar-se-ia em uma modificação constatada por alguns autores no que diz respeito ao trato do monstruoso no decurso do tempo. Conforme externalizado por Claude Kappler, a partir do século XVI, tem-se o surgimento de um monstro com “[...] fins políticos e religiosos”²⁷, os quais, segundo Serina Patterson, reincidentem na disseminação de um conceito moderno dos monstros²⁸. Na visão da autora, a monstrosidade se intersectaria a um complexo quadro de ansiedades, vinculando-se à cultura impressa para a sua eventual reprodução no ambiente social. Em compasso, como um ser suspeito e passível de desconfiança, o monstruoso merece um relativo destaque na Inglaterra ao passo em que também concede uma atenção para o que essa localidade tem por especificidade, dado à vivência de uma reforma religiosa em meados do século XVI e à eclosão de guerras civis ao longo do século XVII. Assim, ao tomar o “[...] monstro por sua limiabilidade ontológica”²⁹, verifica-se como essas figuras monstruosas ganharam forma em momentos de crise, corporificando e externalizando os anseios pertinentes daquela época.

Na qualidade de intensificadores do medo, do anômalo, do desvio e do trato do outro³⁰, o monstruoso também comportaria, segundo a enunciação feita por Julio Jeha, um fundo político e estético, carregando consigo implicações ideológicas e retóricas relativas à moralização, à religião, aos ordenamentos sociais e às instituições políticas³¹. Não por acaso, Kathryn Brammall evidenciou em sua análise como as posturas sociais frente aos monstros se coadunaram aos contextos nos quais eles estavam inseridos, atravessando os séculos e fascinando os indivíduos³². Nessa perspectiva, pode-se pensar como a crença na monstrosidade englobou e ainda engloba uma série de nuances que partem de um cenário conjuntural específico, mas que não dependem somente dele.

²⁷ KAPPLER, ref. 5, p. 424.

²⁸ PATTERSON, Serina. Reading the Medieval in Early Modern Monster Culture. *Studies in Philology*, Chapel Hill, v. 111, n. 2, 2014. p. 305.

²⁹ GARBER, 1991, p. 11 *apud* COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz (org.) *et al. Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 30.

³⁰ Conforme esboçado por José Gil (2000) em “Metafenomenologia da monstrosidade: o devir-monstro”.

³¹ JEHA, Júlio. *Monstros e monstrosidades na Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 20.

³² BRAMMAL, Kathryn. Monstrous Metamorphosis: nature, morality, and the rhetoric of monstrosity in Tudor England. *The Sixteenth Century Journal*, [S. l.], v. 27, n. 1, 1996. p. 8.

Mais do que ponderar sobre os monstros na Primeira Modernidade, requer-se aqui ir além de uma leitura teleológica e linear, privilegiando e corroborando com a ideia de que a postura dos indivíduos em relação ao monstruoso modificou-se com tempo, ao passo em que diferentes interpretações acerca das figuras monstruosas também puderam coexistir entre si e se vincular a outros elementos que iam além de uma mera base contextual. De certo, mais do que um aprofundamento sobre esse fundo conjuntural ou as efetivas turbulências políticas, religiosas ou sociais vivenciadas na modernidade inglesa, leva-se em conta a própria possibilidade de uma real crença no monstruoso, a qual também facultava a veiculação de histórias sobre tais seres por meio dos impressos. Uma vez que cada fonte implica um horizonte de produção espacial e cronológico, pode-se considerar como os impressos efêmeros sobre monstros detêm particularidades que instigam uma reflexão.

Posto isso, a análise dos folhetos impressos como fontes históricas permite o conhecimento sobre os pontos de vista, interpretações e postulações acerca dos monstros que não foram contempladas outrora por outros tipos de registros históricos. Mais do que isso, a investigação minuciosa desses documentos auxilia a entender como os textos impressos se portavam como importantes ferramentas capazes de veicular ideias, críticas e informações pelo escopo social. Uma vez que eles permeavam o debate público, a esfera social e os espaços de discussão na Inglaterra moderna, eles ampliavam – ainda que em uma sociedade oralizada – a profusão de notícias pelo escopo inglês. Ao seguir, em parte, a própria argumentação de Harold Weber acerca do poder contido nas palavras, pensa-se como esses textos operavam em um nível cultural e impregnavam-se de valores, facultando o reporte das intensas disputas políticas que caracterizavam o mercado impresso no século XVII³³. Quando se olha para essas narrativas de nascimentos ou aparições de monstros, ainda que se levando em conta a sua base factual, ficcional ou poética, possibilitar-se-ia, dessa forma, uma rica leitura da sociedade inglesa, bem como da cultura impressa e das contingências políticas e sociais que ali se esboçavam³⁴.

Para o manejo dessas fontes, utilizam-se aqui as discussões de Roger Chartier³⁵, de modo a destacar como o mercado editorial do século XVII era dinâmico e sujeito às escolhas e

³³ WEBER, Harold M. **Paper bullets: print and kingship under Charles II**. Lexington: The University Press of Kentucky, 1996. p. 74.

³⁴ Em compasso, ao abordar essas fontes fermenta-se-aqui um estudo das representações específicas dos grupos de impressores, escritores e leitores de um período, desdobrando espaços para a compreensão dos esquemas de construção do natural e do sobrenatural na literatura, além das identidades, dos saberes médicos, do local do “outro”, da posição das mulheres e das relações que orbitavam a política e a religião.

³⁵ Refere-se aqui às obras: *A Mão do autor e a mente do editor* (2007) e *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*, de 2014.

às predileções de cada autor e impressor³⁶, sendo a própria composição das páginas, o formato, a encadernação e a costura dos impressos o resultado de diferentes sujeitos atuando sobre os textos³⁷. Essa atenção faz com que a pesquisa tenha em mente os aspectos relativos ao público leitor, às escolhas dos tipógrafos, às estratégias de venda e à possibilidade de criação de uma esfera pública que se imbricam ao trato da cultura impressa da época. Ao tangenciar esses itens, não se perdem de vista as considerações sobre a materialidade, os elementos paratextuais e os recursos extralinguísticos dos impressos, já que eles fomentavam um universo de questões a serem desbravadas sobre o mercado editorial do período.

Ao tomar como base a ideia de um esquema representacional coletivo da monstrosidade na Inglaterra moderna, busca-se explorar as fontes impressas aqui recortadas; não em busca de uma resposta definitiva, mas, sim, da construção de perguntas articuladas que possam entender um possível significado para a monstrosidade perante o cenário estudado. Ainda que se intermeie ou que questione o real significado desses monstros, os relatos impressos sobre esses seres dizem algo aos historiadores – senão das próprias turbulências vivenciadas no quadro social ou da real crença no sobrenatural e no monstruoso por aqueles indivíduos, pelo menos na historicidade dessas fontes e na relação dessas com uma dada realidade.

Para tanto, cabe uma explanação acerca da escolha do rol de fontes a ser explorado na presente dissertação. Opera-se aqui com a seleção de impressos tipificados como literatura efêmera, os quais se delimitam por seus aspectos de produção mais ampla e barata. Todavia, tendo em vista que as próprias balizas para a seleção de textos a serem incluídos como literatura popular modificaram-se conforme o autor e a intenção de análise sobre cada texto, cabem aqui algumas ressalvas a respeito desse repertório de fontes. Carla Suhr, à guisa de exemplo, desenvolveu um significativo trabalho de análise dos impressos populares e do papel da dimensão material ao se deparar com esses documentos. Ao deter uma atenção às imagens dispostas nos textos, aos títulos, à ornamentação, ao *layout* e até mesmo à escolha de letra a ser

³⁶ Sobre esse ponto René Lommez Gomes (2021, p. 380) também evidenciou como era complexo o procedimento de fabricação de um texto, uma vez que editores, tipógrafos e outros indivíduos se aglutinavam para materializar as intenções editoriais. Além da produção final de um texto físico, existia um processo de produção de sentido, o qual impactava as formas pelas quais o leitor iria ler e apreender a mensagem escrita.

³⁷ Veronica Lima (2023, p. 30) destaca como “[...] tipógrafos, livreiros, encadernadores e vendedores ambulantes não eram apenas veículos para a difusão de perspectivas pensadas por outrem [...]. As escolhas feitas nas casas de impressão, livrarias e oficinas de encadernação eram essenciais para a composição dos impressos. A qualidade dos papéis, os formatos, o *mise-en-page*, a pontuação, as ênfases, os tipos, a costura e a encadernação geravam significados para os consumidores dos materiais impressos”.

utilizada, a autora valeu-se do termo literatura de rua, pautando para a sua escolha de fontes textos de até 48 páginas, delimitando-os como panfletos³⁸.

No entanto, o trabalho de Suhr não se encontra só. Um outro caso refere-se às obras de Joad Raymond e suas perspectivas em relação à definição do que seriam os panfletos ingleses modernos. Ao tomar como ponto de partida que a produção de impressos se dava a partir dos formatos de *quarto* ou *octavo*, Raymond incluiu em sua concepção somente como panfletos aqueles materiais cujo tamanho assumiria de “[...] uma a doze folhas, ou de oito a noventa e seis páginas em quarto”³⁹. Por outro lado, a autora Joy Wiltenburg também se debruçou sobre os impressos efêmeros e, em sua obra de 1992, postulou sobre como os textos de literatura popular foram essenciais para revelar questões relativas às mulheres, ao gênero e às experiências humanas no tempo. Ainda que analisando fontes tanto alemãs como inglesas, Wiltenburg elencou como critério para sua seleção de literatura de rua textos curtos e de poucas páginas, focalizando mais na questão da audiência, no papel da cultura escrita, no peso do mercado impresso e no preço desses materiais.

A partir desse quadro, retém-se que a forma de se trabalhar com os impressos do século XVII a partir da ideia de literatura de rua ou impressos populares e efêmeros se deu de modo plural, variando, sobretudo, no que diz respeito ao enquadramento dos textos mediante o número total de páginas ou aos outros critérios de seleção (como a temática da fonte ou o tipo do texto: *broadsheets*, baladas ou *chapbooks*). Face ao aporte disponível para a pesquisa, valeu-se aqui das fontes impressas acessadas pela plataforma da *Early English Books Online*, a qual contemplava textos de 1473 a 1700, dispostos de modo online. Em meio aos seus documentos catalogados e acessíveis por meio da busca por palavras-chaves, encontram-se ainda transcrições e detalhes sobre os textos – ferramentas capazes de ampliar o leque de compreensão e leitura desses materiais, uma vez que que elas informam o autor, o ano de publicação, a localidade de produção do texto, o editor e o respectivo tema do impresso⁴⁰.

A partir da existência desse banco de dados, tomou-se como referência o período de 1603 a 1689 como ponto de partida, tendo em vista, sobretudo, a essencialidade desse recorte

³⁸ SUHR, Carla. **Publishing for the masses** – Early Modern English Witchcraft Pamphlets. Helsinki: Société Néophilologique, t. 78, 2011. p. 56.

³⁹ RAYMOND, Joad. **Pamphlets and pamphleteering in early modern Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 5. Tradução própria. No original: “A pamphlet typically consisted of between one sheet and a maximum of twelve sheets, or between eight and ninety-six pages in quarto”.

⁴⁰ Ainda sobre a *EEBO*, vale destacar a sua essencialidade para o trato do período moderno inglês, ao passo em que ela se destrincha em outras quatro coleções que contemplam produções impressas. Verônica Lima (2014), sobre esse tópico, sinalizou a existência da coleção do inglês George Thomason cujo impressos, dispostos na *EEBO*, são datados do período de 1640 a 1660 e permitem uma apreensão da produção impressa da Inglaterra do século XVII.

temporal. O critério adotado nesse trabalho foi a seleção de textos de até 12 páginas⁴¹, tendo em vista não só a opção de se lidar com um rol menor de textos, mas também em virtude da intenção de se lidar com textos de caráter mais efêmero e barato, o que coincide, portanto, com textos de tamanho menores (pensando, sobretudo, que, quanto mais longo era o texto, maior seria o seu preço)⁴². Por ora, a seleção por materiais de apenas doze páginas também se encaixava com o número de possíveis dobras que poderiam ser feitas no papel – haja vista que esses impressos contemplavam o formato de *quarto*⁴³. Logo, sendo um *quarto*, aquele com 12 páginas teria perpassado por um processo de dobragem três vezes.

Por meio dessa filtragem e do conjunto de escolhas, foi elencado como resultado final a prévia de 36 impressos que contemplavam a temática da monstrosidade. Uma vez que o primeiro impresso encontrado data de 1604, esse ano marca, por sua vez, o início do repertório de fontes que se encerra no ano de 1688, data do último ano do impresso a ser incorporado no compilado de documentos. Além desse montante total de textos, outro fato digno de menção refere-se ao tipo desses impressos, dado que, ao observá-los atentamente, verifica-se a proeminência de textos de apenas uma página, no caso baladas, e de cinco páginas, o que indica ainda como os materiais selecionados são curtos e variados.

É válido pontuar ainda que os impressos analisados, além de serem menores, pertencem a um *corpus* diferente, sendo reunidos aqui de forma arbitrária e intencional para fins de pesquisa. Contudo, além de apresentarem um número de páginas reduzido, esses documentos poderiam ser enquadrados como uma “literatura rápida”, uma vez que noticiavam histórias sobre casos ou nascimentos monstruosos as quais permeavam, com rapidez, os debates na cena pública. Isso implica considerar a existência um gênero dos impressos de notícias sobre monstros, bem como a existência de um determinado efeito retórico por trás desses textos. Isto é, uma vez que esses materiais se propunham a notificar algo, eles também almejavam uma credibilidade por parte do público leitor. Essa relação faz com que o manuseio desse tipo de

⁴¹ Iniciou-se uma busca filtrada no site do acervo, elencando como critério para a seleção os anos mencionados acima e palavras-chaves referente a “monstros”, com o intuito de direcionar a documentação para a temática a ser pesquisada. A partir disso, deu conta-se de um repertório de fontes impressas capazes de expor algumas das representações da monstrosidade por meio de relatos de nascimento ou aparição de monstros na literatura efêmera inglesa da Primeira Modernidade.

⁴² Isso foi pontuado por Margaret Spufford (1982) em *Small Books and Pleasant Histories – Popular Fiction and its Readership in Seventeenth-Century England*. Além de evidenciar o papel do aspecto mercadológico da produção impressa, Spufford também apontou os respectivos preços que poderiam ser cobrados sobre os textos.

⁴³ Sobre o tamanho dos impressos, André de Melo Araújo (2021, p. 11) menciona: “[...] o formato *in-quarto* é imposição que resulta em oito páginas, enquanto que o formato *in-octavo* dá aos dois lados da folha de papel dezesseis páginas de impressão”. Dessa maneira, os textos apresentavam tamanhos distintos, de modo que os “[...] seus formatos não são definidos pelas dimensões materiais da página, mas sim pelo número de vezes em que a folha de papel foi dobrada para constituir um caderno”.

fonte se revista de ainda mais particularidades, demonstrando, novamente, como o aspecto material e textual desses objetos impactava na produção e recepção desses impressos.

De certo, ainda que se tenha que sustentar os alicerces que justifiquem a escolha desses critérios de seleção dos impressos efêmeros, sobressai-se, no entanto, como todos esses textos se alinham à chamada literatura efêmera. Mais do que o foco na quantidade de páginas de cada uma das fontes selecionadas ou na tentativa de obter uma definição inarredável do que seriam panfletos, baladas ou outros tipos de impressos, busca-se entender, ao contrário, como a produção impressa delineou a Primeira Modernidade inglesa, bem como essas narrativas contemplavam a temática do monstro. Se por um lado esses materiais serviam de entretenimento ou reporte de notícias, eles também funcionavam como ferramentas para a exteriorização de anseios, críticas ou ideais relativos aos indivíduos, às mulheres, aos processos de moralização, à igreja, e aos jogos de poder na Inglaterra do século XVII. E é justamente esse o foco a ser direcionado aqui.

Tal qual pontuado por David Como, o mundo pré-Guerra Civil e os respectivos acontecimentos na Inglaterra ao longo século XVII fazem visualizar uma efervescência na publicação de impressos⁴⁴. Chama-se a atenção para a expressiva quantidade de textos relativos ao relato de aparições ou nascimentos de monstros. Alan Bates, a título de ilustração, aloca como os séculos XVI e XVII foram a era de ouro das histórias monstruosas nos impressos⁴⁵. Ainda que esse aumento das produções de documentos possa ser fruto do próprio desenvolvimento da prensa e do aumento de um mercado editorial, cabe pensar como tais textos se vinculavam a um dado contexto e não podem ser pensados fora dele⁴⁶. Desse modo, é impossível tratar a literatura de monstros como um gênero literário sem considerar que esses relatos impressos também se assentavam em uma base histórica e factual. Em compasso, a tese de Jennifer Spinks sustenta a ideia de como a cultura impressa e as turbulências político-religiosas “[...] transformaram os nascimentos monstruosos em figuras icônicas em um mundo repleto de sinais maravilhosos e perturbadores”⁴⁷.

⁴⁴ COMO, David. Secret Printing, the Crisis of 1640, and the Origins of Civil War Radicalism. *Past & Present*, n. 196, 2007. p. 79.

⁴⁵ Segundo Alan Bates (2005a, p. 48, tradução própria): “[...] 1562 foi um ano ‘fértil em monstros’ e 1556 foi ‘[...] tão fértil em acidentes prodigiosos’, provavelmente porque nascimentos monstruosos foram particularmente úteis para os escritores protestantes”. No original: “[...] 1562 was a year ‘fertile in monsters’ and 1556 was ‘[...] so fertile in prodigious accidents’ probably because monstrous births were particularly useful to Protestant writers”.

⁴⁶ Aaron Kitch argumentou como as broadside ballads sobre monstros apareceram na Inglaterra por volta do ano de 1560 e, rapidamente, ganharam uma popularidade (Dirks-Schuster, 2013, p. 7).

⁴⁷ “[...] had turned monstrous births into iconic figures in a world teeming with disturbing wondrous signs” (Spinks, 2009, p. 12, tradução própria).

Considera-se, assim, como a literatura efêmera parte de um cruzamento de múltiplas ideias, que, conforme indica Silvia Liebel, resultam na construção de diferentes personagens e apropriações textuais, colidindo com as matrizes culturais da época⁴⁸. Além de se ater para como os nascimentos monstruosos ocuparam a temática de muitas publicações, constata-se como Londres deteve um monopólio sobre as impressões desses relatos⁴⁹. Como objetos ativos no comércio de impressos, vide a própria quantidade de títulos que mencionavam a monstruosidade⁵⁰, o monstruoso seria também uma marca cronológica, devido à disposição de informações relativas à data e ao seu local de nascimento, o qual, por vezes, coincidia com a ocorrência de eventos simultâneos no cenário político e social da Inglaterra⁵¹. Desse modo, o monstruoso se integrava a um domínio simbólico, mas também a uma esfera discursiva e a uma dimensão social, cultural e política. Assim, o que se questiona é: que monstro era esse veiculado nos impressos da chamada literatura efêmera?

No caso da literatura popular, o monstruoso parece ter sido usado de forma imprecisa e poderia carregar vários significados simultaneamente⁵². A princípio, antes de 1650, “[...] a maior parte das baladas e panfletos sobre monstros atribuíam a Deus a criação desses seres”⁵³. Ainda que muitos impressos, posteriormente, também se embasassem nessa ideia, os monstros apareciam como resultado da intervenção divina por conta das ações cometidas pelos homens ou pela posição corrupta e sediciosa assumida pelas mulheres. Dessa forma, o monstruoso despontava como um elemento negativo o qual anunciava alguma postura errônea dos indivíduos. Se, por um lado, vociferava uma mensagem em relação ao comportamento da

⁴⁸ Liebel (2013a, p. 15) ainda argumentou em sua tese como os textos impressos, a despeito de sua análise da literatura francesa, facultavam a transmissão de uma dada moralidade, produzindo significados e valores sociais os quais poderiam ser distribuídos por vários canais.

⁴⁹ Isso é perceptível pelo interesse nas malformações e casos de gêmeos siameses, os quais ganhavam profusão por meio da veiculação das baladas (Bates, 2005a, p. 178). Ademais, quando se depara com maioria das fontes aqui prescrutadas pode-se verificar que quase uma totalidade delas foi publicada e impressa na cidade de Londres.

⁵⁰ Whitney Dirks-Schuster (2013, p. 38) demonstra a quantidade de casos sobre nascimento de irmãos siameses, tanto no continente quanto na Inglaterra. O relato *The Middleton Stoney Twins* foi impresso em uma variedade de títulos, o que fornece uma oportunidade para se pensar a monstruosidade e seus itinerários nos mais diferentes formatos nos impressos baratos.

⁵¹ Inclusive, um tipo de estratégia adotada por muitos impressos era a menção de detalhes como data, local e nome das testemunhas que presenciaram o ocorrido, sobretudo como forma de afirmação de que a informação ali apresentada era verídica. Além do uso de termos como “*real*” e “*true*” em seus títulos, esses textos mobilizavam artifícios retóricos a fim de conferirem credibilidade ao relato veiculado (Suhr, 2011, p. 199).

⁵² Segundo Serina Patterson (2014, p. 286), o trato do monstro no decurso do tempo demonstrou algumas atitudes em relação à sua figura. A priori, tem-se a crença, nos séculos XVI e XVII, de que Deus teria enviado esses seres à terra como um aviso contra o pecado. Posteriormente, encontra-se a ideia que os monstros foram recebidos como um conhecimento estranho a ser coletado, o qual, no século XVIII, registrava de modo detalhado essas figuras, redigindo a sua fisiologia e corroborando com uma classificação médica e biológica, que se acirra no século XIX.

⁵³ DIRKS-SCHUSTER, Whitney. **Monsters, News, and Knowledge Transfer in Early Modern England**. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Ohio, Athens, 2013. p. 47. Tradução própria. No original: “*Out of 45 monstrous birth ballads, broadsides, and pamphlets printed before 1650 (Bedford published in 1635), all but three credited God’s will with the creation of monsters, whereas only half of those printed 1651 to 1800 did so*”.

comunidade, por outro, também indicava uma função moralizadora, reforçando atitudes que eram esperadas por parte da população local⁵⁴.

Como um ser quase sempre feio, deformado e anômalo, vide a presença de vários membros ou formatos corporais estranhos e defeituosos, o monstro chamava a atenção para a sua diferença em relação aos outros casos de nascimentos ou aparições tidas como normais. Por meio de seus detalhes insólitos, relatados nos impressos de forma enfática⁵⁵, o monstro também mobilizava uma certa reação do público que o avistou, causando espanto, horror, curiosidade e maravilhamento, assustando aqueles que presenciavam a sua imagem. O que se percebe, de início, é o cruzamento desses seres com questões relativas à maternidade ou à postura da mãe, de modo que muitos nascimentos monstruosos tonificavam a existência da dor do parto e da imaginação das mulheres na concepção ou gestação.

Por vezes, com a presença de imagens, esses impressos do século XVII também poderiam alocar o monstro em sintonia com os inimigos católicos ou com aqueles partidários do rei ou do parlamento. Geralmente em correspondência à xilogravura apresentada pelo texto, a descrição textual do impresso acordava para um relato minucioso da criatura estranha, apontando para as suas características e demonstrando a reação da população local perante a sua existência. Não por acaso, muitas dessas fontes continham a descrição de uma testemunha ocular ou a carta de alguma autoridade a qual conferira uma credibilidade à história. Desse modo, imagem e textos se complementavam, de modo que, por meio de detalhes minuciosos acerca da aparição ou nascimento do monstro, a literatura efêmera associava tais seres às preocupações com os desvios da norma. Em outros termos, verifica-se como o monstruoso elevava-se como uma figura que permeava as adversidades político-religiosas da Inglaterra moderna.

Além de servirem de entretenimento, tais impressos também poderiam funcionar como mecanismos de moralização e veiculação de conhecimento (informar ou reportar algo)⁵⁶. Vale lembrar, como exposto por Whitney Dirks-Schuster, que o local onde os impressos eram vendidos também dizia muito sobre o público ao qual eles eram destinados e o próprio preço

⁵⁴ Julie Sievers (2007, p. 776, tradução própria) expõe sobre esse assunto como: “[...] as narrativas sobre bebês monstros apareceram como uma forma legítima de discurso político e religioso”. Tradução livre de: “[...] *narratives about monster babies had appeared as a legitimate form of political and religious discourse*”.

⁵⁵ Menciona-se aqui como muitos impressos evidenciavam a quantidade de cabeças, braços, pernas, mãos, dedos ou pés que os monstros poderiam apresentar. Os casos de hermafroditas e gêmeos siameses também ganhavam ainda mais notoriedade e ressaltavam a pungência de detalhes relativos ao funcionamento dos órgãos reprodutivos desses seres ou a excentricidade que eles continham (Cressy, 2011, p. 35).

⁵⁶ No que diz respeito à moralização, Fiddes (2021, p. 9) pontuou como a literatura monstruosa atuou como veículo de instrução moral, de modo que impressores conservadores e religiosos usaram a anormalidade dos animais monstruosos para atrair leitores com uma mensagem devota contra o pecado.

cobrado sobre esses textos. Para a autora, os criadores de baladas e outros tipos de impressos efêmeros também realizavam a transferência de conhecimento sobre monstros ao longo do século XVI e XVII, promovendo notícias que poderiam ser utilizadas fosse para revelar algo, fosse para entreter ou demonstrar o poder e a ação de Deus sobre a natureza. Ainda que muitos impressos fossem marcados por um sensacionalismo, os casos que abordavam a monstrosidade englobavam medos relativos à devassidão dos homens e às mulheres desregradas, externalizando ainda ameaças à configuração política, religiosa e de gênero.

Não sendo vistos apenas como maravilhas ou eventualidades, assume-se aqui que esses monstros indicavam, ao contrário, mensagens a serem reveladas pela população, portando-se como signos com níveis de significados que estavam superficialmente ocultos. Nesse contexto da linguagem de emblemas, urge, pois, uma necessidade de não se reduzir os nascimentos monstruosos a uma única narrativa, mas sim na inclinação às diferentes possibilidades de apreensão que o monstro poderia vir a ter. Isto é, existia ali um interesse não só em descrever o monstro, mas em relatar o seu significado perante a ordem do mundo.

Como pontua Lyslei Nascimento, uma vez que a monstrosidade abre espaço para novas inscrições e possibilidades de ressignificação⁵⁷, pensa-se nos impressos de monstros atentando-se ao papel da linguagem por trás dessas criações. Além de uma ordem simbólica e discursiva, a linguagem veiculada nos textos efêmeros demarcava posições e detinha diversos significados sociais. Sendo o próprio termo “monstro” algo aberto a múltiplas possibilidades e acepções, verifica-se a presença de certo mistério nos relatos monstruosos, bem como uma pluralidade de estruturas linguísticas (vide as indagações: se era um ser natural ou humano; se continha uma deformidade física ou moral; se era pequeno ou grande...).

Com uma linguagem própria, tanto pela forma como eram retratados, como pelo modo pelo qual eles se comunicavam com o resto dos homens, os impressos literários de monstros envolviam um imaginário específico⁵⁸. Tomando de empréstimo a discussão alavancada por

⁵⁷ NASCIMENTO, Lyslei. Monstros no Arquivo: Esboço para uma teoria borgiana dos monstros. In: JEHA, Júlio (org.). **Monstros e Monstruosidades na Literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 72.

⁵⁸ Importância de se considerar aqui a noção de “imaginário”, entendendo-o como o conjunto de “[...] representações sobre o mundo vívido, do visível e do experimentado, bem como dos medos, dos sonhos e desejos de cada um” (Pesavento, 2006, p. 50). Desse modo, ele é um “[...] sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas – é sempre um outro real e não o seu contrário” (Pesavento, 2006, p. 50). Como algo “vivo”, segundo Muchembled (2001, p. 32), ele ainda pode ser pensado em compasso às ideias de Franco Júnior (1998). Isto é, como “[...] um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral” (Franco Júnior 1998, p. 16). Além de ser coletivo, ele não pode ser reduzido a uma mera “[...] somatória de imaginações”. Ao contrário, ele “[...] faz a intermediação entre a realidade psíquica profunda da sociedade (aquilo que os historiadores às vezes chamam de mentalidade) e a realidade material externa” (Franco Júnior 1998, p. 16).

Franco Júnior em seu livro *Cocanha: a história de um país imaginário*, pensa-se aqui como esses relatos sobre monstros se construíram mediante a sua inscrição em um conjunto de imagens verbais e visuais criadas coletivamente. Daí decorre uma importância à representação criada e veiculada sobre esses seres. Ao considerar a discussão de Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico, baseia-se nesses esquemas de percepção edificados historicamente para se considerar como se deu a construção da sociedade inglesa face aos agitos ali vivenciados⁵⁹.

Nesse processo, pensa-se como a literatura, a religião e a língua operavam e organizavam as práticas sociais face ao panorama social, mobilizando discursos e construindo representações constantemente modificadas e disputadas⁶⁰. Obviamente não se espera que a literatura de rua revele a mentalidade de fato de seus leitores, mas que ela elucide questões relativas a uma dada condição histórica, ao passo em que os próprios impressos populares funcionavam como um pano de fundo da época, revelando as múltiplas faces – inconsciente ou consciente – dos imaginários, das crenças, dos ideários e dos jogos políticos por ali perpassados.

À vista disso, utiliza-se aqui o conceito de representação à luz dos trabalhos de Roger Chartier⁶¹ com o intuito de apreender as produções culturais da Inglaterra do século XVII. Delimita-se tal termo aqui como uma “imagem presente de um objeto ausente”⁶², a qual re-apresenta as coisas por meio de palavras ou figuras. Desse modo, o conceito de representação, em sua dimensão linguística e visual, enuncia algo e permite a compreensão do mundo social, assinalando e articulando as diversas relações que os grupos mantinham com o seu entorno. Ao envolverem ainda processos de classificação e hierarquização, as representações aquiescem o reconhecimento de símbolos, identidades ou categorias sociais pelas quais os indivíduos estabeleciam e interpretavam o mundo. Assim, ao pensar em termos de representação, conduz-se um refletir sobre as relações que mantinham as modalidades da exibição do ser social ou do poder político com as próprias representações mentais daquela época.

Em consonância, sinaliza-se a existência de disputas de representações, uma vez que o monstro nos impressos poderia assumir ora a posição de um católico ora a de um protestante como mecanismo de crítica ao adversário político-religioso. Tal consideração auxilia, por sua vez, a ampliar os entendimentos acerca de como a construção do mundo social se dava por meio

⁵⁹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. p. 139.

⁶⁰ Sobre esse ponto, embasada na obra de Bourdieu, Livia Roberge (2019, p. 8) expõe como “[...] o processo de ordenação e estruturação das sociedades passa, necessariamente, pelo campo do simbólico”, sinalizando a necessidade de se compreender que o ser social está inscrito na história e nas relações que ali se configuram.

⁶¹ Alusão aqui aos textos: *O mundo como representação* (1991) e *Defesa e ilustração da noção de representação*, de 2011.

⁶² CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, [S. l.], v. 13, n. 24, 2011. p. 22.

dos processos de adesão ou rechaço que as representações produziam. Nesse caso, elas se ligam estreitamente à incorporação de uma estrutura social dentro dos indivíduos (sobretudo na forma mental), bem como ao exercício da dominação e à ocorrência da violência simbólica⁶³. Ao ir além da argumentação de Chartier e delimitar que a história mobiliza *tropos* retóricos e formas narrativas, ressalta-se a historicidade das representações e o papel desses esquemas representativos na construção de discursos, identidades e redes de dominação. Como objetos de poder, elas carregavam valores e modelos sociais, de modo a circular “[...] nos discursos [e serem] carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens mediáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais”⁶⁴.

Uma vez que uma sociedade é agida por aqueles que a integram e, simultaneamente, imaginada e pensada por seus membros, considera-se o papel das representações face às suas articulações com as práticas sociais⁶⁵. Mais do que isso, elenca-se a relação dessas com os interesses dominantes que forjam tais representações, de modo a alocá-las como produtos históricos decorrentes de um contexto específico. Como enfatiza Chartier, as classificações e os sistemas de percepção da realidade se portam como construções humanas que são incorporadas pelo grupo na forma de categorias mentais e representações coletivas, demarcando, por sua vez, a própria organização social⁶⁶.

Uma vez delimitado esse aspecto, pode-se pensar como as narrativas de monstros oferecem espaço para se representar a desordem do mundo, funcionando ainda como mecanismos para a exteriorização de ideias. Ainda que se considere a existência de uma real crença no monstruoso na modernidade, tais impressos, em uma batalha de palavras que envolviam questões de traição, honra, fidelidade, reforma e leis, evidenciavam um cenário em descalabro, tonificando uma dada mensagem passível de ser interpretada pelos seus leitores. É aqui, portanto, que a dissertação direciona a sua atenção. Afinal, que mensagens eram essas?

Ao pensar a pesquisa enquanto um laboratório em atividade, nas palavras de Pierre Rosanvallon⁶⁷, abre-se um espaço para se analisarem as disputas que envolviam a construção de representações e a pluralidade das narrativas acerca de determinados períodos históricos.

⁶³ *Ibid.*, p. 22.

⁶⁴ JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (ed.) **Les représentations sociales**. Tradução Tarso Bonilha Mazzotti. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 1993. p. 31.

⁶⁵ Vide a passagem: “[...] uma sociedade, enquanto é ‘agida’ por aqueles que a integram (e, reciprocamente, age sobre eles), é simultaneamente pensada e imaginada pelos seus membros” (Robert; Bouillaguet, 1977, p. 44 *apud* Cardoso, 2005, p. 154).

⁶⁶ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manoela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Memória e sociedade, 2002a. p. 17.

⁶⁷ ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010. p. 86.

Sendo a própria produção da História uma experimentação literária⁶⁸, a qual mobiliza métodos, conceitos e sujeitos, o trabalho com as representações nos impressos colide, como toda classificação histórica, com a construção de uma narrativa que, mediada pela linguagem, continha um elemento de arbítrio; ou seja, um condicionamento a um dado escopo cultural, de modo a não se portar como neutra. Atendo-se à máxima de que, “[...] embora o passado não mude, o presente se modifica”⁶⁹, pressupõe-se que cada geração formula novas perguntas em direção às realidades já vivenciadas. Consequentemente, trabalhar com as representações dos monstros é também se adentrar sobre os relatos impressos sobre esse tema por um outro ângulo. Dessa maneira, ainda que o trato do monstruoso tenha despertado interesse pela historiografia, a sua abordagem pode se dar de forma díspares.

Lorraine Daston e Katherine Park, por exemplo, alavancaram pertinentes questões relativas aos monstros na Modernidade⁷⁰. Além de se debruçarem sobre as concepções de natural e sobrenatural, as autoras também se detiveram sobre como os relatos de monstros envolviam questões teológicas e discussões acerca da existência ou não de milagres. Para ambas, as interpretações no tocante aos nascimentos monstruosos teriam se modificado nos séculos XVI e XVII devido a uma crescente desconfiança dos eventos sobrenaturais, que passaram a ser reputados como diabólicos⁷¹. No entanto, com os avanços da ciência no século XVIII, esse trato das maravilhas recobriu-se de uma mudança na qual a monstruosidade deixou de ser vista apenas como um presságio e passou a se tornar insignificante, destituindo os monstros daquele receio ou pavor que acometia os sujeitos outrora⁷².

Contudo, ainda que muitos historiadores tenham tomado visões mais equilibradas no trato do monstruoso, muitas das descrições das aparições ou nascimentos monstruosos nos séculos XVI e XVII embasaram-se em uma leitura dos monstros a partir de uma noção de progresso em direção a uma teratologia da ciência moderna. Isto é, se antes o monstro era um objeto de temor e associado a um fundo religioso, posteriormente, com os desdobramentos da medicina, eles passaram a ser concebidos como fantasias e apenas anomalias congênicas ou

⁶⁸ Assertiva enunciada por Jablonka em *A história é uma literatura contemporânea*, publicada em 2020.

⁶⁹ HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. Tradução, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 32.

⁷⁰ Direciona-se especial atenção aqui aos trabalhos: Daston; Park, 1981; Daston, 1991; Daston; Park, 1998.

⁷¹ À luz dessa ideia, o nascimento de um monstro passou a ser internalizado para Park e Daston (1981, p. 23) como um “[...] signo por excelência”, o qual revelava uma mensagem à sociedade e enunciava alguma informação aos indivíduos por detrás de sua deformidade.

⁷² Sobre esse assunto Alan Bates (2005a, p. 14, tradução própria) expõe como, para Daston “[...] houve uma mudança na interpretação dos nascimentos monstruosos, de sinais para factos: ‘[nascimentos monstruosos] começaram como sinais por excelência e terminaram como teimosamente insignificantes’.”. Tradução livre da autora do original: “[...] was a shift in interpretation of monstrous births from signs to facts: ‘[monstrous births] began as signs par excellence and ended as stubbornly insignificant’.”.

disfunções que a biologia da época não era capaz de explicar ou racionalizar. Desse modo, acabou-se por negligenciar os aspectos relativos a uma real crença no monstruoso, bem como as acepções médicas e tratadísticas de determinado período, para além das diferentes formas de escrita dos relatos monstruosos – a começar aqui pela sua veiculação nos impressos efêmeros.

Ao considerar esse cenário, percebe-se como a análise dos monstros assentou-se, por vezes, sobre uma ótica linear da história, a qual argumentava que esses seres se tornaram mais aparentes por conta do aumento nos inquéritos científicos. Essa visão, além de negligenciar as particularidades das narrativas de monstros, também se distanciou das nuances de tempo e espaço. Entretanto, a partir do trabalho de Jean Céard, *L'énigme des Monstres – Aperçus sur L'histoire culturelle et scientifique de la monstruosité*, (O Enigma dos Monstros – Prévias sobre a História Cultural e Científica da Monstruosidade), verificou-se uma apreensão do monstruoso a qual fornecia crédito para as mudanças culturais e mentais. Segundo Serina Patterson, somente mais recentemente é que se pode perceber uma análise dos monstros que favorece a interpretação desses seres como “[...] entidades que servem aos múltiplos e divergentes interesses”⁷³, sendo eles variáveis conforme o contexto de cada comunidade.

É assim, por conseguinte, que se destina uma notoriedade para a obra de Alan Bates⁷⁴. Ao valer-se de uma história social dos monstros, o autor chama atenção para as correlações das acepções dos monstros com as mudanças vivenciadas na sociedade inglesa. Com um enfoque para o cenário da Inglaterra e a Reforma Religiosa ali vivenciada, Bates demonstrou como a monstruosidade pode se interligar às discussões relativas ao parto, às atitudes de cuidado e de trato do corpo e às posturas frente às deformidades corporais, instigando ainda uma série de temáticas conectadas ao estudo dos monstros. Ao fazer isso, o autor desafiou a visão do monstruoso apenas como um mero objeto de medo, ridicularização ou exclusão.

Além de privilegiar um olhar para as figuras monstruosas a partir da perspectiva de emblemas e sinais, o autor evidenciou como os monstros poderiam ser assimilados como sinais de eventos, os quais poderiam coincidir com episódios que estavam de fato ocorrendo no mesmo momento de sua aparição – vide a incidência de uma batalha. Por outro lado, Bates ainda discorreu sobre como tais seres poderiam funcionar, simultaneamente, como símbolos

⁷³ PATTERSON, ref. 28, p. 286, tradução própria. No original: “[...] toward a wider interpretation of monsters as entities serving multiple, divergent interests”.

⁷⁴ Refere-se aqui a sua obra de 2005, intitulada *Emblematic Monsters: Unnatural Conceptions and Deformed Births in Early Modern Europe*.

das obras invisíveis de Deus, evidenciando uma dada mensagem aos indivíduos e revestindo-se, assim, de um potencial de moralização social e religiosa⁷⁵.

Ao abrir um espaço para se ponderar como as deformidades dos fetos e dos nascimentos, certos nascimentos puderam ser atribuídos à categoria monstruosa, nos séculos XVI e XVII, justamente para se distinguir tais seres daqueles tidos como milagrosos – isso é, fora do curso da natureza⁷⁶. Mais do que isso, essa leitura permitiu que os monstros, além de serem apreendidos como mensagens e previsões do futuro⁷⁷, pudessem ainda representar simbolicamente algo, fosse para entreter ou fosse para instruir. Ao requererem uma base factual, esse uso emblemático dos monstros faz pensar como o monstruoso era recebido e lido na sociedade moderna, em especial, na literatura efêmera.

Em igual importância, Jennifer Spinks também se debruçou sobre os impressos de monstros, avaliando, especificamente, as relações desses com o cenário religioso. Ainda que focalizada na Alemanha, a obra de Spinks merece destaque pela sua leitura religiosa dos monstros, na qual a autora defende como os textos sobre aparições ou nascimentos monstruosos forneciam uma forma de propaganda e supremacia religiosa no período moderno, externalizando questões relativas aos católicos e aos grupos protestantes⁷⁸. Não muito distante dessa ideia, Stephen Pender argumentou como os impressos de monstros foram intensificados no século XVI e XVII graças a uma modificação no trato do monstruoso e das vivências religiosas ali tramitadas⁷⁹. Robert Scribner, ao acentuar o papel da reforma religiosa⁸⁰, também

⁷⁵ Alan Bates também chegou a fazer um contraponto aos estudos de Lorraine Daston e Katherine Park ao defender que os monstros nunca foram apreendidos como seres sobrenaturais na Modernidade. Para ele, as figuras monstruosas não eram tidas como prodígios ou milagres, mas sim, elementos dentro da ordem da natureza e que não transgrediam os limites dessa.

⁷⁶ Essa definição de natural, não-natural e sobrenatural delineou boa parte dos debates acerca do trato do maravilhoso na Modernidade e recobriu-se de uma série de questões que não se resumem a uma simples resposta. No entanto, ainda que tal discussão seja explorada nos próximos capítulos, cabe se ater à respectiva interpretação a qual a presente dissertação privilegia: de que o monstro deve ser entendido como um sinal e um presságio no século XVII.

⁷⁷ À guisa de exemplo da própria definição de presságio: “*A portent, from protendere, to stretch forth, is a prediction of the future, and to portend something is to ‘point to or indicate beforehand’.*” (Oxford English Dictionary *apud* Bates, 2005a, p. 26). Traduzido livremente para o português como: “Um presságio, da palavra *protendere*, refere-se a uma previsão do futuro, e pressagiar algo é ‘apontar ou indicar de antemão’.”

⁷⁸ SPINKS, Jennifer. **Monstrous births and visual culture in sixteenth-century Germany**. Nova York: Pickering & Chatto, 2009. p. 59.

⁷⁹ PENDER, Stephen. “No Monsters at the Resurrection”: Inside Some Conjoined Twins. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 145.

⁸⁰ Ao elencar como a Reforma possibilitou uma dessacralização do mundo, Scribner (1993, p. 483) elenca como os protestantes foram responsáveis por acirrar os medo e angústias, como a crença no diabo, no fim do mundo e no retorno Anticristo. Tudo isso, por sua vez, reincidiu nas percepções sobre os monstros e a associação desses à punição divina, intensificando a ideia de uma “[...] luta cósmica entre o divino e o diabólico”. No original: “*Far from further desacralizing the world, Calvin and the reformed religion intensified to an even higher degree the cosmic struggle between the divine and the diabolical*”.

indicou como os relatos de monstros vincularam-se a uma propaganda religiosa que visava moralizar os indivíduos e a sua coletividade.

De igual pertinência, menciona-se aqui os trabalhos de David Cressy⁸¹, ao passo em que o autor foi um dos responsáveis por evidenciar a ligação dos relatos monstruosos na Inglaterra do século XVII com questões relativas à religião e à maternidade. Para ele, o período da Idade Moderna, ainda que enquadrado como um momento de grandes mudanças sociais e religiosas, gozaria da Igreja como sendo ainda uma importante instituição a qual cumpriria um expressivo papel social ao lado de seus rituais religiosos e suas respectivas significações. Ao esmiuçar o papel dos monstros face à Inglaterra reformada, o autor ilustrou como o nascimento monstruoso esteve associado a temáticas relativas à bestialidade e aos próprios distúrbios religiosos, políticos e sociais ali experimentados⁸².

Como ícones político-religiosos, em concordância à definição de Cressy, o monstruoso apontaria para uma patologia social e para uma falha religiosa da sociedade inglesa – ao seu ver – conectados a uma perturbação da ordem natural durante a vigência da Guerra Civil. Julie Crawford, no tocante a esse aspecto religioso, também destinou um importante enfoque em torno da Reforma Protestante na Inglaterra e as suas correlações com o monstruoso. A partir de panfletos e baladas do século XVI e XVII, ela evidenciou o papel dos relatos sobre o parto de seres monstruosos, indicando que, ainda que esses textos tenham sido tratados por muito tempo com um certo desdém, eles indicariam um fascínio popular pelo natural⁸³. A ideia central desenvolvida pela autora e que aqui incentiva um prosseguimento e investigação refere-se à sua tese de que as histórias de nascimentos monstruosos aumentaram durante a Guerra Civil inglesa, justamente quando as questões de conformidade e ordem religiosa tornaram-se ainda mais voláteis em uma cultura impressa emergente.

A partir dessas obras aqui mencionadas, verifica-se um olhar minucioso para o trato do monstruoso mediante as vivências sociais, religiosas e políticas da Inglaterra no século XVII. No entanto, ao adentrar-se na leitura de impressos efêmeros e na circulação de representações de monstros, reconhece-se que, no geral, o olhar para a monstruosidade a partir das produções culturais inglesas foi, por vezes, diminuto. Quando muito, priorizou-se uma dimensão político-religiosa sem um expressivo cuidado para o trato específico das fontes efêmeras ou de outras

⁸¹ Alusão às obras: *Birth, Marriage, and Death: Ritual, Religion, and the Life Cycle in Tudor and Stuart England* (1997) e *Travesties and transgressions in Tudor and Stuart England: tales of discord and dissension*, de 2011.

⁸² Ressalta-se das obras de Cressy a capacidade do autor em utilizar os relatos de monstros como uma lente para se examinar um grande e largo tema cultural na Inglaterra da Primeira Modernidade.

⁸³ CRAWFORD, Julie. **Marvelous Protestantism: Monstrous Births in Post-Reformation England**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2012. p. 181.

sutilezas evidenciadas pelos relatos monstruosos. Nesse ponto, sublinha-se uma diligência para temas como: os nexos dos impressos de monstros com questões de gênero, identidade ou com o fundo filosófico e médico da época face à produção tratadística do século XVI e XVII.

Ao considerar esses ângulos de análise, o presente estudo, ao refletir sobre os monstros enquanto construções culturais, datáveis e passíveis de diferentes interpretações, considera as ambiguidades da figura monstruosa e as suas mais distintas possibilidades de significação. Embasando-se em Cohen, que chega a elencar sete teses para se compreender as culturas por meio dos monstros que elas mesmas criam, tais seres despontariam como figuras fragmentadas e híbridas, as quais se fermentariam mediante o ambiente político, sexual e cultural⁸⁴.

Valendo-se dessa assertiva, focaliza-se como os materiais oriundos da prensa foram peça chave na divulgação dos relatos sobre monstros na Primeira Modernidade. Autores como Diane Purkiss e Michael Braddick⁸⁵ também conectaram a monstruosidade a sua veiculação na literatura efêmera e às respectivas contingências políticas da Inglaterra. Todavia, ao ater-se à ideia de que os seres monstruosos eram objetos de consumo cultural nos impressos ingleses, erguem-se questões relativas ao seu processo de produção, escrita e veiculação na sociedade⁸⁶. Não por menos, indagações acerca de uma real crença na monstruosidade ou das possíveis correlações dessa com as nuances políticas, sociais, religiosas e sexuais que rondavam ilha inglesa também se alavancam, fomentando e abrindo espaço para ainda mais debate.

No decurso dessas páginas, busca-se averiguar o monstro no século XVII inglês a partir da cultura impressa de caráter efêmero e barata. Para tanto, constata-se, no capítulo 2, um empreendimento de pensar essas fontes efêmeras e as suas particularidades, chamando a atenção para o formato, o tamanho e o possível público leitor desse tipo de material. Além de um enfoque sobre a produção de impressos e a escolha dos títulos da época, há uma proposta de se analisarem as imagens contidas nesses documentos, objetivando melhor compreender qual o papel das gravuras na representação ou descrição do monstro.

⁸⁴ Sobre as teses: Tese 1: “O corpo do monstro é um corpo cultural”; Tese 2: O monstro sempre escapa”; Tese 3: “O monstro é o arauto da crise de categorias”; Tese 4: “O monstro mora nos portões da diferença”; Tese 5: “O monstro polícia as fronteiras do possível”; Tese 6: “O medo do monstro é realmente uma espécie de desejo”; Tese 7: “O monstro está situado no limiar... do tornar-se” (Cohen, 2000, p. 26-54).

⁸⁵ Alusão à obra: *Literature, Gender and Politics During the English Civil War*, de 2005 e ao capítulo *Mobilisation, anxiety and creativity in England during the 1640's*, de 2010, respectivamente.

⁸⁶ Dirks-Schuster (2013, p. 7) indicou como os *Broadsides Ballads* sobre monstros apareceram na Inglaterra por volta de 1560 e ganharam rapidamente uma popularidade. Para a autora, esse interesse pela exibição de monstros na literatura efêmera decorreria de uma antiga tradição da mitologia greco-romana, com a adjunção das feiras medievais inglesas. Nesse sentido, o fascínio latente por monstros no século XVI e XVII não seria algo totalmente novo, mas sim ainda mais palpável se tendo em conta a longa trajetória ocidental seduzida pelo monstruoso e capaz de reproduzi-lo mediante a existência de impressos.

No capítulo 3, depreende-se um esforço de se pensar o monstro face à leitura cristã de mundo e às interpretações teológicas sobre esses seres. Além de evidenciar os nexos dos impressos efêmeros com uma crítica ou propaganda religiosa, busca-se considerar em que medida os nascimentos monstruosos estavam acordados a uma tratadística intelectual e médica sobre o teratológico. Ao evidenciar um circuito de ideias e concepções, almeja-se traçar as ressonâncias entre o que estava sendo discutido em universidades e igrejas com aqueles espaços das prensas tipográficas. Não obstante, constrói-se uma reflexão sobre como, mesmo com a real crença na monstrosidade na época, tais seres poderiam ser instrumentalizados como forma de exteriorizar críticas a certos grupos religiosos. Ou seja, procura-se considerar como o monstruoso, imbuído de um caráter negativo após a Reforma Religiosa e o acirramento de medos escatológicos, confluiu com a leitura de que o mundo estava em ruínas. É partindo dessa premissa que se sugestiona como os impressos sobre tais criaturas associaram-se a um processo de moralização, escatologia e reforço de determinados comportamentos por parte dos fiéis e da população civil.

Seguindo essa ótica, o capítulo 4 busca pensar a teratologia face à questão do mando, evidenciando as possíveis correlações dos impressos efêmeros com as querelas políticas que orbitavam a cena pública da Inglaterra. Ao favorecer a ideia de um mundo de *cabeça para baixo*, pretende-se investigar em que medida o medo do inimigo político e as redes de aliança puderam ser exteriorizadas a partir do monstruoso, personificando ora um monarquista, ora um defensor do parlamento. Para tanto, favorece-se uma análise da correlação desses materiais efêmeros com as relações de alteridade, identidade e alianças políticas, buscando nexos de suas narrativas com os próprios embates políticos ali vivenciados ao longo do século XVII, a considerar a Guerra Civil e a Revolução Gloriosa.

O capítulo 5 dedica-se a averiguar a possível correlação dessas narrativas textuais com a dimensão feminina no século XVII. Busca-se, dessa forma, pensar o local da mulher no nascimento monstruoso a fim de constatar a existência de uma culpabilização desses sujeitos femininos na geração de anomalias ou deformidades físicas nos bebês. Ao tomar como base que o monstruoso encarnava e personificava alguma desordem, fosse ela do corpo político, religioso ou social, pensa-se como a maternidade e a sexualidade eram órbitas em disputas na época e que se vinculavam ao trato do teratológico, sobretudo quando se pesa a crença na imaginação feminina e na lascívia que acompanham as mulheres. Com isso, procura-se investigar em que medida esse tipo de nascimento apontava para alguma associação à conduta feminina.

Ao final, há um esforço de se apreender o monstruoso face às suas representações nos impressos efêmeros circulantes na Inglaterra no século XVII. Se ora despertavam fascínio ou medo, eles merecem ser objetos de estudos e inquietam um olhar em direção à sua dissonância. Como pontuado por Liebel, “[...] ao considerar a literatura como um caleidoscópio da sociedade, com as suas múltiplas faces, conscientes e inconscientes”⁸⁷, torna-se possível apreender como as produções culturais introduziam e adicionavam novos significados aos jogos de sociabilidade, poder e crenças na Primeira Modernidade.

⁸⁷ LIEBEL, Silvia. **Les Médées modernes**: La cruauté féminine d'après les canards imprimés français (1574-1651). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013a. p. 21. Tradução própria. No original: “[...] *en considérant la littérature comme un kaléidoscope de la société qui en montrerait les multiples visages, conscients et inconscients, ces occasionnels, produits de l'essor de l'imprimerie au xvie siècle, représentent une source féconde pour l'historien de cette période*”.

2 A MONSTRUOSIDADE POR MEIO DOS IMPRESSOS

“A humanidade não pode viver sem histórias”⁸⁸, já dizia Stephen Greenblatt. Ao contrário, melhor seria dizer que os seres humanos não vivem sem a curiosidade; sem uma busca por tentar entender o porquê de as coisas serem como são. Um pinga de desconfiança e um almejo por buscar explicações para os acontecimentos do mundo. No caso do monstruoso, isso também não é diferente. As deformidades, as anomalias ou as alterações além do curso da natureza fomentaram um espaço para se pensar o significado dos seres tidos como monstros e as causas de seus nascimentos e aparições. Contudo, questionar o significado dos monstros no decurso do tempo também requer direcionar uma atenção para como esses seres foram interpretados e lidos por outros indivíduos. Mais ainda, cabe entender como essas figuras se portam como elementos históricos passíveis de uma compreensão pelas lentes da própria história.

Uma vez considerado o repertório de fontes da presente pesquisa, a saber os impressos efêmeros sobre monstros que circulavam na Primeira Modernidade, este capítulo se destina a pensar as particularidades desse tipo de documentação oriunda da prensa. Além de pontuações acerca do mercado do impresso, a produção de textos e o possível público consumidor, abre-se um esforço de se ponderar em que medida essas narrativas sobre monstros floresceram na Inglaterra do século XVII, vinculando-se às especificidades da região e à possibilidade de uma dita esfera pública para esse momento. Além de uma ampliação acerca dos usos e significados dos termos literatura de rua e textos efêmeros em alusão a essas fontes, há uma busca por compreender como os aspectos paratextuais dos impressos (vide os títulos e a disposição de imagens) contribuíam para a construção de uma dada ideia acerca do monstro, bem como um processo de moralização via difusão de textos. Além de defender a existência de um diálogo entre os próprios impressos da época, considera-se também o papel das gravuras na descrição e na representação do monstruoso, alocando-as mais do que meros adornos visuais.

Ao posicionar os monstros como objetos de um empreendimento de pesquisa, sobretudo por meio de sua análise nos impressos efêmeros, desloca-se, por outro lado, um foco sobre a linguagem e as produções culturais dos homens e mulheres no tempo. Esse esforço, no entanto, alinha-se à mudança historiográfica colocada em curso a partir do final do século XX, de modo

⁸⁸ GREENBLATT, Stephen. **Ascensão e Queda de Adão e Eva**. Tradução Donaldson M. Garschagen. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 10.

a oportunizar novos desdobramentos em prol de estudos que focalizassem objetos e abordagens variadas. Ao valorizar uma interdisciplinaridade, a virada cultural e subjetiva das décadas de 1970 e 1980 possibilitou uma nova renovação temática, com uma atenção para as culturas, os grupos minoritários, a sexualidade, a linguagem, a maternidade, as festas, a música, a dança, as práticas sociais e as crenças dos indivíduos, preenchendo a análise histórica de uma riqueza de apreensões⁸⁹. É dentro desses repertórios que se tem ainda a incorporação de domínios além daqueles já explorados tradicionalmente, com interesses em torno da organização social, da psicologia, da antropologia e dos regimes emocionais.

Por meio desses empreendimentos, assentou-se uma maior dedicação sobre as fontes outrora menosprezadas, como no caso dos impressos de caráter efêmero. Ao debruçar-se sobre eles, para além de uma “História da Imprensa”, orientada essencialmente para a evolução dos órgãos de imprensa e as suas características, buscar-se-ia, ao contrário, a construção de uma história através da imprensa, a qual apontaria um campo de possibilidades nos quais os impressos seriam fonte primária para o trabalho histórico, como indicou Tânia de Luca⁹⁰. Face a essas modificações, novos estudos acerca das produções culturais impressas ganharam corpo e voz a partir da década de 1980, pensando, sobretudo, o mercado editorial, as práticas de leitura e a produção e a veiculação do texto mediante tempo e espaço⁹¹.

A atenção à materialidade, às técnicas de impressão e ao lugar social da imprensa foram importantes elementos a serem considerados, imbuindo tal manuseio da fonte de uma conexão com os seus aspectos físicos (disposição do conteúdo, *layout*, tamanho da letra, presença de imagens, encadernação ou divisão das secções) à sua articulação perante a sociedade. Por meio disso, atribui-se aqui um destaque à materialidade, à escrita e à linguagem, tanto na formatação e na ambientação das sociedades, como na construção, na recepção e na circulação de ideias.

Ao tomar a escrita como produtora de sentido e como algo que não se esgota no papel, conforme alude Michel de Certeau⁹², pensa-se aqui o local dos impressos e o conteúdo por eles

⁸⁹ BURKE, Peter. **O que é uma História Cultural?**. Tradução Sérgio Goes de Paula. 2. ed. São Paulo: Zahar, 2014. p. 6.

⁹⁰ DE LUCA, Tania. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 118.

⁹¹ Isso foi melhor redigido por Renée Zicman (2012, p. 90) ao pensar a história por meio de uma análise dos impressos. Ao debruçar-se sobre os periódicos, o autor focalizou como os documentos oriundos da prensa concediam o acesso a determinados elementos das vivências humanas, sobretudo quando se debruça sobre a história das mentalidades, das ideologias e da sociedade. Assim, ao tomar os elementos da imprensa como fontes documentais, o autor delimita como esses textos agem no campo político-ideológico e veiculam uma dada narrativa que, ainda que filtrada e marcada por escolhas, evidenciam importantes aspectos no processo de transmissão das informações.

⁹² CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 108.

veiculado⁹³. É por meio da prensa, com seu surgimento no início do período moderno, que se verifica o alargamento do mundo escrito nos mais diversos sentidos. Além da multiplicidade de textos e formatos, atesta-se o desenvolvimento de um mercado editorial margeado por novas interações sociais, políticas e culturais. Envolto em um discurso polifônico, os impressos, ao abrangerem diferentes vozes e sujeitos⁹⁴, puderam se alocar, portanto, como agentes de socialização, constituindo e sendo constituídos pelo campo político-social.

Essa reflexão auxilia a pensar o trato de documentos oriundos da prensa pela presente pesquisa. Ao se debruçar sobre a Inglaterra, verifica-se que a produção de impressos ali também foi revestida de uma expressiva relevância⁹⁵. Ainda que a prensa tenha sido, de início, uma prerrogativa régia e que dependia da regulação e da autorização de decretos emitidos pelos monarcas, a circulação de textos revelou-se uma atividade de extrema importância para o reino⁹⁶. Contudo, com o aumento do letramento⁹⁷, a Reforma Religiosa⁹⁸ e o comércio de livros, tem-se, a partir de 1580, a disseminação de notícias e propagandas pela prensa⁹⁹. Vinculada às

⁹³ Com base na própria discussão feita por Petrucci (2002, p. 25) aloca-se a escrita como algo que é ativo no mundo e traz repercussões. Por meio da escrita criam-se vínculos, mobilizam-se sentimentos e divulgam-se ideários ou propostas específicas, as quais registram e lançam mensagens para os indivíduos. Dessa forma, a escrita relaciona-se aos modos de associação ou ação dos seres humanos no mundo, envolvendo-se ainda de formas de autoridade e controle do poder, podendo moralizar, criticar ou repreender.

⁹⁴ Ao ater-se que a prática da leitura na época moderna era dinâmica, destaca-se como o leitor era um agente ativo na construção de sentido do texto na medida em que lia uma obra de modo diverso mediante a sua realidade e o seu tempo. Nas palavras de Chartier (2002a, p. 123), “[...] o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores”.

⁹⁵ Baseia-se nas assertivas de Leslie Shepard (1973, p. 109), uma vez que a autora constatou como a Guerra Civil e a *Commonwealth* provocaram uma enchente de panfletos e *broadsides* no cenário inglês. Isso fica ainda mais evidente quando Livia Roberge (2019, p. 11) aponta em sua obra como a imprensa periódica começou se fortalecer na Inglaterra justamente no período dos confrontos entre o rei Carlos I e o parlamento.

⁹⁶ Acerca da Inglaterra, sabe-se que a introdução da prensa de tipo móvel se deu no ano de 1476 com o estabelecimento de uma oficina tipográfica no centro de Londres por William Caxton. Ainda que com o incentivo da Coroa, existia uma tentativa de supervisionar o que era publicado no mercado livreiro, vide a adoção de normas as quais visavam regular os impressos por meio da concessão de patentes ou licenças. Com isso, “[...] apenas as obras licenciadas, isto é, ‘*cum privilegio regis*’, poderiam ser produzidas e comercializadas” (Lima, 2023, p. 284).

⁹⁷ É importante que se reforce, com base nas afirmações de Carla Suhr (2011, p. 15), que há uma dificuldade de se apontar o real o número de letrados na Inglaterra da Primeira Modernidade, sobretudo devido aos diferentes níveis de letramento e à escuridão em relação a quantidade de pessoas que sabiam ler ou escrever. Por outro lado, toma-se aqui como base as ideias de Susan Amussen e David Underdown (2017, p. 12), os quais defendem um aumento do letramento e do acesso a leitura na Inglaterra da Primeira Modernidade, atribuindo tal fato ao processo de Reforma Religiosa ali experimentado.

⁹⁸ No que diz respeito às relações entre a Reforma Religiosa e o papel da prensa, Silvia Liebel (2020, p. 420) também demonstrou como “[...] ao possibilitar a ruptura do monopólio do saber, a prensa e sua rápida difusão pela Europa permitirão que as objeções acerca das práticas da Igreja não sejam mais silenciadas, que impressos de diferentes matizes (livros, panfletos, brochuras, caricaturas) circulem de forma inaudita”.

⁹⁹ Joad Raymond (2003, p. 11, tradução própria) chega a elencar como essa década marca um divisor de águas para os impressos em decorrência do “[...] aumento da alfabetização, da capacidade comercial no mercado de livros, das tensões na Igreja elizabetana e a fermentação da língua inglesa” dada a ênfase na escritura vernácula. No original: “*The 1580s were a watershed for the pamphlet, a moment determined by increasing literacy, commercial capacity within the book trade, tensions in the Elizabethan church, and a fermentation of the English language, itself a consequence of the Reformation and the Protestant emphasis on vernacular scripture and of the loosening of classical rhetoric*”.

questões de mercado, público e lógicas de regulação do que poderia ser publicado, percebe-se no século XVI um espaço fértil para a produção de impressos, os quais serviam de veículos não apenas de informação e integração, mas também de transformações sociais e culturais dentro desse contexto. Com o potencial de ultrapassarem as barreiras do letramento, dada a sua forte imersão e troca com a cultura oral, os materiais oriundos da prensa, como ilustra por Ana Paula Megiani, tornaram-se mercadorias e objetos de circulação, envolvendo rotas de comércio e trânsito de materiais¹⁰⁰.

Com isso, tem-se nos séculos XVI e XVII um expressivo aumento da produção de impressos, desde sermões religiosos, passagens bíblicas e orações até livros particulares, calendários ou propagandas político-religiosas. No entanto, no caso inglês, essa experiência literária teria sido ainda maior em virtude do contexto de disputas pelo poder¹⁰¹. Conforme a argumentação de Christopher Hill, a Guerra Civil inglesa abriu espaço para o florescimento de publicações panfletárias, uma vez que os impressos operavam como mecanismos para a promoção de ideias dos defensores do rei ou do parlamento¹⁰². Davies e Fletcher corroboraram com essa assertiva e demonstraram como tal período de rivalidades políticas foi delineado por uma “[...] fome intensa por notícias em toda a Europa”¹⁰³, o que contribuía para uma significativa profusão de textos.

Ainda que a imprensa amplificasse as ansiedades e as tensões latentes da Primeira Modernidade inglesa, atém-se aqui aos impressos da chamada literatura popular, buscando traçar quais eram as representações dos monstros nesses materiais e as interlocuções dessas fontes com o seu contexto de produção, sobretudo quando se pensa nas disputas políticas travadas na época. Para tanto, ao se debruçar sobre esses textos de caráter efêmero, faz-se necessário considerar, em um outro olhar, os cuidados perante a utilização dos termos literatura popular ou efêmera e literatura de rua, bem como as suas conceptualizações.

¹⁰⁰ MEGIANI, Ana Paula. Escritos breves para circular: relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (sécs. XV-XVII). *Varia História*, [s. l.], v. 35, n. 68, 2019. p. 550.

¹⁰¹ Veronica Lima (2016) chamou a atenção, por sua vez, para a quantia de 35.457 impressos que foram publicados entre 1640 e 1660, sendo a maioria deles textos que versavam sobre o contexto vivido.

¹⁰² HILL, Christopher. Sociedade e literatura na Inglaterra do século XVII. *Varia Historia*, [s. l.], v. 11, n. 14, set. 1995. p. 100.

¹⁰³ DAVIES, Simon; FLETCHER, Puck. *News in early modern Europe: Currents and Connections*. Leiden: Brill, 2014. p. 1. No original: “That there was an intense hunger for news right across Europe is undoubtable”.

2.1 Os impressos populares na Primeira Modernidade

Ao trabalhar com textos literários¹⁰⁴, há que se considerar o papel da literatura como um espaço para se pensar a vida e as sensibilidades dos indivíduos. Ainda que a literatura não represente um espelho da vida real, como pontuado por Silvia Liebel, os textos contribuem para uma reflexão sobre a sociedade que os produziu¹⁰⁵. Por mais que não se trabalhe aqui com o termo literatura tal qual no século XIX, em uma alusão aos textos voltados estritamente para a ficção, cabe mencionar que as narrativas literárias podem ser apreendidas como fonte históricas na medida em que fazem uma articulação do *texto* com um *leitor* e um *autor*. Desse modo, os documentos aqui perscrutados são tratados pelo termo literatura na medida em que englobavam um conjunto de enredos, os quais perpassavam por “[...] uma construção ideológica determinada pela posição do autor na estrutura social”¹⁰⁶. Ao contrário de um “[...] reducionismo da riqueza da linguagem literária [e] uma mutilação de sua dimensão social”¹⁰⁷, pensa-se, em compasso aos escritos de Roger Chartier, em como a linguagem permitia a produção de representações e uma “[...] pluralidade indefinida de significações”¹⁰⁸.

Para o historiador, existiria um intercâmbio entre a literatura e o mundo social, facultando o surgimento de efeitos de sentido. A partir dessa assertiva, jaz aqui um esforço de se olhar para os textos não apenas como simples fontes a serem “[...] interrogadas, mas também como possíveis interlocutores” com a sociedade, com múltiplos significados¹⁰⁹. Ao passo em que são escritos guiados e construídos por sujeitos no tempo, esses materiais advêm de uma série de inspirações, referências e alusões ao mundo social. Além dos recortes sociais e das práticas culturais que se entremeavam a eles, cabe mencionar a possibilidade de esses impressos alavancarem ideias e mobilizarem opiniões, englobando ainda uma dimensão relativa à escrita, à adaptação, à impressão, à venda e à leitura – cada qual comportando uma dada particularidade.

¹⁰⁴ Ainda que o conceito de Literatura não fosse utilizado no século XVII com o seu sentido atual, pensa-se o termo aqui à luz dos cuidados apontados por Liebel (2006, p. 40). Isto é, a “[...] produção correspondente à escrita literária, designada inicialmente dentro do campo das letras, *lettres humaines* ou *belles-lettres*, compreendia não só a literatura, mas também a história, a filosofia, a geografia, a medicina e a matemática”.

¹⁰⁵ LIEBEL, Silvia. Os canards e a literatura de rua na França moderna (séculos XVI e XVII). In: RODRIGUES, Rogério Rosa (org.). **Possibilidades de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 17.

¹⁰⁶ NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a Literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, Maringá, v. 2, n. 3, 2011. p. 30.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 30.

¹⁰⁸ CHARTIER, ref. 66, p. 61.

¹⁰⁹ NAVARRETE, *op. cit.*, p. 53.

É face a esse panorama, pois, que a pesquisa adiciona, de início, um cuidado para o uso da conotação literatura popular e de rua, bem como para os significados que elas podem assumir.

No caso, o termo literatura de rua, utilizado por Leslie Shepard¹¹⁰, tinha por objetivo contemplar os impressos cujas características residiam em seu fácil acesso, linguajar mais simples, rápida produção, amplo público e preço mais baixos¹¹¹. Silvia Liebel, ao trabalhar com os impressos de rua, ainda que com enfoque no cenário francês, também notabilizou o caráter utilitário desses materiais, chamando a atenção para o seu público, que se diferia de outros tipos de publicações impressas¹¹². Ao abordar que muitos desses textos continham, inclusive, simplificações de textos antigos reservados até anteriormente a estudiosos, a autora chamou a atenção para a efemeridade desses documentos¹¹³. Daí resulta também o uso do termo impressos efêmeros por essa pesquisa. Além disso, tais impressos, também apreendidos sob o nome de literatura ocasional, continham, na perspectiva de Shepard, uma singela relação com a tradição cultural e o folclore, portando-se como uma força política e cultural.

Nas palavras de Liebel, “[...] literatura de rua, ocasional, de venda ambulante: os impressos agrupados sob essas classificações compartilham características indicadoras do público ao qual eram destinados”¹¹⁴. Em outras palavras, “[...] o uso de papel ordinário, a falta de cuidado na preparação dos tipos para impressão em várias peças, a qualidade da tinta, os poucos exemplares com gravuras”¹¹⁵, dentre outros aspectos, marcavam e indicavam o público visado. Vendidos por ambulantes ou livreiros em portas de igrejas ou mercados, tais textos eram, em sua maioria, anônimos, sendo comercializados, distribuídos e consumidos de forma solta ou com pontos provisórios de costura¹¹⁶. Ao focalizar na materialidade dessas fontes, Luís Felipe Silvério Lima também enfatizou como a “[...] autoria desses documentos era

¹¹⁰ SHEPARD, Leslie. **The History of Street Literature**: The story of Broadside Ballads, Chapbooks, Proclamations, News-Sheets, Election Bills, Tracts, Pamphlets, Cocks, Catchpennies, and other Ephemera. Newton Abbot: David & Charles, 1973. p. 9.

¹¹¹ Acerca dos preços, conforme Carla Suhr (2011, p. 57), delimita-se como tais textos eram baratos e mais acessíveis se comparado a outros tipos de publicação impressa. Além de possuírem um material mais simples, eles poderiam chegar a 1/2 pence por folha. No entanto, a autora aponta, que após 1635, o preço desses impressos aumentou, chegando até o final do século XVII a uma média de 1 *penny* por folha.

¹¹² LIEBEL, ref. 87, p. 30.

¹¹³ Essa questão da caracterização do impresso perante a sua efemeridade também foi abordada por André de Melo Araújo (2021, p. 11) ao considerar o papel dos materiais oriundos da prensa e as suas particularidades. No caso, o historiador atribuiu tal dimensão passageira aos textos devido ao fato de eles serem destinados ao descarte. Não eram impressos feitos, intencionalmente, para serem retidos e preservados no tempo. Muito por conta disso, o material desses documentos não demandava custo excepcional para as casas de impressão, uma vez que não exigiam um tipo de papel ou costura muito mais criteriosa.

¹¹⁴ LIEBEL, ref. 105, p. 14.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 14-15.

¹¹⁶ ARAÚJO, André de Melo. O artefato impresso na Época Moderna: forma e materialidade dos produtos da prensa manual preservados no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. **Anais do Museu Paulista**: História e Cultura Material, [s. l.], v. 29, n. 19, 2021. p. 6.

colaborativa e não individual”¹¹⁷. Nesse viés, editores, revisores, tipógrafos e autores colaboravam na composição do texto, imbuindo o resultado final de uma complexidade.

Ainda que a maioria desses produtores de impressos tenham sido homens, conforme pontua Joy Wiltenburg, boa parte dos materiais efêmeros aqui analisados continha uma autoria anônima¹¹⁸. Quando informados os seus autores, percebe-se que nenhum deles teve uma produção literária significativa. Segundo Bates, provavelmente a maioria deles eram homens da cidade em ofícios alfabetizados e que ganhavam dinheiro escrevendo textos¹¹⁹. Todavia, há que se ressaltar que, dentro do conjunto de fontes dessa pesquisa, jaz um impresso, de 1635, que foi publicado por uma mulher: Anne Griffin. Esse caso, por sua vez, possibilita traçar a presença de uma atuação feminina no processo de fabricação de um impresso, demonstrando, por outro lado, como o mercado editorial da época era multifacetado, englobando, além de diferentes interesses, a presença de diversos sujeitos dentro dos espaços tipográficos. Não por acaso, mulheres como Griffin também estavam a par do processo de mobilização de ideias e denúncias sociais, quando muito compartilhando informações ou fomentando debates¹²⁰.

Helen Smith, nessa ótica, enfatiza como a posição da mulher era potencialmente ambígua no mercado editorial do século XVII¹²¹, uma vez que elas eram reconhecidas e aceitas pela comunidade da *Stationers' Company*¹²², ao passo em que eram excluídas do exercício de alguns cargos de poder. No entanto, abre-se aqui um frutífero espaço para se pensar como essas figuras atuavam como agentes ativos dentro do comércio de impressos. Além de Griffin, também é possível verificar a presença de uma outra mulher no que diz respeito às fontes cotejadas pela pesquisa. Refere-se aqui à atuação de Jane Coe e à sua produção textual realizada a partir da segunda metade do século XVII.

¹¹⁷ LIMA, Luís Filipe Silvério. A questão da autoria – Palestra. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes (org.). **Modernos em curso: escritos e imagens no tempo**. Rio de Janeiro: EDUFF e Ouro sobre Azul, 2022. p. 111.

¹¹⁸ WILTENBURG, Joy. **Disorderly Women and Female Power in the Street Literature of Early Modern England and Germany**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992. p. 27.

¹¹⁹ BATES, Alan. **Emblematic Monsters: Unnatural Conceptions and Deformed Births in Early Modern Europe**. Amsterdam; New York: Brill, 2005a. p. 45.

¹²⁰ Sobre a impressora em questão, Helen Smith (2003) forneceu em seu artigo algumas informações a respeito da trajetória de Anne Griffin. Além de mencionar outras mulheres envolvidas no mercado editorial da Inglaterra do século XVII, Smith chamou a atenção para como Griffin esteve envolvida em publicações relativas às discussões religiosas e políticas da época, chegando a publicar críticas sobre o arcebispo Laud e ter sido perseguida por ele.

¹²¹ SMITH, Helen. **Print[ing] Your Royal Father Off: Early Modern Female Stationers and the Gendering of the British Book Trades**. Text, Bloomington, v. 15, 2003. p. 165.

¹²² A Stationers' Company era uma Companhia inglesa responsável pelo monopólio da produção editorial da época. Além de controlar e autorizar a circulação de impressos na época, ela regulava a produção dos textos e detinha um privilégio sobre as obras. Como não existia uma noção de direito autoral tal como atualmente, o direito de cópia era controlado pela Companhia nessa época. Além de ser autorizada pelo monarca, a Companhia atuava por meio de editores, impressores e livreiros, podendo ainda censurar e regular os textos publicados (V. LIMA, 2020; L. LIMA, 2022).

“Viúva de Andrew Coe, [ela teria] assumido os negócios junto com o seu filho após a morte do marido em 1644”¹²³. Após esse ano, Jane estaria envolvida na produção de outros livros de notícias, a exemplo dos impressos: *Perfect Occurrences* (Ocorrências Perfeitas), *The Moderate Messenger* (O Mensageiro Moderado), e *The Kingdomes Scout*, (O Escoteiro dos Reinos)¹²⁴. O ponto central da atuação de Coe parece ter sido, contudo, a sua produção de ilustrações para impressos relativos à temática da Guerra Civil. Sarah Barber, acerca desse tópico, demonstra como essas xilogravuras dos atritos da década de 1640 foram reproduzidas em outros impressos, difundindo-se para uma ampla audiência¹²⁵.

Mais do que uma atenção a essas impressoras e ao uso de recursos visuais, é válido notar que, em quase todos os documentos aqui estudados, verifica-se um esforço em se fornecer detalhes sobre o que estava sendo relado, visando comprovar a veracidade do escrito e convencer o leitor de que o fato redigido no documento era real¹²⁶. Com uma linguagem margeada por hipérboles e trocadilhos, o que faz pensar também que seu público, por mais ingênuo que fosse, não era estranho a certos vocabulários, muitos desses textos continham passagens bíblicas e estratégias retóricas que salientavam a existência de testemunhas e a credibilidade do que era registrado.

A escolha do título, nesse sentido, também se constituía como parte de um processo editorial específico. Ao comportarem informações e detalhes, os quais chamavam a atenção do leitor, os títulos indicavam uma prévia do que seria abordado pelo impresso. Regidos por uma série de estratégias estilísticas e editoriais, que iam desde a folha de rosto (com a presença de informações do autor, da data e do local) até o restante do material (envolvendo aspectos relativos à disposição de imagens, à ornamentação, às formas de encadernação ou à escolha da fonte da letra), esses impressos eram imbuídos de uma significativa riqueza. A considerável extensão dos títulos pode ser explicada mediante o propósito informativo que eles almejavam comprimir, uma vez que priorizavam anunciar o leitor, de antemão, acerca de informações

¹²³ Tradução própria. No original: “*Widow of Andrew Coe, senr. Carried on the business after his death with her son in 1644*” (Plomer, 1907, p. 48).

¹²⁴ Acerca dessas obras e da trajetória de Jane Coe ver: For Ada [...], 2011.

¹²⁵ BARBER, Sarah. Curiosity and Reality: The Context and Interpretation of a Seventeenth-century Image. *History Workshop Journal*, [s. l.], n. 70, 2010. p. 27.

¹²⁶ Sobre tais elementos, cabe chamar a atenção para a funcionalidade e o papel das folhas de rosto. Por meio delas poderia se identificar, na maioria das vezes, o título, o autor, o ano de publicação e outras informações importantes. Além disso, algumas poderiam apresentar orientações ao leitor, guiando a leitura e as expectativas sobre ela. Isto posto, ainda que os impressos estivessem abertos a mais de uma interpretação, os elementos tipográficos e relativos ao *layout*, como o tipo da letra (itálico, gótico ou romano), poderiam servir ainda para indicar o público leitor ou os modos de compreensão do texto. René Gomes (2021, p. 391) indicou como as páginas de título continham os nomes dos autores e dos editores destacados (quando apresentavam), bem como os conteúdos que o impresso abordava e os públicos aos quais ele se dirigia.

relativas à história¹²⁷. Como pontuou Christina Furtado, os títulos cumpriam uma importante função mercadológica e retórica, identificando, diferenciando e descrevendo uma narrativa a ser comercializada – podendo ainda atrair “[...] os leitores, convidando-os a ler uma obra”¹²⁸.

Consequentemente, cada elemento gráfico fazia-se pertinente, uma vez que veiculava informações e inferia ao leitor um determinado ideário a se pensar. Nesse sentido, as contribuições de Alexandra Halasz também servem para se pensar como tais impressos estavam alinhados às questões mercadológicas, imbuindo-se de demandas e predileções dos editores e tipógrafos¹²⁹. Desse modo, pode-se defender a existência de uma demanda por impressos, demarcando um fluxo de textos e um subsequente desenvolvimento de um mercado editorial na Primeira Modernidade. Face a essa pluralidade dos processos de produção impressa e às discussões aqui alavancadas, observa-se, em compasso a Silvia Liebel, como os impressos da literatura de rua eram produtos “[...] de escritores muito sensíveis à moral de sua época”¹³⁰, portando temas relativos a crimes, vícios humanos, situações de ofensa divina e a presença de monstros. Ao conterem ainda o relato de notícias ou narrativas sobre comportamentos desviantes, muitos desses documentos poderiam difundir mensagens religiosas, contendo, em suas páginas, alusões, frases em latim, referências satíricas ou menções a obras clássicas.

Uma vez que se argumenta que eles exploravam uma pedagogia do medo, pode-se vislumbrar como esses materiais incitavam uma moralização social e reforçavam valores ou condutas esperadas por parte dos indivíduos. Liebel, acerca desse tópico, comentou sobre como “[...] o caráter informativo, tônica da literatura de venda ocasional, é nele entrelaçado a um forte discurso moralizador, em defesa da ordem estabelecida”¹³¹. Com um novo público e influenciados por um repertório fornecido pela imaginação e pela herança cultural e religiosa, esses documentos poderiam se valer dos mais diferentes formatos para a sua veiculação. É aqui que nos deparamos com uma variedade de tipos textuais – vide os *broadsides ballads*, *chapbooks*, panfletos ou *single-sheets*.

No que tange às baladas, aos impressos, no geral, de apenas uma folha, constata-se a aparição desse tipo de texto ainda no século XV. Com um preço mais acessível e uma ampla

¹²⁷ Tal necessidade se revelava pertinente na medida em que, como sublinha Silvia Liebel (2013a, p. 42), muitos desses documentos eram comprados a partir de suas capas, que resumiam o texto, e lidos em voz alta pelos vendedores ambulantes a fim de angariar possíveis compradores.

¹²⁸ FURTADO, Christina Anne. **Bloody, strange, and unnatural women: Advertising on early modern English title pages, 1565-1640.** 2013. Tese. (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Fordham, New York, 2013. p. 3.

¹²⁹ HALASZ, Alexandra. **The marketplace of print: Pamphlets and the public sphere in early modern England.** New York: Cambridge University Press, 1977. p. 4.

¹³⁰ LIEBEL, ref. 87, p. 203, tradução própria. Tradução livre do original: “*Produits d’écrivains très sensibles à la morale de leur temps*”.

¹³¹ LIEBEL, ref. 105, p. 21.

distribuição, Alan Bates verificou como os nascimentos monstruosos foram assunto de muitas desses *broadsides ballads*, que apareceram por volta do início do século XVI no Sacro Império e na Itália¹³². No caso da Inglaterra, o autor argumentou como esse tipo de texto, derivado provavelmente dos *canards* franceses, apareceram ainda na década de 1540, sendo a primeira balada sobre monstro datada de 1552¹³³. Ainda que se atente à variedade de formatos desse tipo de texto, geralmente o seu *layout* incluía um título e uma gravura, com a escrita em versos ou em prosa. Vendidas, por vezes, por vendedores itinerantes, essas baladas eram cantadas e chamavam a atenção para os cruzamentos dos impressos com a cultura oral.

Já no caso dos panfletos, conforme trabalhado por Joad Raymond, dispõe-se aqui daqueles documentos com formatos pouco prestigiosos, os quais abordavam temáticas mais urgentes e, por vezes, polêmicas¹³⁴. Com escritas anticatólicas ou assuntos relativos ao governo, tais textos poderiam veicular notícias, propaganda ou ficções moralistas. Ainda que a maioria não fosse muito longa, em média com doze páginas, eles eram de natureza efêmera e floresceram na Inglaterra a partir do século XVI, destacadamente na década de 1580¹³⁵.

Ao se atentar para essa dimensão textual, acorda-se aqui a existência de um novo tipo de público e a uma riqueza de detalhes inerente à fabricação desses textos. Embasando-se na tese de Guillermo Sunkel, o qual chamou a atenção para a necessidade de não reduzir o termo popular a meros binarismos, destina-se um esforço na pesquisa para se considerar a emergência de outros sujeitos sociais e políticos no período moderno, bem como uma criticidade perante o uso do termo cultura popular¹³⁶. Percebe-se, com isso, uma dinamicidade no uso dessas conotações, uma vez que “[...] esta divisão entre popular e erudito [...] é afetada pelas próprias características do mercado do impresso em expansão, pois obras pensadas para determinado grupo acabavam sendo adaptadas para outro”¹³⁷. Mais do que a origem do impresso, se era nas camadas populares ou não, o que se sobressai de importante para tal classificação como popular diz respeito ao seu potencial consumidor.

¹³² BATES, ref. 119, p. 43.

¹³³ Sobre a presença de impressos sobre monstros, Raymond (2003, p. 16, tradução própria) comparou a produção francesa e inglesa e constatou como “[...] os monstros da França foram relatados em *canards* em prosa, enquanto o formato preferido na Inglaterra era a balada ilustrada” mudando-se com tempo para o panfleto *in quarto*. Tradução livre de: “*In France monsters were reported in prose canards, whereas the preferred format in England was the illustrated broadside ballad, though in time this shifted to the quarto pamphlet*”.

¹³⁴ Raymond (2003, p. 20) ainda pontuou como o vocábulo panfleto, derivado do cognato *libelo*, do latim *libellus*, diminutivo de *liber*, significava um pequeno livro e já comportava algumas conotações de difamação.

¹³⁵ RAYMOND, ref. 39, p. 17.

¹³⁶ SUNKEL, Guillermo. Las matrices culturales y la representación de lo popular en los diarios populares de masas aspectos históricos y fundamentos teóricos. In: SUNKEL, Guillermo. **Razón y pasión en la prensa popular**. Santiago: El Desconcierto, 2016. p. 147.

¹³⁷ LIEBEL, ref. 105, p. 6.

Nessa ótica, uma definição para a literatura popular pode ser pensada na linha de se compreender que a cultura popular é algo aberto a todos, de modo que o seu público alvo era provavelmente amplo. Nas palavras de Liebel, o que define a literatura de rua “[...] como popular é o público ao qual ela se destina, sendo, portanto, uma escolha dos impressores”¹³⁸. Dessa forma, ainda que a leitura dos textos fosse apropriada e reapropriada mediante tempo e espaço, ou ainda, conforme diferentes grupos interesses, esses materiais estavam inseridos em um conjunto de práticas que lhes atribuíam um significado. Consequentemente, ainda que Liebel aponte para as dificuldades de se quantificar a recepção das dos impressos *per se*, é essencial ter em mente como esse processo de produção e recepção de uma obra estava inserido dentro de um determinado contexto. Não espanta, nesse sentido, como alguns desses impressos comportavam uma relação simbiótica, “[...] alimentando-se mutuamente e apresentando as mesmas histórias sob diferentes roupagens”¹³⁹. Quando não muito, outros textos, ainda que focalizados em uma ampla audiência, também poderiam ser redigidos por setores majoritários, de modo a carregar os interesses desses.

Ao ponderar sobre tal item, não se negligenciam as variadas leituras que se pode fazer de um texto, ou ainda, a ideia de que todo o processo de recepção do texto não poderia ser manipulado. Ao contrário, entender o processo de fabricação e veiculação de impressos implica sopesar que a audiência na Primeira Modernidade, conforme salientado por Wiltenburg, não era homogênea¹⁴⁰. Com pontes entre a cultura oral e escrita, verifica-se no século XVII um mercado editorial com demandas e predileções que impactavam no texto a ser criado. Margeado por complexidades, a própria fronteira entre o dito erudito e o popular não era clara, o que leva a tecer comentários em relação à dinamicidade que englobava o processo de escrita face à atuação de editores, revisores, autores e tipógrafos. Desse modo, o termo literatura popular¹⁴¹ direciona um olhar a textos geralmente feitos com um caráter ou preço mais acessível, mas que não eram necessariamente fechados a camadas sociais específicas.

Nessa perspectiva, ao delimitar-se sobre a cultura impressa, argumenta-se como a comunicação e a produção de materiais se dava em uma articulação com a linguagem, as condutas, as experiências e as práticas dos sujeitos mediante a sua realidade. Posto isso, não há

¹³⁸ LIEBEL, ref. 105, p. 16.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 19.

¹⁴⁰ WILTENBURG, ref. 118, p. 28.

¹⁴¹ Pode-se pensar ainda como o conceito de impressos populares, carece de uma atenção a própria definição de cultura. Como um “[...] conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”, a cultura aloca-se aqui como uma produção social e cultural que se expressa através do tempo por meio de objetos, modos de ser, práticas e valores (Pesavento, 2006, p. 49). Elaborada coletivamente, em compasso às ideias de Clifford Geertz (2015, p. 347), a cultura encaixar-se-ia como um bem flexível, tal qual uma teia de acontecimentos emaranhados, os quais se cruzam, se sobrepõem, se aglomeram e se excluem, como os tentáculos de um polvo.

aqui uma estrita divisão entre cultura popular ou erudita. Ao contrário, destrincha-se como essas dimensões estavam mescladas na Inglaterra da Primeira Modernidade. Em similitude, não há aqui uma pretensão de simplificar a produção impressa inglesa. O ponto central parece ser a constatação de que os impressos efêmeros poderiam abordar as mais diferentes temáticas, alcançando um amplo público e coadunando observações contidas em tratados médicos, de modo a evidenciarem um complexo processo de criação e de difusão de textos na época moderna.

Tanto na Inglaterra, como em outras partes do globo, tais impressos despenharam uma importante função no que diz respeito à veiculação de medos, críticas e denúncias, servindo de “[...] combustível para as ansiedades latentes”¹⁴². No que diz respeito aos impressos efêmeros que versavam sobre a monstruosidade, considera-se aqui como muitos deles eram lidos não somente porque os monstros eram intrinsecamente interessantes, mas porque comportavam uma mensagem para o leitor; isto é, um significado oculto a ser interpretado. Dessa forma, embora não se reduza o conhecimento sobre esses impressos efêmeros aos seus compradores, pode-se pensar como os textos cumpriam um importante papel na mobilização da opinião pública, servindo de influência social e podendo se vincular a uma propaganda política ou religiosa.

À vista disso, há que se atentar aqui para a contribuição dos impressos na criação e na ampliação de uma dita esfera pública. Ao tomar como base a ideia de fabricação de um texto, verifica-se como, na modernidade, a composição de um impresso não se dava somente pelo seu processo de escrita e venda, mas, simultaneamente, pela ação de tornar públicas as ideias desses textos¹⁴³. Desse modo, defende-se como esses materiais oriundos da prensa funcionavam como um espaço para se difundir concepções e fomentar debates, articulando opiniões e mobilizando sujeitos. Ao perceber editores, tipógrafos, autores e revisores como indivíduos inscritos em um ambiente de circulação e contestação de ideias, assinala-se como eles se inseriam como atores políticos, os quais permitiam a troca de informações.

¹⁴² LIEBEL, Silvia. **Bruxaria e possessão diabólica na literatura de rua dos dois lados do canal da Mancha** (França e Inglaterra, séculos XVI e XVII). No prelo. p. 5.

¹⁴³ Sobre esse assunto, Lima destrinchou os significados da palavra publicar na Primeira Modernidade. Oriunda do anglo-Normando *publier* e do francês medieval *publier*, remontando ambas ao latim *publicare*, ela significava “[...] colocar [algo] à disposição da comunidade” (Bhaskar, 2013 *apud* Lima, 2016, p. 17). Assim, publicar, no século XVI, já comportava a ideia de anunciar ou tornar algo público, para além do processo de fabricar e preparar um livro. Com isso, “[...] diferentemente dos dias atuais, nos quais ‘publicar’, ‘publicação’ e ‘publisher’ são expressões adotadas para falar da edição e dos editores; ‘publicar’ no século XVII poderia significar o mesmo que escrever, copiar, imprimir, encadernar, editar e vender um livro” (Bhaskar, 2013 *apud* Lima, 2016, p. 17).

Nesse prisma, a presente dissertação vai na contramão da ideia de Jürgen Habermas¹⁴⁴, uma vez que propõe a existência de uma esfera pública nessa época na Inglaterra. Ao contrário do autor, que pensa o termo esfera pública como algo perceptível somente após a separação, no mundo burguês, entre o ambiente público e privado, rompe-se com a concepção de que não seria possível a visualização dessa dimensão ainda no século XVII. Como algo localizado e específico de um tempo e espaço, o conceito de esfera pública de Habermas é limitante e não abre espaço, dessa maneira, para se considerar a circulação de textos no período revolucionário inglês, como pontou Andreas Gestrich¹⁴⁵. No caminho oposto a Habermas, Nigel Smith¹⁴⁶ evidenciou como o crescente mercado livreiro londrino fomentou um espaço de discussão que vociferava opiniões capazes de modular o campo político, religioso e social¹⁴⁷.

Valendo-se do termo balas de papel, trabalhado por Harold Weber, pode-se ponderar como existia na Inglaterra uma disputa por meio dos impressos, na qual as guerras panfletárias mobilizavam sujeitos, afetos e ideários¹⁴⁸. Posto isso, vale retomar as assertivas de Joy Wiltenburg, uma vez que se considera como os impressos de notícias, piadas, músicas ou sermões também estavam inseridos dentro de um mercado consumidor, com uma audiência ativa e sedenta por mais textos. Consequentemente, é plausível pensar que, justamente nesse momento de crise e efervescência política do século XVII, o acesso às informações sobre os conflitos incitava o surgimento de uma esfera de querelas e conversações¹⁴⁹.

De certo, ao se considerar a esfera pública como algo mais fluído e tomar de empréstimo as discussões esboçadas pelos autores acima, reflete-se sobre como os impressos de monstros

¹⁴⁴ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

¹⁴⁵ Refere-se aqui aos apontamentos realizados na obra *The Public Sphere and the Habermas Debate* (Gestrich, 2006, p. 421, tradução própria) e a atenção dada às rotas postais e os sistemas de comunicação na época moderna, de modo a evidenciar a existência de uma esfera pública e de “[...] um público debatedor que não era de forma alguma restrito à nobreza”. Tradução livre de: “[...] gave rise to a debating public that was by no means restricted to the nobility”. Não obstante, Gestrich também focaliza o papel das guerras enquanto um fator importante para a formação da esfera pública, elemento esse ignorado por Habermas.

¹⁴⁶ Alusão à obra *Literature and Revolution in England, 1640-1660*, de 1997, e aos apontamentos do autor sobre o mercado londrino, uma vez que “Nunca antes na história da Inglaterra a literatura escrita e impressa desempenhou um papel tão predominante nos assuntos públicos” (Smith, 1997, p. 1 *apud* Lima, 2023, p. 33, tradução própria). No original: “Never before in English history had written and printed literature played such a predominant role in public affairs”.

¹⁴⁷ Anteriormente, Alexandra Halasz (1977) também defendeu como, a partir do século XVI, já existiriam condições para a identificação de uma esfera pública ativa, a qual facultava a promulgação de ideias.

¹⁴⁸ Weber (1996, p. 150, tradução própria) ainda constata como os impressos se tornaram um atributo fundamental da autoridade política, sendo uma parte essencial do poder e da identidade do Estado. No original: “[...] printing has become a fundamental attribute of political authority, an essential part of state power and identity”.

¹⁴⁹ Michael Braddick (2008, p. 176) argumenta: “Mobilisations were plural and overlapping, conflicting campaigns which evidently succeeded among the same local populations. They competed for control of standard language and metaphors, and corroded the authority and legitimacy of the formal institutions of government”. Em tradução livre: “As mobilizações eram campanhas plurais, sobrepostas e conflitantes, que evidentemente tiveram sucesso entre a população local. Elas competiam pelo controle da linguagem e das metáforas, corroendo a autoridade e a legitimidade das instituições formais de governo”.

também diziam respeito à emergência de um tipo inteiramente novo de “prática textual como discurso público”¹⁵⁰, o qual se dava fora das redes de correspondência quase privadas, outrora mediadas somente por alguns grupos. Assim, pensa-se a esfera pública como uma dimensão mais dinâmica e multifacetada no século XVII. Não por acaso, em uma Inglaterra com disputas sociais pungentes, verifica-se uma significativa profusão de petições, propagandas políticas e sermões religiosos. Tais impressos sobre a monstrosidade desempenham, com isso, uma importante função no que diz respeito à movimentação de ideias e o trato de assuntos relativos às mulheres, à moralidade, às identidades, às disputas por poder, à Reforma Religiosa, à crença no maravilhoso, às reflexões da tratadística médica e à política.

O exemplo do impresso *A most strange and true report of a monstrous fish, who appeared in the forme of a woman, from her waste vpwards* (Um relato muito estranho e verdadeiro de um peixe monstruoso, que apareceu na forma de uma mulher, da cintura para cima), publicado em 1604, fornece uma constatação acerca de como esses materiais oriundos da prensa eram imbuídos de uma complexidade no que diz respeito à sua construção. Tal documento assente para a verificação de uma esfera de discussão em torno dos nascimentos monstruosos e da própria produção impressa da época moderna anos após a publicação do incidente. Ainda que se trate um texto difundido no início do século XVII, salteia aos olhos a presença de uma carta anexada logo no começo do texto, a qual data do século XIX.

Ainda que se saiba a autoria desse impresso de 1604 (atribuída a um certo P. G), o documento difere dos outros textos analisados nesta dissertação, uma vez que continha, antes da apresentação da narrativa, uma discussão produzida anos depois por um museu, acerca da história veiculada pelo impresso. Esse caso ilustra, em parte, como a produção efêmera abria um espaço para se trocarem informações sobre os relatos monstruosos, indicando ainda como um texto não se esgotava em si mesmo e podia, por vezes, mobilizar opiniões acerca da veracidade dos monstros ou das narrativas impressas. Apesar de constatar uma esfera de discussão no século XIX, esse impresso nos proporciona considerar as ressonâncias de um texto ao longo do tempo e, quando muito, o fascínio que a monstrosidade despertava.

A nota informativa que precede o texto tem sua autoria atribuída a varas. L. Leach, F.G.S, curador Arthur Leonard Leach (1869-1957), cuja atuação se deu no Museu e Galeria de Arte Tenby, localizado em Gales. A nota, além de antecipar a narrativa textual impressa em Londres no século XVII, se dedicava a abordar como esse documento havia sido recolhido pela Biblioteca Nacional de Gales, fornecendo informações e detalhes sobre ele e a sua preservação.

¹⁵⁰ DIRKS-SCHUSTER, ref. 53, p. 10.

Contudo, o ponto central desse registro do museu é a correlação que ele faz entre o impresso de 1604 e uma outra história reportada em 1781, com o intuito de demonstrar como ambas continham semelhanças entre si.

Figura 1 - Nota do museu que antecede a narrativa impressa de 1604



Fonte: G. P., **A most strange and true report of a monstrous fish, who appeared in the forme of a woman, from her waste vpwards**. Londres: for W.B, 1604, p. 1. Disponível em: <https://www.proquest.com/eebo/books/most-strange-true-report-monsterous-fish-who/docview/2240910594/sem-2?accountid=163371>. Acesso em: 20 mai. 2024.

De início, a nota produzida por Arthur Leach indicava como o “[...]” panfleto, desconhecido no Museu Britânico, onde as autoridades estão muito interessadas na sua descoberta, é composto por quatro folhas em oitavo com o texto em letra preta e uma imagem da Sereia na página de rosto¹⁵¹. O autor ainda demonstra como na nota como o panfleto de 1604 poderia ser correlacionado a uma outra narrativa relatada por um fazendeiro em 1781, o qual alegou ter visto uma sereia em dezembro desse mesmo ano: “Algumas semanas atrás, essas

¹⁵¹ G. P. *A most strange and true report of a monstrous fish, who appeared in the forme of a woman, from her waste vpwards*. London: [s. n.], imprinted for W.B, 1604. p. 1. Tradução própria. Traduzido livremente pela autora do original: “*This pamphlet, which was unknown at the British Museum, where the authorities are greatly interested in its discovery, consists of four leaves octavo with the text in black letter and a picture of the Mermaid on the title page*”.

Notas continham um relato sobre o Tritão de Linney Head, extraído de uma estranha história contada por um fazendeiro que afirmava ter visto a criatura em dezembro de 1781”¹⁵².

Cabe pontuar que a nota do museu questiona se, na verdade, os relatos da sereia, aparentados tanto em 1604 como em 1781, não seriam fruto da imaginação das pessoas ou atribuídos a uma confusão da população da época com uma grande foca. Ou seja, ao contar brevemente o que se passa no impresso de 1604, Leach lança perguntas a respeito das dúvidas que atravessavam os leitores:

O que todas essas pessoas viram? Seria um dugongo, um peixe-boi ou outro visitante de mares tropicais, ou seria, como a imagem parece sugerir, uma foca extraordinariamente grande? O principal obstáculo à aceitação dessas explicações naturalistas surge das próprias mãos e braços humanos. Seria necessário muita imaginação para converter os remos de uma foca nas "duas mãos de fada" mostradas no desenho.¹⁵³

A fim de indicar outras ressonâncias do texto de 1604 com o de 1781, Leach também apontava para como ambos os relatos começavam as suas histórias com menções a testemunhas locais – como fazendeiros ou pessoas importantes da região. Nessa ótica, a nota do museu faz um papel de discutir como se deu a construção das duas narrativas, evidenciando como, apesar da distância cronológica, elas tinham pontos em comum. Ainda que a nota do museu também levasse em consideração a presença de depoimentos para se fornecer credibilidade aos relatos, ela apresenta uma postura mais cética, comentando como a crença em uma aparição de sereia parece ter sido um exagero da imaginação da época, conforme disposto em:

É uma curiosa coincidência que as narrativas da Sereia de Pendine e do Tritão Linney comecem ambas com histórias contadas por agricultores locais, Raynold e Reynold respectivamente, nomes tão invulgares neste distrito que nenhum deles aparece na lista atual de Eleitores da freguesia de Santa Maria em Liberdade. Novamente, em cada caso, a criatura tinha mãos e braços humanos, e as descrições de sua aparência foram escritas não pelas principais testemunhas, mas por pessoas importantes da região. Não será que a história de Linney é uma versão distorcida, contada muito

¹⁵² G. P., ref. 151, p. 1, tradução própria. Traduzido livremente pela autora do original: “*This pamphlet, which was unknown at the British Museum, where the authorities are greatly interested in its discovery, consists of four leaves octavo with the text in black letter and a picture of the Mermaid on the title page*”; “*A few weeks ago these Notes contained an account of the Merman of Linney Head, taken from a strange story related by a farmer who claimed to have seen the creature in December, 1781*”.

¹⁵³ G. P., ref. 151, p. 1, tradução própria. Tradução livre do original: “*What did all these people see? Was it a dugong or manatee or other visitor from tropical seas, or was it, as the picture seems to suggest, an unusually large seal? The chief hindrance to an acceptance of these naturalistic explanations arises from the very human hands and arms. Much imagination would need to be called into play to convert a seal's paddles into the 'two fayre handes' shown in the drawing*”.

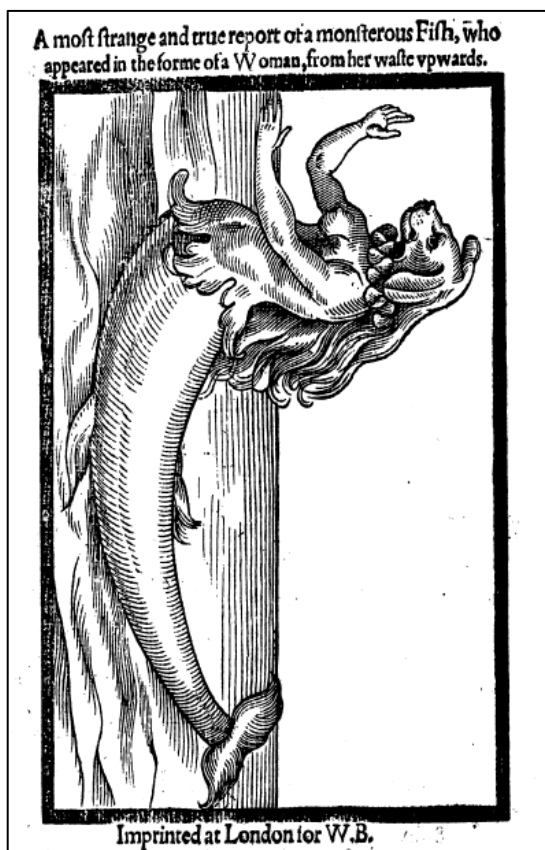
tempo depois, do acontecimento Pendine e que isto pode ter surgido de um relato exagerado e imaginativo de uma foca muito grande?¹⁵⁴

Isso leva a crer, como a visão sobre o monstruoso no século XIX já se diferia daquela relativa aos séculos XVII e XVIII. Ao verificar o relato da sereia com uma postura mais cética, ela descredibiliza a real possibilidade de crença no monstruoso. Isso leva a reforçar a tese acerca de como o monstruoso, no século XIX e XX, foi apreendido em uma visão linear, na qual o monstro existia apenas porque não se sabia explicar animais ou fenômenos diversos da natureza com base na ciência da época. O que se advoga aqui é o contrário: que os monstros eram parte do repertório cultural e crível da época, bem como poderiam funcionar como recursos metafóricos para se exteriorizar alguma crítica ou anseio. Eles eram parte, assim, do esquema representativo da Primeira Modernidade e das formas de se apreender o mundo de *cabeça para baixo* inglês, a qual se choca com a postura oitocentista que negligenciava a real crença e concretude do monstro relatado, para, ao menos, parte dos leitores ingleses do século XVII.

O impresso de 1604 também faz constatar os empreendimentos por trás da criação de um impresso e seu possível caráter moralizador, elucidando como esses documentos criavam uma dada representação sobre os monstros. Ao propor tornar conhecida essa história relatada pelo senhor Thomas Raynold, o qual teria visto um peixe monstruoso na região de Pendine, o impresso apresentava em seu início a gravura do que seria uma sereia, imbuindo o leitor de uma dimensão visual sobre o monstro relatado.

Figura 2 - Gravura de uma sereia no início do impresso de 1604

¹⁵⁴ G. P., ref. 151, p. 2, tradução própria. Traduzido livremente do original: “*It is a curious coincidence that the narratives of the Pendine Mermaid and the Linney Head Merman both begin with stories told by local farmers, Raynold and Reynold respectively, bearing names so unusual in this district that neither of them appears in the current list of Electors in the parish of St. Mary's-in-Liberty. Again, in each case the creature had human hands and arms, and the descriptions of its appearance were written not by the chief witnesses but by local persons of importance. May it not be that the Linney Head story is a distorted version, told long afterwards, of the Pendine event and that this may have arisen from an exaggerated and imaginative account of a very large seal?*”.



Fonte: G. P., *A most strange and true report of a monstrous fish, who appeared in the forme of a woman, from her waste vpwards*. Londres: for W.B, 1604, p. 7. Disponível em: <https://www.proquest.com/eebo/books/most-strange-true-report-monsterous-fish-who/docview/2240910594/sem-2?accountid=163371>. Acesso em: 20 mai. 2024.

O texto menciona que muitas pessoas foram interrogadas, contendo o “[...] o nome completo de 13 dessas”, que também seriam dignas de crédito em suas afirmações sobre a criatura monstruosa que teria sido vista na Inglaterra. Além de fornecer detalhes sobre o ser, como o porte físico e a cor do seu cabelo, o senhor Raynold também teria afirmado como a criatura aparentava “[...] os seios redondos e muito brancos” com “[...] duas mãos de fada”¹⁵⁵. Ainda que se pese, como forma de atribuir legitimidade à carta relatada, a menção à reputação do indivíduo que descreveu o monstro, o autor do texto se dedicou a afirmar que a aparição de “[...] coisas estranhas que muitos publicaram, como nascimentos monstruosos, bestas estranhas, captura de baleias e outros peixes estranhos, dragões de fogo, e visões estranhas no ar [poderiam ser causadas] pela natureza [ou funcionar como] símbolos da poderosa majestade de Deus”. Desse modo, elas serviam para maravilhar os homens e exaltar a glória divina, visando “[...]”

¹⁵⁵ G. P., ref. 151, p. 2-3, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] contains the names of thirteen of these in full”; “It had [...] her waist upwards [...] with two fayre handes”.

diminuir o orgulho dos homens e nos alertar para que nossas vidas pecaminosas possam ser corrigidas, para que o verdadeiro arrependimento possa seguir-se”¹⁵⁶.

A partir desses fragmentos, fica nítido o tom moralizador desse relato, o qual alocava o peixe monstruoso como uma produção de Deus para demonstrar a sua força. Nesse sentido, ao relatar essa história, o autor deixa clara a sua intenção de imbuir o leitor de um comportamento gracioso, uma vez que é mencionado como o fiel deveria “[...] implorar a Deus todo-poderoso e cheio de poder, para abençoar e preservar nosso rei real e muito gracioso, a Rainha, e toda a sua descendência principesca”¹⁵⁷. Ao pontuar esses elementos, o documento permite visualizar como os impressos do século XVII exteriorizavam modelos de comportamento, incentivando os fiéis a adotarem uma postura mais piedosa. Além de evidenciar uma dada representação do monstro, ele comprova como a publicação de certos textos revestia-se de nuances, que iam desde a presença de testemunhas e gravuras, até um *layout* e formato específico.

Percebe-se, dessa forma, como a narrativa do panfleto acima era revestida de uma complexidade, não apenas pela representação textual construída acerca do monstro, mas também pelas suas interlocuções com outros documentos, ainda que com décadas de diferença. Contudo ainda cabe um questionamento: o que fazia desse relato um *reporte estranho e verdadeiro*? Ou ainda, em que medida esse peixe monstruoso, atribuído à criação divina, poderia ser lido como um fenômeno estranho ou digno de curiosidade? E é aqui que se delineia, portanto, mais um ponto de análise.

2.2 A estranheza do monstruoso

Ao se olhar para o ano de 1646, verifica-se a publicação de um impresso de oito páginas com o título *A Declaration of a strange and wonderfull monster: born in Kirkham parish in Lancashire* (A Declaração de um estranho e maravilhoso monstro nascido na paróquia de

¹⁵⁶ G. P., ref. 151, p. 2, tradução própria. No original: “Strange things many haue published, as monsteerous Birthes, strange Beastes, taking of Whales and otherstrange Fishes▪ fierie Dragons, & strange sightes in the Ayre, some by nature, (others, as tokens of Gods powerfull Majestie) all great and admyrable for men to wonder at [...]”; “[...] exalt his glory, to the abating of menspride, and for warning or vs that our sinfull liues may be amended, that true repentance may follow, and”.

¹⁵⁷ G. P., ref. 151, p. 4, tradução própria. No original: “Accept this (good Coosen) which am at your seruice, and let vs all, as our bounden duetie, beseech God all powerfull, and full of might, to blesse and preserue our royall and most gracious king, the Queene, and all their Princely progenie”.

Kirkham em Lancaster). Publicado em meados de março¹⁵⁸ e com autoria anônima, esse texto apresentava uma história semelhante à de outro impresso lançado, pouco tempo depois, em agosto do mesmo ano¹⁵⁹. Ambos são atribuídos à impressora Jane Coe, ativa no comércio de textos em Londres e já mencionada anteriormente neste capítulo. Ainda que esses dois documentos apresentem diferenças no que diz respeito ao início da escrita e à presença de cartas de oficiais anexadas, eles indicam, mais uma vez, a existência de uma circularidade de informações e referências entre os próprios impressos da época, de modo a evidenciar as interlocuções que, por vezes, ocorriam dentro dessa produção textual inglesa. Isso leva a pensar em como um texto poderia, por vezes, reincidir em outros folhetos ou ainda apresentar repetições de dados e histórias similares – fosse por um sucesso de vendas de uma edição ou por demais predileções tipográficas.

Verifica-se, ainda, como esse impresso publicado em agosto de 1646 por Jane Coe também se assemelhava, no que diz respeito aos seus personagens, a um outro documento difundido em Londres para Richard Smethurst¹⁶⁰, em 1641. Em ambos, é possível visualizar a citação de um pintor inglês chamado de Senhor Munday, o qual teria ofendido três membros do parlamento na Inglaterra. Ainda que se saiba a residência desse sujeito, uma vez que se tratava de um morador de *Little Britain*¹⁶¹, que vivia em frente à igreja de St. Botolph, delimita-se como em ambos os documentos, tanto o de 1641 como o de 1646, aborda-se a temática da monstruosidade. Se por um lado o texto de 1641 focava no relato de uma estranha aparição em uma cervejaria próxima à *Somerset House* em Londres, o de 1646 enfatizava o nascimento de um monstro em Lancaster.

Além das semelhanças no que diz respeito aos indivíduos mencionados pelas narrativas, os dois textos também culpabilizavam a sociedade inglesa pela ocorrência do nascimento monstruoso, ao passo em que indicavam como algumas mazelas atingiram a Inglaterra em uma referência à *mão de Deus agindo* sobre o mundo como forma de punição. Em uma outra

¹⁵⁸ Como o documento pertence a Thomason Tracts, é possível visualizar uma marca do colecionador George Thomason na fonte, uma vez que ele anotou no canto do papel "3 de março de 1645", riscando ainda número 6 do ano 1646 no impresso.

¹⁵⁹ Referência aqui ao impresso FIVE vvonders seene in England. [brace] Two at Barnstable, one at Kirkham, one in Cornwall, one in Little Britain in London. In all which places whereby Gods judgements are miraculously seene upon some. Severall miraculous accidents have hapned to the amazement of all those that have beene eye-witnesses thereof. London: printed by J.C., 1646.

¹⁶⁰ A RELATION of a strange apparition in an ale-house next doore to the White Horse, against Sommerset-House in the Strand (A relation [...], 1641). Traduzido livremente como: "*Relato de uma estranha aparição em uma Cervejaria ao lado da White Horse, em frente à Somerset-House na Strand*".

¹⁶¹ No documento original tem-se a passagem: "*A Gentleman was in the shop of one Mr. Munday a Painter; who then lived in Little Brittain against Botolph Church*" (Five [...], 1646, p. 6). Em tradução própria, "Um cavalheiro estava na loja de um certo Sr. Munday, um Pintor, que morava, então, na Pequena Bretanha, de frente para a igreja Botolph".

perspectiva, todos esses documentos enquadram-se como produções efêmeras datadas da década de 1640, diretamente relacionados aos atritos da guerra civil e às adversidades vivenciadas entre os defensores do rei (*Cavaliers*) e aqueles favoráveis ao parlamento (*Roundheads*). A título de ilustração, um ano antes da difusão desses documentos, em 1645, teria ocorrido a Batalha de Naseby, na qual as tropas parlamentares, lideradas por Thomas Fairfax e Oliver Cromwell, duelaram contra o rei em um Condado ao Leste da Inglaterra.

Ainda que o impresso não mencione diretamente essa batalha, ele chega a apontar para a presença de confrontos entre esses indivíduos, de modo que, em um outro texto dessa mesma década, intitulado *Five Wonders seene in England* (Cinco Milagres vistos na Inglaterra), também é possível visualizar uma passagem em que se menciona a atuação de Thomas Fairfax e Oliver Cromwell nas guerras e a vitória de ambos sobre as tropas reais. Ao final da narrativa, é disposto que França, Oxford e Irlanda não conseguiram superar a força dos parlamentares, uma vez que as tropas inimigas foram “[...] subjugadas pelo senhor Thomas Fairfax”, que prosperou contra elas. Inclusive, é a partir desse triunfo do parlamento que o documento redigiu que “[...] Deus era um cavaleiro na semana passada, mas agora teria se tornado um *Roundhead*”¹⁶².

Percebe-se que, por mais que a referência direta à batalha de Naseby não tenha sido expressamente vociferada pelos textos, ela pode ser apontada como um possível pano de fundo para as narrativas ali construídas. Ao delimitar o papel desses confrontos que se iniciam na região de Northamptonshire em 1645 e se estendem até o ano seguinte, em 1646, considera-se como essa batalha foi primordial para a atuação de Fairfax¹⁶³. Nomeado como comandante chefe do *Exército de Novo Tipo*, as campanhas militares desse indivíduo se revelaram vitoriosas a partir do ano de 1645, seguidas de sua marcha para o sudoeste e a derrota do exército realista. Daí, por sua vez, a provável associação do impresso acima com batalha de Naseby e os subsequentes atritos entre os roialistas e os parlamentares, liderados por Fairfax. Percebe-se nitidamente um cruzamento entre esses dois impressos e uma conexão desses com o seu momento de produção, imbuindo-os de um tom político e religioso, cuja defesa, nesses casos apontados, recaía favorável ao lado dos parlamentares.

Sob um outro ângulo, o impresso de março de 1646, *A Declaração de um estranho e maravilhoso monstro nascido na paróquia de Kirkham em Lancaster*, indica como o fenômeno

¹⁶² FIVE [...], ref. 159, p. 6, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] and within about a weeke or two after all their Forces were subdued by Sir Thomas Fairfax”; “[...] God almighty was a Cavalier the last weeke, but now hee is turned Round-head”.

¹⁶³ Ver mais em: <https://collection.nam.ac.uk/detail.php?acc=2000-05-47-1>. Acesso em: 18 nov. 2024.

reportado seria uma manifestação da ira de Deus contra o povo malvado e profano da Inglaterra. Em um possível esforço de clarificar ao leitor os propósitos da história, o autor apontava ainda para os objetivos do impresso, a saber: “[...] informar onde ocorreu o fato, quem estava envolvido, qual teria sido a sua causa e quais as provas que tornavam o relato verdadeiro”¹⁶⁴. Esse tipo de comentário assinala como a construção do texto perpassava por uma lógica que visava não somente expor o ocorrido, mas também ressaltar a sua legitimidade.

A própria atenção deslocada para a existência de testemunhas nesse tipo de impresso indica como existia um esforço de comprovação de veracidade da história. Whitney Dirks-Schuster pontua, da mesma forma, como os relatos de monstros geralmente continham em sua descrição a presença de uma testemunha ocular¹⁶⁵ que teria visto ou identificado o monstro¹⁶⁶. Poder-se-ia ter ainda a menção a uma carta ou um relato de alguma pessoa crível constatando o ocorrido. Parteiras, padres ou oficiais da localidade eram peças-chaves e poderiam, em conjunto com o peso da vizinhança, validar a história, ratificando ou legitimando o enredo ali construído.

O impresso *Strange News from Scotland* (Estranhas notícias da Escócia), também do ano de 1646, é uma outra amostra acerca do uso de testemunhas para a comprovação do ocorrido. Nesse documento em específico, tem-se o relato de uma mãe que dá luz a um monstro, cujo nascimento é assumido como fruto dos erros do país. Contudo, o diferencial desse texto é que o ser monstruoso é dotado de uma capacidade de fala, uma vez que ele chega a dissertar sobre os seus pecados. Diferente de outros impressos nos quais o monstro não apresentava voz, esse impresso permite pensar como a própria monstruosidade se revestia de uma agência, expondo as razões pelas quais o monstro veio ao mundo e atestando a sua existência. Ainda sobre esse exemplar, a figura monstruosa, descrita como deformada, só foi legitimada no texto quando se mencionaram as testemunhas presentes em seu nascimento, as quais ficaram com medo diante das malformações físicas do ser e das falas por ele proferidas.

Além do apelo a testemunhas, a julgar pelos títulos desses documentos, pode-se constatar que a maioria dos textos que reportavam fenômenos relativos à existência de monstros apresentavam em suas folhas de rosto a sentença “estranhas notícias” ou “estranhas aparições”.

¹⁶⁴ FIVE [...], ref. 159, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “In declaring where it was done. 2. Upon whom. 3. What is supposed might be the cause. 4. What proofs there are to make it appear to be a truth”.

¹⁶⁵ Luís Filipe Lima e Andrea Doré (2023, p. 10) chamaram a atenção na introdução do dossiê “Fake News na época moderna”, para como o estatuto de veracidade dos textos poderia ser pensado também a partir da autoria, fosse ela individual ou institucional. Nesse caso, “[...] o lugar de produção concede veracidade, autenticidade e verossimilhança à informação veiculada.” Juntamente com o suporte, que ocupa uma função de “[...] mobilizar efeitos de veracidade”, a presença de testemunhas poderia funcionar como um mecanismo de legitimação da história a ser narrada (Lima; Doré, 2023, p. 10).

¹⁶⁶ DIRKS-SCHUSTER, ref. 53, p. 31.

O emprego desse tipo de expressão já caracterizava a narrativa, de antemão, como algo estranho e não habitual, induzindo o leitor a percebê-la como tal e a alocando como um evento que fugia da norma social e cultural pré-estabelecida. Tal palavra, estranha, no original *strange*, revela-se proeminente na maioria dos títulos analisados por essa pesquisa. Do montante de impressos aqui dispostos, ao menos 45% continham esse tipo de expressão no título: “estranhas novas”, “estranha aparição”, “estranha visão”, “a mais estranha” e “maravilhosa aparição”, o que leva a questionar os possíveis porquês da presença dessas frases nesse tipo de documentação.

Ainda que alguns autores já tenham trabalhado a existência de estratégias retóricas e tipográficas presentes no processo de criação dos títulos dos documentos impressos, como o caso de Carla Suhr¹⁶⁷, é necessário ir além. Uma vez que se considera o papel dos títulos e das folhas de rosto no processo de venda e atração do público leitor, pode-se pensar como o uso de certos vocábulos contribuía para o reforço da história a ser reportada. É o caso da presença constante de palavras como “verdadeiro”, “verídico”, “fidedigno” no corpo dos títulos, de modo a funcionarem como mecanismos de legitimação da notícia ou do fato ali redigido. Isso fica ainda mais notório quando se visualiza que, dos textos aqui perscrutados, ao menos 39% apresentavam esse tipo de verbete.

Ao deter-se sobre o uso dessas nomenclaturas, pode-se pensar como as palavras “estranho” ou “verdadeiro” também estavam interligadas a um possível campo do maravilhoso, ao passo em que também geravam um efeito verossímil de verdade. No dossiê organizado por Andréa Doré e Luís Filipe Lima, dedicado a pensar os estatutos de veracidade e a falsificação na construção dos textos na época moderna, depreende-se como a busca por uma aparência de verdade abrangeu os mais diversos tipos de documentação do período. Mais especificamente, Lima apontou para o papel do campo semântico na construção das noções de verdade e falsidade, o qual impactava na própria autenticidade e percepção da história difundida. O próprio autor indica como a presença de “[...] adjetivos que consideraríamos sensacionalistas como ‘muito quentes’ e ‘estranhas’ qualificavam, ao contrário, o momento de maior veracidade (e novidade) da ‘notícia’ e da ‘história’”¹⁶⁸. Em igual medida, o uso de certos vocábulos poderia servir ainda para se atrair um dado público consumidor, tendo em vista que “[...] um dos objetivos de uma casa livreira era vender, e ir ao encontro do horizonte de expectativas dos potenciais leitores e leitoras parecia uma boa estratégia”¹⁶⁹.

¹⁶⁷ SUHR, ref. 38, p. 99.

¹⁶⁸ LIMA, Luís Filipe Silvério. Entre ‘notícias estranhas’ e ‘rumores frescos’: estatutos de veracidade e gêneros documentais na recepção inglesa do caso do Sebastião de Veneza (1598-1603). *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 41, n. 2, 2023. LIMA, 2024, p. 150.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 159.

Ainda sobre esse tipo de documentação, ao considerar que os impressos modernos do tipo efêmero “[...] não possuíam capa nem eram vendidos encadernados”, sendo por meio das folhas de rosto que se comunicava as informações do texto, pode-se delimitar que essas partes iniciais dessas fontes e os seus respectivos títulos funcionavam como “[...] estratégia de venda quando expostos nas lojas ou bancas dos livreiros que os comercializavam.”¹⁷⁰. Palavras como “verdadeiro”, “admirável” e “estranho” eram comuns aos títulos dos impressos do início do século XVII, de modo que, a julgar pela construção desses materiais, o uso de certas palavras poderia favorecer uma dada recepção pelo público ou “[...] supor um leitor implícito: alguém que consumisse os panfletos não só como notícia de um evento, mas também como leitura ficcional ou poética (no que entraria também a história como gênero retórico-poético)”¹⁷¹.

As próprias noções de veracidade ou falsidade estavam, portanto, embaralhadas, uma vez que não existia uma nítida “[...] distinção entre o maravilhoso fabuloso (e inventado) e maravilhoso experienciado (e visto)”¹⁷². Justamente por ser “admirável”, “estranha” ou “maravilhosa” é que as notícias sobre monstros mobilizavam reações do público e instigavam uma sensação de verdade, ainda que fossem narrativas verdadeiras ou ficcionais. Todavia, mais do que um dispositivo editorial para se atraírem possíveis leitores ou imbuir a narrativa de uma veracidade, o uso do vocábulo “estranho” nos títulos requer ainda um outro olhar.

Sugestiona-se aqui que, além de uma recorrência geral na produção impressa acerca do uso dessa palavra, a maior parte desses relatos de monstros também se valiam dessas expressões pela própria forma como o monstruoso poderia ser interpretado e apreendido no século XVII. Alan Bates, anteriormente, tangenciou essa questão ao abordar que os escritores de baladas e panfletos retratavam os monstros como verdadeiros e manifestos sinais e que, por isso, era necessário que o observador os analisasse com maior atenção, uma vez que eles eram tidos como mensagens enviadas por Deus que salientavam um desvio. Desse modo, a estranheza direcionada ao monstro pode ser compreendida aqui como uma forma de se lidar com a diferença, isto é, o outro.

Uma vez que se considera o monstro como um ser estranho, mas que despertava curiosidade, pode-se evidenciar como as anomalias (sobretudo as físicas) poderiam ser classificadas na Primeira Modernidade como anormais e, portanto, monstruosas. Aquilo que não era comum ou ordinário, nessa chave de leitura, era passível de ser tachado como monstruoso. Alexa Wright, ao elencar os monstros como seres transgressivos e quebradores das

¹⁷⁰ LIMA, ref. 168, p. 163.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 165.

¹⁷² *Ibid.*, p. 166.

leis, abre espaço para se pensar como o diferente e o irreconhecível poderiam ser adjetivados ou internalizados como monstros nessa época¹⁷³. Ao sinalizarem uma distinção, esses seres poderiam funcionar, por sua vez, como uma advertência para a violação de fronteiras ou uma subversão das condutas humanas.

Sendo assim, quando se parte para os impressos de 1646 aqui referenciados anteriormente, os quais tratavam o monstro como uma marca da ira divina perante o pecado da humanidade, pode-se pensar como essa estranheza física do ser monstruoso revelava, na realidade, uma ação incomum ou fora do habitual por parte da população cristã. Isto é, sobre como a ação pecadora ou errônea dos homens diante da incoerência com a palavra de Deus resultava em uma responsabilização; isto é: a produção de monstros por obra divina. Dessa maneira, a transgressão ou a conduta imoral dos indivíduos pode ser encabeçada como um dos principais caminhos para a geração de monstros, uma vez que esses desregramentos dos homens e das mulheres sinalizava uma estranheza e abriam espaço para a monstruosidade.

Em igual medida, quando se parte para a análise da descrição física do nascimento de monstros nesses mesmos impressos, em que se menciona a existência de uma figura com mais membros do que o normal (como pernas e braços), pode-se ponderar como a deformidade física era associada a uma bizarrice ou estranheza. Isto é, a estranheza perante a extravagância diante da ordem vigente ou da forma corpórea esperada de um bebê. Como uma projeção que externalizava uma diferença interna, segundo David Hirsch, refletir sobre a monstruosidade em termos de sua estranheza faz considerar como o monstro também era um agente de desfamiliarização, evidenciando um outro e demarcando uma fronteira (fosse ela geográfica, corporal, familiar, sexual, política ou religiosa)¹⁷⁴. Uma vez que os monstros eram elementos definidores a partir da diferença, é possível pensar que a representação desses seres esteve vinculada a sua adjetivação por meio dos vocábulos “estranho”, “repulsivo” ou “diferente”. Tensionar essa linguagem inerente ao trato da monstruosidade no século XVII, evidencia, simultaneamente, as dificuldades em se compreender o diferente que é sinalizado na sociedade.

¹⁷³ WRIGHT, Alexa. Monstrous Strangers at the Edge of the World: The Monstrous Races. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 180.

¹⁷⁴ HIRSCH, David A. Hedrich. Liberty, Equality, Monstrosity: Revolutionizing the Family in Mary Shelley's *Frankenstein*. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 126.

2.3 Ver para crer o monstro

Ao trabalhar com os impressos efêmeros, além de uma ênfase nos aspectos tipográficos dos textos e as ressonâncias encontradas entre os documentos do século XVII, explorou-se até o momento as complexidades dos materiais oriundos da prensa, tangenciando elementos relativos ao formato, aos títulos e aos elementos retóricos, vide a presença de testemunhas ou a postura moralizadora pelas narrativas. Uma vez que se prioriza uma análise das representações textuais que eram construídas sobre os monstros, cabe ir adiante dos itens gráficos e considerar a descrição das deformidades desses seres e os apontamentos sobre os seus corpos físicos. Por isso, a dimensão visual desses documentos, bem como as interlocuções dessas representações imagéticas com os tratados teratológicos da época revelam-se pertinentes neste capítulo.

A presença de gravuras fomenta um frutífero espaço para se pensar como os monstros também eram representados imageticamente em impressos efêmeros e como essas imagens poderiam ser lidas pelo público, uma vez que boa parte da população inglesa do século XVII ainda era analfabeta¹⁷⁵. Embora analisando periódicos do século XIX, as ideias de Ana Luíza Martins auxiliam a compreender como as representações imagéticas cumpriam um importante papel face à ausência de um letramento total da população, uma vez que elas facilitavam o acesso do conteúdo das obras “[...] até mesmo ao público menos afeito à leitura, se não à população analfabeta”¹⁷⁶. Amparado em sua argumentação, pode-se delimitar como, “[...] desde os incunábulo, a ilustração se fizera presente nos textos, diversificando-se com o passar dos anos através de iluminuras, xilogravuras, litogravuras, águas-fortes”¹⁷⁷, de modo a enriquecer as publicações e torná-las aptas a um maior e mais amplo consumo.

Nesse sentido, busca-se neste tópico analisar as imagens veiculadas em alguns dos impressos previamente selecionados pela dissertação, evidenciando em que medida a representação imagética colidia com a descrição textual e de que modo essas gravuras facultam uma apreensão da deformidade monstruosa. Defende-se, nessa perspectiva, como boa parte dessa iconografia complementava as narrativas textuais fornecidas pelos impressos, concedendo ainda uma visualização das anomalias corporais que configuravam o ser anômalo

¹⁷⁵ Luca Baratta (2016, p. 223) indicou em sua tese como as baladas e os panfletos eram materiais impressos de forma mais rápida e com ampla distribuição na capital ou reino, auxiliando a penetração generalizada de ideias por meio do uso da linguagem icônica, ultrapassando as fronteiras do analfabetismo.

¹⁷⁶ MARTINS, Ana Luíza. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**, São Paulo (1890-1922). 1. ed. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2008. p. 40.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 40.

como um monstro, de fato. Em consonância, sugere-se aqui que essas gravuras estavam inseridas dentro de um circuito de imagens e estudos teratológicos, os quais envolviam ainda a reutilização de ilustrações, mas também um diálogo com as apreensões médicas, teológicas e filosóficas sobre os corpos monstruosos no século XVII.

É importante frisar, todavia, que a presente pesquisa focaliza os chamados impressos efêmeros. Para que esses textos alcançassem uma maior parcela de leitores, era essencial que o seu custo fosse reduzido, de forma que, quando ilustrados, apresentavam poucas gravuras, uma vez que a quantidade demasiada de imagens poderia acarretar um aumento do custo e, por conseguinte, da venda do impresso. Não por acaso, Barber indica como jornais e panfletos continham, no geral, apenas uma imagem¹⁷⁸. Essa mesma característica pode ser observada no montante de fontes aqui analisadas, as quais continham apenas uma gravura no máximo, sendo ela disposta logo na folha de rosto do impresso. Além de chamarem a atenção do possível leitor e comprador do impresso, elas já indicavam um prenúncio do relato a ser narrado, bem como da visualidade do monstro representado.

Como demonstrou Yago, é possível atribuir um papel ao olhar no trato do prodigioso. Desde a etimologia em latim de monstro (*monstrare*), que indica o “mostrar algo”, tem-se uma dimensão visual que colide com a temática da monstruosidade¹⁷⁹. Não por acaso, muitos dos textos sobre esse assunto se valiam de verbos como “revelar”, “visualizar” ou “demonstrar” para descrever a aparição monstruosa. Sendo a visão algo que distancia, separa e atribui sentido, classificando e hierarquizando os objetos, pode-se pensar como o monstro poderia ser consumido e interpretado visualmente na Primeira Modernidade. Uma fração dessa perspectiva óptica nos impressos efêmeros pode ser apreciado a partir da menção de testemunhas oculares nas narrativas sobre nascimentos monstruosos. Uma vez que elas relatavam ter visto ou identificado o monstro, elas transpareciam como o olhar sobre ocorrido era importante, ao passo em que ele atribuía uma autenticidade àquilo que era reportado¹⁸⁰.

Ainda que muitos desses artistas de imagens tenham se mantido anônimos, é possível verificar a existência de certos estilos e “[...] convenções pictóricas utilizadas” na produção de

¹⁷⁸ BARBER, ref. 125, p. 23.

¹⁷⁹ YAGO, Daniel Françoli. **A caravana dos prodígios: Maravilhas, figuras grotescas e freaks** na obra “Noites no Circo” de Ângela Carter. 2017. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 82.

¹⁸⁰ Palmira da Costa, ao analisar o lugar das imagens na percepção e entendimento do corpo monstruoso, argumenta como “as imagens desempenhavam assim um papel relevante pelo facto de, em maior ou menor grau, permitirem recriar na audiência um efeito de testemunha virtual deste tipo de observações conferindo assim um maior grau de validade às mesmas” (Costa, 2016, p. 13).

gravuras¹⁸¹. Boa parte das ilustrações contidas nos impressos efêmeros “[...] eram produzidas com o nascimento monstruoso já em mente”¹⁸², uma vez que existia uma correlação entre o texto e a imagem. Julia Crawford, acerca desse tópico, “[...] teria encontrado em suas análises apenas uma xilogravura de uma publicação de nascimento monstruoso que não teria sido criada unicamente para o texto o qual ilustrava”¹⁸³, o que reitera como o elemento textual e visual, no geral, se complementavam. Além disso, a representação visual poderia assumir diferentes propósitos no texto – desde informar e ilustrar, até mesmo servir de elemento atrativo para a compra do impresso ou prestar um papel moralizador para o público leitor.

Isso fica ainda mais nítido quando se depara com alguns dos documentos aqui selecionados, uma vez que eles demonstram essa consonância entre a narrativa e os detalhes das ilustrações que os acompanhavam. É o caso das fontes datadas de 1609 (Uma verdadeira relação do nascimento de três monstros na cidade de Namur, em Flandres¹⁸⁴), 1617 (Uma maravilha que vale a leitura, ou, uma relação verdadeira e fiel de uma mulher¹⁸⁵), 1635 (Uma verdadeira e certa relação de um nascimento estranho que nasceu em Stone-house, na freguesia de Plymouth, no dia 20 de outubro de 1635¹⁸⁶), 1643 (Contemple o monstro de Roma em sua besta monstruosa!¹⁸⁷) e 1646 (A declaração de um monstro estranho e maravilhoso¹⁸⁸).

Embora autores como Joy Wiltenburg tenham apontado para a reciclagem ou readaptação de gravuras na construção de impressos da Primeira Modernidade, privilegia-se

¹⁸¹ COSTA, Palmira Fontes da. O lugar das imagens na percepção e entendimento do corpo monstruoso, 1550-1750. *ArtCultura*, [s. l.], v. 18, n. 32, 2016. p. 13.

¹⁸² DIRKS-SCHUSTER, ref. 53, p. 31, tradução própria. No original: “[...] describing a monstrous birth, the block was almost exclusively cut with that individual in mind, and the text and image complemented each other”.

¹⁸³ Crawford, 2005, p. 9 *apud* Dirks-Schuster, ref. 53, p. 31, tradução própria. Tradução livre de: “For example, Julie Crawford found only one woodcut from a monstrous birth publication 1560-1660 which was not created uniquely for the text it illustrated”.

¹⁸⁴ A TRUE relation of the birth of three monsters in the city of namen n Flanders as also gods iudgement vpon an vnnatural sister of the poore womans, mother of these obortiuie children, whose house was consumed with fire from heauen, and her selfe swallowed into the earth. all which hapned the 16. of december last. 1608. London: Simon Stafford, 1609.

¹⁸⁵ A WONDER vvorth the reading, or, A true and faithfull relation of a woman, now dwelling in Kentstreet who, vpon Thursday, being the 21 of August last, was deliuered of a prodigious and monstrous child, in the presence of diuers honest, and religious women to their wonderfull feare and astonishment. London: William Iones, 1617.

¹⁸⁶ BEDFORD, Thomas. **A true and certaine relation of a strange-birth which was borne at stone-house in the parish of Plimmouth, the 20. of october. 1635.** Together with the notes of a sermon, preached octob. 23. 1635. in the church of Plimmouth, at the interring of the sayd birth. by Th. B. B.D. Pr. Pl. 1635. London: Anne Griffin, 1635.

¹⁸⁷ VICARS, John. **Behold Romes monster on his monstrous beast!**. London: [s. n.] for William Peake, 1643.

¹⁸⁸ A DECLARATION of A Strange and Wonderfull MONSTER: born in Kirkham Parish, in Lancashire (the childe of Mrs. Houghton, a Popish gentlewoman) the face of it upon the breast, and without a head (after the mother had wished rather to bear a childe without a head then a Roundhead) and had curst the Parliamnet [sic]. Attested by Mr. Fleetwood, minister of the same parish, under his own hand; and Mrs. Gattaker the mid-wife, and diuers other eye-witnesses: whose testimony was brought up by a member of the House of Commons. Appointed to be printed according to order: and desired to be published in all the counties, cities, townes, and parishes in England: being the same copies that were presented to the Parliament. London: Jane Coe, 1646.

aqui a ideia de que essas imagens eram selecionadas e criadas, na maioria dos casos, em conformidade às narrativas textuais, na medida em que o exame das fontes desta pesquisa permite tal leitura. Ainda que a semelhança entre as ilustrações pudesse fazer parte da construção tipográfica de um documento, a presença de detalhes e similitudes entre a imagem do impresso e a história por ele relatada, aponta para uma escolha imagética muito bem pensada, ainda que vários textos apresentassem narrativas similares. Desse modo, mesmo essa reutilização dos mesmos modelos das ilustrações não era ao acaso, mas sim com o objetivo de fundamentar o texto que as acompanhavam. Além de atribuírem um senso de credibilidade, elas complementavam a representação textual, possibilitando a visualização ocular daquilo que estava sendo expresso pela palavra escrita.

Dessa forma, ainda que se pese a particularidade das imagens no que diz respeito à sua correlação ou não com a história narrada, sugere-se aqui uma circularidade de gravuras durante o século XVII. Ou ainda, a ideia de um circuito de imagens, cujo repertório promovia e facultava o acionamento e a repetição de um *corpus* imagético. Com uma longa tradição que remonta aos bestiários medievais, bem como aos mapas-múndi e aos gabinetes de curiosidade que proliferaram a partir das grandes navegações, o retrato do outro, do insólito e do maravilhoso ganhou um espaço privilegiado com a prensa. Como sublinha Maristela Toma, a partir do século XVI, tem-se um momento de grande produção material visual, vide os catálogos ilustrados relativos às profecias ou à astrologia¹⁸⁹. No caso desses textos, muitas das descrições sobre os animais eram associadas “[...] à interpretação alegórica, [atendendo] a uma função moralizante”¹⁹⁰.

Além de fornecerem repertório para a teratologia, muitas dessas imagens serviam para estabelecer e disseminar, segundo Bildhauer, o que seria o ser humano *versus* o não humano. Ou ainda, “[...] o bestial, monstruoso e disforme” diante daquele ser considerado “sem deficiências” dentro de uma normatividade¹⁹¹. Utilizadas no decurso do tempo, tais xilogravuras contribuíram para processos de demarcação de fronteiras ou de superioridade de povos, monstificando grupos ou localidades. Stephen Asma, a título de ilustração, ponderou

¹⁸⁹ TOMA, Maristela. Entre Monstros e Maravilhas: Desafiados a dar conta da diversidade da fauna e da flora encontradas nas novas terras, exploradores tiveram de recorrer ao familiar para comunicar o estranho. **História Viva**, São Paulo, n. 14, 2006. Edição especial temática. p. 49.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 47.

¹⁹¹ BILDHAUER, Bettina. Blood, Jews, and Monsters in Medieval Culture. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 193, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] how their challenge to specifically physical and spatial contrasts, to the categories of ‘inside’ and ‘outside’ that mark out the normative social or individual body, makes many monsters what they are”.

sobre como essa monstificação¹⁹² de grupos, ou seja, a associação de indivíduos a monstros, poderia favorecer a construção de agendas políticas¹⁹³. Assim, tem-se, no final do século XVI, uma variedade iconográfica cuja complexidade imaginativa e a pluralidade de significados faziam dessas imagens um importante e rico recurso cultural¹⁹⁴. Conforme ilustra Spinks, em um mundo imerso em turbulências políticas e religiosas, “[...] os impressos contribuíam para tornar os monstros em figuras simbólicas”¹⁹⁵.

Um exemplo dessa influência dos bestiários medievais e de uma tradição imagética sobre monstros dentro da produção cultural impressa da Primeira Modernidade inglesa pode ser pensada por meio da disposição dos chamados “Blêmios”. Ao se olhar para os impressos de 1617, *A wonder vvorth the reading, or, A true and faithfull relation of a woman*, traduzido como “Uma maravilha que vale a pena ler, sobre, uma relação verdadeira e fiel de uma mulher”, e o de 1646, *A declaration of a strange and wonderfull monster: born in Kirkham parish in Lancashire*, descrito no português como “A declaração de um monstro estranho e maravilhoso: nascido na paróquia de Kirkham, em Lancaster”, pode-se perceber a citação de figuras monstruosas sem pescoço, cujo rosto estaria disposto no tórax do ser vivo. Esse tipo de representação dos monstros com a cabeça no peito não era algo exclusivo do século XVII. Segundo Toma, desde Heródoto a Plínio, verifica-se a menção a esse tipo de deformidade, sendo isso retratado, posteriormente, nos bestiários. Com o nome de blêmios, (*Blemmyes*), eles marcaram boa parte da produção teratológica e da descrição de anomalias¹⁹⁶.

Figura 3 - Representação de Alexandre de encontro a homens sem cabeça

¹⁹² Monstificação aqui como um termo adotado para se referir ao processo de criar monstros ou correlacionar determinados indivíduos, grupos ou práticas a uma dimensão monstruosa. Sendo o monstro um produto histórico, nas palavras de Cohen (1996, p. 5), advoga-se aqui a possibilidade de criação de monstros ou uma capacidade de associar determinadas práticas ou seres a essa categoria.

¹⁹³ ASMA, Stephen T. **On Monsters: An Unnatural History of Our Worst Fears**. New York: Oxford University Press, 2009. p. 37-38.

¹⁹⁴ SPINKS, ref. 78, p. 12. Isso pode ser melhor visualizado na seguinte passagem: “*The world of the wondrous had grown in iconographic variety, imaginative complexity and political, religious and social significance by the close of the sixteenth century to become a rich cultural resource*”.

¹⁹⁵ SPINKS, ref. 78, p. 12, tradução própria. No original: “*Print culture and religious turmoil had turned monstrous births into iconic figures in a world teeming with disturbing wondrous signs*”.

¹⁹⁶ TOMA, ref. 189, p. 48.



Fonte: Talbot, John. **Talbot Shrewsbury Book**. Rouen: [s. n.], 1445. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fc/Royal_15. Acesso em: 10 abr. 2025.

Na imagem acima é possível ver tais seres à direita, enquanto Alexandre, representado à esquerda, defrontava-se com essas criaturas, o que alude à presença de um fundo cultural que já abordava essas formas monstruosas. De forma semelhante, essas figuras também apareceram nos mapas-múndi e nos documentos do Medievo, vide a obra *Marvels of the East* (Maravilhas do Oriente), produzida no início do século XII¹⁹⁷. Dedicada a descrever uma variedade de criaturas que habitavam as localidades do Oriente, como Babilônia, Egito, Pérsia e Índia, tal fonte continha ainda a visualização de uma outra representação dos Blêmios.

Figura 4 - Representação dos Blêmios nos bestiários

¹⁹⁷ Rudolf Wittkower (1942, p. 178) se dedicou a melhor trabalhar essa obra, bem como as ressonâncias entre as imagens do Medievo e o local dos blêmios nelas.



Fonte: Fouilloy; Conches. **De Natura Avium**; De Pastoribus et Ovibus; Bestiarium; Mirabilia Mundi; Philosophia Mundi; On the Soul. [1277]. Pintura, têmpera e tinta sobre pergaminho, 23,3 x 16,4 cm.
Disponível em: <https://www.getty.edu/art/collection/object/103RVX>. Acesso em: 3 mai. 2024.

Novamente,   possível visualizar a representação de blêmios e figuras sem cabeças, sendo as imagens do segundo e do terceiro quadrante, da esquerda para a direita, elementos que facultam a visualização desse tipo de criatura pelos artistas da época.

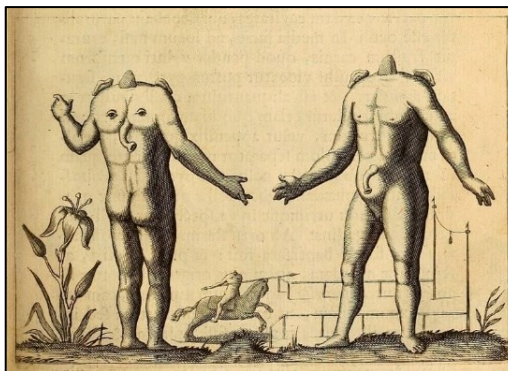
Os blêmios têm também foram retratados no tratado teratológico de Fortúnio Liceti, como exemplificado na imagem seguinte. Exposto de modo frontal e traseiro, os blêmios consistem em um corpo sem cabeça, cuja face assentava-se no peitoral do ser representado. Além da presença de dois olhos, vale pontuar que essa imagem continha ainda, em seu fundo, a representação de um bl mio em cima de um cavalo segurando uma lança, sendo esse ser retratado com um nariz em formato de tromba (tal qual a dos elefantes), tanto nas costas como no ventre.   possível ver ainda a disposição de olhos nos peitos da criatura, além de prováveis representação de orelhas dispostas em cima dos seus ombros¹⁹⁸. Ambroise Par , cirurg o francês brevemente mencionado aqui, também representou esse mesmo ser em sua obra *Monstros e prodígios*¹⁹⁹ em 1573, evidenciando a presença de uma tromba. A coincidência das formas leva a pensar também na possibilidade de interpretação dos monstros a qual privilegiava

¹⁹⁸ Vitor Paiva (2021), em um artigo publicado na *Hypeness*, dedicou-se a trabalhar a forma física dos blêmios e pontuou como os monstros medievais ajudaram a criar certos preconceitos no imaginário popular. Porém o texto “Os Monstros na Cultura Medieval”, de Paulo Soares (2011), demonstra como muito desse imaginário medieval e dos Bestiários adv m de um longo interesse pelo monstruoso e a construção de alegorias.

¹⁹⁹ No original: *Des monstres et prodigies*.

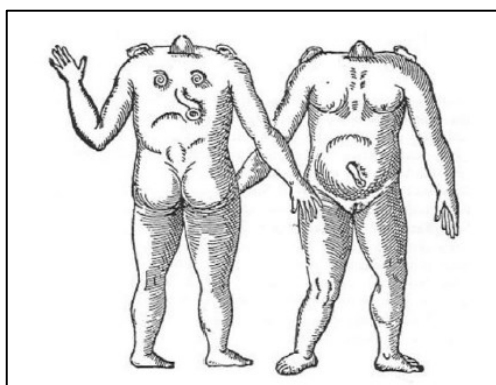
a junção de elementos humanos com partes de animais, em uma própria alusão da monstruosidade à bestialidade. Ou seja, o diferente e, por conseguinte, não humano.

Figura 5 - Ilustração de Blêmios na edição de 1664 de Liceti, De monstruorum



Fonte: AS ILUSTRAÇÕES do livro 'De monstruorum' de Fortunio Liceti. 1665. **Cúlti & Pópi**, 28 set. 2014. Disponível em: <https://culti-e-popi.blogspot.com/2014/09/as-ilustracoes-do-livro-de-monstruorum.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Figura 6 - Monstruo femenino sin cabeza, retratado na obra Des monstres et prodiges



Fonte: PARÉ, Ambroise. **Monstruos y prodigios**. Tradução de Ignacio Malaxecheverría. Madrid: Titivillus, 2019. p. 52.

A vista disso, pode-se pensar que a construção imagética dos impressos efêmeros aqui representados não surgiu ao acaso. Ao contrário, estavam inscritas dentro de um processo de circularidade de modelos de imagens que demonstra, mais uma vez, uma correlação entre a produção tipográfica de panfletos, baladas ou folha soltas com aqueles tratados médicos e teratológicos do século XVI e XVII. Por mais que as imagens pudessem ser escolhidas especificamente para compor um impresso, elas estavam inseridas dentro de um conjunto de gravuras já existentes na época. Além de uma fluidez entre o que seria tido como literatura erudita ou científica com aquela barata e popular, pode-se pensar como a construção de gravuras

envolvia um processo de apropriação de modelos ilustrativos já existentes e mencionados anteriormente em outras obras. Ou seja, existia um fundo intelectual e visual destinado à monstrosidade na época moderna.

Em uma outra perspectiva, esse foco dos impressos em representações de monstros com duas cabeças, vários membros ou anormalidades em sua forma física era algo comum, de modo que muitos textos enfatizavam a capacidade do monstro de falar ou não, bem como a funcionalidade do seu órgão reprodutor. Presentes desde a Grécia Antiga, chama-se a atenção aqui não somente para os blêmios, mas também para a menção de outros seres como os Ciápodas, Pigmeus ou Cinocéfalos. John Friedman dedicou-se a esse assunto com a obra *The Monstrous Races in Medieval Art and Thought* (“As raças monstruosas na arte e no pensamento medievais”) e o seu estudo sobre as chamadas raças monstruosas. Para ele, os relatos escritos ou verbais de viagens e aventuras, apoiados por líderes como Alexandre, o Grande (século IV a.C.), influenciaram os registros literários e visuais subsequentes²⁰⁰.

É daí, por sua vez, que veio a ideia de várias raças de monstros. Geograficamente distantes do observador, elas permitem pensar como o outro era apreendido pelo olhar dos europeus, sobretudo do intercâmbio entre a Europa e a Ásia. Conforme menciona Weinstock, a crença nessas raças evidenciava um eurocentrismo na percepção de outros povos ou culturas. Não por acaso, gabinetes de curiosidade e exposições em feiras e shows “[...] misturavam seres humanos deformados e humanos não europeus (especialmente nativos americanos) com animais exóticos e deformados”²⁰¹. Quando muito, essas exposições “[...] evidenciavam habitantes da América, Ásia e África”²⁰². Constata-se, pois, um processo de comparação na construção do repertório iconográfico sobre monstros ao longo do tempo, de modo que o referencial normativo era aquilo conhecido, enquanto o outro, o imaginado, era tido como o monstruoso.

Ao explorar esses tipos de figuras, em especial os blêmios, Asa Mittman também apontou para um outro ponto importante na construção dessas imagens: como o monstruoso e as suas representações fomentavam um *locus* para se tratar do outro e do diferente, de modo

²⁰⁰ WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 14. Tradução própria. No original: “Friedman notes that tales of marvelous races of unusual men suQused the ancient world and that such races were speculated about extensively in the works of several authors [...] as well as in works commissioned by and attributed to Alexander the Great in the fourth century b.c.e.”.

²⁰¹ WEINSTOCK, ref. 200, p. 17, tradução própria. Tradução do original: “Cabinets of curiosity collected various kinds of unusual artifacts, while exhibitions at fairs and shows mixed deformed human beings and non-European humans especially Native Americans [...] with exotic and deformed animals”.

²⁰² *Ibid.*, p. 17, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] such fairs exhibited inhabitants of America, Africa, and even Asia with increasing frequency”.

que esse “[...] esforço de nominar é, portanto, uma forma de controle”²⁰³. Para a autora, ainda que esses seres fossem distintos daqueles humanos considerados normais, ainda era necessário um componente de familiaridade neles para a sua identificação ou apreensão. Nesse caso, a construção desses indivíduos perpassava pelo processo de categorização do mundo e o estabelecimento daquilo que seria considerado dentro das expectativas naturais e sociais. O desvio ou a falta eram tidos, desse modo, como seres monstruosos. Nas palavras da autora, “[...] muitos grupos culturais procuraram definir-se através de um processo contínuo de diferenciação dependente”, de modo que, para os anglo-saxões, essa “[...] definição por meio da diferença era particularmente crucial”²⁰⁴.

Isso reitera a ideia de que a transgressão de normas, aparências ou posturas eram passíveis de serem consideradas como monstruosas na Modernidade, uma vez que elas significavam também a violação da ordem existente. Dessa forma, a anomalia física do corpo monstruoso, representado nas gravuras, contribuía ainda mais para uma reação de horror e desgosto perante a sociedade. A deformidade de sua estrutura não era apenas uma personificação do caos social, mas também da desordem moral e ontológica. E, no caso, ver isso por meio das gravuras, potencializava o fascínio e o medo em relação aos monstros, além de transpor o monstruoso àqueles que não podiam ler, exacerbando a estranheza e o possível medo do monstro que acompanhava o relato ouvido e lido.

Diante dessa relação ambígua perante o monstruoso, conforme expõe Elizabeth Grosz, acorda-se aqui a “[...] existência de um horror e admiração por esses seres de forma simultânea”²⁰⁵. Como criaturas que desafiavam os limites daquilo que separava o eu do outro, cabe atentar também à dimensão física desses seres, uma vez que a deformidade ou a anomalia por eles esboçada externalizava a sua diferença e, por conseguinte, a sua rejeição social. Ao passo em que os monstros complexificavam os entendimentos acerca do próprio corpo e suas regularidades, o “[...] corpo desses seres também pode ser visto como pura cultura”²⁰⁶. Ao embasar-se nessa premissa, estruturas deformadas, mutiladas, incompletas, estranhas ou esteticamente deterioradas formavam um espaço para uma monstificação; isto é, a associação

²⁰³ MITTMAN, Asa Simon. **Maps and Monsters in Medieval England**. New York: Routledge, 2006. p. 84. Tradução livre de: “*This effort [...] is one of nomination and therefore of control*”.

²⁰⁴ MITTMAN, ref. 203, p. 5. Tradução livre da passagem: “*Many cultural groups have sought to define themselves through ‘an ongoing process of dependent differentiation,’ establishing themselves in relation to their Others, but for the Anglo-Saxons, this ‘definition by means of difference’ was particularly crucial*”.

²⁰⁵ GROSZ, Elizabeth. Intolerable Ambiguity: Freaks as/at the Limit. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 273. Tradução própria. Tradução livre de: “*The simultaneous horror and fascination with these people*”.

²⁰⁶ COHEN, Jeffrey Jerome. Monster Culture (Seven Theses). In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **A monster theory reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 38. Tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*The monstrous body is pure culture*”.

de certos seres a monstros. Não por acaso, em muitos impressos efêmeros, constata-se como a monstrosidade era expressada por meio da presença de traços feios ou anormais, como no documento de 1617, o qual relatava o nascimento de uma criança monstruosa em “[...] sua forma hedionda e terrível”²⁰⁷.

Além de serem objetos de curiosidade e investigação, tais fenômenos vociferavam ansiedades em relação à reprodução e aos aspectos subversivos da corporeidade humana. Casos de hibridização, gêmeos siameses ou hermafroditas eram exemplos notórios de monstrosidades que, além de atraírem a curiosidade, chamavam a atenção para as deformidades aparentes no momento da concepção das espécies. Embasando-se no trabalho de Grosz, pode-se pensar que esse tipo de anomalia, a qual envolvia algum tipo de duplicação da forma humana (como duas ou mais cabeças, membros ou órgãos sexuais), estava ligado a um receio da própria incompletude corporal que assolava os indivíduos²⁰⁸. Por vezes, o excesso de partes do corpo era mais desconfortável do que a escassez de membros ou de órgãos.

Esse aspecto de estranheza e duplicação pode ser visualizada na fonte de 1635, a qual reporta um parto de gêmeos siameses na região de Plymouth. A maior parte das descrições monstruosas nos séculos XVI e XVII referia-se a esse tipo de caso²⁰⁹, uma vez que o nascimento de indivíduos nessa condição era algo raro, o que suscitava curiosidade e atenção. O notável, contudo, é a disposição desse tipo de má-formação nesse impresso. Anunciado por uma gravura, a anomalia dos gêmeos também poderia ser visualmente apreendida pelo leitor da época por meio da sua representação imagética.

Figura 7 - Frontispício do impresso *A true and certaine relation of a strange-birth which was borne at stone-house in the parish of plimmouth, the 20. of october. 1635*

²⁰⁷ Trad. livre do original: “*In this hideous and fearefull forme*” (A wonder [...], 1617, p. 7).

²⁰⁸ GROSZ, ref. 205, p. 274.

²⁰⁹ BATES, ref. 119, p. 17. Tradução livre do original: “[...] *double monsters (conjoined or ‘Siamese’ twins), which were by far the most common type of monstrous birth described in the sixteenth and seventeenth centuries*”.



Fonte: BEDFORD, Thomas. **A true and certaine relation of a strange-birth which was borne at stone-house in the parish of Plimmouth, the 20. of october. 1635.** London: Anne Griffin, 1635. p. 1.
Disponível em: <https://www.proquest.com/books/true-certain-relation-strange-birth-which-was/docview/2248529477/se-2>. Acesso em 13 jan. 2024.

Com um foco sobre essa imagem em específico, pode-se visualizar a representação de um nascimento siamês, cujos irmãos encontravam-se fundidos na barriga. Por mais que o impresso se referisse a um nascimento ocorrido em 1635, é válido pontuar que a forma física aqui retratada não se assemelhava a um corpo de bebê, ou recém-nascido, propriamente dito²¹⁰. Além de ser disposto em um tamanho maior, a gravura alocava os dois indivíduos como maiores, portando-se de pé e em posição de abraço. Por outro lado, ainda que os outros membros do corpo, como pernas e braços, fossem ilustrados de maneira normal, é pertinente notar a presença de uma cruz invertida pendente do umbigo compartilhado pelos irmãos. A julgar por essa representação, cabe ir além da funcionalidade biológica do umbigo: isto é, a sua capacidade de acordar a comunicação entre o embrião e a placenta.

Para a Bíblia, o umbigo era considerado como a fonte da vida, uma vez que era por meio dele que ocorreria a nutrição e a sobrevivência do feto. Além de ser visto como um órgão sagrado e poderoso, ele correlacionava-se ao processo de geração da vida na terra. Isso fica ainda mais perceptível quando se defronta com a passagem do livro de Jó, capítulo 40, versículo 16: “Eis que a sua força está nos seus lombos, e o seu poder, no umbigo do seu ventre”²¹¹. Como uma marca de nascença, em alusão a uma primeira cicatriz dos homens, o umbigo também

²¹⁰ É necessário, no entanto, que se pontue que essa característica não é exclusiva dessa gravura, uma vez que a representação de crianças como miniadultos era recorrente na arte do Medievo e da Primeira Modernidade.

²¹¹ A BÍBLIA Sagrada. Revisão da Bíblia do Padre João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida de 1914. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015. p. 868.

evidenciava o vínculo carnal do ser humano com o outro; isto é, do bebê com a sua mãe. No entanto, no caso acima, esse umbigo comportaria um outro laço: o da ligação entre os gêmeos.

Já no que tange à presença de uma cruz invertida nessa região, advoga-se a possibilidade de um significado mais profundo por detrás desse símbolo²¹². O uso desse elemento pode, provavelmente, ser lido aqui como uma referência à própria anormalidade desse nascimento, o qual se encontrava em descompasso às expectativas de uma formação tida como normal para o feto. Essa inversão da cruz também se assemelhava à situação dos gêmeos, uma vez que eles eram avessos à realidade dos nascimentos considerados comuns. Ao ater-se ainda à primordialidade da cruz enquanto um símbolo para os cristãos, pode-se supor que a sua disposição de modo contrário na gravura indicava uma imagem negativa de Cristo, evocando uma rejeição aos ensinamentos cristãos e à palavra de Deus.

Desse modo, uma vez que o nascimento dos gêmeos no impresso de 1635 foi descrito como fruto do pecado e da postura insolente da mãe, a representação da cruz invertida no umbigo desse ser remete à situação contrária às expectativas do Criador. A inversão da prática cristã e do nascimento aquém das expectativas normais reverberava, portanto, na inversão da cruz ali disposta e se manifesta como uma desaprovação divina. Essa interpretação revela-se ainda mais oportuna quando se depara com o uso da cruz invertida em uma associação ao Anticristo ou aos atos satânicos, vislumbrados aqui como um indicativo do mundo de *ponta-cabeça*²¹³ e a própria contraversão do processo de geração da vida.

Ao debruçar-se sobre essa ilustração mais uma vez, também é possível verificar que essa imagem de gêmeos siameses unidos era familiar a outros impressos do período. Ela pode ser contemplada, de modo semelhante, nas obras teratológicas de Conrad Lycosthenes (*Prodigiorum ac ostentorum chronicon*) e Ambroise Paré, de 1575.

Figura 8 - Exemplo de gêmeos siameses na obra *Prodigiorum ac ostentorum chronicon*

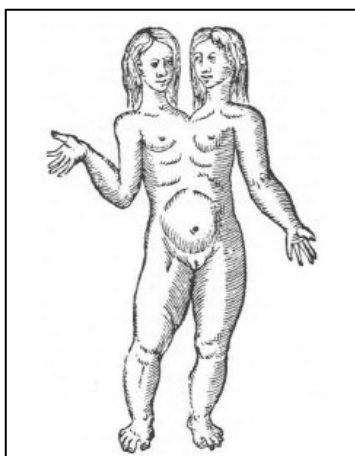
²¹² Sabe-se que na tradição católica a cruz invertida, a princípio, fazia referência ao processo de crucificação de São Pedro, o qual, por não se considerar digno de morrer tal qual Jesus, pediu que sua morte fosse de cabeça para baixo. Em outras leituras, a cruz invertida também foi associada às chaves para o céu (Strawbridge, 2020, p. 22).

²¹³ Silvia Liebel (2006, p. 22), ao analisar as representações do mundo às avessas na Europa moderna, associa a cruz invertida à inversão da esfera do sagrado em uma gravura de Crispin de Passe na qual o globo invertido, com a cruz para baixo, tem o diabo como seu mestre.



Fonte: LYCOSTHENES, Conrad. **Poridigiorum ac ostentorum chronicon**. Basel: Heinrich Petri, 1557. p. 573. Disponível em: https://archive.org/details/BIUSante_01429. Acesso em: 4 mai. 2025.

Figura 9 - Niña con dos cabezas, representada na de Ambroise Paré, de 1575



Fonte: PARÉ, Ambroise. **Monstruos y prodigios**. Tradução de Ignacio Malaxecheverría. Madrid: Titivillus, 2019. p. 24.

Ambas as imagens acima representam gêmeos siameses, porém, diferente da gravura do impresso de 1635, esses nascimentos comportavam a mesma quantidade de membros, compartilhando os braços e as pernas. No entanto, é válido pontuar que, nessas duas imagens, há uma diferença relativa ao gênero. Enquanto a obra de Lycosthenes focaliza um caso de gêmeos siamês homens, dado o enfoque na genitália masculina, a representação de Paré debruça-se sobre um caso de mulheres. Dessa forma, a atenção aos seios, ao órgão genital e à quantidade de cabelo, faz ressaltar a existência de um caso de gemelidade feminina, no qual as meninas estavam fundidas pela barriga. Essa representação de gêmeos siameses envolvendo mulheres foi algo evidente nas gravuras da obra do cirurgião francês, aparecendo de diferentes formas, vide a ilustração abaixo.

Figura 10 - Dos gemelas pegadas y unidas por la parte posterior, representada na obra de Ambroise Paré, de 1575



Fonte: PARÉ, Ambroise. **Monstruos y prodigios**. Tradução de Ignacio Malaxecheverría. Madrid: Titivillus, 2019. p. 25.

A partir dessa análise, reitera-se a existência de um repertório de imagens que permeavam os tratados teratológicos e a literatura impressa barata. No caso dos gêmeos siameses, sublinha-se ainda como esse tipo de anomalia era enquadrada conforme o tipo de aparência corpórea que eles apresentavam. Bates elenca como os gemelares poderiam ser classificados conforme a união, a exemplo dos toracópagos (gêmeos unidos no tórax) e dos onfalópagos (gêmeos unidos no abdômen)²¹⁴. Esse tipo de duplicação era associado ao excesso de sementes, como apontou Paré em seu tratado sobre monstros. No entanto, em uma outra leitura, eles poderiam ser vistos como marcas da ação divina, uma vez que os corpos de gêmeos siameses eram usados para se apontar um pecado sexual²¹⁵. Segundo Wood e Schillace, a duplicidade era vista como um indicativo do adultério²¹⁶; em outras palavras, a ideia de que a mulher tinha mais de um homem envolvido na produção da criança, o que levaria a uma repetição de membros.

²¹⁴ BATES, ref. 119, p. 178.

²¹⁵ CRAWFORD, 2005, p. 94 *apud* WELCH, Heather. *"Unnatural Cruel Beasts in Women's Shapes": The Female Body in Early Modern England*. 2020. Dissertation (Degree of Doctor of Philosophy) – College of Arts and Science, Georgia State University, Georgia, 2020. p. 155.

²¹⁶ WOOD, Andrea; SCHILLACE, Brandy (ed.). *Unnatural Reproductions and Monstrosity: The Birth of the Monster in Literature, Film, and Media*. New York: Cambria Press, 2014. p. 118. Tradução Própria. No original: “[...] perceives the twin infants as compelling, tangible, and damning proof of another woman’s adultery”.

Esse tipo de má formação poderia ainda ser utilizado para representar conexões ou separações políticas, sendo o corpo dos gemelares uma metáfora para a realidade de governos ou atritos na cena pública, como pontua Pingree²¹⁷. O confronto entre parlamentaristas e monarquistas na Inglaterra, sobretudo quando se menciona o regicídio de Carlos I e a substituição de uma monarquia por uma república, seguida, posteriormente, de uma restauração política, será um cenário privilegiado para o relato de tais aparições.

Além desse tipo de anomalia física retratada acima, os casos de hermafroditas também eram alvos de curiosidade, sendo constantemente relatados nos impressos e associados, por vezes, a um castigo divino por alguma falha. Duplamente monstrificados por conta de seu excesso de forma e o seu defeito de função, esses seres eram ainda mais problemáticos, uma vez que violavam as fronteiras sociais de gênero ao possuírem a genitália masculina e feminina. Heather Welch, ao analisar o impresso de I.R., *A Most Strange and True Discourse of the Wonderful Judgement of God* (Um discurso muito estranho e verdadeiro sobre o maravilhoso julgamento de Deus), publicado em 1600, indica a presença de um caso de hermafroditismo na narrativa²¹⁸. Ao passo em que o autor do impresso alertava para a existência de pecados sexuais como incesto, adultério e formicação, a narrativa se concentrava em expor o nascimento de uma criatura estranha em virtude da luxúria e da má conduta de uma dada mulher. Ao descrever o parto doloroso e desordenado da moça, relata-se que ela teria dado à luz a uma “[...] criança com uma cabeça muito longa com olhos desiguais que se projetam para fora, nariz achatado e boca pequena, com nenhum sinal evidente do sexo”²¹⁹.

Por conseguinte, vislumbra-se aqui um possível caso de hermafrodita. Todavia, é importante frisar que, ainda que se tenha a “[...] prevalência de ‘hermafroditas’ entre os nascimentos monstruosos”, boa parte desses registros poderia ser enganosa, uma vez que “[...] muitos relatos foram originalmente descritos com base em uma ‘indiferença sexual’ (falta de diferenciação da genitália externa) apresentada pelos fetos nos primeiros meses de seu

²¹⁷ PINGREE, Allison. America's United Siamese Brothers: Chang and England Nineteenth-Century Ideologies of Democracy and Domesticity. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 112.

²¹⁸ WELCH, ref. 215, p. 156, tradução própria. No original: “These punishments for sin also included intersex births”.

²¹⁹ I. R., 1600, p. 5-6 *apud* WELCH, ref. 215, p. 161. Tradução própria. No original: “[...] the author describes the infant as having a too long head with unequal eyes that bulged out, a flat nose and a small mouth, “no evident sign of the sex, either of man or woman, having the perfect members of neither”.

desenvolvimento”²²⁰. Desse modo, não se tratava, muitas vezes, de um “[...] verdadeiro hermafroditismo (presença de genitália masculina e feminina) no sentido moderno”²²¹.

Ainda que o caso acima, apontado previamente por Welch em sua análise, permita a visualização de um caso de hermafroditismo pelos impressos efêmeros, cabe salientar como esse tipo de nascimento já comportava em si próprio uma dimensão desviante. Ele tem uma linguagem própria que lhe atribuía um *locus* de expressão de coisas que, até então, não poderiam ser ditas tranquilamente. Nas palavras de Kathleen Long, o próprio “[...] corpo ganha significado dentro do discurso apenas no contexto de relações de poder”²²². Nessa apreensão, a “[...] sexualidade, enquanto uma organização historicamente específica de poder, discurso, corpos, e afetividade”²²³, faz com que se considere como as variações e as desordens eram elementos de temor, necessitando ser controladas.

O destaque para esse tipo de monstruosidade faz pensar em como os corpos monstruosos e as representações textuais e imagéticas desses seres aludiam para as angústias e tensões que assolavam as sociedades, tanto no que diz respeito às inquietações no âmbito da fé, como nas apreensões médicas e filosóficas sobre os indivíduos e a sua constituição física. Desse modo, a questão da desproporção ou do excesso e da falta de membros poderia ser interpretado de diferentes maneiras e mesclava tanto explicações naturais, como também religiosas. Isso só contribui para reforçar a ideia aqui defendida de que a construção dos impressos perpassava por um fundo intelectual e uma interpretação teológica do mundo que estimulavam a circularidade das concepções sobre o corpo do monstro e as gravuras sobre esses seres. Face à reutilização de imagens e à ressonância de interpretações médicas e tratadísticas para as narrativas textuais, pode-se delimitar como a produção impressa desse período era dinâmica e com um diálogo entre textos voltados a públicos distintos. Mais do que isso, como a anomalia, a desproporção e a assimetria eram traços passíveis de serem monstrificados.

²²⁰ BATES, ref. 119, p. 24, tradução própria. Traduzido livremente do original: “*The prevalence of ‘hermaphrodites’ amongst monstrous births is misleading as many were originally described as sexum utroque or utriusque generis, which suggests that ‘sexual indifference’ (lack of differentiation of the external genitalia) shown by fetuses in the first months of their development was being described*”.

²²¹ *Ibid.*, p. 24, tradução própria. Tradução livre de: “[...] rather than ‘true’ hermaphroditism (the presence of both male and female genitalia) in the modern sense”.

²²² LONG, Kathleen Perry. Hermaphrodites Newly Discovered: The Cultural Monsters of Sixteenth-Century France. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 187. Tradução própria. No original: “*The body gains meaning within discourse only in the context of power relations*”.

²²³ *Ibid.*, p. 187, tradução própria. Tradução livre de: “*Sexuality is an historically specific organization of power, discourse, bodies, and affectivity*”.

3 O MONSTRUOSO SOB O PLANO DIVINO

A monstrosidade, enquanto uma temática de estudos, permite diferentes campos de análise mediante tempo e espaço. Ao focalizar nos impressos efêmeros produzidos na Inglaterra da Primeira Modernidade, indaga-se sobre como tais materiais se construíram mediante a condição política, social e, principalmente religiosa dessa sociedade face ao turbulento mundo de *cabeça para baixo* do século XVII. Nesse capítulo, debruça-se especificamente sobre o local da religião, almejando traçar em que medida esses documentos impressos se conectavam ao quadro religioso inglês, evidenciando ainda possíveis interlocuções com a Reforma Religiosa, as discussões teratológicas e os eventuais atritos entre anglicanos, puritanos e católicos que eram cotejados na arena política, religiosa e comunitária. Considerando que, no geral, as sociedades ocidentais no período moderno estavam imbricadas em uma perspectiva de leitura de mundo cristã, propõe-se, para além da essencialidade das religiões no cotidiano dos indivíduos, uma inflexão acerca de como esses aspectos religiosos poderiam respingar e margear a produção textual inglesa, modulando o trato do monstro nesses documentos.

Ao ater-se ao papel da religião, salienta-se como ela se configurou no tempo como um importante princípio para a estruturação de boa parte das comunidades na Europa, vinculando-se ao estabelecimento de normas e divisões sociais. Pierre Bourdieu chegou a expor como a religião poderia assumir uma função ideológica, prática ou política de absolutização do relativo e de “[...] legitimação do arbitrário”²²⁴. Ainda que se considere a multidimensionalidade das crenças europeias²²⁵, conforme alerta Scribner, a presente dissertação considera a essencialidade da dimensão da fé no trato das sociedades da Primeira Modernidade, sobretudo quando se pensa no cenário inglês do século XVII. Não por acaso, Alan Bates constatou como esse período na Inglaterra foi marcado por uma intensa propaganda religiosa²²⁶, de modo que as alianças ou as disputas religiosas ganhavam projeção pelos impressos sobre monstros, os quais evocavam uma tônica na ação divina.

Ao considerar essa dimensão religiosa na Inglaterra, faz-se necessário um direcionamento às particularidades ali vivenciadas, uma vez que ela foi um dos países atravessados pela Reforma Religiosa. Mais do que mero quadro de catolicismo *versus*

²²⁴ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 48.

²²⁵ SCRIBNER, Robert W. The Reformation, Popular Magic, and the "Disenchantment of the World". **The Journal of Interdisciplinary History**, [s. l.], v. 23, n. 3, 1993. p. 477.

²²⁶ BATES, ref. 119, p. 16.

protestantismo, parte-se aqui da apreensão de como o escopo religioso inglês era marcado por tensões entre a igreja e o Estado, bem como por atritos entre diferentes grupos de fiéis. Há que se observar que, no caso do Anglicanismo, consoante as assertivas de Luca Baratta, a “[...] redefinição dogmática e a preocupação com a teologia moral”²²⁷ não representaram uma brusca ruptura em relação aos rituais católicos, de tal forma que muitos habitantes ainda mantiveram as antigas tradições devido à ausência de uma orientação espiritual concreta e estável²²⁸.

Julia Crawford esclareceu ainda mais essa ideia ao apontar para a necessidade de se pensar o “[...] protestantismo inglês não como uma imposição geral de uma nova ordem religiosa, mas sim, um processo micropolítico de reforma promulgada através de negociações locais de crença e conformidade”²²⁹, as quais também englobavam aspectos da política. Busca-se evidenciar, por conseguinte, como a mudança religiosa na Inglaterra não foi algo linear, de modo que anglicanos, calvinistas e luteranos não podem ser assumidos como um bloco uniforme. Ainda que se pesem os esforços de uma historiografia revisionista que se dedicou a pensar a Reforma e a sua pluralidade, é válido reiterar, em compasso à argumentação de Walsham, que essas alterações marcam um “[...] processo prolongado, concebido tanto intelectualmente como socialmente”²³⁰. Isto posto, a Reforma não foi a única responsável pelas mudanças culturais na Europa moderna. Ao contrário, ela teria se demonstrado significativa na medida em que teria convergido com outros eventos que ali tomavam curso.

Essa inflexão faz pensar em como as mudanças sociais, políticas e religiosas não ocorreram somente por conta da Reforma, mas sim conjuntamente a ela²³¹. Rodrigo Bentes

²²⁷ BARATTA, Luca. **A Marvellous and Strange Event**: racconti di nascite mostruose nell’Inghilterra della prima età moderna. Firenze: Firenze University Press, 2016. p. 128, tradução própria. No original: “ridefinizione dogmatica [...] theologia morale”.

²²⁸ Vale ressaltar que a Inglaterra rompe com o papado de Roma a partir da separação de Henrique VIII pelo Ato de Supremacia, em 1534. Sob a justificativa de uma oposição aos abusos do clero, o rei passou a ser chefe da Igreja e do Estado simultaneamente. No entanto, mais do que uma ruptura abrupta com as práticas católicas, Henrique VIII teria apresentado a sua igreja como uma instituição equidistante entre a tradição católica e a inovação luterana. As principais mudanças, segundo Baratta, se acordavam na obrigatoriedade de se ler a Bíblia em inglês (e não mais em Latim) e a supressão dos mosteiros católicos, o que possibilitou à Coroa a obtenção de rendimentos com o confisco desses locais. Tal processo, por outro lado, não foi isento de tensões, vide o cancelamento de alguns feriados dedicados a santos e das incertezas dos fiéis quanto aos mecanismos de salvação ou à crença na existência do purgatório e dos sacramentos católicos (como a ordem sacerdotal, a extrema-unção e a confissão).

²²⁹ CRAWFORD, ref. 83, p. 9, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] understand the Reformation and the spread of English Protestantism, not as a blanket imposition of a new religious order, but as a micropolitical process of reform enacted through local negotiations of belief and conformity”.

²³⁰ WALSHAM, Alexandra. The Reformation and ‘the Disenchantment of the World’ Reassessed. **The Historical Journal**, [s. l.], v. 51, n. 2, 2008. p. 526. Tradução própria. No original: “[...] the Reformation (envisaged here as a prolonged process that stretched from the sixteenth to the eighteenth century) must be conceived of as both an intellectual and social process”.

²³¹ Alexandra Walsham (2008, p. 508) também discutiu em que medida a Reforma Religiosa teria contribuído ou não para um desencantamento do mundo, bem como para os novos desdobramentos políticos, culturais e intelectuais da Modernidade. Ao considerar que a teologia não é uma entidade passiva, mas sim, um processo

Monteiro e Silvia Liebel²³² também se dedicaram a esse tema e pontuaram como a ruptura com o papado foi algo multifacetado e plural. Liebel, por exemplo, expôs como a Reforma não ocorreu apenas no nível religioso, mas se extrapolou para áreas da criminologia, da economia, do judiciário e da cultura. Desse modo, ao considerar as mudanças oriundas desse processo, vide a proliferação de livros e o incentivo da divulgação da Bíblia em língua vulgar, a presente dissertação se atém à ideia de que a passagem para o Anglicanismo e a adequação social a ele foi um movimento extenso e dificultoso.

Ao ter em mente tais sutilezas da Reforma, defende-se neste capítulo como essas transformações religiosas forneceram aos fiéis ensejos de tensões e angústias na Inglaterra. Práticas como a aplicação de Livros de Oração Comum ou a destruição em massa de obras de cunho católico não podem deixar de ser vistas como um processo de ordenamento e controle face à nova doutrina. A publicação do *Livro dos Esportes* na década de 1630, os debates em torno dele e a sua presença em impressos efêmeros da década 1640 indicam, nesse caso, como a difusão de textos que versavam sobre as práticas religiosas e o controle dessas eram elementos disruptivos e que poderiam ocasionar desconfortos por certos grupos sociais. Jerome Friedman também enfatiza essa postura ao demonstrar como a instalação do Anglicanismo vinculou-se à proliferação de numerosos e conflitantes movimentos heterodoxos e sectários²³³.

Além dos protestantes ingleses²³⁴, a Inglaterra ainda contava com a existência de outros grupos protestantes, os quais também apresentavam bifurcações entre si. É o caso dos puritanos²³⁵, por exemplo. Além de se encontrar ramificado, ele poderia ser dividido entre os presbiterianos (contrários aos resíduos papistas que ainda persistiam na nova igreja inglesa) e os *Independents* (também conhecidos como Congregacionalistas e que defendiam, de modo

dinâmico e que está constantemente modulando e alterando a sociedade, a autora permite vislumbrar as sensibilidades que se modificaram nas transações que ocorreram dentro e fora do clero. Com isso, favoreceu-se a ideia de uma “Longa Reforma”, de modo a chamar a atenção para o processo de mudanças religiosas em si e as suas variáveis. É o que também pensou Scribner (1993, p. 483) ao delimitar como a Reforma não efetuou um completo rompimento com o passado e os rituais católico.

²³² Alusão aqui às obras *As Reformas Religiosas na Europa Moderna – notas para um debate historiográfico* (2007) e *Abrir janelas nas almas dos homens: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante* (2020), respectivamente.

²³³ Friedman (1993, p. 84, tradução própria) abordou em sua obra como o período do *Interregnum* foi marcado por uma grande proliferação de seitas. O autor demonstrou como a Guerra Civil não pode ser pensada sem que se leve em consideração os conflitos entre “[...] batistas, brownistas e barrowistas, grindletonianos e socinianos, seekers e squatters, diggers e behmenistas, ranters e muggletonianos, independentes, familistas e quakers, antinomianos, anabatistas, niveladores, os quintos monarquistas e, claro, os blackloistas”.

²³⁴ Menção aos ditos anglicanos, com ressalvas ao termo. Refere-se aqui aos protestantes cuja separação da Igreja católica se formalizou por meio da separação de Henrique VIII.

²³⁵ É importante que se frise que o próprio nome puritano também era um termo de abuso, sendo pejorativo e atribuído a protestantes não anglicanos.

geral, a separação do Estado e da igreja de fato)²³⁶. Oliver Cromwell, inclusive, chegou a flertar com parte desse último grupo na década seguinte a 1630²³⁷, o que faculta uma cognoscível conexão dos atritos religiosos com a esfera política²³⁸. Não por acaso, o processo da Guerra Civil, também conhecido na historiografia como Revolução Puritana, chama a atenção justamente para a dimensão da fé que perpassava por tais embates na cena pública²³⁹. Ao lado do rei Carlos I, segundo Baratta, verificavam-se os apoiadores da igreja anglicana e uma parcela da nobreza fundiária, enquanto, ao lado do parlamento, constata-se a presença de puritanos e setores médios da sociedade – isto é, camadas sociais mais populares e uma burguesia urbana²⁴⁰.

Ainda que esta visão reducionista e bilateral tenha sido criticada por Lawrence Stone²⁴¹, a pesquisa procura alocar como as disputas entre monarquistas e parlamentares, por mais amplas que fossem, englobavam aspectos complexos e grupos sociais distintos. Considerar esses grupos plurais que se entremeavam no processo político abre um espaço para considerar como as disputas da época perpassavam por uma dinamicidade, o que abrange a própria dimensão da fé, que não era excluída dos jogos políticos que orbitavam o Parlamento inglês nas décadas de 1640.

Consequentemente, faz um esforço dessa dissertação de ir além de uma visão linear da Reforma Religiosa, a qual aborda um processo de mudança religiosa como uma ruptura abrupta e situada apenas em um marco cronológico. Ao contrário, favorece-se uma reflexão da reforma avante às mudanças institucionais eclesiásticas. Há como ressaltar também uma diligência em se tratar dessas modificações na igreja da Inglaterra sob o nome de Reforma Religiosa em

²³⁶ Luca Baratta (2016, p. 220) aloca em sua tese como esses grupos protestantes se estruturaram, bem como as principais características de cada um. Inclusive, o autor chega a mencionar como os *Independents* de Oliver Cromwell cumpriram um papel fundamental na reorganização do exército parlamentar, contribuindo para a derrota dos *Cavaliers* (apoiadores do rei Carlos I). É após esse fracasso na Batalha de Preston de 1648, inclusive, que o monarca se vê fragilizado e tem a sua decapitação em janeiro de 1649.

²³⁷ George Drake (1966, p. 259) esboçou em seu artigo como Cromwell em 1642 se identificava como parte dos *Independents*. No original: “*At the outbreak of the English Civil War in 1642, Oliver Cromwell was identified with the emerging party of Independent*”. Em uma tradução livre: “Com a eclosão da Guerra Civil Inglesa em 1642, Oliver Cromwell foi identificado com o partido emergente dos Independentes”.

²³⁸ Obviamente, há de se pensar ainda nos calvinistas, batistas e outros grupos religiosos protestantes que floresciam na Inglaterra no século XVII, para além da tradição presbiteriana escocesa. A exemplo, batistas e calvinistas também eram contrários aos resíduos católicos do anglicanismo. Já em relação à questão anticlerical (oposição a existência de bispos), favorece-se também um olhar para a existência de tradições mais descentralizadas do presbiterianismo, o que reforça, mais uma vez, como o cenário religioso era multifacetado.

²³⁹ Patrick Collinson (1988, p. 141) chama a atenção para como os atritos religiosos fermentavam ainda mais o cenário político inglês das décadas de 1640 a 1660, vide a publicação do *Livro dos Esportes* em Lancaster e da ação do Arcebispo Laud, que teria sido, segundo o autor, um dos principais agentes provocadores de conflitos religiosos durante a Guerra Civil. Walsham (2008, p. 516-517) também pontuou isso ao alocar como as ações do arcebispo promoveram uma agenda anticatólica e de incentivo à piedade, ocasionando ainda mais dissidências por parte de outros grupos sociais.

²⁴⁰ BARATTA, ref. 227, p. 220.

²⁴¹ STONE, Lawrence. **The causes of the English Revolution, 1529–1642**. New York: Routledge, 2017.

detrimento do termo Reforma Protestante, comumente utilizado. Ao pensar nessa linha, procura-se sublinhar a pluralidade de grupos que surgiram a partir das dissidências com o papado de Roma, bem como as dinamicidades aplicadas ao processo de estabelecimento de novas crenças. Dialoga-se, assim, com a assertiva de Patrick Collinson ao afirmar que a Reforma inglesa gerou trigêmeos discordantes: a igreja, a dissidência e o papado²⁴².

Contudo, cabe ir adiante. Além desses três irmãos, sustenta-se da ideia de que a Reforma ocasionou novos medos, inquietações e ansiedades. Como esboçado anteriormente por Jean Delumeau, a ruptura com o papado contribuiu para um clima de apocalipse e pessimismo para boa parte da população da Europa moderna²⁴³. A angústia escatológica, projetada pelos impressos, teria propiciado o que o autor chamou de uma “[...] cultura dirigente do medo”²⁴⁴. Liebel também enfatizou o aumento dessa projeção do maligno ao passo em que a Reforma Religiosa acirrou o medo de um Diabo imanente à solta no mundo²⁴⁵. Essa exploração do mal pode ser ainda mais observada quando se leva em conta o aumento da difusão de livros de prodígios, catálogos de presságios e cronologias de fatos extraordinários na Inglaterra. Não por acaso, ao se olhar para Inglaterra, Susan Amussen e David Underdown sublinharam como, da Reforma Religiosa até as Guerras Civas, a sociedade foi assolada por “[...] desenvolvimentos demográficos, econômicos, religiosos e sociais, os quais impulsionavam as ansiedades sobre a vida citadina e o controle da ordem”²⁴⁶. Ambos mencionam como a população inglesa e de Gales praticamente dobrou de 1540 a 1640, acirrando ainda mais os problemas locais.

Ao trabalhar com o século XVI inglês e o descalabro oriundo das mudanças religiosas, chama-se a atenção para as obras de Conrad Lycosthenes e Pierre Boaistuau que circularam nesse período sobre a temática dos prodígios ou sinais de Deus na terra²⁴⁷. Sendo o mal “[...] esporádico e localizado”²⁴⁸, verificava-se uma atmosfera de fim de mundo e uma crença em inimigos reais, instigando ainda mais um receio de complôs ou conjurações²⁴⁹. Face a esse

²⁴² COLLINSON, Patrick. **The Birthpangs of Protestant England: Religious and Cultural Change in the Sixteenth and Seventeenth Centuries**. Londres: Palgrave Macmillan, 1988. p. 155.

²⁴³ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 333.

²⁴⁴ *Ibid.*, p. 301.

²⁴⁵ LIEBEL, Silvia. Abrir janelas nas almas dos homens: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 24, n. 3, set./dez 2020. p. 427.

²⁴⁶ AMUSSEN, Susan; UNDERDOWN, David. **Gender, Culture and Politics in England, 1560-1640**. Londres: Bloomsbury Academic, 2017. p. 9. Tradução própria. No original: “[...] wider concerns about order anchored in social, religious, demographic and economic developments”.

²⁴⁷ Menção aqui à obra de Lycosthenes de 1577, *Prodigiorum ac ostentorum Chronicon*, e a de Pierre Boaistuau, de 1560, intitulada *Histoires prodigieuses*, uma vez que ambas versavam sobre prodígios e presságios.

²⁴⁸ DELUMEAU, ref. 243, p. 156.

²⁴⁹ Philip Almond (2014, p. 87) enfatizou o clima de diálogo permanente com o medo vivenciado pelas sociedades da Primeira Modernidade, o qual movimentava ainda mais a ideia de um Diabo forte e maligno. Liebel (2013a, p.

cenário, “[...] dirigentes da Igreja e do Estado encontram-se mais do que nunca diante da urgente necessidade de identificar o inimigo”²⁵⁰. A mudança religiosa abriu espaço, portanto, para novas inseguranças por boa parte dos fiéis. Além do aumento das expectativas quanto ao futuro, desenrolava-se um medo da ira divina e da crença de que o Juízo Final se aproximava. E é aí que os monstros ganham uma outra ênfase. Argumenta-se nesse capítulo que, após a Reforma, a igreja passou a se ocupar cada vez mais de assuntos relativos aos desastres naturais (tempestades, terremotos ou eclipses) ou aos fatos prodigiosos, como o nascimento de seres monstruosos.

Mais do que uma inquietação espiritual, verifica-se uma interpretação dos monstros como sinais divinos, o que enfatizava uma dada apreensão apocalíptica sobre o cenário inglês. Hagen debruçou-se sobre isso previamente ao analisar as baladas elizabetanas, as quais assumiam o nascimento de monstros como presságios alertando sobre o Apocalipse e a ruptura de normas sociais²⁵¹, vide o texto: *A Description of a Monstrous Child Born at Chichester in Sussex, the 25th day of May from 1562* (Uma descrição de uma criança monstruosa nascida em Chichester, em Sussex, no dia 25 de maio de 1562). No entanto, cabe dizer que essas interpretações acerca do monstruoso e o interesse na teratologia não foram apenas fruto da Reforma Religiosa. Afinal, os monstros já eram objetos de estudo desde as civilizações greco-romanas, haja vista os escritos de filósofos como Aristóteles²⁵² e Cícero nas obras *De Generatione Animalium*, (Sobre a Geração de Animais), e *De Divinatione*, (Da Adivinhação). O que se defende aqui, em compasso a outros estudos sobre o tema, é que o trato dos monstros do século XVI em diante revestiu-se de um significado teológico distinto dos séculos anteriores e que isso teria sido ampliado ainda mais com a ocorrência da Reforma Religiosa e a produção de impressos efêmeros.

Ao se olhar para trás, pode-se visualizar toda uma tradição da literatura greco-romana repleta de seres monstruosos. Desde a Medusa, os Ciclopes e as Górgonas até os Gigantes, as Sereias e os Centauros, verifica-se um trato do monstruoso antes mesmo do surgimento do cristianismo. Interpretados como maravilhas “[...] por destoarem do habitual”²⁵³, o monstro era

184) também esboçou isso ao afirmar que o Diabo seria um “[...] instigador das ações humanas”, sendo acionado em momentos de crise. Desse modo, ainda que a ideia de um Diabo tenha sido historicamente construída e reconstruída no tempo, pode-se pensar como o contexto apocalíptico fornecia mais elementos para a crença no poder do mal sobre a terra.

²⁵⁰ DELUMEAU, ref. 243, p. 586.

²⁵¹ HAGEN, Ross. A warning to England: Monstrous births, teratology and feminine power in Elizabethan broadside ballads. *Horror Studies*, [s. l.], v. 4, n. 1, 2013. p. 24.

²⁵² É válido pontar que, diferente de alguns filósofos, Aristóteles não assimilava o monstruoso como uma punição divina, mas sim como o resultado incompleto ou raro de alguma formação natural. Para ele o monstro era um desvio da natureza de seu fim último.

²⁵³ YAGO, ref. 179, p. 27.

associado a uma raridade. Além de mesclar formas humanas e animais, ele poderia indicar um sinal de transgressão de barreiras, como no caso da mitologia do Minotauro²⁵⁴. Muitos filósofos, inclusive, dedicaram-se ao tema da cosmologia e da teratologia, como Cícero, o qual vislumbrava os monstros como presságios que poderiam revelar, alertar ou prever algo²⁵⁵.

No entanto, sustenta-se como o cristianismo modificou a apreensão da monstrosidade, uma vez que foi Santo Agostinho o grande responsável por ampliar as interpretações a respeito dos monstros²⁵⁶. Em sua obra *A Cidade de Deus*, o teólogo, além de compreender o monstro como uma criação divina, inseriu a monstrosidade dentro da ordem da natureza, de modo que os monstros seriam um indicativo da ação de Deus na terra. Tais ideias influenciaram boa parte da teratologia medieval, vide as obras de Isidoro de Sevilha²⁵⁷ e as de Thomas de Catimpré²⁵⁸. Como ressalta Maristela Toma, o monstro representava um importante problema teológico, pois, caso fosse feita uma associação desse ser monstruoso com “[...] um capricho ou erro da natureza”, colocava-se “[...] em xeque a onipotência do Criador”. Em contrapartida, na eventualidade de se admitir que o monstro era fruto da ordem divina, defrontava-se com o “[...] problema de explicar por que teria Deus criado tais aberrações”²⁵⁹.

Além de evidenciarem uma preocupação com as desordens do mundo, os monstros adquiriam um significado alegórico sob a forma de prodígios morais, os quais prenunciavam uma mensagem de Deus para a humanidade. A tradução de obras clássicas no medievo, a construção de mapas-múndi ou a publicação de obras tratadísticas imbuíram o monstruoso de ainda mais notoriedade, segundo Bartlett²⁶⁰. Wittkower também apontou para a influência do

²⁵⁴ Segundo Weinstock (2020, p. 6), o mito do Minotauro funde-se à ideia de uma punição divina dos deuses face à ação errônea dos humanos. Além de conter um processo de hibridização, uma das versões do mito revelava a história da punição de Zeus sobre a rainha de Creta, Pasífae, após ela se acasalar com um touro.

²⁵⁵ Em sua obra *De Divinatione* (44 a.C.), o filósofo afirmava como os monstros poderiam revelar, pressagiar, mostrar e fazer ver algo – a exemplo da passagem “*Quia enim ostendunt, portendunt, monstrant, praedicunt, ostenta, portenta, monstra, prodigia dicuntur*” (Cressy, 2000, p. 44 *apud* Bates, 2005a, p. 48). Traduzido livremente do latim para o português como: “Porque mostram, pressagiam, mostram, predizem, ostentam, são chamados de presságios, monstros, prodígios”.

²⁵⁶ Segundo Jeffrey Weinstock (2020, p. 6, tradução própria), apesar de figuras como Tertuliano (160-220 d.C.) e Eusébio (263-339 d.C.) terem discutido os nascimentos monstruosos, teria sido Santo Agostinho (354-430 d.C.) quem estabeleceu “[...] uma definitiva Doutrina cristã do monstruoso”.

²⁵⁷ No caso de Isidoro de Sevilha, chama-se a atenção para a sua obra *Etymologiae* (Etimologias), especialmente os livros XI e XII, *De Homine et Portentis* e *De Animalibus*, respectivamente. Tida como um trabalho de Enciclopédia filosófica que buscava definir tudo o que existia no mundo, incluindo os monstros, Hurley (2015, p. 1173) enfatizou como a obra de Isidoro apresentava um esforço de enquadrar os fenômenos monstruosos dentro da ideia de uma organização divina no mundo.

²⁵⁸ Thomas de Catimpré pode ser pensado aqui por meio de sua obra *Liber de natura rerum*. Nela, conforme indica Beate Ochsner (2005, p. 240), além de pensar o monstruoso em uma conexão com a ação de Deus no mundo, Catimpré alocava esses seres como comunicadores divinos; sinais positivos de uma existência negativa.

²⁵⁹ TOMA, ref. 189, p. 46-47.

²⁶⁰ BARTLETT, Robert. *The Natural and the Supernatural in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 30.

contato com o Oriente sob o imaginário acerca do monstruoso²⁶¹. Além do desenvolvimento das ciências naturais, da geografia, das enciclopédias e da cosmografia, boa parte da produção artística tangenciava o tema da monstruosidade – desde romances e imagens até esculturas e textos. Consequentemente, verifica-se, a partir do século XV, uma interpretação do monstro como um produto da ação divina, o qual revelava sinais de falhas morais ou atrocidades políticas e religiosas, sendo essas dignas de um castigo de Deus.

É no século XVII que algumas mudanças são perceptíveis. A introdução de assimetrias na Primeira Modernidade, o comércio de textos e o processo de disciplinarização dos corpos e falas teria modificado a forma de se comentar a teratologia. Obviamente, não se trata aqui de uma visão estruturalista em pensar que o contexto poderia explicar tudo e que a chamada Idade Moderna seria a grande responsável por definitivas mudanças sociais e interpretativas no campo da teratologia. Porém, tal dimensão contextual é uma variável importante na medida em que os monstros se constroem mediante tempo e espaço²⁶². Dessa forma, a Reforma Religiosa e o temor com o fim dos tempos desse período teriam aberto espaço para se pensar um monstro com fins políticos e religiosos. Além de comportarem mensagens escatológicas, esses seres foram revestidos de um tom negativo e diabólico, de modo que “[...] Satã, cuja imagem também se encontrava ‘repaginada’ e mais assustadora do que jamais se mostrara, disputava agora com Deus a paternidade das criaturas monstruosas”²⁶³.

A ideia da profecia, a exemplo, ganha ainda mais notoriedade nesse período da Modernidade, vinculando-se ainda à crença no Anticristo e à chegada do fim dos tempos. Norman Cohn, acerca do assunto, demonstrou como a própria “[...] figura do Anticristo assume os traços desse outro monstro cornudo que habitava nas profundezas da terra, ‘o dragão, a antiga serpente’, o próprio Satanás; e durante os séculos que iria habitar e fascinar a imaginação dos homens”²⁶⁴. Consequentemente, o fundo escatológico abria ainda mais espaço para se pensar no outro e nas criaturas insólitas que rondavam o mundo.

²⁶¹ WITTKOWER, Rudolf. *Marvels of the East: A Study in the History of Monsters*. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, Londres, v. 5, jan. 1942. p. 159.

²⁶² Fabiano Lemos (2014, p. 191) chega a mencionar como o “século XVI é o século dos monstros. A descoberta do Novo Mundo constituiu um alargamento não somente dos domínios territoriais da velha Europa, mas, mais fundamentalmente, de toda uma cosmografia”. Inicialmente dedicada a esse assunto, Paula Findlen (2006, p. 449) apontou para como a descrição e a experiência em relação ao mundo aumentou, de modo que os estudos de Aristóteles e Plínio se revelaram limitados. A autora evidencia como “[...] a narrativa sobre os novos locais e povos exigia um novo espaço nas páginas da escrita sobre a história natural, oferecendo um tipo de informação que os comentários, como os Aristóteles ou Plínio não podiam acomodar confortavelmente”. Trad. livre do original: “*They demanded new space in the crowded pages of natural history writing, offering up the kind of information that a commentary on a writer such as Aristotle or Pliny could not comfortably accommodate*”.

²⁶³ TOMA, ref. 189, p. 47.

²⁶⁴ COHN, Norman. **Na senda do milénio**: milenaristas, revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média. Tradução de Fernando Neves e António Vasconcelos. Editorial Presença, 1981, p. 27.

Obviamente, há que se pontuar aqui que a escatologia não foi algo exclusivo das terras protestantes, mas “[...] um elemento central no pensamento religioso nos dois lados da Reforma, e não periférico a ela”²⁶⁵. Ao contrário, há um cuidado em não se interpretar todo o século XVII na Inglaterra como um local rodeado de tensões apenas em virtude da reforma e da crença no Apocalipse, mas sim, em se considerar que a escatologia era uma das responsáveis pela projeção de um monstro associado a punição divina e à desordem da sociedade na Primeira Modernidade. Não por acaso, desde meados do século XVI ao início do século XVIII, é possível identificar uma reação de intensa curiosidade em relação aos monstros na Inglaterra, desde a espetacularização até a investigação científica desses seres²⁶⁶.

Isso fica ainda mais nítido ao observar a menção de monstros em periódicos impressos e a existência de feiras de exibição desses seres, sendo uma delas organizada por membros do Parlamento, como Samuel Pepys²⁶⁷. Durante o século XVII, tais nascimentos monstruosos teriam se fundido a novos *tropos* de ansiedades. Face às Guerras Cívicas e à ideia de um mundo de *cabeça para baixo*, advoga-se que tais seres foram interpretados como um castigo divino perante os pecados humanos e os entraves políticos experimentados pelos ingleses. Não por acaso, o “[...] fluxo de histórias de monstros sem cabeça que mais tarde representaram a decapitação física de Carlos I”²⁶⁸ aumentaram após 1649. Ainda que o medievo tenha alargado o vocabulário teratológico, o monstro inglês vinculou-se aos eventos que tramitavam na cena político-religiosa, incorporando as angústias coletivas e os inimigos reais da época.

Embasando-se na assertiva de que os monstros, pela “[...] sua limiaridade ontológica” aparecem, “[...] de forma notável, em épocas de crise”²⁶⁹, pode-se pensar como esse contexto de tensões do século XVII forneceu substrato para a multiplicação desses seres pela imprensa. Durante a época de discórdia e guerra civil, muitas pessoas foram associadas ora à fidelidade parlamentar ora a partidários monarquistas, de modo que essas posições políticas ou religiosas

²⁶⁵ CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: A ideia de Bruxaria no princípio da Europa Moderna**. Tradução Celso Mauro Paciornick. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2020. p. 442.

²⁶⁶ BARATTA, ref. 227, p. 19.

²⁶⁷ Segundo Dirks-Schuster (2013, p. 186), os nascimentos monstruosos eram assuntos de periódicos, com 88 relatos de monstros publicados na *Philosophical Transactions* da Royal Society entre 1665 e 1800. Já Alan Bates (2005a, p. 146) demonstrou como a Bartholomew Fair, realizada em Londres, foi uma feira que funcionava desde os tempos medievais para a exposição de monstros. Inclusive, conforme o autor esboça em seu livro, a existência de impressos anunciando essas exibições corrobora com a ideia de uma espetacularização dos monstros e um possível interesse do público nesse tipo de evento.

²⁶⁸ WELCH, ref. 215, p. 167. Tradução própria Tradução livre de: “[...] influx of headless monster stories which later represented the physical beheading of Charles I”.

²⁶⁹ GARBER, 1991, p. 11 *apud* COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz (org.) *et al. Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 30.

implicavam uma monstrificação²⁷⁰. Além de serem vistos como uma ruptura da ordem moral, produtos do pecado ou prenúncios do futuro infortúnio, os seres monstruosos também se revestiram de significados ainda mais ocultos, representando e personificando inimigos que assolavam a comunidade inglesa. Weinstock indicou previamente como esse processo de monstrificação já teria sido realizado séculos antes pelos franceses na Idade Média em relação aos árabes ou com a associação dos judeus a monstros, por exemplo²⁷¹.

Ao olhar para a Inglaterra da Primeira Modernidade, o monstro começava a representar um inimigo por vezes religioso ou político. Percebe-se como, em alguns casos, o monstro passou a “re-apresentar” a figura de papistas, anglicanos ou puritanos, bem como de irlandeses, escoceses ou partidários do rei e do parlamento²⁷². Isso fica ainda mais palpável quando se depara com a fonte *A Strange apparition at an Alehouse next doore to the White Horse against Summerset House in the Strand* (Relato de uma estranha aparição em uma cervejaria ao lado do White Horse, em frente a Somerset-House em Strand), de 1641. Nesse curto impresso de autoria anônima, é possível visualizar o relato de uma aparição monstruosa próxima a Londres. O texto, que não apresentava imagens, indicava de início como o local do surgimento do monstro teria sido exatamente uma região na qual papistas estavam atuando. Ao comportar uma dimensão religiosa, o impresso aloca o monstro como um ser negativo e que é vislumbrado em compasso ao arquétipo sobre um determinado grupo religioso: os dos católicos.

O impresso apresentava em sua narrativa um certo senhor Mundayes, apontado como o personagem principal da história. Segundo a trama, ele teria sofrido uma punição de Deus por ter proferido ofensas aos parlamentares Burton, Prinne e Bastwick. Ao olhar mais de perto para essa fala, nota-se que esses três indivíduos realmente eram figuras atuantes nos debates parlamentares no ano de publicação do documento acima, conforme pontua William Lamont²⁷³. Henry Burton, William Prynne e John Bastwick eram autores de panfletos em 1637, tendo em suas condutas o direcionamento de críticas e ataques ao Arcebispo de Canterbury, William Laud²⁷⁴. Todos os três eram puritanos e acreditavam que as mudanças implantadas por Laud

²⁷⁰ Pensando o uso desse termo em correspondência ao processo de se criar representações sobre monstros.

²⁷¹ WEINSTOCK, ref. 200, p. 25.

²⁷² É válido frisar que essas representações também vão se alterar a depender da fonte em questão. Em certos impressos, os papistas poderiam ser representados como monstros, enquanto em outros os apoiadores de Cromwell eram representados como monstruosidades antinaturais. Isso abre espaço para se pensar as próprias lutas de representação existentes no período e em como o tom qualitativo destinado à descrição de um grupo era variável.

²⁷³ Isso pode ser visualizado no artigo de Lamont (1961) disposto online na *History Today*.

²⁷⁴ No caso de William Laud destaca-se a sua atuação como bispo da igreja da Inglaterra, sendo nomeado Arcebispo de Canterbury por Carlos I em 1633. Além de um dos principais defensores das reformas religiosas do rei, ele foi preso pelo Parlamento em 1640 e executado em janeiro de 1645. No entanto, conforme pontua Alexandra Walsham (2008, p. 513), as ações do bispo, além de comporem parte de uma agenda anticatólica, visavam reforçar a sacralidade dos rituais e dos cultos em uma busca pela “[...] beleza da santidade”.

aproximavam, negativamente, a Igreja Protestante da Inglaterra da Igreja Católica de Roma. Ou seja, atesta-se aqui a existência de uma interlocução do impresso supracitado e do nascimento monstruoso por ele reportado com o cenário político de disputas entre puritanos e católicos face à Guerra Civil. Ao tomar os entraves na cena política inglesa, pode-se observar como esse documento de 1641, justamente no epicentro dos atritos, respingava em questões que iam além de pautas estritas à monstrosidade e à descrição de um estranho nascimento.

Não obstante, o autor do texto também indica como a postura do senhor Mundayes em atacar esses parlamentares foi mal vista por Deus, de tal modo que mobilizou uma ação por parte do Criador. Nesse sentido, ao afirmar ao longo da trama que o senhor Mundayes teria tido as suas orelhas sangrando em virtude do ataque aos políticos puritanos, demonstra-se, em contrapartida, uma posição favorável aos partidários do parlamento e uma crítica aos católicos. Além disso, deixava-se claro como existia na época a interpretação de que Deus agia na terra por meio de castigos, cujo intuito era evidenciar o lado certo da história.

Analizando mais profundamente esse impresso, percebe-se como a narrativa também afirmava que o monstro teria aparecido em virtude da presença de irlandeses e jesuítas que conjuraram o Diabo ou o monstro estranho por meio do uso de “miçangas” na região²⁷⁵. A presença de objetos representados como supersticiosos e a postura do autor de condenar o uso desse tipo de material já deixa claro o tom negativo atrelado a esses itens. Além de uma conexão desse impresso de 1641 com um outro documento de 1646, ainda a ser prescrutado, percebe-se uma ênfase religiosa e política na narrativa. Ao passo em que o monstro é associado aos católicos e irlandeses, favorece-se o lado dos parlamentares e puritanos (esboçados na figura dos três membros do parlamento). Há, portanto, um tom moralista no texto e uma possível tentativa de mobilização de apoio para a causa parlamentar dentro da esfera pública por meio dessa crítica velada a certos grupos político-religiosos. Ao representar o monstro vinculado aos católicos e irlandeses, acionam-se conjuntos de emoções (medo e desconfiança) em direção aos opositores, disputando o apoio do leitor por meio do campo do simbólico. Isso ajuda a confirmar

²⁷⁵ No original isso é perceptível pela passagem: “*Certain Jesuites or Papists, being met together at an Alehouse in the Strand, neare the White Horse over against Sommerset House; they were at their Exercises in an upper Chamber, three stories high, they were most of them Irish; who whilst they were at the exercise, with what zeal, I shall not need to relate, because it is too well known what Popish zeal is. [...] But see how exactly they conjured with their Beads (as I may so call it) for without all doubt it was either the Devil or some strange Monster, that disturbed them from the Devill*” (A relation [...], 1641, p. 2). Traduzido livremente como: “*Certos jesuítas ou papistas, reunidos em uma cervejaria em Strand, perto da White Horse, em frente à Sommerset House; estavam em seus exercícios em uma Câmara Alta, de três andares, sendo a maioria deles irlandeses; quem estava no exercício, com que zelo, não precisarei relatar, porque é bem conhecido como é o zelo papista. [...] Mas veja como exatamente eles conjuraram com suas miçangas (como posso chamá-las), pois sem dúvida alguma foi o Diabo ou algum Monstro estranho, que os perturbou do Diabo*”.

como o monstro nos impressos era imbuído de significados profundos, que iam além da sua deformidade física.

A menção aos jesuítas também não é algo novo, uma vez que a associação desse grupo ao cenário apocalíptico inglês era algo comum. Stuart Clark chegou a mencionar como “[...] os jesuítas eram invariavelmente comparados a ‘espíritos impuros’ que apareciam nas bocas do dragão, besta e falso profeta em Apocalipse 16, 13”²⁷⁶. Desse modo, percebe-se a correlação dos católicos ao campo do demoníaco, uma vez que Roma era tida como a própria oficina da feitiçaria, segundo o autor. Ao ponderar sobre essa citação aos jesuítas no impresso acima, defende-se como os textos efêmeros eram mecanismos para se exteriorizar críticas ao papado, bem como ferramentas para se ancorar uma percepção de mundo protestante, a qual se rodeava na crença no Anticristo e na chegada do fim dos tempos.

Por ora, também é possível compreender como o monstruoso era uma expressão da desordem, sendo o monstro um “[...] resultado de seu próprio envolvimento na política, a expressão visível do caos que invadiu a igreja e o governo estatal”²⁷⁷. Parafraseando José Gil, o monstro era um intensificador do medo, do anômalo, do desvio e do outro²⁷⁸. Esse outro abre espaço para se pensar como o processo de monstificação era uma resposta hiperbólica face àquilo que se considerava potencialmente ameaçador para a sociedade inglesa no século XVII. Além de um instrumento regulador, a figura do monstro estava “[...] intimamente associada à noção de identidade”²⁷⁹. Dessa forma, as transgressões religiosas ou políticas geravam monstros, em uma alusão à própria fragilidade das hierarquias políticas e à violação da ordem, tal qual um mundo de *cabeça para baixo*. Contudo, uma vez que se explorou até aqui a representação do monstro com uma agenda anticatólica, é válido pontuar que essas representações não eram monolíticas ou operadas somente por um grupo. Cada comunidade mobilizava uma dada representação monstruosa para caracterizar os seus opositores, podendo isso variar de acordo com os interesses religiosos, políticos ou editoriais.

Todavia, independente desse ponto, tais seres exemplificavam a crença de que Deus agia no mundo por meio de castigos, em uma própria retaliação às ações insolentes cometidas pela comunidade. Dessa forma, o comportamento errôneo de criticar personas públicas é assumido

²⁷⁶ CLARK, ref. 265, p. 463.

²⁷⁷ PURKISS, Diane. **Literature, Gender and Politics During the English Civil War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 163. No original: “[...] the monster as the outcome of her own involvement in politics, the visible expression of the chaos which has invaded church and state government”.

²⁷⁸ GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: SILVA, Tomaz (org.) et al. **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 178.

²⁷⁹ BERTIN, ref. 2, p. 51.

na narrativa de 1641 como um deslize, passível de gerar um monstro. Ao sinalizar que as figuras monstruosas eram marcadoras do pecado, evidencia-se ainda como esses seres eram “[...] interpretados como sinais divinos, advertindo a humanidade para consertar os seus caminhos pecaminosos”²⁸⁰. Além de sinais de que a nação estava em apuros, as deformidades nos recém-nascidos refletiam as deformidades no próprio corpo político, social, cultural e religioso. Ao personificarem inimigos religiosos ou políticos, defende-se que essas narrativas impressas sobre monstros eram uma resposta aos eventos desordenados da Inglaterra da Primeira Modernidade. Relacionados a assuntos de controle social e às concepções acerca do supernatural, esses textos efêmeros comportavam uma dimensão moralizante, veiculando mensagens e lições coletivas. Ou ainda, ilustrando uma contínua busca pela preservação da ordem e pelo manejo dos comportamentos.

3.1 A monstrosidade na linha de fé

Ao ter em mente o cenário religioso inglês previamente esboçado, direciona-se um olhar para o impresso publicado em 1646, com o título *A Declaration of a strange and wonderfull monster: Born in Kirkham parish in Lancashire* (A Declaração de um estranho e maravilhoso monstro nascido na paróquia de Kirkham em Lancaster). Publicado em meados de março²⁸¹ por Jane Coe e com autoria anônima, o texto se passava na região noroeste da Inglaterra, tendo o monstro nascido no Ducado de Lancaster, ao Norte do país. O interessante a notar aqui, contudo, refere-se ao início da narrativa, uma vez que o autor menciona como aquela região teria sido marcada por bruxas e papistas, os quais tentavam “[...] publicar o perverso Livro de permissão para Esportes no Dia do Senhor”, fazendo com que muitos piedosos que ali viviam “[...] sofressem sob as suas perversidades e malícias”²⁸².

Além do teor negativo associado a esse livro, dado à qualificação que ele recebe na escrita do impresso, destaca-se a crença na existência de bruxas e a menção à aparição de

²⁸⁰ MILLAR, Charlotte-Rose. **Witchcraft, the Devil, and Emotions in Early Modern England**. New York: Routledge, 2017. p. 133. Tradução própria. Trad. livre do original: “*Monstrous births and wonders could be viewed as signs from God, which warned mankind to mend their sinful ways*”.

²⁸¹ Essa informação a respeito do mês de publicação do impresso, pode ser aferida por meio da anotação feita por George Thomason na versão do original. Como o documento pertence à *Thomason Tracts*, é possível visualizar uma marca do colecionador na fonte, uma vez que ele anotou no canto do papel “3 de março de 1645”, riscando ainda número 6 do ano 1646 no impresso.

²⁸² Trad. livre do original: “[...] *that wicked Book of Allowance for Sports on the Lords Day to be published*”; “[...] *have suffered [...] under their reproaches and wicked malice*” (A declaration [...], 1646, p. 2).

indivíduos católicos na localidade. A presença dessas figuras e o uso de certos vocábulos no impresso tonificam ainda mais a existência de rivalidades entre grupos religiosos na época, dado que o próprio nome papista era um termo utilizado por protestantes para se referirem aos católicos ou aos partidários do papa e do romanismo de modo pejorativo²⁸³. Além de evidenciarem discordâncias religiosas ali presentes, o documento permite apreender como esses embates eram exteriorizados pela literatura efêmera, que é o foco desse capítulo.

Como mencionado no item anterior, a Reforma Religiosa operada no espaço inglês revestiu a cena pública de disputas em relação à incorporação ou não de certas práticas e ritos. Há um cuidado, é claro, em não assumir que todos os costumes religiosos desapareceram por conta das mudanças na igreja. Ao atribuir um papel aos rituais festivos, às atividades esportivas e às tradições comunais, evidencia-se, ao contrário, a importância das paróquias e das celebrações em nome da fé na Inglaterra. Como disposto por Ronald Hutton, além de uma responsabilidade religiosa, certas festividades ou práticas poderiam ser interpretadas de maneiras distintas e colidir com diferentes interesses²⁸⁴. Desse modo, o que é válido de ser aqui pontuado refere-se à forma como a Reforma atuou sobre algumas práticas sagradas do reino da religião e da piedade, deslocando-as para os domínios do lazer e da recreação, tornando tais costumes religiosos elementos de disputa.

E é aqui que se volta ao livro mencionado pelo impresso de 1646: *The Declaration of Sports* (Declaração de Esportes), mais conhecida como *Book of Sports* (Livro dos Esportes). Trata-se de uma declaração inicialmente proposta pelo rei Jaime I para a região de Lancaster em 1617 e que foi publicada posteriormente para todo o país em 1618. Reeditado novamente, esse documento teria sido disseminado por seu filho, Charles I, em 1633. Nela, estariam listados todos os esportes ou recreações autorizadas aos domingos ou nos dias santos²⁸⁵. Ainda que a Declaração de 1633 apresentasse o texto principal igual ao de 1617, ela continha como ponto inovador a presença de uma introdução e uma conclusão, incluindo ainda certos festivais rurais àquela lista de atividades sancionadas pelo rei.

²⁸³ Essa expressão, inclusive, também pode ser constatada no panfleto publicado, em 1729, por Jonathan Swift (autor inglês famoso pela sua obra *As Viagens de Gulliver*). Intitulado *Uma Modesta Proposta*, o texto, além de utilizar a expressão papista de modo pejorativo, também se debruçava sobre as crianças de pobres irlandeses, sugestionando, de modo satírico, como elas poderiam ser utilizadas para fins proveitosos na Inglaterra, já que eram um fardo para os seus progenitores e para o seu país.

²⁸⁴ HUTTON, Ronald. *The Stations of the Sun: A history of the Ritual Year in Britain*. Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 761.

²⁸⁵ A declaração listava “tiro com arco”, “dança”, “salto” ou qualquer outra recreação “inofensiva” como esportes autorizados, bem como os jogos de maio e os festivais – como o caso do “*May-games, Whitsun-ales and Morris-dances, and the setting up of May-poles*” conforme a transcrição do original realizada por L. A. Govett (1890). No documento também é possível verificar a licença que as mulheres tinham para decorar a igreja, conforme um antigo costume. Quanto as atividades proibidas, estavam fora de questão as lutas com ursos ou touros e o boliche.

Sendo um texto relativamente muito impresso e citado por outros documentos, além de ter sido emitido para o reino em geral²⁸⁶, essa declaração despertou, tanto em 1617, como nos anos seguintes, uma série de indignações de alguns setores da sociedade inglesa. Pelo fato de a declaração ser vista como uma interferência nas consagradas diversões dominicais do povo, alguns indivíduos apresentaram uma postura mais exasperada face ao documento, entendendo-o como uma repressão do poder civil em assuntos de cunho religioso. O infortúnio, portanto, deu-se pela repreensão aos puritanos promovida pela *Declaração dos Esportes*, ao passo em que ela neutralizou os crescentes apelos desse grupo à abstinência no sábado (sabatismo)²⁸⁷.

A aversão dos puritanos à publicação do *Livro dos Esportes* é ainda mais notória²⁸⁸, uma vez que boa parte desse grupo via os esforços corporais e os prazeres carnavais como elementos que desviavam o foco do Senhor e das coisas espirituais²⁸⁹. Isso pode ser constatado por meio das Atas de Westminster, as quais demonstram como certas recreações eram criticadas pelos parlamentares²⁹⁰. Segundo Dennison, “[...] os puritanos ainda se valiam da citação de Isaías 58:13-14 como forma de defenderem sua posição”²⁹¹. Na medida em que essa passagem abordava a questão do sábado, ela também indicava um determinado comportamento esperado para esse dia, como disposto em:

13 Se desviares o teu pé do a sábado, de fazeres a tua vontade no meu santo dia, e chamares ao sábado deleitoso, e o santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares

²⁸⁶ No original isso pode ser visualizado na passagem: “*James I's declaration on the subject of sports permissible Sundays, often loosely called the Book of Sports, has always printed and quoted by historical writers in the form was issued for the kingdom at large*” (Cestren; Tait, 1917, p. 561). Traduzido para o português livremente como: “A Declaração de Jaime I sobre o assunto dos esportes permitidos aos domingos, muitas vezes vagamente chamada de Livro dos Esportes, sempre foi impressa e citada por escritores históricos do modo que ela teria sido emitida para o reino em geral”.

²⁸⁷ Alexandra Walsham (2008, p. 513, tradução própria) enfatizou a importância que os puritanos atribuíam à guarda adequada do sábado. “A profanação do Dia do Senhor pelo trabalho ou pelo esporte era nada menos que um tabu protestante: refletia uma crença contínua de que o tempo, assim como o espaço, poderiam ser violados de uma forma que pudesse atrair a vingança celestial sobre as cabeças de homens e mulheres”. Tradução livre de: “*Profanation of the Lord's Day by work or sport was nothing less than a Protestant taboo: it reflected a continuing belief that time, like space, could be violated in a way that might draw down heavenly vengeance upon men's and women's heads*”.

²⁸⁸ É válido pontuar que a Declaração também condenava os católicos e outras pessoas que não frequentassem os serviços religiosos em suas paróquias, especificando que apenas as pessoas que atenderam ao serviço divino primeiro teriam direito de participar das recreações posteriormente.

²⁸⁹ Muitos puritanos, segundo Dennison (1983, p. 5) eram, inclusive, contra alguns esportes, uma vez que os ingleses os viam como profanações sabáticas, que mesclavam ainda bebedeiras, exercícios sodomitas, prostituição e gula.

²⁹⁰ É válido frisar que os puritanos não se opunham totalmente às recreações em si, uma vez que algumas atividades eram incentivadas ao longo dos outros dias da semana. A suspensão de certas práticas no dia senhor era associada à crença de uma necessidade de santificação adequada do sábado, o que demandava uma atenção a certos tipos de práticas esportivas para esses dias em específico.

²⁹¹ DENNISON, James. **The Market Day of the Soul: The Puritan Doctrine of the Sabbath in England, 1532–1700**. Lanham: University Press of America, 1983. p. 144. Tradução própria. No original: “*The Puritans also cited Isaiah 58:13,14 in defense of their position*”.

não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falares as tuas próprias palavras.²⁹²

Essa insinuação, por sua vez, possibilita identificar como a Bíblia oferecia um substrato para as discussões que orbitavam a cena pública e a regulação de práticas sociais. Igualmente, o caso do impresso de 1646 e a menção ao *Livro de Esportes* faz pensar como a existência de certas atividades de desporto ou lazer eram alvos de ataques políticos, sobretudo quando se pensa na Reforma e nas mudanças de comportamento e confessionalização. Assim, a *Declaração de Esporte*, ao versar sobre a permissão ou não de alguns exercícios, ilustra como havia uma tensão entre os interesses citadinos no que diz respeito aos costumes religiosos, de modo que esses entraves eram pauta de debate dentro do Parlamento e dos textos efêmeros.

Isso fica ainda mais palpável quando se observa como a publicação de uma outra edição desse livro por Charles I em 1633 gerou uma série de agitações – especialmente porque o Longo Parlamento em 1644 continha, em sua maioria, a presença de puritanos. Consequentemente, pode-se pensar, a partir dos apontamentos de Dennison, como uma parte dos defensores do puritanismo desejava a apreensão e a queima desses textos, uma vez que eles viam tais obras como elementos contrários aos mandamentos religiosos. Não por acaso, à medida que os puritanos ganhavam poder no Parlamento antes da Guerra Civil Inglesa, a hostilidade contra esse *Livro dos Esportes* cresceu, conforme ilustra Chad Dixhoorn²⁹³.

Ao deparar-se com as Atas de registros e escritos de teólogos de Westminster²⁹⁴, percebe-se essa realidade de modo ainda mais evidente. Verifica-se um debate na Assembleia acerca do culto religioso e do dia de sábado, sendo esses objetos de discussão que tomaram curso nos primeiros meses de 1646 – coincidentemente, o ano de publicação do impresso aqui analisado. Além de uma variedade detalhada nas Atas quanto ao que era liberado ou não no Dia do senhor, interpõe-se ainda uma pluralidade de opiniões acerca da proibição dessas recreações aos sábados. Nesse caso, nem todos eram favoráveis ao veto a certos exercícios para esse dia (o que é especialmente verdadeiro para os membros anglicanos mais tradicionais).

Todas essas ponderações levam a supor, por ora, que o impresso de 1646, ao mencionar a *Declaração de Esportes*, evidencia cruzamentos dos próprios atritos que ocupavam a cena política da Inglaterra, além de tangenciar embates relativos à religião e à permissão ou não de certas práticas sociais. Nota-se aqui, por sua vez, um embate sócio-político que extrapolava as

²⁹² A BÍBLIA, ref. 211, p. 1136.

²⁹³ DIXHOORN, Chad Van (ed.). **The Minutes and Papers of the Westminster Assembly 1643-1652**. Oxford: Oxford University Press, 2012. 5 v. Sessões 601-2.

²⁹⁴ Alexander Mitchell e John Struthers (1874) transcreveram as atas de registros da Assembleia de Westminster, de modo que o uso desses documentos possibilitam uma apreensão dos debates verificados na cena pública da época.

linhas do impresso supracitado, apontando para as desavenças oriundas da Reforma Religiosa na Inglaterra e a existência de disputas entre puritanos, católicos e anglicanos. Ou seja, ainda que o impresso de 1646 se destinasse a narrar um monstro que surgiu na região de Lancaster, ele não escapa ao contexto religioso inglês.

Ainda em um olhar minucioso sobre esse documento de março de 1646, chama-se a atenção para como a narrativa acerca da aparição do monstro era construída, uma vez que tal figura era representada como resultado dos péssimos comportamentos de uma família de papistas em Lancaster. Com oito páginas, além de uma gravura na capa, ele permite uma chave de análise para se interpretar como as representações do monstruoso colidiam com uma possível propaganda anticatólica face às disputas religiosas travadas na Inglaterra do século XVII.

De início, o documento evidenciava como o monstro teria nascido na paróquia de Kirkham, indicando, com um tom qualitativo, a existência de bons ministros e algumas pessoas piedosas (embora poucas) as quais Deus teria abençoado naquela região. Porém, logo o enredo acrescenta que, apesar desse cenário, muitos abusos ali ocorreram por conta da malícia de profanos e perversos miseráveis²⁹⁵. Também é mencionado que o monstro foi gerado pela senhorita Haughon, “[...] uma dama, bonita, proporcional, graciosa, jovem e de boa aparência, com uma disposição alegre e natureza saudável, bem-apeçoada”²⁹⁶. Além de ser apresentada positivamente, a garota é retratada como uma esposa papista, ao passo em que o seu marido é tido como um “[...] descendente de uma família antiga, bem conhecida na região e não tão amarga”²⁹⁷. Ao indicar a amargura da família da jovem, o impresso também desloca uma culpabilização à mulher e abre espaço para se interpretar que o casamento de ambos era problemático e associado à geração do monstro. Logo, o leitor é levado a crer que o homem era do bem e educado, porém se casou mal e com uma católica – tendo a culpa, assim, recaído somente sobre a senhorita.

Outro ponto interessante da narrativa e que aqui interessa um melhor direcionamento refere-se à menção dos avós da criança: o senhor e a senhora Browne. Segundo o impresso, a avó teria direcionado ofensas ao parlamento, vociferando que os bispos e o rei eram a parte certa do conflito. Isso abre espaço para se pensar em uma nítida alusão do impresso aos

²⁹⁵ A DECLARATION [...], ref. 188, p. 2.

²⁹⁶ *Ibid.*, p. 2, tradução própria. No original: “[...] she is a good handsome, proportionable, comely Gentlewoman, young, and of a good complexion, of a merry disposition, and an healthfull Nature, well personed”.

²⁹⁷ *Ibid.*, p. 2, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] descended of an ancient family, wel known in those parts and not altogether of such a bitter spirit”.

monarquistas e à defesa da causa do rei na Guerra Civil Inglesa²⁹⁸. Uma vez que se considera que a avó teria bradado na narrativa que os puritanos mereciam ser enforcados, ofendendo os senhores Prinne, Burton e o Dr. Bastwick²⁹⁹, notabiliza-se ainda a correlação desse documento de 1646 com o cenário de atritos políticos entre o Rei Carlos I e o parlamento. Tais indivíduos, também mencionados brevemente em um outro impresso de 1641, já analisado nesse capítulo, indicam como a literatura efêmera comportava ligações entre as figuras atuantes na cena pública inglesa e as adversidades que marcavam esse debate político nessa década de 1640.

No caso desse impresso de 1646, evidencia-se como a família da jovem que pariu o monstro é referida como papista, tendo educado a moça conforme a religião católica. O documento, inclusive, chegava a citar como a jovem apresentava pinturas e crucifixos em sua posse, chamando esses materiais de “[...] tolices supersticiosas”³⁰⁰. Isso, no que lhe concerne, indica uma nítida carga moral disposta no texto, uma vez que se esboça um tom crítico diante da presença desses objetos de cunho católico, negativando-os. Essa ofensa direcionada aos itens sob a posse dessa jovem também não se descolava do panorama inglês após a Reforma. A qualificação negativa destinada a tais elementos leva a ponderar como o uso de relíquias, amuletos ou imagens desempenhava uma função no momento de concepção, gestação ou parto de um bebê. Como sustentação para tal reflexão, ancora-se aqui em Mary Fissell, na medida em que a autora abordou o papel desses objetos na Inglaterra da Primeira Modernidade³⁰¹.

Segundo Fissell, antes da Reforma Religiosa, esses materiais detinham uma expressiva significância no que diz respeito à maternidade, dada à crença de que eles poderiam conferir proteção a um momento imerso em tensões como o nascimento de um bebê. Para exemplificar, a autora expôs como a prática de oferenda de velas ou estátuas da Virgem Maria às igrejas, bem

²⁹⁸ Destaque para o trecho: “*Also to revile the Parliament, and say that shee thought that the King and the Bishops were the righter part of us*” (A declaration [...], 1646, p. 2). Em uma tradução livre pela autora: “Também para insultar o Parlamento, e dizer que ela pensava que o Rei e os Bispos eram a parte mais certa de nós”.

²⁹⁹ Conforme disposto no original: “*She hath been often heard to curse against Mr. Prinn, Mr. Burton, and Doctor Bastwick, and the Roundheads [...] she hath been heard to wish [...] and that the Puritans and Independents deserve all to be hanged*” (A declaration [...], 1646, p. 3). Traduzido livremente para o português: “Muitas vezes ela tem sido ouvida xingando o sr. Prinn, sr. Burton e o doutor Bastwick, bem como os cabeças-redondas [...] ela foi ouvida desejando [...] que os puritanos e os Independentes mereciam ser enforcados”.

³⁰⁰ Isso fica nítido quando no impresso destaca-se: “[...] ela não apenas nasceu de pais papistas, como também foi criada com eles e educada na religião papista, tendo muitas imagens papistas, crucifixos e outros artificios papistas com os quais ela se deleitava; e [...] ela era quase sempre reprimida pelas tolices supersticiosas que ela era apegada [...] e isso expressaria muita infecção contra aqueles protestantes piedosos e outros que a reprovavam”. Trad. livre do original: “*[...] she was not onely borne of popish parents, but bred, and brought up with them, and educated in the popish Religion having many popish pictures, and Crucifixes, and other popish trumpery wherein she much delighted; and [...] she were at any time reprovved for the superstitious fooleries she so affected [...] and would expresse much invective against those godly protestants and others that reprovved her*” (A declaration [...], 1646, p. 3).

³⁰¹ FISSELL, Mary E. The politics of reproduction in the English Reformation. **Representations**, [s. l.], v. 87, n. 1, 2004. p. 67.

como o uso de cintas ou faixas envoltas nessas estátuas na hora do parto eram comuns no século XVI, sob a justificativa de conferirem um anteparo às mulheres. Contudo, em decorrência das reformas dos excessos da igreja, os bispos de Henrique VIII teriam se voltado contra o uso desses objetos no parto, entendendo-os como “[...] práticas supersticiosas”³⁰².

Ainda que se considerem as apropriações e incorporações acerca de Maria por parte das grávidas ou parteiras no decurso do tempo, é possível constatar uma atenção em torno da natividade na Primeira Modernidade, de tal modo que isso também se extrapolava para um debate a respeito do próprio papel da Virgem Maria na religião. Nesse ponto, cabe pensar como a Reforma Religiosa vivenciada na Inglaterra modificou o papel direcionado aos materiais tidos outrora como sagrados. Walsham demonstrou como os “[...] protestantes rejeitaram enfaticamente a ideia de que palavras, orações ou objetos poderiam funcionar como conduítes ou receptáculos de poder sagrado”³⁰³. Keith Thomas e Jean Delumeau³⁰⁴ também evidenciariam como as modificações religiosas oriundas da Reforma alteraram, ainda que de forma gradual e limitada, o uso de terços, amuletos, imagens ou relíquias. Sob a crença de que a fé protestante bastava como um elemento infalível no combate ao mal, verificou-se em algumas regiões uma queda no uso de preces, oferendas ou apreciações de santos. A exemplo, muitos desses elementos foram alvos de destruição, a citar a própria apreensão e eliminação desses itens quando os mosteiros e conventos foram dissolvidos na Inglaterra pós-Reforma³⁰⁵.

Stuart Clark, na mesma linha, também evidenciou como os “[...] protestantes, por sua vez, simplesmente não tinham alguns dos compromissos doutrinários que, como a crença no purgatório e a invocação de santos, emprestavam um estímulo extra à atividade do espírito”³⁰⁶. Ao embasarem-se na eficácia da fé, da palavra, da oração e do jejum, os seguidores do protestantismo voltaram-se contra as práticas tidas como idolatria e superstição. Desse modo, a fonte aqui analisada demonstra como esse cenário religioso escorria para a literatura efêmera,

³⁰² FISSELL, ref. 301, p. 56.

³⁰³ WALSHAM, ref. 230, p. 506, tradução própria. No original: “Protestants also rejected emphatically the idea that forms of words such as blessings and prayers and material objects like sacramentals could operate as conduits or receptacles of holy power”.

³⁰⁴ Alusão, respectivamente, às obras: *Religião e o declínio da magia*, de 1991 e *História do medo no Ocidente, 1300-1800 – Uma cidade sitiada*, de 2009.

³⁰⁵ Mary Fissell (2004, p. 56), ao explicitar essa questão, menciona: “As a part of his reforms of the excesses of the church, Henry VIII’s bishops addressed so-called superstitious practices around childbirth. Many relics loaned out to laboring women were destroyed when monasteries and convents were dissolved, but reforms went further”. Traduzido livremente como: “Como parte das reformas dos excessos da Igreja, os bispos de Henrique VIII abordaram as chamadas práticas supersticiosas em torno do parto. Muitas relíquias emprestadas às mulheres em trabalho de parto foram destruídas quando os mosteiros e conventos foram dissolvidos, porém, as reformas foram ainda mais longe”.

³⁰⁶ CLARK, ref. 265, p. 662.

além de abrir espaço para se ponderar em que medida essas concepções sobre as práticas católicas eram retidas sob um aspecto negativo pelos protestantes³⁰⁷.

Dentro dessa discussão, é válido pontuar que não se verifica somente uma alteração em relação à disposição e ao manuseio de objetos religiosos a partir da Reforma Religiosa inglesa. Sustenta-se ainda como, em compasso às modificações no escopo eclesiástico, verifica-se um maior enrijecimento em relação ao corpo feminino, que passou a ser tido como um objeto de maior atenção e enfoque, sobretudo no que diz respeito à maternidade. Apesar disso, essa dimensão das mulheres será melhor explorada adiante. Ao focalizar em um âmbito religioso nesse capítulo, é possível pensar, em compasso aos estudos de Clark, como a Reforma contribuiu para uma insegurança dos fiéis diante da ausência de mecanismos de proteção individual, obtendo durante o parto. Uma vez que Clark expôs como as ansiedades e as tensões aumentaram diante das querelas religiosas, pode-se pensar como uma fermentação escatológica foi potencializada na Inglaterra nesse momento. Isso, por sua vez, legitima a defesa da ideia de que os nascimentos monstruosos comportariam mensagens que representavam o fim dos tempos e indicavam a ação de Deus na terra.

A própria narrativa impressa de 1646 que abre esse capítulo possibilita traçar algumas explanações a respeito do escopo político e religioso inglês. Ao expor na trama que a senhorita Haughton teria afirmado que preferia gerar uma criança sem cabeça do que dar à luz a um *Roundhead*³⁰⁸, de fato, tem-se o nascimento de um bebê com a ausência de um crânio. Isso pode ser visualizado na passagem original: “A Sra. Haughton respondeu novamente com estas palavras: Rogo a Deus que, em vez de ser um cabeça-redonda ou parir um cabeça-redonda, eu possa gerar uma criança sem cabeça”³⁰⁹. A crítica esboçada aos *Roundheads* é o que leva, portanto, ao nascimento monstruoso, uma vez que Deus pune a mulher por conta da sua fala e postura equivocada.

A anomalia da criança indicaria não só uma alusão à crítica esboçada pela personagem em relação aos *Roundheads* e ao uso desse termo, mas também à crença de que Deus punia os homens enviando seres monstruosos à terra. Ao elucidar ainda que o discurso da jovem teria

³⁰⁷ Stuart Clark (2020, p. 667) evidencia ainda como o “[...] catolicismo era inerentemente mágico, pois muitos de seus rituais se apoiavam na obtenção de efeitos materiais a partir de causas não materiais – bençãos, exorcismos, consagrações, etc.”. No entanto, o autor pontua como essa mudança também não rompeu doravante com o uso ou a prática de certos rituais e objetos presentes no catolicismo. Isso fica evidente quando se verifica que “[...] a liturgia da igreja reformada na Inglaterra foi expurgada de seus elementos ‘supersticiosos’ e ‘mágicos’, mas nunca com rigor suficiente para impedir novos ataques de críticos ainda mais radicais” (Clark, 2020, p. 667).

³⁰⁸ Nomenclatura utilizada em alusão aos defensores da causa do Parlamento na Inglaterra do século XVII.

³⁰⁹ Tradução livre do original: “Mrs. Haughton made answer again in these words: I pray God, that rather than I shall be a Roundhead, or bear a Roundhead, I may bring forth a Childe without a head” (A declaration [...], 1646, p. 4).

sido notado por vários vizinhos, reforçando novamente aqui o peso da vizinhança e da coletividade, o impresso afirmava que a mulher teria provocado a ira divina, produzindo um ser estranho cuja gravura estava disposta na folha de rosto. Isso fica nítido quando o documento exprime, em uma tradução livre para o português, que a fala da mulher deu-se

[...] cheia de medo, e notada por vários de seus vizinhos que a ouviram pronunciá-la. E que aqueles que sabem disso, apreendem, que isso pode ser um grande meio para provocar Deus e revelar o testemunho do seu descontentamento contra ela, fazendo com que ela produza este Monstro, cuja imagem está na página de rosto deste livro

³¹⁰.

É aqui, por sua vez, que o texto chama a sua atenção do leitor para a presença de uma gravura, disposta no frontispício do impresso, a qual representava visualmente o ocorrido.

Figura 11 - Gravura contida na folha de rosto do impresso de março de 1646



Fonte: A declaration of a strange and wonderfull monster. Londres: Jane Coe, 1646. p. 1. Disponível em: <https://www.proquest.com/books/declaration-strange-wonderfull-monster-born/docview/2240898463/se-2>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Por meio dela, atesta-se uma correspondência direta entre o relato textual e a representação construída sobre o monstro. Verifica-se no centro da imagem um ser monstruoso – com enfoque para a sua grandeza e desproporção hiperbólica – e cenas de uma mulher disposta na cama, ao lado direito (provavelmente na hora do parto), um casal (provavelmente

³¹⁰ A DECLARATION, ref. 188, p. 5, tradução própria. No original: “This was a fear full saying, and taken notice of by divers of her neighbours that heard her speak it. And this many who know it, do apprehend, might be a great meanes to provoke God to shew such a testimony of his displeasure against her, by causing her to bring forth this Monster, whose Picture is in the Title-page of this Book”.

os avós: o senhor e a senhora Browne) na parte superior esquerda, o gato da família e as tolices supersticiosas, esboçadas na figura por meio da presença de crucifixos e terços. É válido pontuar que a presença de um gato da família na figura acima e o seu papel na trama podem, possivelmente, aludir para a crença nos chamados familiares³¹¹. Charlotte Rose-Millar abordou a presença desses seres nos relatos de bruxaria na Inglaterra, identificando que muitos desses familiares eram baseados em figuras animais já existentes no cotidiano doméstico, como “[...] serpentes, cabras e cachorros”³¹².

Além de uma suspeita moral sobre os animais e o tênue limite entre o bestial e o humano, Gaskill sugere que esses familiares também “[...] funcionavam como vetores de emoções”³¹³, ou extensões físicas das fúrias que acompanhavam as bruxas ou as ações maléficas. A própria presença de um gato na narrativa acima pode ser interpretada como uma associação da maldade com a fala ofensiva disparada pela jovem papista. Em similitude, ao disparar no início do impresso que a região de Lancaster esteve assombrada por bruxas, a presença do gato na história narrada corrobora a crença na bruxaria e na existência dos familiares na Inglaterra, vinculando tais seres a um cenário pecaminoso e insolente.

No entanto, o mais notório na gravura é o fato de a criança ali representada, além de não conter uma cabeça, portar-se na imagem de forma gigantesca, em uma clara atenção para a sua deformidade e extravagância. Ao contrário do que seria esperado pela normatividade, os olhos, o nariz e a boca da criatura estavam dispostos no tórax do ser. Além de expor visualmente a narrativa textual, a representação imagética do monstro também serve como mecanismo para se conferir credito à estranheza do monstro e à sua forma física. Isso, por sua vez, faz constatar novamente a ideia levantada no capítulo 1 acerca da estranheza associada às narrativas sobre os nascimentos monstruosos, indicadas previamente pelos próprios títulos desses impressos. Isto posto, uma vez que o tamanho desproporcional da figura reproduzida era algo anormal e disforme, ele era passível de ser tachado como monstruoso.

³¹¹ Familiares seriam aqueles animais que acompanhavam as bruxas e formavam um laço pessoal com elas através de um pacto demoníaco. Por eles, as bruxas ficavam aptas a agirem sobre suas emoções (como o ódio, a inveja, a malícia ou o desejo de vingança). Por vezes, o próprio diabo era retratado como um espírito familiar. Inclusive, sobre esse tipo de manifestação, Millar (2017, p. 52) evidencia como a presença de familiares era algo comum na Inglaterra, uma vez que, segundo a autora, para muitos protestantes, o diabo assumia a forma de um ser pequeno, tangível e cotidiano – presente em cada um ou em cada casa. Daí a associação desses seres à forma de um animal (geralmente doméstico) presente nos lares da época.

³¹² MILLAR, ref. 280, p. 55.

³¹³ GASKILL, Malcolm. Afterword: Passions in Perspective. In: KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 273. No original: “*They were vectors of emotion, animated in the mind of the witch as hatred directed at an adversary, and received as fear and horror*”.

Ainda que se considere, conforme já apontado por Maristela Toma, que as representações de monstros “sem cabeça” ou com a “cabeça no peito” eram comuns na iconografia monstruosa, é interessante notar a circularidade³¹⁴ desse tipo de imagem. Além de pensar em reciclagens ou reutilizações de gravuras, a ilustração aqui abarcada vinculava-se a um processo de conexão entre a dimensão imagética e a descrição textual no referido impresso, o que leva a supor que as gravuras de monstros sem cabeça também poderiam aludir ao cenário de desordem. Ainda que se tome cuidado para não fazer uma leitura teleológica desse impresso de 1646, dado que o regicídio do monarca e a sua eventual decapitação ocorreram somente em 1649, pode-se pensar como a cabeça – membro associado à racionalidade – era um elemento representativo da manutenção do poder e da ordem do arranjo político. Ao expor que a jovem teria ofendido os parlamentares na trama, pode-se supor que ela perdeu a razão e, por consequência, gerou um monstro sem cabeça. Ou ainda, que a subversividade de suas ações levou a uma contraversão da ordem, resultando em um bebê anormal.

A partir disso, considera-se como essas imagens funcionavam como mecanismos de encaminhar mensagens moralizadoras às parcelas iletradas da população. A associação imagética de monstros, de animais familiares e de elementos católicos promovia uma associação do catolicismo à heresia de um modo mais acessível àqueles que não sabiam ler, mas que, muitas vezes, apenas ouviam a leitura em voz alta dos impressos e as complementavam através da observação dessas gravuras.

Essas ilustrações de monstros sem cabeça são algo expressivo nas fontes aqui analisadas. No documento, traduzido como *Uma maravilha que vale a pena ler, sobre uma relação verdadeira e fiel de uma mulher agora morando em Kentstreet que, na quinta-feira, 21 de agosto passado, gerou um filho prodigioso e monstruoso na presença de mulheres e outros honestos religiosos, para o seu maravilhoso medo e espanto*³¹⁵, é possível verificar a presença de uma imagem com um ser monstruoso com a cabeça no tórax. Disseminado em 1617, tal gravura alocava o monstro como um ser disforme na medida em que evidenciava a ausência de um pescoço. Ao olhar para o documento sobre essa ótica visual, abre-se um espaço para se inquirir sobre o processo de produção dos impressos face aos diferentes interesses de seus editores, bem como a aparência dos monstros representada nesses materiais. O impresso de

³¹⁴ Circularidade aqui no sentido de constância em relação à aparição desse tipo de imagem, uma vez que esse tipo de representação monstruosa com a face disposta no peito era algo recorrente dentro dos impressos e produções efêmeras. Contudo, o conceito de circularidade auxilia a compreender como as imagens circulavam entre uma cultura erudita e aquela dita popular. Ainda que não se defenda um binarismo rígido e uma separação entre elas, pode-se pensar como esse tipo de gravura adornou tratados intelectuais do período, bem como textos de caráter mais efêmero, em um outro formato.

³¹⁵ A WONDER [...], ref. 185.

1617 deixa isso ainda mais explícito, dado que a maravilha e o medo inspirados pelo monstro eram contrapostos a uma negatividade face à sua anormalidade corporal.

Uma vez que o interesse de muitos impressores era vender uma cópia de seus textos e atestar para a credibilidade de suas histórias, é válido pontuar como muitas narrativas comportavam uma necessidade de validação daquilo que relatavam. A narrativa de 1646, por exemplo, apontava em seu fim como o nascimento monstruoso teria sido relatado a alguns indivíduos de Lancaster – a incluir a parteira, descrita como uma boa mulher. A despeito dessa qualificação, em um intuito de legitimar a história reportada, chama-se a atenção para o esforço de divulgação do ocorrido por meio das falas dessa parteira³¹⁶. Não obstante, o texto também continha uma carta enviada ao Ministro da Paróquia anexada em suas páginas, o que servia como elemento de autoridade para comprovar o que se passou³¹⁷.

O leitor também é informado que o bebê teria nascido morto (provavelmente por causa natural) e teria sido exposto à comunidade no pátio da igreja – sendo ali enterrado após alguns dias. Aqui, por sua vez, pode-se pensar no papel da exibição pública desse tipo de nascimento, bem como o peso da coletividade na identificação, na descrição e na legitimação do ocorrido mediante a visualização do bebê. Isso é ainda mais notório na última frase do impresso, quando se mencionam os nomes das testemunhas que viram o ocorrido e reiteraram o caso³¹⁸. O próprio esforço de veiculação da história para o país era associado, segundo a narrativa, a uma necessidade de que todos do Reino soubessem do ocorrido para ver a ação de Deus contra aqueles que o ridicularizavam e o desprezavam³¹⁹. Ou seja, verifica-se uma ênfase na responsabilidade comum imposta à comunidade inglesa para esse nascimento monstruoso.

³¹⁶ Destaque aqui para a cena no original: “*The Minister he spoke of it to others, and so did the Midwife also, which made it to be spread up and down the Country, so that it came to the eares of some of the Committee*” (A declaration [...], 1646, p. 6). Traduzido livremente como: “O Ministro falou disso para os outros, e o mesmo fez a Parteira, o que fez com que o assunto se espalhasse por todo o país, de modo a chegar aos ouvidos de alguns membros do Comitê”.

³¹⁷ Conforme indicado em: “*And for the further satisfaction of the truth thereof, Collonel More an honest godly Gentleman, a Member of the House of Commons, and one of the Committee being there, it was desired he should send a Letter to Mr. Fleetwood the Minister of the Parish, to know the certainty of it, whether it was truth or not; which Letter was writ, and by him sent accordingly*” (A declaration [...], 1646, p. 7). Traduzido livremente como: “E para maior satisfação da verdade disso, o Coronel More, um cavalheiro honesto e piedoso, membro da Câmara dos Comuns e membro do Comitê estando lá, desejou-se que se enviasse uma carta ao Sr. Fleetwood, o Ministro da Paróquia para saber a certeza disso, se era verdade ou não; qual carta foi escrita e por ele enviada”.

³¹⁸ Detém-se aqui sobre o trecho: “*Edward Fleetwood, Pastor with the Midwife, and others who saw the Childe taken out of its grave; Witnesses hereof*” (A declaration [...], 1646, p. 8). Traduzido livremente para o português como: “Edward Fleetwood, o pastor com a parteira, e outros que viram o a criança ser retirada de seu túmulo são testemunhas deste documento”.

³¹⁹ Isso fica disposto no original por meio do trecho: “*The Certificate was shewed before divers of the Committee [...] who have commanded it to be printed, that so all the Kingdome might see the hand of God herein; to the comfort of his people, and the terrour of the wicked that deride and scorn them*” (A declaration [...], 1646, p. 8). Isso pode ser traduzido livremente para o português como: “O Certificado foi apresentado antes de variações da

Há aqui, portanto, um tom coletivo do impresso, de não somente entender o nascimento do monstro como um aviso e um sinal da ação divina na terra, mas também de visualizar tal trama em acordo com a crença de que uma falta original assolava a humanidade³²⁰. Nesse caso, o monstro era fruto de um castigo face à conduta errônea comum a toda a população inglesa. Desse modo, por mais que a senhorita tivesse ofendido os parlamentares, zombado da religião alheia, desejado o retorno da igreja papista e, com isso, gerado um bebê monstruoso como punição, a culpa final ainda reincidia sobre toda a comunidade inglesa. Constata-se, assim, a disposição de uma carga moral no impresso de 1646, que fica ainda mais nítida quando o desfecho do texto menciona que não se deveria contar mentiras ou esconder a verdade. Jazia ali um empreendimento de se condenarem algumas posturas humanas da época, em prol de valorizar condutas mais piedosas pelos ingleses. Não por acaso, a narrativa se encerra com uma passagem bíblica, cujo intuito era demonstrar como Deus agia com justiça e equidade em seus julgamentos face às façanhas dos homens³²¹.

A presença dessa citação bíblica faz constatar a significativa importância desse livro na sociedade inglesa do século XVII. Conforme já argumentado por Christopher Hill ao observar “[...] a sequência dos anos 1640”, verifica-se “[...] que havia muita argumentação extraída da Bíblia”³²². Sendo um texto amplamente traduzido para o inglês nesse período, ele era uma referência tanto para orientação como para a fundamentação de práticas e eventos no mundo. Não por acaso, “[...] quando a Guerra Civil começou, a propaganda parlamentarista se referia aos monarquistas como o exército anticristão”, no qual, “[...] alegava-se que tinham aliança com o papa contra a independência protestante da Inglaterra”³²³. Isso, por sua vez, corrobora com a argumentação de Chambers ao interpor o potencial da Bíblia enquanto um objeto de poder,

história no Comitê [...] que ordenaram que a história fosse impressa para que todo o Reino pudesse ver a mão de Deus aqui; para o conforto de seu povo e para o terror dos ímpios que os ridicularizavam e desprezavam”.

³²⁰ Destaca-se aqui como a interpretação do monstro como fruto de uma punição divina reitera a própria dualidade da figura de Deus. Isto é, ao passo em que se tem um “[...] Deus bom, generoso, criador de um universo grandioso e esplêndido, inspirando confiança e otimismo”, se encontra, ao mesmo tempo, um Deus “[...] ciumento, rancoroso, maquiavélico”, que “sabe que o homem cairá, pois deseja puni-lo eternamente”. (Minois, 2021, p. 14).

³²¹ O texto finaliza com a passagem de Ester 7:1-10, na qual menciona o enforcamento de Hamã. “*But behold an example of the justice and equity of God in his judgements: As Adonibezek was repaid in his own kinde: Haman hanged upon the same Gallows he had prepared for Mordecai, and Pharaoh and all his Hoste drowned in the Sea into which he had thought to have driven the Israelites, And likewise one of the Popish Prelates, who said he would not dine before Ridley and Latimore were burnt, was burned in his own entrails*” (A declaration [...], 1646, p. 8). Traduzido livremente para o português como: “Mas eis um exemplo da justiça e equidade de Deus em seus julgamentos: como Adonibezek foi retribuído à sua própria espécie: Hamã foi enforcado na mesma forca que ele havia preparado para Mordecai e Faraó, e todo o seu exército se afogou no mar em que ele havia pensado ter expulsado os israelitas, e da mesma forma um abades papistas, que disseram que não o fariam antes de Ridley e Latimore serem queimados, foram queimados em suas próprias entranhas”.

³²² HILL, ref. 102, p. 104.

³²³ *Ibid.*, p. 113.

o qual desempenhava um papel central na argumentação sobre as condutas humanas, os atritos políticos e a moralização das sociedades³²⁴.

A Bíblia também era peça chave na interpretação dos monstros e em suas correlações com a ingerência divina, dado que é “[...] dessa fonte que provêm as ‘primeiras’ raças monstruosas e a opinião de que os demônios podem engendrar monstros”³²⁵. Isso revela-se visível na menção a gigantes³²⁶ pelo Antigo Testamento e na apreensão dos seres monstruosos como sinais da grandeza da ação e do poder de Deus. Em um turbulento contexto religioso, político e social da Europa moderna, a linguagem utilizada no cotidiano era a linguagem de Deus. Daí resultaria, por sua vez, o significativo papel desempenhado pela Bíblia e pela religião na sociedade.

Ross Hagen, ao demonstrar como as passagens bíblicas poderiam ser utilizadas para se abordarem os nascimentos monstruosos, delimitou o papel de João 9:1-3, uma vez que ela versava sobre o nascimento disforme de um filho em decorrência dos pecados de seus pais³²⁷. Outro indicativo da presença de um imaginário religioso e da influência do Gênesis no trato monstruoso refere-se à passagem de 2 Esdras 5: 8-9, a qual associava a presença de monstros a sinais enviados por Deus, indicando o fim dos tempos. Pressagiado por mulheres menstruadas trazendo monstros, os nascimentos anormais poderiam ser interpretados como presságios da destruição ou da ira divina. O próprio livro de Esdras, ao dedicar-se a tratar da reconstrução do Templo em Jerusalém após a destruição feita pelos babilônios, cruza-se com o impresso perscrutado acima na medida em que ambos tinham como mensagem final a obediência a Deus.

Alan Bates também elencou como o uso de Romanos 9:19-22 serviu para se interpretar os nascimentos monstruosos enquanto símbolos da providência e ação direta de Deus no mundo natural³²⁸. Ao aludir ao poder divino e à capacidade do Criador de castigar os humanos devido à sua ira, ela permite pensar como o envio de monstros à terra era associado, na Primeira Modernidade, a uma punição divina diante das condutas errôneas dos homens e mulheres. Isso fica ainda mais nítido quando se visualiza essa passagem, a qual diz:

19 Dir-me-ás então: Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade?

³²⁴ CAMBERS, Andrew. *Demonic Possession, Literacy and “Superstition” in Early Modern England*. *Past & Present*, [s. l.], n. 202, feb. 2009. p. 10.

³²⁵ KAPPLER, ref. 5, p. 325.

³²⁶ Ainda que se mencione a presença de gigantes na Bíblia, cabe frisar como os monstros bíblicos não tinham apenas um significado. Desde dragões a serpentes, como indica Timothy Beal (2002, p. 81), verifica-se o uso de certas figuras monstruosas ou animais para representarem o mal e a subversão da ordem.

³²⁷ HAGEN, ref. 251, p. 27.

³²⁸ BATES, ref. 119, p. 54.

20 Mas antes, ó homem, quem és tu, que a replicas a Deus? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim?

21 Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro, para desonra?

22 E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, que se prepararam para a perdição^{329, 330}.

Tal crença na ação de Deus pode ser ainda mais esmiuçada quando se pensa no tom apocalíptico que rodeava a Inglaterra no século XVII. A título de ilustração, Stuart Clark indica em sua obra como o cenário inglês apresentava

[...] uma extraordinária difusão de expectativas escatológicas, cujas mais representativas não eram, estritamente falando, absolutamente milenaristas, mas diretamente apocalípticas – isto é, baseavam-se em crenças relacionadas com o surgimento do Anticristo, o segundo advento, a ressurreição dos mortos, o fim do mundo e o Juízo Final.³³¹

A própria passagem do Apocalipse 14:9-10 faz pensar como as ações errôneas, idólatras ou pecaminosas eram passíveis de despertar a ira divina. É o que se percebe em:

9 E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém a adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão,

10 Também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se a verteu puro no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro.³³²

Em vista disso, os nascimentos de monstros poderiam ser interpretados como uma punição de Deus face à depravação do mundo. Uma outra amostra desse cenário pode ser retida pela publicação do impresso, publicado em 23 de agosto de 1642 com o título de *A Strange And Lamentable accident that happened lately at Mears-Ashby in Northamptonshire* (Um estranho e lamentável acidente que aconteceu recentemente em Mears-Ashby em Northamptonshire). Com apenas oito páginas, o nascimento do monstro era atribuído a uma dissidência política e religiosa da mãe, de modo a advertir a sociedade sobre o comportamento dos homens e evidenciar uma denúncia social, político e religiosa. Nessa ótica, o monstro era um produto da mão de Deus no mundo, sendo atribuído a uma falha dos homens e mulheres. Essa leitura fica

³²⁹ Esse trecho também pode ser encontrado, no inglês, na passagem dos romanos na versão da Bíblia do rei Jaime (The King [...], 2001, p. 824-825). Disposto em inglês como: “¹⁹ Thou wilt say then unto me, Why doth he yet find fault? For who hath resisted his will? ²⁰ Nay but, O man, who art thou that repliest against God? Shall the thing formed say to him that formed it, why hast thou made me thus? ²¹ Hath not the potter power over the clay, of the same lump to make one vessel unto honour, and another unto dishonour? ²² What if God, willing to shew his wrath, and to make his power known, endured with much longsuffering the vessels of wrath fitted to destruction”.

³³⁰ A BÍBLIA, ref. 211, p. 1733.

³³¹ CLARK, ref. 265, p. 433.

³³² A BÍBLIA, ref. 211, p. 1917.

ainda mais ancorada quando se visualiza a quantidade de citações bíblicas dispostas em outros impressos analisados por essa pesquisa. Em um mundo de *cabeça para baixo* como o do século XVII, a menção a Daniel ou ao Apocalipse poderia servir para ataques ou defesas de católicos ou protestantes.

Ao tomar como amostra o impresso de 1646, o qual abre esse tópico, retém-se que o monstro, mais do que um sinal da ira divina, tangenciava em sua representação aspectos relativos aos jogos políticos da época, de tal forma a validar a assertiva de Hill acerca de como a “[...] literatura comenta a política”, ao passo em que a “[...] política explica a literatura”³³³. Nessa ótica, há uma conexão entre o que estava sendo discutido na arena pública com o que era escrito dentro dos impressos efêmeros, mobilizando opiniões e sentimentos. A partir disso, torna-se possível corroborar com a ideia de uma interconexão dos *signi* físico-teológico-morais dos monstros, de modo a favorecer, na presente dissertação, a assertiva de que as figuras monstruosas desempenhavam “[...] o papel de linha-de-fé para onde convergem a história, as intervenções sobrenaturais e as mensagens contidas em fenômenos preternaturais”³³⁴.

Coabita aqui, portanto, um esforço de compreensão do monstro a partir da ideia de uma real crença no monstruoso, o que se explica, em parte, pelo constante esforço da narrativa impressa de apontar para a veracidade do ocorrido. Ter em mente tal assertiva faz com que se rejeite, por outro lado, uma leitura linear e teleológica da monstruosidade, a qual interpretava o nascimento de monstros apenas como um processo oriundo da ausência de conhecimentos científicos da época. Ao contrário, assume-se aqui a possibilidade dessa real crença no monstruoso na época (haja vista a concretude deles para as narrativas impressas), em compasso com um uso dessas representações dos monstros para se externalizar algo. Além de sua raridade e estranheza, que chocava e maravilhava àqueles que o viam, o monstruoso enquadrava-se a uma construção divina, estando dentro da ordem da natureza. Por outro lado, em meio a sua anomalia, ele revelava como Deus poderia punir os homens por conta de seus pecados.

Mais do que uma metáfora cultural ou um artifício literário, como interpretou Julio Jeha anteriormente, o monstro apresentava uma dimensão factual, uma vez que os “[...] os nascimentos são registrados e veiculados pelas fontes como dados empíricos concretos, como criaturas que se têm ou se teve efetivamente sob a vista”³³⁵. Situados no tempo e no espaço, há que se considerar que esses monstros não circunscreviam os binarismos de real *versus* fictício

³³³ HILL, ref. 102, p. 107.

³³⁴ VIEGAS, Rafael; SÁ, Luiz César de. A singularidade compósita: o Monstro de Ravenna em manuscritos italianos. **História (São Paulo)**, [s. l.], v. 41, 2022. p. 14.

³³⁵ Viegas; Sá, ref. 334, p. 2.

e popular *versus* erudito. Ainda que se pese a ideia do monstro como um objeto moral ou como um mecanismo pragmático para servir a instrumentos de controle e ordenamento social, deve-se também interpor a convicção de que esses seres existiam, bem como as expectativas do público leitor a respeito da produção impressa sobre esse tema.

Além da demanda de um crescente mercado impresso, como já prenunciado por Dunthorne, a produção de textos sobre monstros englobava um dinâmico processo que se assentava em questões de deleite público e de dilemas dogmáticos ou religiosos os quais envolviam os nascimentos desses seres³³⁶. Não obstante aos debates teratológicos e médicos existentes no século XVII, existe uma dimensão religiosa que deve ser levada em conta. Desse modo, a circulação dos relatos sobre monstros decorria de uma disponibilidade de recursos retóricos, poéticos, jurídicos, teológicos e morais de cada período, os quais, segundo Viegas e Sá, circulavam tanto pelo público letrado como pelo iletrado³³⁷.

Ao trabalhar com a representação dos monstros, não se pensa aqui em um campo único de imagens ou descrições culturais capazes de revelar apenas um significado da aparição do monstro. Ao contrário, há um esforço para não se reduzirem os nascimentos monstruosos a uma única narrativa. Ao valer-se, em parte, das observações de Ginzburg acerca dos intercâmbios e empréstimos culturais realizados no decurso do tempo³³⁸, pensa-se como o monstruoso se integrava a um domínio simbólico, a uma esfera discursiva e a uma dimensão social, cultural e política que, além de plurais, também se conectavam a outros esquemas representativos. Com isso, defende-se a existência de uma linguagem própria para o trato do monstruoso, a qual perpassava por uma ordem simbólica e discursiva, cujos significados poderiam demarcar certas posições sociais³³⁹.

³³⁶ Dunthorne (2008, p. 1116, tradução própria) se debruça em seu artigo sobre as formas pelas quais os monstros foram abordados pela historiografia. No entanto, a autora evidencia o peso da construção retórica em torno dos impressos que narravam a aparição ou o nascimento de monstros. Ela chega a indicar como “[...] a literatura de monstros fazia parte de uma cultura de leitura e observação”, o que permite pensar a densidade por trás da criação desses impressos e como os monstros simbólicos eram um quebra-cabeça visual que exigiam uma investigação ativa por parte dos leitores. Citação extraída e traduzida livremente do original: “[...] *something about how monsters were meant to be read [...] point out that monster literature was part of a culture of reading and looking*”.

³³⁷ Viegas; Sá, ref. 334, p. 3. Vide a passagem: “[...] a observação e decifração dos significados do aparecimento do monstro circulam entre letrados e iletrados”.

³³⁸ GINZBURG, Carlo. **História noturna**: Decifrando o Sabá. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 26.

³³⁹ Lawrence Kritzman (1996, p. 170, tradução própria) chega a abordar o papel da linguagem na criação do monstruoso. Além de perpassar por aspectos relativos ao campo semântico e discursivo, “[...] o poder hiperbólico da linguagem gera uma lógica de deformação e uma deformação da lógica; a humanidade alimenta essa presença monstruosa através da construção de diferenças que são meramente os efeitos de transformações retóricas”. A escrita do texto também detinha significados e demarcava posições ou normas sociais condizendo com a assertiva de que “[...] o pensamento mítico, o símbolo e o monstro, têm de passar pela formalização verbal” (Kappler, 1994, p. 266).

Na medida em que o próprio termo monstro introduz uma série de possibilidades de significados, verifica-se uma relação desses impressos com uma construção intertextual, dialogando ainda com outros textos ou eventos que perpassavam na Inglaterra do século XVII. Como um objeto ativo no comércio de impressos, o que pode ser indicado pela alta quantidade de títulos que abarcam o tema da monstruosidade segundo Dirks-Schuster³⁴⁰, os corpos insólitos dos monstros eram veículos de informação e integração. Por conta disso, defende-se como os textos efêmeros sobre os nascimentos e as aparições monstruosas poderiam servir de válvula de escape para medos, ansiedades, desejos ou ainda para transformações sociais e culturais em mundo de *cabeça para baixo*.

3.2 O monstro no fim dos tempos

Ao analisar a representação de monstros nos impressos ingleses do século XVII, advoga-se que a narrativa dessas criaturas continha um significado que ia além da simples descrição física de suas anomalias. Ao apontar a existência dos monstros, veiculava-se uma propaganda religiosa, na qual o ser monstruoso incorporava tanto inimigos religiosos como opositores políticos. Sustenta-se aqui uma associação entre o fim dos tempos e o cenário de guerra da Inglaterra com o surgimento de monstros, sendo isso difundindo pelos impressos. Muitos pregadores desse período “[...] convencidos do caráter anticristico do governo de Carlos I” acabaram vendo a “[...] Guerra Civil como o primeiro acontecimento numa série de cataclismos” e invocaram “[...] as suas congregações a apoiar a causa do Parlamento”³⁴¹, publicando sermões que dissertavam sobre tal falta. Desse modo, não é de se espantar que as alianças e filiações político-religiosas ecoassem na produção de textos efêmeros e na construção de adversários na cena pública.

A partir da concepção de uma correspondência do macrocosmo com o microcosmo, segundo Huet, a deformidade inerente ao monstro refletia, nesse sentido, a crença em uma própria depravação da sociedade, com um nítido “[...] paralelo dos sistemas celulares e a organização política do mundo”³⁴². Daí a representação em impressos de figuras sem cabeça ou

³⁴⁰ DIRKS-SCHUSTER, ref. 53, p. 26.

³⁴¹ HILL, ref. 69, p. 50.

³⁴² HUET, Marie-Hélène. **Monstrous Imagination**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993. p. 106. Tradução própria. Tradução livre de: “[...] is the parallel drawn between cellular systems and political organization”.

com imagens que representavam o caos do país e de outras localidades. Isso fica ainda mais nítido quando se depara com a gravura presente no frontispício do impresso de 1643 intitulado *Behold Romes monster on his monstrous beast*, (Contemple o monstro de Roma em sua besta monstruosa). Trata-se de uma produção holandesa (com legendas em holandês e traduções em inglês abaixo delas), a qual representava o papa montado em uma “Besta do Apocalipse”, com corpo cilíndrico e uma cauda de escorpião.

Figura 12 - Gravura da “Besta monstruosa” no impresso de 1643



Fonte: Vicars, John. **Behold Romes monster on his monstrous beast!**. Londres: EEBO, ProQuest, 1643. p. 1.

Com sete cabeças rotuladas como os *Sete Pecados Capitais*, a Besta fazia uma referência ao papado de Roma, uma vez que os capacetes usados por ela aludiam ao clero romano. Não obstante, a besta estaria excretando crânios e ossos (reliquias de santos) de sua parte traseira, de modo a mantê-los em recipientes, os quais os clérigos ofereciam aos reis, ajoelhando-se. Já na parte esquerda do quadro, pode-se visualizar esqueletos da morte que direcionavam flechas ao Papa, prestes a mergulhar no abismo do inferno. Parte dessa interpretação, proposta previamente por Malcolm Jones³⁴³, abre espaço para se pensar como o Papa foi representado de modo negativo na gravura. Além de retratar o líder religioso como um sujeito ostensivo, a

³⁴³ O autor chegou a analisar a obra de John Vicars, indicando como “[...] a gravura apocalíptica representava o papa montado em uma Besta de barriga grande, logo acima de uma descrição em verso da cena”. Tradução livre de: “[...] a broadside issued in 1643 with a dramatically apocalyptic engraving depicting the pope mounted on a barrel-bellied Beast, above a verse description of the scene by John Vicars”. (JONES, Malcolm. *The English Print, c.1550–c.1650*. In: HATTAWAY, Michael. *A Companion to English Renaissance Literature and Culture*. Hoboken: Blackwell Publishers, 2003. p. 361)

imagem fornecia ganchos para uma crítica religiosa e uma propaganda negativa da igreja católica, que era comum a época³⁴⁴.

Ainda que não seja possível, na presente dissertação, apontar para a quantidade de cópias ou repetições desse modelo de gravura, uma vez que não há posse desses dados, pode-se pensar, por outro lado, nas similaridades dessa representação com outras produções imagéticas da Primeira Modernidade. É o caso da imagem atribuída à região da Alemanha, produzida por volta de 1511, que revelava o apocalipse de São João, indicando a presença de uma besta com chifres de carneiro. Pode-se supor que essas gravuras faziam parte de um circuito imagético de crítica ao papado cujo modelos eram (re)apropriados e modificados conforme as intenções dos editores, sobretudo quando se considera que ambas são provenientes de localidades protestantes. Nela, é possível visualizar não somente a besta com várias cabeças ao lado direito da imagem, mas também a presença de seres animaiscos e anjos.

Figura 13 - Revelation of St. John: Beast with Ram's Horns



Fonte: Dürer, Albrecht. **Revelation of St. John: Beast with Ram's Horns**. 1511. 1 gravura. Disponível em: <https://www.clevelandart.org/art/1922.94.15>. Acesso em: 24 abr. 2025.

³⁴⁴ Malcom Jones inclusive chega a introduzir como “[...] a impressão é mais frequentemente o veículo da polêmica denominacional do que da piedade, principalmente na forma de ataques ao papa e ao clero católico, especialmente os frades”. Tradução livre do original: “*In this era of Reformation, however, the print is more often the vehicle of denominational polemic than piety, most notably in the form of attacks on the pope and the Catholic clergy, especially the friars*”. (Jones, ref. 343).

Já no caso da gravura do impresso de 1643, pode-se inferir que a besta representava diretamente a figura do papa, correlacionando-a ao próprio Anticristo. Verifica-se ao lado direito, no topo da imagem, a representação de uma suposta tempestade, o que leva a inferir uma alusão da ilustração com o próprio cenário caótico que acometia a Inglaterra; isto é, uma referência aos fins dos tempos. A Bíblia, por exemplo, menciona a presença de tempestades no momento do Juízo Final. Por meio de suas passagens, verifica-se como a menção a chuvas e a terremotos era algo recorrente na palavra divina. É o que ilustra o trecho extraído de Isaías 29:1-8, “[...] 6 *Eis que eles serão* visitados pelo Senhor dos exércitos com trovões, e com terremotos, e grande ruído, com tufão de vento e tempestade, e labaredas de fogo consumidor.”³⁴⁵

A partir disso, pode-se supor que a gravura disposta no impresso de Vicars remete a um clima de tensão e atritos, cujos personagens em cena, para além de um entrave direto entre si, representavam as próprias disputas entre os protestantes e o papado de Roma. Ainda que não se tenha informações concretas sobre o gravurista, pode-se inferir que os esqueletos, retratados no canto à esquerda da gravura, além de representarem a morte, estavam combatendo a besta de múltiplas cabeças – no caso, o papa. Isso leva a considerar não somente a associação dessas formas esqueléticas à mortalidade, mas também sobre como elas estavam dispostas na figura: próximas a um fogo (provavelmente em alusão ao fogo do inferno) e comportando flechas, as quais estavam disparadas em luta contra a o ser bestial. É válido notabilizar ainda a presença de letras avulsas acomodadas ao longo da imagem como um todo, sendo visíveis as letras: N, P, O, E, H, G, M, D, A.

Jaz aqui, portanto, um outro tipo de representação do monstro. Não se trata mais daquele monstro do relato de uma notícia estranha e verdadeira sobre um nascimento real e concreto, cuja aparição monstruosa contém ano e data. Ao contrário, percebe-se um uso metafórico do monstro, o qual personifica um inimigo religioso retido na forma do papa. Parte-se aqui, dessa maneira, da premissa de que existia o monstro relatado (aquele que apresentava uma concretude e materialidade no mundo vivo) e aquilo que é monstrificado (tachado como monstro na medida em que indica uma posição ou qualificação no mundo). Apesar de serem duas operações discursivas diferentes, percebe-se pela presente dissertação que ambas convergiam na Inglaterra do século XVII, sendo o monstro um objeto de notícias, mas também arma de denúncia social, podendo ser instrumentalizado para vociferar críticas no escopo inglês.

³⁴⁵ A BÍBLIA, ref. 211, p. 38.

Ao ter em mente os “[...] monstros como uma forma de expressão teológica”³⁴⁶, verifica-se a construção de uma série de impressos no século XVII como mecanismo de propaganda religiosa, sobretudo anti-papista. Um caso digno de notoriedade e que exemplifica esse cenário é o sermão *A True and Certain Relation of a Strange Birth which was borne at Stone-house in the Parish of Plimmouth, the 20. of October. 1635* (Uma verdadeira e certa relação de um estranho nascimento que ocorreu em Stone-House na Paróquia de Plymouth, em 20 de outubro de 1635), publicado pelo ministro protestante inglês, Thomas Bedford. O impresso evidencia como o monstro foi interpretado como um guia para a moral, ao passo em que o clérigo via a criatura como um indicativo dos pecados particulares que acometiam a população da região.

Muitos autores protestantes nessa linha interpretativa valiam-se dos impressos de monstros para pregarem mensagens ou modelos exegéticos para as massas, de tal modo que os nascimentos monstruosos funcionavam como expressões figurativas dos pecados humanos³⁴⁷. Além de visualizar o monstro como um sinal da ação de Deus na terra, a postura de Bedford corrobora com a defesa de que existia uma agenda moral por trás da produção desses impressos, nos quais os eventos miraculosos eram condicionados pelo clima social e cultural da época. Ao valerem-se desses textos como mecanismos de denúncias ou propagandas, boa parte dos religiosos apresentava os monstros como uma evidência visual da desaprovação de Deus perante as agitações locais. Quando personificado na figura do papista, a figura monstruosa passava a apresentar um significado social e religioso bem mais profundo.

No caso do impresso acima, *Behold Romes monster on his monstrous beast* (Contemple o monstro de Roma em sua besta monstruosa), sabe-se que a sua autoria pertencia ao inglês John Vicars, sendo o texto vendido por William Peake em sua loja. Verifica-se que esse autor era um poeta e biógrafo que ficou conhecido por conta de suas crônicas publicadas entre 1644 e 1646 acerca da Guerra Civil. Além de menosprezar os apoiadores do monarca Carlos I, ele também enfatizava as virtudes do presbiterianismo e da causa parlamentar. Por detrás de suas traduções de versos épicos, Vicars teria se dedicado a escrever versões poetizadas dos salmos bíblicos, relacionando-os com as inquietações políticas que ocupavam a cena pública. Ainda mais expressivo com o desenrolar do conflito, o cronista passou a glorificar a vitória

³⁴⁶ BEAL, Timothy. **Religion and its Monsters**. Londres: Routledge, 2002. p. 8. Tradução própria. No original: “[...] the monstrous as a form of theological expression”.

³⁴⁷ Michael Braddick (2010, p. 177), sobre o tema, esboça em sua obra como os impressos se interligavam aos quadros de ansiedades políticas e religiosas da Inglaterra, destinando uma atenção ao monstruoso.

parlamentar e a atacar as lideranças dos *Independents*, uma vez que eles eram opositores dos presbiterianos³⁴⁸.

Considerar a autoria desse impresso é importante uma vez que a maior parte dos documentos tratados na pesquisa possuíam, até então, um autor anônimo. Nesse caso, além de saber quem escreveu o texto, sabe-se a real atuação desse sujeito enquanto uma voz ativa dentro da mobilização de ideias na cena pública. Ao deparar-se ainda com o conteúdo narrativo desse impresso de apenas uma página, pode-se perceber como a escrita encaminhava uma visão negativa de Roma e do papado. Disposto em versos, o impresso também continha uma clara correspondência com a gravura que o acompanhava, uma vez que ambas representavam (textualmente e visualmente) um monstro com sete cabeças. Ao ilustrar isso, Vicars expunha como Roma aparentaria estar doente, pedindo logo em seguida que Jesus viesse logo, uma vez que ela estava imersa em sangue e blasfêmia³⁴⁹. Não obstante, Vicars conectava a depravação de Roma com a presença de pecados na Inglaterra – vide casos de fornicação, bebedeira, destruição ou prostituição. Em um tom apocalíptico, o texto finalizava com um pedido para que o Senhor Jesus Cristo voltasse logo à terra a fim de acabar com os seus problemas³⁵⁰.

O ponto principal aqui, portanto, é a produção desse texto mediante o seu contexto. Escrito justamente em 1643 por um autor presbiteriano, defensor da causa parlamentar e contrário ao rei, o impresso encontrava-se no epicentro dos atritos políticos e religiosos que acometiam a Inglaterra do século XVII. Isso fica ainda mais saliente quando se pensa na atmosfera de tensões que rodeavam o reino nessa época, a mencionar a própria dimensão apocalíptica que margeava esses impressos. Consequentemente, a besta representada no texto aludia não só aos católicos, mas também à usurpação e aos abusos cometidos pela Igreja Romana.

O monstruoso, nesse caso, além de incorporar a figura do outro, do inimigo, evocava também uma dissidência religiosa, sendo o medo do complô papista algo palpável e que fazia parte do escopo social. Não por acaso, Walsham demonstra como os protestantes atacavam o catolicismo e “[...] acreditavam que se a falsa religião e a idolatria praticadas pelos papistas

³⁴⁸ Uma amostra notória dentro de sua produção é a obra *True information of the beginning and cause of all our troubles*, traduzida livremente para o português como: “Informações verdadeiras sobre o início e a causa de todos os nossos problemas”. Publicada em 1648, ela se dedicava a narrar fatos verídicos da Guerra Civil, de tal modo que o seu título indicava justamente tal pretensão do autor em transmitir reais informações sobre o ocorrido.

³⁴⁹ A tradução aqui foi feita livremente. No original é possível ver esse trecho pela passagem: “*Euen now, this worke begins, for, Rome looks sickly; Euen so Lord Iesus come, oh Lord come quickly; In Blood and Blasphemy Her-selſe t'aduance; Gainst God and his deere Saints*” (Vicars, 1643, p. 1).

³⁵⁰ Isso é perceptível no trecho: “*Euen so Lord Iesus come, oh Lord come quickly; To right the wrongs of thy distressed Saints. To send an end to all their woes and complaints*” (Vicars, 1643, p. 1). Tradução livre como: “Então, Senhor Jesus, venha, oh Senhor, venha rápido; Para corrigir os erros dos teus santos aflitos. Para dar fim a todas as suas aflições e queixas”.

não fossem rapidamente erradicadas, Deus interviria para atormentar as nações que toleraram isso”³⁵¹. Alvos de ataques, a menção aos papistas nos impressos servia, por sua vez, para reforçar essa pressão religiosa e os usos morais e coercitivos das narrativas de monstros. É o que Veronica Lima sublinha ao mencionar como “[...] desde as fogueiras instituídas por Maria I à Conspiração da Pólvora de 1605, havia inúmeros exemplos aos quais se voltar para sugerir que os papistas eram responsáveis pelas chamas”³⁵².

Tal associação da monstruosidade à igreja católica não foi algo exclusivo dos protestantes ingleses. O panfleto de Martinho Lutero sobre o nascimento de uma criatura monstruosa na Saxônia em 1522 é uma amostra disso. Ao falar de um bezerro malformado, Lutero indicava como a criatura era um sinal da corrupção da Igreja Católica Romana e da ira de Deus perante tal cenário³⁵³. Nesse caso, esse episódio permite vislumbrar como os nascimentos de monstros eram instrumentos de pressão religiosa e política. Desse modo, ao se deparar com o cenário de Guerra Civil e com a formação de alianças na Inglaterra, a ideia de conspirações ou seitas que afrontassem o poder ganha ainda mais projeção. Diane Purkiss explorou isso ao demonstrar como o confronto entre o rei e o parlamento foi permeado pela “[...] disseminação de rumores, criptografia e desinformação”³⁵⁴, levando ao surgimento de desconfianças em relação ao outro. Conectados à guerra, às inseguranças sociais ou aos comportamentos transgressores, tais episódios contribuíam para reforçar a assertiva de que o monstro poderia ser utilizado na literatura efêmera para se atacar outros grupos ou igrejas.

Nesse viés, o papado não era apenas uma ameaça externa, mas também algo que colocava em xeque as fragilidades da própria estruturação do protestantismo inglês³⁵⁵. Além de comporem uma forma de instrução moral, essas narrativas impressas eram capazes de contribuir para a construção de opiniões ou a regulamentação de esferas sociais, sobretudo a da sexualidade das mulheres, quando se pensa no nascimento monstruoso e no controle dos corpos femininos. Ao coadunar a existência do monstro aos pecados cometidos pelos pais, a literatura

³⁵¹ WALSHAM, ref. 230, p. 508, tradução própria. Tradução livre de: “[...] *they believed that if the false religion and idolatry practised by the papists was not swiftly eradicated God would step in to plague the nations that tolerated it*”.

³⁵² KENYON, 2000 *apud* LIMA, Verônica Calsoni. **Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680**. 2023. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. p. 353.

³⁵³ WEINSTOCK, ref. 200, p. 6.

³⁵⁴ PURKISS, Diane. Desire and Its Deformities: Fantasies of Witchcraft in the English Civil War. **Journal of Medieval and Early Modern Studies**, [s. l.], v. 27, n. 1, winter 1997, p. 124. Tradução livre de: “[...] *civil war characterized by the spread of rumours, cryptographs and disinformation*”.

³⁵⁵ Michael Braddick (2010, p. 180) faz ressalvas quanto ao papel do papado durante o confronto na Inglaterra, evidenciando ainda como as mobilizações políticas eram plurais, sobrepostas e conflitantes. O autor também sublinhou como a produção de panfletos e petições englobavam redes de impressores, políticos e titulares de cargos públicos, os quais tentavam mobilizar a opinião pública.

poderia atuar no reordenamento e na denotação de sentido às práticas sociais através do simbólico, mobilizando um arrependimento moral e uma culpabilização feminina³⁵⁶. Não obstante, os corpos de crianças deformadas também eram, por vezes, citados em sermões religiosos após a Reforma com o intuito de representarem a fúria de Deus perante as calamidades cometidas pela sociedade³⁵⁷.

Indo além do período das Guerras Civis e das décadas de 1640 e 1660 propriamente, o texto *A True relation from Rome of a bloody and cruel monster* (Uma verdadeira relação de Roma, de um monstro sangrento e cruel)³⁵⁸, publicado em 1688, configura-se como um outro exemplo da retórica anti-papista presente nos impressos ingleses. Com apenas uma página e sem imagens, ele é o único dos documentos analisados até aqui que data do período da chamada Revolução Gloriosa³⁵⁹. Posterior à Restauração monárquica de Carlos II e ao governo de seu sucessor, a época de circulação desse texto contempla um período de tensões mediante à alteração do reinado de Jaime II para o seu genro, Guilherme de Orange.

Ao adentrar-se nessa fonte, nota-se como o monstro é elencado como um ser abominável, que estaria, por anos, destruindo homens, mulheres e crianças, levando outras localidades à miséria. Além de mencionar a raridade desse ser, o texto descreve a terrível e

³⁵⁶ Luca Baratta (2016, p. 163) defendeu em sua tese que, durante o reinado de Elizabeth I, a exploração dos nascimentos monstruosos pela literatura de rua contribuiu para uma reforma moral implementada pelos protestantes, tendo em seu centro, sobretudo, a educação e o controle social das mulheres.

³⁵⁷ HSIA, 2004, p. 89 *apud* HAGEN, ref. 251, p. 28.

³⁵⁸ Título mais extenso e no original: *A TRUE relation from rome of a bloody and cruel monster, that for many years hath destroyed an infinite number of men, women, and children; devoured the growth of that country, and reduced other nations to want: With a description of its prodigious shape, terrifying aspect, and fox-like craftiness; the like never yet seen in any other part of the world.*

³⁵⁹ Esse período ficou conhecido de tal forma devido à troca do trono real do monarca Jaime Stuart II para a sua filha Mary e seu marido, Guilherme de Orange da Holanda. Tal situação ocorreu devido à pressão dos parlamentares diante de uma postura mais ostensiva do rei e o nascimento de seu filho, fruto de seu segundo casamento com uma católica. Mediante um cenário de tensões e a conversão do monarca ao catolicismo, verificou-se um clima de instabilidades, sobretudo quando se pesa o passado de atritos dos ingleses com o papado e a ocorrência de um regicídio em 1649. Posto isso, articulou-se um processo de afastamento de Jaime II do trono, levando ao fim da dinastia dos Stuarts no poder. Iniciava-se, portanto, o reinado dos Hanôver, cujo monarca era um protestante. Igualmente, tem-se a promulgação do *Bill of Rights*, notoriamente conhecido como uma Declaração de Direitos dos ingleses que sobrepunha o poder do Parlamento sob as ações do Rei. No entanto, ao apreender esse evento, há que se pensar a adjetivação que ele recebeu por parte da historiografia. Santos Junior (2018) aborda como essa qualificação do movimento como “glorioso” esteve envolto em uma tentativa de se priorizar os benefícios desse processo, descrevendo-o como “[...] pacífico e sem derramamento de sangue”. No entanto, essa percepção não foi um consenso, como indica a visão de George Trevelyan (1982), ao enfatizar a violência dos ingleses contra os irlandeses e escoceses. Por outro lado, Steven Pincus (2009, p. 3), argumenta que, ao contrário de uma narrativa tradicional que abordou a Revolução Gloriosa como um grande momento para os ingleses, esse evento foi essencial para a criação de um novo tipo de Estado moderno, possibilitando a criação de um mundo moderno. Como um processo de longas causas e extensas consequências, Pincus sinaliza o papel das décadas de 1640 e 1650 na mudança política sofrida em 1688/89.

deformada aparência do monstro, qualificando a criatura como “[...] sangrenta e cruel”³⁶⁰: um verdadeiro parente de Roma. Percebe-se aqui, novamente, um uso metafórico do monstro, sendo a sua associação ao papado romano uma forma de qualificação que o enquadra como monstruoso. Nesse ponto, pode-se pensar a conexão da monstrosidade com a crítica esboçada aos papistas, já que ele era tido como um idôlatra, malicioso, supersticioso e odiável, “[...] um diabo encarnado e que é chamado de Papa”³⁶¹. Como se não bastasse tal descrição, o impresso expõe o monstro como uma criatura que vendia o céu por dinheiro, perdoava os pecadores e se colocava acima dos outros, vide o trecho: “[...] Ele vende o Céu por dinheiro, e deixa entrar quem lhe agrada; Ele perdoa quem lhe agrada e condena quem lhe agrada; Ele destrona Reis a seu bel-prazer e aqueles que não o adoram, ele excomunga, ou condena a mortes ignominiosas”³⁶².

Há aqui, mais uma vez, uma nítida crítica ao papado de Roma, personificado na figura monstruosa. Além da alusão à prática da venda de indulgências pela igreja católica, o texto denunciava a corrupção do clero romano, indicando, por oposição, uma propaganda positiva da igreja protestante inglesa. Por detrás dessas críticas, pode-se pensar nas próprias inquietações do momento de produção desse documento, uma vez que o rei Jaime II, recém-convertido ao catolicismo, despertou uma série de inquietações dos protestantes na época. Haja vista a perseguição que muitos reformadores ingleses sofreram no passado com a rainha católica Maria (filha de Henrique VIII), a mudança religiosa do monarca Stuart para a igreja romana pode ser lida como um incentivador das preocupações de certos protestantes ingleses em 1688.

No entanto, essa denúncia religiosa não teria sido exclusiva aos impressos de reformadores ingleses, uma vez que outros monstros também foram utilizados no processo da Reforma Protestante no geral. Um caso notório é o monstro de Ravenna, o qual, supostamente nascido na Itália em 1512, indicava a ação punitiva de Deus na terra. Ainda que o monstro aqui tenha uma concretude, dado que ele tem um local e uma data de nascimento (não se trata de uma metáfora), a representação desse ser monstruoso foi comumente apresentada em livros e folhetos da Primeira Modernidade como forma de indicar os pecados cometidos pelos homens. Acerca desse tópico, Palmira da Costa demonstrou como o corpo desse monstro externalizava

³⁶⁰ A TRUE relation from rome of a bloody and cruel monster, that for many years hath destroyed an infinite number of men, women, and children; devoured the growth of that country, and reduced other nations to want: With a description of its prodigious shape, terrifying aspect, and fox-like craftiness; the like never yet seen in any other part of the world. London: [s. n.], 1688. p. 1, tradução própria. No original: “[...] of a bloody and cruel monster”.

³⁶¹ A TRUE [...], ref. 360, p. 1, tradução própria. No original: “Devil Incarnate; and is called the POPE”.

³⁶² Trad. livre do original: “He sells Heaven for Money, and lets who he pleases in; He forgives who he pleases, and who he pleases he damns; He dethrones Kings at his Pleasure, and them that will not worship him he Excommunicates, or puts to ignominious Deaths”. (A true [...], 1688, p. 1).

algumas questões religiosas, na medida em que “[...] o corno na cabeça” indicava o orgulho, “[...] os órgãos genitais hermafroditas, a sodomia e a imoralidade sexual, ao passo em que as garras do pé remetiam à ganância”³⁶³.

A partir disso, é possível ponderar como a monstrosidade abria um espaço para se pensar o outro, fosse ele na figura do inimigo político e religioso, fosse ele na persona do ser à margem ou disforme – adjacente às expectativas sociais e naturais. Ao reter o cenário de decadência de diversos governos na Inglaterra, como pontuou Eunice Ostrensky³⁶⁴, pode-se considerar como a consolidação de ansiedades e angústias foram direcionadas à criação desses seres monstruosos. O monstro operava, assim, como um sinal da decadência moral da época. Mais uma vez, pode-se pensar aqui na chave interpretativa de Julio Jeha ao alocar a monstrosidade como uma “[...] metáfora para o mal”³⁶⁵. Como artifícios literários, eles indicavam semelhanças e dissemelhanças, fundindo elementos de diferentes domínios cognitivos e simbolizando, por vezes, um aviso, um desvio ou um mal cometido.

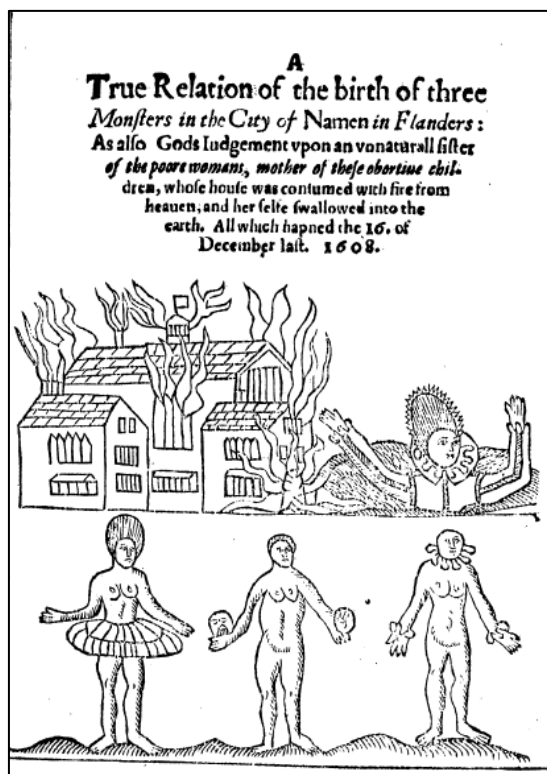
É o que se percebe no impresso intitulado, *A true relation of the birth of three monsters in the city of Namen in Flanders* (Uma relação verdadeira do Nascimento de três monstros na cidade de Namur em Flandres). Publicado em 1609 e com autoria anônima, ele revelava a história de três monstros, associando-os a uma punição divina. Impresso em Londres por Simon Stafford para Richard Bunnian, o documento continha em seu frontispício uma gravura, cuja representação dos três monstros evidenciava um paralelo da imagem impressa com o título do texto e o seu conteúdo.

Figura 14 - Gravura de *A true relation of the birth of three monsters in the city of Namen in Flanders* (1609)

³⁶³ COSTA, ref. 181, p. 17.

³⁶⁴ OSTRENSKY, Eunice. **As revoluções do poder**. São Paulo: Alameda, 2005. p. 5.

³⁶⁵ JEHA, ref. 31, p. 19.



Fonte: A TRUE relation of the birth of a monster born at Exeter. Londres: [s. n.] impresso por W. Davis, 1682. p. 1. Disponível em: <https://www.proquest.com/books/true-relation-birth-three-monsters-city-namen-n/docview/2248579746/se-2>. Acesso em: 6 jan. 2023.

Interessante notar que esse caso retratado no documento não teria ocorrido na Inglaterra, mas sim nos Países Baixos, sendo reportado aos ingleses como forma de aviso e moralização. Tanto esse impresso como a gravura do texto de Vicars aludem a produções dessa região, o que aciona um olhar para a circulação de notícias e para os processos de adaptação e tradução em regiões protestantes. Muito provavelmente esse impresso de 1609 refere-se a uma tradução de um panfleto ou de uma notícia flamenga, de modo que a situação em si não ocorreu na Inglaterra. Além disso, salienta-se como o texto retratava um acontecimento que teria tomado curso no ano anterior, isto é, em 1608. Ou seja, ele é redigido um ano após o ocorrido. Ao retratar os monstros como um castigo de Deus, o autor evidenciava como as criaturas disformes eram, na realidade, um alerta para os indivíduos para que esses procurassem um arrependimento diante de suas faltas. Dessa forma, reforça-se não só o caráter moral do impresso, mas também o seu esforço de instruir e mobilizar certas posturas por parte dos fiéis.

Ao chamar a atenção do leitor para a ideia de um julgamento divino, o impresso mencionava o grande amor do Senhor pela humanidade e a sua misericórdia perante as faltas dos homens. Ao afirmar que Deus julgava os homens e os castigava, o autor enfatiza como o Criador enviava monstros à terra como advertência face aos comportamentos insolentes e

viciosos da sociedade. O curioso aqui, novamente, é o tom coletivo também evocado por esse impresso, na medida em que ele discorre que Deus estaria ofendido com a Inglaterra e, por conta disso, enviado sinais de sua ira. Pela passagem “[...] Ó Inglaterra, olhe para si mesma antes de procurar por maravilhas, e você descobrirá que o Altíssimo está ofendido com você: por esses sinais de sua ira, para te avisar, você sentiu a mortalidade por pestilência”³⁶⁶, sugere-se como a responsabilização pelas calamidades era comunitária e, por conseguinte, de todos os ingleses.

Sobre a trama propriamente dita, verifica-se o relato de uma jovem, descrita como virtuosa, que estava grávida de seu marido. Ao entrar em trabalho de parto, essa mulher teria solicitado ajuda à sua irmã, uma senhora retratada como rica, orgulhosa e cega pela sua fortuna. Além de chamar a atenção para uma denúncia implícita acerca da ganância e luxúria dessa mulher, o impresso expôs como a irmã não teria amparado a grávida em um momento de necessidade. Ao focar nessa questão do suporte e ajuda comunitária, a história também tangencia um assunto relativo ao ideal de caridade feminina e ao auxílio que deveria ser prestado por bons cristãos. Por conta disso, ao expor que a mulher recusou o pedido de socorro, a narrativa indica como Deus teria agido em prol de uma vingança contra aquela mulher. É aqui, portanto, que o nascimento dos três monstros ocorre.

Na medida em que a grávida, com dor e raiva, dá à luz aos seus filhos, ela teria aterrorizado as mulheres ali presentes com o nascimento de três bebês monstruosos. Além da presença de outros sujeitos no momento do parto e a questão da testemunha na identificação do monstro, o impresso expunha como, dentre esses recém-nascidos, havia um menino e duas meninas, sendo todos disformes e horrendos. Mais oportuno ainda é a ressalva a esse relato, uma vez que nele os monstros apresentam falas. Segundo a narrativa, o ser monstruoso teria chorado e pedido ao Criador que “[...] não o deixasse viver neste mundo de Orgulho, de Luxúria, assassinato e maldade”³⁶⁷, falecendo logo em seguida. Já o segundo monstro, que também morre após a sua fala, pode ser entendido como a representação de um prenúncio ou sinal, uma vez que ele teria afirmado “[...] que a fome e a peste iriam cobrir o mundo inteiro e

³⁶⁶ A TRUE [...], ref. 184, p. 2. Tradução livre do original: “O England, looke vpon thy selfe, before thou search into forrayne wonders, and thou shalt find, the Highest is offended with thee: for these tokens of his wrath, to forewarne thee, hast thou felt; mortality through pestilence”.

³⁶⁷ *Ibid.*, p. 3. Tradução livre da autora da passagem: “[...] let me not live here in this world of Pride, of Lust, of Murther, and all wickednesse”.

que eles foram enviados para avisar os homens sobre isso”³⁶⁸. Desse modo, o monstruoso aqui cumpre novamente o papel de profecia e moralização, enfatizando uma mensagem divina.

Tal impresso, ao afirmar que os homens teriam atizado a ira de Deus por conta de sua poluição e concupiscência carnal, evocava também um ideal de fim dos tempos. Ao destacar que o terceiro monstro teria dito em sua fala ser “[...] um sinal da vinda do Senhor”³⁶⁹, visualiza-se um caráter apocalíptico no documento. Mais uma vez, aparece aqui a tônica da conexão desses impressos com a fermentação escatológica e o imaginário de que o Juízo Final estava próximo. Spinks, sobre o assunto, chega a mencionar como os nascimentos monstruosos assumiram conotações esmagadoramente negativas à medida que se tornaram parte da polêmica da Reforma, ligando-se frequentemente às imagens de que o fim estava próximo³⁷⁰.

Após debruçar-se novamente sobre os três monstros, o autor do impresso menciona como a irmã viciosa da grávida sofreu com a justiça divina e teve a sua casa incendiada. Não obstante, ao fugir da residência em chamas, a mulher teria sido engolida pela terra e tido as suas riquezas consumidas pelo fogo. Isso encontra correspondência não somente com a gravura que acompanhava o texto, como também com o ideal de que Deus atuava por meio de punições e concessão de misericórdias. Novamente, essa questão do fogo também faz pensar em uma associação do inferno e do julgamento de Deus. Interessante considerar que, além desse enfoque, há um direcionamento moral da trama, uma vez que se informa que a região ficou famosa por esse episódio, de modo que o fato reportado teria despertado nos fiéis a busca pelo jejum, pela oração, pela entrega de esmolas e pela execução de boas obras.

É válido pontuar que, ao ter em mente a trama esboçada acima, a gravura que acompanhava o impresso continha uma expressiva relação com a história reportada. Além da representação imagética de três monstros, dispostos logo embaixo da imagem, pode-se pensar como ela também apontava para as deficiências e anormalidade física de cada um dos bebês, indicando, inclusive, a presença de duas mulheres e um homem na cena. Já na parte de trás do quadro, é possível verificar a casa da mulher sendo queimada, com ela sendo engolida pela terra, no canto direito superior. A casa, representada como sendo consumida pelo fogo, alude à punição divina orquestrada por Deus em virtude da conduta errônea da mulher, tida como gananciosa.

³⁶⁸ A TRUE [...], ref. 184, p. 3. Tradução livre da autora do original: “*The second was a sonne, with a strange misshapen head, hauing vpon the backe of his right hand, the fashion of a deaths head: And this child sayd, that Dearth and Plague should couer the whole World, and that they were sent to give notice of it to all men*”.

³⁶⁹ *Ibid.*, p. 4, tradução própria. Refere-se à passagem: “*And this child sayd, that God would punish the world suddenly, for our manifold transgressions; and sayd moreouer, that they three were sent to fore warne vs of the Lords comming; and then straight dyed*”.

³⁷⁰ SPINKS, ref. 78, p. 11.

Com uma rica ornamentação e detalhes em sua impressão, vide letras capitulares e adornos nas laterais das folhas, percebe-se como a trama tentava constantemente se portar como legítima por meio de sua retórica na autenticidade do ocorrido. Ao final do texto, defronta-se ainda com uma ilustração comum a outros textos da época³⁷¹. A figura da cabeça de um homem, conhecida pelo termo de Homem Verde em inglês, revelava um rosto parcialmente folhado, segundo Stephen Winick³⁷². Esculpido em 1534, ele pode ser visualizado dentro de uma igreja inglesa, na região de Somerset. Ao defrontar-se com essa representação, pensa-se nas conexões dessa produção impressa efêmera com outras obras da época.

Figura 15 - Ilustração ao final da última página do impresso *A true relation of the birth of three monsters in the city of Namen in Flanders* (1609)



Fonte: A TRUE relation of the birth of a monster born at Exeter. Londres: [s. n.] impresso por W. Davis, 1682. p. 10. Disponível em: <https://www.proquest.com/books/true-relation-birth-three-monsters-city-namen-n/docview/2248579746/se-2>. Acesso em: 6 jan. 2023.

Simone Maghenzani chamou a atenção para como essa ornamentação pode ser localizada de modo semelhante na edição italiana da obra de Martinho Lutero, *Catechismo Piocciolo*, de 1588³⁷³. Embora muitas dessas imagens da máscara grotesca fossem adaptações ou apresentassem distinções, o Homem Verde, conforme aponta Winick, apresentava conexões com outros personagens, como Robin Hood³⁷⁴. Sendo uma figura da cultura popular tradicional, ela teria capturado a atenção de muitos indivíduos na modernidade, sendo apropriada (até os

³⁷¹ Isso é nítido quando se defronta com o texto de Robert Wilson, 1594, *The Cobler's Prophetie*, traduzido livremente para o português como “A profecia do Cobler”.

³⁷² WINICK, Stephen. Green Man Connections: The Foliate Head. *Library of Congress Blogs*, 5 out. 2023.

³⁷³ MAGHENZANI, Simone; FIRPO, Massimo. Antonio degli Albizzi and Lutheran Propaganda in Early Seventeenth-Century Italy. *The Journal of Ecclesiastical History*, [s. l.], v. 73, n. 2, 2022. p. 283.

³⁷⁴ WINICK, ref. 372, p. 1, tradução própria. No original: “[...] but people revered the Green Man, whom they also called Robin Hood”.

dias de hoje) em outras produções como forma de sugerir uma resistência à destruição ambiental e mundana.

Outra fonte digna de atenção nessa perspectiva é o impresso, traduzido do inglês, “Uma maravilha digna de leitura, ou uma relação verdadeira e fiel de uma mulher”³⁷⁵. De autoria anônima, o texto foi produzido em Londres por William Iones e continha, na realidade, um título bem mais extenso³⁷⁶. Com cerca de dez páginas, ele também incluía em seu frontispício a representação imagética de um monstro, evidenciando o nascimento de uma criança monstruosa na região à sudeste de Londres, conhecida como *Old Kent Road*. Com um prefácio ao leitor logo no início, o texto exprimia que, além de verídica, a história relatada era uma autêntica mensagem de Deus na terra. Além do esforço de legitimação da narrativa, vide a adoção de uma retórica de se apontarem testemunhas oculares que teriam visualizado o monstro – característica claramente comum a esses documentos efêmeros da época –, pode-se ainda constatar um outro elemento importante. Notabiliza-se aqui que a criança monstruosa no relato teria sido descrita como um prodígio; um sinal de Deus, o qual revelava um comunicado divino que deveria ser apreendido pelos homens.

Essa nomenclatura prodígio, todavia, é algo que merece um olhar mais atencioso, sobretudo quando se verifica que boa parte dos impressos analisados por essa pesquisa continha, por vezes, em seu título, o uso desse termo. Para tanto, é necessário que se esclareçam algumas das formas pelas quais o monstro poderia ser descrito e representado nesses documentos. Uma das leituras possíveis e já delineadas no início do capítulo refere-se à interpretação dos monstros enquanto sinais. Isto é, o que se percebe é que a aparição de monstros ou de nascimentos monstruosos foi apreendida enquanto presságios ou mensagens, as quais indicavam um desvio de forma ou uma conduta errônea no que tange ao comportamento humanos³⁷⁷. Além de servirem como objetos de instrução e entretenimento, esses monstros também mobilizavam um conjunto de emoções e poderiam fascinar ou suscitar temor diante de sua presença. Isso fica

³⁷⁵ A WONDER [...], ref. 185.

³⁷⁶ Refere-se ao título completo: “*A wonder vworth the reading, or, A true and faithfull relation of a woman, now dwelling in Kentstreet who, vpon Thursday, being the 21 of August last, was deliuered of a prodigious and monstrous child, in the presence of diuers honest, and religious women to their wonderfull feare and astonishment*”.

³⁷⁷ Alan Bates (2005a, p. 31) ainda chama a atenção para a necessidade de não se interpretar os monstros nos impressos apenas como sinais, mas também como presságios e emblemas. Do latim “*protendere*”, o monstro teria sido retratado em muitas narrativas como uma previsão do futuro; ou seja, um elemento que apontava ou indicava algo de antemão. Segundo o autor, essa crença nos presságios margeou boa parte da sociedade da Primeira Modernidade, de modo que mesmo os protestantes que não acreditavam no Purgatório, reconheciam que Deus poderia alertar homens de sua danação. Sendo sinais do seu tempo, o monstro também poderia ser visto como um emblema; isto é, um símbolo o qual servia para entreter e instruir. No entanto, esse uso dos monstros como não significava, de modo total, que eles eram vistos como apenas fábulas, uma vez que eles requeriam uma base factual.

ainda mais nítido quando se depara com o próprio título do impresso acima, de 1617, o qual sinalizava a posição de medo e maravilhamento das testemunhas face o nascimento monstruoso.

Esse último termo, por outro lado, também se revela pertinente, uma vez que o uso do vocábulo maravilhar para descrever o nascimento reportado abre espaço para uma reflexão acerca das emoções as quais o monstruoso provocava. Claude Kappler, nessa ótica, chegou a abordar inicialmente como as maravilhas movimentavam afetos e eram “[...] férteis em sensações”³⁷⁸ e sentimentos. Sob essa perspectiva, o monstruoso, além de produzir reações, estaria coadunado a um processo de maravilhamento, uma vez que, segundo Daniel Yago, eles seriam “[...] maravilhosos por destoarem do habitual e, portanto, maravilhar o olhar para o seu inusitado”³⁷⁹. Desse modo, salteiam-se aqui duas terminologias na descrição e na representação do monstro as quais merecem um enfoque: maravilhas e prodígios.

No caso das maravilhas, atesta-se a presença deste termo desde a literatura greco-romana, vide a menção de seres maravilhosos, a exemplo dos centauros, ciclopes e górgonas. Geralmente ligadas aos relatos de viagem, elas eram expressivas uma vez que salientavam uma discrepância em relação à realidade já conhecida³⁸⁰. Ao debruçar-se sobre esse assunto, Kappler enfatizou como a exclusividade e o contraste chamavam a atenção, de modo que a diferença era “[...] motivo de maravilhamento”³⁸¹. Dessa forma, o *mirabilia* ganhava cada vez mais espaço a partir do alargamento das fronteiras geográficas e do contato com o outro, instigando um refletir sobre fenômenos ou seres distintos daquilo que era tido como costumeiro.

Jacques Le Goff também se dedicou a refletir sobre essa categoria, enfatizando especificamente o uso desse vocábulo no Ocidente medieval. Em sua etimologia, maravilha encontra uma raiz no *mir* (*mirar*, *mirari*), o que remete a algo visível, “[...] um olhar”³⁸². Nessa linha, a *mirabilis* (no plural *mirabilia*) significava algo mais profundo para o homem medieval. Ela ia além de uma mera “[...] categoria literária”³⁸³ tal qual o que se conhece hoje. A maravilha seria resultante, na realidade, do contato com o diferente, em um próprio “[...] contrapeso à

³⁷⁸ KAPPLER, ref. 5, p. 62.

³⁷⁹ YAGO, ref. 179, p. 27.

³⁸⁰ René Lommez Gomes e Flavia Tatsch (2020, p. 316) evidenciaram em sua obra como os relatos de viajantes no século XV, em especial aqueles direcionados ao extremo Oriente ou à América, eram imbuídos de um trato com o outro, sendo adornados com um vocabulário iconográfico específico. Além da reutilização de gravuras nesses materiais da época, eles contribuíram para a construção de representações sobre povos distintos, bem como para a divulgação de maravilhas pelo mundo europeu. Os autores também citam como o *Livro das Maravilhas*, com as fantásticas aventuras de Marco Polo (ca. 1254-1324) nas terras do Grao-Ca Kubylai, fermentaram um imaginário sobre as localidades além-mar e a população ali disposta.

³⁸¹ KAPPLER, ref. 5, p. 63.

³⁸² LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. Tradução José Antônio Pinto Ribeiro. São Paulo: Edições 70, 1983. p. 20.

³⁸³ SILVA, Renan. A representação do Imaginário Medieval nas obras de Epic Fantasy: o caso de as Crônicas de Gelo e Fogo. **Revista ComparArte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2017. p. 152.

banalidade e à regularidade do cotidiano” dos indivíduos da época³⁸⁴. Com isso, “[...] os *mirabilia* tiveram a tendência para organizar-se numa espécie de universo virado ao contrário. Os temas principais são: a abundância alimentar, a nudez, a liberdade sexual, o ócio”³⁸⁵. E, com o desenvolvimento do cristianismo, esse maravilhoso passou a ser atribuído cada vez mais à criação de Deus, o qual orquestrava a natureza e as suas formas.

Nessa ótica, o maravilhoso foi vinculado no decurso do tempo a algo extraordinário, uma vez que ele não se encontrava dentro do universo habitual ao qual os indivíduos estavam familiarizados³⁸⁶. Todavia, é importante salientar que esse vocábulo maravilha, comumente descrito como *wonder* nos impressos ingleses, é um termo polissêmico. Além de envolver uma difícil definição, a maravilha se referia, por vezes, a algo surpreendente ou inexplicável pelo conhecimento atual. Segundo Sievers, elas “[...] provocavam no observador uma experiência cognitiva e emocional”³⁸⁷ distinta, registrando as fronteiras entre o conhecido e o desconhecido até então. Por consequência, fenômenos astrológicos, catástrofes naturais, nascimentos de gêmeos ou corpos disformes também poderiam ser interpretados como maravilhas. É o caso do livro escrito pelo protestante alemão Joachim Camerarius, o qual, segundo Aaron Kitch, “[...] interpreta sobre as estranhas maravilhas que acometiam a Europa”³⁸⁸. Publicado em 1561 com o título *History of Strange Wonders* (História das Maravilhas Estranhas), o texto dedicava-se a trabalhar as disputas entre os protestantes e o anticristo romano, sinalizando como os estranhos sinais visualizados no continente eram um aviso de Deus sobre futuras calamidades.

Contudo, para além do termo *wonders*, retoma-se aqui o vocábulo “prodígio”, também utilizado para descrever os nascimentos monstruosos nos impressos efêmeros. Conforme pontua Clark, objetos de atenção na Primeira Modernidade, os prodígios já eram alvos de reflexões teológicas desde a Cristandade medieval, sendo constantemente mencionados pela própria Bíblia. Não por acaso, a menção aos prodígios “[...] se intensificou durante os séculos XV e XVI e que a literatura correspondente atingiu proporções diluvianas depois da Reforma

³⁸⁴ LE GOFF, ref. 382, p. 26.

³⁸⁵ LE GOFF, ref. 382, p. 26.

³⁸⁶ Claude Kappler (1994, p. 61) ainda abordou em sua obra como o maravilhar-se esteve envolto em uma íntima relação com a ideia de curiosidade. Segundo o autor, “[...] as expressões 'maravilhar-se', 'ficar maravilhado' são muito frequentes. Seu sentido é o mesmo do verbo latino *mirari*, que exprime espanto, surpresa, gosto pela novidade e pelo extraordinário, não pelo belo”.

³⁸⁷ SIEVERS, Julie. Literatures of Wonder in Early Modern England and America. **Literature Compass**, [s. l.], v. 4, n. 3, 2007. p. 771. Tradução livre de: “A wonder was, by definition, something surprising, unexplained by current knowledge. Wonder was, thus, an affect in the observer, a cognitive and emotional experience”.

³⁸⁸ KITCH, Aaron. Shakespeare’s ‘Monstrous State’: Divination, Typology, and the Book of Nature in Julius Caesar. **Modern Philology**, [s. l.], v. 118, n. 3, 2021. p. 346. Trad. livre do original: “Joachim Camerarius, for example, interprets a number of strange sights around Europe”.

Protestante e durante as Guerras Religiosas”³⁸⁹. Como argumenta o autor, “[...] os textos bíblicos falavam geralmente de ‘grande sinais e prodígios’ (Mateus 24, 24), bem como de feitos individuais como trazer o fogo dos céus e dar fala a imagens (Apocalipse 13, 13-15)”³⁹⁰. A partir disso, verifica-se um encadeamento de discussões sobre o papel de Deus na criação da natureza e dos fenômenos raros, bem como questionamentos sobre a existência ou não de milagres. É aí, por sua vez, que se sublinha o papel da obra de Tomás de Aquino³⁹¹ e o seu esforço em delimitar as fronteiras relativas ao sobrenatural, natural e preternatural, como salientou Lorraine Daston³⁹².

Seguindo a perspectiva do teólogo, enquadrar-se-iam três fenômenos existentes na natureza: o natural, o preternatural e o sobrenatural, traduzidos do inglês *natural*, *preternatural* e *supernatural*. O primeiro dizia respeito aos nascimentos ou aos eventos considerados normais; isto é, dentro do curso da natureza³⁹³. Já o preternatural incorporaria aqueles acontecimentos inusitados ou anômalos, repousando entre o natural e o sobrenatural³⁹⁴. Geralmente, a sua causa era atribuída a uma intervenção de Deus na natureza, de modo que “[...] decorriam de causas secundárias (ou naturais), e não de uma suspensão da providência comum”³⁹⁵. Já o sobrenatural estaria vinculado àquelas ocorrências fora dos limites da natureza. Clark, à guisa de exemplo, pontuou como:

Os acontecimentos naturais: ocorriam como consequências inteiramente regulares, normais e ininterruptas das leis da natureza, e os sobrenaturais como manifestações da vontade divina agindo sobre a natureza. Os acontecimentos preternaturais estavam dentro da natureza, mas eram anormais e desviantes, e, portanto, não faziam parte da *scientia*; ou eram produtos exóticos, mas espontâneos das propriedades maravilhosas das próprias coisas natura – ou ocorriam quando agentes humanos ou demoníacos praticavam com essas propriedades para criar prodígios artificiais.³⁹⁶

³⁸⁹ CLARK, ref. 265, p. 465.

³⁹⁰ CLARK, ref. 265, p. 457.

³⁹¹ Aquinas teria se dedicado a trabalhar a existência ou não de milagres, afirmando que somente Deus poderia performar milagres. Caso contrário, o milagre seria falso. Sobre o autor, Serina Patterson (2014, p. 287, tradução própria) elucidou como os monstros eram interpretados pelo filósofo como “[...] falas da natureza, de modo a produzir consequentemente um pecado ou um presságio, chamado *peccata naturae*”. Traduzido livremente do original “*Thomas Aquinas: monsters occur when Nature has fallen short and consequently produced a sin or an omen, called peccata naturae*”.

³⁹² DASTON, Lorraine. Marvelous Facts and Miraculous Evidence in Early Modern Europe. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, 1991. p. 97.

³⁹³ Luca Baratta (2016, p. 31) pontuou que essa interpretação do fenômeno como algo natural foi embasada na obra *De Generatione animalium* e as constatações de Aristóteles sobre a natureza.

³⁹⁴ Nessa linha de raciocínio, as maravilhas equivaler-se-iam aos fenômenos preternaturais. Isso pode ser atestado pelas afirmativas de Yago (2017, p. 45) ao delimitar que “[...] a maravilha dizia respeito ao incomum, ao desconhecido, mas nem por isso seria antinatural. Já o milagre era sobrenatural e rompia com o cotidiano, com o que era habitual”.

³⁹⁵ SIEVERS, ref. 387, p. 767. Traduzido livremente do original: “[...] these phenomena nevertheless issued from secondary (or natural) causes, not from a suspension of ordinary providence”.

³⁹⁶ CLARK, ref. 265, p. 344.

No entanto, por mais que essas três categorias estivessem determinadas, as próprias crenças sobre a intervenção divina ou a existência de eventos milagrosos era palco de questionamentos, de que modo que o limite entre essas fronteiras era tênue³⁹⁷. Por outro lado, vale ressaltar que, a partir dessas reflexões teológicas e do desenvolvimento da escolástica, atesta-se o surgimento de uma demonologia cada vez mais expressiva, como pontuado por Robert Muchembled³⁹⁸. É a partir desse cenário que se tem um fecundo espaço para outras ponderações acerca dos fenômenos ou nascimentos estranhos à ordem habitual, de tal maneira que o surgimento de crianças monstruosas ou seres hermafroditas passavam a ser interpretados como eventos preternaturais, os quais fugiam às expectativas ou à ordem rotineira.

Sendo assim, o trato do monstro enquanto prodígio pode ser entendido aqui como uma referência àqueles nascimentos que se afastavam do curso ordinário da natureza, sendo, portanto, raros e incomuns. Objetos de atenção para filósofos naturais, eles teriam sido ainda mais populares na Primeira Modernidade europeia, uma vez que, segundo Clark, passaram a integrar uma história apocalíptica, bem como a bruxaria e o demonismo³⁹⁹. Não obstante, Lorraine Daston e Katherine Park, ao debruçarem sobre esse ponto, também evidenciaram o fascínio pelos prodígios, de modo que “[...] o interesse popular neles foi despertado e alimentado pelos conflitos religiosos da Reforma”⁴⁰⁰, acentuando essa tendência em tratar tais elementos como monstros. Para além da ocorrência desse termo nos títulos impressos aqui perscrutados, isso fica ainda mais palpável quando se defronta com a obra de Conrad Lycosthenes, a qual chegou a discorrer sobre os prodígios e monstros “[...] como avisos da destruição iminente do mundo e verdadeiros arautos do Juízo Final”⁴⁰¹.

Em um mundo de *cabeça para baixo*, em uma referência à Inglaterra do século XVII, pode-se tensionar como esses nascimentos monstruosos eram lidos como mensagens de fim do mundo ou como sinais da ação de Deus. Por meio dessa interpretação, fica possível, mais uma vez, a defesa de que os monstros estavam interligados a uma visão escatológica do mundo,

³⁹⁷ Clark (2020, p. 344) pontua adiante como “[...] as *peccatum* próprias crenças protestantes não eram invulneráveis à dúvida sobre bases semelhantes, substituindo o milagre, como fizeram, por intervenções divinas – prodígios, portentos, providências, e assim por diante – de sua própria escolha”. É válido ressaltar que, mesmo entre os debates teológicos, existiam discordâncias acerca da natureza e das explicações para o surgimento de seres monstruosos. Cita-se aqui os próprios trabalhos de Santo Agostinho, o qual acreditava que nada ocorria fora da natureza ou a mando do Criador, de tal modo que o monstro estaria inscrito na ordem natural das coisas.

³⁹⁸ MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo: Séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001. p. 105.

³⁹⁹ CLARK, ref. 265, p. 415.

⁴⁰⁰ DASTON, Lorraine; PARK, Katharine. Unnatural Conceptions the Study of Monsters in Sixteenth and Seventeenth Century France and England. **Past & Present**, [s. l.], v. 92, 1. ed., p. 20-54, 1981. p. 23. Trad. livre do original: “[...] popular interest in them was sparked and fuelled by the religious conflicts of the Reformation”.

⁴⁰¹ CLARK, ref. 265, p. 469.

sendo apreendidos enquanto prodígios, ao passo em que também “[...] eram sinais premonitórios que transmitiam a urgente necessidade do arrependimento”⁴⁰². Nessa ótica, a monstrosidade e os relatos impressos sobre esse tema comportariam mensagens, que, lidas sob uma determinada chave interpretativa, indicavam a necessidade de reparo face a um pecado ou a uma conduta errônea por parte dos indivíduos. Não por acaso, reitera-se aqui a ideia de Cícero sobre o monstro e o léxico envolto na definição desses seres: “Porque eles ‘tomam manifesto’ (*ostendunt*), ‘pressagiam’ (*portendunt*), ‘invocam’ (*monstrant*), ‘predizem’ (*praedicunt*), são chamados ‘manifestações’, ‘portentos’, ‘invocações’ e ‘prodígios’⁴⁰³.

Ou seja, ao delimitar que os prodígios eram fenômenos que ocorriam fora da natureza, em uma alusão aos movimentos e às operações além da ordem esperada, pode-se constatar como eles revelavam em sua aparição mensagens escatológicas e evocações sobre o futuro⁴⁰⁴. Ao indicarem ainda a vontade de Deus, o monstruoso servia para exteriorizar uma denúncia ou uma crítica, relacionando-se, quase sempre na maioria dos casos, à presença de um pecado ou a uma má postura por parte dos homens e mulheres⁴⁰⁵. É o que pode ser verificado pelo próprio impresso mencionado acima, de 1617, o qual responsabilizava o surgimento do prodígio a uma condição de insolência por parte dos ingleses.

Nesse prisma, ao retomar esse documento, pode-se pensar como a escolha do título e o uso do termo prodígio em referência ao monstro revelam-se interligadas à representação construída sobre a criança monstruosa e o seu significado face a Inglaterra do século XVII. É válido notabilizar como o próprio impresso já inicia a trama mencionando que um homem, ao ir para a guerra, levava uma bandeira branca (em sinal de misericórdia), uma vermelha (em alusão ao sangue) e outra preta (significando vingança). Ao esboçar isso, o autor direcionava o leitor a pensar que Deus agia dessa mesma forma com o país: perdoadando e se vingando. Isso fica mais nítido quando, no decorrer do impresso, é informado de que “[...] Deus todo poderoso” enviava “[...] de tempos em tempos, insígnias de raiva para assustar os homens

⁴⁰² CLARK, ref. 265, p. 468.

⁴⁰³ CÍCERO, 1922, p. 325 *apud* CLARK, ref. 265, p. 468.

⁴⁰⁴ Clark (2020, p. 333) evidencia como a *Royal Society* dedicou-se a esse tema, uma vez que Bacon e outros indivíduos achavam os prodígios ou outros fenômenos transgressores como objetos de estudo e de significativa importância, ao passo em que eram reveladores. Consequentemente, a partir disso ter-se-ia um rol de análises em torno dos eventos naturais (como tempestades, terremotos ou cometas) e dos nascimentos anômalos (como gêmeos siameses, hermafroditas ou outras formações adversas).

⁴⁰⁵ Daí resulta, mais uma vez, a necessidade de se pensar na etimologia do monstro, dado que “[...] *monstra* deriva seu nome de *monitus*, porque ‘mostram’ para indicar algo, ou porque mostram o ponto que há de mais significativo em uma coisa” (Amaral, 2014, p. 83).

acerca de seus pecados, bem como para impedir que o homem seguisse pelo caminho da iniquidade”⁴⁰⁶.

Ressalta-se ainda a presença de um tom coletivo nas assertivas proferidas pelo autor desse impresso, uma vez que ele trata o país como “nosso”, indicando não só uma proximidade e relação com o público leitor, mas também um ideal de grupo ao se referir à localidade. Ao interpor tal ideia, o texto também menciona constantemente a expressão, “Ó Inglaterra”⁴⁰⁷, em uma alusão à população inglesa e à responsabilidade coletiva que imperava sobre o descontentamento do divino. Com isso, pode-se tensionar em que medida a aparição do ser monstruoso era representada enquanto um objeto de reflexão comunitária.

Ao mencionar que, diante da corrupção humana, Deus teria “[...] devorado os homens com doenças, beliscado as pessoas com a fome e aterrorizado os indivíduos com incêndios acidentais que consumiam as casas”⁴⁰⁸, o autor indica como alguns desses fenômenos ocorreram na sociedade para se demonstrar o poder da ação divina. Nesse prisma, o impresso enfatiza, tal qual o documento de 1609, uma tônica no julgamento divino. Isso, mais uma vez, corrobora com a defesa de que os monstros eram apreendidos na época como uma consequência direta da decadência moral da comunidade inglesa. Não por acaso, na trama de 1617, o leitor é convocado a se lembrar das advertências de Deus. Esse esforço de moralização faz considerar como os seres monstruosos, os nascimentos horrendos ou disformes, as inundações ou os cometas flamejantes eram instrumentos para se promover uma modificação no comportamento dos fiéis.

Ao esboçar o nascimento de uma criança feminina sem crânio no dia 21 de agosto de 1617, o impresso analisado também promove a construção de uma dada representação sobre a forma física do monstro. Retratado com olhos vermelhos, grandes e fixos, ele teria sido objeto de temor pela parteira e pelas outras mulheres presentes. Além de atestar para como o momento do parto era algo margeado pela presença de outros sujeitos femininos, a narrativa demonstra como esse monstro, nascido morto, era fruto da intervenção de Deus. Ao alocar o nascimento da criança como um desvio do curso natural e ordeiro da procriação por parte de Deus, revelava-se a intenção do texto de repassar uma mensagem divina à população que testemunhasse o monstro. Ao pedir, logo em seguida, que leitor “[...] considerasse os pecados da terra”, indicando como “[...] Londres, intitulada como a beleza do mundo e o farol resplandecente da

⁴⁰⁶ A WONDER [...], ref. 185, p. 3. Traduzido livremente do original: “[...] from time to time sent downe his Ensignes of anger amongst vs to affright vs from our sinnes and to stope our fete in the way of Iniquitie”.

⁴⁰⁷ A WONDER [...], ref. 185, p. 4. Tradução livre de: “O England, England”.

⁴⁰⁸ *Ibid.*, p. 3. Tradução livre da autora do original: “He hath deuoured vs with diseases, pinched vs with famine, terrified vs with accidentall fiers consuming our houses?”.

Europa”⁴⁰⁹, não deveria permanecer profana, verifica-se novamente o tom moralizador desse impresso.

Essa ênfase, porém, não se esgotava nessa assertiva, uma vez que o autor continuou a discorrer sobre céu da cidade de Londres, sublinhando como ele estava nublado pela malícia e pela corrupção de Satã, fazendo os indivíduos se levantarem contra Deus e a sua misericórdia. Desse modo, o surgimento de monstros no impresso era retratado como algo que estava aumentando justamente em virtude das depravações mundanas. Ainda que se pese que a posição desse documento não era exclusiva somente a ele, reitera-se como o texto de 1617 se assemelhava em muito ao de um sermão, ao passo em que também condenava a prostituição, o luxo e a embriaguez, repreendendo comportamentos de suborno, extorsão ou vício por parte da população londrina. Ao valorizar orações e exercícios religiosos, insere-se constantemente uma retórica moralizante e de advertência social. Não por menos, a narrativa é finalizada com um pedido de que o leitor julgasse com moderação as suas falhas e as consertasse.

Nesse caso, mais do que um enfoque sobre a aparência ou a deformidade monstruosa, a representação que se assenta aqui é a de que como o monstro prenunciava uma postura de Deus face à sociedade, dotando a figura monstruosa de uma função para-religiosa. Percebe-se, pois, uma moralização via publicação de impressos religiosos, na medida em que esses materiais tinham por objetivo pontuar as falhas individuais e coletivas de um dado local. Quando muito, também poderiam salientar a presença de inimigos religiosos, vide os textos criticando a igreja católica e o papado de Roma. Como centros de inquietação teológica, os monstros portam-se como mecanismos para se lidar com o outro, bem como com os desvios e desafios dos fiéis. Ou ainda, possibilitam tangenciar questões relativas à Reforma Religiosa e à crença no apocalipse por meio das narrativas efêmeras, indicando como o Juízo Final estava próximo. Melhor dizendo: como o monstruoso era um sinal desse fim dos tempos.

3.3 O monstruoso e a Teratologia

Ao se deparar com a defluência da religião e o cenário escatológico para a interpretação dos monstros na Inglaterra do século XVII, chama-se a atenção para o papel dos tratados

⁴⁰⁹ A WONDER [...], ref. 185, p. 8. Passagem traduzida livremente do original: “*O London, that art intituled the beauty of the world, the blazing beacon of Europe*”.

teratológicos na construção dessas narrativas impressas efêmeras aqui analisadas. A ausência de uma leitura única para o surgimento de criaturas monstruosas requer pensar, para além das perspectivas teológicas, o lugar desses seres dentro da literatura médica no decurso da Primeira Modernidade. Obviamente, ao trabalhar-se na pesquisa como uma sociedade expressivamente cristã, cabe salientar que boa parte desses estudos sobre a teratologia não estavam descolados de uma crença na ação de Deus na criação do monstruoso. Mas que, igualmente, as observações e os estudos de filósofos foram parte importantes para a construção de assertivas relativas ao nascimento de monstros e às possíveis explicações para esses seres.

Busca-se, com isso, compreender as ressonâncias dos tratados teratológicos na produção impressa barata da Primeira Modernidade com o intuito de verificar os ecos dessas obras no trato da monstruosidade nos textos efêmeros do século XVII, além de uma certa fluidez entre as fronteiras daquilo que seria considerado o universo erudito e o popular. Ao evidenciar discussões que tomavam forma naquele período, vide os estudos sobre a anatomia ou a circulação sanguínea⁴¹⁰, procura-se identificar em que medida as reflexões sobre a biologia e a reprodução humana foram incorporadas à interpretação religiosa dos monstros.

Muito embora não se pudesse falar de uma embriologia ou genética na época, é nos séculos XVI e XVII que se atesta a existência de uma série de pesquisas voltadas para a temática do nascimento monstruoso e a análise do corpo humano. Uma amostra disso é o trabalho do britânico William Harvey acerca do sangue e da função do coração, cuja difusão se deu por meio da publicação, em 1651, o seu livro *Exercitationes de Generatione Animalium*, (Exercícios sobre a geração de animais), o qual se dedicava a tratar a geração dos animais. Não só na Inglaterra, mas em outras áreas do globo, como na França e na Itália, também é possível visualizar a produção de textos próximos a esse assunto, vide o caso de Ulisse Aldrovandi e a sua obra *Monstrorum História*, (História dos Monstros), de 1642.

Embasando-se nas assertivas de Baratta ao trabalhar com os documentos impressos do século XVI, sugere-se como os textos efêmeros no século XVII funcionavam como instrumentos para se contarem, ilustrarem e decifram os nascimentos monstruosos, bem como para representar as suas anomalias ou deformidades físicas⁴¹¹. Além de se assentarem em um

⁴¹⁰ Já no século XVI é possível visualizar a impressão de livros voltados ao estudo do corpo humano. Na Inglaterra, em 1577, John Frampton publicou uma tradução de um texto em espanhol com o título de *Ioyfull newes out of the newe founde worlde, wherein is declared the rare and singular vertues of diuerse and sundrie hearbes, trees, oyles, plantes, and stones, with their applications, as well for phisicke as chirurgerie*. No entanto ele não foi o único. Anos antes, em 1543, já existiam estudos médicos voltados para a anatomia, vide a obra de Andreas Vesalius, *Fabrica*, que se dedicava a analisar o cérebro humano. Ver mais em: <https://thonyc.wordpress.com/category/renaissance-science/page/4/>. Acesso em: 2 mai. 2024.

⁴¹¹ BARATTA, ref. 227, p. 80.

fundo teológico e em um contexto de atritos políticos e religiosos, pensa-se como os monstros nesses documentos puderam ser lidos e apreendidos tanto como prodígios – em termos políticos, religiosos e sociais – como também em termos de objetos de entretenimento ou investigação científica. Ao contrário de algumas perspectivas que abordaram a monstruosidade seguindo uma lógica linear (da crença no monstro como uma mensagem divina no século XV até a medicalização desse ser no século XIX), argumenta-se a favor da ideia de que as aparições e os nascimentos monstruosos do século XVII estavam contidos em uma perspectiva teológica, sistemática e enciclopédica simultaneamente.

Isso fica ainda mais nítido quando se depara com a catalogação de monstros e a existência de um fundo intelectual por trás da construção desses impressos. É o que se verifica no caso do texto publicado em 1635. Traduzido para o português como Uma verdadeira e certa relação de um estranho nascimento que nasceu em Stone-house, na freguesia de Plymouth, no dia 20 de outubro⁴¹², o documento continha, além de uma gravura, um prefácio destinado ao leitor. Sabe-se que o texto foi impresso para William Russell e contém como autor o protestante Thomas Bedford. Abordado anteriormente devido aos impressos por ele publicados no século XVII, esse indivíduo chama a atenção por conta de sua agenda moral evocada por algumas de suas produções no período. No entanto, o mais curioso dos dados editoriais dessa fonte é que, além da presença de notas de um sermão ao final dela, verifica-se aqui um material que foi impresso por uma mulher: Anne Griffin⁴¹³.

Ainda que o caso de impressoras tenha sido mencionado no capítulo 2, a presença de um impresso publicado por Griffin aponta para a tese de que o mercado editorial londrino era dinâmico e multifacetado, contando com a atuação de diferentes sujeitos. A publicação de relatos de monstros por mulheres leva a esboçar a hipótese de que a temática da monstruosidade era atrativa para os impressores da época. Daí resultaria, portanto, uma movimentação das mais diversas casas de impressão para a produção desses textos, cuja difusão se dava por uma possível demanda do público leitor por esse tipo de conteúdo.

Ao deparar-se com esse impresso de Griffin, em 1635, verifica-se o relato de uma história ocorrida próximo à paróquia da cidade de Plymouth, em uma vila de pescadores. Na trama, desloca-se uma atenção ao senhor John Persons e sua esposa, a qual, em um parto

⁴¹² Na versão original, em inglês, tem-se: *A true and certaine relation of a strange-birth which was borne at Stone-house in the parish of Plimmouth, the 20. of October. 1635. Together with the notes of a sermon, preached Octob. 23. 1635. in the church of Plimmouth, at the interring of the sayd birth. By Th. B. B.D. Pr. Pl.* (Bedford, 1635).

⁴¹³ Segundo a autora Helen Smith (2003, p. 172), Griffin esteve no centro de uma rede de distribuição de textos em todo o sul da Inglaterra, sendo esse impresso de 1635, produzido em outras duas edições diferentes. Uma delas, foi comercializada pela sua associada Anne Boler e a outra dedicada a "W Russell em Plinmouth".

doloroso e de muita angústia, deu à luz a um ser estranho e maravilhoso. Além da conotação ambígua que perpassava pela monstruosidade (ora estranheza e pavor, ora admiração e curiosidade), cabe se atentar ao fato de que a maioria dos nascimentos monstruosos analisados até então associavam o parto do monstro a um momento de expressivo sofrimento e agonia.

Isso abre espaço para se avaliarem questões relativas ao parto, mas também a aspectos direcionados ao dissabor da mulher nesse tipo de situação⁴¹⁴. De toda forma, a história reportada pelo impresso, além de evidenciar a fama do ocorrido e a presença de testemunhas, indicando mais uma vez a veracidade do ocorrido, chamava a atenção para o fato de que o autor do texto também teria ido até a cidade para ver o ser monstruoso. Nesse caso, a autoria desse documento não estava distante da situação por ele relatada, uma vez que o próprio escritor do impresso foi um dos responsáveis por identificar, visualizar e testemunhar a criatura.

O nascimento do monstro é tido como estranho na medida em que o recém-nascido teria uma forma dual, com duas cabeças, pescoços, costelas, braços, mãos e pernas. Há aqui uma alusão a um caso de gêmeo siamês, o qual possuía correspondência com a própria gravura que ilustrava a folha de rosto do impresso, uma vez que ela também apontava para esse tipo de má formação. Além de uma descrição detalhada, verifica-se um esforço em associar tal nascimento a uma perfeição da natureza, dado que se tratava de uma criatura produzida por Deus. Mais uma vez, a monstruosidade é representada aqui de forma ambígua. Ao passo em que gera estranheza ou medo, o monstro também era tido como algo passível de glorificação, exemplificando a ação divina na terra.

O autor do texto, Thomas Bedford, também alavancava perguntas na narrativa sobre o nascimento desses monstros, direcionando questões quanto à forma de tais seres e esboçando dúvidas sobre o crescimento ou tempo de vida deles. Ao ponderar sobre essa perspectiva mais analítica do autor, verifica-se como essa fonte, diferente das outras até então, além de considerar o monstro como uma maravilha de Deus, também se inqueria sobre a criatura disforme, analisando a sua constituição física e incitando questionários sobre o seu corpo. Tal postura,

⁴¹⁴ O caso da dor no momento do nascimento monstruoso pode ser pensado como uma espécie de punição divina por conta da produção de um ser disforme. Esse imaginário punitivo faz pensar o local de culpa que a mulher assumia na gestação e no parto do monstro. Alan Bates (2005a, p. 54) enfatizou essa ideia ao apontar para como as dores do parto eram conectadas a algum pecado cometido pela mulher, tornando-a digna de ser castigada. Já para Diane Purkiss (2005, p. 173) expõe como, na medida em que os nascimentos de monstros eram rodeados de ansiedades sobre a dissidência social e a maternidade, o próprio ser monstruoso e a dor do parto poderiam funcionar como uma “metáfora para o poder do corpo materno e uma metonímia para a desordem social”. Ainda que de forma mais direta, Heather Welch (2020, p. 165) analisou os impressos da época e evidenciou como no documento de 1615, *God's Handy Work in Wonders*, o parto do monstro vem acompanhado de dores, em uma alusão à punição de Deus face aos pecados femininos. Ao levar em conta a ideologia cristã, pode-se pensar essas dores como uma punição pela própria desobediência de Eva ao comer a maçã. Em uma outra perspectiva, as mulheres carregariam um pecado inerente a elas, não sendo apenas algo exclusivo dos partos monstruosos.

que parece refletir as próprias indagações da época a respeito da estrutura monstruosa, indica a persistência de um fundo religioso por trás da narrativa, bem como um empreendimento científico de se procurarem informações sobre o nascimento. Desse modo, o esforço de perquirir e sistematizar tais seres é tido em conjunto com uma interpretação teológica sobre os monstros.

Isso fica ainda mais notório quando se defronta, ao final do texto, com a presença de várias passagens bíblicas, chamando a atenção, em especial, para o poder divino na criação do mundo. A título de exemplo, tem-se, em uma tradução para o português, a citação “Pela fé – crendo em Deus – sabemos que o mundo e as estrelas – na verdade, todas as coisas – foram feitos por ordem de Deus; e que todos eles foram feitos de coisas que não podem ser vistas”⁴¹⁵. Esse trecho, que também aparece de forma semelhante na Bíblia do Rei Jaime⁴¹⁶, indica, mais uma vez, a influência da religião e da palavra sagrada na construção dos impressos e da apreensão sobre o monstruoso. Ao mencionar como as obras e as palavras de Deus serviam para a doutrina e a instrução dos homens, o impresso ilustra, novamente, como os monstros eram apreendidos como sinais, mensagens e advertências para a sociedade.

Em uma leitura teológica dos monstros, verifica-se como o documento acima endossava a assertiva de que a interpretação dos monstros era imbuída de um significado oculto, margeado pela religião e pela crença de que Deus enviava castigos e alertas para a humanidade. O monstruoso, nesse caso, era uma marca da providência divina e do poder do Criador. Não por acaso, o autor indica, ao final do impresso, como os nascimentos não deformados eram uma misericórdia singular de Deus, ao passo em que a anomalia era um carimbo divino para fazer os homens se lamentarem pelos seus atos perversos. O autor descreve ainda como os órgãos e os membros do corpo eram instrumentos da alma, estando a serviço de Deus e do homem, de tal forma que qualquer defeito ou excesso gerava uma tristeza e criava problemas.

Além de mencionar que os indivíduos eram acompanhados da pecaminosidade, o documento evidencia uma íntima conexão com o seu momento de produção, uma vez que o autor lamenta a iniquidade e irreligião de sua época. Isto coincide, por sua vez, com o momento de intensa efervescência política e religiosa que anunciava a década de 1640. Obviamente, não se trata aqui de uma visão teleológica a qual associa o monstro às Guerras Civis estritamente.

⁴¹⁵ BEDFORD, [...], ref. 186, p. 13. Tradução livre de: “*By faith – by believing God – we know that the world and the stars – in fact, all things – were made at God’s command; and that they were all made from things that can’t be seen*”.

⁴¹⁶ Na Bíblia do Rei Jaime (The King [...], 2011, p. 696) tem-se essa mesma passagem em Hebreus, disposta no inglês como: “*Through faith we understand that the worlds were framed by the word of God, so that things which are seen were not made of things which do appear*”.

Ao contrário, pensa-se como as décadas de 1620 e 1630 foram delineadas com debates políticos entre o parlamento e o rei, para além da angústia generalizada proveniente da ascensão da casa real dos Stuarts. É a partir disso que se pode reiterar que os nascimentos monstruosos estiveram conectados a um cenário de angústias escatológicas, sendo interpretados como resultados de um período de profanação. Com base nisso, pode-se dizer que a narrativa desse impresso se sedimentava em uma posição religiosa, uma vez que o autor acreditava que todos os nascimentos monstruosos, ainda que natimortos, eram uma instrução para os vivos.

Verifica-se não só uma retórica moralizante nesse documento, como também o reforço de um certo imaginário, uma vez que o monstro era representado como um elemento que externalizava críticas por meio de sua figura disforme. O próprio corpo gemelar nesse impresso é tido como uma exemplificação da ação divina, uma vez que o autor pontua como esse tipo de nascimento indicava a ênfase de Deus no dever dos cristãos de amarem os seus irmãos, tal como os gêmeos que permanecem grudados. Isso é possível de ser visto na passagem original do impresso: “Os gêmeos que você vê são homens; irmãos, caso tivessem nascido vivos. Amar como irmãos é o dever dos cristãos: um dever frequentemente lembrado pelos apóstolos e poderosamente pressionado. Amar é ter uma alma em dois corpos”⁴¹⁷. Assim, a união dos bebês no impresso é retratada como uma metáfora daquilo que o Criador esperava dos humanos. Funcionava como uma espécie de mensagem codificada que expressava um ensinamento aos fiéis: o de permanecer junto do seu similar. Além de sublinhar lições ao leitor, a fonte aqui abarcada incitava a devoção a Deus, os bons comportamentos e o compromisso religioso.

No entanto, há um outro ponto digno de notoriedade pelo qual esse impresso perpassa. Na medida em que o autor demonstrava uma postura de questionamento e curiosidade em relação ao nascimento monstruoso e ao corpo desse bebê, chama-se a atenção para uma conexão desse documento com os tratados médicos que circulavam no século XVII e os possíveis estudos referentes à teratologia. Além de um enfoque na descrição física da anomalia do recém-nascido, vide a minúcia do autor para discorrer sobre os órgãos do ser⁴¹⁸, percebe-se um

⁴¹⁷ BEDFORD, ref. 186, p. 10. Tradução livre da autora do original: “*The twinnes you see are males; brothers, had they beene borne alive. To love as brethren, is the duty of Christians: a Duty frequently remembred by the Apostles, and powerfully pressed. To love, is to have one soule in two bodies*”.

⁴¹⁸ O autor desse impresso de 1635 chega a mencionar como os gêmeos, embora pudessem ter vários corações e pulmões responsáveis por suas duas cabeças, teriam apenas um fígado. Isso indica, por sua vez, que provavelmente os recém-nascidos foram alvos de observações e experimentos anatômicos. A própria prática da dissecação era algo presente na sociedade inglesa do século XVII, vide o papel da *Royal Society* no trato dos nascimentos monstruosos e na execução de dissecações e exames de autópsia, segundo Baratta (2016, p. 268). Sobre esse assunto, Bates (2005a, p. 184) pontuou como a primeira autópsia de um anencefálico foi publicada em 1671, com uma análise detalhada da anatomia do bebê, incluindo ainda gravuras da sua cabeça e crânio. No original: “*The first autopsy of an anencephalic, which included a detailed anatomical description and engravings of the head and skull, was published in 1671*”.

empreendimento de se averiguar as más-formações do bebê. Essa inspeção faz pensar em um esforço de observação e de perquisição da monstruosidade na época, o qual mobilizava tropos argumentativos que residiam em um campo de pesquisas sobre os nascimentos disformes.

De início, o autor se porta como limitado nesse assunto, indicando que ele deixaria, sob responsabilidade do Colégio de Médicos, a análise do corpo monstruoso. Visualiza-se no texto a menção ao *Royal College of Physicians*, uma importante instituição criada em 1518 por Henrique VIII. Sediada em Londres, ela se configurava como uma das faculdades mais antigas da Inglaterra, estando envolvida nas regulamentações das práticas médicas e em estudos sobre o corpo humano. Conforme argumenta George Clark, o *Colégio de Médicos* possuía uma biblioteca com obras que versavam sobre a biologia e a reprodução das espécies, incluindo uma variedade de textos e o registro de algumas das primeiras impressões de textos médicos clássicos produzidos por gregos, romanos e árabes⁴¹⁹.

O texto de 1635, ao mencionar tal instituição, demonstra como o conteúdo ali narrado não estava descolado da realidade de estudos e apreensões sobre os monstros e corpos gemelares nas áreas médicas no século XVII. Embora o termo teratologia (estudo das más formações congênicas) tenha sido introduzido somente no século XIX, o interesse pelas causas e significados dos nascimentos monstruosos já era presente na produção intelectual das sociedades⁴²⁰. Isso fica ainda mais nítido quando se defronta com o papel da *Royal Society*, criada em 1660, no trato do monstruoso, uma vez que ela buscava enquadrar as deformidades do corpo humano e as raridades da natureza.

Não obstante, o impresso de 1635 também se dedica, ao longo da narrativa, a abordar algumas informações sobre o momento de concepção e nascimento do monstro, direcionando uma ênfase sobre esses dois processos. Ao considerar a “[...] concepção” como o “[...] trabalho natural e próprio do útero, ao receber, reter e amadurecer a semente para o nascimento”⁴²¹, o autor demonstrava como o útero da mãe seria a mão de Deus. Essa mão, mediante a escolha divina, poderia se abrir ou se fechar, em uma clara alusão aos casos de nascimentos concretizados ou àqueles de aborto. Com isso, ao discorrer sobre o processo de reprodução, o documento buscava evidenciar como a providência de Deus agia sobre a maternidade, ao passo

⁴¹⁹ CLARK, George. History of the Royal College of Physicians of London. *The British Medical Journal*, [s. l.], v. 1, n. 5427, p. 79-82, jan. 1965. p. 81.

⁴²⁰ Weinstock (2020, p. 5) admite, sobre este ponto, como o interesse pelas anomalias ou deformidades poderia ser visto na sociedade babilônica, na qual os sacerdotes mantinham registros das malformações congênicas em tábuas de argila para fins de adivinhação. Existia ali, pois, uma ideia de que as deficiências nas orelhas, nariz, boca, dedos ou órgãos sexuais apresentavam um significado para o futuro do rei e de sua terra.

⁴²¹ BEDFORD, ref. 186, p. 8. Trad. livre da autora do original: “*Conception, I count the naturall and proper worke of the wombe, in receiving, retaining, and ripening the seed for the Birth*”.

em que o próprio nascimento e o parto eram tidos como obras divinas. Salienta-se aqui, mais uma vez, como esse empreendimento de analisar tais fenômenos não se descolava das interpretações religiosas e das referências bíblicas.

Em similitude, há uma retomada pelo autor acerca de como os nascimentos monstruosos eram tidos pela população como incógnitas, uma vez que eram estranhos em termos de quantidade de estatura ou número de partes. Desse modo, eles eram estranhos porque incorporavam uma multiplicação, vide o caso de gêmeos siameses e o excesso de membros em um só corpo. Ainda que se atenha ao significado religioso que era atribuído a esses seres, a exemplo da ideia da *mão de Deus no ventre da mãe*, pode-se pensar como essa narrativa estava inteiramente ligada às discussões da época sobre o nascimento monstruoso. Não por acaso, o autor menciona as interpretações de filósofos e físicos, os quais atribuíam essas alterações da natureza a causas secundárias ou internas – como “[...] a defectividade ou excesso de materiais seminais, a indisposição dos vasos ou força da imaginação materna sobre o momento da concepção”⁴²².

Essa referência direta aos estudos da época, esboçadas no fragmento acima, faz com que se associe o documento de 1635 com aqueles apontamentos feitos, ainda no século XVI, por médicos e filósofos, como o caso de Pierre Boaistuau. Famoso pela obra *Histoires Prodigieuses*, (Histórias prodígios), publicada em 1560, ele considerava os monstros como o resultado do julgamento, da justiça e do castigo de Deus, para além de causas naturais externas. Dentro dessas últimas, o francês elencava a imaginação materna, o excesso ou deficiência do sêmen e a má formação do útero eram condicionantes que poderiam levar a um nascimento monstruoso. Aqui, percebe-se nitidamente um cruzamento das visões teológicas com as observações biológicas sobre a reprodução e a gestação humana.

Vale mencionar, conforme indica Bates, que embora a sua obra tenha sido disseminada na França, “[...] Boaistuau viajou até a Inglaterra para divulgar seu trabalho, indicando a Elizabeth I como os monstros eram advertências de Deus”⁴²³. Em síntese: mensagens morais para os pecadores. A própria trajetória do teratologista permite considerar como as suas ideias sobre a monstruosidade circulavam pela Europa e chegavam até os ingleses, impactando, em maior ou menor grau, na apreensão do monstruoso por esses indivíduos.

⁴²² BEDFORD, ref. 186, p. 10, tradução própria. No original: “In all these accidents and occasions the Philosophers (and physitians also who build upon the ground of Philosophy, nor can well subsist without them) they I say would attribute all these impeditions and alterations of Nature to secondary causes: either internall, as the defectiveness or excesse of seminall materials; or externall, as the dulnesse of the formative facultie, or indisposednesse of the Vessells, or strength of Conceit or Imagination”.

⁴²³ BATES, ref. 119, p. 65, tradução própria. Tradução livre de: “Protestant Pierre Boaistuau (d. 1566) travelled to England to present his warnings of the ire of God – specially illustrated for the occasion – to Elizabeth I”.

Em compasso, também é possível aproximar a discussão do impresso de 1635 com a produção de um outro intelectual, também do século XVI: o cirurgião francês Ambroise Paré. Nascido em 1510, ele atuou como barbeiro e teve contato com a medicina escolástica, praticando cirurgia em Paris⁴²⁴. Dedicado a estudar os fundamentos para a geração de seres monstruosos, Paré escreveu o tratado teratológico *Des Monstres et Prodiges* (Monstros e Maravilhas), em 1573. Escrito em língua vernacular, ele foi o primeiro livro a apresentar uma lista, em tópicos, com as possíveis causas para o nascimento de monstros. Devido à curiosidade por esse tema, a medicina teria se voltado para a busca de explicações naturais para a monstruosidade, ainda que não se negasse a intervenção divina nesse processo. Desse modo, traduzida para o inglês em 1634, um ano antes do impresso referido acima, a famosa obra de Paré mesclava ciência e superstição, ao passo em que o francês considerava as causas naturais e as intervenções do sobrenatural como elementos vinculados ao nascimento de monstros⁴²⁵.

Conforme ilustra Huet, a concepção de um ser monstruoso para Paré poderia refletir a glória ou a ira de Deus, podendo ainda prever desastres e guerras⁴²⁶. De igual modo, também poderia atuar como uma profecia ou sinal, sendo, por vezes, considerado um milagre ou maravilha que testemunhava algo no mundo. Contudo, cabe ressaltar que a obra do cirurgião francês era fruto de um trabalho de investigação científica, uma vez que, além de se embasar em experimentos e observações⁴²⁷, Paré também se utilizava de muitas fontes que versavam sobre o assunto da monstruosidade, vide Conrad Lycosthenes, Pierre Boaistuau e Aristóteles. Janis Pallister exemplifica isso ao demonstrar como a obra de Paré continha “[...] citações de autoridades, como Hipócrates, Plínio e passagens da Bíblia”⁴²⁸. Esse cenário, no que lhe concerne, faz pensar a circularidade de informações e ideias entre os mais variados autores, bem como a fluidez de acepções acerca da monstruosidade que iam desde os textos clássicos até as visões teológicas disseminadas no medievo. Mais do que isso, é possível cogitar como essas produções da Primeira Modernidade se valiam de outras obras teratológicas para delimitarem o ser monstruoso e as suas causas.

⁴²⁴ Dirks-Schuster (2013, p. 20), ao abarcar a trajetória de Paré, menciona como ele chegou a “[...] servir a quatro reis franceses, sendo eles: Henrique II, Francisco II, Carlos IX e Henrique III”.

⁴²⁵ CLERICUZIO, Antonio. Luca Baratta, ‘A Marvellous and Strange Event’: Racconti di nascite mostruose nell’Inghilterra della prima età moderna. *Cultural History*, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 273-275, 2020.

⁴²⁶ HUET, ref. 342, p. 30.

⁴²⁷ Alan Bates (2005a, p. 76) menciona como Paré abordava os monstros de modo a examiná-los por conta própria, tendo-os “[...] dissecados e preservados em sua casa” (autópsia).

⁴²⁸ PALLISTER, Janis. Introduction. In: PARÉ, Ambroise. *On Monsters and Marvels*. Chicago: University of Chicago, 1982. p. 31. Tradução própria. No original: “Paré quotes the ‘authorities’, such as Hippocrates, Pliny, the Bible”.

Com um interesse na natureza humana, os mistérios dos corpos, as doenças e a ação divina, Paré também escreveu outros tratados sobre corpos embalsados e temáticas relativas à jurisprudência médica. Jean Céard, ao dedicar-se sobre as produções do francês, pontuou como os seus trabalhos poderiam ser lidos como uma tentativa de naturalizar os monstros ainda no século XVI, uma vez que ele procurava causas naturais para o surgimento desses seres. Por outro lado, ao se olhar para a sua fala, ainda em 1579, sobre os monstros como algo “[...] além do curso da natureza”⁴²⁹, verifica-se a persistência da crença na intervenção divina para o nascimento monstruoso. Desse modo, Paré não rompeu totalmente com a interpretação religiosa do monstro enquanto um prodígio. Ao olhar para a própria etimologia do monstro latim *monstrare*, ainda se visualizava em sua interpretação a ideia do monstro como um sinal, o qual previa ou revelava algo.

O mais fascinante, no entanto, refere-se às 13 causas elencadas em 1573 por Paré para se explicarem os nascimentos de monstros. “As duas primeiras são de ordem divina; da terceira à décima segunda, são humanas; e a décima terceira é da alçada dos “demônios ou diabos”.⁴³⁰ A saber, tem-se

a primeira é a glória de Deus. A segunda, sua ira. A terceira, a demasiada quantidade de semente. A quarta, sua quantidade demasiado pequena. A quinta, a imaginação. A sexta, a estreiteza ou pequenez da matriz. A sétima, o assentar-se inconveniente da mãe que, em estando prenhe, permanece sentada por longo tempo com as coxas cruzadas ou apertadas contra o ventre. A oitava, por queda ou golpe dado contra o ventre da mãe que está prenhe. A nona, por enfermidades hereditárias ou acidentais. A décima, por podridão ou corrompimento da semente. A décima primeira, por mistura ou cruzamento de sementes. A décima segunda, por artifício das más disposições da parteira. A décima terceira, pelos demônios ou diabo⁴³¹.

Ao se olhar para essas causas, pode-se aprofundar como as ideias de Paré modularam boa parte das apreensões seguintes em relação ao monstruoso. A título de exemplo, a própria fonte aqui prescrutada, de Thomas Bedford apresenta conexões com essa obra do francês. No documento de 1635, verifica-se uma menção aos filósofos e médicos que se dedicavam a analisar o nascimento monstruoso, apontando causas secundárias para esse fato, como a quantidade de semente ou a imaginação feminina, vide:

Os filósofos (e também os médicos que se valem de uma base da Filosofia, e não podem nem subsistir sem ela), eu digo, atribuiriam todos esses impedimentos e alterações da Natureza a causas secundárias: ou internas, como a deficiência ou o excesso de materiais seminais; ou externamente, como a estupidez da faculdade

⁴²⁹ CÉARD, Jean. L'énigme des Monstres – Aperçus sur L'histoire culturelle et scientifique de la monstruosité. *Imaginaire & Inconscient*, [s. l.], n. 13, 2004. p. 18.

⁴³⁰ KAPPLER, ref. 5, p. 317.

⁴³¹ KAPPLER, ref. 5, p. 318-319.

formativa, ou por a indisposição dos vasos, ou a força da presunção ou da imaginação⁴³².

Apreende-se aqui, portanto, uma relação entre a escrita do impresso com aquelas concepções idealizadas por Paré e outros teratologistas da época. Isso leva a sugerir, mais uma vez, que a circulação de tais documentos efêmeros não se descolava de um fundo intelectual voltado para a discussão sobre a monstruosidade. As obras de Paré e Boaistuau também não eram as únicas dentro desse rol de pesquisas e tratados teratológicos. O que se constata, ao contrário, é a produção de uma série de relatos eruditos acerca dos nascimentos monstruosos no século XVI e XVII⁴³³. Bates demonstrou como as universidades foram o principal *locus* de escrita e observação desses seres, realizando classificações morfológicas e experimentos com os corpos disformes, ao passo em os “[...] nascimentos monstruosos foram tema de disputas de doutorado em faculdades de teologia e filosofia em universidades protestantes”⁴³⁴. Muitos desses estudiosos, como Fortúnio Liceti, eram professores e ensinavam sobre os nascimentos monstruosos, incitando a produção de uma quantidade de dissertações sobre esse fenômeno. É o caso de Jean Riolan, o qual assumiu a cadeira de botânica e anatomia em Paris e presenciou diversos casos de dissecação⁴³⁵. Com sua obra de 1605, *De Monstro*, o francês rejeitava a ideia dos monstros como prodígios e dedicava-se a estudar as causas para o nascimento desses seres.

Outro tratado importante refere-se ao *Demonolatry* (Demonolatria), de Nicolas Remy. Publicado em 1595, ele é uma amostra das produções voltadas para o estudo da bruxaria e das monstruosidades no final do século XVI. Além de enquadrar os nascimentos deformados na categoria de monstros, Remy via os seres monstruosos como obra da natureza, e não do

⁴³² BEDFORD, ref. 186, p. 8, tradução própria. No original: “*The Philosophers (and physitians also who build upon the ground of Philosophy, nor can well subsist without them) they I say would attribute all these impeditiions and alterations of Nature to secondary causes: either internall, as the defectivenesse or excesse of seminall materialls; or externall, as the dulnesse of the formative facultie, or indisposednesse of the Vessells, or strength of Conceit or Imagination*”.

⁴³³ Stuart Clark (2020, p. 353) chega a abordar como o “[...] assunto dos nascimentos monstruosos agitou muita da melhores cabeças médicas da época – Jacob Rueff, Paré, Bartholinus e Licetus entre eles – mas tinha uma circulação em ciência muito maior que a obstetrícia especializada ou mesmo a medicina em geral.”. Ou seja, “[...] ali estava uma oportunidade de proveito, no estilo baconiano, na análise de uma forma particularmente óbvia de aberração preternatural. Como consequência, a abordagem de monstros serve como um importante indicador de mudanças nos modos de explicação. A investigação nem sempre era confirmada e bem-sucedida; ela se extinguiu completamente quando a aberração deixou de interessar filósofos naturais tanto quanto a regularidade, e a disciplina médica transformou os monstros em assunto ‘interno’ para anatomistas e embriologistas” (Daston; Park, 1981, p. 24 *apud* Clark, 2020, p. 353). Contudo, segundo o autor, “[...] enquanto o preternatural existiu como categoria geral de fenômenos – o que fez pelo menos até os anos derradeiros do século XVII – os monstros exerceram uma poderosa atração como ‘instâncias prerrogativas’, movimentando, assim, as primeiras sociedades científicas” (Clark, 2020, p. 353).

⁴³⁴ BATES, ref. 119, p. 87, tradução própria. Tradução livre de: “*Throughout the seventeenth century, monstrous births featured in doctoral disputations in faculties of theology and philosophy in Protestant universities*”.

⁴³⁵ MANI, Nikolaus. Jean Riolan II (1580-1657) and Medical Research. *Bulletin of the History of Medicine*, [s. l.], v. 42, n. 2, mar./apr., 1968. p. 125.

sobrenatural⁴³⁶. Essa interpretação se revelou expressiva na tratadística sobre os monstros, a exemplo dos trabalhos de Fortúnio Liceti. Para o professor italiano, que atuou em Pisa, Bolonha e Pádua, o monstro não era fruto do sobrenatural, mas sim, do resultado de um percalço em sua origem. Para tanto, ao invés do uso da palavra *peccat* para se referir a esses seres, o estudioso se valia do termo *error*, aludindo à ideia de um desvio da natureza. Famoso por suas obras *De monstrorum causis natura et differentiis libro duo*, (Sobre as causas, a natureza e as diferenças dos monstros, livro dois), e *De Monstrorum Caussis, Natura, & Differentiis*, (Sobre as causas, a natureza e as diferenças dos monstros), de 1616 e 1634, respectivamente, Liceti propunha ainda um sistema classificativo que combinava a morfologia com as explicações para as possíveis causas para o surgimento de monstros.

O que se percebe aqui, portanto, é a existência de uma tratadística e uma formação intelectual dedicada à monstruosidade. Entre tratados, dissecações e estudos, assentava-se um campo de pesquisas voltadas para a construção de possíveis explanações para o nascimento monstruoso e as deformidades físicas. Contudo, conforme esboçado, nem sempre se verificou uma abordagem única e coerente sobre esse assunto⁴³⁷. Enquanto para alguns médicos e filósofos o monstro poderia ser associado a um prodígio, representando um sinal ou mensagem divina, para outros, eles eram apenas uma fatalidade; um desvio ou erro da natureza. Ao passo que alguns focalizavam certas causas naturais para o nascimento monstruosos, outros voltavam-se para a crença no sobrenatural sob tal fenômeno. O que parece ter prevalecido, no entanto, é que em boa parte dessas apreensões é possível visualizar uma aproximação da geração do monstro a uma causalidade divina, sendo o monstro uma obra do Criador.

Por isso, retoma-se aqui o caso do impresso de 1635. Muito embora o autor desse texto assumisse a existência de teorias médicas sobre o nascimento monstruoso e outras influências adjacentes à mão de Deus, a ênfase do documento direciona-se à responsabilidade divina no que tange à criação e ao controle das coisas no mundo. Desse modo, tal apreensão não foge da construção tratadística da época a respeito dos monstros, uma vez que a própria sapiência era margeada por uma leitura cristã de mundo. As preocupações com a taxonomia, a classificação dos seres e a análise de suas similitudes e diferenças não era apenas por curiosidade, mas

⁴³⁶ BATES, ref. 119, p. 125.

⁴³⁷ Huet (1993, p. 10, tradução própria) vai além e expõe como esses tratados também não apresentavam uma teoria unificada em relação às deformidades dos monstros e seus corpos, ao passo em que os textos “[...] são variados e representam tanto visões canônicas sobre a imaginação como reavaliações populares da monstruosidade”.

também por questões relativas a “[...] descobrir a verdade dos monstros” e, por extensão, a verdade sobre a natureza humana e a ação divina na terra⁴³⁸.

Tais reflexões favorecem a defesa da existência de uma conexão entre as fontes impressas efêmeras com a tratadística que orbitava os espaços médicos e universitários da Primeira Modernidade na Inglaterra. Embasando-se nos trabalhos de Whitney Dirks-Schuster, pode-se pensar em uma circularidade e transferência de conhecimentos entre as “[...] impressões, gravuras e outras fontes ‘de autoria’ geralmente baratas”, as quais podiam ser “[...] ativamente consumidas, compiladas e comparadas por membros individuais da audiência, tornando explícito o processo pelo qual o conhecimento era transferido”⁴³⁹. Ao demonstrar a quantidade de gêmeos siameses reportados em baladas e panfletos efêmeros, a autora permite visualizar como a monstrosidade circulava em seus mais diversos itinerários.

Isso também reforça a ideia de que a fronteira entre o erudito e o popular não era tão clara nesse período, uma vez que os produtores de impressos estavam em contato com os materiais e os tratados produzidos por eruditos⁴⁴⁰. Favorece-se, ao contrário, a concepção de que existia um intercâmbio de informações e ideias por parte dos impressores, autores, editores e tipógrafos na construção do documento, de tal modo que os tratados intelectuais (fossem de médicos ou teólogos) poderiam impactar e também serem impactados pela produção impressa efêmera do século XVII.

Cabe ressaltar ainda que esse processo de construção e difusão dos textos enfermos na Primeira Modernidade era algo dinâmico, o qual perpassava por diversos agentes e diferentes demandas dos leitores em potencial. Prescott expôs como existia uma circulação de *Livros de Maravilhas* na época, os quais angariavam a atenção e a curiosidade do público, de modo que a temática do maravilhoso era alvo de publicações impressas⁴⁴¹. Os *Admirables*, (Admiráveis),

⁴³⁸ GHADESSI, Touba. **Portraits of Human Monsters in the Renaissance: Dwarves, Hirsutes, and Castrati as Idealized Anatomical Anomalies**. Kalamazoo: Western Michigan University, 2018. p. 10.

⁴³⁹ DIRKS-SCHUSTER, ref. 53, p. 26, tradução própria. No original: “[...] cheap print, etchings, and other ‘authored’ sources [...] could be actively consumed, compiled, and compared by individual audience members, making explicit the process by which knowledge was transferred (i.e. acted upon) in the early modern period”.

⁴⁴⁰ Millar (2017, p. 16) demonstrou em sua obra como muitos impressores e autores de panfletos de bruxaria estiveram em contato com tratados demonológicos, o que leva a considerar uma confluência dessas duas dimensões do popular e do douto. Stuart Clark (2020, p. 615) também indica como os tratados sobre o Diabo ou os escritos sobre bruxaria eram, antes de tudo, produto de teólogos e clérigos os quais “[...] viam essas questões de uma perspectiva intelectual e moral muito mais ampla e no contexto de programas mais ambiciosos”. O autor ainda complementa como “[...] isto se aplica também aos que publicaram sermões ou tratados especialmente dedicados ao tema”, de modo que “[...] na maioria dos casos, esses itens também eram apenas contribuições para uma campanha evangélica mais abrangente”. A demonologia foi “[...] um elemento importante numa campanha mais ampla empreendida pelas grandes Reformas, para alterar e depois controlar as crenças e comportamentos laicos por educação, pregação e publicação” (Clark, 2020, p. 642).

⁴⁴¹ PRESCOTT, Anne. The Odd Couple: Gargantua and Tom Thumb. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 77.

um exemplo de livro popular com história sobre monstros, ilustram a atratividade dessa temática nas publicações na Primeira Modernidade. Ao abordar sobre os monstros, eles contribuíam para enfatizar como o mundo era complexo e como essas maravilhas eram um sinal de Deus. Alan Bates, na mesma linha, também abordou como os livros de maravilhas e os livros filosóficos e médicos fizeram, ambos, um uso teológico dos monstros, “[...] embora isso nos textos filosóficos ficasse menos evidente”⁴⁴².

Percebe-se aqui como a dimensão da fé na Inglaterra era peça chave para a interpretação dos monstros e das anomalias de seus corpos, ainda que se mencionassem estudos e observações médicas sobre o assunto. Os próprios limites da medicina não eram bem definidos na época, de tal modo que as classificações morfológicas e taxonômicas eram apreciadas dentro de uma base teológica. Argumenta-se, com isso, amparado em Spinks, que a interpretação religiosa dos nascimentos monstruosos colidiu com as perspectivas científicas, adquirindo um tom cada vez mais apocalíptico a partir do século XVI em diante⁴⁴³.

Ao considerar o período da Primeira Modernidade Inglesa e, especialmente, o desdobrar do século XVII, salientou-se neste capítulo como o surgimento e o desenvolvimento da prensa cumpriram um exímio papel na elaboração e exposição dos nascimentos monstruosos, externalizando representações textuais e imagéticas desses seres⁴⁴⁴. Consta-se, assim, que essa produção cultural não se desvinculou de uma leitura de mundo cristã, sendo os monstros objetos de interpretações religiosas. Vistos como sinais da ira divina, as aparições monstruosas foram associadas a uma mensagem de Deus na terra, de modo que isso foi ainda mais explorado com a Reforma Religiosa, o que fez com que os monstros passassem a personificar inimigos religiosos e sociais na Inglaterra. Ao se defrontar com o século XVII e a iminência dos atritos políticos entre o rei e o parlamento, sustentou-se como tais representações dos monstros também colidia com uma exteriorização de críticas e anseios que margeavam a cena pública inglesa.

Ora papistas, puritanos e anglicanos. Ora parlamentares, ou defensores do rei. O monstro poderia assumir uma correlação com ambas as posições descritas acima. Ainda que se pese a real crença no monstruoso, a julgar pelos esforços do impresso em sustentar a legitimidade de suas narrativas, defende-se aqui a historicidade desse monstro a partir de um contexto de disputas políticas no século XVII. Criado e projetado pelos humanos, ele poderia

⁴⁴² BATES, ref. 119, p. 65.

⁴⁴³ SPINKS, ref. 78, p. 7.

⁴⁴⁴ É necessário pontuar que esse efeito também decorre da própria seleção do montante de fontes dessa dissertação, uma vez que a escolha dos documentos e a presença de coleções sobre isso indicam ainda uma certa escolha na preservação e trato dos impressos.

ser situado em um tempo e espaço, de tal forma que se vinculava às questões ali dispostas. Nesse viés, o monstruoso, na representação do outro, do desconhecido e do anormal, vociferava questões relativas aos desvios políticos, sociais e religiosos de sua época. Complexificados por seus corpos, também aludiam a uma dupla posição pelo espectador: a de admiração, como uma obra da natureza e de Deus, e a de espanto, por ser vista como uma anomalia que pervertia à ordem do mundo. Mobilizado em propagandas religiosas ou em críticas políticas, pensa-se aqui como o monstro poderia ser instrumentalizado, facultando a identificação dos inimigos.

O caso dos tratados teratológicos também se revela pertinente nesse momento, uma vez que muitas dessas obras foram reimpressas ou impressas ao longo desses anos, vide o livro de Ambroise Paré na década de 1630 e a publicação da obra de William Harvey, em 1651. Essa última, que se dedicava a tratar sobre as formações dos fetos e cujo título original era *Exercitationes de generatione animalium. Quibus accedunt quaedam de partu: de membranis ac humoribus uteri: & de conceptione* (Exercícios sobre a geração de animais. A que se acrescentam certas coisas sobre o parto: sobre as membranas e fluídos do útero e sobre a concepção), tangenciava assuntos relativos à formação do útero. No mesmo percurso, percebe-se como a década de 1660 em diante foi frutífera em relação às produções médicas, vide o livro de William Sermon, publicado em 1671 e voltado para a temática do parto e das adversidades da gestação.

Conforme pontua Lawrence Longo e Lawrence Reynolds, “[...] uma década antes, Percivall Willughby teria se dedicado a escrever um manuscrito em Londres sobre obstetrícia”, o que indica a atratividade desse tema na produção médica e impressa da época⁴⁴⁵. Baratta, inclusive, menciona como, “[...] entre 1642 e 1660, das dez publicações sobre nascimentos monstruosos analisadas em seu capítulo, seis eram explicitamente exploradas para fins político-religiosos”⁴⁴⁶. Isso auxilia a reforçar a ideia de que o campo da monstruosidade encontrou uma certa pertinência na cultura impressa no século XVII, imbricando-se aos atritos religiosos e políticos na cena pública daquele momento.

Considera-se aqui a possibilidade de um cruzamento entre as fontes impressas efêmeras prescrutadas no capítulo com os tratados médicos e filosóficos da Primeira Modernidade. Além

⁴⁴⁵ LONGO, Lawrence D.; REYNALD, Lawrence P. (ed.). **Wombs with a View: Illustrations of the Gravid Uterus from the Renaissance through the Nineteenth Century**. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 76. Tradução livre da autora do original: “*A decade earlier, one of the first Englishmen to devote his practice entirely to obstetrics, Percivall Willughby (1596–1685) of Derby and London, completed a manuscript [Observations in midwifery] based on the patients that he had attended*”.

⁴⁴⁶ BARATTA, ref. 227, p. 223, tradução própria. Tradução livre de: “[...] tra il 1642 e il 1660 – cui è dedicato questo capitolo – è stato possibile rinvenire o avere notizia di dieci pubblicazioni che raccontassero nascite mostruose umane; di queste, solo sei erano esplicitamente strumentalizzate a fini politico-religiosi”.

do fluxo de ideias de um país para o outro, vide a tradução de obras do francês e do italiano para o inglês, defende-se como existia, no século XVII, um intercâmbio entre as apreensões teratológicas de professores, cirurgiões, teólogos e intelectuais com aqueles autores e editores de impressos de caráter mais barato e acessível.

Vale reforçar que se reconhece que o monstro não era apenas uma alegoria no século XVII. Ao contrário, aponta-se aqui para um esforço de não se realizar uma leitura teleológica da monstruosidade e em reduzir a análise desses impressos a uma simples denúncia social. Ou ainda, de interpretar que aquela sociedade da Primeira Modernidade, em virtude de não ter desenvolvido estudos genéticos ou embrionários, apreendia as anomalias corporais como monstruosas. Diversamente, reitera-se como a medicina da época já se dedicava a esse tema, vide as observações científicas realizadas em universidades e os casos dissecações e autópsias. O que se alega, pois, é que não há como ignorar as correlações desses impressos do século XVII com o cenário político-religioso da época, de tal modo que a retórica da monstruosidade poderia servir a diferentes propósitos – vide a propaganda anti-papista disseminada por muitos textos.

Priorizou-se aqui, em certa medida, uma leitura do monstruoso face o escopo religioso da Inglaterra, no qual os atritos entre o rei e o parlamento no século XVII reforçavam ainda mais a tônica em um monstro hediondo. Favorece-se a interpretação de que o monstro, mediante a sua pluralidade de sentidos, funções e formas ganha ainda mais ênfase com a difusão dessa temática por meio dos impressos efêmeros. Graças a eles, os indivíduos também puderam exteriorizar críticas ou denúncias sociais, além de narrar a ocorrência de nascimentos anômalos e, por vezes, maravilhosos. Como parte do plano divino, o monstro suscitava atenção e provocava ansiedades. E é essa postura da sociedade que requer cotejar como esses seres, tão fascinantes e apavorantes, eram ostentados como objetos de estudo.

4 A TERATOLOGIA FACE À QUESTÃO DO MANDO

O monstro se revela um elemento ativo na mobilização de ideias e informações, operando ou sendo operado pela cultura política. Nas palavras de Roberto Romano, “[...] o teratológico une-se ao problema do mando”⁴⁴⁷. Entendidos como seres concretos ou metáforas para os inimigos políticos, os monstros eram imbuídos de uma agenda política e moral que tangenciava temas conexos às experimentações culturais da Inglaterra da primeira modernidade. Ao ater-se à ideia de que, “[...] por sua limiaridade ontológica, o monstro aparece, de forma notável, em épocas de crise”⁴⁴⁸, pensa-se como o cenário *de cabeça para baixo* da sociedade inglesa possibilitou a criação de monstros e a sua ampla circulação pelos impressos efêmeros. Ainda que se considere que as narrativas aqui abordadas “[...] eram fabricadas de acordo com um número limitado de dispositivos e modos de enredo”⁴⁴⁹, o monstro servia como um mecanismo de demarcar e violar as fronteiras as quais os cercavam.

Como produtos do século XVII, os impressos tangenciavam, de certo, algumas das adversidades que permeavam a sociedade inglesa daquele momento, de modo que, embora não fossem um completo reflexo da sociedade, eram guiados por um dado escopo social. Todavia, não há a pretensão aqui de uma leitura teleológica a partir dessas fontes, entendendo-as como totalizantes de seu tempo e capazes de oferecer todo o panorama da política inglesa da época. Ao ater-se à ideia de que esses textos por si só não eram capazes de informar a exata realidade do período das Guerras Cívicas e dos atritos político-religiosos, procura-se, ao contrário, entender como essas produções culturais, escritas por sujeitos do seu tempo, podem ser lidas a partir do seu contexto, porém, sem serem reduzidas a ele. Ao partir dos impressos efêmeros para a compreensão das disputas e tensões que se aglutinavam na esfera pública, debruça-se aqui sobre como as produções culturais poderiam influenciar e serem influenciadas por esse cenário.

Nessa ótica, “[...] as guerras civis, por exemplo, na Grã-Bretanha do século XVII [...] podem ser estudadas como conflitos culturais [...] narrativas complexas, expressando uma multiplicidade de pontos de vista”⁴⁵⁰. Consequentemente, os próprios textos impressos sobre monstros não se enquadrariam como materiais ingênuos e apenas meros receptáculos de

⁴⁴⁷ ROMANO, Roberto. Pensamento e monstrosidade. Reflexões sobre Rousseau e seus pares. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, 2001. p. 212.

⁴⁴⁸ GARBER, 1991, p. 11 *apud* COHEN, ref. 24, p. 30.

⁴⁴⁹ Esse trecho, traduzido livremente para o português, pode ser vislumbrado na passagem original: “*Hayden White [...] was interested in demonstrating that all historical narratives, however they were framed, were constructed according to a limited number of plot devices and modes*” (Boddice, 2018, p. 24).

⁴⁵⁰ BURKE, ref. 89, p. 164.

informações a serem selecionadas e extraídas por esta pesquisa. Ao olhar para esses documentos e pensar as disputas políticas na Inglaterra, não se opera aqui com a “[...] garantia de verdade por trás do enredo ficcional” ou com o texto sendo um “[...] balizador da precisão da representação imaginativa”⁴⁵¹. Mas, ao contrário, busca-se evidenciar as sutilezas e as possíveis interpretações que esses impressos apresentam.

Retorna-se ao ano de 1647 e à publicação de um impresso com o nome de *O mundo virado de cabeça para baixo: ou, uma breve descrição dos costumes ridículos destes tempos enlouquecidos. Por J. T., um bem-intencionado do rei, do parlamento e do reino*⁴⁵². Embora o texto não aborde diretamente a existência de monstros, nota-se uma nítida dimensão política, a começar pela menção em seu título de que um dos seus impressores, John Taylor, era um simpatizante do rei, do parlamento e do reino. Ao considerar que Taylor era um livreiro londrino, cuja produção se voltava para temáticas relativas à política⁴⁵³, demarca-se, de início, como os impressos permeavam os debates políticos da época e apresentavam uma agenda moral por trás, funcionando como instrumentos de mobilização de ideias ou como campos de batalhas ideológicas.

Com o texto disposto em versos, o impresso chama a atenção por conter um tom de crítica ao mencionar, logo nas primeiras linhas, que o mundo estava de cabeça para baixo e que a Igreja se encontrava fora de ordem. Além da presença de uma gravura, a qual alude justamente para essa ideia de inversão – vide a reprodução de um homem com as pernas para cima no local dos braços é curioso pensar como essa interpretação de um mundo às avessas fazia parte de um dado imaginário social da época. Susan Amussen evidenciou como a ideia de uma sociedade de cabeça para baixo era um tópico integrante do mundo mental desse período, ao passo em que a representação da “[...] ordem familiar, social ou política invertida fornecia uma metáfora visual para se representar o desarranjo da Inglaterra”⁴⁵⁴.

⁴⁵¹ PINTO, Julio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. **Tempo**, [s. l.], v. 26, n. 1, 2020. p. 32.

⁴⁵² Tradução livre da autora do original: “*The world turn'd upside down: or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times. By T.J. a well-willer to King, Parliament, and kingdom.*”.

⁴⁵³ Plomer (1907, p. 203) destaca ainda outra das publicações do livreiro, *Rumps last will and testament London* (Último testamento dos *Rumps* em Londres), de 1660.

⁴⁵⁴ AMUSSEN; UNDERDOWN, ref. 246, p. 3. Tradução própria. No original: “*The world turned upside down, an inverted familial, social, or political order, provided a visual metaphor to represent disorder, and was integral to the mental world of early modern England*”.

Figura 16: Folha de rosto do impresso *The world turn'd upside down, or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times* (1647), de John Taylor.



Fonte: Gravura de John Smith (Taylor; Jordan, 1647, p. 1). Disponível em: <https://ota.bodleian.ox.ac.uk/repository/xmlui/handle/20.500.12024/A87373?show=full>. Acesso em: 7 out. 2024.

Ainda que o documento não relate explicitamente a aparição ou o nascimento de monstros em sua narrativa, é válido notar que a gravura que abre o impresso é ela própria retratada como monstruosa, uma vez que ela demonstrava como a terra estava fora de ordem. Assim, ao mencionar: “Pois se você bem o notar como ele é, é uma metamorfose transformada. Esta imagem monstruosa declara claramente esta Terra (completamente fora de ordem) fora do quadrado”⁴⁵⁵, evidencia-se a presença de um monstro metafórico, tendo em vista que o uso termo monstruoso servia para se caracterizar o fato de o mundo estar invertido e a subsequente negatividade atrelada a isso. Ao descrever ainda que a Inglaterra estava ao contrário, o autor também deixava claro uma posição de apoio ao monarca, uma vez que expunha como, quando o parlamento estava com o rei, ele tinha cuidado das dores e dos medos locais⁴⁵⁶.

Sobressai-se, portanto, uma perspectiva política desse texto, já que o autor apontava para a subversão da ordem e a construção de certos inimigos. Isso fica ainda mais palpável quando o texto identifica um irlandês como um demônio e o acusa de ser “[...] mais bárbaro

⁴⁵⁵ TAYLOR, John; JORDAN, Thomas. *The world turn'd upside down: or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times*. By T.J. a well-willer to King, Parliament, and kingdom. London: [s. n.] printed for John Smith, 1647. p. 3. Trad. livre da autora para: “For if you well do note it as it is, it is a Transform'd Metamorphosis. This monstrous Picture plainly doth declare This Land (quite out of order) out of square”.

⁴⁵⁶ *Ibid.*, p. 3.

que os pagãos e pior que os judeus”⁴⁵⁷, cujo intuito era dominar loucamente a região. Além de correlacioná-lo às desgraças que assolavam a terra, desde a menção a pragas como gafanhotos e enxames, verifica-se também uma questão religiosa inerente ao impresso, uma vez que o autor menciona como os “[...] irlandeses, das profundezas negras do inferno, lutavam com armas romanas”⁴⁵⁸. Para além da oposição política, marcada pelas próprias adversidades entre Inglaterra e Irlanda na época, percebe-se como a Igreja Católica era atacada pelo texto na medida em que se redigia que essa “[...] religião não pode ser boa, uma vez que se deleita no sangue (...) para se rebelar contra Deus e o rei”⁴⁵⁹. Ainda que o elemento religioso tenha sido explorado no capítulo anterior, cabe mencionar como a narrativa do impresso de 1647 não deixa de esboçar uma crítica ao catolicismo, evidenciando as diferenças dessa religião face à protestante, vide o trecho: “[...] nós buscamos o perdão de Deus em nossa esperança celestial e não por obras ou favores do Papa”⁴⁶⁰.

O ponto central aqui, contudo, é a questão da obediência que pode ser apreendida por essa narrativa. A inversão do mundo abordada pelo impresso é associada a uma falta de ordem, na qual aqueles que não saberiam obedecer presumiam governar a Igreja, a *Commonwealth* e os homens. Em compasso, o texto também permite perceber como as disputas políticas da época e a temática da lealdade permeavam a produção impressa, vide a frase: “Minha lealdade ao meu rei está dobrada, com dever para com os pares e o parlamento”⁴⁶¹. Essa tônica na lealdade, na ordem e na obediência desponta aqui como um dos caminhos para se pensar como o mundo inglês foi lido como um mundo de *cabeça para baixo* e em como o cenário político-religioso da época escorria para a produção impressa.

Stuart Clark chama a atenção para como jazia uma preocupação na sociedade moderna com a ordem, sobretudo nos séculos XVI e XVII, de tal forma que a tônica na desobediência era salientada através da descrição das relações entre pais e filhos, súditos e príncipes ou servos e amos. Dessa forma, “[...] nessas reações à desobediência consideradas inseparáveis da variedade de fidelidades políticas e religiosas”, pode-se “[...] distinguir uma retórica convencional da desordem”⁴⁶². Nesse caso, a própria desordem era caracterizada pela inversão

⁴⁵⁷ TAYLOR; JORDAN, ref. 455, p. 4, tradução própria. Trad. livre da autora para: “*More barbarous then the Heathens, worse then Jewes*”.

⁴⁵⁸ TAYLOR; JORDAN, ref. 455, p. 4, tradução própria. Trad. livre da autora para: “*From Heils blacke Pit, begirt with Romish Armes*”.

⁴⁵⁹ TAYLOR; JORDAN, ref. 455, p. 4, tradução própria. Trad. livre da autora para: “*Sure that Religion can no waies bee good, That so inhumanely delights in Blood (...) For to rebell against God and the King*”.

⁴⁶⁰ *Ibid.*, p. 8. Isso pode ser verificado na passagem: “*We seeke our Pardons from our heavenly hope, And not by workes or favour from the Pope*”.

⁴⁶¹ *Ibid.*, p. 7. No texto impresso encontra-se: “*My Loyalty unto my King is bent With duty to the Peeres and Parliament*”.

⁴⁶² CLARK, ref. 265, p. 115.

e vista sob um aspecto negativo à medida em que era associada às rupturas religiosas, à corrupção social, à rebelião ou sedição política e à falta de disciplina perante a organização familiar.

“Irredutíveis a uma única perspectiva”⁴⁶³, as fontes que apresentavam essas inversões, segundo Silvia Liebel, conduziam múltiplas leituras do mundo social, envolvendo ainda uma linguagem simbólica própria. Ao trabalhar a produção das narrativas e imagens do mundo às avessas, a autora expôs como “[...] toda ordem comporta o espectro de uma anti-ordem, de outra opção ao real vislumbrada no campo do imaginário”⁴⁶⁴. Dessa forma, “[...] todo pensamento que se desvirtua de suas diretrizes representa, naturalmente, uma inversão”⁴⁶⁵. Nessa lógica, as modificações vislumbradas ao longo da primeira modernidade inglesa, ao tangenciarem a questão da ordem, abriam espaço para a construção de um mundo de *cabeça para baixo*. Essa inversão simbólica, forjada “[...] a partir de um imaginário moldado pelas transformações sociais, políticas e econômicas”⁴⁶⁶, faz considerar como a temática da ordem perpassava pelas sensibilidades e produções impressas do século XVII.

Nesse sentido, vale-se aqui das assertivas de Diane Purkiss⁴⁶⁷ para se considerar como o cenário das Guerras Cívicas contribuiu para um aumento das ansiedades locais e dos temores de que o mundo estava se desmantelando. Se antes, em muitos impressos do início do século XVII, já era possível visualizar a ideia uma ira divina em relação à população por conta dos pecados cometidos pelos ingleses e o envio de monstros como forma de punição, o que se pode constatar é, no desenrolar das décadas de 1640 em diante, uma associação do monstruoso às calamidades oriundas da guerra. A exemplo, no impresso *Estranhas notícias de Kent*, de 1609, o autor expõe como Deus estaria ofendido com as mudanças no curso da natureza, de tal modo a enviar monstros a terra⁴⁶⁸. Porém, passados alguns anos, em 1652, no impresso *The Ranters Monster* (O monstro de Ranters⁴⁶⁹), verifica-se uma menção à Guerra Civil como tempos tristes, no qual o espírito da discórdia se espalhava por toda a terra, o que motivaria a aparição de seres

⁴⁶³ LIEBEL, Sílvia. **O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII: Humor, sandice e crítica social**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. p. 18.

⁴⁶⁴ *Ibid.*, p. 27.

⁴⁶⁵ *Ibid.*, p. 27.

⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 31.

⁴⁶⁷ PURKISS, ref. 277, p. 58.

⁴⁶⁸ STRANGE NEVVES OUT OF KENT of a monstrous and misshapen child, borne in Olde Sandwich, vpon the 10. of Iulie, last, the like (for strangenes) hath neuer beene seene. London: T. C[reede] for W. Barley, 1609. p. 4.

⁴⁶⁹ Título original e mais extenso: “*The Ranters Monster: being a true relation of one Mary Adams, living at Tillingham in Essex, who named her self the Virgin Mary, blasphemously affirming, that she was conceived with child by the Holy Ghost; that from her should spring forth the savior of the world; and that all those that did not believe in him were damn'd: with the manner how she was deliver'd of the ugliest ill-shapen monster that ever eyes beheld, and afterwards rotted away in prison: to the great admiration of all those that shall read the ensuing subject; the like never before heard of*”.

estranhos e monstruosos. Não por acaso, o impresso menciona como era um tempo horrível, ao passo em que pedia para que Deus guiasse e defendesse os homens⁴⁷⁰.

O que se pode apontar, de início, é como essa ideia de desordem e inversão era algo recorrente em muitos impressos do século XVII, de tal modo que a crença em um mundo *de cabeça para baixo* se vinculava à proliferação de monstros. Como indica Alletta Brenner, o mundo moderno era percebido por meio de um sistema definido de relações infalíveis e inerentes⁴⁷¹. Dessa forma, faz sentido associar as turbulências políticas e sociais protagonizadas pelos ingleses à abertura de espaço para se questionarem as categorias normativas existentes, de modo que aquilo que desafiava a ordem era tachado como monstruoso ou ameaçador. Isso leva a questionar como o monstro reforçava essa imagem de uma subversão organizacional do sistema político, a qual representava metaforicamente as desarmonias do sistema hierárquico, do âmbito social, da esfera familiar e dos jogos de poder.

E. Kent demonstrou como “[...] na Inglaterra do século XVII a rebelião era, por diversas vezes, representada como um monstro, ‘hediondo... nocivo e destrutivo para a humanidade... [...] uma besta feia de muitas cabeças’”⁴⁷². Consequentemente, interpõem-se aqui alguns questionamentos: em que medida as representações dos monstros nos impressos efêmeros do século XVII constataam uma íntima relação dos confrontos militares entre o monarca e os parlamentares face à crença no monstruoso? Como o monstruoso poderia ser usado metaforicamente para se apreender o cenário sedicioso e subversivo inglês? Seria o monstro meramente um instrumento de propaganda política? Como os apoiadores ou opositores do rei se valiam do monstro enquanto um recurso retórico para firmarem suas posições políticas? E seria isso consciente ou inconsciente?

⁴⁷⁰ THE RANTERS MONSTER: being a true relation of one Mary Adams, living at Tillingham in Essex, who named her self the Virgin Mary, blasphemously affirming, that she was conceived with child by the Holy Ghost; that from her should spring forth the savior of the world; and that all those that did not believe in him were damn'd: with the manner how she was deliver'd of the ugliest ill-shapen monster that ever eyes beheld, and afterwards rotted away in prison: to the great admiration of all those that shall read the ensuing subject; the like never before heard of. London: [s. n.], printed for George Horton, 1652. p. 8. Isso pode ser visualizado pela passagem no original: “*O horrible blasphemy! What an Age do we live in? God in his mercy be our guides, and blesse, keep, preserve and defend us, all the dayes of our appointed time*”. Trad. livre da autora: “Ó blasfêmia horrível! Em que era vivemos? Deus em sua misericórdia seja nosso guia e abençoe, guarde, preserve e defenda-nos, todos os dias desse nosso tempo designado”.

⁴⁷¹ BRENNER, Alletta. The Good and Bad of that Sexe: Monstrosity and Womanhood in Early Modern England. *Intersections*, [s. l.], v. 10, n. 2, 2009. p. 161.

⁴⁷² PURKISS, 2005, p. 177-178 *apud* KENT, E. J. Tyrannical Beasts: Male Witchcraft in Early Modern English Culture. In: KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 82. Tradução livre da autora do original em inglês: “*In seventeenth-century England, in particular, rebellion was represented as ‘a monster ... hideous ... noisome and destructive to humane kinde ... the name of it is rebellion, an ugly beast of many heads’.*”.

Volta-se aqui ao ano de 1643 e à publicação de um curto impresso, de apenas uma página, intitulado *The Kingdomes Monster Uncloaked from Heaven: the popish conspirators, malignant plotters, and cruell Irish, in one body to destroy kingdome, religion and lawes: but under colour to defend them, especially the Irish, who having destroyed the Protestants there, flye hither to defend the Protestant religion here* (O Monstro dos reinos descoberto do céu: os conspiradores papistas, os conspiradores malignos e irlandeses cruéis, em um só corpo para destruir o reino, a religião e as leis: mas sob o pretexto de defendê-los, especialmente os irlandeses, que tendo destruído os protestantes lá, voam para cá para defender a religião protestante aqui). Em seu título, expressivamente extenso, já é possível perceber a crença patente na existência de conspiradores e monstros no escopo inglês, sendo esses vislumbrados na figura dos católicos e irlandeses. Além da menção no título da ideia de uma união desses grupos em um só corpo, o impresso é acompanhado de uma gravura, a qual representava imageticamente a descrição feita pelo texto.

Figura 17: Gravura do impresso *The Kingdomes Monster Uncloaked* (1643)



Fonte: THE KINGDOMES. [London: s. n.], 1643. p. 1. Disponível em: <https://the1642goodwyfe.wordpress.com/2012/03/22/the-kingdoms-monster-uncloaked/>. Acesso em: 7 out. 2024⁴⁷³.

⁴⁷³ Interessante notabilizar como as vestimentas da imagem também indicavam aspectos relativos à crítica por ela enunciada. Ver mais em: <https://the1642goodwyfe.wordpress.com/2012/03/22/the-kingdoms-monster-uncloaked/>. Acesso em: 7 out. 2024.

Ao representar um ser com várias cabeças, as quais personificavam os papistas e os conspiradores, o impresso constrói visualmente um inimigo político, atribuindo a ele um caráter monstruoso. Em compasso, ao alocar o reino em chamas ao lado superior direito, o impresso engendrava uma leitura de que existiam naquela localidade conspiradores os quais buscavam destruir a sociedade inglesa e os fiéis ali residentes. É importante pontuar ainda que essa questão do incêndio e a sua associação aos católicos não era algo novo. “Recorrentemente citado na Bíblia, o fogo era símbolo dos castigos divinos, ao mesmo tempo em que representava a purificação dos pecados de uma cidade e seus habitantes”⁴⁷⁴. Contudo, para outros, “[...] as chamas eram sintomáticas da degradação moral dos ingleses após a eclosão das Guerras Civis contra Carlos I”⁴⁷⁵.

Quando se parte para o texto que segue essa gravura, percebe-se que o monstro no impresso era uma metáfora para se representarem os inimigos religiosos, atribuindo à narrativa um nítido teor anticatólico. Não se trata, portanto, de um monstro concreto cuja existência remete a uma data e espaço no qual ele teria sido encontrado, mas sim, uma referência à ação dos papistas. Ao expor que “Conspiradores Papistas Malignos iriam levar o Reino a ruínas”⁴⁷⁶, o autor se refere a esse grupo como monstruoso, indicando que “[...] esses levariam esta Terra à miséria [...] procurando destruir o Reino e o Estado, enquanto a Igreja e o Reino deveriam estar oprimidos, sujeitos ao seu papado cego”⁴⁷⁷.

Nessa ótica, o monstro aqui seria uma representação da vulnerabilidade e da desordem político-religiosa, a julgar pela sua simbologia face à crença no declínio da humanidade e na degradação moral da época. Não por acaso, verifica-se no canto inferior esquerdo a representação de um ser demoníaco, aos pés do monstro. Essa conexão, provavelmente, não se deu ao acaso, uma vez que a “[...] característica central atribuída ao Demônio era inicialmente a desobediência ao poder centralizador”⁴⁷⁸. Desse modo, o impresso reforçava, tanto visual, quanto textualmente, a tônica da ideia de uma desordem e uma destruição imanente na Inglaterra. Como apontado por Noel Carroll, o processo de criação dos monstros envolvia um

⁴⁷⁴ LIMA, ref. 352, p. 349.

⁴⁷⁵ LIMA, ref. 352, p. 349.

⁴⁷⁶ THE KINGDOMES monster vncloaked from heaven the popish conspirators, malignant plotters, and cruell Irish, in one body to destroy kingdome, religion and lawes: but under colour to defend them, especially the Irish, who having destroyed the Protestants there, flye hither to defend the Protestant religion here. [London: s. n.], 1643. p. 1. Trad. livre do original em inglês: “*That would our Kingdome unto ruine bring*”.

⁴⁷⁷ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora do original em inglês: “*This Monster brings this Land to misery: This Monster following its forefathers hate, Seeks to destroy the Kingdome and the State: While Church and Kingdom should oppressed lie Subjected to their blinded Popery*”.

⁴⁷⁸ BYINGTON, Carlos Amadeu. Prefácio: O Martelo das Feiticeiras – *Malleus Maleficarum* à luz de uma teoria simbólica da história. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum**. 5. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020. p. 23.

processo de fusão, fissão e ampliação, de modo a tornar esses seres horríveis, dignos de terror e repulsa⁴⁷⁹. Dessa forma, o monstro representado pela gravura, em sua imensidão e junção de elementos variados, servia a propósitos de veicular certas mensagens ao público leitor, mobilizando uma reação de ojeriza contra os católicos.

A julgar pela profusão de impressos constatada a partir da década de 1640⁴⁸⁰, vide a sede por notícias frente ao momento da guerra e a publicação de textos com informações sobre o cenário vigente, pode-se alocar como os textos continham nitidamente um tom moralizador em seu escopo, de forma a mobilizarem um determinado conjunto de ideias. Nessa ótica, a própria gravura do documento de 1643 não era algo isolado. Da mesma maneira que no impresso acima, é possível visualizar a publicação de imagens como forma de representar os inimigos religiosos, atribuindo a eles uma dada negatividade. Essa ideia das numerosas cabeças, pode ser encontrada, por exemplo, no *broadsheet: The Seven Heads of Martin Luther* (As sete cabeças de Martinho Lutero), de 1529.

Figura 18: Gravura do impresso As sete cabeças de Martinho Lutero (1529)



Fonte: Seven-Headed Luther (1529). **German History in Documents and Images**, c2003. Disponível em: https://ghdi.ghi-dc.org/sub_image.cfm?image_id=3325. Acesso em: 5 ago. 2024.

⁴⁷⁹ CARROLL, Noel. Fantastic Biologies and the Structures of Horrific Imagery. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 141.

⁴⁸⁰ Inclusive com a publicação do *Mercurius Rusticus* (1643-1646), o qual veiculava notícias realistas como forma de atacar os apoiadores do parlamento, bem como soldados e religiosos radicais (Davies; Fletcher, 2014).

Nessa gravura, tem-se a representação de Martinho Lutero com sete cabeças anexas em um só corpo. Impressa por Hans Brossamer, a obra de Johannes Cochlaeus mostra as cabeças respectivamente acompanhadas de um nome, a saber: Doutor, Martinho, Lutero, Clérigo, Entusiasta, Visitante e Barrabás. Uma das possíveis leituras para essa imagem é a de que ela servia como uma caricatura de Lutero, ao passo em que funcionava como um instrumento de difamação, de modo a associá-lo ao Anticristo (a besta de sete cabeças do apocalipse). É válido indicar que a existência de bestas com várias cabeças era algo inerente ao imaginário cristão da época. Na Bíblia do rei Jaime, em Revelações 13, constata-se a menção de uma besta que teria surgido do mar, com “[...] sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças nomes de blasfêmia”⁴⁸¹. Essa alusão à bestialidade e ao excesso de crânios faz pensar nas metáforas que tais figuras apresentavam, sendo as múltiplas cabeças “[...] recursos de uma linguagem metafórica na representação de inimigos, opositores, povos estranhos de línguas e culturas diferentes”⁴⁸². Não por acaso, na passagem bíblica acima, o nome atribuído à cabeça da besta é apreendido sob o termo blasfêmia, indicando, por si só, algo errôneo e pecaminoso.

Em uma análise mais esmiuçada, Vanderlei Dorneles também demonstrou como existia uma circularidade desse tipo de representação, na qual a expressão das múltiplas cabeças era construída mediante o contexto histórico e as apropriações ali erigidas. O autor evidenciou como os textos bíblicos são construídos com arquétipos cujas raízes encontram-se na Mesopotâmia, sendo as representações de várias cabeças amplamente circuladas e readaptadas. Desse modo, a tônica na quantidade de crânios faz pensar na associação desse elemento à ideia de desordem ou sedição, ao passo em que “[...] a metáfora do monstro” poderia ser “[...] empregada para retratar poderes inimigos, os quais ameaçavam a sobrevivência”⁴⁸³ de diferentes povos. Dessa forma, essas apropriações e interpretações foram vislumbradas em

⁴⁸¹ Revelation 13. **Bible Hub**, c2012. Disponível em: <https://biblehub.com/kjv/revelation/13.htm>. Acesso em: 14 out. 2024. Trad. livre do original: “*And I stood upon the sand of the sea, and saw a beast rise up out of the sea, having seven heads and ten horns, and upon his horns ten crowns, and upon his heads the name of blasphemy*”.

⁴⁸² DORNELES, Vanderlei. A besta de sete cabeças e seus antecedentes em textos da cultura antiga. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 48, 2017. p. 1431.

⁴⁸³ *Ibid.*, p. 1430.

diferentes mitologias, a exemplo da grega e suméria⁴⁸⁴, de modo a produzirem ou reproduzirem novos sentidos⁴⁸⁵.

A vista disso, pode-se extrapolar aqui para uma referência à Hidra de Lerna, a qual remete ao mito grego de uma serpente com várias cabeças que, quando cortadas, faziam nascer outras em seu lugar, implicando como, a um mal, outros seguiriam. Mencionada em bestiários e em autores como William Shakespeare (vide a obra *Coriolano*), a hidra se tornou, a partir da Renascença, um sinônimo de “[...] situações complexas e de difícil resolução, tanto na política quanto no dia a dia”⁴⁸⁶. Não por acaso, diferentes autores valeram-se da hidra como forma de caracterizar as rebeliões ou a multidão, tida como “[...] símbolo da multiplicidade, inconstância, irracionalidade, licenciosidade, ignorância e balbúrdia”, de modo que “[...] não deve ser contentada, sob pena de disseminação da desordem e da guerra civil”⁴⁸⁷. Desse modo, “[...] a hidra se tornou um meio de explorar a multiplicidade, o movimento e a conexão, as longas ondas e correntes planetárias da humanidade”, de tal forma que os “[...] governantes encontraram na hidra de muitas cabeças um símbolo antitético de desordem e resistência, uma ameaça poderosa à construção do estado”⁴⁸⁸.

Novamente, tais representações de monstros com múltiplas cabeças não podem ser desvinculadas do seu contexto de produção: isto é, o período de disputas políticas que adornava a cena pública na Inglaterra e os embates entre apoiadores e opositores do monarca. Não obstante, “[...] dado o tropo comum do ‘corpo político’ e a hierarquia normal de cabeças e membros, não é surpreendente que os escritores de *broadsheets* e panfletos tenham apresentado essas violações carnavais como sinais de um mundo virado de cabeça para baixo”⁴⁸⁹. Heather

⁴⁸⁴ Dorneles (2017, p. 1431) também menciona como “[...] entre esses monstros antigos de múltiplas cabeças citam-se a hidra vencida por Hércules e Iolã, na mitologia grega; o monstro tipo dragão derrotado por Ninurta, na mitologia suméria; o Leviatã também da mitologia suméria retratado no Cilindro de Tell Asmar; e há ainda a chamada Paleta de Narmer, que emprega a figura de um monstro de sete cabeças para retratar um rei inimigo do Alto Egito”.

⁴⁸⁵ Lyslei Nascimento (2007, p. 77) também abordou como os “[...] monstros bíblicos, como a serpente do Paraíso e o Leviatã, espécie de crocodilo aquático também encontrado no livro de Jó”, foram interpretados de diferentes maneiras, de modo que os “[...] assustadores anjos, bestas e dragões apocalípticos presentes na Bíblia Cristã” eram também um “[...] braço da literatura judaica”, o que reforça a tese de uma circularidade dessas representações.

⁴⁸⁶ RIBEIRO JÚNIOR, Wilson Alves. A hidra de Lerna. **Portal Graecia Antiqua**, 1998.

⁴⁸⁷ OSTRENSKY, Eunice. Soberania e representação: Hobbes, parlamentaristas e levellers. **Lua Nova: Revista De Cultura e Política**, [s. l.], n. 80, 2010. p. 171.

⁴⁸⁸ LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças** – Marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 2-6. Tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*The hydra became a means of exploring multiplicity, movement, and connection, the long waves and planetary currents of humanity*”; “*rulers found in the many-headed hydra an antithetical symbol of disorder and resistance, a powerful threat to the building of state*”.

⁴⁸⁹ CRESSY, David. **Travesties and Transgressions in Tudor and Stuart England: Tales of Discord and Dissension**. New York: Oxford University Press, 2011. p. 41. No original em inglês: “*Given the common trope of the ‘body politic’ and the normal hierarchy of head and members, it is not surprising that writers of broadsheets and pamphlets presented these fleshly violations as signs of a world turned upside down*”.

Welch, de igual forma, demonstrou como, durante o século XVII, a representação de monstros com várias cabeças era algo recorrente, ao passo em que, após a decapitação do monarca, os retratos de nascimentos sem cabeça aumentaram⁴⁹⁰. Dessa maneira, tais construções textuais e imagéticas indicavam uma dada percepção social, na qual o monstro poderia cumprir um papel de representar as desordens e as convulsões na Inglaterra.

O impresso *The True Portraiture of a prodigious monster, taken in the mountains of Zardana the following description whereof was sent to Madrid, Octob. 20. 1654* (O verdadeiro retrato de um monstro prodigioso, pego nas montanhas de Zardana, cuja descrição a seguir foi enviada a Madri, em 20 de outubro de 1654), publicado em Londres um ano após o seu relato, demonstrava um outro tipo de representação na qual o monstro era retratado com numerosas cabeças. Adornado com uma imagem em sua folha de rosto, nela já era possível vislumbrar um ser que mesclava formas humanas com formas animais, contendo 5 cabeças que se ramificavam na parte do pescoço.

Figura 19: Gravura do impresso *The true portraiture of a prodigious monster, taken in the mountains of Zardana* (1655)



Fonte: *The true portraiture of a prodigious monster, taken in the mountains of Zardana*. London: [s. n.] printed for Iohn Andrews, 1655. p. 1. Disponível em: <https://www.proquest.com/books/true-portraiture-prodigious-monster-taken/docview/2248509765/se-2?accountid=14952>. Acesso em: 5 jan. 2023.

⁴⁹⁰ WELCH, ref. 215, p. 180.

Impresso para o livreiro londrino John Andrews, o texto narrava a presença de um monstro, esboçando ainda sua descrição física. Com um tom anticatólico, o ser monstruoso é apresentado como uma das maravilhas de Deus, criada para aterrorizar aqueles que tinham medo. No decorrer de suas páginas, o leitor era informado que a criatura teria sido encontrada na Espanha e levada para a cidade de Madri, chegando até o conhecimento dos ingleses. Reconhece-se aqui a referência ao rei espanhol e à sua relação com seus inimigos e a comunidade inglesa, o que é explicitado pelo verso: “Aqueles Nações que agora eram suas amigas, logo se tornariam suas inimigas”⁴⁹¹, indicando o cenário de adversidades e alianças em relação à Espanha e à Inglaterra. Esse confronto entre ambos os países pode ser ainda melhor vislumbrado na narrativa à medida que o autor, anônimo, menciona que as minas de prata e de ouro serão tiradas da Espanha para serem desfrutadas pelos soldados ingleses⁴⁹².

Já ao final do impresso, revela-se como a notícia desse monstro teria se espalhado por toda a Espanha, França e Itália, gerando medo e desespero, especialmente em cardeais, jesuítas, monges e o próprio Papa. Salvo a ideia da circularidade de informações na época, sinaliza-se o final da narrativa, no qual é mencionada uma profecia do Apocalipse que revela “[...] um grande dragão vermelho e uma besta com sete cabeças iriam surgir do mar, o que acontecerá antes do grande e terrível dia do Julgamento”⁴⁹³. Além da crença no fim dos tempos e a ampla difusão dessas notícias impressas exploradas brevemente nos capítulos anteriores, cabe pensar como a ideia de monstros como um sinal da desolação era algo evidente nas produções impressas, ao passo em que as representações de seres com múltiplas cabeças reiteravam e reforçavam esse imaginário.

Essa ideia da profecia e da presença de muitas cabeças pode ser também averiguada no impresso publicado em 1660 com o título *The Age of Wonders, or Miracles are not ceased Being a true but strange relation of a child born at Burslem in Stafford-shire, who, before it was three quarters old, spake and prophesied strange and wonderful things touching the king*

⁴⁹¹ Trad. livre da autora para: “*Those Nations that are now thy friends, Shal then become thy Enemy*”. THE TRUE portraiture of a prodigious monster, taken in the mountains of Zardana: the following description whereof was sent to Madrid, Octob. 20. 1654. and from thence to Don Olonz de Cardines, ambassador for the King of Spain, now resident at London. Its stature was like that of a strong well set man, with 7 head, the chief of them looking forward, with one eye in its sion; the other heads have each two eyes in their natural situation, the ears of an ass; with its principal head it eates, drinks, and cryes with an extraordinary and terrible voyce; the other heads are also moved to and fro: it hath seven arms and hands of a man, very strong in each of the: from the middle downward it is like a satyr, with goats fee, and cloven; it hath no distinction of sex. To the tune of, Summer time. London: [s. n.] printed for John Andrews, 1655. p. 1.

⁴⁹² THE TRUE [...], ref. 491, p. 1.

⁴⁹³ THE TRUE [...], ref. 491, p. 1, tradução própria. Tradução livre da passagem: “[...] a great Red-Dragon, and a Beast with seven heads that should arise out of the Sea, [...] which was to come to pass before the great and terrible day of Judgment”.

(A era das maravilhas, ou Milagres que não se cessaram. Sendo uma verdadeira, mas estranha relação de uma criança nascida em Burslem, em Staffordshire, que, antes de completar três quartos de idade, falou e profetizou coisas estranhas e maravilhosas sobre o rei)⁴⁹⁴. Como um dos textos mais ricos a serem aqui explorados, a narrativa apresentava um nítido teor de defesa ao rei e suporte do regime monárquico. Isso, por sua vez, pode condizer com o próprio momento de publicação do texto, haja vista o retorno da monarquia e a restauração da dinastia Stuart ao trono nesse mesmo ano de disseminação da narrativa.

De início, o texto de apenas oito páginas e sem gravuras em seu frontispício apontava para o caso de uma criança que teria nascido com três coroas em sua cabeça, em uma nítida alusão à monarquia. Além de conter um Salmo em sua folha de rosto, de maneira a relacionar os bebês com os inimigos políticos⁴⁹⁵, o autor mencionava que as Escrituras eram cheias de ocorrências maravilhosas, de modo que aquele período seria conhecido como “A era das maravilhas”⁴⁹⁶. Isso explica, em parte, até a própria escolha do título pelo impressor, de modo a tonificar o papel do monstruoso no documento como algo maravilhoso, o qual continha uma mensagem a ser revelada. Esse recado, por sua vez, dizia respeito diretamente ao retorno do regime monárquico, uma vez que o texto abordava o nascimento de três bebês que teriam feito “[...] revelações audíveis e maravilhosas sobre restaurar a monarquia neste reino miserável”⁴⁹⁷.

De um modo mais amplo, a narrativa começa a abordar o caso do primeiro bebê, que teria nascido em Sudbury, feito testemunhado por vários indivíduos. Diferente dos impressos analisados até então neste capítulo, lida-se aqui com um caso de monstruosidade concreta, na qual se encontra uma criatura cujo nascimento é datado e localizado no espaço. Nesse caso, o monstro não é apenas uma metáfora ou recurso linguístico e retórico para se abordar a sociedade inglesa do século XVII. Ao contrário, o bebê reportado pela história teria forma e voz, chegando a falar repetidas vezes para seu público espectador a palavra “rei”.

⁴⁹⁴ Título integral: THE AGE of vvonders, or Miracles are not ceased. Being a true but strange relation of a child born at Burslem in Stafford-shire, who, before it was three quarters old, spake and prophesied strange and wonderful things touching the king ... affirmed in a letter by Mr. Colclough, Justice of the Peace, to Colonel Pury; and attended upon oath by Elizabeth Locket and her husband, the childs nurse. London: [s. n.] printed for Nehemiah Chamberlain, 1660.

⁴⁹⁵ O impresso faz referência ao salmo 8.2, no qual aborda-se “Da boca dos pequeninos e dos que mamam ordenaste força, por causa dos teus inimigos”. No original: “*PSALM. 8.2. Out of the mouth of Babes and Sucklings hast thou Ordained strength because of thine enemies*” (The age [...], 1660, p. 1).

⁴⁹⁶ Isso pode ser observado em: “Para não destrinchar as Escrituras que estão cheias de tais precedentes, não precisamos ir além dos tempos atuais em que vivemos, que não podem ser injustamente chamados de A Era das Maravilhas”. Trad. livre da autora para: “*Not to ravel out the Scriptures which are full of such precedents, we need go no higher then the present times wherein we live, which may not unjustly be called The Age of Wonders*” (The age [...], 1660, p. 3).

⁴⁹⁷ THE AGE [...], ref. 494, p. 3. Trad. livre da autora do original: “[...] that three cradle Infants have made audible & wonderful revelations in order to the restoring of Monarchy into this wretched Kingdom”.

O instigante, contudo, é que esse nascimento era associado à dimensão do maravilhoso justamente por se tratar de um recém-nascido que, logo após o seu nascimento, profere alguma palavra, indicando uma mensagem oculta a ser revelada. Ao mesmo tempo, ele também era maravilhoso à medida em que fugia a uma normalidade que seria esperada de bebês logo após o parto, isto é, a capacidade de falar. Em compasso, a presença dessa criança servia para reiterar na narrativa o tom de defesa do monarca, ao passo em que se expõe que o bebê mencionou a palavra rei por diversas vezes⁴⁹⁸. Além desse caso, a trama se dedica a narrar um outro fenômeno digno de notoriedade, também envolvendo o nascimento de um outro menino. O impresso segue o enredo apontando para uma segunda criança que, com menos de dois anos de idade, já teria nascido com dentes em sua boca, bem como com duas línguas e três coroas na cabeça, sendo capaz de já caminhar aos seis meses de idade e de proferir algumas palavras: dentre elas, “rei”⁴⁹⁹. Além da excentricidade de sua forma física, o texto chamava a atenção para o fato de que a criança ficava feliz quando alguém mencionava o vocábulo rei, chegando até a pressagiar o declínio do parlamento⁵⁰⁰.

Ao expor esses dois nascimentos atípicos, vislumbrados pelo autor como maravilhosos, o impresso finaliza a história indicando um terceiro nascimento, dessa vez de uma menina que estava sob os cuidados de Elizabeth Locket. Segundo as testemunhas, reverenciadas na trama como honestas, a criança também teria pronunciado a palavra rei por sete vezes, por três noites seguidas⁵⁰¹. Além do papel da credibilidade e legitimidade do ocorrido por meio da presença de testemunhas oculares, consagra-se uma atenção do texto para a questão dos números. O autor do impresso chega a se debruçar sobre a quantidade de dentes e de vezes as quais as crianças repetiram a palavra rei, de modo a evidenciar como a numeração era algo importante. A exemplo, ele chega a mencionar como o número um relacionava-se à Divindade, sendo também

⁴⁹⁸ THE AGE [...], ref. 494, p. 3. No original isso pode ser verificado pela passagem: “*One, a Boy, about the coming in of the present King Charles born a Sudbury, at eleven weeks old, was plainly heard as well by his Parents as others, to speak, before his Majesties march to Worcester, and say A King, which he often repeated, a truth generally known to the inhabitants of those parts*”.

⁴⁹⁹ *Ibid.*, p. 4. Retido pelo trecho em inglês: “*A second, is another Boy, as yet under two years old and living, was born with Teeth in his mouth, with two tongues in his mouth, and three Crowns upon his head where others have but one, he walked in his Mothers hand at six moneths old, and from his birth spoke, and ever in his speech named A King, which to this day he not only continues with other expressions*”.

⁵⁰⁰ *Ibid.*, p. 4. Visível na passagem: “*[...] if anyone in his presence do but name the word King, the boy seems to be over-joyed; how he behaved himself sometime since in the Commons House of Parliament, where, in his deportment and expressions, he fore-told their declining*”.

⁵⁰¹ *Ibid.*, p. 4. Como indicado no trecho no original: “*A third, which is a Female Child, we have certified from Burslem in Stafford-Shire, which Child is nursed by Elizabeth Locket the Wife of John Locket in the said Parish of Burslem, who are people of very honest conversation; The said nurse about a Moneth or five weeks since undressing the Child at eight of the Clock in the evening, the said Girl Infant (being much under three quarters of a year old) was heard plainly to say A King, which she repeated seven times after each other, and did the same three nights together, about the same hour in the evening, which child never spake before, nor since*”.

indivisível. Já o número dois representaria a formação de outros números, indicando, portanto, a infinitude. Por fim, o número três faria uma alusão à Santíssima Trindade⁵⁰².

Tal construção textual não é algo ao acaso. Em uma sociedade expressivamente cristã, a leitura dos acontecimentos era associada a uma ação divina, na qual Deus revelava mensagens aos homens por meio dos números e das crianças. De igual modo, o relato dos três bebês acima indica como o cenário político inglês em 1660 poderia ser representado via impressos, de modo a compor uma propaganda de defesa do monarca por meio da divulgação de narrativas como essa. Ao mencionar que “[...] Israel nunca esteve tanto sob escravidão como quando não tinha rei, pois as pessoas faziam o que era bom aos seus próprios olhos e não o que era aceitável aos olhos de Deus”⁵⁰³, pode-se supor uma possível alusão ao período republicano instaurado no país após a morte de Carlos I.

Ao elencar que a “[...] revelação silenciosa e secreta desses três bebês era uma significativa confirmação de que Deus estava em sua pacífica e infalível voz”⁵⁰⁴, o autor reforçava uma retórica a favor do rei, colocando-o não somente como um legítimo governante a assumir o poder, mas também associando todo o processo da restauração monárquica a um encaminhamento divino. Não por acaso, o impresso encerra sua narrativa mencionando que todas “[...] essas últimas rebeliões contra a santa instituição da monarquia de Deus não são dele, elas estavam tão longe de prevalecer”⁵⁰⁵. Isso é mais notável nas últimas linhas do texto, em que se tem a menção, pelo autor, do trecho: “Deus, que certamente continuará com suas punições sobre todos aqueles que não honram e obedecem, e dirão: Deus salve o Rei”⁵⁰⁶.

A presença dessa citação final do documento, em relação ao tratamento disposto para o rei, revela não somente o caráter incisivo de defesa do monarca no impresso, mas os cruzamentos desse texto com o seu momento de produção. A própria transgressão da fé nesse impresso era tida como uma transgressão política, a qual reforçava a ideia de um mundo caótico, cujo retorno da monarquia era capaz de sanar. Dessa forma, a ausência do rei é tida como um

⁵⁰² *Ibid.*, p. 5. Isso é citado pela passagem, traduzida livremente do inglês: “*One is a number uncomposed, and not numerable because it cannot be divided, nevertheless it createth and produceth innumerable accounts, and being again repeated, it maketh two, and so runs ad infinitum, and indeed one and two are the Number of God who is Infinite, one relating to the God-head which is indivisible, and one and two, making three (which is Infinite) to the personal Description of the Sacred Trinity*”.

⁵⁰³ THE AGE [...], ref. 494, p. 6. Tradução livre do original: “*Israel was never so much under slavery, as when they had no King, for because every man did what was good in his own eyes, no man did what was right or acceptable in Gods eyes*”.

⁵⁰⁴ *Ibid.*, p. 7. No original: “*Therefore this still and secret Revelation by three Babes, is a great and indubitable confirmation to us, that God is in their peaceable infallible Voice*”.

⁵⁰⁵ *Ibid.*, p. 8, tradução própria. Trad. livre da autora para: “[...] *that these late Rebellions against Gods holy institution of Monarchy, are not of him, they having been so far from prevailing*”.

⁵⁰⁶ *Ibid.*, p. 8, tradução própria. Retirado da passagem: “*God, who will assuredly go on in his punishments upon all them who do not honour and obey, and say, God save the King*”.

momento de desordem, de tal modo que a sua restauração em 1660 era mais do que necessária. Partir desse impresso para entender os jogos políticos do século XVII é considerar, portanto, como os impressos eram ferramentas ativas na propaganda política, mobilizando afetos e alianças político-partidárias. Nessa ótica, ainda que se entenda a pluralidade de leituras e interpretações, como alude Roger Chartier⁵⁰⁷, cabe pensar como tais textos poderiam permear a esfera público-política e reforçar determinados discursos. Ao considerar que esses documentos “[...] podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos”, reflete-se sobre como “[...] as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores”⁵⁰⁸ poderiam ser reconstruídas em uma apreensão cultural dos embates na arena política.

4.1 A política e o jogo do medo

Refletindo com Weinstock, a monstrosidade foi alocada enquanto “[...] uma categoria socialmente construída, refletindo ansiedades e desejos culturalmente específicos, e frequentemente empregados – intencionalmente ou não – para se atingir objetivos sociopolíticos particulares”⁵⁰⁹. Ao passo em que poderiam envolver reações de fascínio ou de horror, o monstro englobaria um complexo processo cognitivo-emotivo. É a partir dessa ideia que se pensa aqui em como a sociedade da Primeira Modernidade inglesa estava em constante diálogo com o medo, sendo o monstro um elemento que evocava e incorporava essas tensões, revelando os limites da agência humana e as incertezas daquela época. Thomas Hobbes, a título de ilustração, já esboçava como o medo era presente nesse período, chegando a abordar em sua obra como a sua mãe pariu gêmeos: ele e o medo⁵¹⁰. A própria construção do Leviatã também servia a propósitos de se conter o medo da morte violenta, representando “[...] a ordem do todo contra o terror dos indivíduos no estado de natureza”⁵¹¹.

Além de uma tônica no medo, pode-se extrapolar para como o contexto de turbulências da Inglaterra propiciava a vociferação de anseios e, sobretudo, de monstros. Além da própria

⁵⁰⁷ CHARTIER, ref. 66, p. 61.

⁵⁰⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 5, n. 11, abr. 1991. p. 181.

⁵⁰⁹ WEINSTOCK, ref. 200, p. 25. Tradução própria. No original: “[...] a socially constructed category reflecting culturally specific anxieties and desires, and often deployed—wittingly or not—to achieve particular sociopolitical objectives”.

⁵¹⁰ RIBEIRO, Renato Janine. *Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 17.

⁵¹¹ BEAL, ref. 346, p. 93, tradução própria. No original: “Hobbes expects, moreover, that this sovereign body politic, Leviathan, which stands for the order of the whole against the terror of individuals in the state of nature”.

referência ao monstro bíblico, verifica-se em Hobbes uma atenção para a retórica do caos e das múltiplas cabeças, ao passo em que o filósofo também chega a mencionar em seu livro como “[...] a Hidra, animada pela infinita ambição, opôs grandes dificuldades a Hércules: a cada cabeça que este lhe cortava, três outras surgiam no lugar”⁵¹². Dessa forma, ao tomar como âncora as ideias de Jean Delumeau, considera-se como a Inglaterra do século XVII também estava imbricada em uma cultura dirigente do medo, na qual a temática da morte e a presença de sinais escatológicos eram parte do escopo diário dos indivíduos, vide as narrativas reproduzidas pela prensa⁵¹³. Não por acaso, muitos dos relatos de monstros aqui apontados indicavam uma íntima relação do monstro com presságios e a crença em um castigo divino.

À luz desse quadro, pensam-se as fontes aqui analisadas a partir da chave da história das emoções, em um esforço de se entender como a monstruosidade envolvia a mobilização de afetos, de modo que tais impressos sobre monstros externalizavam sentimentos, face às disputas políticas e à formação de alianças político-partidárias. Se, por um lado, iniciou-se este capítulo pensando na teratologia e nos jogos de mando, cabe estender a discussão e questionar em que medida a crença na monstruosidade esteve vinculada a uma movimentação de sentimentos, dentre eles, o medo.

De início, é crucial que se faça um movimento de não se reduzir a história das emoções a uma mera auxiliar na interpretação das fontes aqui dispostas. Lucien Febvre, em 1941, já teria demonstrado os desafios de se trabalhar com esse campo de investigação, de modo que a própria palavra *emotion*, aparente no inglês no século XVII, só veio a ser sistematicamente estudada após a segunda metade do século XIX⁵¹⁴. A respectiva dificuldade de se definir o que seria uma emoção é algo que já indicava a complexidade desse campo. Para alguns historiadores, ela seria um “[...] nome aqui usado para compreender tudo o que se entende por sentimentos, prazeres, dores, paixões, sentimentos, afeições”⁵¹⁵, sendo a linguagem a responsável por identificar e dar forma a esses sentimentos. Ou seja, seria por meio das palavras que a emoção seria expressada e verbalizada. Isso, por sua vez, abriria um outro empecilho, uma vez que certos vocábulos só existem a partir de uma dada época e, ainda assim, poderiam ser interpretados de modo distinto. Com isso, interpõe-se uma lacuna entre o que as pessoas sentiram e o que os historiadores poderiam saber sobre esses sentimentos.

⁵¹² HOBBS, 2003 [1651], p. 295 *apud* OSTRENSKY, ref. 487, p. 171.

⁵¹³ DELUMEAU, ref. 243, p. 566.

⁵¹⁴ MATT, Susan. Recovering the invisible methods for the historical study of the emotions. In: MATT, Susan J.; STEARNS, Peter N. **Doing Emotions History**. Champaign: University of Illinois Press, 2013. p. 42.

⁵¹⁵ *Ibid.*, p. 42. Tradução própria. No original: “[...] *emotion is the name here used to comprehend all that is understood by feelings, pleasures, pains, passions, sentiments, affections*”.

O que se pode constatar, no entanto, é que as emoções são experimentadas e percebidas pelos humanos mediante tempo e espaço. Além de aspectos biológicos e psíquicos, elas seriam construções históricas, que mudam conforme o passar dos anos. Longe de relativizar ou assumir tudo como culturalmente fabricado⁵¹⁶, pensa-se, ao contrário, em como os sentimentos se viram adaptados, traduzidos, alterados e transliterados nas mais distintas cronologias e locais⁵¹⁷. Mais do que isso, considera-se como as diferentes emoções podem ser percebidas historicamente, chegando a coexistir entre si. Barbara Rosenwein teve uma importante contribuição para esse campo ao pensar o conceito de comunidades emocionais, nas quais “[...] os padrões emocionais de cada época seriam erigidos em vários níveis sociais”; isto é, “[...] grupos configurados de várias maneiras e relacionados entre si por meio de vários pontos de intersecção”⁵¹⁸, de modo que as pessoas viveriam em várias comunidades ao mesmo tempo.

Essa capacidade de pensar o agenciamento das emoções possibilita compreender como certos sentimentos, ainda que presentes instintivamente em cada ser humano – vide a raiva e o medo – eram percebidos e exteriorizados de maneira distinta conforme cada época. Dessa forma, por mais que a aptidão de se ter emoções fosse algo universal, a forma de expressá-las foi e continua sendo particular a cada grupo. Adjacente a essa ideia, as próprias emoções são formadas e moldadas pelas sociedades nas quais elas operam, podendo ser instrumentalizadas e aplicadas em acordo com um dado momento. Ao mesmo tempo, elas seriam oficial, administrativa e legalmente situadas em contextos sociais, institucionais, culturais, religiosos e políticos, articulando-se a determinada atividade humana e, por meio dela, ganhando um sentido histórico⁵¹⁹.

Ao delimitar que as “[...] situações sociais *escrevem* as mentes humanas, assim como as mentes humanas (coletivamente) *criam* as situações sociais”⁵²⁰, considera-se o papel do

⁵¹⁶ Seguindo as ideias de Sarah Ferber (2016, p. 232), reitera-se aqui a necessidade de se historicizar as emoções, mas de se tomar um cuidado para não julgar algo como “sano” ou “insano”, “culpado” ou “inocente” dentro de um dado valor historiográfico.

⁵¹⁷ Rob Boddice (2018, p. 62, tradução própria) indicou como a emoção poderia ser lida de diferentes maneiras mediante o tempo. A cólera, por exemplo, poderia aludir tanto para raiva como para uma doença. A mesma coisa valeria para a coragem, a qual “[...] parece muito diferente dependendo de quando é invocada e para qual propósito”. No original: “*Courage looks very different depending on when it is called up, and for what purpose*”.

⁵¹⁸ BODDICE, Rob. **The History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2018. p. 81. Tradução própria. No original: “*The ‘emotional standards’ at the heart of that concept are, in Rosenwein’s work, shown to be constructed at various social levels, in groups configured in any number of ways, and related to each other at various points of intersection*”.

⁵¹⁹ Gaskill (2016, p. 275), acerca desse tópico, chegou a abordar como as emoções não seriam apenas meros efeitos das circunstâncias históricas, expressas apenas no rescaldo dos acontecimentos, mas sim como elementos que são notados a partir do momento em que eles se tornam visível verbal ou fisicamente. Em outros termos, elas seriam construções sociais que se dão em forma de manifestações culturais.

⁵²⁰ BODDICE, ref. 518, p. 34, tradução própria. No original: “*Social situations write human brains, just the same as human brains (collectively) make social situations*”.

contexto político do século XVII inglês para a exteriorização dos anseios e medos que se aglutinavam no seio social. De igual modo, ao entender o papel dos impressos e da linguagem na transmissão e exposição dessas emoções, pensa-se como a história das emoções “[...] oferece um acesso privilegiado a uma fonte que vai muito além da transmissão de uma notícia”⁵²¹. Parte-se aqui de uma compreensão na qual as emoções formatavam as interações humanas e os espaços públicos da época, envolvendo negociações, linguagens específicas e redes de poder ou dependência. Contudo, como observar esse jogo de regimes emocionais face aos relatos de impressos sobre monstros? E quais as suas possíveis conexões com a dimensão da política?

Retomam-se as fontes aqui. Em 1643, tem-se a publicação de um fôlio com o título *A Strange sight to be seen at Westminster* (Uma estranha visão a ser vista em Westminster). Com um texto disposto em versos e sem gravuras, a narrativa era dividida em duas partes, de modo que, em um primeiro momento, mencionava-se a aparição de “[...] um monstro nunca visto antes na Inglaterra e nem na Europa, África e Ásia”⁵²². A julgar a excentricidade do ser descrito, o impresso, de autoria anônima, indicava como o monstro “[...] tinha muitos olhos e muitas orelhas, cheio de ciúmes e medos; tinha ainda muitas bocas e muitas mãos”⁵²³. Além da multiplicidade de membros, o que poderia aludir a uma nocividade por si só, o documento frisava como o monstro “[...] está cheio de perguntas e comandos; está armado com mosquetes, lanças, não teme nada no mundo, exceto *Cavaliers*”⁵²⁴.

De início, é válido notar como o monstro na narrativa incorporava, ele próprio, as emoções – como o ciúme e o medo. Em compasso, sobressai-se um nítido caráter político do impresso, haja vista uma correspondência dos conflitos militares travados entre os apoiadores do rei e os parlamentares dada à menção de elementos particulares à guerra. Percebe-se também o esboço de uma crítica em relação ao monarca, uma vez que o autor indica que o monstro “[...] nasceu na Inglaterra, mas que se gerou entre os ingleses e os escoceses”, sendo “[...] o Diabo o seu pai e a cidade a sua mãe”⁵²⁵. Pode-se supor aqui uma alusão da criatura à dinastia dos

⁵²¹ LIEBEL, Silvia. Le foie et la vengeance féminine: la littérature des rues, source d’une histoire des émotions. In: Conferências, 1., 2018, Rouen. *Anais* [...]. Rouen: [s. n.], 2019. v. 23. p. 7. No original, em francês: “[...] l’histoire des émotions présente, ainsi, un accès privilégié à une source qui va bien au-delà de la transmission d’un fait divers”.

⁵²² A STRANGE sight to be seen at Westminster. Oxford: [s. n.] printed for Wil. Web, 1643. p. 1. Tradução própria. No original: “[...] a Monster as hath not been, At any time in England, nay, In Europe, Affrick, Asia”.

⁵²³ A STRANGE [...], ref. 522, p. 1, tradução própria. No original: “Thas may eyes and many ears, Tis full of jealousies and fears; Thas many mouthes, and many hands”.

⁵²⁴ A STRANGE [...], ref. 522, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora para: “Tis full of questions and commands; Tis arm’d with muskets, pikes, it fears, Nought in the world, but Cavaliers”.

⁵²⁵ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Na passagem original: “Twas born in England, but begot Betwix the English and the Scot [...] the Divell was its father; And the City (which is worse) Was its mother”.

Stuarts, uma vez que ela também teria sido formada a partir da união entre as casas reais da Escócia e da Inglaterra no século XVI. Essa possibilidade fica ainda mais plausível quando se pensa nos atritos envolvendo Carlos Stuart a partir da década de 1640 e na publicação desse impresso três anos depois, esboçando um tom ofensivo em relação aos *Cavaliers*.

Ao dizer que o monstro temia nada além dos *Cavaliers*, supõe-se uma vinculação do monstro com os apoiadores do rei e a possível indicação da força desse exército em comparação àquele dos parlamentares. A questão da bestialidade também reaparece quando o monstro é retido na narrativa como uma besta mentirosa, sendo “[...] parecido com o inferno e um judeu disfarçado, uma vez que era circuncidado”⁵²⁶. Essa menção direta leva a pensar, conforme apontado previamente por Bettina Bildhauer, em como a monstrosidade, o sangue e o judaísmo encontravam conexões entre si, de modo que esse grupo foi visto como impuro, sendo, portanto, associado a monstros⁵²⁷. Nessa narrativa, em específico, além da crítica direcionada aos judeus, o monstro também personificava diferentes inimigos político-religiosos, pressagiando a chegada do Anticristo, vide a frase: “[...] alguns são anabatistas, alguns pensam agora que o Anticristo chegou”⁵²⁸. Notabiliza-se, assim, como esse impresso aglutinava uma série de elementos em sua narrativa, desde uma crítica aos judeus e a outras religiões, contendo ainda, em seus versos finais, um tom apocalíptico, o qual pressagiava o fim dos tempos.

Ao finalizar esse fragmento, o impresso inicia a segunda parte do texto, na qual é possível visualizar uma menção ao corpo político inglês e um prenúncio de uma crítica direcionada, dessa vez, ao parlamento. Segundo o documento, “[...] caso algum corpo político estivesse doente de paz ou fartura, um médico de muito renome e fama poderia vir à cidade”⁵²⁹. Chamado de Mountebanke, esse sujeito é encarado no texto como um sinônimo para a palavra parlamento, de modo que o autor chega a afirmar que ele teria vindo de “[...] Genebra, de Amsterdã, da Alemanha e da Escócia”⁵³⁰. Contudo, a crítica ao parlamento é de fato esboçada quando se questiona quantos ele cura com a sua atuação, ao ser indicado no impresso “[...] cura, leia-se matar; e para verdade, leia-se mentiras”⁵³¹. A narrativa constrói uma representação

⁵²⁶ A STRANGE [...], ref. 522., p. 1, tradução própria. No original: “For tis a liar, none o’th least, A slow belly, an evill beast; Of what Religion none can tell, It much resembles that in hell: Some say it is a Jew disguis’d, And why? because tis circumcis’d”.

⁵²⁷ BILDHAUER, ref. 191, p. 193.

⁵²⁸ A STRANGE [...], ref. 522, p. 1, tradução própria. No original: “Some c•...l’t an Anabaptist, some Think now that Antichrist is come”.

⁵²⁹ *Ibid.*, p. 1. Tradução própria. No original: “If anybody-politique, of plenty, or of peace be sick, Ther’s a Physician come to Towne, Of far stretcht fame, and high renown”.

⁵³⁰ *Ibid.*, p. 1. Tradução própria. No original: “Who from Geneva, and Amsterdam, From Germany and Scotland came”.

⁵³¹ *Ibid.*, p. 1. Tradução própria. No original: “For cure read kill, for truth read lies”.

do parlamento como um ser mentiroso e capaz de cometer assassinatos, além de propenso a tomar as riquezas dos súditos.

Os impressos funcionavam, por conseguinte, como *locus* de externalização de anseios, sobretudo no contexto de adversidades políticas na Inglaterra do século XVII. Observa-se como o monstro era usado metaforicamente para se abordarem os inimigos políticos, incorporando emoções ou afetos que muitas vezes reincidiam nos próprios sentimentos cidadãos que estavam sendo dispostos no escopo social. Esse cruzamento entre a Guerra Civil e o medo fica ainda mais palpável quando se notabiliza na narrativa acima, de 1643, a menção à cidade de Hull⁵³². Estrategicamente localizada, ela foi palco de confrontos entre os apoiadores de Carlos I e seus adversários, marcando o início das hostilidades entre ambos os lados a partir de 1642⁵³³.

A presença de uma narrativa sobre visões de Westminster leva a ponderar o papel dos atritos políticos para a literatura impressa e o aumento de temores naquele momento face às violências ali experimentadas. Além do “[...] espetáculo de corpos desmembrados e desordenados, fossem eles vivos ou mortos”, pensa-se como a guerra “[...] cria ansiedades agudas, e não apenas porque o cadáver representa a morte”, mas porque ela também continha “[...] elementos perturbadores e pressões psíquicas que impactavam os indivíduos, de modo a gerar medos, ações agressivas e repúdios violentos”⁵³⁴.

Essa assertiva também pode ser retida em um outro impresso datado do mesmo ano do documento inicialmente aqui abordado, 1643. De autoria anônima, sem imagens e com oito páginas em sua extensão, o documento mencionava estranhos e terríveis sinais em Londres, anunciados em seu próprio título: *A strange and terrible sight forseene in this kingdome, and city of London: together with the countrimans antidote for its prevention* (Uma estranha e terrível visão prevista neste reino e cidade de Londres: juntamente com o antídoto do camponês para sua prevenção). Ainda que o texto não abordasse explicitamente a presença de monstros, destaca-se o tom antimonárquico do impresso, o qual também se valia da locução em primeira pessoa como forma de inflamar o leitor, direcionando, para tal, constantes perguntas ao seu expectador na provável expectativa de colocá-lo para pensar.

⁵³² A STRANGE [...], ref. 522., p. 1, tradução própria. Isso fica notório no trecho: “*Here's severall bills from Lectures pickt, which swallow'd down, will stretch it full as far as 'tis from hence to Hul*”. Trad. livre da autora: “Aqui estão várias notas de sermões selecionados, que engolidas, vão se estender até onde for daqui até Hull”.

⁵³³ Para saber mais sobre o Cerco de Hull ver: INTRODUCTION. **Royal Historical Society Camden Fifth Series**, [s. l.], v. 39, p. 1-35, 2011.

⁵³⁴ PURKISS, ref. 354, p. 111. Tradução própria. No original, em inglês: “*War is a prolific producer of all four; and, in particular, the spectacle of dismembered and disordered bodies, living and dead, creates acute anxieties, and not only because the corpse represents death. In representing the end of life, it must also represent the beginning, the mother. Most of all, however, the very disruptive effects of war itself on the life of the individual and the nation impact on the ego to generate fears of further engulfment and chaos, setting abjection in motion. Both aggressive actions and violent repudiations are produced by these psychic pressures*”.

Ao mesmo tempo, o texto também se conectava com a sua realidade de produção, uma vez que o autor indicava como “[...] nossas canetas têm estado muito ocupadas e as espadas muito lentas”, aludindo as ações militares ali travadas⁵³⁵. Ao colocar que “[...] se tivéssemos aproveitado todas as ocasiões para lutar como fizemos para escrever, a guerra (com toda a probabilidade) teria terminado muito antes dessa época”⁵³⁶, o autor expõe a extensão do conflito militar que ainda prevalecia. Há aqui, por sua vez, uma nítida alusão ao confronto e às disputas entre o rei e os seus opositores. De modo semelhante, verifica-se uma crítica a alguns desses opositores, uma vez que o autor menciona como “[...] eles lutam pela religião protestante; para destruí-la; da mesma forma eles lutam por sua liberdade; para tirá-la de vocês e torná-los escravos”⁵³⁷.

As emoções são dispostas na narrativa de forma a indicar como Londres veria visões tristes caso o inimigo vencesse, de modo que as próprias esposas se entristeceriam ao “[...] verem seus maridos sérios e honestos insultados por sujeitos indignos e vis, sendo chutados, espancados e arrastados para cima e para baixo nas ruas”⁵³⁸. Assinala-se não apenas um apelo às mulheres, mas também aos homens, uma vez que se menciona: “[...] vocês, maridos, iriam ver suas esposas arrebatadas diante de seus rostos; vocês que agora podem contemplá-las graciosas e decentes em trajes, deveriam então vê-las despidas”⁵³⁹. Esse esforço de comoção do que poderia acontecer caso o inimigo triunfasse é, por fim, direcionado às crianças, a partir do momento em que o autor afirma: “Ah crianças! que tormento será para vocês, ver seus pais amorosos serem tratados de maneira tão bárbara”⁵⁴⁰. Isso faz pensar em como o cenário da guerra civil englobava uma preocupação com a ordem, sobretudo a familiar, e os efeitos de sua quebra para a população mais ampla, cujas emoções eram articuladas diante do cenário caótico. Os impressos cumprem, nesse sentido, a função de mobilizar sentimentos e reações públicas, incentivando o enfrentamento de inimigos políticos – fossem eles reais ou imaginários.

⁵³⁵ A STRANGE AND terrible sight forseene in this kingdome, and city of London: together with the countrimans antidote for its prevention. London: [s. n.] printed for Ed. Blackmore e Tho. Banks, 1643. p. 1. Tradução livre. No original: “[...] our pens have beene too busie and our swords too slow”.

⁵³⁶ A STRANGE AND [...], ref. 535, p. 1, tradução própria. No original: “[...] if we had taken every occasion to fight as we did to write, the warre (in all probability) had been put to an end long ere this time”.

⁵³⁷ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. No original: “[...] they fight for the Protestant Religion; to destroy it; even so they fight for your freedome; to take it from you and make you slaves”.

⁵³⁸ *Ibid.*, p. 2, tradução própria. No original: “Ah! what sad sights would London see, in seeing them within her wals [...] Ah Wives! would it not be a sad sight for you to see your grave, and honest Husbands insulted over by base unworthy fellowes, to see them kicke them, and beat them, and dragge them up and downe the streets”.

⁵³⁹ *Ibid.*, p. 2, tradução própria. No original: “[...] you Husbands should see your Wives ravished before your faces; you that can now behold them comely and decent in aparrell, should then see them disrobed”.

⁵⁴⁰ *Ibid.*, p. 2, tradução própria. Trad. livre da autora para: “Ah Children! what torment will it be to you, to see your loving Parents thus barbarously handled”.

Os corpos destroçados pelos conflitos militares também abriam brechas para se pensar como as esposas, os maridos e os filhos seriam situados após os conflitos, o que leva a sugerir como as ansiedades aumentavam face à violência do momento. Não por acaso, Diane Purkiss argumentou como a guerra englobava crianças e inquietações sobre os lares e o futuro das famílias⁵⁴¹. O impresso acima deixa isso ainda mais palpável quando menciona “[...] seus inimigos embriagados com sua bebida, e você precisando dela, e eles dormindo em suas camas, e você deitado no chão”⁵⁴². Além de mobilizarem uma comoção pública e uma reação de incômodo nos leitores por meio da inflamação disposta na narrativa, percebe-se um jogo de emoções que ia desde a tristeza até a indignação perante os adversários políticos.

Mais uma vez esse jogo do medo pode ser visualizado quando o autor menciona, com negatividade, que “[...] a noite de miséria iria chegar e que os indivíduos deveriam dar adeus a toda a sua liberdade e conforto habituais – transformando o seu tempo de festa em tempo de jejum, bem como os seus momentos alegres, em momentos de luto e lamentação”⁵⁴³. É aqui, portanto, que o monstruoso aparece, de forma metafórica, sendo interpretado como o inimigo político que levava à miséria. No trecho: “Veja bem este monstro e então me diga qual de vocês prefere morrer valentemente do que viver para ver e suportar uma miséria horrível”⁵⁴⁴, o autor deixa claro que a monstruosidade atua enquanto um recurso retórico, sendo usada, inconscientemente ou não, para se depreciar e desqualificar o grupo opositor.

O tom político é novamente reiterado quando o impresso externaliza como, em Londres, “[...] nunca houve mais Bíblias do que agora; nunca houve mais liberdade para os ministros pregarem e as pessoas ouvirem do que agora”. Porém o autor adverte que, caso “[...] essas criaturas perversas entrem na cidade, a luz gloriosa de Londres seria transformada em uma escuridão infernal e indivíduos pecaminosos”⁵⁴⁵. Ele chega ainda a citar exemplos de indivíduos profanos, vide a menção a “[...] párocos bêbados, párocos xingadores, párocos ociosos, párocos

⁵⁴¹ PURKISS, Diane. **The English Civil War: A people's history**. Londres: Harper Perennial, 2007. p. 88.

⁵⁴² A STRANGE AND [...], ref. 535, p. 2, tradução própria. No original: “[...] when you shall see others glutting themselves with your provision, which you & your Family are ready to faint for; and your enemies drunke with your drinke, and you wanting it, and they sleeping on your beds, and you lying on the floores”.

⁵⁴³ *Ibid.*, p. 2, tradução própria. Trad. livre da autora: “[...] your night of misery is come; and you must then shake hands and bid adiew to all your wonted liberty and comfort; your feasting times will then be turned into fasting times; your merry jesting times will now be turned into solemne mourning and bewailing times”;

⁵⁴⁴ *Ibid.*, p. 2, tradução própria. No original: “View but this monster well, and then tell me which of you but ha• rather dye valiantly, then live to see and to endure horrid misery”.

⁵⁴⁵ *Ibid.*, p. 3, tradução própria. Tradução livre do trecho: “[...] never were there more Bibles in the City then now; never more liberty for Ministers to preach and people to heare then now; never in a better way for Reformation then now: But should these wicked creatures (as most certainly they will try) enter your City, your glorious light would then be turned into hellish darknesse”.

papistas e párocos zombeteiros contra Jesus Cristo”⁵⁴⁶. Há, portanto, uma ojeriza aos simpatizantes da outra religião, uma vez que o próprio autor do texto alerta para que, caso o inimigo vença, a quantidade de bíblias em inglês será diminuída, de modo “[...] a não se ler mais a Palavra de Deus ou a se ridicularizar o jejum e as orações”⁵⁴⁷.

Ao se colocar na posição de testemunha ocular da crueldade e das violências daquele tempo⁵⁴⁸, o autor mencionava ainda as mulheres de Staffordshire e os fatos ali vivenciados. Novamente, é válido notar a nítida conexão desse impresso com o seu momento de produção, ao passo em que essa localidade foi palco de disputas parlamentares, a exemplo da Batalha de Hopton Health, desenrolada justamente no ano de publicação do texto, em 1643. Sendo uma região estratégica tanto para o parlamento como para os apoiadores de Carlos I, a batalha ali transcorrida foi inconclusiva e, segundo David Appleby⁵⁴⁹, contou com um grande número de parlamentares mortos no conflito.

Não é de se espantar que o impresso também tenha mencionado o derramamento de sangue no local, pois indicava como foi algo “[...] sangrento e desumano”, em que se tinham “[...] cavalheiros de valor e qualidade” mutilando uns aos outros. Ao deixar clara a sua crítica ao exército do rei, o impresso pontuava o sofrimento ali experimentado e como o “[...] o Exército da Rainha se tornava mais insolente a cada dia, oprimindo o País”. Verifica-se, contudo, não apenas a externalização de angústias por meio da narrativa, mas também a mobilização do leitor, ao passo em que o autor do texto chama o público para uma ação, nos dizeres: “[...] e você vai ficar parado? Levantem-se, levantem-se, bravos espíritos nobres, e não fiquem mais como o Asno sob o fardo da opressão”⁵⁵⁰.

⁵⁴⁶ *Ibid.*, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora: “[...] you will have drunken Parsons, and swearing Parsons, and idle Parsons, and popish Parsons, and jeering Parsons against Jesus Christ”.

⁵⁴⁷ A STRANGE AND [...], ref. 535, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora: “Ah Christians! you must bid farewell Bible when they come into your City, you must never look to see English Bible more, nor to read more of Gods Word; [...] but be sure you shall have your prayers jeered, and your fasting jeered, and your zeale scoffed at”.

⁵⁴⁸ *Ibid.*, p. 6. Vide o trecho: “Give me leave to answer; we usually say seeing is beleiving; but he that writes these lines to you not onely saw, but also felt their cruelty”.

⁵⁴⁹ APPLEBY, David. “Members of one another’s miseries”: the culture and politics of war relief in seventeenth-century Staffordshire. In: ATHERTON, Ian; BLAKE, Matthew; SARGENT, Andrew; TOMKINS, Alannah (ed.). **Local Histories: essays in honour of Nigel Tringham**. (Collections for a History of Staffordshire, 4th series). Stafford: Staffordshire Record Society, v. 27, 2022. p. 176.

⁵⁵⁰ A STRANGE AND [...], ref. 535, p. 6, tradução própria. No original: “[...] their bloody and inhumane dealing, I saw them mangle others, Gentlemen of worth and quality, and yet they promised both me and them faire quarter”; “[...] and how the Kings Army or rather the Queenes Army grow more insolent every day, and how they oppresse the Country”; “[...] and will you lye still? Up, up, brave noble spirits, and lye no longer like the Asse under the burthen of oppression”.

A ação de pedir para que os homens se levantassem e empunhassem as espadas para lutarem contra seus inimigos pelo bem da religião protestante e do país⁵⁵¹ remete não só a um esforço de mobilização dos indivíduos por meios dos impressos, mas à capacidade do agenciamento das emoções como forças transformativas no mundo. Segundo Valerie Kivelson⁵⁵², uma vez que o medo operava na construção de inimigos políticos, religiosos ou sociais, pode-se considerar como a dimensão emocional contribuía para a manipulação e a formulação de afetividades nos ambientes público e privado. Nesse caso, as ofensas dirigidas a um determinado grupo tinham um papel dentro dessa arena pública, instigando certas animosidades ou reações sociais.

Em similitude, esse documento também permite a apreensão dos jogos de alianças políticas dispostos na arena pública naquele momento, assim como o medo de um complô contra o governo e a sociedade. O impresso, inclusive, é bem incisivo nesse ponto, na medida em que menciona a necessidade de “[...] começar com Deus e, em seguida, esforçar-se para se colocar em ordem, pois a ordem é a força de um exército e de uma cidade, mas a desordem é a confusão de ambos”⁵⁵³. Ou seja, o texto alerta o leitor para que eliminasse as causas da desordem social e que se esforçasse para descobrir os elementos malignos ali existentes. Além da preocupação com os inimigos políticos, vislumbra-se uma retórica moralizadora do documento, ao passo em que ele incutia uma dada postura a ser seguida pelos homens.

Na mesma chave de leitura, a questão do medo é novamente acentuada quando o autor fornece indícios de uma cidade no Norte da Inglaterra que também teria lutado contra o exército da rainha que, mesmo contendo muitos homens, não superou o ataque dos parlamentares⁵⁵⁴. Ao alocar esse cenário como um ato de bravura, o impresso apontava para como os indivíduos, “[...] como um covarde, que, através das perturbações de sua mente e dos medos que oprimem seu coração, faz seus olhos acreditarem que vê mil, quando ele vê apenas cem” no campo de

⁵⁵¹ *Ibid.*, p. 6-7, tradução própria. Isso pode ser apreendido de forma mais ampla pelo trecho: “[...] up therefore like your selves, take sword in hand most gallantly [...] it conſernes you all that wiſh well to the Protestant Religion, your King and Counſtry, one way or other”.

⁵⁵² KIVELSON, Valerie. ‘So They Will Love Me and Pine for Me’: Intimacy and Distance in Early Modern Russian Magic. In: KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 118.

⁵⁵³ A STRANGE AND [...], ref. 535, p. 7, tradução própria. No original: “[...] beſgin with God, and then ſtrive to ſet your ſelves in order, for order is the ſtrength of an Army, and of a City, but diſorder is the confuſion of both”.

⁵⁵⁴ *Ibid.*, p. 7. Visualizado no trecho: “I know a little Towne in England which lies northward, it was within this ſix weekes beſieged by the Queenes Army [...] and the enemies entred to parle with them, but fought with them all along the Towne, and at laſt got into the Church and there they parled with the enemy and got quarter”.

batalha⁵⁵⁵. Essa retórica, ao aludir diretamente para a batalha ali vivenciada, faz pensar em como os sentimentos de temor diante do conflito eram agudos naquele momento.

Não obstante, ao pedir que se “[...] remove[m] os bêbados, os blasfemadores e os escarnecedores da religião, pois esses homens que não mantêm contato com Deus, tenham certeza de que quebrarão o pacto com vocês se a ocasião for oferecida”, o autor reitera a necessidade de uma dada conduta por parte do público leitor e de um esforço de se buscar o ordenamento⁵⁵⁶. Isso é ainda mais enfatizado na frase redigida logo em seguida: “[...] quando vocês tiverem removido a desordem, coloquem-se em ordem”.⁵⁵⁷

Tal empreendimento de vigília coletiva e de requisição de que todos se levantassem em nome da ordem faz pensar em como as narrativas de monstros da época evidenciavam uma tônica na ruptura dos arranjos político-religiosos, bem como na violação de fronteiras sociais. No caso desse impresso, fica nítido como os medos eram transmitidos ao público leitor, mobilizando uma dada reação e postura face ao conflito. Ao pedir a população que lutasse em nome da causa, o autor indica que somente dessa forma seria possível “[...] ver um final feliz para esta guerra infeliz”⁵⁵⁸. O próprio conflito entre o rei e o parlamento era tachado nesse impresso com amargura, sendo, com isso, qualificado. Em igual medida, o fim do embate político era associado a uma responsabilidade coletiva, na qual a promoção da ordem e da obediência comum era crucial.

Percebe-se nesses documentos, pois, uma expressiva propaganda política, na qual o medo fazia parte das apreensões sociais acerca da guerra e dos embates político-religiosos. Isso é nítido não apenas na década de 1640 e os confrontos ali vivenciados entre Carlos I e o parlamento, mas também nos anos seguintes a ela. Passado algum tempo, em 1673, tem-se a publicação de um outro texto narrando estranhas aparições no céu, sendo essas retidas como um sinal da punição divina. Com oito páginas e autoria anônima, o documento poderia ser resumido pelo título *Five strange and wonderful prodigies: or, A full and true relation of supernatural sights and aparitions lately seen in the air* (Cinco estranhos e maravilhosos prodígios; uma relação completa e verdadeira de visões e aparições sobrenaturais vistas

⁵⁵⁵ A STRANGE AND [...], ref. 535, p. 8, tradução própria. No original: “*But on the contrary, on coward who through the perterbations of his mind, and quames of feare oppressing his heart, making his eyes beleeeve he sees a 1000. when he sees but a 100*”.

⁵⁵⁶ *Ibid.*, p. 8, tradução própria. No original: “*Remove drunkards, and swearers, and scoffers at Religion, for these men that will not keepe touch with keeper God, be sure they will breake covenant with you if occasion be offered, which is not unattempted till now*”.

⁵⁵⁷ *Ibid.*, p. 8, tradução própria. Vide a passagem: “*When you have removed disorder set your selves in order*”.

⁵⁵⁸ *Ibid.*, p. 8, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “[...] *up quickly and be doing for the Cause [...] that we may see a happy end of this unhappy warre*”.

recentemente no ar)⁵⁵⁹. Em sua narrativa, verifica-se a menção ao combate de dois grandes exércitos, cujas batalhas foram testemunhadas pela população local e contaram com o disparo de canhões e gritos.

Ao reportar tal fenômeno, o impresso indicava como, “[...] na cidade de Posen, no dia 03 de outubro, cerca de cinco horas da manhã”⁵⁶⁰, os dois exércitos foram vistos lutando furiosamente, de modo que se podia escutar o som de gritos, choros e homens feridos. O ponto central é a menção pela narrativa de que “[...] muitas pessoas teriam se levantado para contemplar o maravilhoso espetáculo, em que seus olhos e ouvidos não encontraram nada além de objetos de terror”⁵⁶¹. Novamente, a questão do medo e da violência por trás dos conflitos pode ser apreendida por meio desse documento, o qual evidenciava a ocorrência de visões estranhas e prodigiosas naquela localidade. O terror aqui esboçado pelo confronto atesta para como o medo era parte do cotidiano daqueles que vislumbravam o embate militar.

Não obstante, tais aparições eram retidas como parte de uma ofensiva de Deus contra os homens a fim de adverti-los de seus severos julgamentos iminentes, de modo a fazer com que esses indivíduos se arrependessem de suas condutas para evitar o castigo divino⁵⁶². Não por acaso, o autor chega a elencar como “[...] aqueles que não obedecem aos preceitos ou que não consideram as ameaças de Deus misericordiosas, acabavam se tornando, merecidamente, objetos da severa justiça divina”⁵⁶³. Nesse sentido, pode-se reforçar a tese de que a própria transgressão da fé era apreendida como uma transgressão política, e vice e versa. Existia,

⁵⁵⁹ Título original e mais extenso: “*Five strange and wonderful prodigies: or, A full and true relation of supernatural sights and aparitions lately seen in the air viz. Tvvo great armies drawn up in battalia, and seeming ready to engage each other, beheld for some hours, by several thousands of people: with dreadful noises heard, like the discharge of cannons and musquets, accompanied with hideous crys and howling. As also a fiery-bullet of a most vast magnitude violently rushing through the air, and at last with a most terrible crack breaking into a thousand pieces, to the unspeakable terror of the amazed spectators. As it is certified by several persons of quality. With an astrological judgement thereupon*”.

⁵⁶⁰ FIVE STRANGE and wonderful prodigies: or, A full and true relation of supernatural sights and aparitions lately seen in the air viz. Tvvo great armies drawn up in battalia, and seeming ready to engage each other, beheld for some hours, by several thousands of people: with dreadful noises heard, like the discharge of cannons and musquets, accompanied with hideous crys and howling. As also a fiery-bullet of a most vast magnitude violently rushing through the air, and at last with a most terrible crack breaking into a thousand pieces, to the unspeakable terror of the amazed spectators. As it is certified by several persons of quality. With an astrological judgement thereupon. London: [s. n.], printed for G.H, 1673. p. 5. Tradução própria. No original: “*On the third of October last past at the Town of Posen, and round about for above ten miles distance from thence, about five of the Clock in the morning was seen the perfect appearance of two great Armies in the Air*”.

⁵⁶¹ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. No original: “[...] who by thousands stood to behold this wonderful Spectacle, where their eyes and ears Encountred nothing but objects of Terror”.

⁵⁶² FIVE STRANGE [...], ref. 560, p. 4. Visível pelo trecho, de modo mais amplo: “[...] and certainly we shall not Err if we say that All mighty God offended with mens Impiety Exhibites (whether by the Ministry of Angels or otherwise) these strange sights as warnings to admonish them of Severe Judgements impending, unlesse prevented by sincere Repentance and Amendment”.

⁵⁶³ *Ibid.*, p. 7, tradução própria. No original: “[...] and those that will neither obey his most profitable Precepts, nor regard his merciful Threatnings, deservedly become Objects of his severe Justice”.

portanto, um parentesco entre os desastres naturais, os monstros, as desordens e os tumultos civis, sendo tudo isso reportado via literatura impressa.

Além das menções diretas aos confrontos e às batalhas experimentadas pelos indivíduos, o impresso também chega a mencionar a invasão ao Reino da Polônia pelos turcos, os quais o teriam reduzido à miséria, forçando o povo “[...] a ceder e prostituir uma grande parte de seus territórios à luxúria daquele monstro insinuante do Oriente”⁵⁶⁴. Essa última denominação, monstro do Oriente, faz pensar como o monstruoso aludia, no texto acima, para a população turca, de modo que o monstro personificava um grupo opositor. Não se trata de um ser monstruoso concreto, vislumbrado no tempo e espaço, mas sim de um recurso retórico para se abordar um conjunto de pessoas distintas dos europeus. A monstruosidade pode ser lida aqui como o estabelecimento de uma diferença por si só. Ao associar os turcos a um ser monstruoso, demarcavam-se as fronteiras em relação a um povo e o que seria considerado normal ou desviante. Nessa ótica, referenciar um grupo como monstro assinalava uma separação entre “[...] criação e corrupção, ordem e caos, civilização e barbárie”⁵⁶⁵.

Por meio dessa narrativa, pensa-se como os relatos de monstros englobavam uma complexidade em sua leitura, ao passo que apontavam para a existência de um núcleo no qual a crença teratológica colidia com uma leitura alegórica desses seres e a crença em mundo *de cabeça para baixo*, que tornava propenso o surgimento dessas criaturas. Ora personificando um outro, ora evidenciando uma punição de Deus face aos pecados da humanidade, a abordagem do monstro somava-se ainda ao desmantelamento da ordem social e religiosa, nas quais os confrontos políticos e as violências da guerra suscitavam ansiedades na esfera pública vivenciadas pelos ingleses no século XVII. Essas ansiedades, por sua vez, eram exteriorizadas e corporificadas nas formas monstruosas, as quais continham uma mensagem moralizadora a ser decodificada.

É nesse emaranhado, por sua vez, que os impressos funcionavam como elementos para se dar corpo e voz a essas emoções experimentadas pela sociedade, sendo o monstro um próprio reflexo dessas ansiedades locais. A projeção e os ecos desses medos também se ampliavam para a própria iconografia e produção impressa da época, de modo que a literatura favorecia um refletir das práticas e vivências emocionais comuns, “[...] servindo como modelo para novos

⁵⁶⁴ *Ibid.*, p. 4, tradução própria. No original: “How neer the Kingdom of Poland was, but the other year to the Confines of Ruine, [...] and an overbearing Invasion by the Turk had reduc'd that miserable Nation almost to Extremity, being forced (besides an Ignominious tribute) to yeild up and prostitute a large part of their Territories to the Lust of that Insatiate Monster of the East”.

⁵⁶⁵ FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. Fundamental: 'Mulheres, negros e outros monstros – Um ensaio sobre corpos não civilizados'. **Portal Geledés**, 29 jul. 2012. Questões de gênero.

estilos de sentimento e atuação”⁵⁶⁶. O que se constata, assim, é um contínuo temor em relação à possibilidade de conspiração ou de um complô armado pelos inimigos políticos e religiosos. Não por acaso, “[...] na época da Guerra Civil e do Interregno, o medo do fingimento político” era evidente, de modo que “[...] as ansiedades neles retratadas se transformam em ansiedades sobre sectarismo e cismas”⁵⁶⁷.

Uma vez que se entende que “[...] quanto mais intenso for o medo coletivo, mais se estará inclinado a acreditar em vastas conjurações apoiadas em ramificações adversas”⁵⁶⁸, desloca-se um olhar para como as interpretações do monstro enquanto o outro foram difundidas no século XVII. Ao esboçar essa discussão, retoma-se a questão da formação das alianças políticas na época e em como os ingleses percebiam os seus opositores políticos, sociais e religiosos. Ao passo em que se entende que a monstrosidade pressupõe uma diferença, indaga-se como a alteridade, ou a ausência dessa, pode ser retida por meio dos relatos impressos sobre monstros.

4.2 O monstro como o outro

Ao acordar a relação entre a monstrosidade e a transgressão, fosse ela dos limites corporais, políticos, religiosos ou étnicos, pensa-se como, em mundo de *cabeça para baixo*, as ansiedades locais, corporificadas em monstros, demarcavam um determinado desvio na Inglaterra do século XVII. Sendo a figura do monstro “[...] um instrumento regulador, [...] intimamente associado à noção de identidade”⁵⁶⁹, questiona-se, portanto, em que medida tais seres acionavam um espaço para se falar do inusitado ou do dessemelhante. Ou ainda, para se definirem elementos díspares e incomuns. Nesse caso, se o monstro poderia ser apreendido como um símbolo de uma diferença cultural, cabe indagar: quem poderia ser esse outro na sociedade inglesa?

⁵⁶⁶ MATT, ref. 514, p. 49, tradução própria. Trad. livre do original: “*Literature can both reflect common emotional practices and serve as models for new styles of feeling and acting*”.

⁵⁶⁷ USZKALO, Kirsten C. **Bewitched and Bedeviled: A Cognitive Approach to Embodiment in Early English Possession**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015. (Cognitive Studies in Literature and Performance). p. 94. Tradução própria. No original em inglês: “*Around the time of the Civil War and Interregnum, fear over political pretending [...] was met by publications looking at the truth of propaganda [...] The anxieties depicted in them cross over into anxieties about sectarianism and schisms*”.

⁵⁶⁸ DELUMEAU, ref. 243, p. 272.

⁵⁶⁹ BERTIN, ref. 2, p. 51.

O impresso de 1639 parece um bom início para adentrar essa discussão. Publicado por M. Flesher para Tho. Lambert⁵⁷⁰, no formato *in-folio*, o texto vinha acompanhado do título *A monstrous shape. Or a shapelesse monster. A description of a female creature borne in Holland, compleat in every p[arte] save only a head like a swine, who hath travailed into many parts, and is now to be seene in London, ... To the tune of the Spanish Pavin* (Uma forma monstruosa; ou um monstro sem forma, uma descrição de uma criatura feminina nascida na Holanda, completa em todas as partes, exceto uma cabeça igual a de um suíno, que já trabalhou em muitas partes e agora pode ser visto em Londres, ao som do Pavin espanhol). Ou seja, trata-se de um monstro concreto, localizado no tempo e no espaço e constatado por testemunhas oculares. O caráter monstruoso dessa criatura advinha justamente de sua forma física anormal, ao passo em que apresentava uma junção de elementos humanos e animais, vide a presença da cabeça de um porco. Ainda que o texto disposto em versos fosse curto, ele se propunha a descrever o monstro exibindo, logo na sua primeira parte, uma gravura a qual representava a estranheza corporal ali narrada.

Figura 20: Gravura do impresso *A monstrous shape. Or a shapelesse monster* (1639)

⁵⁷⁰ Ao que tudo indica, segundo o Dicionário de impressores livreiros de Plomer (1922, p. 118), o impressor acima seria Miles Fletcher, o qual teria publicado em *Little Britain* de 1611 a 1664. Além de ter sido chefe da Companhia dos Estacionários durante os anos de 1652, 1653, 1662 e 1663, ele publicou outros textos com um teor favorável à agenda anticatólica, vide o impresso *An antidote against popery* (“Um antídoto contra o papado”), de 1625. Já Tho. Lambert refere-se ao livreiro Thomas Lambert, o qual publicava baladas, *broad-sides* e outros tipos de literatura efêmera em Londres (Plomer, 1907, p. 140).

Ao se referir à mulher como “[...] amorosa, cortês, efeminizada” e “delicada”⁵⁷⁴, a narrativa também mesclava elementos relativos ao folclore inglês, vide a menção a fadas, elfos⁵⁷⁵ e a um sujeito gravado sob o nome Robin Goodfellow. Mencionado na obra *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, como um travesso, Goodfellow era um sinônimo na época para uma fada ou um demônio malicioso⁵⁷⁶. Essa junção de elementos na trama assinala a extensão da produção impressa naquele momento e em como essa literatura efêmera aglutinava uma série de ideias que eram parte do imaginário social. Não obstante, o foco do texto parece ser justamente sinalizar a estranheza dessa moça, de modo a indicar que, caso alguém se casasse com ela e a fizesse uma esposa, seria por interesses financeiros.

Além de dedicar uma parte da narrativa a comentar sobre o bafo da moça, o autor apontava para como essa criatura estranha teria vindo de uma “[...] raça que amava porco e bacon”. E que, “[...] mesmo tendo uma bolsa de ouro, ela não seria adequada para ser uma enfermeira na Inglaterra”⁵⁷⁷. Apesar do jogo de palavras e da complexidade de interpretações que se abrem por meio desse texto, pode-se pensar em como o monstro no impresso era apreendido sobre a figura de um estrangeiro, no caso, oriundo da Holanda, região com fortes laços com a monarquia inglesa. O caráter monstruoso, além de ser acentuado pela presença de elementos animalescos, também era reiterado quando se firmava a sua diferença perante os ingleses e sua incapacidade de se inserir na Inglaterra. Tal situação possibilita questionar em que medida o monstro era um dispositivo de desfamiliarização e como tais impressos retratavam o outro; isto é, alguém externo ao espaço inglês.

Ao considerar que os monstros “[...] borram as fronteiras entre os corpos pessoais e nacionais”⁵⁷⁸, o diferente poderia ser tachado como monstruoso ao passo que englobava aspetos que desafiavam a normalidade existente. Nessa ótica, ao expor aquilo que era divergente, reforçava-se um determinado conjunto de valores culturais, étnicos, políticos e sociais, os quais serviam como mecanismos de controle social. De forma parecida, Weinstock aborda como a monstrificação dos árabes pelos franceses na Idade Média serviu a propósitos de elencar

⁵⁷⁴ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora: “*Shes loving, courteous, and effeminate [...] Besides, a dainty Lasse is she*”.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p. 1. Como se atesta no trecho: “*The Queen of Fairies doth it know, and hindered him in fashion: She knew not what she did her selfe, She chang’d him like a Fairie elfe, For all his money, goods, and pelfe*”. Traduzido livremente para o português como: “A Rainha das Fadas sabe, e o impediu na moda: Ela não sabia o que fazia, Ela o mudou como um elfo fada, Por todo seu dinheiro, bens e peles, ela o enganou”.

⁵⁷⁶ Tal assertiva foi melhor explorada nas descrições sobre o verbete “Puck”, na Enciclopédia Britânica (2016).

⁵⁷⁷ Trad. livre da autora do original: “*Which shews that she came of a race that loued fat porke and bacon*”; “*Although she haue a golden purse, she is not fit to be a nurse in England*”. (Price, [1639], p. 1).

⁵⁷⁸ COHEN, ref. 24, p. 37.

agendas políticas, nas quais um grupo poderia ser dominado pelo outro, uma vez que era assumido como monstruoso ou desviante⁵⁷⁹.

É válido pontuar que, além da representação visual da moça com a cabeça de um porco, o impresso também continha outras duas gravuras em sua segunda parte, também mencionadas pela trama. Em alusão aos *Cavaliers*, partidários da Coroa, a imagem da esquerda é retratada com chapéu e penas e pode ser interpretada como uma paródia em relação aos apoiadores do rei. Segundo Mason Jackson⁵⁸⁰, essas imagens se tornaram comuns a partir da década de 1640, sendo dispostas em outros textos, como o impresso *Terrible Newes from York* (Terríveis notícias de York). Já a imagem da direita pode sugerir uma referência aos parlamentares, dada a presença do chapéu tipicamente associado a esse grupo. Tais representações permitem pensar em como as gravuras e as descrições textuais, em uma visão mais holística, apontavam para personagens da cena pública inglesa, de modo a contribuírem para uma propaganda política. Nesse sentido, a escolha de gravuras, folhas de rosto, frontispícios e comentários serviam a propósitos que iam além de entreter ou informar o público leitor. Por vezes, elas podiam reforçar um dado imaginário social, mobilizando a opinião pública e a construção de inimigos políticos. O próprio monstro, nessa ótica, apresentava uma “[...] eficácia retórica e simbólica”, funcionando como “[...] arma na propaganda e no debate político-religioso”⁵⁸¹.

Figura 21: Gravuras em *A monstrous shape. Or a shapelesse monster* (1639)

⁵⁷⁹ WEINSTOCK, ref. 200, p. 25.

⁵⁸⁰ JACKSON, Mason. **The Pictorial Press – Its Origin and Progress**. Londres: Hurst and Blackett Publishers, 2011. p. 132.

⁵⁸¹ KNOPPERS, Laura; LANDES, Joan (ed.). **Monstrous bodies/political monstrosities in early modern Europe**. 1. ed. Ithaca: Cornell University, 2004. p. 9.



Fonte: Price, Lawrence. **A monstrous shape.** London: printed by M. F[lesher] for Tho: Lambert, 1639. p. 2. Disponível em: https://archive.org/details/bim_early-english-books-1475-1640_a-monstrous-shape-or-a-price-lawrence_1639. Acesso em: 4 mai. 2025.

Não por acaso, muitos desses impressos sobre monstros continham um nítido teor político, desde escritas anticatólicas até denúncias e polêmicas antigovernamentais. Desse modo, os corpos monstruosos poderiam ser utilizados como “[...] propaganda contra a desordem de gênero, o extremismo religioso (fosse papista ou puritano) e o discurso imprudente em uma época de agitação e mudança política”⁵⁸². Uma vez que se considera como os impressos formavam “[...] solidariedades, ao invés de simplesmente expressarem as visões compartilhadas de coletividades formadas convencionalmente”⁵⁸³, pensa-se como esses documentos poderiam repercutir na formação de ideias a respeito do outro. Ou ainda, em como esses textos englobavam uma dada xenofobia por meio de suas representações monstruosas. Uma vez que se retém que a alteridade humana foi tradicionalmente construída em termos de raça, sexualidade, gênero ou deficiência física, torna-se possível supor que tudo aquilo que era

⁵⁸² CRESSY, 2000, p. 29-50 *apud* KNOPPERS; LANDES, ref. 581, p. 15.

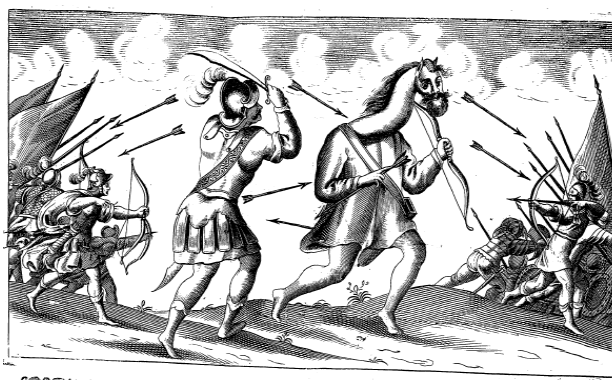
⁵⁸³ BRADDICK, Michael. “Political crisis and linguistic innovation in Revolutionary England (1640-1660)”. In: DELUERMOZ, Q.; FOA, J. (ed.). **Trials and Tribulations in Civil Wars: Making the Social Explicit or Implicit**. No prelo. p. 21. Tradução própria. No original: “Print became a way of forming solidarities, rather than simply expressing the shared views of conventionally-formed collectivities”.

diferente ou que não se incluía em uma estrutura sistemática de mundo era passível de ser tachado como monstruoso. Afinal, “[...] essa recusa a fazer parte da ‘ordem classificatória das coisas’ vale para os monstros em geral”⁵⁸⁴.

Isto posto, delimita-se que a relação cultural entre o “eu” e o “outro” era hierárquica, de tal modo que o familiar era disposto como normal e aceitável, ao passo em que o diferente era repudiado e associado à dimensão negativa. Alguns historiadores chegaram a abordar como o mal também foi associado a “[...] qualquer coisa que, em virtude precisamente dessa diferença, pareça constituir uma ameaça real e urgente”⁵⁸⁵ à própria existência humana. E justamente o monstro, por se encontrar nessa uma “[...] zona de indiscernibilidade”⁵⁸⁶, mobilizaria uma reação de ojeriza. Nesse caso, o desviante e o anormal eram interpretados como subversivos e perigosos.

Quando se parte novamente para as fontes aqui analisadas, esse jogo de alteridade e xenofobia fica ainda mais evidente. Ao tomar como base o ano de 1664, verifica-se a publicação de um novo in-folio intitulado *The Exact Effigies of a monstrous Tartar taken in Hungary by the valour of the noble Count Serini February, 1664* (As exatas efigies de um monstruoso tártaro capturado na Hungria pelo valor do nobre Conde Serini, em fevereiro de 1664). Com uma gravura em sua extensão, o impresso, apesar de publicado em Londres por William Gilbertson, narra um monstro visto em um outro país.

Figura 22: Gravura no impresso *The Exact Effigies of a monstrous Tartar taken in Hungary by the valour of the noble Count Serini, February, 1664*



⁵⁸⁴ COHEN, ref. 24, p. 30.

⁵⁸⁵ DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro?. In: SILVA, Tomaz (org.) et al. **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 111.

⁵⁸⁶ GIL, ref. 278, p. 177.

Fonte: THE EXACT effigies of a monstrous Tartar taken in Hungary by the valour of the noble Count Serini February, 1664. London: [s. n.] printed for W. Gilbertson, 1664. p. 1.

Por meio dessa gravura, já era possível visualizar um confronto armado, no qual o monstro se distinguia mediante a sua forma física, mesclando elementos animalescos com traços humanos – a exemplo da cabeça parecida com a de um cavalo. Além do longo pescoço e das orelhas de equino, a criatura era disposta no centro da tela, com flechas a ela direcionadas. O notório, contudo, é o tratamento encaminhado a esse ser na narrativa, uma vez que ele foi abordado como um prodígio, despertando ainda um certo espanto pelo autor, vide a construção textual: “Abençoe-nos! O que temos aqui! Que prodígio é isto que se apresenta aos meus olhos? Tal forma e formato monstruosos, podemos perguntar”⁵⁸⁷. Não obstante, tal ser também era disposto como um “[...] monstro da Natureza, uma maravilha da nossa Era”⁵⁸⁸, reforçando essa postura de maravilhamento diante de sua aparição.

No entanto, a tônica do impresso sobre a excentricidade do ser monstruoso é um ponto digno de atenção, ao passo em que o texto menciona como “[...] *Mandevil* nunca viu algo assim em toda a sua peregrinação”⁵⁸⁹, em alusão à obra *As Viagens de Jean de Mandeville*, de 1356. Trata-se de uma composição famosa, uma vez que “[...] foi uma das mais populares entre os séculos XIV, XV e XVI, recebendo aproximadamente 250 manuscritos conhecidos, nas mais diversas línguas europeias”⁵⁹⁰. Tal produção, por sua vez, seria uma das responsáveis pela expressiva admiração no Ocidente pelo desconhecido, sobretudo após o contato com outros povos no Oriente.

Esse fascínio, por sua vez, reincidia em um processo de monstificação⁵⁹¹, uma vez que o desconhecido, por vezes, poderia ser interpretado como monstruoso. Não por acaso, o próprio impresso de 1664 mencionava como a África era frutífera na criação de monstros⁵⁹². Dessa

⁵⁸⁷ THE EXACT effigies of a monstrous Tartar taken in Hungary by the valour of the noble Count Serini February, 1664. London: [s. n.] printed for W. Gilbertson, 1664. p. 1. Tradução própria. Trad. livre da autora do original: “Bless us! what have we here! what Prodigy, Is this that is presented to my eye? Such Monstrous shape & form, we may inquire”.

⁵⁸⁸ THE EXACT [...], ref. 587, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*Monster of Nature, wonder of our Age*”.

⁵⁸⁹ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Trad. livre do original: “*Sure Mandevil in all his Pilgrimage, Nere saw thy Like, nor yet have we e're read*”.

⁵⁹⁰ FRANÇA, 2015, p. 96 *apud* VOLOSKI, Jorge Luiz; REIS, Jaime Estevão dos. Viagens de Jean de Mandeville (1356-1357): Breve discussão contextual e introdução ao debate acerca da existência do personagem Jean de Mandeville. In: SEMANA DE HISTÓRIA, 23., 2018, Maringá. **Anais** [...]. Maringá: Edições Diálogos, 2019. p. 114.

⁵⁹¹ Monstificação aqui como o processo de criação de monstros ou associações de certos elementos e seres à dimensão do monstruoso.

⁵⁹² THE EXACT [...], ref. 587, p. 1, tradução própria. Essa tradução foi feita de modo literal a partir da palavra *Affrick* e da passagem: “*That fruitful Affrick such a Monster bred*”.

forma, uma vez que se assume que o contato com diferentes povos incitava a necessidade de postular um eu versus um outro⁵⁹³, não é de se espantar que as localidades adjacentes à Europa fossem assimiladas como monstruosas. Nessa ótica, faz sentido reforçar a ideia de que “[...] os monstros absorvem o horror do que é desconhecido e desregulado, dando forma à monstruosidade indizível, e talvez até impensável, que não pode ser contida dentro das categorias existentes”⁵⁹⁴. Percebe-se, com isso, uma nítida conexão desses impressos com o seu momento de produção e as interpretações ali dispostas acerca de outras sociedades.

A dimensão política também não deixa de tangenciar esse documento de 1664, uma vez que, ao tratar do monstro, menciona-se: “Quem ousa enfrentar tua poderosa força, que contra teu inimigo traz tanto homem quanto cavalo? Se estivesses aqui quando o Rebelde *Rump* dominava, tu poderias ter recebido um pagamento de tropa”⁵⁹⁵. Verifica-se, com isso, uma alusão direta ao período governado pelo parlamento e a associação desses indivíduos no poder ao nome de rebelde. Esses simples vocábulos eram, logo, importantes na movimentação de afetos ou de repulsa a determinados grupos políticos, de modo que o conflito político fomentado a partir das décadas de 1640 era também “[...] uma batalha sobre palavras-chave: traição, honra, fidelidade, reforma, costume, papado, lei”⁵⁹⁶. Nesse caso, o uso do termo rebelde poderia indicar uma possível posição política, na qual se depreciava o governo de Oliver Cromwell e aqueles a ele vinculados.

Isso pode ser ainda mais assegurado quando se percebe que a publicação do documento acima data quatro anos após o retorno da monarquia, em 1660. Ou seja, tal impresso poderia aludir a um provável esforço, oficial ou não, de se legitimar o reinado de Carlos II face ao governo anterior. Lima, a título de ilustração, demonstrou como muitas publicações no contexto da Restauração pareciam evocar uma imagem de comprometimento, lealdade e defesa do governo, da moral, da ordem e da religião⁵⁹⁷. De certo, não se busca reduzir esse texto a uma mera propaganda de Carlos II, mas, ao contrário, de não sopesar a influência do contexto nas

⁵⁹³ Chantal Mouffe (2005, p. 15) alocou como a identidade é também algo relacional, de modo que a diferença seria a pré-condição para a existência de qualquer noção de um “nós” e um “eles”.

⁵⁹⁴ WRIGHT, ref. 173, p. 183, tradução própria. No original: “*Monsters absorb the horror of what is unknown and unregulated by giving form to the unspeakable, and perhaps even unthinkable, monstrousness that cannot be contained within existing categories*”.

⁵⁹⁵ THE EXACT [...], ref. 587, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*Who dares encounter with thy mighty Force That 'gainst thy Foe doth bring both man and Horse? Hadst thou been here when Rebell Rump bore sway, Thou might'st of them have had a Troopers pay*”.

⁵⁹⁶ BRADDICK, Michael. The English Revolution and its legacies. In: TYACKE, Nicholas. **The English Revolution c.1590-1720: Politics, Religion and Communities**. Manchester: Manchester University Press, 2007. p. 33. Tradução própria. Trad. livre do original: “*Political conflict [...] was [...] a battle over key words: treason, honour, allegiance, reformation, custom, popery, law*”.

⁵⁹⁷ LIMA, Veronica Calsoni. Edição & Censura: a materialidade dos panfletos de Sir Roger L'Estrange no início dos anos 1660. **Anais do museu paulista: História e Cultura Medieval**, [S. l.], v. 28, p. 1-50, 2020. p. 9.

produções impressas da época, dado que essas narrativas continham um nítido teor político, fosse ele velado ou não. Essa dimensão contextual, inclusive, fica novamente visível quando se defronta no texto com a menção ao Conde Serini⁵⁹⁸ e a sua atuação na Hungria, ao passo em que o autor descreve que “[...] ele, como César, conquista onde quer que vá e, por seu valor, faz os monstros dele correrem”, e a “[...] sua única Espada faz tropas inteiras voarem, e a sua mão, milhares de pagãos morrerem”⁵⁹⁹.

Observa-se aqui como o impresso de 1664, ainda que circulado em Londres, continha elementos relativos a confrontos desbravados entre turcos e húngaros do outro lado da Europa. O texto difundia informações sobre o embate, evidenciando, por um lado, a atuação de Serini nas batalhas e depreciando, de outro, o papel dos turcos. Não por menos, tem-se uma associação desse último grupo a pagãos e seres monstruosos. Ao Serini é comandado “Vá em frente, alma corajosa, e prospere em seu caminho; faça os turcos tremerem, os monstros te obedecerem, até que tantos turcos tenha matado (...) deixe a Vitória atender ao seu nome e viva triunfantemente no Livro da Fama”⁶⁰⁰. Mobilizava-se, assim, uma retórica de defesa dos húngaros em relação ao confronto com os turcos, o que também implicava na postura de se assumir um determinado lado na esfera pública.

Personificando a figura dos tártaros e dos turcos, o monstro evocava mais do que um ser concreto e localizado no tempo e espaço, mas também um recurso retórico para se abordarem certos inimigos políticos. Além de evidenciar uma sensibilidade em relação ao trato do outro, a monstruosidade incrementava um *locus* para se falar de determinados grupos ainda que metaforicamente. Contudo, vale frisar que essa associação dos seres monstruosos a grupos étnicos diversificados não era uma novidade para a época, haja vista que muitos “[...] monstros literários anglo-saxões – como Grendel e sua mãe – eram frequentemente caracterizados como exilados”⁶⁰¹. A própria associação dos monstros com os judeus ao longo do tempo não pode ser

⁵⁹⁸ Estadista húngaro, que também atuou como líder militar e poeta no século XVII, Miklós Zrínyi, o conde Nicholas Serini, ficou conhecido pelo seu cerco contra o exército Otomano, sendo “[...] uma das figuras mais conhecidas dessa região na imprensa, diplomacia e literatura histórica contemporânea da Europa Ocidental (Bene, 2009, p. 411). Trad. livre do original: “Zrínyi was perhaps the best-known figure from this region in Western European press, diplomacy and contemporary historical literature”.

⁵⁹⁹ THE EXACT [...], ref. 587, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “He like to Caesar Conquers where he comes, And by his Valour Monsters from him runs. His single Sword doth make whole Troopes to fly, And by his hand Thousands of Pagans die”.

⁶⁰⁰ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Trad. livre do original: “Comes short of Noble Count Serini's Glory. Go on brave Soul, and Prosper in thy way, Make Turks to Tremble, Monsters Thee Obey; Till thou as many of the Turks hast Slain [...] Deixe a Vitória atender ao seu nome e viva triunfantemente no Livro da Fama”.

⁶⁰¹ MITTMAN, ref. 203, p. 180, tradução própria. Tradução livre do original: “The greatest of all Anglo-Saxon literary monsters – Grendel and his mother – are frequently characterized as exiles”.

desvinculada desse processo⁶⁰², dado que esse grupo desempenhou um expressivo papel “[...] na ascensão dos temores e das esperanças apocalípticas”⁶⁰³.

O que chama a atenção é para como os impressos do século XVII exerciam “[...] um impacto considerável nas campanhas movidas contra os estrangeiros, alimentando uma ‘xenofobia de Estado’ e contribuindo para a cristalização do ódio coletivo”⁶⁰⁴. Silvia Liebel, ainda que concentrada em analisar as representações de um anti-italianismo nos documentos franceses, auxilia a pensar como os discursos oriundos da prensa contribuíam para o desvelamento das paixões, de modo que essa associação de inimigos políticos a determinados grupos étnicos ganhava ainda mais corpo e voz por meio da cultura impressa. Dessa forma, vislumbrava-se uma espetacularização da política por meio dos textos efêmeros e a construção de uma dada ordem social que fazia sentido para aquele mundo.

Na década de 1610, já era possível vislumbrar essa mesma retórica de associação dos monstros a conflitos militares e à figura de inimigos políticos nos impressos efêmeros. Com o nome de *Strange Newes of a Prodigious monster borne in the towneship of Allington in the parish of Standish in the Countie of Lancaster, the 17. day of Aprill last, 1613* (Notícias estranhas de um monstro prodigioso nascido no município de Allington na paróquia de Standish no Condado de Lancaster, no dia 17 de abril passado, 1613), o texto esboçava uma crença na produção de monstros face aos pecados cometidos pelos homens. Ao iniciar a narrativa já apontando para o pecado original, através do qual o “[...] o homem, ao perder sua Inocência pela primeira vez, perdeu também seu lugar e contraiu uma pesada maldição tanto para si mesmo quanto para sua posteridade”⁶⁰⁵, o documento oferece uma interpretação do monstro enquanto um sinal e uma punição divina. Isso fica ainda mais vivível quando o autor, anônimo, comenta como o sacrilégio “[...] faz com que a Terra produza monstros prodigiosos, tão distantes da bela estrutura da natureza, que eles fazem a própria natureza ter medo de olhar para eles, na qual ela descobre que as suas leis e ordem foram violadas”⁶⁰⁶.

⁶⁰² Jack Halberstam (2020, p. 148), à título de ilustração, chegou a produzir um capítulo dedicado a abordar a manifestação do racismo e do antissemitismo por meio da representação de monstros.

⁶⁰³ DELUMEAU, ref. 243, p. 326.

⁶⁰⁴ LIEBEL, Silvia. A queda da Marquesa D’Ancre impressa dos dois lados do Canal da Mancha (1617). **Rev. História**, São Paulo, n. 183, 2024. p. 9.

⁶⁰⁵ STRANGE NEWES of a prodigious monster borne in the towneship of Allington in the parish of Standish in the Countie of Lancaster, the 17. day of Aprill last, 1613. Testified by the reuerend diuine Mr. W. Leigh, Bachelor of Diuinitie, and preacher of Gods word at Standish aforesaid. London: [s. n.], printed by I. P[indley] for S. M[an], 1613. p. 3. Tradução própria. No original: “*MAN at the first losing of his Innocencie, lost also his place, and contracted a heauy curse both to himselfe, and to his posteritie*”.

⁶⁰⁶ *Ibid.*, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora de: “*This causeth the Earth to bring forth prodigious Monsters, so farre from the faire frame of Nature, that they make Nature her selfe afraid to looke vpon them, in whom shee findes her lawes and order to haue benee violated*”.

É oportuno notar como o impresso também alocava a produção de monstros como algo recorrente em outros locais, de modo que a Inglaterra não era a única. Chama-se atenção ainda para o caráter prodigioso que o monstro assumia, uma vez que o impresso indica como esses seres prodigiosos, “[...] provaram certas previsões, antecipando muitos eventos notáveis”⁶⁰⁷. É aí que se desponta no texto, por sua vez, uma clara associação entre os conflitos militares e a aparição de monstros. Isso fica explícito em outros trechos, sobretudo quando se menciona um “[...] monstro horrível de uma forma e tamanho estranhos, na costa da Cornualha, no início daquele ano fatal de oitenta e oito, quando a frota espanhola logo depois assustou a Inglaterra com uma perigosa invasão, até a completa extirpação”⁶⁰⁸. O monstruoso era interligado a um prenúncio de eventos maiores, pensados, nesse caso, nas disputas entre Inglaterra e Espanha – as mesmas dissensões que levaram Hobbes a refletir sobre seu nascimento, em 1588, junto do medo.

Essa conexão entre o monstruoso e a representação de estrangeiros também pode ser constatada no impresso ao se mencionarem os irlandeses, uma vez que o texto narrava como, “[...] no condado de Down, na Irlanda do Norte, um monstro hediondo foi ali produzido, tendo a forma tanto de um homem quanto de uma besta”, de modo que a sua voz “[...] áspera e estridente, longe do comum, dava certos prenúncios daqueles problemas que no ano seguinte começaram a aborrecer os reinos da Inglaterra e da Irlanda”⁶⁰⁹. Além do fato de fugir da normalidade, o ser descrito era assimilado como um monstro ao passo em que apontava para uma conexão de sua forma física com a de uma “[...] besta, cujos olhos brilhavam como fogo”⁶¹⁰. A própria guerra, inclusive, é retida no impresso como “monstruosa”, já que aludia a uma conspiração rebelde, na qual se tinha “[...] o corpo contra a cabeça, o súdito contra o Príncipe”⁶¹¹.

Analisada mais de perto, essa narrativa alude à vociferação dos próprios conflitos entre Irlanda e Inglaterra por meio da literatura impressa, em referência à Batalha de Tyrone, na qual

⁶⁰⁷ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. Tradução livre da autora de: “[...] *proued certaine predictions, foregoing many notable euent*”.

⁶⁰⁸ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. No original: “*The Sea cast forth and horrid Monster of a strange shape and bignes, vpon the Coast of Cornewall, in the beginning of that fatal yeere Eighty Eight, when the Spanish fleete soone after frightened England with a dangerous Inuasion, euen to the vtter extirpation*”.

⁶⁰⁹ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. No original: “*The Island of Lecale in Ireland within the County of Downe, produced an hidious Monster, bearing the shape both of a Man and a beast*”; “[...] *and his voyce sounding harsh and shrill, farre from the common strayne, gaue certaine foresignifications of those troubles that the yeere following beganne to vexe both the kingdomes of England and Ireland*”.

⁶¹⁰ STRANGE NEWES [...], ref. 605, p. 6, tradução própria. No original: “[...] *a beast, whose eyes sparkling like fyer*”.

⁶¹¹ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. No original, o último ponto pode ser encarado de forma mais ampla na passagem original: “[...] *which warre, monstrous warre, (for so I may call it) when the body against the head, the subiect against the Prince shall rebelliously conspire*”.

Hugh O'Neill de Tyrone e Hugh Roe O'Donnell de Tyrconnell lutaram contra o domínio inglês. Resposta à contínua conquista da Irlanda pelos Tudor, esse conflito aglutinou uma série de ansiedades que se seguiram nas décadas seguintes, sobretudo após 1603. Não por acaso, o autor do texto faz menção direta ao conflito ao indicar como essa “[...] guerra de Tyrone [...] que, em poucos anos, provou ser tão fatal para ambas as nações, que trouxe miséria não apenas para as pessoas que viviam então, mas também preparou a miséria para a criança ainda não nascida”⁶¹². Percebe-se não somente como as inquietações promovidas pelos conflitos políticos escorriam para os impressos, mas em como o cenário de violência era interpretado como a ruína e destruição “[...] não apenas para a tristeza incessante de suas próprias famílias e dependências particulares, mas também para a perda e tristeza geral de toda a nação inglesa”⁶¹³.

Apesar de apresentar um óbvio direcionamento favorável à Inglaterra no confronto, a narrativa não deixa de esboçar como o cenário era ruim, ao passo em que o texto se refere à própria guerra como “[...] azarada”⁶¹⁴, infeliz. Em compasso, ao dispor do monstruoso enquanto um artifício retórico para se descrever o conflito, reforçava-se o caráter de desordem daquele momento, de tal modo que se acreditava que Deus punia os homens com o envio de monstros. Isso pode ser ricamente explorado pelo trecho:

Deus nunca deu ao mundo um exemplo mais memorável, seja em que incerteza se mantém o estado de qualquer Nome ou Nação, ou que o infeliz sucesso que se segue a tais tentativas antinaturais, ou finalmente que fim se segue tão sangrento e cruelmente, assim como tanto a cabeça quanto os principais membros daquela facção irlandesa, aquela guerra sangrenta e horrível, perduram até hoje, como aparece no estado atual e na condição do Originador daquela guerra monstruosa, o próprio sanguinário Tyrone e seus outros Associados, os quais tendo feito por seus Agressores, perdas e confiscos de terras e bens, agora vagam para cima e para baixo na Espanha, Itália e outros países, pobres, abandonados, miseráveis, miseráveis e odiados por todo o mundo⁶¹⁵.

É pertinente pontuar como esses inimigos políticos eram, portanto, destacados à medida em que se construía a narrativa. Novamente, isso é vislumbrado quando se menciona na trama

⁶¹² *Ibid.*, ref. 605, p. 6, tradução própria. Trad. livre da autora da passagem: “[...] memorable warre of Tyrone, that in few yeeres after prooued so fatall to both Nations, that it brought wretchednesse not onely to the people then liuing, but hath also prepared misery for the Child yet vnborne”.

⁶¹³ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. Trad. livre da autora da passagem: “[...] and other fatall accidents depending thereupon, found vtter ruyne, and destruction, not onely to the incessant grieffe of their owne particular families, and dependancies, but also to the generall losse & sorrow of all the English Nation”.

⁶¹⁴ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. Verifica-se isso no trecho em original: “[...] that by that vn lucky warre”.

⁶¹⁵ STRANGE NEWES [...], ref. 605, p. 7, tradução própria. Trad. livre do original: “God neuer gaue vnto the world a more memorable example, either in what vn surety stands the state of any Name, or Nation, or what vn happy successe followes such vnnaturall attempts, or finally what end followes such bloody, and despiteous cruelly, as both the head and principall members of that Irish faction, that bloody, and horrid warre, doe at this day endure, as appeareth in the present state, and condition of the Originall of that monstrous warre, bloody Tyrone himselfe, and other his Associates, who hauing made by their Attaynders, forfeitures, and confiscations both of lands and goods, doe now wander vp and downe Spayne, Italy, and other Countreyes, poore, forsaken, wretched, miserable, and hated of all the world”.

o “[...] nascimento de monstros na região da Antuérpia”, sendo esse o prenúncio “[...] daqueles problemas dos Países Baixos, que a crueldade incomparável de Roma e da Espanha atormentaram com misérias indizíveis”⁶¹⁶. Ou seja, há uma clara crítica ao esforço de dominação católica na região, sendo a produção de monstros uma consequência direta. Na sequência, observa-se ainda um novo monstro hediondo que teria sido encontrado na Rússia há poucos anos, apresentando “[...] três pares de mãos e prenunciando aquela guerra miserável que aconteceu desde então, entre os três reinos, Rússia (também chamada de Moscovia), Polônia e Suécia”⁶¹⁷.

O que se percebe é como o texto, dedicado de início a tratar de um monstro encontrado no Condado de Lancaster, evidenciava como tais seres eram apreendidos como presságios e “[...] notáveis exemplos da ira divina”⁶¹⁸. Por conseguinte, vislumbra-se um esforço moralizador do impresso, ao passo em que o autor indicava como “Cabe a nós olhar ao redor, quando tais exemplos além da ordem da Natureza são trazidos à tona”, uma vez que eles serviam “[...] para nos lembrar de nossas iniquidades, especialmente os pecados de adultério e fornicção, que são sempre punidos com justiça pela justa lei e justiça de Deus”⁶¹⁹. Dessa forma, as causas para o surgimento do monstro estariam vinculadas “[...] na maior parte, aos nossos pecados e negligências descuidadas”⁶²⁰.

Ao ater-se à ideia dos monstros como “[...] testemunhas contra a nossa negligência descuidada e da frouxidão de correção”⁶²¹, o impresso construía uma narrativa na qual se poderia elencar os inimigos políticos, os confrontos militares e as desavenças ali dispostas, sobretudo entre Espanha, Roma e Inglaterra. Ao dispor da guerra como monstruosa, entende-se também como os confrontos ali vivenciados eram receptáculos para uma ânsia humana. Consequentemente, esses impressos externalizavam críticas e comentários a respeito desse cenário, assumindo, inconscientemente ou não, determinadas posições políticas.

⁶¹⁶ *Ibid.*, ref. 605, p. 7, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*There was another Monster produced in Antwerpe*”; “[...] and this happened in the yeare foregoing the beginning of those troubles of the low Countryes, which the matchlesse cruelty of Rome and Spayne, hath plagued with vnspeakeable miseries”.

⁶¹⁷ *Ibid.*, p. 7, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*But aboue all, that hideous monster bred in Russia not aboue fiue yeeres since with three paire of hands, foresignifying that miserable warre that since hath happened, betwixt the three kingdomes, Russia (otherwise called Muscouia) Poland, and Swethland, vnder*”.

⁶¹⁸ *Ibid.*, p. 8-9, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “[...] that it was a notable example of Gods fearefull wrath”.

⁶¹⁹ *Ibid.*, p. 8-9, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*It behoues vs to looke about, when such examples beyond the order of Nature are brought forth to put vs in minde of our iniquities, especially the sinnes of Adultery and fornication, which are euer iustly punished by the righteous lawe and iustice of God*”.

⁶²⁰ STRANGE NEWES [...], ref. 605, p. 11, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] the causes of them, which for the most part are our sinnes, and carelesse negligences”.

⁶²¹ *Ibid.*, p. 11, tradução própria. Abordado na tradução livre feita do original: “[...] these Monstrous birthes [...] produced as witnesses against vs of our [...] carelesse negligence and slacknesse of amendment”.

Nessa perspectiva, verifica-se como a retórica na monstrosidade proporcionava, por meio da literatura efêmera impressa, um espaço para se articular e expor ideias relativas à esfera pública e aos jogos de poder e aliança político-partidária. Isso vale não somente para as guerras experimentadas no início do século XVII, mas também para as agitações que se seguem ao contexto da restauração monárquica e da Revolução Gloriosa, de modo a indagar mais uma vez qual era o papel dos impressos na propagação de determinadas agendas. Para tanto, destaca-se um documento datado de 1660, em que é possível visualizar uma associação de Oliver Cromwell à figura de um monstro. Com autoria anônima⁶²² e oito páginas em sua extensão, retorna-se aqui ao documento intitulado *The English Devil: or, Cromwel and his monstrous witch discover'd at White-Hall* (O Diabo Inglês: ou, Cromwell e sua bruxa monstruosa descoberta em Whitehall).

Logo em sua introdução, o impresso já deixava claro o seu tom de defesa do rei e de ofensiva em relação a Oliver Cromwell. Não se tratava, pois, de uma narrativa dedicada a expor o nascimento ou aparição de um monstro específico, mas sim de um monstro metafórico em referência às ações de Cromwell na Inglaterra. Nesse caso, a própria conduta do político era vista como monstruosa, uma vez que englobava “[...] conspirações infernais, ações desumanas e conspirações bárbaras”⁶²³. Além de ser retratado como “[...] um impostor e um audacioso rebelde, que ousou aspirar o trono, lavando suas malditas mãos no sangue de seu soberano real”⁶²⁴, Cromwell é apresentado no texto como o próprio “[...] Diabo dos tempos, que fez da crueldade a sua profissão”⁶²⁵. Por conseguinte, verifica-se aqui uma nítida menção ao regicídio de Carlos I e à vitória dos parlamentares sobre as tropas reais.

Outro ponto válido de ser notado na narrativa refere-se à associação do político a um “[...] monstro infernal e um condenável maquiavélico”, que “[...] deu origem aos nossos novos

⁶²² Apesar da autoria anônima, sabe-se que o texto foi impresso por Robert Wood, um livreiro inglês que já publicava impressos políticos, segundo Henry Plomer (1907, p. 225).

⁶²³ THE ENGLISH devil: or, Cromwel and his monstrous witch discover'd at White-Hall: With the strange and damnable speech of this hellish monster, by way of revelation, touching king and kingdom; and a narrative of the infernal plots, inhumane actings, and barbarous conspiracies of this grand impostor, and most audacious rebel, that durst aspire from a brew-house to the throne, washing his accursed hands in the blood of his royal sovereign; and trampling over the heads of the most loyal subjects, making a foot-ball of a crown, and endeavouring utterly to extirpate the royal progeny, root and kinde, stem and stock. London: [s. n.], printed by Robert Wood for George Horton, 1660. p. 1. Tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*And a Narrative of the Infernal Plots, Inhumane Actings, and Barbarous Conspiracies*”.

⁶²⁴ THE ENGLISH [...], ref. 623, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “[...] *this grand Impostor, and most audacious Rebel, that durst aspire from a Brew-house to the Throne, washing his accursed Hands in the Blood of his Royal Sovereign*”.

⁶²⁵ *Ibid.*, p. 3. No original: “[...] *we shall onely demonstrate him to be the Devil of later Times, who Butcher-like made cruelty his profession*”.

modelos de governo”⁶²⁶. Ao aludir à república e à suspensão da monarquia na Inglaterra após 1649, a fonte em questão abre espaço para se pensarem as apreensões do regime republicano na época e as interpretações sobre os tipos de governo que eram circuladas por meio dos impressos. Ao indicar que Cromwell, para se “[...] elevar ao topo da Pirâmide de honra, [...] pisoteou as cabeças dos mais Leais Súditos do Reino”, o panfleto insiste sobre seu caráter de tirano, o qual “[...] causou a ruína e a desolação completas do país”⁶²⁷.

A tirania, inclusive, engendrava novos monstros por si só. Por consequência, a linguagem da coerção do poder envolvia todo um espectro de desvios políticos, religiosos, econômicos e sociais, os quais deveriam ser extinguidos do escopo comunitário. Isso é evidenciado pelo texto ao passo em que o autor indica como a saída de Cromwell do trono era resultado da providência divina, “[...] para o benefício geral e alegria da nação”. A saída desse governante é, ela própria, vista como um modo de se evitar que “[...] o solo inglês sofresse com o fardo deste tirano desumano”⁶²⁸. A própria Guerra Civil, em última instância, é atribuída no texto única e exclusivamente a Cromwell, que guardava em si as inquietações de uma época: “[...] ele sempre carregou uma Guerra Civil em seu peito, de medos, suspeitas e ciúmes”⁶²⁹. É oportuno notar ainda o tom pessimista do texto ao indagar-se, nas páginas seguintes, sobre o que viria depois⁶³⁰, sublinhando a ansiedade diante do futuro e de como ficaria à disposição do poder na Inglaterra.

Dentro do clima escatológico do período, o impresso reforça a existência de aliados do líder do exército parlamentar que o defenderam, não por lucro e violência, mas sim “[...] por uma boa intenção”, visando “[...] promover o Reino de Cristo e derrubar o Anticristo”⁶³¹. Mesclam-se ainda elementos que vão desde a menção a bruxas até a conspiradores malignos que tramavam contra o país para se construir o pano de fundo das disputas pelo poder. Quando se pensa no momento de produção do documento e nas tensões sociais que se aglutinavam na esfera pública mediante o retorno da monarquia, pode-se considerar como essas convulsões

⁶²⁶ THE ENGLISH [...], ref. 623, p. 3-4, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*As for that Hellish Monster, and damnable Machiavilian, that first gave rise to our new-fangled Models of Government, we shall onely demonstrate him to be the Devil*”.

⁶²⁷ *Ibid.*, p. 3-4, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*He, to raise himself on the top of the Pyramid of honour, trampled over the heads of the most Loyal Subjects of the Realm*”; “[...] had wrought the utter ruine and desolation of the Country”.

⁶²⁸ *Ibid.*, p. 4. Isso pode ser visto de forma mais ampla pelo trecho em inglês: “[...] had not Providence divine cut him off, to the general benefit and rejoycing of the Nation. English ground groaned with the burthen of this inhumane Tyrant”. (Tradução própria da autora)

⁶²⁹ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. No original: “[...] he ever carried a Civil War in his Breast, of Fears, Suspensions, and Jealousies”.

⁶³⁰ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. No original: “*But what comes next?*”.

⁶³¹ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. Com base no trecho original: “[...] the other, who were soft Heads, and had a good meaning to do no evil, but to promote the Kingdom of Christ, and throw down Anti-christ”.

políticas e o reestabelecimento de quem seriam os reais inimigos a serem perseguidos pelo governo escorriam para os impressos, personificando-se na figura de bruxas e seres abomináveis. Não por acaso, diferentes publicações, “[...] na década de 1660, demonstraram-se irredutíveis em sua oposição ao retorno da monarquia e criticaram vigorosamente a volta da dinastia Stuart ao poder”⁶³². Ou seja, delimita-se uma disputa de aspirações políticas por meio da construção das narrativas e as respectivas interpretações teratológicas à luz dos jogos de poder.

A partir desse impresso constata-se como muitos textos apresentavam uma posição dual em relação à disputa política travada entre realistas e parlamentares na Inglaterra. O caso acima reflete essa ideia na medida em que traça uma crítica a Cromwell em conjunto a uma posição contrária aos Stuarts. Mesmo com o discurso alinhado à Restauração, percebe-se uma associação do monarca a elementos negativos, o que conferia legitimidade para que alguns indivíduos tenham defendido a causa do parlamento na época.

Percebe-se também como o monstro não pertencia especificamente a nenhum dos campos: realista ou parlamentar, católico ou protestante. Ao contrário, ele é uma figura de disputa cuja representação é utilizada como uma figura recorrente para se rebaixar o outro. A pluralidade de fontes aqui esboçadas possibilita visualizar como a figura monstruosa poderia ser um artifício político para se denunciar um opositor, fosse ele religioso, político ou socialmente perturbador da ordem. O que definiria a monstrosidade do ser em questão nos impressos parece estar mais atrelada aos interesses dos seus autores e à subversividade do grupo sobre o qual se pretendia comentar e tachar como negativo ou perigoso.

Obviamente, essa perspectiva não se limitava somente aos anos mais próximos à Restauração. Ao salientar o impresso, de autoria anônima, publicado em 1679, vislumbra-se uma outra apreensão na qual Cromwell é detido como um usurpador. Com quatro páginas de extensão, ele pode ser apreendido por meio do título *New news of a strange monster found in Stow Woods near Buckingham, of human shape, with a double heart, and no hands; a head with two tongues, and no brains* (Novas notícias sobre um estranho monstro encontrado em Stow Woods, perto de Buckingham, com forma humana, com um coração duplo e sem mãos; uma cabeça com duas línguas e sem cérebro). Trata-se aqui de um monstro real, cuja aparição era situada na Inglaterra, ao passo em que sua forma física descrita pelo autor aludia para uma anomalia corporal, vide a ausência de certos membros.

⁶³² LIMA, ref. 352, p. 24.

O tom político do impresso, por sua vez, pode ser percebido à medida em que o texto tangenciava aspectos relativos ao governo na época. De início, verifica-se na narrativa a presença de uma carta em resposta a um proprietário de Buckingham, cujo tema dedicava-se a abordar a eleição de cavaleiros do Condado⁶³³. Nesse documento, identifica-se um certo senhor Timber, o qual “[...] serviu ao Usurpador com grande diligência e observância”⁶³⁴, cometendo traições para reforçar sua própria posição. Reforça-se, com isso, a ideia do regime de Cromwell como um período de tirania e malevolência, sendo a aparição monstruosa apenas um subterfúgio para a crítica velada à ganância pelo poder e às mentiras para se angariar apoiadores.

Por conseguinte, pensa-se como esse cenário convulsionado era associado na literatura da época ao surgimento de monstros, os quais indicavam a desordem do corpo político, bem como o caos que assolava a sociedade. Ainda que se tivesse a menção a um ser concreto, localizado no tempo e no espaço, visível e reafirmado por testemunhas, o monstruoso poderia aludir para uma ruptura política ou religiosa, sendo apreendido, ora como uma punição divina, ora como um sinal do fim dos tempos. Em todos esses casos, sem embargo, ele requeria uma descrição e uma decifração, na qual seu significado oculto poderia ser apreendido e a ordem reestabelecida. De certo, questiona-se o que esse monstro, em seu vocábulo, do latim *mostrare*, indica? Como ler a política pelas lentes dessa monstruosidade?

4.3 Política e poder pelas lentes da monstruosidade

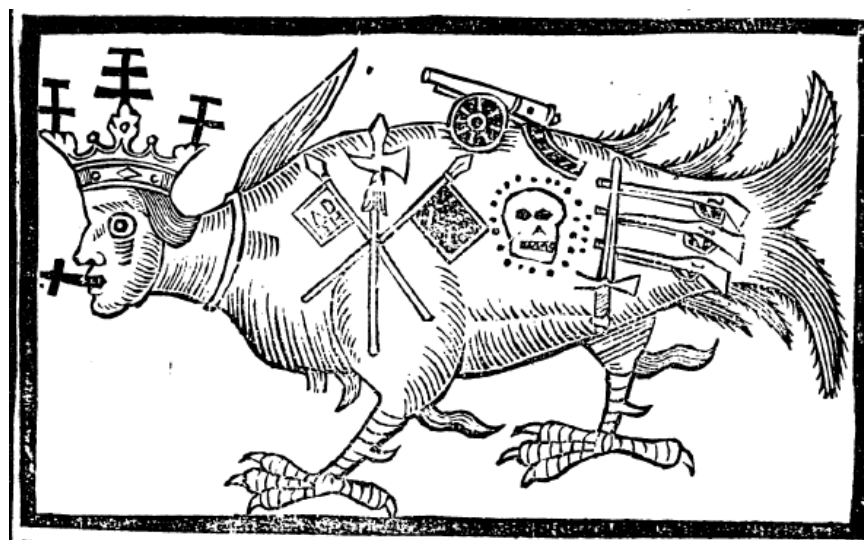
Entende-se aqui como esses impressos mobilizavam ideias interligadas à esfera política da Inglaterra do século XVII. Além de comentarem, por vezes, aspectos relativos aos confrontos militares e às desavenças públicas, eles promoviam a identificação de inimigos políticos e religiosos, de modo a traçarem críticas ou elogios a determinados grupos. Contudo, cabe ampliar essa abordagem. Para tanto, vale-se aqui de uma narrativa de 1666 como ponto de partida, sendo ela intitulada abreviadamente de *The Worlds Wonder! or, The prophetical fish. Being a full description of this monster, its length & breadth with predictions on it* (A Maravilha

⁶³³ Isso pode ser retido de forma mais ampla pela passagem em inglês: “*Here is a Letter lately printed, said to come from an affured Hand, in Anfwer to a Letter from a Freeholder in Buckinghamfoire, concerning the late Election of the Knights of the Shire of the County of Bucks*” (New news [...], 1679. p. 1).

⁶³⁴ NEW NEWS of a strange monster found in Stow Woods near Buckingham, of human shape, with a double heart, and no hands; a head with two tongues, and no brains. London: [s. n.], 1679. p. 1. Tradução própria. Tradução livre da autora de: “*Sir R.T. now much better known, and equally trusted by the Name of Sir Timber, in the time of the late Usurper [...] waited upon the Usurper with great Diligence and Observance*”.

do mundo! ou, o peixe profético, sendo uma descrição completa deste monstro, seu comprimento e largura com previsões sobre ele). Trata-se, de início, de um texto voltado para a descrição de um monstro marítimo, cujo tamanho e dimensão seriam monstruosas. Com uma gravura em sua folha de rosto, o impresso apontava um monstro, o qual teria sido encontrado por pescadores no reino da China e, de lá, levado ao rei da Alemanha para, posteriormente, ser encaminhada ao rei da Grã-Bretanha.

Figura 23: Gravura do impresso *The Worlds Wonder! or, The prophetical fish* (1666)



Fonte: *The worlds wonder! or, The prophetical fish*. London: [s. n.] printed for R. White, 1666. p. 1.

A gravura acima, além de representar um peixe, cuja forma física é diferente do que habitualmente se esperaria desse animal, também apresenta elementos relativos aos conflitos militares. Uma cabeça disposta com uma coroa é conjugada à presença de utensílios de guerra, vide a disposição de armas e uma espada na lateral adjacente à calda do peixe, bem como um canhão no dorso, flâmulas e uma lança à esquerda, juntamente de uma caveira – símbolo da morte. Ao considerar que “[...] a cruz é um símbolo de forma geométrica simples, que possui a intersecção de linhas de eixos opostos (vertical e horizontal) e a presença de ângulos perpendiculares”⁶³⁵, delimita-se que a face da criatura representada incluía ainda a presença de quatro cruzes, sendo uma delas disposta na boca e as outras três em cima de uma coroa.

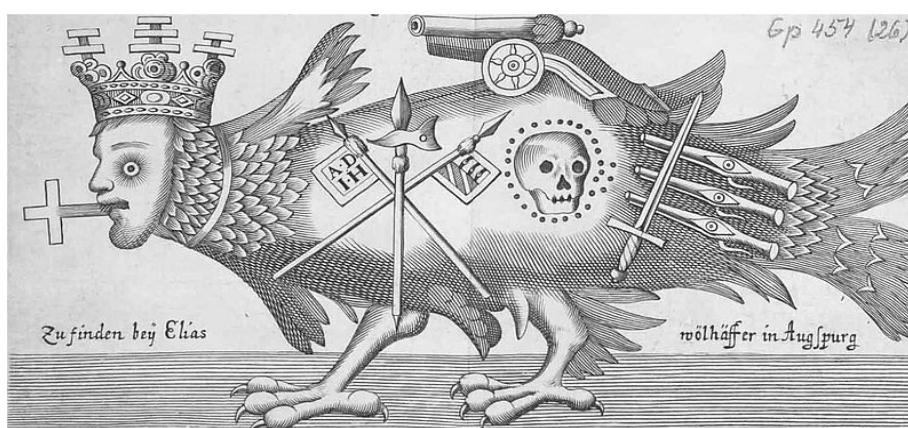
Sublinha-se uma diferença percebida nessas quatro cruzes, ao passo em que a cruz no centro da coroa assemelha-se à representação da cruz Papal, haja vista que as três camadas

⁶³⁵ CARVALHO, Mariane; GOMES, Rogério. O poder da linha na construção dos sentidos: uma análise a partir dos vários aspectos da cruz. *Projetica*, Londrina, v. 3, n. 1, 2012. p. 150.

remetem ao triplo ofício de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Ou ainda, a uma referência à Igreja, ao mundo e ao céu. Já as cruzes nas laterais da coroa parecem indicar a Cruz Patriarcal, “[...] também conhecida como Cruz de Lorena e Cruz de Caravaca”. Além de ter sido “[...] muito utilizada por bispos e príncipes da igreja cristã antiga”, ela possuiria “[...] um ‘braço’ menor que representa a inscrição colocada pelos romanos na cruz de Jesus”.⁶³⁶ A presença desses símbolos pode indicar uma correlação do sagrado com os confrontos travados no âmbito militar, bem como a sutil crítica ao Papa por meio da associação de elementos católicos à figura de um peixe monstruoso.

Essa imagem, contudo, não é uma produção inteiramente nova, idealizada para representar o conflito inglês. O mesmo modelo da figura por ela representada também pode ser visualizada em um outro documento de 1664, publicado na Alemanha, o que reforça a hipótese de um *corpus* imagético, no qual determinados modelos poderiam ser reaproveitados pelos impressores, demonstrando, assim, um cenário de trânsito dessas gravuras pela Europa. Todavia, destaca-se especialmente como existia uma multiplicidade de interpretações pelos leitores no que concerne ao manuseio e trato desses elementos visuais. Diretamente associada aos dramas de cada tempo, a leitura desses materiais se mostra distinta quando inserida no contexto da publicação original.

Figura 24: Gravura alemã encontrada em um impresso de 1664



Fonte: Anno 1664. Augsburg: [s. n.], [1664?]. Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Meer_Wunder#cite_note-4. Acesso em: 12 jan. 2025.

⁶³⁶ CARVALHO; GOMES, ref. 635, p. 152.

Além da similaridade das representações, essa segunda imagem era acrescida de legendas dispostas logo abaixo da forma corporal do peixe, adornando os cantos esquerdo e direito da tela. Com os dizeres: *Podem ser encontrados em Elias / Lobos em Augsburg*, ela aponta para dois aspectos. O primeiro em relação a como a crença no monstro como um sinal de Deus não era algo exclusivo da Inglaterra, mas poderia ser vislumbrado em outras regiões. O texto que acompanhava a imagem chega a mencionar, inclusive como “[...] o significado dessa maravilha é conhecido apenas por Deus, não por nós, humanos”⁶³⁷.

Já o segundo elemento refere-se a como alguns indivíduos de Augsburg também abordavam o outro por meio de uma retórica monstruosa. Além do contexto de Reforma experimentado próximo a essa região, verifica-se uma crítica ao Papa por meio da representação de elementos católicos em uma vinculação ao monstro. Quando se expõe na fonte que uma criatura marinha “[...] foi capturada no Reino de Ciucanghe, na fronteira com a Província e o Reino da China”⁶³⁸, o impresso também fornece a contatação acerca da existência de um fluxo de pessoas, informações e objetos em relação aos locais para além da Europa.

O ponto central em relação ao contexto aqui abordado, entretanto, é como o monstro na narrativa era tratado como uma maravilha e como o monarca inglês era elogiado pela construção textual que se segue à descrição do peixe encontrado na China. Ao dizer que o “[...] peixe monstruoso foi capturado e enviado ao Imperador alemão” o autor expõe como ele foi endereçado a “[...] Carlos, o rei da Inglaterra, um Príncipe de alto renome, o que bem, diz, faz muito bem para sua Coroa”⁶³⁹. Constata-se no impresso um nítido elogio à monarquia, personificada na figura de Carlos II, uma vez que a restauração monárquica ocorrera quatro anos antes desse impresso.

O impresso também indica como o peixe contém em suas costas um pesado fardo, “[...] cuja carga, em larga escala, ameaça uma Guerra terrível”⁶⁴⁰. Nesse sentido, a própria

⁶³⁷ Anno 1664. ist dises Erschröckliche vnd sehr wunderbarliche, Meer Wunder, in dem Königrich Ciucanghe, Gränzet an die Prouintz vnd Königreich China. Augsburg: [s. n.], [1664?]. p. 1. Tradução própria. Trad. livre da autora do original, em alemão: “[...] was diss meer wunder bedeuten mag ist allein Gott bekandt, vns menschen nicht”.

⁶³⁸ THE WORLDS wonder! or, The propheticall fish.: Being a full description of this monster, its length & breadth with predictions on it. As it was taken by fisher-men in the port of Cucanga, neer the province and kingdom of China, in the year 1664. and sent to the emperour of Germany, and from thence convey'd to his Royal Majesty, the king of Greeat Brittain, &c. To the tune of, When stormy winds do blow. London: [s. n.] printed for R. White, 1666. p. 1. Tradução própria. Trad. livre da autora para: “[...] ist dises Erschröckliche vnd sehr Wunderbarliche, Meer Wunder, in dem Königrich Ciucanghe, Gränzet an die Prouintz vnd Königreich China”.

⁶³⁹ THE WORLDS [...], ref. 638, p. 1, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] this Monstrous Fish was caught, sent to the German Emperour, then from him it was brought to Charles the King of England, a Prince of high Renown, which well, doth tell, much' wellfare to his Crown”.

⁶⁴⁰ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “Whose Charge, at large, doth threaten woful War”.

representação visual do monstro alude a esse fragmento, ao passo em que o peixe é retratado com armas e munição ao longo de seu corpo. Descrevia-se ainda como o monstro “[...] possuía uma cruz para a Inglaterra”, prenunciando o que estava por vir, de modo que uma “[...] cruz saia de sua boca, como se fosse um vômito, e ele chorava ‘nós vamos morrer’ para a Inglaterra e S. George”⁶⁴¹. Além do tom de presságio, verifica-se a identificação de inimigos políticos no texto, sendo eles dispostos na figura dos opositores ao rei. Indivíduos que usavam a religião para proveito pessoal, os inimigos se lançaram contra a majestade real e cometeram um assassinato⁶⁴².

Novamente, a explicação promovida pela Restauração de que os confrontos e, em particular, o regicídio, foram cometidos por um grupo de rebeldes que estavam instaurando uma tirania, prevalece. O autor anônimo, inclusive, chega a repetir ao longo do texto variantes da expressão: *agora vamos ser leais e fiéis ao nosso Rei*. A estrofe final menciona como se “[...] deseja de coração a todos os inimigos do Rei, tanto os rebeldes e traidores, em Tyborn pudessem balançar”⁶⁴³. Destino das execuções na Londres de então, Tyburn foi o palco da execução póstuma de Oliver Cromwell por ordem de Carlos II⁶⁴⁴.

Posto isso, verifica a construção de uma narrativa a qual estabelecia uma nítida relação com a política inglesa e a defesa ou não de determinados indivíduos e formas de governo. O monstro, portanto, ainda que concreto e visível por meio sua anomalia, aludia não somente a uma deformidade física encontrada em um dado local, mas também aos confrontos que se instauravam na arena pública naquela época. Além de uma conexão com outros reinos, o documento acima abria um espaço para se considerar como os jogos de poder eram representados textualmente, de modo que as alianças políticas poderiam ser vociferadas por meio da linguagem impressa. Não por acaso, observa-se uma constante e incisiva retórica de lealdade ao rei que é frisada pelo autor.

Esse relato de peixes, por sua vez, também não é algo restrito somente à década de 1660 e à restauração de Carlos II. Anos antes, em 1642, também é possível verificar um outro relato de um peixe-sapo que teria sido encontrado na Inglaterra. Com oito páginas em sua extensão e

⁶⁴¹THE WORLDS [...], ref. 638, p. 1, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*A Cross for England, in the Van, Presaging all's our own; The Cross doth issue from his mouth, which he seems to disgorge; And cry, Wée'l die, for England, and St. George*”.

⁶⁴²Ibid., p. 2, tradução própria. Verifica-se tal elemento na passagem traduzida pela autora do original: “*When with their base power they'd conquered his friends they quickly surprised the Kings Majesty, These zealots Religion, was for their own ends, their Oath of Allegiance they then did defy a Scaffold erected, Murder effected, Heathens ne'r acted so horrid a thing*”.

⁶⁴³Ibid., p. 2, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “*Now let's be Loyal and true to our King*”; “*I wish with my heart all the King's enemies both Rebels and Traitors on Tyborn may swing*”.

⁶⁴⁴HANSON, Marilee. Tyburn – London's Most Notorious Execution Site. **English History**, 7 mar. 2022.

sem imagens, o texto poderia ser encontrado com o título abreviado *A relation of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642* (Um relato de um monstro terrível capturado por um pescador perto de Wollage, em 15 de julho de 1642)⁶⁴⁵. Nele, é possível vislumbrar a descrição de um ser estranho, que era interpretado como monstro na medida em que apresentava uma forma física anormal, parecida com a de um sapo, mas com as mãos e o peito iguais aos de um homem.

Depreende-se, de início, uma conexão da trama com a própria produção teratológica da época, uma vez que a narrativa mencionava a figura de Plínio e os seus comentários sobre peixes-sapos. Ao citar que “[...] para Plínio, o naturalista [...] esse peixe nunca se aproxima da costa, mas está constantemente nas profundezas do oceano”⁶⁴⁶, o impresso empreendia um esforço de compreender o significado do monstro e, em igual medida, respaldar a sua abordagem com base em estudiosos sobre o tema. Isso pode ser afirmado quando se observa que a obra *Naturalis História*, de Plínio, era um grande compêndio para se tratar da monstruosidade, sendo amplamente abordada por outros autores, conforme indica Palmira da Costa⁶⁴⁷. Segundo a narrativa do panfleto, o naturalista “[...] nunca viu ou ouviu falar de qualquer animal capturado em qualquer costa como aquele – exceto um, que foi no ano em que Nero (aquele tirano nunca suficientemente detestado) nasceu”⁶⁴⁸.

O monstro aqui é acrescido de um tom de presságio e uma conexão com a dimensão política, ao passo em que foi constatado justamente no ano que um tirano surgiu. A própria chegada do monstro é tida pelo impresso como algo sinistro, de modo que todas as histórias ou todos os nascimentos incomuns, seja no mar ou na terra, especialmente fora de suas estações,

⁶⁴⁵ O impresso pode ser lido pelo extenso título, no original: “*A relation of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642. and is now to be seen in Kings Street, Westminster. The shape whereof is like a toad, and may be called a toad-fish, but that which makes it a monster, is, that it hath hands with fingers like a man, and is chested like a man. Being neere five foot long, and three foot over, the thicknesse of an ordinary man. The following discourse will describe him more particularly. Whereunto is added, a relation of a bloody encounter betwixt the Lord Faulconbridge and Sir John Hotham, wherein the Duke of Richmond is hurt, and the Lord Faulconbridge taken prisoner. With some other misselanies of memory both by sea and land, with some forreigne occurrences*”.

⁶⁴⁶ A RELATION of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642. and is now to be seen in Kings Street, Westminster. The shape whereof is like a toad, and may be called a toad-fish, but that which makes it a monster, is, that it hath hands with fingers like a man, and is chested like a man. Being neere five foot long, and three foot over, the thicknesse of an ordinary man. The following discourse will describe him more particularly. Whereunto is added, a relation of a bloody encounter betwixt the Lord Faulconbridge and Sir John Hotham, wherein the Duke of Richmond is hurt, and the Lord Faulconbridge taken prisoner. With some other misselanies of memory both by sea and land, with some forreigne occurrences. London: [s. n.] printed for Nath. Butter, 1642. p. 4. Tradução própria. Trad. livre do original: “*For Plinie, the Naturallist that fish never commeth neare the shore, but is constantly in the depth of the Ocean*”.

⁶⁴⁷ HAIG, Edward. A study of an English Civil War Pamphlet concerning an Incident at Hull in 1642. **The Journal of Humanities**, [Nagoya], n. 3, 2020. p. 200.

⁶⁴⁸ A RELATION [...], ref. 646, p. 4, tradução própria. Trad. livre de: “[...] *he never saw or heard of any taken upon any Coast save one, which was in the yeare that Nero (that never-sufficiently detested Tyrant) was borne in*”.

são “[...] os precursores e tristes arautos de grandes comoções e tumultos em Estados e Reinos, se não tristes mensageiros de total desolação”⁶⁴⁹. Percebe-se, com isso, como os seres monstruosos eram encarados na narrativa como emissários da justiça divina, os quais apareciam quando se tinha repúdios ou doenças em um determinado país. Não por acaso, o texto chegava a afirmar que “[...] quanto mais feito o monstro ou a sua aparência, pior, mais universal e terrível seria o presságio”⁶⁵⁰.

Edward Haig, em uma análise mais detalhada desse impresso, demonstrou como ele apresentava uma nítida conexão com as brigas públicas do cenário inglês do século XVII, vide a menção a um incidente militar que aconteceu na localidade de Hull, em Yorkshire. Para o professor, o texto de 1642, ao relatar um milagroso peixe-sapo, unia “[...] uma série de elementos”, de modo que relatava “[...] o incidente de uma perspectiva monarquista e contrastava isso com outro relato do mesmo evento de uma perspectiva parlamentar”⁶⁵¹. Por meio desse documento, percebe-se como os textos efêmeros funcionavam como campos de batalhas ideológicas, podendo se expor ora elementos favoráveis à defesa do rei, ora convenientes aos adeptos da causa do parlamento. Em compasso, identifica-se como esses materiais cumpriam um papel de informar sobre as batalhas militares e as disputas políticas que se estendiam na esfera pública.

Esse aspecto de informar o leitor sobre os ocorridos pode ser ainda mais notabilizado quando se verifica a menção à cidade de Hull, estratégica nos conflitos na medida em que era ponto de abastecimento dos exércitos reais⁶⁵², e os eventos ocorridos em 15 de julho de 1642. Detecta-se, por meio desse cenário, como o impresso ressoava aspectos do seu momento de produção, incorporando no texto as disputas militares que se estendiam pelas décadas de 1640. O monstro, no caso, era apreendido como o resultado da desordem do reino, sendo o seu nascimento uma amostra disso. Novamente, o clima de rivalidades e de fragmentação entre os grupos políticos e as suas agendas pode ser visualizado quando o autor do documento pede a Deus que unisse “[...] o Chefe e os Membros, o Rei e o Parlamento, aumentando as suas

⁶⁴⁹ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. No original: “[...] *sad harbingers of great commotions and tumults in States and Kingdomes, if not mournfull Heraulds of utter desolation*”.

⁶⁵⁰ A RELATION [...], ref. 646, p. 5, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] *that of how much the monster is of feature or fashion, hatefull and odious, so much it portends danger the more dreadfull and universall*”.

⁶⁵¹ HAIG, ref. 647, p. 197, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “[...] *the pamphlet combines a number of elements [...] It also shows how the pamphlet reports on the incident from a royalist perspective and contrasts this with another report of the same event from a parliamentary perspective*”.

⁶⁵² Edward Haig (ref. 647, p. 197) chega a abordar o papel desse local em termos logísticos e militares, destacando como “a cidade de Hull East Yorkshire era estrategicamente importante”. Tradução própria. No original: “[...] *strategically important town of Hull in East Yorkshire*”.

afeições leais a ele, a sua aprovação real a eles e aos seus procedimentos”⁶⁵³. Nesse caso, tais construções textuais reforçavam a tese de que o mundo era lido naquele período como *de cabeça para baixo*, na qual as próprias relações de mando estavam desordenadas. Sendo o monstro uma consequência dessa desolação, encara-se aqui o “[...] poder político como experiência dos limites entre o humano e o teratológico”⁶⁵⁴, na qual os seres monstruosos representavam esse universo caótico.

Novamente esse tom de desarranjo e de nascimento de monstros como corolários de uma ira divina pode ser vislumbrado em duas impressões datadas de 1645, ambas publicadas por I. R. (Israel Harrison), impressor londrino atuante na década de 1640⁶⁵⁵. A primeira, com o título de *Signes and wonders from heaven. With a true relation of a monster borne in Ratcliffe Highway, at the signe of the three Arrows, Mistris Bullock the midwife delivering here thereof* (Sinais e maravilhas do céu. Com uma relação verdadeira de um monstro nascido na Rodovia Ratcliffe, no sinal das três Flechas, a parteira Mistris Bullock dando à luz aqui)⁶⁵⁶, abre espaço para se pensar como aquela época era lida como um tempo de pecaminosidade, com a presença de bruxas e demônios. Já a segunda narrativa, com o título de *The most strange and wondrous apparition of blood in a poole at Garraton in Leicester-shire* (A mais estranha e maravilhosa aparição de sangue em uma poça em Garraton, em Leicester-shire)⁶⁵⁷, dedica-se a tratar de um nascimento milagroso e prodigioso como resultado do contexto turbulento ali vivenciado.

No que diz respeito à primeira publicação, observa-se a descrição de um nascimento monstruoso e de uma retórica de que Deus enviava monstros à terra como resposta aos pecados cometidos pelos homens. O impresso assume um tom coletivo ao responsabilizar toda a população face aos castigos divinos. Ao indagar: “[...] isso é minha culpa? Eu não sou um

⁶⁵³ A RELATION [...], ref. 646, p. 5, tradução própria. Trad. livre do original: “Unite (good God) Head and Members, King and Parliament, encrease their loyall affections to him, his royall approbation to them and their proceedings”.

⁶⁵⁴ ROMANO, ref. 447, p. 212.

⁶⁵⁵ PLOMER, Henry Robert *et al.* **A dictionary of the printers and booksellers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1668 to 1725**. [Oxford]: Oxford University Press, 1922. p. 147.

⁶⁵⁶ Título original integral: “Signes and wonders from heaven. With a true relation of a monster borne in Ratcliffe Highway, at the signe of the three Arrows, Mistris Bullock the midwife delivering here thereof. Also shewing how a cat kitned a monster in Lombard Street in London. Likewise a new discovery of witches in Stepney parish. And how 20. witches more were executed in Suffoke this last assise. Also how the divell came to Soffam to a farmers house in the habit of a gentlewoman on horse-backe. With divers other strange remarkable passages”.

⁶⁵⁷ Título original: “The most strange and wondrous apparition of blood in a poole at Garraton in Leicester-shire, which continued for the space of foure dayes, the rednesse of the colour for the space of those foure dayes every day increasing higher and higher, to the infinit amazement of many hundreds of beholders of all degrees and conditions, who have dipped their handketchers in this bloody poole, ... As also the true relation of a miraculous and prodigious birth in Shoo-lane, where one Mistris Browne a cuttlers wife was delivered of a monster without a head or feet, and instead of a head had a hollow out of which a child did proceed, which was little but lovely, perfect in all but very spare and leane. As also the Kings sending to his Parliament for hostage for the security of his person to come unto London and to sit with his parliament for the composing the diffirences in the kingdome”.

blasfemador, nem um bêbado, nem uma pessoa cobiçosa”, o autor direciona o peso da situação para toda a nação, nos dizeres: “[...] estou certamente persuadido de que não é somente pelos pecados de um homem, mas é pelos pecados de todos que o Senhor fez com que a espada fosse desembainhada entre nós”⁶⁵⁸.

A conexão com a dimensão política também é ressaltada quando o autor indica seu apoio à causa real, sem, contudo, deixar de observar os erros da Coroa, afinal, “[...] é por causa do rei que toda a nação está tão gravemente perturbada, pois, dizem eles, se o rei tivesse matado seu parlamento, estaríamos todos em paz e sossego”⁶⁵⁹. Os pecados eram assimilados como uma motivação para a ação impiedosa de Deus, de modo que o autor chega a mencionar como “[...] as guerras sangrentas aumentam cada vez mais em nossos três Reinos”⁶⁶⁰. Percebe-se, com isso, não somente uma menção direta aos conflitos militares que se somavam na Inglaterra, mas também uma interpretação desse cenário como uma resposta divina face à desolação humana.

Ao frisar que “[...] estranhos cometas vistos no ar, prodígios, lutas nos mares, tempestades e tormentas maravilhosas na terra [...] são sinais eminentes da ira de Deus para com os pecadores”⁶⁶¹, o impresso demonstra como as ações errôneas por parte dos homens levava a uma dada punição. Desse modo, pode-se considerar como o conflito nas localidades de Bristol e Abington, ao evocarem o caos das batalhas que transcorriam ao longo da guerra civil, eram interpretados como negativos e, portanto, passíveis de castigo divino. Quando se considera a essencialidade de Bristol nas batalhas⁶⁶² e a respectiva extensão dos embates militares, delimita-se como a aparição de monstros era diretamente correlacionada ao cenário de violência na Inglaterra.

Ao dedicar-se, na segunda parte, a narrar o nascimento de fato do monstro, explicitando detalhes de seu parto e das testemunhas ali presentes, o impresso reforça como o curso da

⁶⁵⁸ SIGNES [...], ref. 16, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “[...] is it my fault? I am no swearer, nor drunkard, no covetous person”; “But of this I am certainly perswaded that it is not only for one man’s sins, but it is for every one’s sins that the Lord hath caused the sword to be drawn amongst us”.

⁶⁵⁹ SIGNES [...], ref. 16, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “Tis long of the King that the whole Nation is so grievously troubled, for, say they, if the King had slaid with his Parliament, we had beene all at peace and quiet”.

⁶⁶⁰ *Ibid.*, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “That the Lord is angry with us every one; for our sins doe appeare in this: Doe we not see that the bloody wars doth more and more increase in our three Kingdoms”.

⁶⁶¹ SIGNES [...], ref. 16, p. 4, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] strange Comets seen in the ayre, prodigies, fights on the seas, marvellous tempests and stormes on the land: all these are eminent tokens of Gods anger to Sinners yet thats one all”.

⁶⁶² Segundo Joyce Macadam (2019, p. 120), Bristol era “a segunda cidade do reino, um importante centro comercial e porto vital, sendo sitiada e invadida, primeiro pelos realistas em julho de 1643, e novamente em setembro de 1645 pelos parlamentares”.

natureza tinha sido alterado, de modo que “[...] que mulheres feitas de carne e osso puros, davam à luz monstros feios e deformados; e, ao contrário, bestas davam à luz formas humanas contrárias à sua espécie”⁶⁶³. É válido notar como a crença na monstruosidade aparecia na narrativa juntamente com a crença na existência de bruxas, vide o relato, nas páginas seguintes, “[...] de 40 bruxas que teriam sido processadas em Norfolk, sendo que 20 delas teriam sido executadas”⁶⁶⁴. Ao falar dessas bruxas, o autor esboçava como “[...] elas causaram muito dano naquele país e profetizaram a queda do rei e seu exército”⁶⁶⁵. Isto é, as bruxas previram a saída do rei do poder, o que demonstra o agenciamento dessas mulheres e uma conexão dessas com o âmbito político. Ao descrever tal cenário e abordar ainda outros fenômenos estranhos, pode-se constatar como a construção textual desse documento atribuía a guerra e as mazelas do reino a uma punição de Deus, ao passo em que esse castigo vinha acompanhado da proliferação de monstros e bruxas.

De certo, observa-se como a crença na bruxaria e na monstruosidade eram parte do escopo inglês do século XVII, sendo esses elementos associados a momentos de desolação e subversão da ordem. A própria bruxa, nesse caso, era um indicativo de conspirações contra o poder na época. Charlotte Millar, ao trabalhar com processos de bruxaria do século XVII, evidenciou como o momento da Guerra Civil acirrou as ideias de um complô contra o governo, sendo a bruxa uma personificação dessa maquinação contra a ordem⁶⁶⁶. Ao ater-se à ideia de que “[...] a bruxaria sempre foi politizada”⁶⁶⁷, pode-se pensar como tais seres, em conjunto com os monstros, engendravam ansiedades da época – ou eram por elas engendradas –, tangenciando aspectos políticos e militares experimentados pelos ingleses na esfera pública.

Isso também pode ser explorado por meio do segundo impresso de I. H, publicado em 1645. Nele, é possível ver a descrição de um nascimento monstruoso, cujo ser nasceu “[...] sem cabeça e pés, de modo que no local desses membros jazia uma cavidade”⁶⁶⁸. A angústia decorrente daquela época pode ser pensada no documento a partir do trecho:

⁶⁶³ SIGNES [...], ref. 16, p. 4-6, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*Have not nature altered her course so much, that women framed of pure flesh and blood, bringeth forth ugly and deformed Monsters; and contrariwise Beasts bring forth humane shapes contrary to their kind*”.

⁶⁶⁴ SIGNES [...], ref. 16, p. 4-6, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*It is likewise certified by many of good quality and worth that at the last Assises in Norfolke there were 40 witches araigned for their lives, and 20. executed*”.

⁶⁶⁵ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] and that they have done very much harme in that Countrey, and have prophesied of the downfall of the King and his Army”.

⁶⁶⁶ MILLAR, ref. 280, p. 154.

⁶⁶⁷ PURKISS, Diane. *Invasions: Prophecy and Bewitchment in the Case of Margaret Muschamp*. **Tulsa Studies in Women's Literature**, Tulsa, v. 17, n. 2, 1998. p. 243.

⁶⁶⁸ THE MOST strange and wonderfull apperation of blood in a poole at Garraton in Leicester-shire, which continued for the space of foure dayes, the rednesse of the colour for the space of those foure dayes every day

Todo aquele que considerar estes tempos tristes, onde não somente o filho se levanta contra o pai, o irmão contra o irmão, e o espírito de dissensão e guerra se espalha por toda a face da terra, mas coisas tão prodigiosas e maravilhosas aconteceram como nenhuma era antes viu ou ouviu falar, ele deve confessar que vive agora no entardecer dos tempos, e na última era do mundo, onde todas as coisas começam a sofrer uma mudança⁶⁶⁹.

Por meio desse fragmento, percebe-se não só uma retórica no fim dos tempos, mas a ideia de que os ingleses viviam tempos de discórdia em que a própria autoridade era subvertida. Nesse caso, tanto a guerra como a ausência de respeito às regras eram associadas ao nascimento de monstros, de modo que isso representava “[...] a ira imediata de Deus em grandes caracteres de sangue”⁶⁷⁰. Novamente, a conexão com o contexto inglês pode ser nitidamente vislumbrada à medida em que o impresso menciona a aparição de um grande lago de água na cidade de Garraton, em Leicester-shire. Utilizado para saciar a sede do gado, ele se tornou objeto de atenção a partir do momento em que os animais começaram a recusar a beber a água ou a chegarem perto dela.

Ao notarem algo inusitado, os moradores teriam descoberto que a cor da água havia mudado, dado que começou a ficar vermelha e mais espessa do que antes. A princípio, a população local teria contemplado essa maravilha, “[...] surpresos com a beleza dessa visão”⁶⁷¹. Ao mencionar testemunhas, o impresso indicava que a notícia da poça teria se espalhado, ao passo em que a água aprofundava sua cor à medida em que era mais visitada, ou seja, o maravilhoso depende diretamente da atenção dada a ele. É aí, portanto, que o autor do documento indica como a água começou a ficar similar à cor do sangue, de modo que as pessoas estranharam, pois estavam acostumadas com o “[...] milagre da água transformada em vinho, mas da água transformada em sangue, nunca ouviram falar”⁶⁷². Além da alusão à passagem

increasing higher and higher, to the infinet amazement of many hundreds of beholders of all degrees and conditions, who have dipped their handketchers in this bloody poole, ... As also the true relation of a miraculous and prodigious birth in Shoo-lane, where one Mistris Browne a cuttlers wife was delivered of a monster without a head or feet, and in stead of a head had a hollow out of which a child did proceed, which was little but lovely, perfect in all but very spare and leane. As also the Kings sending to his Parliament for hostage for the security of his person to come unto London and to sit with his parliament for the composing the diffirences in the kingdome. London: I.H., 1645. p. 1. Tradução própria. No original: “*Mistris Brownea Cuttlers wife was delivered of a monster without a head or feet, and instead of a head had a hollow out of*”.

⁶⁶⁹ THE MOST [...], ref. 668, p. 2, tradução própria. Trad. livre da autora do original: “*Whosoever shall consider these sad times, wherin not onely the sonne riseth against the father the brother against the brother, and the spirit of dissention and warie is spread over the whole face of the earth but such prodigious and wonderfull things have apheared as no age before have ever seene or heard of he must confesse that he liveth now in the evening of time, and in the last age of the world, wherein all things do begin to suffer a change*”.

⁶⁷⁰ THE MOST [...], ref. 668, p. 2. Trad. livre do original: “[...] *shall be represented unto you the immediate anger of God in great Charactes of blood*”.

⁶⁷¹ THE MOST [...], ref. 668, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora da passagem: “[...] *amazed at the nouelty of this sight they departed from the place, they make a relation of it to their friends and one neighbour brings in another to behold this wonderfull chance*”.

⁶⁷² *Ibid.*, p. 3, tradução própria. Trad. livre da autora da passagem: “[...] *hey discover this miracle of the water turned into wine, but of the water turned into blood they never heard of that wonder before*”.

bíblica⁶⁷³, destaca-se como os moradores atribuíram o sangue à violência daquele tempo. Não obstante, o sangue é atribuído no texto às ações de um partidário do rei, vide “[...] o sangue foi derramado pelo Senhor de Loughborough [...] que sendo lá o grande Agente do Rei, roubou muitas governantas naquelas partes de seus bens e tesouros e, o que é muito mais caro para eles, muitas das vidas de seus filhos”⁶⁷⁴.

Há aqui uma alusão direta ao momento da guerra e dos entraves militares na região, de modo que o fenômeno da poça, além de ser visto como estranho, é reportado como o resultado direto dos confrontos ali vivenciados. Em igual medida, ao associar o derramamento de sangue a um partidário do rei, reforçava-se um tom de oposição aos realistas pela narrativa e, consequentemente, de defesa do parlamento. Não cabe aqui fazer uma leitura teleológica, uma vez que se entende que os parlamentares acabam ganhando o conflito civil, mas de se evidenciar como a dimensão política era engendrada pelo impresso, tangenciando a construção textual das narrativas e imbricando-se à crença na monstruosidade.

A retórica da guerra é, inclusive, constantemente reforçada pelo impresso, uma vez que o autor chega a afirmar como os “[...] quatro dias em que a água parecia aumentar a cada dia na vermelhidão de sua cor, significavam os quatro anos da guerra que agora já expiraram ou estão perto de expirar”⁶⁷⁵. Com o final da guerra, a água retorna à sua pureza original e, por extensão, o reino recupera a paz. Novamente, o monstro anunciado pelo título é o falso protagonista da narrativa, haja vista que a sua descrição e o seu nascimento só vão ser apontados no final do texto, indicadores da punição de Deus.

Vale citar que o autor finaliza o texto com o desejo de que “[...] a sua majestade [...] após tantas dificuldades, perigos passados e tanto sangue derramado [...] possa finalmente, pela misericórdia de Deus, retornar e se reconciliar com seu Parlamento”⁶⁷⁶. Depreende-se aqui um esforço de valorização da ordem e de defesa do fim do conflito, de modo que o impresso expõe como esse também seria o desejo da maioria da população. Pelo trecho “[...] não há bom súdito

⁶⁷³ Referência aqui à passagem de João 2, na qual Jesus teria realizado o milagre de transformar a água em vinho. Ver mais em: <https://www.biblegateway.com/passage/?search=Jo%C3%A3o%202&version=KJV;NTLH;NIV>. Acesso em: 19 abr. 2025.

⁶⁷⁴ *Ibid.*, p. 4, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] much blood hath beene spilt by the Lord of Loughborough his meanes who being there the great Agent for the King hath robbed many housekeepers in those parts of their goods and their treasure and which is far more deare to them many of their Childrens lives”.

⁶⁷⁵ THE MOST [...], ref. 668, p. 6, tradução própria. Trad. livre da autora para: “[...] to affirme that the foure dayes wherein the water every day seemed to increase in the rednesse of its colour doth signifie the foure years of the war which now are already or neere expired”.

⁶⁷⁶ *Ibid.*, p. 7, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “His Majesty [...] after so many deffuilties and dangers past, and so much blood spilt [...] might at lenght by the mercy of God returne and be reconciled to his Parliament”;

(a menos que seja um maligno desesperado ou algum arqui-papista) que não diga amém”⁶⁷⁷, notabiliza-se não só o tom coletivo de desejo de ordem, mas também a identificação de inimigos políticos, concentrados nos católicos.

Esse esforço de propaganda política não é algo novo das décadas de 1640. As autoridades elizabetanas já se utilizavam das baladas como formas de mobilizar campanhas contra determinados grupos. Contudo, salienta-se o “[...] poder retórico dos monstros [...] como ferramentas de propaganda antigovernamental”⁶⁷⁸, ao passo em que tais impressos correlacionavam o surgimento de seres monstruosos ou fenômenos estranhos ao contexto de guerra. Acima disso, considera-se aqui que os monstros eram elementos ativos no debate público inglês e nas representações dos conflitos militares, políticos e religiosos. Tais criaturas não eram apenas objetos de propagandas necessariamente vinculadas a uma crítica ao governo. Ao contrário, como pode ser constatado pelas fontes vistas até então, os monstros serviam também para se denunciar ou atacar, tanto partidários do governo, como aqueles que eram opositores a ele.

Essa riqueza de posições auxilia a traçar como o monstro era um elemento retórico e discursivo pertinente na primeira modernidade inglesa, o qual poderia ser instrumentalizado mediante diferentes interesses. Ao considerar a questão do medo e do mando na apreensão da teratologia, é válido sublinhar como esse monstro poderia assumir e representar variados grupos. Uma vez que na Inglaterra do século XVII muda-se muito quem manda, essa própria construção verbal e imagética do monstro também era imbuída de uma pluralidade de significados conforme as intenções daqueles que escreviam e publicavam sobre o assunto.

A própria época era lida como um tempo sombrio e monstruoso, o qual propiciava sentimentos de tristeza e desolação. Não por acaso, o documento acima finaliza a narrativa com a sentença:

[...] esses nascimentos trazem consigo observações notáveis, tempos tristes e monstruosos devem ainda sofrer com tristeza e nascimentos monstruosos e isso (como se ainda estivesse vivo) foi exposto à vista do público para o infinito espanto dos observadores e para grande dor dos pais⁶⁷⁹.

⁶⁷⁷ *Ibid.*, p. 7, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] and to this there is no good Subject (unlesse he be a desperate Malignant or some arch Papist) but will say Amen”.

⁶⁷⁸ HAGEN, ref. 251, p. 29, tradução própria. Trad. livre do original: “[...] the rhetorical power of monsters could be used as tools of anti-government propaganda”.

⁶⁷⁹ THE MOST [...], ref. 668, p. 8, tradução própria. Trad. livre do original: “These birth, do carry with them remarkable observations, sad and monstrous times must labour still with sad and monstrous births and this (as it was still-borne) was exposed unto puplick veiw to the infiniet amazement of the beholders and to the great griefe of the Parents”.

Dessa forma, além de mobilizarem emoções, desde a tristeza até o medo, essas narrativas facultavam a circulação de informações sobre os eventos da Guerra Civil, perpassando ainda por questões relativas ao período da restauração monárquica e da alteração das formas de governo. Ora o monstro representava, metaforicamente, um inimigo, ora ele apontava para uma falta humana que deveria ser punida por Deus. Em ambas as situações, verifica-se como a monstruosidade assumia diferentes conotações e explicações, ao passo em que os monstros “[...] podem significar muitas coisas, mas não se pode permitir que eles não signifiquem nada”⁶⁸⁰.

À vista disso, fazer uma leitura do político a partir dos monstros engendrados no tempo e espaço é também entender como as comunidades davam sentido às suas vivências e anseios, sendo o monstruoso, por vezes, um ponto de exteriorização dessas crenças e sensações. Ao considerar o papel desses materiais no campo político-ideológico, fosse no fomento de propagandas e ideias, fosse no compartilhamento de críticas ou angústias, torna-se possível visualizar como a política transcorre por meio da cultura e suas representações. Não por acaso, valeu-se até aqui do termo cultura política para se pensar como a construção do sistema político é resultante de diferentes influências, cognições e sentimentos, as quais englobam os membros de uma dada sociedade. Nas palavras de Rosanvallon⁶⁸¹, a leitura do político iluminaria a leitura do próprio social, de tal modo que os atritos escopo comunitário inglês do século XVII poderiam evidenciar como a crença na existência de monstros sedimentou-se e ampliou-se naquela época.

Atesta-se aqui para a existência de duas leituras para o monstro na Primeira Modernidade: um monstro concreto, cuja aparição ou nascimento remontam a uma data e a um local específico; e um monstro metafórico, cuja presença aludia para algum desvio ou diferença, podendo ainda ser aplicado para qualificar algum grupo ou evento. No caso do monstro concreto, além de uma dada forma física, ele apresentava características que os distinguiam de outros seres, vide os traços de anormalidade ou aspectos relativos à bestialidade, feiura, horror, curiosidade ou admiração. Já em relação ao monstro enquanto figura de linguagem, destaca-se algum traço de diferença e dessemelhança que o fazia ser alocado como monstruoso, vide os casos em que o monstro era retratado como um estrangeiro, um inimigo político ou um simpatizante de algum grupo ou seita indesejada.

O pertinente, contudo, é como esses dois monstros parecem colidir nos impressos efêmeros do século XVII. É possível verificar tanto um monstro como qualificador de algum

⁶⁸⁰ CRESSY, ref. 489, p. 36.

⁶⁸¹ ROSANVALLON, ref. 67, p. 99.

indivíduo ou situação errônea, como o monstro enquanto um ser real e concreto, o qual foi encontrado e visto pela população. Além da dimensão visual dessa monstruosidade, retida no próprio termo *mostrare*, é válido mencionar como esses dois tipos de monstro esbarravam em um fundo teratológico próprio e uma crença patente na existência de monstros na época que acordava tais interpretações. Além de ambos serem associados a uma punição divina por uma falha humana, fosse ela coletiva ou individual, o monstro continha nexos com o pecado, a má conduta, a sedição e a subversão da ordem natural das coisas – essa essencialmente religiosa dado a extensão da dimensão da fé que abrangia a sociedade inglesa da época.

Defende-se, com isso, que essas duas leituras para os monstros não se excluem dentro dos impressos efêmeros e apareciam de forma simultânea nos textos do século XVII. Constatase que tanto o monstro metafórico como aquele concreto em sua descrição e relato eram parte de um esquema representacional coletivo da Inglaterra acerca da monstruosidade. No caso do monstro enquanto figura de linguagem, aponta-se para uma ferramenta de propaganda política, que poderia impulsionar e mobilizar afetos, vide os sentimentos de ojeriza, raiva ou atenção para um dado indivíduo, grupo ou comportamento. Já o monstro concreto, cuja testemunha apontava para o seu nascimento ou aparição, também apresentava uma dada mensagem ao seu público leitor, esboçando, no geral, um caráter moralizante e que evidenciava a necessidade de redenção ou mudança de posturas.

Logo, pressupor um monstro em termos de metáfora não exclui a real crença no monstruoso e a sua inserção dentro do imaginário social e cultural da época. Da mesma forma, considerar o monstro concreto em sua aparição ou nascimento é também abrir espaço para que se considere como a monstruosidade era parte do cotidiano da sociedade inglesa. Essas duas interpretações do monstro favorecem, ao contrário, uma chave de leitura para como certos fenômenos, posturas ou pessoas e comunidades poderiam ser interpretadas. Julio Jeha, ao trabalhar os monstros como metáforas para o mal também introduziu um importante eixo para se pensar como a monstruosidade, enquanto construção retórica, abre espaço para se falar do outro⁶⁸².

Contudo, cabe ir além. Mais do que metáforas para o mal, o monstro poderia agir como metáfora para o desconhecido, bem como para aquilo que despertava fascínio ou atenção. Além de qualificar algo, o monstro poderia impactar na percepção social, política e religiosa de um dado elemento na sociedade, sendo historicamente construído. Ou ainda, como seres dignos de

⁶⁸² JEHA, ref. 31, p. 19.

atenção, curiosidade e observação, eles poderiam aguçar o olhar para os problemas que se delineavam na arena social, tonificando aquilo que era subversivo, anormal ou diferente.

5 NASCE O MONSTRO, MAS E QUEM O PARIU?

Até o momento, a análise dos impressos sobre monstros pautou-se em melhor compreender o local da religião e da política na construção das narrativas. Contudo, um ponto que carece de atenção refere-se ao local ocupado pelas mulheres nesses textos, de modo a aguçar o olhar para como elas eram representadas e o que elas podem dizer a respeito da própria crença sobre o monstruoso no século XVII, sobretudo no processo de geração desses seres. Indaga-se, pois, as possíveis conexões desses impressos face à dimensão feminina e ao cenário de *cabeça para baixo* inglês, de tal modo a refletir sobre a teratologia na Inglaterra moderna e a posição das mulheres nesses materiais. Ou ainda, sobre como o monstro poderia evidenciar uma relação que caminha do pecado original à punição divina ou de Eva até a mãe.

Para tanto, opera-se neste capítulo com o conceito de gênero, entendendo-o como uma categoria de análise a qual auxilia a compreensão e a decodificação das “[...] complexas conexões entre várias formas de interação humana”⁶⁸³. Encara-se o gênero aqui como o “[...] produto de uma reelaboração cultural”, a qual define, (des)considera, representa e controla “[...] os sexos biologicamente qualificados e atribui-lhes papéis determinados”⁶⁸⁴. Por meio dessa apreensão, torna-se possível compreender, em partes, qual era o local ocupado pelas mulheres e pelos homens nos impressos da Primeira Modernidade inglesa, de maneira a reconhecer como a interação desses dois grupos era moldada pelas próprias condições sociais e históricas da época.

Ao trabalhar com essa perspectiva das relações de gênero, admite-se, por sua vez, a existência de uma assimetria sexual e a sobreposição de uma visão de mundo masculina, sendo essa universalizada e naturalizada. Nesse processo de divisão arbitrária, toma-se como base as afirmações de Pierre Bourdieu, de modo a entender como as estruturas históricas da ordem masculina eram impostas, dispensando por si só uma justificação. Mais do que historicamente construída, sublinha-se como essa visão androcêntrica era “[...] produto de um trabalho incessante”, formulado por “[...] agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas

⁶⁸³ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, [s. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 25 abr. 2025. p. 89.

⁶⁸⁴ KLAPISCH-ZUBER, 1994, p. 12 *apud* LIEBEL, Silvia. **Demonização da mulher: A construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum**. 2004. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 6.

como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado”⁶⁸⁵.

Ainda que se considere a plasticidade dessas estruturas de dominação, assumindo-as como fluídas, intersectadas e modificadas mediante tempo e espaço, considera-se o caráter “[...] fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” e o “[...] aspecto relacional entre as mulheres e os homens”⁶⁸⁶. Dessa forma, ao admitir que o “[...] gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”⁶⁸⁷, pode-se ler os impressos sobre monstros tendo em mente como, na Inglaterra do século XVII, as mudanças na representação do poder (político ou religioso) também estavam vinculadas à própria organização das relações sociais e da posição das mulheres. Ao direcionar essa perspectiva para a análise dos textos de caráter efêmero, viabiliza-se, pois, uma leitura de como a dimensão feminina era ali representada e como ela pode expor algumas das sutilezas acerca da monstruosidade e das hierarquias de gênero ali erigidas.

De certo, outras produções no campo também servem de ponto de partida para a construção dessa análise, de tal modo a evidenciar os trabalhos de Ashley Wiedenbeck e Diane Purkiss⁶⁸⁸. Ambas as autoras chamaram a atenção para a dimensão feminina na literatura impressa, ao passo em que Wiedenbeck sublinhou como a masculinidade e o patriarcado não eram equiparados no início da Inglaterra moderna. Ao contrário, a autora apontou para a existência de uma complexa rede de dominação, na qual as próprias mulheres também estavam envolvidas. Já Purkiss argumentou como o corpo feminino foi visto como ameaçador e carente de um controle pelos homens, entendendo ainda o “[...] o peso adquirido pelas relações de gênero e dos padrões de masculinidade e feminilidade na consolidação de uma crescente atmosfera de receios e medos sobre as mulheres”⁶⁸⁹.

Nesse prisma, trabalhos como o de Heather Welch⁶⁹⁰ permitem repensar o papel da religião na incorporação de percepções acerca das mulheres, entendendo-as como seres corruptos e marcados pelo pecado original. Ou ainda, ao valer-se da interpretação do corpo como um produto do mundo social, também se chama a atenção para os capítulos de Susan

⁶⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. p. 63-64.

⁶⁸⁶ SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997. p. 349.

⁶⁸⁷ SCOTT, ref. 683, p. 86.

⁶⁸⁸ Referência, respectivamente, às obras *The Natural Mother: Motherhood, Patriarchy, and Power in Seventeenth-Century England*, de 2015 e *Literature, Gender and Politics During the English Civil War*, de 2005.

⁶⁸⁹ REIS, Marcus Vinicius; CARGNELUTTI, Camila. Silenciamentos sobre gênero na historiografia brasileira: Inquisição e feitiçaria na América Portuguesa. **Topoi**, Rio de Janeiro. v. 21, n. 44, 2020. p. 343.

⁶⁹⁰ Alusão ao livro *Unnatural Cruel Beasts in Women's Shapes: The Female Body in Early Modern England* (2020).

Staub e Schroeder Haslem⁶⁹¹ sobre a percepção do útero na Modernidade e a submissão dos órgãos sexuais a um dado controle masculino. É dentro desse quadro que se retomam as contribuições de Silvia Liebel para se pensar o filtro masculino existente na abordagem das mulheres, na medida em que se evidencia o papel da Igreja na demonização feminina por meio de um “[...] processo contínuo de reafirmação estrutural pelas instituições e agentes envolvidos”⁶⁹². Ao debruçar sobre a construção da malignidade feminina em sua monografia, Liebel reitera a projeção de uma visão androcêntrica, na qual “[...] a mulher constitui-se em entidade negativa pelo defeito da ausência das propriedades masculinas”⁶⁹³, sendo isso ancorado pelo próprio fundo intelectual da época.

Já em *Les Médées modernes*⁶⁹⁴, a autora, ainda que dedicada a abordar os *canards* franceses, contribui para a reflexão a ser aqui traçada na medida em que evidenciou como a mulher era representada pela literatura de rua impressa. A exemplo, Liebel indica como determinados crimes eram associados às mulheres na literatura ocasional e como isso estava coadunado à própria “[...] tessitura das relações sociais hierárquicas do tempo”⁶⁹⁵. Desse modo, a autora enfatizou a existência de um discurso moralizador por trás desses textos e o desenvolver de um intenso medo do feminino. Tais compreensões auxiliam a melhor decifrar o papel da cultura escrita nas abordagens sobre essas sujeitas no tempo e o que elas podem dizer a respeito do processo de dominação masculina.

Ao acordar o peso dessas leituras para a construção do capítulo, volta-se às fontes para uma melhor apreensão de qual seria o local atribuído a essas mulheres e qual o papel da agência feminina na geração do monstro. Seria a literatura efêmera uma forma de moralização por meio da associação do monstro às mulheres? Como a responsabilização feminina pode ser pensada diante da teratologia, do fundo filosófico e médico da época e dos atritos políticos e religiosos que se delineavam na Inglaterra do século XVII?

De início, retorna-se ao ano de 1614 e à publicação de um impresso intitulado *True and wonderfull A discourse relating to a strange and monstrous serpent (or dragon) lately discovered* (Um verdadeiro e maravilhoso discurso relacionado a uma estranha e monstruosa

⁶⁹¹ Ambos dispostos no livro *The Female Body in Medicine and Literature*, de 2011.

⁶⁹² LIEBEL, ref. 604, p. 6.

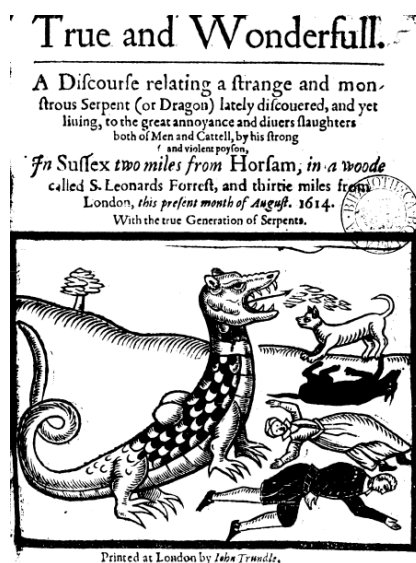
⁶⁹³ *Ibid.*, p. 10.

⁶⁹⁴ Traduzida livremente para: “As Medeias Modernas”. Título original em sua total extensão: *Les Médées modernes: La cruauté féminine d'après les canards imprimés français (1574-1651)*.

⁶⁹⁵ LIEBEL, ref. 87, p. 22. Tradução livre de: “[...] le tissage des relations sociales hiérarchisées du temps”.

serpente (ou dragão) descoberta recentemente)⁶⁹⁶. Com autoria atribuída à A. R.⁶⁹⁷, o texto teria sido impresso em Londres por John Trundle e relatava o surgimento de um monstro como uma punição de Deus face à ação pecaminosa de seus pais. Além de um prefácio ao leitor atestando a veracidade da narrativa, sublinha-se a presença de uma gravura logo na folha de rosto que antecede a história.

Figura 25 - Gravura disposta na folha de rosto do impresso de 1614



Fonte: R. A. **True and wonderfull**. London: Iohn Trundle, 1614. p. 1.

Nela, é possível verificar a representação de uma serpente cuspidando fogo, cuja forma assemelhava-se à de um dragão, bem como um homem e uma mulher deitados no chão, aos pés da criatura. Na parte superior direita, também se visualiza a figura de um cão que é disposto com o que seria um suposto reflexo invertido, logo abaixo de sua representação. Nesse caso, o cachorro retratado na parte inferior da imagem parece aludir para uma condição subvertida do próprio animal, uma vez que esse tem contato com o veneno que sai da boca da serpente. A julgar pela mudança na forma das orelhas, da cauda e da própria coloração entre os dois animais (a exemplo do segundo que passa ser retido pela cor preta), supõe-se uma associação do cão deitado à malignidade da própria serpente monstruosa, de modo que o cenário representado

⁶⁹⁶ Título original e mais extenso: *True and wonderfull A discourse relating to a strange and monstrous serpent (or dragon) lately discovered, and yet liuing, to the great annoyance and diuers slaughters both of men and cattell, by his strong and violent poyson, in Sussex two miles from Horslam, in a woode called S. Leonards Forrest, and thirtie miles from London, this present month of August. 1614. With the true generation of serpents.*

⁶⁹⁷ Sugere-se aqui que tal sigla faz uma referência à Abel Roper, um livreiro em Londres que chegou a ser preso, até obter, segundo Plomer (1907, p. 157), a sua liberdade em 1637.

ressaltava justamente o caráter perverso e nefasto da criatura diante daqueles que estavam perto dela.

Essa gravura, por sua vez, não estava desvinculada da própria narrativa, ao passo em que o texto iniciava a sua trama mencionando a existência de uma “Serpente, um estranho”, que “[...] era agora um vizinho para a população”⁶⁹⁸. É pertinente ressaltar que, nesse caso, a serpente parece assumir mais a posição de uma metáfora para os pecados coletivos, do que meramente um monstro que teria sido encontrado na Inglaterra. Ao dizer que “[...] existiam muitas serpentes na Inglaterra”, o autor reconhece como a criatura era “[...] uma forma pressagiosa”⁶⁹⁹ e um sinal de punição divina. Desse modo, ele elenca como os castigos de Deus eram algo constante e rotineiro perante a população inglesa. Essa conotação coletiva faz pensar em como o monstro era também um indicativo do comportamento da comunidade, bem como um sinal para a necessidade de mudanças de comportamento.

Ao longo de suas páginas, percebe-se ainda como um dos objetivos do impresso era relatar um ocorrido em Sussex, ao passo em que o autor indicava como uma serpente monstruosa teria aparecido nessa região, sendo “[...] uma coisa muito repugnante e terrível para os habitantes”⁷⁰⁰. Além de uma descrição física da criatura encontrada, a história apontava para como ela teria lançado seu veneno, de tal forma que essa “[...] experiência lamentável foi provada no corpo de um homem e uma mulher que vinham por ali, que depois foram encontrados mortos, envenenados e muito inchados”⁷⁰¹. Percebe-se aqui um cruzamento da gravura que antecede o texto com a própria narrativa ali construída. Isso é novamente vislumbrado em relação aos cachorros representados imagneticamente, uma vez que o texto menciona como alguns homens tentaram perseguir a serpente junto de cães selvagens, os quais foram mortos pela criatura. Ou seja, a gravura cumpria a função de justamente ofertar uma representação fidedigna com aquilo que estava sendo noticiado pelo impresso.

Contudo, o ponto central refere-se a como a serpente era interpretada pelo autor. Vista como um sinal, que deveria ser “[...] temida como um Eclipse ou Cometa terrível, cujos efeitos prodigiosos sempre se seguem”, a criatura era entendida como uma manifestação de Deus, a

⁶⁹⁸ A. R. True and wonderfull - A discourse relating to a strange and monstrous serpent (or dragon) lately discovered, and yet living, to the great annoyance and diuers slaughters both of men and cattell, by his strong and violent poyson, in Sussex two miles from Horsam, in a woode called S. Leonards Forrest, and thirtie miles from London, this present month of August. 1614. With the true generation of serpents. London: Iohn Trundle, 1614. p. 3-4. Tradução própria. Tradução livre do original: “*The Subject, a Serpent; strange, yet now a neighbour to vs*”.

⁶⁹⁹ A. R., ref. 698, p. 3-4, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] *there are many Serpents in England*”; “[...] *presaging formes*”.

⁷⁰⁰ *Ibid.*, p. 12, tradução própria. Traduzido livremente de: “[...] *a thing most noisome and dreadful to the Inhabitants*”.

⁷⁰¹ A. R., ref. 698, p. 13, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] *experience it was proved on the bodie of a man and a woman comming that way, who afterward was found dead, being poyson'd and very much sweld*”.

qual servia para “[...] nos dar um aviso de alguns pecados serpentinos que vivem entre nós”⁷⁰². Esse tipo de interpretação não é algo novo nos textos de caráter efêmero que retratam o monstruoso, como visto até então. Todavia, salta aos olhos como a criatura era retratada pelo texto em si. O próprio autor chega a afirmar que “[...] nem a serpente mencionada deveria ser recebida literalmente”⁷⁰³, pois ela seria apenas uma advertência para os homens face às condutas errôneas assumidas pela população. Dessa forma, o foco do impresso não era especificamente no monstro em si, mas sim no caráter indicioso que ele possuía ao sinalizar algo para os leitores que o decifrava.

É aqui, por sua vez, que se volta para o local ocupado pela dimensão feminina no impresso. A serpente era associada no texto a uma “[...] prostituta doente dos Subúrbios”. Além de ser vinculada a determinados pecados, a criatura monstruosa era tida como “[...] venenosa e devorada, filho da cobiça”⁷⁰⁴. Tais elementos abrem um espaço para se pensar como a luxúria, a crueldade e a cobiça eram mobilizadas pela narrativa, de modo que a presença desses afetos refletia não somente uma questão retórica, mas também em como as disposições emocionais eram acionadas para se culpabilizar o surgimento do monstro. E, no geral, esses elementos eram vinculados às mulheres e à propensão sediciosa dos corpos femininos para criarem seres disformes. Ao expor que a serpente tinha a sua origem no pecado de seus pais, percebe-se como a conduta materna, em alguma medida, também contribuía e alocava-se como a culpada para a geração de monstros.

Essa tônica nos sentimentos exacerbados pela criatura monstruosa pode novamente ser visualizada quando o autor menciona a aparência física da serpente, a qual detinha “[...] um semblante muito orgulhoso e, ao ver ou ouvir homens ou gado, erguerá o pescoço ereto e parecerá ouvir e olhar ao redor com grande arrogância”⁷⁰⁵. Não obstante, a criatura é claramente associada aos caluniadores e difamadores, na medida em que o autor assemelha o comportamento da serpente com aqueles indivíduos que, com “[...] seus hálitos, não envenenam frequentemente a reputação e os bons nomes de homens e mulheres honestos”⁷⁰⁶. Percebe-se, assim, uma moralização via impressos, na qual o animal retratado cumpria a função de salientar

⁷⁰² A. R., ref. 698, p. 13, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] to be fear'd as an Eclips or fearefull Comet, whose prodigious effects do always follow”; “[...] to give vs warning of some Serpentine sinnes that live amongst us”.

⁷⁰³ *Ibid.*, p. 15, tradução própria. No original: “Neither is this Serpent (in my opinion) litterall to be receiued”.

⁷⁰⁴ *Ibid.*, p. 16-17, tradução própria. Traduzido livremente de: “[...] the diseased strumpetrie of the Suburbs”; “[...] that poysonous devouring Serpentine son of covetousness”.

⁷⁰⁵ *Ibid.*, p. 12, tradução própria. Tradução livre de: “It is of countenance very proud and at the sight or hearing of men or Cattell, will raise his necke upright, and seeme to listen and looke about with great arrogancy”.

⁷⁰⁶ *Ibid.*, p. 17, tradução própria. Traduzido livremente pela autora: “[...] doe not their breaths often poison the reputation and good names of honest men and women”.

determinados comportamentos que deveriam ser evitados, ao passo em que também condenava certas posturas ali experimentadas.

Isso fica ainda mais claro quando o autor, logo no final do texto, compara as serpentes aos “[...] bêbados”, que também não deixavam “[...] um rastro repugnante atrás deles por onde quer que vão? Vomitam não apenas nos campos, mas nas ruas”⁷⁰⁷. Essa postura de rechaçar a conduta da bebedeira, da luxúria e da arrogância reitera como o monstro exercia uma função didática nos textos, servindo, por vezes, de instrumento de coerção. Não apenas um objeto de instrução, o relato de monstros indicava como os indivíduos, em uma leitura cristã de mundo, acreditavam nesses seres e os viam como um produto das ações imorais, as quais careciam de punição. Dessa forma, por mais maravilhosa e aterrorizante que fosse a serpente, a sua visão “[...] humaniza na exata medida em que moraliza”⁷⁰⁸. Ou seja, esses monstros diziam muito mais sobre a sociedade do que sobre a anomalia ou a deformidade que comportavam.

Entretanto, outro ponto considerável da narrativa refere-se ao fato de que essa função moralizante ou alegórica do monstro estava em uma nítida conexão com a ideia do Pecado Original. Uma vez que se assume o papel instrutivo desses impressos, advoga-se como a serpente ali representava algo bem maior do que apenas uma simples forma monstruosa. Nesse caso, a figura da serpente não pode deixar de ser vinculada à própria história de Eva e à postura feminina de trazer o pecado para o mundo. O próprio jogo de emoções no impresso, como a arrogância, o orgulho e a luxúria, cumpre um certo papel na trama. Argumenta-se, por conseguinte, como a serpente na narrativa estava imbuída de significados que iam além de uma mera representação monstruosa. Ao contrário, aponta-se para uma influência bíblica e para uma vinculação do animal a uma dada posição feminina, que margeava, inclusive, outras construções impressas da época e oportunizava um processo educativo via textos efêmeros.

Isso fica ainda mais evidente quando se pensa diretamente na figura do ser peçonhento. Além de “[...] associada à mulher”⁷⁰⁹, a serpente, segundo Georges Minois, era um símbolo do falo, da penetração e da fecundidade, inquietando e fascinando tal qual as mulheres. Desse modo, a cobra, “[...] comparsa de Eva no pecado da soberba e do engano”⁷¹⁰, é assumida como um animal vinculado a um componente negativo e ao simbolismo de uma dimensão feminina e uma sexualidade, no geral, tidas como malignas. Não por acaso, muitos vícios foram

⁷⁰⁷ A. R., ref. 698, p. 17, tradução própria. Traduzido livremente pela autora: “*Drunkards, is there not a loathsome track left after them where so ever they goe? vomites not onely in the fields, but in the streets*”.

⁷⁰⁸ FERREIRA, Jonatas; MORAIS, Jorge Ventura. O monstruoso: inovação tecnológica e crise do Humanismo. *Perspectivas*, [s. l.], v. 23, 2000. p. 35.

⁷⁰⁹ KAPPLER, ref. 5, p. 391.

⁷¹⁰ FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Raízes do horror medieval ao malefício demoníaco do feminino: alguns casos exemplares. *Itinerários*, [s. l.], n. 47, jul./dez. 2018. p. 153.

representados na forma de serpentes no decurso do tempo, vide o próprio jogo retórico do impresso de 1614 de ligar, metaforicamente, as atitudes viciosas dos ingleses ao surgimento de um animal venenoso. A própria religião cristã, por sua vez, também teve um papel primordial na interpretação desses seres, de modo que o cristianismo nunca esteve isento de narrativas atreladas à monstruosidade ou de menções em relação a cobras e víboras.

Como referência, constata-se como a narrativa bíblica, ao atribuir a expulsão de Adão do Paraíso ao pecado cometido por Eva, salientava o papel da serpente nesse processo. Em Gênesis 3:11-5, ao imputar a responsabilidade do pecado à conduta feminina por ter se deixado levar pelo animal, elenca-se como a mulher é ela própria a perda do homem, e a serpente é ludibriosa na medida em que leva a práticas errôneas, vide:

11 E Deus disse: Quem te disse que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? 12 Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e eu comi. 13 E disse o SENHOR Deus à mulher: Que é isto que fizeste? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.⁷¹¹

A respectiva punição divina que se segue às serpentes também indica, novamente, o caráter sedicioso e maligno que foi associado a esses animais com o passar dos séculos, ao passo em que, em Levítico 11:42, tem-se a condenação desses seres na passagem: “[...] tudo que anda sobre o ventre, e tudo que anda sobre quatro pés, ou que tem mais pés, entre toda criatura que se arrasta sobre a terra, não comereis, porquanto são uma abominação”⁷¹². Consequentemente, urge uma interpretação de que o próprio Pecado Original seria o responsável pela fraqueza na natureza humana – o que auxilia a explicar a multiplicidade dos pecados pessoais e a propensão da sociedade para a má conduta. E a serpente, no caso, seria o elemento-chave na execução dessas posturas equivocadas, sempre à espreita para induzir à queda. Assim, na narrativa impressa de 1614, pode-se identificar como as condutas individuais e coletivas dos ingleses eram assumidas como pecaminosas e passíveis de punição, sendo a presença da serpente monstruosa um componente vinculado a essa narrativa bíblica.

Ainda que a serpente, em outras apreensões religiosas, possa ser retida sob variados aspectos, não necessariamente sendo negativizada, é pertinente mencionar a pluralidade de significados que se alinham a essas criaturas. A exemplo, ela pode ser vista, por vezes, como um sinal de renovação, uma vez que a serpente teria induzido Eva a comer o fruto proibido e, consequentemente, ter conhecimento do bem e do mal no mundo. Todavia, como salienta

⁷¹¹ A BÍBLIA [...], ref. 211, p. 5.

⁷¹² A BÍBLIA [...], ref. 211, p. 190.

Minois, a ação da serpente foi vinculada, em muitas passagens, ao traço de desobediência e tentação, sendo uma marca do cristianismo.

Pode-se extrapolar ainda para como a serpente, ao longo do tempo, foi aproximada da mulher, dado que a reciclagem e reutilização do Gênesis ressoou, no final do século XVI, em uma repressão sistemática do feminino. Essa própria menção à narrativa bíblica pode ser vislumbrada nos impressos do século XVII, de modo que “[...] herdeira da falta cometida pela Eva tentadora e, portanto, viciosa por natureza, a mulher apresentada pela literatura de rua é construída através da justaposição de elementos que a tornam facilmente reconhecível”⁷¹³. Novamente, isso é nítido no impresso de 1614, o qual também começava a sua trama com uma alusão direta à Eva. Ao expor que “[...] embora todas as coisas tenham sido criadas inicialmente boas e úteis ao homem, porque Deus não é o autor de nenhum mal” e que “[...] desde que o mal surgiu do mal de Eva, muitas misérias (como sua maldição) caíram sobre o homem”, acentua-se o papel feminino no cenário lastimável do mundo. Dessa forma, “[...] a Serpente que primeiro era familiar a Deus e útil ao homem, agora se tornou um inimigo mortal e fatal para toda a sua posteridade, assustando a terra com formas monstruosas e prodigiosas”⁷¹⁴.

Ao valer-se da passagem em latim “[...] porque pecamos de muitas maneiras, somos punidos de várias maneiras”⁷¹⁵, o autor também findava o papel da serpente na narrativa por meio de sua associação com o pecado e com a punição divina sobre a Inglaterra. Não obstante, o uso dessa frase logo ao final do texto leva a apontar para a própria influência cristã nas narrativas impressas do século XVII, uma vez que se tem em Ezequiel, capítulo 18, essa mesma ideia do castigo retida pelo trecho: “Os homens serão punidos por seus próprios pecados – Os pecadores morrerão, e os justos certamente viverão”⁷¹⁶. Em outras palavras, a interpretação que prevalecia na época era a de um Deus punitivo que agia perante aqueles que não correspondiam às atitudes de um bom fiel.

Além de alusões diretas a passagens de Eva e Adão no Paraíso, os impressos também apresentavam uma intertextualidade com outras obras. No caso do texto de 1614, verifica-se a menção a escritores clássicos – como Plínio, Aristóteles, Macróbio – a fim de embasar a sua

⁷¹³ LIEBEL, Silvia. Moiras, Erínias e Amazonas - As mulheres da primeira modernidade sob o véu clássico. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013b, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis, 2013. p. 1-8.

⁷¹⁴ A. R., ref. 698, p. 5-6, tradução própria. Tradução livre de: “*And though all things were at the first created good and serviceable to man, because God is not the author of any euill*”; “[...] *since euill sprung from the ill of Eve, many miseries have (as his curse) falne to man*”; “*In so much that the Serpent which first was familiar with Eve, & serviceable to mans use, is now turned a deadly and fatall enemy to all his posteritie, frightening the earth with monstrous and prodigious shapes*”.

⁷¹⁵ A BÍBLIA [...], ref. 211, p. 127

⁷¹⁶ A BÍBLIA [...], ref. 211, p. 127.

própria argumentação sobre os animais peçonhentos. Não por acaso, o autor indicava a correspondência do seu pensamento com aquele fornecido por esses indivíduos, na medida em que afirma: “[...] sou da opinião de Aristóteles, que também Plínio confirmou, de que as serpentes não surgem da putrefação, mas do ato natural da geração”⁷¹⁷. Essa postura auxilia a traçar, mais uma vez, como os produtores de impressos efêmeros estavam, no geral, em contato com uma produção clássica e teratológica⁷¹⁸, a qual escorria para a literatura de rua como forma de sustentar e legitimar o que era exposto.

Esse contato com a cultura greco-romana pode ser ainda mais amiudado quando se focaliza no momento em que o texto acima, de 1614, menciona o caso de “[...] Faustina, a imperatriz” para exemplificar a existência de criaturas venenosas, as quais apontariam para a natureza pecaminosa dos humanos. Segundo o autor, a jovem “[...] sonhou, quando estava grávida, mas muito prodigiosamente, que deu à luz duas serpentes, e uma delas parecia ser mais feroz que a outra, o que provou ser alegoricamente verdadeiro”⁷¹⁹. Daí resultaria, portanto, o nascimento de duas crianças: “Cómodo, seguido de seu filho mais novo”, o qual se revelou “[...] tão tirano e bárbaro, que parecia ter nascido um prodígio para a destruição da humanidade”⁷²⁰.

Vale ressaltar que a serpente aqui é utilizada pelo autor como uma alegoria para tratar das verdadeiras crianças que nasceram da Imperatriz, sendo ainda um indício da respectiva tirania incorporada pelo filho mais novo de Faustina. A própria história desses imperadores romanos contribui para reforçar essa representação do animal peçonhento e a sua seguinte associação à malignidade da prole, uma vez que o governo de Cómodo foi marcado, de fato, por uma usurpação do poder, ao passo em que o seu “[...] reinado reacendeu tensões políticas remanescentes do 1º século”⁷²¹. Desse modo, a serpente não era meramente um animal

⁷¹⁷ A. R., ref. 698, p. 6, tradução própria. Traduzido livremente do original: “*Quia deliquimus in multis, punimur in multis*”; “*I am of Aristotles opinion, which also Pliny confirmeth, that Serpents arise not from putrifaction, but by the naturall act of generation*”.

⁷¹⁸ Liebel (2013a, p. 2) também explorou como os produtores desses discursos impressos normativos eram homens, em especial, cidadãos, cujos textos mostram um forte interesse na cultura clássica ou nas discussões teológicas. Desse modo, eles se embasavam não somente nos acontecimentos do cotidiano, mas também na literatura clássica e na mitologia cristã.

⁷¹⁹ A. R., ref. 698, p. 7, tradução própria. No original: “*Faustina the Empresse*”; “[...] dreamed, when she was with childe but very prodigiously, that she brought forth two Serpents, and one of them seemed to be more fiercer then the other, which proved allegorically true”.

⁷²⁰ *Ibid.*, p. 7, tradução própria. Tradução livre de: “*Comodus afterwards her youngest sonne*”; “[...] was so tiranicall and barbarous, that he seemed to be borne a prodigie to the destruction of mankind: and thus much for their originall, naturall and prodigious”.

⁷²¹ HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony; EIDINOW, Esther (ed.). **The Oxford Classical Dictionary**. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999. p. 1328. Tradução própria. Tradução livre de: “*His reign reawakened political tensions reminiscent of the 1 st cent*”.

monstruoso no texto, mas uma representação alegórica, a qual se portava como um sintoma e um prenúncio dos vícios ali dispostos.

Esse argumento fica ainda mais notório quando se observa que o autor atribuiu o surgimento desses seres “[...] não à natureza da terra, mas à natureza pecaminosa dos homens”. Em consonância, a fim de exemplificar o que era exposto, a narrativa assinalava como na região da “[...] Frígia e Etiópia há muitos dragões e serpentes”, de modo que essas espécies “[...] estavam, como afirma Agostinho, nos lugares ocultos da terra: e não apenas em países estrangeiros e muito remotos: mas também em nações vizinhas e quase distantes”⁷²². Ao mencionar esse caso, chamava-se atenção não somente para a conduta social e religiosa da sociedade, mas também para o papel de outras localidades e seus povos na geração do monstro. Consequentemente, o surgimento desses animais estava intimamente sintonizado com as condições humanas em um dado tempo e espaço.

Nessa ótica, segundo o impresso de 1614, regiões externas à Europa eram assumidas como frutíferas em serpentes devido à presença de pecadores nesses territórios, sendo a quantidade de animais venenosos ali encontrados algo que apontava para isso. Para tanto, o uso dos clássicos e de determinados filósofos cumpria um papel de justamente amparar o que estava sendo discutido pelo texto, reiterando, por sua vez, a argumentação acerca do surgimento de monstros. Percebe-se, aí como a narrativa era imbuída de um jogo de alteridade, na qual a leitura do monstro acentuava como os europeus lidavam com a figura do outro. Como visto no capítulo anterior, o diferente e o adjacente à Inglaterra eram passíveis de uma monstificação.

Essa interpretação sobre o monstro somava-se à ideia de que os nascimentos ou surgimentos monstruosos estavam conectados a um específico fundo religioso-moral, no qual a crença em um cenário de devassidão e pecaminosidade era vinculada, sobretudo, à figura feminina. Nessa ótica, percebe-se uma construção retórica que acentuava o local ocupado pelas mulheres nos impressos e o seu papel, ainda que implícito, na aparição do ser anômalo. Tomemos como ponto de partida o caso do texto acima, de 1614. Mais do que um enfoque no pecado original e na geração dos filhos da imperatriz romana, chama-se atenção para como o relato de Faustina trazia à tona questões relativas à imaginação feminina que acometia o processo de gravidez. Uma vez que o nascimento da serpente era atribuído no documento a um sonho tido por Faustina, pode-se visualizar como o texto esbarrava na crença de “[...] uma teoria

⁷²² A. R., ref. 698, p. 7, tradução própria. Tradução livre de: “[...] *which I ascribe not to the nature of the earth, but the sinfull nature of men*”.

associada, que ligava a mente e o corpo”, a qual “[...] atribuía os nascimentos monstruosos a uma imaginação ardente e obstinada que a mulher tem enquanto concebe o seu filho”⁷²³.

Essa postura, todavia, não era algo exclusivo desse impresso de 1614, mas sim de uma apreensão da época na qual a “[...] imaginação da mulher mimetiza horrores, pois ao ver figuras disformes ela gera seres distorcidos”⁷²⁴. Ambroise Paré, em seu livro *Des monstres et prodiges*, chega a elencar treze causas das possíveis e “[...] várias coisas que causam os monstros”, sendo “[...] a quinta, a imaginação”⁷²⁵. Para ele, a mente da mãe, durante a cópula e o processo de gestação, assumia uma posição crucial no nascimento do monstro, de modo que a conduta feminina deveria ser, por sua vez, observada. Não por acaso, a oitava causa apontada pelo cirurgião francês fazia alusão à postura da mulher durante a gravidez e ao fato de que a “[...] queda ou golpes sofridos contra o útero da mãe, estando grávida”⁷²⁶ poderiam levar ao surgimento de seres monstruosos. Ao comentar sobre o útero, ele ainda completou a sua argumentação, afirmando que o “[...] local da concepção” impactava na produção do feto, na medida em que a “[...] conformação ou disposição maligna causará um nascimento monstruoso”⁷²⁷.

Apesar das contribuições de teratologistas do período, esse imaginário também não é vislumbrado somente na Modernidade, uma vez que se encontram afirmações já em Aristóteles sobre a imaginação da mulher e a semelhança da prole. Essa percepção foi reciclada e reutilizada no tempo, ao passo em que

[...] com Santo Agostinho ficou, portanto, instituído, com o peso de *auctoritas* (autoridade), que o poder da imaginação feminina torna-se suscetível de ser aproveitado pelo Demônio para as suas artimanhas e criações contrárias aos procedimentos normais instituídos por Deus na natureza, gerando, inclusive, as mais hediondas criaturas e fenômenos teratológicos⁷²⁸.

Com isso, constata-se como essa perspectiva acerca do poder da mente das mulheres “[...] ganhou força nos séculos XVII e XVIII”⁷²⁹. Além de um contexto de especulações sobre a geração da vida e de incertezas sobre a real paternidade dos filhos, as postulações sobre a

⁷²³ CRESSY, ref. 489, p. 38, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] an associated theory, linking mind and body”; “[...] attributed monstrous births to ‘an ardent and obstinate imagination which the woman hath while she conceives her child’”.

⁷²⁴ ROMANO, ref. 447, p. 213.

⁷²⁵ PARÉ, ref. 428, p. 3, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] several things that cause monsters”; “The fifth, the imagination”.

⁷²⁶ PARÉ, ref. 428, p. 3, tradução própria. Tradução livre do original: “The eighth, through a fall, or blows struck against the womb of the mother, being with child”.

⁷²⁷ *Ibid.*, p. 175, tradução própria. Tradução livre de: “[...] place of conception, the evill conformation or disposition whereof, will cause a monstrous birth”.

⁷²⁸ FONSECA, ref. 710, p. 159.

⁷²⁹ WEINSTOCK, ref. 200, p. 10, tradução própria. Tradução livre de: “[...] gained traction in the seventeenth and eighteenth centuries”.

existência de impressões maternas se viram ainda mais evidentes, sendo adicionadas à crença de que a conduta errônea feminina era o que facultava o nascimento monstruoso. O monstro despontava, dessa forma, como “[...] uma linguagem materna, ou função linguística, centrada inteiramente no significante, no exercício de uma imaginação que comunica um desejo figurativo à criança ainda não nascida”⁷³⁰. E o papel da teratologia da época era o de justamente reforçar tal crença no “[...] poder imaginativo no momento da concepção, que é de tal força que imprime o caráter da coisa que está sendo imaginada na criança”⁷³¹.

Cabe salientar ainda como essa interpretação da mente feminina em relação ao nascimento de monstros foi coadunada à respectiva representação das mulheres como seres sediciosos e pecaminosos por natureza, passíveis de gerarem monstros. A própria “[...] essência negativa do feminino”, que foi “[...] alimentada pela longa tradição misógina cristã”⁷³², vide os trabalhos de Tomás de Aquino e outros discursos religiosos⁷³³, teria contribuído para uma suspeita em relação ao corpo da mulher e à aceção de que os órgãos femininos eram locais de erros, ilusões e mentiras. Desse modo, a concentração de um inimigo simbólico na visão da mulher, conforme alude Silvia Liebel, teria fomentado uma leitura interpretativa que alocava as mulheres como vingativas, ambiciosas e viciosas, sendo os impressos um meio de difusão dessa crença. “Fundadas sobre os preconceitos do tempo”, tais narrativas mobilizavam, portanto, “[...] paixões na prática discursiva”, corroborando “[...] para a construção de um dado imaginário”⁷³⁴, sobretudo em relação à posição feminina na sociedade.

No caso das fontes apreendidas por esta pesquisa, fica nítido como o monstro era assumido como o resultado direto de um pecado cometido pela mente feminina, o qual se via transmutado no próprio corpo disforme do feto. Não por acaso, em muitas dessas narrativas, o nascimento monstruoso e o seu porte anômalo eram associados à presença de um adultério ou traição por parte da mulher, reiterando a própria natureza lasciva dessas personagens. O caso do impresso de 1614, o qual menciona a imperatriz Faustina, fornece importantes ganhos para

⁷³⁰ HUET, ref. 342, p. 53-54, tradução própria. Tradução livre da autora: “[...] is thus a maternal language, or linguistic function, centered entirely on the signifier, in the exercise of an imagination that communicates a figurative desire to the unborn child”.

⁷³¹ PARÉ, ref. 428, p. 175, tradução própria. Tradução livre de: “[...] the imaginative power at the time of conception, which is of such force that it stamps the character of the thing being imagined upon the child”.

⁷³² LIEBEL, ref. 87, p. 169, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “Cette essence négative du féminin, alimentée par la longue tradition misogyne chrétienne”.

⁷³³ Silvia Liebel (2004, p. 14) chama a atenção para como “[...] a inferioridade da mulher no cristianismo foi justificada principalmente pelas Epístolas de São Paulo e pelo relato do *Gênesis*”, ao passo em que o medo da crueldade feminina foi propagado pela literatura de rua, levando a construção de determinados arquétipos sociais sobre as mulheres.

⁷³⁴ LIEBEL, Silvia. A queda da Marquesa D’Ancre impressa dos dois lados do Canal da Mancha (1617). **Rev. História**, São Paulo, n. 183, 2024. p. 22.

se pensar tal assertiva. Ao acusar a moça de parir duas serpentes, em uma nítida alusão aos seus filhos tirânicos, o autor do texto destina um foco para a postura de Faustina enquanto mãe e esposa na época. Isto é, mais do que uma ênfase no animal peçonhento que aparece no parto ou no comportamento dos seus filhos, atesta-se um registro indireto no que diz respeito ao casamento e à gravidez da protagonista.

Ainda que não seja explicitamente mencionado pelo impresso, sabe-se que a reputação que precedia a imperatriz já era algo digno de dúvidas na época. Segundo autores, “[...] a lealdade de Faustina, bem como sua fidelidade conjugal estavam sujeitas a questionamentos, principalmente em relatos de que ela encorajou a rebelião de Avídio Cassio”⁷³⁵. Isto é, a imperatriz era tida, previamente, como sediciosa, tendo a sua figura atrelada ao incentivo de revoltas e a casos de adultério com marinheiros e gladiadores. O próprio “[...] filho, Cômodo, foi alegado ser ilegítimo”⁷³⁶. Desse modo, pode-se ponderar que a presença do caso de Faustina na trama não se deu ao acaso no processo de produção do impresso. Ao contrário, parece ter sido uma escolha precisa do responsável pela escrita do texto para enfatizar um dado comportamento. Além de exemplificar o papel da imaginação materna desencaminhada, o autor reforçava, por meio dessa história, a visão de que o surgimento do monstro se dava em compasso com o pecado do adultério moral cometido pela mulher.

Tratados da época também reforçavam o elo entre o poder da mente feminina e a traição, de modo que Pierre Boaistuau, em *Histoires Prodigieuses*, atribuiu o nascimento de monstros a casos de adultério e de má postura por parte das mães. Nesse sentido, os seres monstruosos seriam uma “[...] mensagem moralizadora aos pecadores”⁷³⁷, em especial às mulheres. Ambroise Paré, na mesma linha, também argumentou como o

[...] poder imaginativo no momento da concepção, que é de tal força que imprime o caráter da coisa que está sendo imaginada na criança: de modo que os filhos (...) de uma adúltera podem ser semelhantes ao seu próprio marido, embora gerados por outro homem; o que é causado pela força da imaginação que a mulher tem do seu próprio marido no ato da cópula⁷³⁸.

⁷³⁵ BIRLEY, 1987 *apud* HORNBLOWER; SPAWFORTH; EIDINOW, ref. 721, p. 99. Tradução própria. Tradução livre do original: “Faustina’s loyalty as well as her marital fidelity were subject to question, not least in reports that she encouraged the rebellion of C. Avidius Cassius”.

⁷³⁶ *Ibid.*, p. 99, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] and a son, ‘Commodus’. The latter was alleged to be illegitimate”.

⁷³⁷ BATES, 2005a, p. 72, tradução própria. Tradução livre de: “[...] moralising message to sinners”.

⁷³⁸ PARÉ, ref. 428, p. 175, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] imaginative power at the time of conception, which is of such force that it stamps the character of the thing being imagined upon the child: so that the [...] children of an adultresse may be like unto her owne husband though begotten by another man; which is caused through the force of the imagination which the woman hath of her owne husband in the act of coition”.

Percebe-se, pois, como o corpo feminino não era lido apenas como enganoso, mas até mesmo incerto, sendo não só capaz de trair, mas também de impedir a real comprovação da paternidade dos filhos. Com isso, a mulher poderia imaginar um bebê parecido com o seu marido, ainda que ele não fosse o progenitor, e mascarar a traição. Visualiza-se, assim, como essa preocupação com a infidelidade era algo constante do período, de modo que a ausência de semelhanças entre o filho e o pai poderia ser lida como um sinal da depravação feminina. Em uma época em que não se poderia atestar o real laço sanguíneo entre a prole e o seu suposto genitor, a crença no poder imaginativo da mulher, em conjunto à percepção da imoralidade feminina, tornava ainda mais evidente o receio do corpo da mulher e a possibilidade de nascimento de monstros. Consequentemente, são reforçados culturalmente, os preconceitos contra o feminino, buscando garantir o controle sobre o corpo daquela que, ao contrário do pai, sempre é identificável por gestar e parir.

Em outros casos, como argumenta Marie-Hélène Huet, a ideia de uma imaginação materna como causa para a deformidade fetal também se cruzava com a própria ideologia dos iconoclastas. Uma vez que se pressuponha o poder da mente na produção da criança ainda no ventre da mãe, muitos relatos da época apontavam para os perigos do contato das mulheres com determinadas imagens durante a procriação ou gestação. Desenvolvia-se, com isso, a crença de que o fascínio feminino com certas reproduções imagéticas poderia levar à produção de monstros. Quando se extrapola essa reflexão para a Inglaterra e se considera o local conflituoso das imagens em sociedades que experimentaram movimentos de reformas religiosas, pode-se supor como esse vínculo entre os monstros, o imaginário acerca das mulheres e o acesso a produções visuais foi ainda mais aguçado. Uma vez que se colocava em xeque a relação da sociedade face à sua produção imagética, esbarrava-se em assuntos ligados à sexualidade feminina e ao controle daquilo que era ou não consumido pelas mulheres. Desse modo, o monstro poderia ser lido, em muitos casos, como “[...] triste reflexo de outra imagem, um desejo não realizado, o duplo pecado da idolatria e do adultério moral”⁷³⁹.

Defronta-se aqui com uma produção impressa de caráter efêmero que ressaltava as próprias ansiedades sociais em relação aos corpos femininos. Além de uma tônica no monstruoso, argumenta-se como essas narrativas vociferavam questões relativas ao gênero e a própria crença em um Deus punitivo. Delineados pela menção ao pecado original e a passagens bíblicas, esses textos apontavam para um nítido fundo religioso que impactava não somente na percepção do monstro, mas também em sua apreensão social e sua posição perante as mulheres

⁷³⁹ HUET, ref. 342, p. 30, tradução própria. Tradução livre de: “[...] *sad reflection of another image, an unfulfilled desire, the twofold sin of idolatry and moral adultery.*”.

e a Igreja. Todavia, resta indagar: como esses relatos abarcavam a experiência coletiva de outras mulheres no surgimento ou nascimento do monstruoso?

Volta-se o olhar para uma outra produção impressa, de autoria anônima, datada de 1609. Publicado em Londres, o texto pode ser encontrado com o título *Strange Newes out of Kent, of a Monstrous and misshapen Child, borne in Olde Sandwitch, upon the 30. of Iulie last, the like (for strangenes) hath neuer beene seene* (Estranhas notícias de Kent, de uma criança monstruosa e disforme, nascida em Old Sandwitch, no dia 30 de julho passado, o que (por estranheza) nunca se viu nada parecido). Destinado a relatar o nascimento de um monstro na região, a narrativa já atribuía, de início, como esse episódio era uma resposta de Deus à população, uma vez que ele estava “[...] altamente ofendido conosco”⁷⁴⁰. Além do tom coletivo do impresso e da seguinte menção à presença de testemunhas oculares, salienta-se como a construção da história era muito semelhante à de outros impressos do mesmo período. Apesar dessa uniformização na acepção do monstro e na estrutura do texto, o que chama a atenção no impresso de 1609, por outro lado, é a representação que ele constrói sobre a jovem que gera o monstro, bem como o local feminino ocupado por outras mulheres na história.

Conforme apresentado pelo autor anônimo, em julho de 1609 uma jovem, “[...] bonita e decentemente vestida”, teria aparecido grávida, “[...] desejado socorro de uma velha senhora de bom coração” na região⁷⁴¹. Além da tônica na natureza, aparentemente, recatada da moça, o impresso demonstrava como a questão da piedade feminina era acionada no momento do parto, uma vez que a senhora teria concedido um quarto para alojar a gestante. Essa ação misericordiosa enfatiza não somente uma solidariedade por parte da dona da casa em ceder abrigo, mas também em como existia, no geral, uma coletividade no que diz respeito à maternidade. Não por acaso, a narrativa indicava como a senhora “[...] imediatamente chamou suas vizinhas, sendo todas mulheres de boa índole em tais negócios”⁷⁴².

Salienta-se, portanto, o papel das sociabilidades femininas nesse texto, em especial, o local da vizinhança e das parteiras. Conforme assinala o impresso, ao perceberem o estado da jovem, as mulheres “[...] olhavam espantadas umas para as outras, até que uma boa esposa [...] foi chamada, sendo uma parteira de natureza gentil e de boa experiência”. Ao qualificar a reputação da parteira, o autor apontava ainda para a destreza da moça, que “[...] tão astutamente

⁷⁴⁰ STRANGE nevves [...], ref. 468, p. 3, tradução própria. Tradução livre de: “[...] highly offended with us”.

⁷⁴¹ STRANGE newes [...], ref. 468, p. 3, tradução própria. Tradução livre de: “[...] handsome, and decently apparelled”; “[...] desired succour of this kind-harted old woman”.

⁷⁴² Ibid., p. 3, tradução própria. Tradução livre de: “[...] immediatly called in her neighbours, being women all of a willing forwardnes in such a business”.

mostrou sua habilidade, com a mão amiga de Deus”⁷⁴³. Apesar dessa necessidade de se ressaltar a postura da parteira, dado que a imagem social da mulher era importante perante a comunidade, sublinha-se como o momento do parto era algo coletivo no século XVII na medida em que contava com o envolvimento de mais de uma figura feminina. Como esboça Adrian Wilson, o processo de parto e da gestação eram objetos de controle coletivo na época, de modo que a presença de outras mulheres tomava conta do espaço, caracterizando tal episódio como “[...] um evento tanto corporal quanto social”⁷⁴⁴.

Essa presença feminina no processo do parto também fazia parte de um universo comum aos impressos da época, sendo representada tanto textualmente como imageticamente. No texto de 1675, o qual narrava o nascimento de um fenômeno monstruoso na região de Hampshire, verifica-se a menção a répteis e animais venenosos, bem como ao peso das parteiras no processo de concepção. Com o título *The wonder of wonders* (A maravilha das maravilhas), o autor demonstrava como uma jovem teria dado à luz a três seres vivos: sendo um deles “[...] um sapo vivo”, que foi lido como uma “[...] criatura repugnante de se ver”, e outros dois corpos: “[...] uma serpente e uma criança morta”⁷⁴⁵. Assumida como um monstro, a serpente teria sido acusada ainda de devorar a criança e provocar o seu falecimento, sendo a sua existência uma comprovação de que “[...] Deus nos envia essas maravilhas estranhas para fazer nossas vidas melhorarem”⁷⁴⁶.

Contudo, mais do que uma atenção à presença da serpente, sublinha-se como o momento do nascimento era retratado por meio de uma gravura na folha de rosto, de modo a anteceder a narrativa e de ilustrar o que viria a ser reportado.

⁷⁴³ *Ibid.*, p. 4, tradução própria. Traduzido livremente pela autora do original: “[...] amazedly they looked one of another, til such time as one goodwife [...] was sent for, being a Midwife of a milde nature, and of good experience”; “[...] so cunningly shewed her skill, that with the helping hand of God”.

⁷⁴⁴ WILSON, Adrian. *The Making of Man-Midwifery: Childbirth in England, 1660–1770*. Londres: Routledge, 1995. p. 21.

⁷⁴⁵ LANFIERE, Thomas. *The wonder of wonders, or, The strange birth in Hampshire being an exact, true and perfect relation of one A.B. living in a country parish neer the town of Rumsey in Hampshire, relating how the said person was strangely brought to bed the 18th of November last with a live toad, a terrible serpent, and a dead child having some part of its head and face and othe parts devoured by the serpent in the mothers womb ...* tune of, My bleeding heart. London: printed for J. Hose and E. Oliver, 1675. p. 1. Tradução livre de: “*Was a live toad [...] loathsome creature to behold*”; “*Serpent and a dead child*”.

⁷⁴⁶ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Tradução livre da passagem em original: “*Stange wonders God to us doth send, For to make us our lives amend*”.

Figura 26 - Imagem da folha de rosto do impresso "The wonder of wonders", de 1675



Fonte: LANFIERE, Thomas. *The wonder of wonders*. London: printed for J. Hose and E. Oliver, 1675. p. 1.

Pela gravura acima, percebe-se como a grávida é representada em um espaço adornado por outras mulheres, as quais dominam a cena do parto. Na lateral esquerda, deitada sobre a cama, o seu semblante também indicava uma espécie de agonia e dor, atreladas sobretudo às criaturas que ela teria acabado de dar à luz. Já no canto direito é possível ver a atividade das mulheres que se unem em torno dos recém-nascidos, sendo esses representados por uma serpente e uma criança disforme. A própria expressão facial dessas personagens enfatizava o caráter de susto e pânico diante do cenário disposto, ao passo em que também reiterava o trabalho das parteiras e da comunidade no processo. Não por acaso, o texto de 1675 indica como “[...] as vizinhas vieram com agilidade” e “[...] a parteira veio com boa vontade, para usar sua principal arte e habilidade”⁷⁴⁷. Ou seja, jazia ali uma dimensão feminina que controlava a cena do nascimento, desde o suporte à gestante até a identificação e descrição do monstro⁷⁴⁸.

Anos depois, isso também aparece em um outro impresso datado 1682, o qual se propunha a narrar um nascimento monstruoso na região de Exeter. Logo no início da trama, o

⁷⁴⁷ LANFIERE, ref. 745, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “*The neighboring women came with speed*”; “*The Midwife she came with good will, To use her chieftest art and skill*”.

⁷⁴⁸ É relevante mencionar ainda que as próprias parteiras faziam parte de uma esfera muito mais ampla e ilimitada. Como demonstra Adrian Wilson (1995, p. 60), as parteiras não eram restritas somente ao parto, mas participavam do que hoje se entende como “[...] cuidados do pré-natal”, ao passo em que também se faziam presentes em batismos e outros tipos de celebrações de caráter religioso e social. Desse modo, “[...] a gestão do parto estava no centro das suas atividades, mas representava um ponto de partida e não um limite da prática”. Não é à toa que elas realizavam medicina, cirurgia, atividades de cura e sangrias, podendo ajudar mães solteiras ou nascimentos ilegítimos.

texto já apontava para o local das mulheres no relato de ocorrências maravilhosas, na medida em que, para o autor, “[...] é verdade que, no que diz respeito às mulheres cuja sorte é serem as primeiras descobridoras, são geralmente as primeiras relatoras”⁷⁴⁹. As personagens femininas eram as responsáveis pelo contato direto com os nascimentos e, em seguida, pela notícia desses casos para as autoridades, sendo as porta-vozes do que se passava no quarto do parto.

Contudo, diferente do impresso de 1675, a centralidade destinada à agência feminina pelo impresso de 1682 ressaltava uma dualidade em relação à figura dessas sujeitas. Uma vez que elas detinham o primeiro contato com o bebê e com o universo maternal, tais mulheres passavam a ser vistas como suspeitas, sendo os seus próprios relatos desacreditados pelo autor. A exemplo, o texto enfatizava o caráter ludibrioso e interesseiro da mulher ao comentar sobre o nascimento de monstros, caracterizando esses relatos femininos como “[...] histórias de mulheres contadas para revelar seus próprios equívocos e medos; ou então as ficções de fofoqueiros maldosos para desgraçar seus vizinhos”⁷⁵⁰. Isto posto, por mais que o parto fosse apreendido dentro de uma dimensão feminina, as afirmações sobre as parteiras, as vizinhas e as grávidas não deixavam de coexistir com a crença de que as mulheres eram ardilosas e que agiam para difamar socialmente alguém. Esse alerta feito pelo impresso ressaltava como o próprio parto era objeto de atenção pelos homens, de modo a levantar dúvidas e desconfiças em relação à ação feminina.

Argumenta-se, assim, como o parto deve ser situado dentro de um contexto cultural específico, sendo a maternidade algo que ia além da casa e dos ambientes privados. Ela era por si só um elemento intrínseco às políticas de gênero e à posição assumida pelas mulheres – grávidas ou parteiras – na Inglaterra do século XVII. Além de ser um aspecto da feminilidade, a dimensão da maternidade também correspondia aos jogos de tensão, ansiedade e negociação que tangenciavam a masculinidade e as hierarquias de gênero. Nessa ótica, o momento do parto era também uma ocasião de autoridade feminina, ao passo em que abria espaço para a contestação e imaginação masculina. Ashley Wiedenbeck, acerca desse tópico, reiterou como “[...] o corpo materno, tanto literal quanto figurado, era considerado um local ameaçador que

⁷⁴⁹ A TRUE relation of the birth of a monster born at exeter, having two perfect heads, one head standing right as it should , the other being in the right shoulder, just as you see the figure here printed, a draught of it being sent up in a letter from a person of repute and integrity, who lived not far from the place where it was born, and was both an eye and an ear witness to the truth of what he writ : it was born the 5th of this instant October, 1682, and lived not long, but was buried and taken up again the 10 instant, and many hundreds now resort to see it. London: [s. n.] printed for W. Davis, 1682. p. 2. Tradução própria. No original: “True it is, that in regard Women, whose hap it is to be the first Discoverers, are generally the first Reporters”.

⁷⁵⁰ A TRUE RELATION [...], ref. 749, p. 2, tradução própria.

os contemporâneos passaram muito tempo tentando circunscrever, controlar e condenar”⁷⁵¹. Em síntese, ele dizia respeito não só da relação entre a prole e os seus genitores, mas à própria desordem ou ordem da sociedade inglesa.

Adentrar nessas narrativas concede, pois, uma atenção às sutilezas que os impressos transmitiam no que diz respeito às mulheres, aos jogos de poder e à construção das redes de dominação feminina. Além de um fundo religioso, o caráter moralizador e didático desses materiais reforçava como o parto, a maternidade e os corpos femininos eram também locais de disputas e suspeitas. Por outro lado, essas produções efêmeras não se viam descoladas das postulações e pareceres de médicos, padres ou filósofos da época. Desse modo, cabe indagar: como a monstruosidade e a posição das mulheres na geração do monstro eram apreendidas pela teratologia e poderia escorrer para os impressos? Ou melhor, qual a contribuição desse fundo teratológico para a interpretação do feminino?

5.1 A maternidade segundo a teratologia moderna

A construção dos impressos efêmeros sobre nascimentos monstruosos chama a atenção para um outro ponto importante em relação às mulheres: a questão da dor sentida pelas grávidas e as possíveis leituras que se pode fazer acerca desse processo. Constantemente, verifica-se uma ênfase nos impressos do século XVII em se mencionar como a “[...] mulher em trabalho de parto com dor e sofrimento”⁷⁵² enfrentava grandes e fortes tormentos. Essas experiências vivenciadas pelas personagens no momento da concepção fazem ponderar sobre como a própria teratologia da época abordava os corpos femininos e como a maternidade e a gestação poderiam ser representadas pela cultura impressa, evidenciando, por vezes, uma leitura bíblica sobre a dor do parto e uma visão negatizada do útero – correlacionadas, em um último caso, com o ato de gerar o monstro.

Para tal análise, volta-se ao impresso de 1609, *Strange News out of Kent*, brevemente analisado no tópico anterior. Além de noticiar um nascimento monstruoso, cuja criança

⁷⁵¹ WIEDENBECK, Ashley Erin. **The Natural Mother: Motherhood, Patriarchy, and Power in Seventeenth-Century England**. 2015. Dissertation (Degree Doctor of Philosophy) – Arizona State University, Tempe, 2015. p. 3. Tradução própria. Tradução livre de: “[...] maternal body, both literal and figurative, was deemed a threatening site that contemporaries spent a great amount of time attempting to circumscribe, control, and condemn”.

⁷⁵² LANFIERE, ref. 745, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “[...] child-bed woman with pain and woe”.

deformada “[...] era muito estranha e terrível de se ver”⁷⁵³, o texto elencava ainda outros aspectos do momento do parto, o qual teria sido vivenciado por algumas mulheres da região. Ao descrever a aparência física do bebê recém-nascido, que já teria nascido morto, o impresso ressaltava como a mãe teria enfrentado muita dor e um “[...] árduo esforço”⁷⁵⁴ no processo do parto. Uma das possíveis leituras para isso alude, por sua vez, para a natureza monstruosa do ser concebido e o caráter punitivo desse nascimento, ao passo em que ele era lido como um castigo diante dos erros cometidos pela humanidade. O texto, inclusive, atribui tal episódio a uma ação divina, na qual “[...] Deus teria sua justiça no afastamento da natureza por nossos pecados aqui mostrados”⁷⁵⁵.

Por outro lado, essa questão da dor carece de uma maior atenção, porque tal percepção de padecimento era representada no impresso como algo vivenciado e sentido pela grávida, quando, na realidade, era muitas vezes medido por um agente externo, o qual reportava o fenômeno por meio das expressões físicas e corporais às quais ele tinha acesso. Quem notava e representava a sensação da mulher eram as outras pessoas ao redor do parto; afinal, a própria grávida não tinha voz ou fala na maior parte das narrativas. Desse modo, reconhece-se, de início, como existia também um componente imaginativo em relação aos episódios de se conceber uma criança, uma vez que a dor feminina só poderia ser aferida por meio de testemunhos oculares e da imaginação de outras pessoas a respeito.

No impresso de 1688, a dor do parto é ela própria tida como algo absurdo, ao passo em que se relata como “[...] uma certa mulher [...] caiu em trabalho de parto, e depois de três dias de espaço de tempo [...] finalmente ela deu à luz um monstro muito estranho e grosseiro”⁷⁵⁶. Contudo, ao frisar esse processo, o próprio autor (anônimo) deixava claro no texto como esses tormentos femininos só foram apreendidos por meio de abstrações externas, de modo a elencar, explicitamente no documento, que essas “[...] dores excessivas que não podem ser ditas, e só podem ser expressas pela imaginação”⁷⁵⁷.

⁷⁵³ STRANGE nevves [...], ref. 468, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “[...] for it was most strange & dreadful to behold”.

⁷⁵⁴ STRANGE nevves [...], ref. 468, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “[...] diligent pain”.

⁷⁵⁵ STRANGE nevves [...], ref. 468, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “[...] that God would have his Justice in the estranging of nature for our sinnes here shewen”.

⁷⁵⁶ THE STRANGE monster or, true news from nottingham-shire of a strange monster born at Grasly in Nottingham-shire, three miles from Nottingham with a relation of his strange and wonderful shape, the time his mother was in travail with him, with several other things of note. Together with a brief relation of several monstrous and prodigious births which happened heretofore in this our nation. Licensed according to order. London: printed by Peter Lillierap, 1688. p. 4. Tradução própria. Tradução livre de: “A certain woman an inhabitant [...] fell in Travail, and after three days space of time [...] delivered of a most strange and uncouth Monster, to the great admiration and astonishment of all the beholders then present”.

⁷⁵⁷ THE STRANGE [...], ref. 756, p. 4, tradução própria. Tradução livre de: “[...] great torments and excessive pangs not to be utter'd, and can only be expressed by imagination”.

Essa ênfase nas sensações experimentadas pela mãe – como as dores, tormentos ou aflições – também abre espaço, por outro lado, para se considerar como a própria narrativa bíblica permeava esses textos, ainda que indiretamente. Uma vez que se considera a interpretação dos monstros como um sinal divino, pode-se alegar que essa culpa assumida pelas mulheres nas histórias as condicionava a um momento de agonia no parto. Argumenta-se aqui que o dissabor sentido pelas mulheres nas narrativas estava intimamente ligado ao caráter monstruoso dos seres por elas engendrado e a percepção sobre o parto na época. Ou seja, tais dores, no momento do nascimento monstruoso, podem ser pensadas como uma espécie de punição para as mulheres, justamente pelos pecados que antecedem a gestação. O próprio trecho de Gênesis, ao apontar para o castigo de Deus diante do pecado de Eva, reiterava essa posição, vide: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu e marido, e ele te dominará”⁷⁵⁸.

Tal imaginário é novamente elencado em Jó, 20:23, quando se enfatiza a ação divina por meio do útero. Ao dizer que, “[...] ainda que possa encher o seu ventre, Deus mandará sobre ele o ardor da sua ira, e a fará chover sobre ele quando estiver comendo”⁷⁵⁹, ressalta-se como a dor no parto pode ser vinculada à (má) conduta feminina e à subsequente geração de monstros. Reconhece-se como essas interpretações foram preenchidas de contornos médicos e filosóficos no decurso do tempo, de modo que obras teratológicas da Modernidade também reiteravam o útero como um órgão instável e suscetível às influências da imaginação feminina. Não por acaso, constata-se menções ao “[...] útero” como um local que suga “[...] agressivamente o sêmen quando ele se torna disponível, construindo assim o desejo sexual feminino como fortemente impulsionado e ameaçador”⁷⁶⁰.

Mary Fissell, acerca do tema, comenta sobre como o corpo feminino era aberto a interpretações, de modo que o útero poderia ser lido como um local que indicava as próprias mudanças religiosas e políticas do período. Para a autora, “[...] a reforma dos corpos reprodutivos das mulheres foi uma parte crucial das mudanças culturais que fizeram da Inglaterra uma nação protestante”⁷⁶¹. Por conseguinte, se o útero antes era retido como puro e sagrado, sendo associado à Virgem Maria, a partir do século XVI ele se vê associado à Eva e

⁷⁵⁸ A BÍBLIA, ref. 211, p. 6.

⁷⁵⁹ *Ibid.*, p. 1122.

⁷⁶⁰ HASLEM, Schroeder. *Monstrous Issues: The Uterus as Riddle in Early Modern Medical Texts*. In: DEPLEDGE, Greta; MANGHAM, Andrew. **The Female Body in Medicine and Literature**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011. p. 41. Tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] the uterus [...] aggressively sucking in semen when it becomes available, thus constructing female sexual desire as strongly driven and threatening”.

⁷⁶¹ FISSELL, ref. 301, p. 43, tradução própria. Tradução livre de: “*I suggest that the reform of women’s reproductive bodies was a crucial part of the cultural changes that made England a Protestant nation*”.

aos pecados femininos, o que demandava uma punição divina⁷⁶². Ao sair desse espaço de maravilha, o órgão feminino e o corpo da mulher tornavam-se, portanto, objetos de temor, os quais poderiam abrigar a malignidade e o nascimento de monstros.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que tais relatos, ao enfatizarem a dor do parto, apontavam para a existência de um “[...] medo em relação à incognoscibilidade do corpo feminino e à incapacidade da sociedade de restringir esse corpo” e, conseqüentemente, à sua agonia⁷⁶³. Não só o nascimento monstruoso e a estrutura física da mulher eram elementos de suspeita na trama, mas a própria identidade da moça descrita nas tramas. Ao tomar como referência o texto de 1609, percebe-se como é narrado um episódio de uma grávida que vagava pela região procurando abrigo. Contudo, o impresso aponta para como, após a moça ter dado à luz, teria se recuperado e levantado da cama, de modo que “[...] vestiu todas as suas roupas e saiu de casa, deixando para trás seus oito xelins”, cuja intenção era a de que “[...] o dinheiro pagasse o enterro”⁷⁶⁴ da criança⁷⁶⁵. A partir desse trecho, percebe-se como não há indícios no documento de quem era essa jovem grávida; ou ainda, de quem era o pai do seu filho, de onde ela veio e para onde ela foi após o nascimento do monstro.

Ainda que o impresso indicasse a difusão da história pela região, a visita de testemunhas oculares para ver a criança morta e o registro do caso para os magistrados, chama-se a atenção para o que a representação dessa mulher grávida pode atestar. Previamente analisada por Heather Welch, a gestante na narrativa é apontada como uma “[...] errante”, sendo isso uma possível “[...] referência à sua vadiagem”, a qual “[...] também poderia ser interpretada como uma metáfora para o útero, o corpo feminino e a ansiedade que os cerca”⁷⁶⁶. Desse modo, a

⁷⁶² É importante notar que a palavra, no Antigo Testamento, “[...] usada para útero é 'rekhem', derivada da palavra raiz 'rakham', que se traduz em misericórdia ou compaixão” (The womb [...], 2023). Ou seja, ela atestava, de início, para uma qualificação desse órgão.

⁷⁶³ WELCH, ref. 215, p. 176, tradução própria. Tradução livre de: “[...] represented the fear regarding the unknowability of the female body and the inability of society to restrain that body”.

⁷⁶⁴ STRANGE nevves [...], ref. 468, p. 6, tradução própria. Tradução livre de: “[...] she [...] put on all her cloathes, and was gone from the house, leauing behinde her eight shillings”; “[...] with an intent that the money should pay for the burial”.

⁷⁶⁵ É pertinente mencionar que existem relatos populares da Primeira Modernidade que apontam para o enterro e o batismo de nascimentos monstruosos, tanto em grupos protestantes como católicos. Segundo Alan Bates (2005a, p. 144), o *Rituale Romanum* indicava a necessidade de se batizar a criança, de modo que esses episódios eram marcados não só por uma exibição pública do monstro, mas também para se enfatizar a validade do batismo infantil. Conforme indica o autor, até parteiras, na Inglaterra protestante, poderiam realizar essa função na ausência de um padre ou ministro local. Por outro lado, esse tipo de ocorrência também suscitava tensões, devido à própria complexidade do nascimento de monstros (ex: nascimento de gêmeos siameses e a dúvida se batizava duas vezes ou não). Contudo, isso também indica como o período era marcado por preocupações em relação ao batismo e os receios de uma possível “heresia anabatista”. O monstro era objeto de inquietude não apenas pela sua forma física, mas também pelas reverberações sociais e religiosas do seu nascimento.

⁷⁶⁶ WELCH, ref. 215, p. 163, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] reference to her vagrancy, it could also be interpreted as a metaphor for the womb, the female body, and the anxiety surrounding them”.

figura de uma jovem – grávida e sozinha – chocava a comunidade e reforçava a ausência de pertencimento dessa mulher, que, provavelmente solteira, não possuía marido, família ou lugar. A título de ilustração, não se verifica na trama nem sequer uma menção ao nome da personagem, de modo que a sua própria reputação também não era cognoscível. Incapaz de ser alocada socialmente, ela representava um problema, portando-se ainda como uma criatura difícil de controlar.

É aí que se repara, por sua vez, no local ocupado pelas mulheres no texto e o potencial educativo desses impressos em reforçar uma dada postura esperada por parte da comunidade e dos corpos femininos. Isto é, a “[...] metáfora da mulher errante era um sintoma de problemas sociais”⁷⁶⁷ que deveriam ser corrigidos. Não por acaso, o impresso atribui o monstro a um “[...] terrível exemplo da ira de Deus”, cujo objetivo era o de funcionar como “[...] avisos de nossos próprios deslizes” a fim de “[...] nos tirar do caminho da perdição e nos guiar corretamente para o verdadeiro caminho da felicidade”⁷⁶⁸.

Em última instância, reforçava-se também o papel da vizinhança em vigiar e controlar o que se passava na localidade, de tal forma a incitar determinados valores morais e endurecer as expectativas de gênero. Como esboçado por Wiedenbeck, existia um “[...] papel da comunidade no apoio e no levantamento dos seus vizinhos”, os quais deveriam ser os responsáveis por “[...] verificar quaisquer transgressões ou pecados sociais”⁷⁶⁹ passíveis de se ocorrer, no intuito de manter a ordem social. Dessa forma, enfatizava-se por meio da narrativa a necessidade de controle do corpo maternal, bem como uma postura moralizante e de culpabilização daquelas mulheres que não estavam inseridas na rede de sociabilidades da região.

Tal ponto leva a indagar, por fim, o local ocupado pelo útero e pela dor do parto no processo de formação do monstro. O próprio útero errante era objeto de textos médicos, os quais atribuíam a existência de doenças femininas à disposição de seu órgão sexual. Verifica-se, portanto, uma complexa produção teratológica na época que se destinava a abarcar a maternidade, os corpos femininos, a sexualidade da mulher e o momento da concepção. Mais do que obras voltadas para a geração do monstro, constata-se como esses trabalhos permeavam

⁷⁶⁷ *Ibid.*, p. 163, tradução própria. Tradução livre de: “[...] the metaphor of the wandering woman is then a symptom of social problems”.

⁷⁶⁸ STRANGE nevves [...], ref. 468, p. 11, tradução própria. Tradução livre de: “[...] terrible examples of Gods wrath”; “[...] warnings of our owne overthrowes”; “lead us out of the pathway of perdition, & guide us aright into the true way of happiness”.

⁷⁶⁹ WIEDENBECK, ref. 751, p. 117, tradução própria. Traduzido livremente de: “[...] role of the community in supporting and surveying their neighbors [...] checking any social transgressions or sins”.

os impressos efêmeros e reforçavam uma visão androcêntrica, na qual as mulheres assumiam a posição de sediciosas, corruptas e passíveis de gerarem monstros.

Nesse sentido, a obra enciclopédica de John Bulwer, *Anthropometamorphosis*, demonstrava como a monstruosidade era o “[...] resultado da licenciosidade, da concupiscência desmedida”⁷⁷⁰ e da libertinagem das mulheres. O mesmo pode ser dito do trabalho de William Harvey, com o seu livro *De Generatione Animalium*, de 1651. Nele, também se verifica uma atenção ao útero e a menção ao *tropos* retórico da natureza feminina como “[...] corrompida”, uma vez que o autor assume que “[...] o corpo feminino é ‘irradiado’ durante a concepção”, de tal modo que “[...] provoca a fertilização e também serve para explicar as semelhanças”⁷⁷¹ entre pais e filhos. Dessa forma, a ausência de similitude do bebê em relação ao seu genitor poderia indicar uma possível traição por parte da mulher.

Outra obra importante nesse percurso refere-se ao tratado de obstetrícia, traduzido em 1540 para o inglês como *The Birth of Mankynde* (O nascimento da Humanidade)⁷⁷². Até então, “[...] quase nada original sobre obstetrícia havia sido publicado em inglês”⁷⁷³, o que já atesta a essencialidade dessas produções e o interesse pelo tema a partir do final do século XVI⁷⁷⁴. Isso fica ainda mais visível quando se depara com o próprio prólogo da obra acima, de 1540. Nele, o autor demonstrava a sua preocupação com a escrita de textos ginecológicos, de modo a indicar que o indivíduo só se tornaria um “[...] médico absoluto e perfeito” na medida em que tivesse o “[...] conhecimento absoluto e perfeito de todos os aspectos internos e externos do corpo do homem e da mulher”⁷⁷⁵.

Como aponta Heather Welch, o momento da concepção, da gravidez e do parto eram locais de disputa, tanto antes quanto durante os primeiros anos da Reforma, sendo alvos de discussões que circularam por meio dos impressos e dos manuais de parteira⁷⁷⁶. Uma amostra

⁷⁷⁰ BURNS, 2002, p. 197-198 *apud* BRENNER, ref. 471, p. 170. Tradução própria. Tradução livre do original: “[...] monstrosity [...] the result of [...] licentiousnesse of inordinate concupiscence”.

⁷⁷¹ HUET, ref. 342, p. 40, tradução própria. Tradução livre de: “[...] for Harvey, the entire female body is ‘irradiated’ during conception; [...] brings about fertilization and also serves to explain resemblances”.

⁷⁷² Vale ressaltar que tal tradução ocorreu a partir da obra de Eucharius Rösslin, intitulada *Rosegarten*. Sabe-se ainda que ela foi impressa em Londres por Thomas Raynalde, “cum priuilegio regali, ad imprimendum solum, Anno Domini”. Veja mais: <https://wellcomecollection.org/works/dej8kga6>. Acesso em 2 fev. 2025.

⁷⁷³ WILSON, ref. 744, p. 20, tradução própria. Tradução livre de: “[...] almost nothing original on obstetrics had been published in English”.

⁷⁷⁴ Esse último livro teria sido amplamente publicado, segundo Welch (2020, p. 27), entre os anos de 1540 e 1654, sendo um *best-seller* comercial. A obra se direcionava a informar o leitor sobre a fertilidade, a gravidez, o nascimento e os cuidados com os bebês.

⁷⁷⁵ HASLEM, ref. 760, p. 44, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] become an absolute and perfect physician [...] he have absolute and perfect knowledge of all the inwards and outwards of man’s and woman’s body”.

⁷⁷⁶ WELCH, ref. 215, p. 22.

disso é a publicação no século XVII de outros livros sobre obstetrícia⁷⁷⁷, como o *Observations in Midwifery, The Country Midwife's Opusculum or Vademecum* (Observações em Obstetrícia, Opúsculo ou Vade-mécum da Parteira Rural).

O trabalho do médico de Zurique, Jacob Rueff, também atesta para essa produção tratadística da época. Com sua obra *De Conceptu et Generatione Hominis* (1554), traduzida posteriormente para o inglês em 1637⁷⁷⁸, verifica-se a produção de um texto dedicado ao “[...] ensino e exame de parteiras”, contendo ainda “[...] instruções a serem lidas para elas ‘por uma mulher bem-lida’.”⁷⁷⁹. Nesse texto ficava evidente como a prática da obstetrícia se dava em compasso a uma leitura cristã de mundo e uma dada interpretação da monstruosidade. Ou ainda, chama-se atenção para o fato de que, por mais que o parto fosse vivenciado por mulheres, também começava a apresentar participações masculinas em sua abordagem. No caso do protestante Rueff, verifica-se um esforço em entender os nascimentos extraordinários como sinais da ira de Deus. Tal leitura atesta, em certa medida, para como essas figuras eram apreendidas sobre um fundo religioso, incitando ainda um processo de moralização via instrução médica. Essa coincidência alude para como a questão da “[...] ordem era uma base familiar para argumentos científicos e teológicos”⁷⁸⁰, de modo que os tratados médicos estavam conectados às crenças religiosas e teratológicas específicas da Primeira Modernidade.

Ainda sobre o médico suíço, é válido sublinhar como a sua produção de Rueff, além de reiterar o argumento da punição divina para a geração monstruosa, também explorava esses casos atípicos buscando exemplos e referências em outras obras teratológicas a fim de explicar tais ocorrências. No sexto capítulo do seu tratado publicado em inglês, é possível visualizar uma tônica nos nascimentos disformes, tidos como não naturais, ao passo em que Rueff se propunha a analisar os nascimentos contrários à natureza, assumindo-os como perigosos⁷⁸¹.

⁷⁷⁷ Esses dois livros teriam sido produzidos pelo médico inglês Percival Willughby of Derby, conforme indica Adrian Wilson (1995, p. 20). Ainda segundo Fissell (2004, p. 69), o Arcebispo de Canterbury, Matthew Parker, teria enfatizado em 1575 a responsabilidade cívica das parteiras, o que denota a importância que essas mulheres tinham no que diz respeito ao momento do parto e ao controle social da maternidade e dos corpos femininos.

⁷⁷⁸ Sabe-se que obra foi publicada tanto em latim como em alemão, ao passo em que foi traduzida na década de 1630, em Londres, com o título *The expert midwife* (“A parteira especialista”). Segundo Peter Dunn (2001, p. 222, tradução própria), “[...] o livro de Rueff foi por mais de um século uma importante fonte de informação para parteiras e médicos”. Tradução livre de: “*Thus Rueff's book was for over a century a major source of information for midwives and doctors*”.

⁷⁷⁹ BATES, 2005a, p. 74, tradução própria. Tradução do original: “[...] *teaching and examination of midwives [...] to whom his book was sent with instructions [...] be read to them 'by a well-read woman'*”.

⁷⁸⁰ *Ibid.*, p. 71, tradução própria. Tradução livre de: “*Order is now a familiar basis for scientific and theological arguments*”.

⁷⁸¹ Isso pode ser assinalado na passagem do Tratado: “Este nascimento é muito perigoso entre aqueles que se oferecem contrariamente à natureza, cuja forma e figura você vê aqui descrita e exposta”. Tradução livre de: “*This birth is very dangerous among those which offer themselves contrary to nature, whose forme and Figure thou docst see here described and set forth*” (Rueff, 1637, p. 123).

Além de indicar casos que teriam se passado na Inglaterra e na Cracóvia, o autor aproximava-se de outros tratadistas do século XVI, vide Ambroise Paré. Para ambos, o monstro poderia ser fruto da corrupção da semente no momento da concepção, de modo que Rueff ainda reforça o local do monstro enquanto uma figura contrária à ordem e um produto da atuação de Deus. Essa lógica, bem como o empreendimento de se buscar clarificar as causas para a geração do ser monstruoso, fica nítida no trecho:

Vemos que isso acontece de diversas maneiras, pela experiência dos assuntos e pelo testemunho dos tempos: que nascem muitos monstros e crianças imperfeitas ou disformes. Mas quando essa coisa deve ser especialmente atribuída aos Julgamentos de Deus, ainda que depois à corrupção e à falha da semente também devam ser reconhecidas [...]. Mas daqui em diante daremos a você algumas figuras em todos os formatos, não com a intenção de lidar com todas as coisas com a perfeição total, mas para que por meio de algumas delas possamos propor algum conhecimento dos julgamentos de Deus por diversos monstros contrários à natureza, como estávamos prognosticando o que estava por vir e para que possamos ver o quanto a falha e a corrupção da semente valem neste caso⁷⁸².

Esse caso ajuda a compreender como, a partir do século XVII, uma maior quantidade de tratados ginecológicos e manuais para as parteiras foram publicados na Inglaterra, os quais tangenciavam, sobretudo, a geração de monstros e as possíveis origens e causas para isso. Não somente textos escritos, mas também imagens começaram a ser difundidas, tanto para um público letrado como para aqueles que não sabiam ler. Segundo Rebecca Whiteley, esses “[...] manuais de obstetrícia tiveram uma ampla influência nas primeiras culturas modernas da medicina e do corpo: entre as elites educadas e nos círculos menos instruídos; entre os profissionais médicos e leitores leigos; entre homens e mulheres”⁷⁸³.

Um caso específico relativo a essas produções escritas refere-se ao tratado de Nicholas Culpeper (1616-1654), publicado em 1651 com o título *Directory for Midwives* (Diretório para parteiras)⁷⁸⁴. Nele, é possível verificar como os corpos femininos eram alvos das produções médicas da época e reiteravam a crença de que o nascimento monstruoso estava coadunado à

⁷⁸² RUEFF, Jacob. **The Expert Midwife**: An Excellent and most necessary Treatise of the generation and birth of Man. London: EG for S.B., 1637. p. 151. Tradução própria. No original: “Wee see that it commeeth to passe in divers manners, by experience of matters, & testimony of the times: that many monsters and imperfect or misshapen children are borne. But when as that thing is specially to bee attributed and ascribed to the Judgments of God, yet afterward also the corruption and fault of the seed is to bee acknowledged [...] But we will hereafter give you some Figure of hole shapes, not to the intent to handle all things to the full perfection, but that by a few of them wee may propound some knowledge of the Judgments of God by divers monsters against Nature, as it were prognosticating things to come and that we may see how much the fault and corruption of seed awayleth in this case”.

⁷⁸³ WHITELEY, 2023a, p. 33, tradução própria. Tradução livre de: “[...] midwifery manuals had a widespread influence on early modern cultures of medicine and the body: among educated elites and in less learned circles; among medical professionals and lay readers; among men and women”.

⁷⁸⁴ No caso da presente dissertação, por conta da disponibilidade e acesso aos documentos originais, vale-se da versão de Culpeper datada de 1701, a qual se encontra disponível online na Wellcome Library.

postura feminina. Culpeper, nesse caso, indica como a imaginação feminina tinha um peso na formação do monstro, ao passo em que menciona que a mulher, “[...] seduzida pela imaginação, ou frustrada em seus fins, por uma falha dos espíritos, o calor ou a matéria”⁷⁸⁵, poderia ocasionar o surgimento de tais criaturas.

Para fixar ainda mais esse argumento, o autor finaliza com os dizeres: “Portanto, a imaginação é a causa dos monstros, pois as histórias mencionam que mulheres grávidas, ao contemplarem homens em magos, deram à luz monstros com chifres, bicos e pés fendidos”. Por meio desse trecho, percebe-se como a sempre fértil imaginação feminina era responsável pela geração do monstro, ao passo em que se procedia a um esforço de moralização por meio da abordagem de assuntos relativos ao parto e ao processo de reprodução sexual. Esse empreendimento de controle do comportamento das mães fica ainda mais notório quando Culpeper enfatiza como “[...] embora os Médicos não possam curar monstros, eles devem advertir mulheres grávidas a não olharem para monstros, e fortalecerem seus espíritos e calor, e manterem a semente e o sangue corretos”⁷⁸⁶.

Vislumbra-se, com isso, um potencial didático dessas obras em reforçar a crença na monstruosidade e o papel feminino na formação desses seres anômalos. Além da convicção de uma imaginação da mulher e um defeito no corpo (excesso de calor) feminino, boa parte dos autores da época atribuíam o nascimento monstruoso às condutas errôneas e pecaminosas, intimamente associadas às mulheres pela falta original de Eva. Peter Chamberlain, em sua obra *Midwives Practice* (Prática de parteiras), de 1665, também indicava como os “[...] monstros devem ser referidos a concepções depravadas e ilegítimas”⁷⁸⁷. Contudo, cabe indagar: como isso poderia ser apreendido na própria literatura efêmera da época? Ou ainda, como tais nascimentos eram representados à luz desses tratados?

Ao focalizar no impresso *A True relation of the birth of a monster born at Exeter* (Uma verdadeira relação do nascimento de um monstro nascido em Exeter), pode-se pensar em como os escritores da época estavam, direta ou indiretamente, a par do que era circulado e publicado

⁷⁸⁵ CULPEPER, Nicholas. **A directory for midwives:** or, a guide for women, in their conception, bearing, and suckling their children. The first part contains, 1. The anatomy of the vessels of generation. ... 9. Of nursing children. To cure all London: [s. n.], printed for A Churchill, 1701. p. 275-276. Tradução própria. Tradução livre da passagem, em original: “[...] seduced by the Imagination, or frustrated of its ends, from a fault of the Spirits, the heat or matter”.

⁷⁸⁶ CULPEPER, ref. 786, p. 275-276, tradução própria. Tradução livre da passagem, em original: “Therefore Imagination is the cause of Monsters. For Histories mention, that Women with Child, by beholding Men in Vizards, have brought forth Monsters with Horns, and Beaks and cloven feet”; “[...] though Doctors cannot cure Monsters, yet they are to admonish Women with Child not to look upon Monsters, and to strengthen their Spirits and Heat, and to keep the Seed and Blood right”.

⁷⁸⁷ CHAMBERLAIN, 1665, p. 91 *apud* WELCH, ref. 215, p. 157, tradução própria. Tradução livre de: “[...] monsters must be referred to depraved and illegitimate conceptions”.

por tratadistas, sobretudo no que diz respeito ao parto, à geração de monstro e à dimensão feminina. Datado de 1665, esse documento, ao relatar o nascimento de uma criatura anômala na Inglaterra, permite compreender qual era o local ocupado pelas mulheres nas narrativas impressas e as conexões disso com o fundo teratológico presente no século XVII.

Ao começar o texto indicando que a “[...] natureza estava sujeita a frequentes abortos e que isso não deveria ser questionado”, o autor anônimo já deixava claro que a ocorrência de casos estranhos e monstruosos era comum e que eles serviam aos propósitos divinos de “[...] fazer os homens olharem e admirarem”⁷⁸⁸. Todavia, o que chama a atenção, para além da descrição física – tanto imageticamente como textualmente – do monstro, é a atribuição que o texto faz desse episódio. Ao narrar o nascimento de um ser de duas cabeças, o impresso deixava claro que a “[...] própria monstruosidade pode ter sido ocasionada pelas fantasias irregulares de conceber e procriar das mulheres”⁷⁸⁹. Reconhece-se aqui uma conexão direta do texto com os tratados da época e as postulações acerca do papel da mente feminina na geração do monstro.

Anos antes, em 1671, um outro manual de parteiras, escrito por Jane Sharp, também havia sido publicado em Londres e abordava essa crença nas impressões maternas sobre os filhos. Dedicado a servir de guia para a maternidade e o parto, o livro continha explicações científicas sobre os órgãos, sendo interpretado por Ashley Wiedenbeck, como uma provável “[...] resposta à intrusão científica masculina no parto feminino”⁷⁹⁰. Ainda que se indague sobre as razões para a escrita ou não dessa obra, cabe citar que ela foi redigida por uma parteira, descrita na obra como uma “[...] praticante na arte da obstetrícia há mais de trinta anos”⁷⁹¹. Em suas páginas, é possível notar como a autora⁷⁹² produziu um capítulo dedicado exclusivamente a falar de nascimentos e concepções monstruosas, vide o título *Monstrous Conceptions*⁷⁹³. Além de pontuar o excesso ou a falta de semente na geração do monstro – elemento já pontuado por Ambroise Paré anteriormente⁷⁹⁴ –, Sharp acentuava o papel da agência de Deus no nascimento

⁷⁸⁸ A TRUE RELATION [...], ref. 749, p. 1, tradução própria. Tradução livre do original: “*That Nature is Subject to frequent miscarriages is a thing not to be questioned*”; “[...] make Men gaze and admire”.

⁷⁸⁹ A TRUE RELATION [...], ref. 749, p. 2, tradução própria. Tradução livre de: “*Monstrosity itself may have been occasioned by the-irregular fan•ies of Conceiving and Breeding Women*”.

⁷⁹⁰ WIEDENBECK, ref. 751, p. 61, tradução própria. Trad. livre de: “[...] was perhaps a response to the male, scientific intrusion into the female childbed”.

⁷⁹¹ SHARP, Jane. **The midwives' book**. London: [s. n.], printed for Simon Miller, 1671. p. 1. Tradução própria. Tradução livre de: “*Practitioner in the Art of MIDWIFRY above thirty years*”.

⁷⁹² Pouco se sabe sobre a trajetória pessoal de Jane Sharp. Contudo, segundo Patrícia Crawford (1981, p. 70), “[...] ela aceitou que os corpos das mulheres eram defeituosos”, abordando temáticas relativas à menstruação e outros elementos ligados ao corpo feminina. Tradução livre de: “*She accepted that women's bodies were fault*”.

⁷⁹³ Referência aqui ao capítulo 5 da obra de Jane Sharp. Disponível em: https://archive.org/details/bim_early-english-books-1641-1700_the-midwives-book-_sharp-mrs-jane_1671. Acesso em: 22 abr. 2025.

⁷⁹⁴ Ambroise Paré em sua obra (1982, p. 3), delimitava como terceira e quarta causa para o nascimento monstruoso a “[...] grande quantidade de semente (sêmen)” e a “[...] pouca quantidade de sêmen”.

monstruoso como forma de castigo sobre os pais da criança. Portanto, além da convicção de que os humores e as paixões afetavam o desenvolvimento do feto, a punição divina desempenhava um papel essencial em tais prodígios de acordo com a obra.

Nesse viés, muito dos impressos, ao construírem as representações maternas, salientavam como o comportamento errôneo das pelas mulheres era o responsável pelo nascimento do monstro. No documento acima, de 1682, isso pode ser apreendido quando o autor se dedica a narrar o processo de parto da personagem e a causa para esse episódio: uma ação dos céus “[...] para punir o orgulho e a vaidade incidentes ao sexo feminino”⁷⁹⁵. Já em outra narrativa do período, datada de 1653, as mulheres eram descritas como “[...] criaturas deformadas, preenchidas com as artimanhas do Satã”⁷⁹⁶, as quais facultavam o nascimento de seres anômalos e disformes.

Percebe-se, dessa forma, como as mulheres, ao serem associadas à produção e à geração de monstros, eram atreladas, simultaneamente, a determinados comportamentos e vícios. “Para os médicos da Idade Média e início da Idade Moderna, a mulher é de temperamento melancólico, débil, frágil, mole. Sua natureza é imbecil e enferma”⁷⁹⁷, o que abria espaço para se apontar para a sua responsabilidade nos casos de nascimentos atípicos. Uma vez que esse ideal era reiterado pelos impressos, facultava-se um processo de vigília sobre as condutas dessas mulheres, de modo que a própria moral feminina⁷⁹⁸ era imposta através de uma disciplina incessante.

Vale ressaltar que os documentos presentes nesta pesquisa se dedicam ao tema do nascimento de monstros, de modo que o número de textos que focalizam no parto do monstro e o papel da mulher na trama é expressivo dentro desse conjunto de fontes. O que se verifica, em boa parte deles, é a associação dos pecados da mãe e da humanidade à geração do monstro. É o que se percebe no texto de 1652, com o título *The Ranters monster: being a true relation of one Mary Adams living at Tillingham in Essex, who named herself the Virgin Mary, blasphemously affirming, that she was conceived with child by the Holy Ghost* (O monstro dos ranters: um verdadeiro relato de uma certa Mary Adams que vivia em Tillingham, em Essex,

⁷⁹⁵ A TRUE [...], ref. 749, p. 2, tradução própria. Tradução livre de: “[...] to punish the Pride and vanity incident to the Female Sex”.

⁷⁹⁶ A BRIEF ANATOMIE of women: being an invective against, and apologie for the bad and good of that sexe, 1653, p. 3 *apud* BRENNER, ref. 471, p. 15, tradução própria. Tradução livre de: “Women are deformed creatures, filled with the trickery of Satan”.

⁷⁹⁷ DELUMEAU, 2001, p. 332 *apud* SANTOS, Cíntia Teixeira dos. Femmes Fatales: a diabolização da mulher transformada em bruxa. In: MARKENDORF, Márcio; SÁ, Daniel Serravalle (org.). **Monstruosidades**: estética e política. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 128.

⁷⁹⁸ Ao valer-se desse termo, entende-se aqui “moral” à luz das ideias de Michel Foucault (1984, p. 26), como “[...] um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.”.

que se autodenominou Virgem Maria, afirmando blasfemamente que foi concebida pelo Espírito Santo). Nele, a ação errônea da mãe, apresentada como uma partidária dos católicos, é tida como a principal causa para o surgimento do monstro.

Consequentemente, sublinha-se um outro ponto que merece ser apontado: quais eram, no geral, essas condutas atribuídas às mulheres que geravam monstros nos impressos? O que isso pode dizer a respeito da Inglaterra do século XVII? Sendo o corpo feminino um *locus* de ansiedade e um recinto no qual a norma patriarcal era estabelecida, o nascimento do monstro, além de ser imputado às mulheres, também oportunizava uma leitura dessas personagens como se elas próprias fossem “[...] criaturas de alguma forma monstruosas – na melhor das hipóteses, fofoqueiras, pouco confiáveis, desonestas e perigosas”⁷⁹⁹; na pior delas, como corruptas e sediciosas. O que resta a saber é: como isso pode ser visto nesses impressos efêmeros?

5.2 Do comportamento feminino ao nascimento monstruoso

Uma vez constatado o papel dos tratados teratológicos, da religião e da narrativa bíblica em relação às histórias relatadas pela prensa no século XVII, cabe questionar qual era o elo entre uma dada construção retórica sobre as mulheres, o nascimento de monstros e as comoções que eram percebidas e apreendidas nesse processo. Ainda que se levem em conta as diferentes motivações e interesses por trás da redação desses textos, percebe-se uma constante ênfase no comportamento dessas mulheres e um discurso que apontava para como o corpo feminino era intrinsecamente instável e ameaçador no que diz respeito à ordem social, à política e à religião.

Ao adentrar esse tópico, chama-se a atenção para um curto impresso publicado em 1674 intitulado *Prides fall: or, A warning for all English women by the example of a strange monster, born of late in Germany, by a merchants proud wife in Geneva* (A queda do orgulho: ou, um aviso para todas as mulheres inglesas pelo exemplo de um estranho monstro, nascido recentemente na Alemanha, pela orgulhosa esposa de um comerciante em Genebra). A julgar por seu título, percebe-se um esforço de moralização via impressos, ao passo em que o próprio texto se colocava como um aviso para as mulheres inglesas. Tal ideia do exemplo já reforça, de início, um processo de incitação de padrões ou modelos de comportamentos que deveriam ser

⁷⁹⁹ BRENNER, ref. 471, p. 164, tradução própria. Tradução livre de: “[...] that women were somehow monstrous creatures — at best gossiping, unreliable, dishonest and dangerous”.

incorporados pelas mulheres no reino, os quais eram sobremaneira promovidos pela literatura efêmera.

Adornada com uma representação visual, a balada já iniciava a sua narrativa apontando para como “[...] as belas e delicadas damas da Inglaterra” deveriam ver “[...] aqui a queda do orgulho”, de modo deixarem “[...] a libertinagem a tempo, para que Deus seja seu guia”⁸⁰⁰.

Figura 27 - Gravura do impresso: Prides Fall: or, A warning for all English women (1674)



Fonte: PRIDES fall. [s. l.: s. n.], 1674. p. 1.

Ao esmiuçar essa gravura, pode-se pensar o que ela própria representava perante a narrativa ali construída. Uma vez que o texto mencionava o surgimento de um monstro, cujo nascimento estava atrelado a aspectos relativos ao orgulho e à luxúria das mulheres, argumenta-se como a imagem cumpria a função de retratar, visualmente, esses traços monstruosos e sua relação com o comportamento feminino. Observa-se, na folha de rosto, uma criatura anômala, que segura em sua mão esquerda um espelho. Tal objeto parece remeter justamente ao vício da vaidade, estabelecendo uma ligação com o fato da criatura se deparar com o seu reflexo horrendo. Já na mão direita, percebe-se um chicote, em alusão à dor infligida a essa mulher e à consequente monstrificação que ela gera. Tal perspectiva poderia ser ainda extrapolada e levar

⁸⁰⁰ PRIDES fall: Or, A warning for all English women by the example of a strange monster, born of late in Germany, by a merchant's proud wife in Geneva. The tune of, All you that love Goodfellows, etc. [s. l.: s. n.], 1674. p. 1. Tradução própria. Tradução livre de: "England's fair dainty Dames (...) see here the fall of Pride, Wantonness leave in time, that God may be your guide".

à suposição da flagelação de Cristo ao se opor à religião romana, ou do monstro como flagelo do mundo.

Na região do tórax vislumbra-se uma sigla *TB*, a qual se supõe ser uma alusão à ideia de *algo a ser anunciado*. E, no caso, o que se comunica além da monstruosidade da forma física da criatura é a disposição, na parte do seu ventre, de uma cabeça, a qual parece remeter à própria corrupção do ventre feminino. Nessa ótica, a imagem cumpre o papel de reforçar a sacralidade do útero e o potencial subversivo desse órgão por parte das mulheres. Percebe-se, dessa forma, como essas produções imagéticas da época mesclavam elementos da “[...] anatomia, alquimia, fisiologia mecânica, profissionalismo médico” com “oração, magia e, prática de obstetrícia”⁸⁰¹.

Tomando como base a ideia de que o mundo era visto entre um micro e macrocosmo, considera-se ainda como o corpo poderia ser lido na primeira Modernidade como uma miniatura do mundo, ao passo em que o nascimento de uma criança cumpria uma dada posição na ordem da comunidade. Nesse sentido, os casos de seres monstruosos apontavam para uma corrupção do útero e, conseqüentemente, uma deturpação da sociedade. Desse modo, mais do que um local de ansiedade, esses órgãos evidenciavam questões relativas às hierarquias sociais e às disposições dos corpos e das condutas femininas. Já essas histórias impressas, extremamente sensacionalistas, evocavam, por sua vez, uma dada moralização social, realçando temáticas relativas ao poder, à maternidade e à compreensão do útero na época.

Contudo, voltemo-nos à parte textual do impresso acima, de 1674, o qual se propunha a narrar um “[...] estranho monstro nascido recentemente na Germânia pela orgulhosa esposa de um comerciante em Genebra”⁸⁰². Publicado em Londres e com autoria desconhecida, o texto apontava para como uma mulher, que ostentava luxo, havia sido cultivada nas terras holandesas. A balada, entoada na primeira pessoa, indicava como ela era rica, não tendo encontrado “[...] nenhuma moda que pudesse promover meu orgulho”, ao passo em que “[...] cada brinquedo vão e tolo muda minha mente lasciva”. Ao relatar esses aspectos, a pessoa menciona como a ação divina a teria punido por seus comportamentos, uma vez que “[...] a Dama natureza não teve uma criança enviada a mim: que faz meu coração sangrar, por qual ofensa a Deus, Ele, portanto, me açoitou gravemente com sua Vara”⁸⁰³.

⁸⁰¹ WHITELEY, 2023b, p. 4. Tradução livre de: “[...] anatomy, alchemy, mechanical physiology, medical professionalism, prayer, magic, midwifery practice”.

⁸⁰² PRIDES [...], ref. 800, p. 1, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] strange monster, born of late in Germany, by a merchant's proud wife in Geneva”.

⁸⁰³ PRIDES [...], ref. 800, p. 1, tradução própria. Tradução livre do original: “There was no fashion found that might advance my pride”; “In that Dame nature hadn't a child to me sent: That makes my heart to bleed, for which offence to God, He therefore grievously scourged me with his Rod”.

O próprio leitor se depara, assim, com a menção textual do chicote representado anteriormente na imagem, bem como o desejo da mulher de ter um filho. Todavia, ao contrário do esperado, ela recebe em seu ventre, como forma de castigo, “[...] um ser estranho de se ver, uma ninhada das mais deturpadas”⁸⁰⁴. Além da interpretação divina sobre o nascimento do monstro e a atenção destinada à dor do parto, a narrativa se concentrava em apontar para como a criatura gerada era fruto do comportamento lascivo da mulher, sendo a própria aberração do ser gerado um indício da repressão face às condutas cometidas pela mãe.

Salienta-se, por sua vez, como existia uma dada performance de gênero que entremeava a construção retórica desses impressos. Culturalmente como um ser de grande apetite – gula, sexo, luxúria –, reconhece-se como a mulher do texto acima foi atrelada a uma série de vícios que a tornavam passível de gerar um ser monstruoso. Uma vez que se considera que a mulher agia impulsivamente e motivada apenas pelo desfrute de momentos de contentamento pessoal, posiciona-se como um conjunto de ações era intimamente associado a essa dimensão feminina – vide o ciúme, a ira e o apetite sexual. Não por acaso, o impresso finalizava a sua primeira parte indicando como existia uma “[...] lascívia dessas mulheres e suas mentes vãs e tolas”, que “[...] nunca se contentam com aquilo que Deus designa”⁸⁰⁵.

O monstro é encarado, assim, como o resultado direto da libertinagem dessas mulheres que, além de não estarem satisfeitas, ofendiam a Deus com os seus comportamentos. Nesse caso, vale notabilizar que a própria criatura monstruosa apresentava uma fala no texto de 1674, de forma a ressaltar como ele culpava a mãe pelas mazelas do mundo. Nos dizeres: “[...] mãe, seu orgulho devasso, traga esta sua miséria; Que sua vida logo melhore, ou então o Deus poderoso açoitará sua devassidão com uma vara mais afiada”⁸⁰⁶, verifica-se a nítida responsabilização feminina e o apelo para mudanças de posturas por parte das mulheres. Entre mulher e criatura, ademais, não é estabelecida qualquer relação maternal ou afetiva; a mulher gera e dá a luz, mas o horror de seus atos é um constante lembrete.

Não obstante, além de uma menção aos vícios da luxúria e do orgulho, o impresso também deixava transparecer outros receios que se assentavam sobre o corpo e a sexualidade feminina no período. Ao abordar a forma física das mulheres, o autor expõe como certas modas são por elas aplicadas, de modo que “[...] as mulheres obscenas usam, para esconder o

⁸⁰⁴ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “Created he, strange to see, a most deformed brood”.

⁸⁰⁵ PRIDES [...], ref. 800, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “These womens wantonness, and their vain foolish minds, never contented are with that thing God assigns”.

⁸⁰⁶ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Tradução livre do original: “Mother your wanton pride, bring this your misery; Let your life soon amend, or else the mighty God, will scourge your wantonness with a more sharper rod”.

adultério”, sendo isso um “[...] grande pecado e vergonha”⁸⁰⁷. Nesse ponto, pode-se constatar como a literatura atua na transmissão de medos masculinos, sobretudo no que diz respeito à traição e ao papel do matrimônio. Quando se projeta isso para a misoginia exacerbada e a visão de origem clerical que era imposta sobre as mulheres, percebe-se como elementos relativos ao casamento, à fidelidade conjugal e ao desejo feminino eram evocados por meio do nascimento monstruoso.

É importante ressaltar que o monstro, nesse processo, cumpria a função de ser um mensageiro para alarmar a população sobre os perigos da má conduta feminina. Ao culpabilizar as mulheres e ressaltar que “[...] o orgulho era o príncipe dos pecados”, o impresso findava o seu propósito moralizador advertindo: “E vocês, belas damas inglesas, que se destacam no orgulho, esta miséria lamentável, está bem impressa em seus corações: Não deixem que o orgulho seja seu guia, pois o orgulho terá uma queda, donzela e esposa, que minha vida seja um aviso para todas vocês”⁸⁰⁸.

Isto posto, assinala-se, um potencial didático desse texto em reforçar uma dada conduta esperada por parte das mulheres da Inglaterra. O próprio tom coletivo desse empreendimento é reiterado quando a narrativa ressalta “Olhe para isso, Londres [...] Deus guarda as pragas”⁸⁰⁹. Argumenta-se, assim, tomando como referência as assertivas de Silvia Liebel, sobre como a “[...] literatura de rua reforça as estruturas sociais através de seu fundo moralizador que não passa despercebido sob seu conteúdo escandalizante”⁸¹⁰. Mais do que abordar o monstro e a sua anormalidade, focalizava-se no seu significado perante a comunidade e no que deveria ser feito para conquistar a misericórdia de Deus.

Essa perspectiva de moralização coletiva também pode ser vislumbrada em um outro impresso publicado em Londres no ano de 1661. Com autoria anônima, o texto de oito páginas vinha acompanhado do título *The two great admirable wonders, or A perfect and true relation of the birth of two strange monsters* (As duas grandes maravilhas admiráveis, ou Uma relação perfeita e verdadeira do nascimento de dois monstros estranhos)⁸¹¹. Ao narrar o nascimento de

⁸⁰⁷ PRIDES [...], ref. 800, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “[...] as lew'd women wear, to hide Adultery”; “[...] great sin and shame”.

⁸⁰⁸ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “Pride is the Prince of sin”; “And you fair English dames, that in pride do excell, This woful misery, in your hearts print full well: Let not Pride be your guide, for Pride will have a fall, Maid and Wife, let my life, be warning to you all”.

⁸⁰⁹ *Ibid.*, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “Look to it London [...] God keepeth Plagues in store”.

⁸¹⁰ LIEBEL, ref. 604, p. 23.

⁸¹¹ O título mais extenso do impresso poder ser visto, em original, como: *The two great admirable wonders, or A perfect and true relation of the birth of two strange monsters; the one at Wodbridge, in Suffolk, born Octob. 23. 1661. having four leggs, rour armes, two bodyes, one head, no neck, two backs, the head formed in the breast. With the several speeches of the mid-wife, and the child-bed-woman. Together of the second, born the next night*

um monstro de quatro pernas, quatro braços e dois corpos na região Suffolk, o autor indicava como os “[...] julgamentos maravilhosos do Todo-Poderoso foram aparentemente mostrados dentro desta nossa Nação Inglesa, e diariamente aparecem mais, e mais, e mais pela hediondez de nossos pecados, e transgressões malignas, que aborrecem o Altíssimo”⁸¹².

Apesar dessa retórica na punição divina, saltava aos olhos como o monstro foi testemunhado na localidade, ao passo em que um “[...] senhor Cogshal, morando ali perto, foi ver o monstro e desenhou um retrato dele”⁸¹³. Esse esforço de representar a criatura parece atender justamente à curiosidade da população diante do ocorrido, mas também à potencial mensagem que poderia ser difundida por meio do relato – textual e visual – desse tipo de nascimento. Contudo, qual era o papel da mulher nessa trama?

Diferente de outros impressos, a grávida apresentava uma fala no texto, de modo a indagar os porquês de ter gerado um ser tão anômalo e disforme. Por meio dela, percebe-se não só um questionamento em relação às causas do monstro, mas também uma postura de desconforto perante o ser ali concebido, vide o trecho: “Senhor, tenha misericórdia de mim, esse mesmo monstro foi formado em meu útero e lhe deu nutrição nove meses do meu corpo? [...] Tire-o, disse ela, não me deixe vê-lo mais”⁸¹⁴. Verifica-se, com isso, uma reflexão da própria mulher sobre o parto e o ser que ela gerou, de tal maneira que, mesmo após a morte da criança, o texto elencava como “[...] a pobre mulher grávida jaz muito desesperadamente doente, perplexa com tantas tristes deserções de mente, ao pensar neste pesado espetáculo”⁸¹⁵. Trata-se, naturalmente, de uma percepção masculina sobre a potencial reação da mulher: horror e piedade necessariamente desempenham um papel na concepção do ato de gestar o monstruoso.

following at Ipswich, Octob. 24. 1661. with all parts belonging to the body, only the face was without a head. Published to prevent all other false pamphlets, this being sent up for the true and perfect copie. / Attested by John Fuller, Mr. Cogshall ... which drew the pourtraicture of it, Ralph Berkley, William Smith, Samuel Jeings.

⁸¹² THE TWO great admirable wonders, or A perfect and true relation of the birth of two strange monsters; the one at Wodbridge, in Suffolk, born Octob. 23. 1661. having four leggs, rour armes, two bodyes, one head, no neck, two backs, the head formed in the breast. With the several speeches of the mid-wife, and the child-bed-woman. Together of the second, born the next night following at Ipswich, Octob. 24. 1661. with all parts belonging to the body, only the face was without a head. Published to prevent all other false pamphlets, this being sent up for the true and perfect copie. / Attested by John Fuller, Mr. Cogshall ... which drew the pourtraicture of it, Ralph Berkley, William Smith, Samuel Jeings. London: [s. n.], printed for W.G., 1661. p. 3. Tradução própria. No original: “[...] wonderful Judgements of the Almighty hath been apparently shown within this our English Nation, and daily doth appear more, and more, and more for the hainousnesse of our sins, and evil transgressions, which vexeth the most High”.

⁸¹³ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “Mr. Cogshal a Limner, living near adjacent, who came to see this wonderful Monster; drew the Portraiture of it”.

⁸¹⁴ *Ibid.*, p. 6. Tradução livre de: “Lord have mercy upon me, was this same Monster formed in my Womb, and gave it Nutriment nine Months from my Body? [...] Take it away said she, let me not see it no more”.

⁸¹⁵ THE TWO [...], ref. 812, p. 6. Tradução livre de: “[...] the poor child-bed Woman lies very desperate sick being perplexed with so many sad desertions of mind, in thinking of this heavy Spectacle”.

Além da produção do monstro ser depreciada pela mulher, é possível vislumbrar como esse episódio era acrescido de um sentimento de vergonha e ojeriza. Na medida em que o monstro revelava uma dada mensagem divina, ele também assustava e colocava em xeque questões relativas à maternidade e o ato de ser uma boa mãe. Argumenta-se aqui como a moralização via impressos, por mais que posicionasse as mulheres na narrativa, vociferava ainda complexos de emoções que delineavam a reação da sociedade perante o monstro e o local das mulheres na experimentação desses processos de concepção, parto e criação da criança. Nesse caso, culpa, vergonha, dor, desespero e inquietude faziam parte do repertório dos impressos para se abarcar o nascimento de monstros e salientavam o papel ocupado pelos seus genitores.

No que concerne ao espanto diante do monstro, sobretudo por parte das mulheres, constata-se como ele também pode ser traçado em outros documentos do período, vide o caso de um texto impresso em 1688. Publicado anonimamente e com a ausência de imagens, ele pode ser encontrado com o título de *The strange monster or, true news from Nottingham-shire of a strange monster born at Grasly in Nottingham-shire* (Um estranho monstro ou, notícias verdadeiras de Nottingham-shire de um monstro estranho nascido em Grasly em Nottingham-shire)⁸¹⁶.

Além de uma descrição da forma física do monstro em tópicos, a qual continha significativos detalhes, chama-se a atenção para como o nascimento da criança foi recebido com um “[...] grande susto das mulheres presentes”⁸¹⁷, que a observaram com muita admiração e solicitaram a comunicação do ocorrido. Em consonância, sublinha-se como o impresso também comportava uma intertextualidade, ao passo em que narra vários casos de nascimentos monstruosos na região como uma forma de demonstrar a frequência desses episódios. Apesar dessas sutilezas, evidencia-se como essa narrativa também elencava um projeto moral por trás, uma vez que o autor, ao tratar de um caso específico, identificava o monstro como um indicativo da urgência de mudanças de atitudes. Ao relatar o caso de um ser que nasceu “[...] investindo contra o orgulho, a cobiça, a frieza da caridade e outros crimes enormes”⁸¹⁸, o texto enfatizava a necessidade de substituir certos comportamentos e de se evitar a prática de vícios.

⁸¹⁶ O título do impresso pode ser visualizado de forma mais extensa, no original: “*The strange monster or, true news from Nottingham-Shire of a strange monster born at Grasly in Nottingham-shire, three miles from Nottingham with a relation of his strange and wonderful shape, the time his mother was in travail with him, with several other things of note. Together with a brief relation of several monstrous and prodigious births which happened heretofore in this our nation. Licensed according to order*”.

⁸¹⁷ THE STRANGE [...], ref. 756, p. 5, tradução própria. No original: “[...] great astonishment to all the Women there present”.

⁸¹⁸ THE STRANGE [...], ref. 756, p. 5, tradução própria. No original: “[...] he uttered to the standers by many strange speeches, inveighing against pride covetousness, coldness of charity and other enormous crimes”.

Ainda que a mulher ocupasse um espaço menor em relação ao nascimento monstruoso, o impresso de 1688 indica como o monstro era lido e representado face ao cenário da sociedade inglesa do século XVII. O autor atribuía o nascimento de um “[...] filho com pelos e cerdas como um porco” ao cenário de “[...] Londres que, nestes últimos tempos do Libertismo, quando as diferentes opiniões de Religião fizeram muitos não terem Religião”⁸¹⁹. Há um apelo aqui para uma dada interpretação do monstro perante o público consumidor do impresso, de modo a reforçar que tais ocorrências deveriam ser lidas como presságios que, mais do que anunciar grandes catástrofes, convidavam os indivíduos a se arrependerem dos seus pecados. Vide:

Acrescentarei apenas isto, que o leitor não olhará com os mesmos olhos (como os fanáticos) para tais nascimentos monstruosos, considerando-os prodígios e certos preditores de grandes males que infalivelmente ocorrerão, uma vez que vemos que todas as eras produziram nascimentos semelhantes ou mais estranhos, mas que todos trabalhem para romper com seus próprios pecados pelo arrependimento⁸²⁰.

Há aqui, portanto, uma construção retórica em que se associavam os monstros à devassidão e ao libertismo inglês, bem como a profusão de seitas no país. Porém, diferente de outros textos, o objetivo não era ressaltar a ação de Deus ou o caráter punitivo desses seres, mas sim moralizar os indivíduos acerca do que eles poderiam aprender a partir desse caso. Ou seja, a existência de condutas errôneas na Inglaterra e a subsequente necessidade de mudança de comportamento. Por mais que tais condutas dissessem respeito a homens e mulheres, o local ocupado pelas personagens é o de justamente trazer à tona essas mensagens por meio dos nascimentos monstruosos. Ainda que a culpabilização feminina faça parte de muitos impressos, há uma outra perspectiva por trás: a de que era a mulher a responsável por abrir os olhos da população, alertando-a por meio daquilo que ela trazia ao mundo em seu corpo e o papel desse ato, tanto em termos sociais, como religiosos.

Como um convite a se arrepender dos pecados, o monstro não pode deixar de ser pensado como um instrumento para se condenarem comportamentos impróprios e advertir a comunidade. Como um mantenedor da ordem, ele seria o reflexo do mundo de *cabeça para baixo*, que, metaforicamente, estava invertido não apenas politicamente, mas também religiosa e socialmente. Desse modo, “[...] vaidade, excesso, bestialidade, decadência do amor fraternal,

⁸¹⁹ *Ibid.*, p. 10, tradução própria. Tradução livre de: “[...] a Child born with Hair and Bristles like to a Hog”; “[...] here in London, who in these late times of Libertism, when the different opinions of Religion made many to be of no Religion”; “[...] that the Reader will not look with the same eyes (as the Fanaticks do) upon such monstrous births”.

⁸²⁰ THE STRANGE monster [...], ref 756, p. 10, tradução própria. Tradução livre de: “I shall only add this, that the Reader will not look with the same eyes (as the Fanaticks do) upon such monstrous births, accounting them Prodigies, and certain Foretellers of great mischiefs infallibly to ensue, since we see that all ages have produced the like or more strange births, but let everyone labour to break off his own sins by repentance”.

corrupção, fraude e engano; considerados separadamente de seus vários e únicos monstros, esses avisos parecem ter o mesmo propósito básico – apontar o pecado e reforçar a autoridade divina”⁸²¹. Assim, indaga-se em que medida essas narrativas de monstros, face aos seus usos morais e sociais, conectavam aspectos relativos ao sexo, ao gênero, à posição das mulheres e aos atritos políticos e religiosos que eram colocados em cena na Inglaterra do século XVII.

5.3 Os impressos efêmeros em meio ao androcentrismo e à política

Ao considerar a maternidade como um ponto de implementação e negociação do poder, questiona-se em que medida a geração de monstros externalizava questões relativas às disputas políticas e religiosas que também estavam sendo travadas na arena social inglesa. Ou ainda, qual o local ocupado por essas mulheres na geração do monstro quando se colide com um cenário avassalado por conflitos políticos e militares entre partidários do rei e defensores do Parlamento. Se o monstro se encontrava ancorado no seu traço desviante e anômalo, cabe pensar como a subversão do seu nascimento poderia ser extrapolada para o contexto turbulento que a Inglaterra se encontrava no período de 1640 a 1660.

O conjunto de fontes oferece, nesse sentido, um impresso de 1647, publicado em Londres acerca do nascimento de um monstro na Escócia. Com autoria anônima, o texto intitulava-se como *Strange newes from Scotland, or, a strange relation of a terrible and prodigious monster* (Estranhas notícias da Escócia, ou uma estranha relação de um monstro terrível e prodigioso)⁸²². Além da presença de uma gravura na capa, a qual coincidia com a descrição da figura monstruosa, constata-se a menção a um monstro “[...] terrível e prodigioso, que levou ao espanto de todos os espectadores”⁸²³.

⁸²¹ DUNTHORNE, Anna. How to Approach a Monster: A Comparison of Different Approaches in the Historiography of Early Modern Monster Literature. **History Compass**, [s. l.], v. 6, n. 4, p. 1107-1120, 2008. p. 1110. Tradução livre de: “Vanity, excess, bestiality, decay of brother love, corruption, fraud and deception; considered apart from their various and unique monsters, these warnings seem to have the same basic purpose – to point out sin and reinforce godly authority”.

⁸²² O título em original e mais extenso pode ser visto com o nome de: *Strange newes from Scotland, or, a strange relation of a terrible and prodigious monster, borne to the amazement of all those that were spectators, in the kingdome of Scotland, in a village neere Edenborough, call'd Hadensworth, Septem. 14. 1647. and the words the said monster spake at its birth.*

⁸²³ STRANGE newes from Scotland, or, A Strange relation of a terrible and prodigious monster, borne to the amazement of all those that were spectators, in the kingdome of Scotland, in a village neere Edenborough, call'd Hadensworth, Septem. 14. 1647. and the words the said monster spake at its birth. London: printed by E.P. for W. Lee, 1647. p. 1. Tradução livre de: “[...] a strange relation of a terrible and prodigious monster, borne to the amazement of all those that were spectators”.

De início, é importante ressaltar que o próprio monstro na narrativa era objeto de inquérito daqueles que o testemunharam, de modo que a sua forma física amedrontava na mesma medida em que fascinava. Ao que tudo indica, parece ter se tratado de um caso gêmeos siameses, haja vista a descrição do monstro como um ser com duas cabeças, cujas “[...] partes secretas (que mostravam ser tanto masculinas quanto femininas) para baixo, todas peludas”⁸²⁴, mesclavam elementos relativos às genitálias sexuais do homem e da mulher. Entretanto, para além da anomalia corporal da criatura, salienta-se como ela foi representada e o que ela diz a respeito das mulheres e da própria Inglaterra moderna.

Ao narrar o monstro, o autor mencionava como “[...] os céus proclamaram sua entrada no mundo com um baixo estrondo de trovão, secundado por relâmpagos”, indicando ainda como esse episódio “[...] foi credivelmente acreditado por todos (cujos sentidos não foram arrebatados deles com a repentina apreensão do medo) que o último dia agora havia chegado sobre eles”⁸²⁵. Percebe-se aqui, por sua vez, não somente a crença no Juízo Final, mas também uma leitura escatológica do mundo, na qual o monstro era um sinal desse processo, afinal, fenômenos da natureza partiam das mãos de Deus e se associavam ao surgimento de criaturas anômalas e extraordinárias.

O monstro, mais do que um sinal do fim dos tempos, apontava, por outro lado, para o comportamento dos indivíduos da região, de tal forma a pressagiar algo ou indicar alguma conduta errônea que deveria ser ajustada. Isso fica nítido quando o próprio monstro recebe voz e um local de opinião no impresso. Em uma curta fala, o texto indica como o ser monstruoso chegou a proferir algumas frases, na qual ele explicava o porquê de ter nascido: “[...] eu estou assim deformado pelos pecados dos meus pais”⁸²⁶. Criatura extraordinária de fato, que não apenas prenuncia os desígnios divinos, mas é dotada do ato da fala logo após nascer, a despeito de sua malformação.

Nesse ponto, salienta-se o papel da mulher que dá à luz a esse ser, uma vez que, logo após a fala do monstro, a grávida também chega a proferir algumas palavras antes de falecer. Segundo o texto, “[...] a mãe, com a extrema dor e o horror da luta, depois de algumas poucas expressões” teria dito: “[...] boas pessoas (ela disse) rezem por mim como eu farei por mim

⁸²⁴ STRANGE [...], ref. 823, p. 4, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] the Secret parts (which shewed it to bee both Male and Female) downewards, all ‘hairie’”.

⁸²⁵ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “[...] that the heavens proclaimed its entrance into the world with a lowd peale of thunder; seconded with such frequent flashes of lightening”; “[...] it was credibly beleaved of all (whose sences were not ravished from them with the sudden apprehension of feare) that the latter day was now come upont them”.

⁸²⁶ STRANGE [...], ref. 823, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “I am thus deformed for the sinnes of my parents”.

mesma; este julgamento caiu sobre mim sem dúvida por meus pecados, que são muitos e graves”⁸²⁷. Novamente, reconhece-se aqui um processo de culpabilização feminina pelo nascimento do monstro, de modo que a própria figura materna endossava e externalizava a sua posição diante da deformidade por ela própria engendrada.

Todavia, diferente dos outros textos, nos quais as condutas femininas estavam associadas à luxúria ou à prática de vícios tipicamente vinculados aos arquétipos das mulheres como seres maliciosos e subversivos, os pecados relatados pela mãe nesse impresso apresentavam um explícito vínculo com as questões políticas e religiosas que permeavam o cenário inglês. No caso acima, a mãe, ao atribuir o surgimento do monstro aos pecados por ela cometidos, deixava claro como ela teria sido atizada por seitas religiosas, as quais resultaram em uma ira divina e um julgamento de Deus infligido sobre ela. Ela afirma como “[...] desejava intensamente (sendo seduzida por companheiros hereges facciosos, que andam em pele de cordeiro, mas não passam de lobos vorazes) ver a ruína e subversão completas de toda a igreja e do governo do Estado”⁸²⁸. Ainda que se tratasse de um caso de subversão aqui, o ponto central não é a sexualidade feminina ou a traição ao casamento, mas sim a sua suscetibilidade para se desviar da Igreja e do governo.

Reconhece-se aqui como essa fala proferida pela mulher também era permeada por um dado discurso moralizador, uma vez que condenava o vínculo dos indivíduos com outros grupos religiosos, além de frisar a necessidade de arrependimento “[...] desses erros perigosos, clamando a Deus por misericórdia e fazendo as pazes antes que seus pecados clamem ao Céu por vingança”⁸²⁹. Ao pedir para que as pessoas levassem em consideração o conselho da mulher moribunda antes que fosse tarde demais, o autor reiterava como a própria Inglaterra estava imersa em devassidão e corrupção, uma vez que a “[...] Nação é importunada com tantas serpentes quantas”⁸³⁰.

Ao projetar esse impresso para a sociedade inglesa na década de 1640, argumenta-se como as turbulências políticas e religiosas vivenciadas pelas disputas entre o rei, o parlamento e os diferentes grupos religiosos, facultavam essa interpretação dos monstros como resultantes das posturas equivocadas de homens e mulheres do período. Contudo, o peso atribuído ao

⁸²⁷ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. No original: “*The mother, what with the extremitie of the paine and horror of the fight*”; “*Good people (says shee) pray for mee as I shall doe for my selfe; this judgment is quellionlesse fallen upon mee for my sinnes, which are many and grievous*”.

⁸²⁸ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. Tradução livre de: “*I did vibemently desie (being seduced by hereticall factious Fellowes, who goe in sheep’s cloathing, but are naught but ravening wolves) to see the urter ruine and subversion of all church and State Government*”.

⁸²⁹ STRANGE [...], ref. 823, p. 6, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] *those dangerous errors, calling to God for mercie, and making your peace before your sinnes call to Heaven for vengeance*”;

⁸³⁰ *Ibid.*, p. 6, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] *this Nation be pestered with as many serpents*”.

feminino e à capacidade de subversão dessas mulheres era ainda mais acentuado pela literatura impressa, de modo a evidenciar como o monstro tinha, como porta de entrada, o corpo feminino corrompido pelas suas ações errôneas.

Uma vez que se considera que o microcosmo da família (e a subsequente obediência da mulher ao homem) se dava em correspondência ao macrocosmo da Inglaterra (e as relações do governante perante os seus súditos), pensa-se como a ruptura feminina com a ordem doméstica, religiosa ou política, era tida como o estopim para a geração de monstros. Logo, se a função da mulher era a de servir ao Reino, à família, a Deus e à Igreja, elenca-se como a representação dos monstros transmitia essa “[...] desordem cataclísmica da revolução e mudança política”. As próprias “[...] explicações médicas, científicas ou normativas” sobre o monstruoso eram adicionadas de um componente social, na qual esses seres “[...] ressurgem de forma politizada”⁸³¹. Isto posto, a forma física feminina, além de evidenciar possíveis problemas reprodutivos, corporificava os próprios embates políticos e religiosos da época. Propensos a doenças e corrupções, seus corpos evidenciavam ainda os problemas que se aglutinavam na esfera social inglesa do século XVII.

Essas assertivas podem ser melhor iluminadas quando se defronta com outro texto, difundido alguns anos depois, em 1652. Publicado em Londres, ele poderia ser encontrado com o título de *The Ranters Monster: being a true relation of one Mary Adams* (O Monstro Ranters: sendo um verdadeiro parente de Mary Adams)⁸³². Ainda que se desconheça a sua autoria, é pertinente mencionar que esse impresso reutilizava a mesma gravura publicada anos antes em um outro texto: *A Declaration of a strange and wonderfull Monster born in Kirkhara, in Lancashire* (A Declaração de um estranho e maravilhoso monstro nascido em Kirkhara, em Lancashire)⁸³³. Além da reciclagem de certos modelos de imagem, é possível ver ainda uma certa semelhança entre as histórias relatadas por ambos os impressos, ao passo em que o texto de 1646 também comentava sobre a história de uma mulher que teria dado à luz a um monstro por conta de sua identificação com a Virgem Maria.

⁸³¹ KNOPPERS; LANDES, ref. 581, p. 14, tradução própria. Tradução livre da autora do original: “[...] the cataclysmic disorder of political revolution and change [...] medical, scientific, or normative explanations [...] reemerge in a politicized form”.

⁸³² O título do impresso original na verdade era mais extenso, sendo disposto como: *The Ranters Monster: being a true relation of one Mary Adams, living at Tillingham in Essex, who named her self the Virgin Mary, blasphemously affirming, that she was conceived with child by the Holy Ghost; that from her should spring forth the savior of the world; and that all those that did not believe in him were damn'd: with the manner how she was deliver'd of the ugliest ill-shapen monster that ever eyes beheld, and afterwards rotted away in prison: to the great admiration of all those that shall read the ensuing subject; the like never before heard of*.

⁸³³ Esse impresso se assemelha ao *A Declaration of a strange and wonderfull monster: born in Kirkham parish in Lancashire*, previamente analisado no capítulo 2.

Esse episódio é ainda mais frisado pelo texto de 1652 por meio do seu próprio título. Nele, evidenciava-se como o nascimento do monstro era associado às faltas de Mary Adams, a qual “[...] se autodenominou Virgem Maria, afirmando blasfemamente que ela foi concebida pelo Espírito Santo e que dela deveria brotar o Salvador do mundo”⁸³⁴. Segundo o autor, a mulher teria sido presa até dar à luz, uma vez que “[...] por essas palavras blasfemas e opinião perversa [...] o Ministro, fez com que ela fosse apreendida e lançada na prisão, até que chegasse o momento em que ela fosse libertada”⁸³⁵. Pode-se argumentar que essa repreensão social já indicava, por sua vez, como o corpo da mulher estava circunscrito dentro de uma lógica de controle.

Ao alocar a personagem como um sujeito perigoso e que deveria ser contido devido ao seu comportamento, percebe-se como a mulher era representada na narrativa, isto é, como uma herética e corrompida, tal qual o seu corpo. Nesse caso, não somente a criança gerada por Mary era vista como grotesca e monstruosa, mas também a própria mãe. O texto era revestido de um esforço retórico no sentido de difamar a reputação da moça e explicar os porquês de ela ser vista como desviante. Por mais que o impresso afirmasse, logo no início, que “[...] Mary Adams era descendente de boa linhagem e por muitos anos se portou tanto na vida civil quanto na conversação, sendo uma grande frequentadora da Igreja e um excelente padrão de verdadeira Santidade”⁸³⁶, o autor reiterava como ela teria sido corrompida, de modo a deixar de lado todos esses atributos positivos que ela possuía anteriormente.

Apesar disso, o ponto central é como esse processo de desvio feminino era visto no texto. Segundo o impresso, a postura de Adams era condenável na medida em que “[...] ela se afastou desses princípios divinos e gloriosos, para o caminho mais herético e inegável do anabatismo”⁸³⁷. O comportamento feminino e o respectivo monstro estavam atrelados à própria disposição dos grupos religiosos no período e ao caráter negativo direcionado a alguns deles. Ao abordar que Mary “[...] começou a desejar uma mudança adicional, e imediatamente depois se tornou *Ranter*, sustentando uma opinião, que não havia Deus, nem Céu, nem Inferno, mas

⁸³⁴ THE RANTERS [...], ref. 470, p. 1, tradução própria. Tradução livre de: “[...] who named herself the Virgin Mary, blasphemously affirming, That she was conceived with child by the Holy Ghosts that from her should spring forth the Savior of the world”.

⁸³⁵ *Ibid.*, p. 4, tradução própria. Tradução livre de: “For which blasphemous words, and wicked opinion of hers [...] the Minister caused her to be apprehended, & cast into prison, until the time came that she was to be delivered”.

⁸³⁶ THE RANTERS [...], ref. 470, p. 4-5, tradução própria. Tradução livre de: “Mary Adams was descended of good parentage, and for many years deported herself both in a civil life and conversation, being a great frequenter of the Church, and a most excellent pattern of true Holiness”.

⁸³⁷ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “[...] she felt off from these divine and glorious principles, to the most Heretical and undeniable way of Anabaptism”.

que a Criação veio pela providência, com diversos outros princípios diabólicos e blasfemos”⁸³⁸, constata-se o rechaço do autor a esses grupos religiosos.

Em uma outra perspectiva, pode-se apreender como o poder materno e a capacidade de gerar monstros eram associados à imagem da Virgem Maria pelo impresso. Segundo Wiedenbeck, na “[...] Inglaterra pós-Reforma, a Virgem Maria, é claro, era representativa do catolicismo, e sua figura era, portanto, duplamente ameaçadora”⁸³⁹. Desse modo, a menção a ela poderia aludir não somente aos grupos católicos, mas também ao potencial do útero e do corpo materno como elementos complexos, os quais poderiam engendrar monstros e receber punições divinas. Nesse sentido, a menção a essa figura era algo digno de atenção e cuidado. Não por menos, o ato de blasfêmia nesse texto foi retido como algo inaceitável e que urgia uma rápida contenção da mulher.

Por conseguinte, verifica-se como o nascimento de monstros no período foi aproximado de uma relação entre as mulheres jovens e o pertencimento a determinados círculos religiosos. Quando se pensa no contexto das Guerras Civas, pode-se considerar como o cenário de atritos políticos potencializava esses temores em relação aos grupos dissidentes e às seitas religiosas (como o caso dos Anabaptistas ou dos *Ranthers*). Sobre esse tópico, Diane Purkiss ressaltou, inclusive, como “[...] em 1653, as posições endureceram”, de modo que “[...] a Guerra Civil dividiu a nação de muitas maneiras”⁸⁴⁰. Dessa forma, pode-se supor que o monstro do impresso acima aludia justamente à ordem da sociedade e à harmonia do corpo social inglês, ao passo em que as anomalias de seu corpo revelavam a transgressão da mulher e a necessidade de um castigo divino.

Essa punição assentar-se-ia sobre o útero feminino e o envio de criaturas horrendas à terra. A ênfase nesse órgão demonstrava não apenas a perspectiva bíblica da falta de Eva que assolou as mulheres, mas também a centralidade dos úteros como veículos da mensagem divina. Isso fica ainda mais nítido quando se considera o papel do órgão reprodutor feminino no que diz respeito à sua responsabilidade em conectar o feto ao mundo humano, sendo a mulher a porta de entrada para o meio exterior. E, nesse caso, o foco na dor do parto pelos impressos,

⁸³⁸ *Ibid.*, p. 5, tradução própria. Tradução livre de: “[...] she began to desire a further change, and immediately after turned *Ranter*; holding an Opinion, I hat there was no God, no Heaven, no Hell, but that the Creation came by providence, with divers’ others diabolical and blasphemous Tenets”.

⁸³⁹ WIEDENBECK, ref. 751, p. 17, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] in Post-Reformation England the Virgin Mary, of course, was representative of Catholicism, and her figure was thus doubly threatening”.

⁸⁴⁰ PURKISS, ref. 277, p. 2, tradução própria. Tradução livre de: “By 1653, positions had hardened; the Civil War divided the nation in many ways”.

colocava em perspectiva justamente essa influência religiosa, o papel do corpo feminino e a agonia presente nesse processo.

O parto do monstro do impresso de 1652, a exemplo, teria levado um total de oito dias e sido acompanhado por sérios tormentos, produzindo, ao final, um ser anômalo com deformidades físicas que foram ali testemunhadas. A postura de Mary Adams é expressamente relacionada pelo autor às seitas, visto que ela teria esbravejado, ainda na prisão, “[...] imprecções contra os *Independentes*; dizendo: Que em vez de dar à luz o Espírito Santo, para ser um *Roundhead*, ou *Independente*, ela desejava que ele não tivesse cabeça alguma”. Esse episódio, além de ser visto como uma “[...] horrível blasfêmia”, abria um espaço no texto para que o autor questionasse o seu contexto: “Em que época vivemos? Deus em sua misericórdia seja nossos guias, e nos abençoe, guarde, preserve e defenda, todos os dias do nosso tempo designado”⁸⁴¹.

Ressalta-se, a partir da postura combativa e blasfema de Mary Adams, a necessidade de arrependimento e oração. Não é à toa que, ao abordar o “[...] seu fim miserável”, o autor indicava como a protagonista, mesmo com mulheres ao seu redor “[...] desejando que ela orasse e pedisse perdão pelos seus pecados”, não correspondia a essas expectativas. Ao contrário, o impresso enfatiza como ela “[...] respondeu que seu coração estava tão endurecido pela maldade que ela não tinha poder para se arrepender”⁸⁴².

Ao olhar por essa ótica, depreende-se como o útero era também um objeto de ataque, de modo que a própria sexualidade e postura feminina eram objetos de atenção na Primeira Modernidade. Em um contexto de formação ou desmantelamento de alianças político-religiosas, pode-se interpretar como os conflitos militares da década de 1640, ao agravarem as preocupações com o lar, a alimentação e a sobrevivência frente à guerra, tangenciavam temáticas relativas à maternidade, à formação das famílias e à manutenção dos casamentos. Dessa forma, “[...] o medo social e político da desordem, aqui apresentado como monstruosidade e anteriormente como violência civil, pode ser facilmente identificado”⁸⁴³ na figura da mulher e do seu respectivo nascimento anômalo.

⁸⁴¹ THE RANTERS [...], ref. 470, p. 8, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] she used many imprecations against the Independents; saying, That rather then she would bring forth the Holy Ghost, to be a Round-head, or Independent, she desired that he might have no head at all”; “O horrible blasphemy”; “What an Age do we live in? God in his mercy be our guides, and blesse, keep, preserve and defend us, all the dayes of our appointed time”.

⁸⁴² THE RANTERS [...], ref. 470, p. 4, tradução própria. Tradução livre de: “[...] her latter end was miserable”; “desired her to pray, and to ask forgiveness for her sins”; “[...] she answered, that her heart was so hardened in wickedness, that she had no power to repent”.

⁸⁴³ PURKISS, ref. 277, p. 193, tradução própria. Tradução livre do original: “[...] this way, the social and political fear of disorder, troped here as monstrosity and previously as civil violence, can be easily identified [...]”.

Observa-se, assim, na Inglaterra do século XVII, um aumento das ansiedades dos homens em torno dos corpos femininos, somadas ainda à ideia de que as mulheres criavam monstros não apenas devido aos seus pecados ou à sua sexualidade descontrolada, mas por causa de opiniões ou desejos políticos e religiosos. Logo, o monstro vociferava questões relativas ao útero corrompido, mas também ao cenário de entraves políticos. Ou seja, os próprios “[...] corpos reprodutivos das mulheres, então, eram políticos”, sendo “[...] exibições visíveis de desordem ou agitação social”⁸⁴⁴. Isso faz com que se reitere aqui a alegação de Purkiss ao constatar que o monstro cumpria um papel enquanto uma “[...] metáfora para a mãe”. Desse modo, “[...] o nascimento de um monstro não sinaliza aqui a rebelião da esposa contra a autoridade específica e local de seu marido, mas seu desvio da autoridade que ele incorpora”⁸⁴⁵. Isto é, a maternidade era ela própria vista como um elemento ameaçador perante a masculinidade e os jogos de poder.

Ao tangenciarem questões de obediência, tais episódios de nascimento monstruoso evocavam uma dada posição que era esperada das mulheres, tanto em relação aos seus corpos, como em relação às suas crenças, falas e gestos. Afinal, a mulher que fugia a essas expectativas era tida como desviante e passível de gerar anormalidades. Com isso, a crença nas impressões maternas, na imaginação feminina e na corrupção do útero tornavam-se ainda críveis e viabilizadas, sendo reforçadas, em última instância, por todo um aparato religioso e teratológico. Uma vez que se considera que os “[...] corpos dos monstros implicam estruturas de poder e conhecimento”⁸⁴⁶, reconhece-se como a visão androcêntrica foi difundida por meio dos tratados médicos e dos impressos efêmeros, de tal maneira que facultasse a interpretação da mulher como sediciosa e subversiva.

Ao refletir sobre a culpa feminina que assolava boa parte dos nascimentos de monstros da Primeira Modernidade, considera-se como essas criaturas encarnavam e personificavam alguma desordem, fosse ela do corpo político-religioso ou das próprias hierarquias de gênero. Nesse caso, além de uma categoria de análise, reconhece-se aqui como as estruturas de dominação e a consolidação das relações sociais entre homens e mulheres contribuíram para uma dada representação feminina em relação à geração do monstro, sobretudo em um contexto de *cabeça para baixo* da Inglaterra. Mais do que órbitas de disputa, a maternidade e a

⁸⁴⁴ WIEDENBECK, ref. 751, p. 123-124, tradução própria. Tradução livre de: “[...] *women's reproductive body bodies, then, were political: they were visible displays of social disorder or unrest*”.

⁸⁴⁵ PURKISS, ref. 277, p. 173, tradução própria. Tradução livre de: “[...] *metaphor for the mother*”; “*The birth of a monster does not here signal the wife's rebellion against the specific and local authority of her husband, but her deviance from the authority which he embodies*”.

⁸⁴⁶ KNOPPERS; LANDES, ref. 581, p. 21, tradução própria.

sexualidade apontavam para como os próprios afetos vivenciados no momento da geração do feto e do parto eram mobilizados para se comentar sobre o nascimento de monstros e a postura das mulheres.

Sendo o corpo algo que “[...] é social e discursivamente construído”⁸⁴⁷, pensa-se como esses materiais do século XVII reforçavam essas interpretações sobre a mulher como um ser transgressivo, perigoso e desviante. Nesse sentido, as fontes aqui analisadas gritam conflitos de gênero que resultavam em uma dada apreensão do corpo feminino na época. Além de elementos que ressaltavam as hierarquias da época, salienta-se como esses impressos não podiam ser neutros, ao passo em que construíam e reforçavam uma dada ordem social, calcada, sobretudo, em um processo de moralização e vigília constante do que as mulheres estavam vivenciando. De Eva até o monstro, tonificava-se uma associação da mulher ao pecado e à narrativa bíblica, ao passo em que a própria “[...] sexualidade se torna um desafio para o poder”⁸⁴⁸.

Posto isso, argumenta-se como o local reservado a essas personagens nas narrativas e a linguagem atribuída a elas, direta ou indiretamente, contribuía para a construção de um dado discurso que, ainda que sutil, inculcava valores e padrões normativos. Desse modo, refletir sobre essa dimensão é também apontar para como a cultura impressa abriu espaço para se exteriorizar medos e anseios em relação às mulheres. Em todos os casos, da pecadora até a boa mãe, não existia ninguém melhor para trazer o monstro ao mundo senão a própria mulher.

⁸⁴⁷ WOLFF, Janet. Recuperando a corporalidade. Feminismo e política do corpo. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (org.). **Gênero, Cultura visual e performance**: Antologia Crítica. Ribeirão: Húmus, 2011. p. 101.

⁸⁴⁸ MUCHEMBLED, ref. 398, p. 115.

6 CONCLUSÃO

Cotejar a monstrosidade por meio da análise da cultura impressa e, em especial, dos impressos efêmeros que circulavam na Inglaterra do século XVII é indagar-se constantemente sobre o que seria, afinal, o monstro nessa época. Para tal pergunta, somam-se tantas outras que desembocam em uma necessidade de se construir um conceito capaz, ao menos em partes, de definir o que era o monstruoso perante a sociedade inglesa ao longo da Primeira Modernidade.

De início, verifica-se que o monstro nas fontes analisadas pelo recorte documental desta pesquisa referia-se, quase sempre, a figuras específicas que detinham características únicas as quais as favoreciam tal classificação. Desse modo, o ser descrito nas narrativas poderia ser tachado como monstruoso porquanto que a sua representação comportasse algum trato anômalo que o destoava do habitual. Além das anomalias físicas, traços corporais e posturas irregulares, essas criaturas poderiam se enquadrar como monstros na medida em que possuíam algum elemento disruptivo que indicava uma aversão à ordem e, conseqüentemente, uma ruptura daquilo que era esperado pela sociedade ou pela natureza. É o caso dos hermafroditas ou gêmeos siameses, uma vez que a duplicidade de forma ou a carência de membros era assumida como uma falha no processo natural do parto e uma quebra das expectativas sob o nascimento de um bebê.

Esse monstro concreto, justamente por ser datável e localizável no tempo, apresentava, na maior parte dos impressos, alguma informação em sua descrição – geralmente atestada por uma testemunha – que aludia a um componente visual o qual auxiliava na identificação do monstro. Era por meio do olhar e, em seguida, pela representação imagética e textual, que a monstrosidade era erigida no século XVII. Tais traços, além de evocarem atenção, horror, espanto ou admiração, mobilizavam um conjunto de emoções diante do inóspito. Além de impulsionarem questões a respeito de sua origem e causas para o surgimento da anomalia, as representações desses seres apontavam ainda para algo mais profundo: um significado político-religioso e social que o monstro poderia vir a externalizar por meio de sua malformação.

Nessa ótica, o monstro era interpretado como um sinal do seu tempo, apontando ainda uma leitura pressagiosa sobre o seu surgimento. Como apontado no capítulo 3, tais seres poderiam ser retidos como prodígios, ao passo em que se afastavam do curso ordinário da natureza, sendo ainda raros e incomuns. Tendo o seu interesse alimentado pelos conflitos religiosos e as reformas religiosas, esses seres vincularam-se a uma leitura apocalíptica de mundo, na qual Deus enviava monstros a terra como forma de punição para os pecados

humanos. Dessa forma, em um mundo de *cabeça para baixo*, tais monstros se interligavam a uma visão escatológica, que demandavam uma postura de arrependimento e mudança por parte dos fiéis.

Essa ideia da inversão, operada aqui a partir dos escritos de Christopher Hill sobre o *mundo de ponta-cabeça*, funciona aqui como um elemento-chave para se pensar como o monstro representava, ele próprio, uma subversão dos sistemas de hierarquia e poder da época. Além de evidenciar esse caráter de desordem, a percepção esboçada por esta dissertação, de uma Inglaterra de *cabeça para baixo*, cumpre os propósitos de demonstrar como o escopo social inglês estava imerso em ansiedades e debates promovidos à luz das mudanças políticas e as disputas por poder. Isso, por sua vez, teria fermentado ainda mais um espaço para a crença no monstruoso na Inglaterra e a ideia de que tais anomalias só poderiam ser fruto de uma ação de Deus diante da iniquidade humana. E é face a esse contexto tumultuado que se pode pensar em um monstro mais próximo das discussões políticas e religiosas do século XVII.

Isto é, em compasso a esse monstro concreto, físico e espacializado, mencionado acima, defende-se também a percepção de um outro tipo de monstro: aquele abstrato e retórico, cujo uso aparece como uma forma de metáfora para se atacar, criticar ou elogiar determinado grupo político-religioso do período. Dessa forma, o monstro aparece como um elemento qualitativo, no qual se abre um espaço para se tratar do outro e, conseqüentemente, alavancar discussões relativas à ordem e aos comportamentos humanos. É o que se percebe, por sua vez, nos relatos de monstros que mencionavam católicos ou puritanos na Inglaterra do século XVII. Nesses casos, o ser monstruoso não dizia respeito meramente a uma anomalia congênita ou física, mas a um comportamento ou aliança social que poderia ser rechaçada ou reforçada pelos impressos.

Instrumentalizado, o monstro permite um espaço para se falar das identidades étnicas, políticas ou religiosas, de modo a criticar ou defender determinado grupo social. Ao discutir essa esfera no capítulo 4, procurou-se demonstrar como os conflitos entre os parlamentares e os defensores do rei puderam ser vociferados pelos impressos ingleses e interpretados a partir dos próprios relatos sobre nascimentos ou aparições monstruosas. Não por acaso, determinados indivíduos poderiam ser tachados como monstros na medida em que comportavam alguma dimensão de oposição e ojeriza social. Ao passo em que a monstruosidade esbarra em um eu *versus* ele, ela também margeava questões de alteridade e identidade, demarcando fronteiras e estabelecendo vínculos sociais ou alianças político-religiosas, vide as próprias aproximações entre monstros e estrangeiros ou pessoas externas à Inglaterra.

O que se percebeu, por outro lado, é que, em ambos os tipos de monstros (o concreto ou metafórico), não se descarta a existência de uma real crença no monstruoso na época, a qual,

além de complexa, somava-se à produção de uma extensa teratologia dedicada a estudar os monstros e as suas prováveis origens. Como foi demonstrado no capítulo 3, admite-se uma intensa profusão de tratados teratológicos que, transcorridos para a literatura efêmera, demonstram um esforço de se entender, catalogar e apreender os monstros. Não obstante, a própria geração de monstros tornava-se um objeto foco de muitos estudiosos dos séculos XVI e XVII, mobilizando pesquisas, experimentos e redação de livros.

Como salientado pelo capítulo 2, a construção desses impressos também era embasada pelas discussões teratológicas e os tratados que estavam sendo produzidos por médicos e filósofos do período. Ainda que o conjunto de fontes esmiuçado por esta pesquisa aluda a textos de caráter efêmero, com um público mais amplo e, por vezes, um aspecto mais barato e de ampla difusão, pode-se perceber como esses materiais estavam imersos em uma produção científica, na qual se buscava entender as causas para a geração do monstro. Além de um dinâmico mercado impresso, vide a exposição do capítulo introdutório desta dissertação, verifica-se como a produção de textos aglutinava o interesse popular pelos relatos de monstros às predileções e escolhas dos autores e impressores, os quais estavam inseridos em um esquema representacional coletivo próprio da Modernidade, no qual o monstro era objeto de atenção.

Além desse cenário, o expressivo fluxo de impressos nesse século leva a considerar como os materiais da prensa poderiam funcionar como mecanismos de exteriorização de ideias e anseios, sendo o monstro uma peça-chave dentro desse processo. A significativa profusão de textos com notícias relativas ao surgimento e à aparição de monstros no período parece aludir ao processo de consolidação do mercado editorial inglês ao longo do século XVII e à ideia de que os monstros eram um objeto de consumo e leitura, englobando questões relativas ao próprio processo de comunicação. Ainda que esta pesquisa tenha se atentado primordialmente para a representação textual do que a visual a respeito dos monstros, pode-se perceber como a construção dos textos sobre tais seres era dinâmica, envolta em um processo no qual a materialidade e contexto de produção tipográfica impactavam no objeto final a ser lido e consumido pelo público inglês da época.

Nessa ótica, os relatos de seres monstruosos veiculados pela prensa não eram tratados apenas como meras curiosidades do período, mas como expressões de ansiedades sócio-históricas sujeitas à leitura e ao manejo político. Desse modo, pode-se argumentar que a própria Inglaterra do período pode ser lida a partir dos monstros vociferados por meio de suas produções culturais. E a essa Inglaterra seiscentista não faltavam ansiedades, temores e disputas políticas, bem como um mercado livreiro aquecido, capaz de multiplicar e fazer circular relatos dessa natureza. Consequentemente, ao se debruçar sobre as representações difundidas por meio

desses textos efêmeros, empreende-se uma frutífera análise a qual aquiesce o entendimento sobre como o outro e as angústias locais eram comunicadas via imprensa.

Considerar tal leitura retira, por sua vez, a monstrosidade das profundezas do imaginário, na qual coexistiria com outras crenças populares, e faz um uso dela para que se compreendam os termos e movimentos da ágil disputa política que, a partir de 1640, acirrava-se de maneira dramática na Inglaterra, mostrando-se, sobretudo, por meio do mercado livreiro. Assim, tais relatos sobre monstros poderiam contribuir para a fortificação da percepção sobre as próprias deformidades sociais, ao passo em que a sua divulgação forneceria espaços para se interpretar a urgência de uma necessidade de restauro da ordem e aplicação de determinados padrões de comportamento.

Sublinha-se aqui, portanto, como o monstro é um elemento vinculado ao seu contexto de produção, revestindo-se de uma historicidade. No caso dos monstros relatados nos impressos ingleses, isso não é diferente. A construção da monstrosidade no século XVII faz com que se considere como tais seres diziam respeito às tensões e às vivências que também eram travadas pela sociedade da época. Consequentemente, refletir sobre o monstro nesse período é ponderar também, por uma outra perspectiva, as próprias dinâmicas políticas e culturais da Inglaterra, marcada, nesse momento, por uma agitação política, embates religiosos e experimentações médico-filosóficas.

Quando se situa essa perspectiva, percebe-se como os impressos efêmeros sobre monstros chamavam a atenção para as disputas de poder, gênero, identidade ou religião que se aglutinavam no escopo inglês. Se ora o monstro clamava por uma sociedade menos devassa e mais piedosa, ele também contribuía para a definição de critérios normativos capazes de organizar a comunidade inglesa perante as lógicas de mando. Constrói-se, desse modo, uma análise privilegiada dessa sociedade, capaz de enunciar como a cultura estava entrelaçada à política dos textos, facultando o entendimento das dinâmicas de uma sociedade em crise.

Nas palavras de Nogueira, sendo “[...] centrado, fluído, assimétrico, volátil, fragmentado, recortado, despedaçado, caótico, inorgânico”, o monstro é também um ser inefável e instável, uma vez que é “[...] desmesurado – porque foge da medida; e desfigurado – porque violenta a figura; e disforme – porque rompe a forma; e desproporcionado – porque transgride a proporção”⁸⁴⁹. Ou seja, ele é tudo e mais um pouco. Contudo, é antes de nada uma criação humana, de tal modo que a sua existência aponta para os laços com aquele universo no

⁸⁴⁹ NOGUEIRA, Luís. O monstruoso contemporâneo. **EIKON**, [s. l.], n. 11, 2022. p. 9

qual ele foi forjado. Os monstros são, portanto, seres que “[...] estão no mundo, mas não são do mundo. Eles são personificações paradoxais da alteridade dentro da mesmice”⁸⁵⁰.

Nessa ótica, a presente dissertação debruçou-se em uma análise capaz de entender a representação dos monstros à luz dos jogos de mando, das disputas de poder, dos entraves religiosos e da mobilização de afetos. Ao ponderar sobre os sentimentos externalizados pelos monstros no capítulo 4, constatou-se como a monstrosidade poderia ser instrumentalizada metaforicamente para se abordarem os inimigos políticos, incorporando emoções ou afetos que implicavam as próprias disputas que orbitavam a cena pública inglesa. Em igual medida, também foi possível perceber como, na maioria expressiva dos impressos analisados, a narrativa do monstro cruzava-se com a exposição de uma mensagem moralizadora, o que contribui para a argumentação de que a literatura efêmera detinha um papel primordial no reforço de comportamentos e condutas humanas.

Ao ampliar esse olhar, pode-se verificar como os relatos de monstros evidenciavam ainda uma dimensão feminina em seu percurso, ao passo em que o surgimento do monstro alavancava questões sobre quem o gerou. Dessa forma, a maternidade e a conduta feminina eram objetos de atenção na Primeira Modernidade, englobando não apenas uma tratadística para se abordar o assunto, mas também a formação de uma dada representação acerca das mulheres. À guisa de exemplo de Eva e do Pecado Original, a mulher era marcada por um receio social, podendo ter o seu próprio útero associado à corrupção e à subsequente geração do monstruoso. Nesse percurso, as ideias relativas aos poderes da imaginação materna e à lascívia das mulheres, potencializavam a lógica de culpabilização, de tal forma que a devassidão e o desregramento feminino facultariam o surgimento do ser monstruoso. Sendo assim, reforçava-se por meio da literatura impressa não apenas uma visão androcêntrica de mundo, mas também um complexo e dinâmico processo de correlação das mulheres à existência dos monstros.

Isso fica ainda mais nítido quando se focaliza na representação textual dos monstros e a mensagem que se seguia à sua descrição. Já no início do século XVII, um impresso de 1600 abordava o caráter pressagioso do monstro e o papel feminino em sua geração. Intitulado *A most strange, and true discourse, of the wonderfull judgement of God* (A mais estranha e verdadeira descoberta, de um maravilhoso julgamento de Deus), o texto expunha “[...] uma advertência sincera para retirar as pessoas dos pecados da prostituição e da impureza: tais que, espero, farão muito bem, e prevalecerão com alguns, entre muitos, que vivem perversamente

⁸⁵⁰ BEAL, ref. 346, p. 4. Tradução livre do original: “*Monsters are in the world but not of the world. They are paradoxical personifications of otherness within sameness*”.

nestes dias”⁸⁵¹. Além de um enfoque moralizador, percebe-se como esses impressos, ao tangenciarem aspectos relativos à política, à religião, ao gênero e às disputas identitárias da época, não deixavam de compor uma agenda moral, impregnada de valores sociais daquele momento.

Nessa premissa, como apresentado no capítulo 5, a inclusão de monstros era uma temática que ressoava tanto na escrita de manuais de parteiras e na preocupação com a maternidade no geral, como em discussões sobre as instruções médicas e o controle dos corpos femininos. Além de uma responsabilização feminina na geração do ser monstruoso, reconhece-se como a maternidade era elemento de disputa e poder, de modo que as mulheres poderiam ser lidas, por vezes, como uma ameaça face à masculinidade patriarcal⁸⁵². Assim, as representações que preenchiam os textos efêmeros sobre o nascimento de monstros evidenciavam a figura da mulher como um ser desregulado e subversivo, de modo que a sua falta associada à Eva e a sua aversão à autoridade masculina fomentavam os nascimentos monstruosos.

A vista disso, delimita-se como a análise dos impressos efêmeros permite uma ampliação do olhar para o trato da monstruosidade na Inglaterra moderna, ao passo em que o estudo dos relatos de monstros faculta um olhar para a compreensão de como as deformidades físicas, as anomalias congênitas, as alterações da ordem e as subversões das relações políticas, religiosas ou de gênero poderiam ser abordadas. O monstro, dessa forma, assume a posição de um ser que “[...] desestabiliza a representação e a identidade em suas diversas formas de expressão”⁸⁵³.

Sendo um corpo não codificado que absorve vários signos em sua composição, o ser monstruoso abre espaço para se falar das incertezas, do insólito, das angústias comunitárias e da própria construção da nossa ideia de humanidade. Caótico, desterritorializante, inquietante e fascinante, o monstro nos convida a refletir sobre o outro, sobre nós e sobre as infinitas possibilidades do ser e estar no mundo. Ainda que anunciando uma catástrofe ou evidenciando uma mensagem, o monstro é antes de tudo um ponto de fuga. E, como tal, um ponto de retorno, que tenciona e faz-se questionar, afinal, o que é um ser humano.

⁸⁵¹ I.R. **A most strange, and true discourse, of the wonderfull judgement of God.** Of a monstrous, deformed infant, begotten by incestuous copulation, betweene the brothers sonne and the sisters daughter, being both vnmarried persons. Which childe was borne at Colwall, in the country and diocesse of Hereford, vpon the sixt day of Ianuary last, being the feast of the Epiphany, commonly called Twelfth day. A notable and most terrible example against incest and whoredome. London: printed by E. Allde for Richard Iones, 1600. p. 3. Tradução livre do original: “[...] here is an earnest admonition to withdrawe people from the sinnes of Whore dome & uncleannesse: such as I hope shall doe much good, & preuaile with some, amōgst many, that liue wickedly in these dayes”.

⁸⁵² WIEDENBECK, ref. 751, p. 143.

⁸⁵³ PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Sobre corpos e monstros: algumas reflexões contemporâneas a partir da filosofia da diferença. **Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 15, n. 1, mar. 2010. p. 180.

FONTES

A RELATION of a strange apparition at an Alehouse next doore to the White Horse against Summerset House in the Strand. London: [s. n.] printed for Richard Smethrust, 1641.

A RELATION of a terrible monster taken by a fisherman neere Wollage, July the 15. 1642. and is now to be seen in Kings Street, Westminster. The shape whereof is like a toad, and may be called a toad-fish, but that which makes it a monster, is, that it hath hands with fingers like a man, and is chested like a man. Being neere five foot long, and three foot over, the thicknesse of an ordinary man. The following discourse will describe him more particularly. Whereunto is added, a relation of a bloody encounter betwixt the Lord Faulconbridge and Sir John Hotham, wherein the Duke of Richmond is hurt, and the Lord Faulconbridge taken prisoner. With some other misselanies of memory both by sea and land, with some forreigne occurrences. London: [s. n.] printed for Nath. Butter, 1642.

A STRANGE and terrible sight forseene in this kingdome, and city of London: together with the countrimans antidote for its prevention. London: [s. n.] printed for Ed. Blackmore e Tho. Banks, 1643.

A STRANGE SIGHT to be seen at Westminster. Oxford: [s. n.] printed for Wil. Web, 1643.

A TRUE relation from rome of a bloody and cruel monster, that for many years hath destroyed an infinite number of men, women, and children; devoured the growth of that country, and reduced other nations to want: With a description of its prodigious shape, terrifying aspect, and fox-like craftiness; the like never yet seen in any other part of the world. London: [s. n.], 1688.

A TRUE relation of the birth of a monster born at exeter, having two perfect heads, one head standing right as it should , the other being in the right shoulder, just as you see the figure here printed, a draught of it being sent up in a letter from a person of repute and integrity, who lived not far from the place where it was born, and was both an eye and an ear witness to the Rome truth of what he writ : it was born the 5th of this instant October, 1682, and lived not long, but was buried and taken up again the 10 instant, and many hundreds now resort to see it. London: [s. n.] printed for W. Davis, 1682.

A TRUE relation of the birth of three monsters in the city of namen n Flanders as also gods iudgement vpon an vnnaturall sister of the poore womans, mother of these obortive children, whose house was consumed with fire from heauen, and her selfe swallowed into the earth. all which hapned the 16. of december last. 1608. London: Simon Stafford, 1609.

A WONDER vvorth the reading, or, A true and faithfull relation of a woman, now dwelling in Kentstreet who, vpon Thursday, being the 21 of August last, was deliuered of a prodigious and monstrous child, in the presence of diuers honest, and religious women to their wonderfull feare and astonishment. London: William Iones, 1617.

Anno 1664. ist dises Erschröckliche vnd sehr wunderbarliche, Meer Wunder, in dem Königrich Ciucanghe, Gränzet an die Prouintz vnd Königreich China. Augsburg: [s. n.], [1664?]. Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Meer_Wunder#cite_note-4. Acesso em: 12 jan. 2025.

AS ILUSTRAÇÕES do livro ‘De monstruorum’ de Fortunio Liceti. 1665. **Cúlti & Pópi**, 28 set. 2014. Disponível em: <https://culti-e-popi.blogspot.com/2014/09/as-ilustracoes-do-livro-de-monstruorum.html>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BEDFORD, Thomas. **A true and certaine relation of a strange-birth which was borne at stone-house in the parish of Plimmouth, the 20. of october.** 1635. Together with the notes of a sermon, preached octob. 23. 1635. in the church of Plimmouth, at the interring of the sayd birth. by Th. B. B.D. Pr. Pl. 1635. London: Anne Griffin, 1635.

BOAISTUAU, Pierre. **Histoires prodigieuses:** les plus mémorables qui ayent esté observées depuis la nativité de Jésus-Christ jusques à nostre siècle: extraictes de plusieurs fameux auteurs grecz et latins, sacrez et prophanes / mises en nostre langue. Paris: [S. n.], 1560. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k105062c#>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CATIMPRÉ, Thomas de. **Liber de natura rerum.** Flandres: [S. n.], 1250. Disponível em: <https://archive.org/details/ljs23/page/n11/mode/2up>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CULPEPER, Nicholas. **A directory for midwives:** or, a guide for women, in their conception, bearing, and suckling their children. The first part contains, 1. The anatomy of the vessels of generation. ... 9. Of nursing children. To cure all ... London: [s. n.], printed for A Churchill, 1701. Disponível em: https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_a-directory-for-midwives_culpeper-nicholas-1616_1701/mode/2up?q=monster. Acesso em: 8 jan. 2025.

D. JOHN. A discription of a monstrous Chylde, borne at Chychester in Sussex, the. xxiiii. daye of May. This being the very length, and bygnes of the same. M. CCCCC. LXJJ. The British Library Board. Shelfmark Huth 50[33]. Londres: Leonard Askel para Fraunces Godlyf, 1562.

DECLARATION of A Strange and Wonderfull monster: born in Kirkham Parish, in Lancashire (the childe of Mrs. Haughton, a Popish gentlewoman) the face of it upon the breast, and without a head (after the mother had wished rather to bear a childe without a head then a Roundhead) and had curst the Parliamnet [sic]. Attested by Mr. Fleetwood, minister of the same parish, under his own hand; and Mrs. Gattaker the mid-wife, and divers other eye-witnesses: whose testimony was brought up by a member of the House of Commons. Appointed to be printed according to order: and desired to be published in all the counties, cities, townes, and parishes in England: being the same copies that were presented to the Parliament. London: Jane Coe, 1646.

FIVE STRANGE and wonderful prodigies: or, A full and true relation of supernatural sights and aparitions lately seen in the air viz. Tvvo great armies drawn up in battalia, and seeming ready to engage each other, beheld for some hours, by several thousands of people: with dreadful noises heard, like the discharge of cannons and musquets, accompanied with hideous crys and howling. As also a fiery-bullet of a most vast magnitude violently rushing through the air, and at last with a most terrible crack breaking into a thousand pieces, to the unspeakable terror of the amazed spectators. As it is certified by several persons of quality. With an astrological judgement thereupon. London: [s. n.], printed for G.H, 1673.

FIVE vvonders seene in England. [brace] Two at Barnstable, one at Kirkham, one in Cornwall, one in Little Britain in London. In all which places whereby Gods judgements are miraculously seene upon some. Severall miraculous accidents have hapned to the amazement of all those that have beene eye-witnesses thereof. London: printed by J.C., 1646.

FOUILLOY, Hugh of; CONCHES, William of. **De Natura Avium; De Pastoribus et Ovibus; Bestiarium; Mirabilia Mundi; Philosophia Mundi; On the Soul.** [1277]. Pintura, t mpera e tinta sobre pergaminho, 23,3 x 16,4 cm. Disponível em: <https://www.getty.edu/art/collection/object/103RVX>. Acesso em: 3 mai. 2024.

G. P. A most strange and true report of a monstrous fish, who appeared in the forme of a woman, from her waste vpwards. London: [s. n.], imprinted for W.B, 1604.

GODS handy-vvorke in vvonders Miraculously shewen vpon two women, lately deliuered of two monsters: with a most strange and terrible earth-quake, by which, fields and other grounds, were quite remoued to other places: the prodigious births, being at a place called Perre-farme, within a quarter of a mile of Feuersham in Kent, the 25. of Iuly last, being S. Iames his day. 1615. London: printed by George Purslowe for I. W[right], 1615.

HARVEY, William. **Exercitationes de generatione animalium.** London: ypis Du-Gardianis: Impensis O. Pulleyn, 1651. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/44364>. Acesso em: 15 jan. 2024.

I.R. **A most strange, and true discourse, of the wonderfull judgement of God.** Of a monstrous, deformed infant, begotten by incestuous copulation, betweene the brothers sonne and the sisters daughter, being both vnmarried persons. Which childe was borne at Colwall, in the country and diocesse of Hereford, vpon the sixt day of Ianuary last, being the feast of the Epiphany, commonly called Twelfth day. A notable and most terrible example against incest and whoredome. London: printed by E. Alde for Richard Iones, 1600.

JOHN, Taylor. **The world turn'd upside down:** Or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times. by T.J. a well-willer to king, parliament, and kingdom. London: printed for John Smith, 1647.

LANFIERE, Thomas. The wonder of wonders, or, The strange birth in Hampshire being an exact, true and perfect relation of one A.B. living in a country parish neer the town of Rumsey in Hampshire, relating how the said person was strangely brought to bed the 18th of November last with a live toad, a terrible serpent, and a dead child having some part of its head and face and othe parts deuoured by the serpent in the mothers womb ... tune of, My bleeding heart. London: printed for J. Hose and E. Oliver, 1675.

LOCKE, John. **A Strange And Lamentable accident that happened lately at Mears-Ashby in Northamptonshire.** 1642. Of one Mary Wilmore, wife to Iohn Wilmore, rough Mason, who was delivered of a Childe without a head, and credibly reported to have a firme Crosse on the brest, as this ensuing Story shall relate. London: printed for Rich[ard] Harper e Thomas Wine, 1642.

LYCOSTHENES, Conrad. **Poridigiorum ac ostentorum chronicon.** Basel: Heinrich Petri, 1557. Disponível em: https://archive.org/details/BIUSante_01429. Acesso em: 4 mai. 2025.

MARVELS of the East. [S. l.: s. n.], [11--?].

MAYER, John. An antidote against popery: [microform] confected out of scriptures, fathers, counsels, and histories. Wherein dialogue-wise are shewed, the points, grounds, and antiquitie of the Protestant religion; and the first springing vp of the points of popery: together with the Antichristianisme thereof. Being alone sufficient to inable any Protestant of meane capacitie, to vnderstand and yeeld a reason of his religion, and to incounter with and foyle the aduersary.

By Iohn Mayer, B.D. and pastor of the Church of little Wrattin in Suffolke. London: Printed by M. F[lesher] for Iohn Grismand, 1625. Disponível em: <https://catalogue.nla.gov.au/catalog/2758241>. Acesso em: 5 ago. 2024.

NEW NEWS of a strange monster found in Stow Woods near Buckingham, of human shape, with a double heart, and no hands; a head with two tongues, and no brains. London: [s. n.], 1679.

PARÉ, Ambroise. **Des monstres e des prodiges** (1573). Geneva: Librairie Droz, 1971.

PRICE, Lawrence. **A monstrous shape**. Or a shapelesse monster A description of a female creature borne in Holland, compleat in every p[arte] save only a head like a swine, who hath travailed into many parts, and is now to be seene in London, ... To the tune of the Spanish Pavin. London: printed by M. F[lesher] for Tho: Lambert, 1639. Disponível em: https://archive.org/details/bim_early-english-books-1475-1640_a-monstrous-shape-or-a-price-lawrence_1639. Acesso em: 4 mai. 2025.

PRIDES fall: Or, A warning for all English women by the example of a strange monster, born of late in Germany, by a merchant's proud wife in Geneva. The tune of, All you that love Goodfellows, etc. [s. l.: s. n.], 1674. Disponível em: <https://www.proquest.com/books/prides-fall-warning-all-english-women-example/docview/2264204536/se-2>. Acesso em: 18 ago. 2023.

R. A. **True and wonderfull** - A discourse relating to a strange and monstrous serpent (or dragon) lately discouered, and yet liuing, to the great annoyance and diuers slaughters both of men and cattell, by his strong and violent poyson, in Sussex two miles from Horsam, in a woode called S. Leonards Forrest, and thirtie miles from London, this present month of August. 1614. With the true generation of serpents. London: Iohn Trundle, 1614.

RÖSSLIN, Eucharius. **The byrth of mankynde, newly translated out of Laten into Englysshe**. In the which is entreated of all suche thynges the which chaunce to women in theyr labor, and all suche infyrmittees whiche happen vnto the infantes after they be delyuered. And also at the latter ende o in the thyrde or last boke is entreated of the conception of mankynde, and howe manye wayes it may be letted or furtheryd, with diuers other fruytefull thynges, as doth appere in the table before the booke. London: printed by Thomas Raynalde, 1540. Disponível em: <https://wellcomecollection.org/works/dej8kga6>. Acesso em: 2 fev. 2025.

RUEFF, Jacob. **The Expert Midwife**: An Excellent and most necessary Treatise of the generation and birth of Man. London: EG for S.B., 1637. Disponível em: https://archive.org/details/bim_early-english-books-1475-1640_the-expert-midwife-or-rueff-jacob_1637/mode/2up. Acesso em: 15 maio 2024.

SERMON, William. **The Ladies Companion; or, the English Midwife wherein is demonstrated the manner and order of how women ought to govern themselves during the whole time of their diffi cult labour hard travail and lying-in, etc.** : together with the diseases they are subject to (especially in such times) and the several wayes and means to help them : also the various forms of the childs proceeding forth of the womb, in 17 copper cuts, with a discourse of the parts principally serving for Generation. London: [s. n.], printed for E. Thomas, 1671.

SEVEN-Headed Luther (1529). **German History in Documents and Images**, c2003. Disponível em: https://ghdi.ghi-dc.org/sub_image.cfm?image_id=3325. Acesso em: 5 ago. 2024.

SEVILHA, Isidoro de. **Etymologiae**. Bruxelles: Royal Library of Belgium, [625].

SHARP, Jane. **The midwives' book**. London: [s. n.], printed for Simon Miller, 1671. Disponível em: https://archive.org/details/bim_early-english-books-1641-1700_the-midwives-book_-_sharp-mrs-jane_1671. Acesso em: 8 jan. 2025.

SIGNES and wonders from heaven. With a true relation of a monster borne in Ratcliffe highway, at the signe of the three arrows, Mistris Bullock the midwife delivering here thereof. also shewing how a cat kitned a monster in Lombard Street in London. Likewise, a new discovery of witches in stepney parish. and how 20 witches more were executed in Suffoke this last assise. Also, how the divell came to Soffam to a farmers house in the habit of a gentlewoman on horse-backe. with divers' other strange remarkable passages. London: I.H., 1645.

STRANGE NEVVES out of kent of a monstrous and misshapen child, borne in Olde Sandwitch, vpon the 10. of Iulie, last, the like (for strangenes) hath neuer beene seene. London: T. C[reede] for W. Barley, 1609.

STRANGE newes from Scotland, or, A Strange relation of a terrible and prodigious monster, borne to the amazement of all those that were spectators, in the kingdome of Scotland, in a village neere Edenborough, call'd Hadensworth, Septem. 14. 1647. and the words the said monster spake at its birth. London: printed by E.P. for W. Lee, 1647.

STRANGE NEWES of a prodigious monster borne in the towneship of Allington in the parish of Standish in the Countie of Lancaster, the 17. day of Aprill last, 1613. Testified by the reuerend diuine Mr. W. Leigh, Bachelor of Diuinitie, and preacher of Gods word at Standish aforesaid. London: [s. n.], printed by I. P[indley] for S. M[an], 1613.

SWIFT, Jonathan. Uma modesta proposta para prevenir que, na Irlanda, as crianças dos pobres sejam um fardo para os pais ou para o país, e para as tornar benéficas para a República. [s. l.; s. n.], 1729. Disponível em: <http://www.english.upenn.edu/~jlynch/Courses/95c/Texts/modest.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

TALBOT, John. **Talbot Shrewsbury Book**. Rouen: [s. n.], 1445. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fc/Royal_15. Acesso em: 10 abr. 2025.

TAYLOR, John; JORDAN, Thomas. **The world turn'd upside down**: or, A briefe description of the ridiculous fashions of these distracted times. By T.J. a well-willer to King, Parliament, and kingdom. London: [s. n.] printed for John Smith, 1647.

THE AGE of vvonders, or Miracles are not ceased. Being a true but strange relation of a child born at Burslem in Stafford-shire, who, before it was three quarters old, spake and prophesied strange and wonderful things touching the king ... affirmed in a letter by Mr. Colclough, Justice of the Peace, to Colonel Pury; and attended upon oath by Elizabeth Locket and her husband, the childs nurse. London: [s. n.] printed for Nehemiah Chamberlain, 1660.

THE ENGLISH devil: or, Cromwel and his monstrous witch discover'd at White-Hall: With the strange and damnable speech of this hellish monster, by way of revelation, touching king and kingdom; and a narrative of the infernal plots, inhumane actings, and barbarous conspiracies of this grand impostor, and most audacious rebel, that durst aspire from a brew-house to the throne, washing his accursed hands in the blood of his royal sovereign; and trampling over the heads of the most loyal subjects, making a foot-ball of a crown, and endeavouring utterly to extirpate the royal progeny, root and kinde, stem and stock. London: [s. n.], printed by Robert Wood for George Horton, 1660.

THE EXACT effigies of a monstrous Tartar taken in Hungary by the valour of the noble Count Serini February, 1664. London: [s. n.] printed for W. Gilbertson, 1664.

THE KINGDOMES monster vncloaked from heaven the popish conspirators, malignant plotters, and cruell Irish, in one body to destroy kingdome, religion and lawes: but under colour to defend them, especially the Irish, who having destroyed the Protestants there, flye hither to defend the Protestant religion here. [London: s. n.], 1643. Disponível em: <https://the1642goodwyfe.wordpress.com/2012/03/22/the-kingdoms-monster-uncloaked/>. Acesso em: 7 out. 2024

THE LONG-NOS'D LASS: OR, The Taylors, Millers, Tinkers, Tanners, and Glovers; with a great number of / other Trades-Men, dash't out of Countenance by a Sowships Beauty, to their great Discontent, and her perpetual trouble. [S. l.: s. n.], [entre 1685 e 1688]. Disponível em: <https://ebba.english.ucsb.edu/ballad/30737/image>. Acesso em: 5 ago. 2024.

THE MOST strange and wondrous apperation of blood in a poole at Garraton in Leicestershire, which continued for the space of foure dayes, the rednesse of the colour for the space of those foure dayes every day increasing higher and higher, to the infinit amazement of many hundreds of beholders of all degrees and conditions, who have dipped their handketchers in this bloody poole, ... As also the true relation of a miraculous and prodigious birth in Shoo-lane, where one Mistris Browne a cuttlers wife was delivered of a monster without a head or feet, and instead of a head had a hollow out of which a child did proceed, which was little but lovely, perfect in all but very spare and leane. As also the Kings sending to his Parliament for hostage for the security of his person to come unto London and to sit with his parliament for the composing the diffrences in the kingdome. London: I.H., 1645.

THE RANTERS monster: being a true relation of one Mary Adams, living at Tillingham in Essex, who named herself the Virgin Mary, blasphemously affirming, that she was conceived with child by the Holy Ghost; that from her should spring forth the savior of the world; and that all those that did not believe in him were damn'd: with the manner how she was deliver'd of the ugliest ill-shapen monster that ever eyes beheld, and afterwards rotted away in prison: to the great admiration of all those that shall read the ensuing subject; the like never before heard of. London: [s. n.], printed for Geoge Horton, 1652.

THE STRANGE monster or, true news from Nottingham-shire of a strange monster born at Grasly in Nottingham-shire, three miles from Nottingham with a relation of his strange and wonderful shape, the time his mother was in travail with him, with several other things of note. Together with a brief relation of several monstrous and prodigious births which happened heretofore in this our nation. Licensed according to order. London: printed by Peter Lillierap, 1688.

THE TRUE portraiture of a prodigious monster, taken in the mountains of Zardana: the following description whereof was sent to Madrid, Octob. 20. 1654. and from thence to Don Olonz de Cardines, ambassador for the King of Spain, now resident at London. Its stature was like that of a strong well set man, with 7 head, the chief of them looking forward, with one eye in its sion; the other heads have each two eyes in their natural situation, the ears of an ass; with its principal head it eates, drinks, and cryes with an extraordinary and terrible voyce; the other heads are also moved to and fro: it hath seven arms and hands of a man, very strong in each of the: from the middle downward it is like a satyr, with goats fee, and cloven; it hath no distinction of sex. To the tune of, Summer time. London: [s. n.] printed for Iohn Andrews, 1655.

THE TWO great admirable wonders, or A perfect and true relation of the birth of two strange monsters; the one at Wodbridge, in Suffolk, born Octob. 23. 1661. having four leggs, rour armes, two bodyes, one head, no neck, two backs, the head formed in the breast. With the several speeches of the mid-wife, and the child-bed-woman. Together of the second, born the next night following at Ipswich, Octob. 24. 1661. with all parts belonging to the body, only the face was without a head. Published to prevent all other false pamphlets, this being sent up for the true and perfect copie. / Attested by John Fuller, Mr. Cogshall ... which drew the pourtraicte of it, Ralph Berkley, William Smith, Samuel Jeings. London: [s. n.], printed for W.G., 1661.

THE WOMB in biblical context: a Symbol of power and promise. **Digital Bible**, 24 nov. 2023. Disponível em: <https://digitalbible.ca/article-page/bible-study-symbols-the-womb-in-biblical-context-a-symbol-of-power-and-promi-1700845122552x999598087245967400>. Acesso em: 2 fev. 2025.

THE WORLDS wonder! or, The propheticall fish.: Being a full description of this monster, its length & breadth with predictions on it. As it was taken by fisher-men in the port of Cucanga, neer the province and kingdom of China, in the year 1664. and sent to the emperour of Germany, and from thence convey'd to his Royal Majesty, the king of Greet Brittain, &c. To the tune of, When stormy winds do blow. London: [s. n.] printed for R. White, 1666.

VICARS, John. Behold Romes monster on his monstrous beast! London: [s. n.] for William Peake, 1643.

VICARS, John. True information of the beginning and cause of all our troubles how they have been hatched, and how prevented. Wherein vvee may see the manifold contrivances and attempts of forraigne and home-bred enemies, against the Parliament, kingdome, and purity of religion. And how all their endeavours whether by force or fraud, never prospered. A work worthy to be kept in record, and to bee communicated to posterity. London: [s. n.], [1648].

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). A cidade de Deus. Tradução J. Dias Pereira. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

ALDROVANDI, Ulisse. **Monstrorum Historia**. Tradução Lorenzo Peka. Roma: Moscabanca Edizioni, 2022.

ALMOND, Philip. **The Devil: A New Biography**. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

AMARAL, Ronaldo. Os seres monstruosos no imaginário do cristianismo antigo. **Religare**, v. 11, n. 1, p. 67-86, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/22195>. Acesso em: 15 abr. 2025.

AMUSSEN, Susan; UNDERDOWN, David. **Gender, Culture and Politics in England, 1560-1640**. Londres: Bloomsbury Academic, 2017.

APPLEBY, David. “Members of one another’s miseries”: the culture and politics of war relief in seventeenth-century Staffordshire. In: ATHERTON, Ian; BLAKE, Matthew; SARGENT, Andrew; TOMKINS, Alannah (ed.). **Local Histories**: essays in honour of Nigel Tringham. (Collections for a History of Staffordshire, 4th series). Stafford: Staffordshire Record Society, v. 27, 2022. p. 175-190.

ARAÚJO, André de Melo. O artefato impresso na Época Moderna: forma e materialidade dos produtos da prensa manual preservados no acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [s. l.], v. 29, n. 19, p. 1-51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e19>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/HbDKYp4SxVt9r4BgfXjcHCf/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

ARAÚJO, André de Melo. O conhecimento impresso: Práticas editoriais e estratégias comerciais nos manuais de impressão da Época Moderna. **Varia Historia**, [s. l.], v. 36, n. 70, p. 53-90, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-87752020000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/CJQ86Vn7Qn8C3HJDx49FwTM/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

ARISTÓTELES. **Generation of Animals**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

ASMA, Stephen T. **On Monsters: An Unnatural History of Our Worst Fears**. New York: Oxford University Press, 2009.

BARATTA, Luca. **A Marvellous and Strange Event**: racconti di nascite mostruose nell’Inghilterra della prima età moderna. Firenze: Firenze University Press, 2016.

BARBER, Sarah. Curiosity and Reality: The Context and Interpretation of a Seventeenth-century Image. **History Workshop Journal**, [s. l.], n. 70, p. 21-46, 2010.

BARTLETT, Robert. **The Natural and the Supernatural in the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BATES, Alan. **Emblematic Monsters**: Unnatural Conceptions and Deformed Births in Early Modern Europe. Amsterdam; New York: Brill, 2005a.

BEAL, Timothy. **Religion and its Monsters**. Londres: Routledge, 2002.

BENE, Sándor. Miklós Zrínyi in Post-World War II Scholarly Literature in Hungary (The Past and Present of Interdisciplinary Research). In: KÜHLMANN, Wilhelm; TÜSKÉS, Gábor (ed.). **Militia et Litterae**: Die beiden Nikolaus Zrínyi und Europa. Berlin: De Gruyter, 2009. p. 411-430.

BENE, Sándor. The Life of Miklós Zrínyi. In: HAUSNER, Gábor (ed.). **Zrínyi Album**. Budapest: Zrínyi Kiadó, 2016, p. 28-57.

BERTIN, Juliana. O monstro invisível: o abalo das fronteiras entre monstruosidade e humanidade. **Outra travessia**, Florianópolis, n. 22., p. 37-54, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2176-8552.2016n22p37>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p37>. Acesso em: 4 abr. 2025.

BÍBLIA Sagrada. Revisão da Bíblia do Padre João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida de 1914. Salt Lake City: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.

BILDHAUER, Bettina. Blood, Jews, and Monsters in Medieval Culture. *In*: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 192-210.

BODDICE, Rob. **The History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRADDICK, Michael. Political crisis and linguistic innovation in Revolutionary England (1640-1660). *In*: DELUERMOZ, Q.; FOA, J. (ed.). **Trials and Tribulations in Civil Wars: Making the Social Explicit or Implicit**. No prelo.

BRADDICK, Michael. Mobilisation, anxiety and creativity in England during the 1640's. *In*: MORROW, John; SCOTT, Jonathan (ed.) **Liberty, Authority, Formality: political ideas and culture, 1600-1900**. Exeter: Imprint Academic, 2010. p. 175-193.

BRADDICK, Michael. The English Revolution and its legacies. *In*: TYACKE, Nicholas. **The English Revolution c.1590-1720: Politics, Religion and Communities**. Manchester: Manchester University Press, 2007. p. 27-42.

BRAMMAL, Kathryn. Monstrous Metamorphosis: nature, morality, and the rhetoric of monstrosity in Tudor England. **The Sixteenth Century Journal**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 3-21, 1996.

BRENNER, Alletta. The Good and Bad of that Sexe: Monstrosity and Womanhood in Early Modern England. **Intersections**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 161-175, 2009.

BRENNER, Alletta. The Good and Bad of that Sexe: Monstrosity and Womanhood in Early Modern England. **Intersections**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 161-175, 2009. Disponível em: https://depts.washington.edu/chid/intersections_Spring_2009/Alletta_Brenner_Monstrosity_and_Womanhood_in_Early_Modern_England.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

BURKE, Peter. **O que é uma História Cultural?**. Tradução Sérgio Goes de Paula. 2. ed. São Paulo: Zahar, 2014.

BYINGTON, Carlos Amadeu. Prefácio: O Martelo das Feiticeiras – Malleus Maleficarum à luz de uma teoria simbólica da história. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum**. 5. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020. p. 23-47.

CAMBERS, Andrew. Demonic Possession, Literacy and “Superstition” in Early Modern England. **Past & Present**, [s. l.], n. 202, p. 3-35, fev. 2009.

CAMPBELL, Mary. Anthropometamorphosis: John Bulwer's Monsters of Cosmetology and the Science of Culture. In: COHEN, Jeffrey Jerome (ed.). **Monster Theory** – Reading Culture. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 202-225.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Um historiador fala de Teoria e Metodologia**: ensaios. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

CARROLL, Noel. Fantastic Biologies and the Structures of Horrific Imagery. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 136-147.

CARVALHO, Mariane; GOMES, Rogério. O poder da linha na construção dos sentidos: uma análise a partir dos vários aspectos da cruz. **Projetica**, Londrina, v. 3, n. 1, p. 146–157, 2012. DOI: 10.5433/2236-2207.2012v3n1p146. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/8853>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CÉARD, Jean. **La nature et les prodiges**. Genève: Librairie Droz, 1977.

CÉARD, Jean. L'énigme des Monstres – Aperçus sur L'histoire culturelle et scientifique de la monstrosité. **Imaginaire & Inconscient**, [s. l.], n. 13, p. 17-26, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-imaginaire-et-inconscient-2004-1-page-17.htm>. Acesso em: 17 jan. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CESTREN, Tho; TAIT, James. The Declaration of Sports for Lancashire (1617). **The English Historical Review**, [s. l.], v. 32, n. 128, p. 561-68, oct. 1917.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução Maria Manoela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Memória e sociedade, 2002a.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, [s. l.], v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/FRONTEIRAS/article/view/1598>. Acesso em: 9 abr. 2025.

CHARTIER, Roger. **Do Palco à Página**: publicar teatro e ler romances na época moderna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002b.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SZqvSMJDBVJTXqNg96xx6dM/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

CHARTIER, Roger. **A Mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

CÍCERO, Marco Tulio. **De divinatione**. Editado por E.E. Kelley. Londres: Cambridge University Press, 1936.

CLARK, George. History of the Royal College of Physicians of London. **The British Medical Journal**, [s. l.], v. 1, n. 5427, p. 79-82, jan. 1965.

CLARK, Stuart. **Pensando com demônios: A ideia de Bruxaria no princípio da Europa Moderna**. Tradução Celso Mauro Paciornick. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2020.

CLERICUZIO, Antonio. Luca Baratta, 'A Marvellous and Strange Event': Racconti di nascite mostruose nell'Inghilterra della prima età moderna. **Cultural History**, [s. l.], v. 9, n. 2, p. 273-275, 2020.

COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz (org.) *et al.* **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

COHEN, Jeffrey Jerome. Monster Culture (Seven Theses). In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **A monster theory reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 37-56.

COHN, Norman Cohn. **Na senda do milênio: milenaristas, revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média**. Tradução Fernando Neves e António Vasconcelos. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

COLLINSON, Patrick. **The Birthpangs of Protestant England: Religious and Cultural Change in the Sixteenth and Seventeenth Centuries**. Londres: Palgrave Macmillan, 1988.

COMO, David. Secret Printing, the Crisis of 1640, and the Origins of Civil War Radicalism. **Past & Present**, [s. l.], n. 196, p. 37-82, 2007.

COSTA, Palmira Fontes da. Livros sobre monstros e prodígios. In: **Catálogo da Exposição Arte Médica e Imagem do Corpo de Hipócrates ao século XVIII**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2010. p. 63-78.

COSTA, Palmira Fontes da. O lugar das imagens na percepção e entendimento do corpo monstruoso, 1550-1750. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 18, n. 32, p. 09-23, 2016.

CRAWFORD, Julie. **Marvelous Protestantism: Monstrous Births in Post-Reformation England**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2012.

CRAWFORD, Patricia. Attitudes to Menstruation in Seventeenth-Century England. **Past & Present**, [s. l.], n. 91, p. 47-73, 1981.

CRESSY, David. **Birth, Marriage, and Death: Ritual, Religion, and the Life Cycle in Tudor and Stuart England**. New York: Oxford University Press, 1997.

CRESSY, David. **Travesties and Transgressions in Tudor and Stuart England: Tales of Discord and Dissension**. New York: Oxford University Press, 2011.

DASTON, Lorraine. Marvelous Facts and Miraculous Evidence in Early Modern Europe. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, p. 93-124, 1991.

DASTON, Lorraine; PARK, Katharine. Unnatural Conceptions the Study of Monsters in Sixteenth and Seventeenth Century France and England. **Past & Present**, [s. l.], v. 92, 1. ed., p. 20-54, 1981.

DASTON, Lorraine; PARK, Katherine. **Wonders and the order of nature, 1150-1750**. New York: Zone Books, 1998.

DAVIES, Simon; FLETCHER, Puck. **News in early modern Europe: Currents and Connections**. Leiden: Brill, 2014.

DE LUCA, Tania. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 111-153.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DENNISON, James. **The Market Day of the Soul: The Puritan Doctrine of the Sabbath in England, 1532–1700**. Lanham: University Press of America, 1983.

DIRKS-SCHUSTER, Whitney. **Monsters, News, and Knowledge Transfer in Early Modern England**. 2013. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Ohio, Athens, 2013.

DIRKS-SCHUSTER, Whitney. Print Culture and the Monstrous Hermaphrodite in Early Modern England. In: SETH, Alcorn; NARDI, Steven (ed.). **Twisted Mirrors: Reflections of Monstrous Humanity**. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2012. p. 57-66.

DIXHOORN, Chad Van (ed.). **The Minutes and Papers of the Westminster Assembly 1643-1652**. Oxford: Oxford University Press, 2012. 5 v. Disponível em: <https://reformedbooksonline.com/recreation-on-the-lords-day/#sports>. Acesso em: 16 jan. 2024.

DONALD, James. Pedagogia dos monstros: o que está em jogo nos filmes de vampiro?. In: SILVA, Tomaz (org.) *et al.* **Pedagogia dos monstros – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 105-140.

DORNELES, Vanderlei. A besta de sete cabeças e seus antecedentes em textos da cultura antiga. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 48, p. 1423-1445, 2017. DOI: 10.5752/P.2175-5841.2017v15n48p1423-1445. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n48p1423>. Acesso em: 16 abr. 2025.

DRAKE, George. The Ideology of Oliver Cromwell. **Church History**, [s. l.], v. 35, n. 3, p. 259-272, 1996. DOI: <https://doi.org/10.2307/3162307>,____Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3162307>. Acesso em: 16 maio 2024.

DUNN, Peter. Jacob Rueff (1500–1558) of Zurich and The expert midwife. **Arch Dis Child Fetal Neonatal**, [s. l.], v. 85, n. 3, p. 222-224, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1136/fn.85.3.F222>. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC1721337/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

DUNTHORNE, Anna. How to Approach a Monster: A Comparison of Different Approaches in the Historiography of Early Modern Monster Literature. **History Compass**, [s. l.], v. 6, n. 4, p. 1107-1120, 2008.

DÜRER, Albrecht. **Revelation of St. John: Beast with Ram's Horns**. 1511. 1 gravura. Disponível em: <https://www.clevelandart.org/art/1922.94.15>. Acesso em: 24 abr. 2025.

FERBER, Sarah. Psychotic Reactions? Witchcraft, the Devil and Mental Illness. In: Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 231-246.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. Fundamental: 'Mulheres, negros e outros monstros – Um ensaio sobre corpos não civilizados'. **Portal Geledés**, 29 jul. 2012. Questões de gênero. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/fundamental-mulheres-negros-e-outros-monstros-um-ensaio-sobre-corpos-nao-civilizados/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

FERREIRA, Jonatas; MORAIS, Jorge Ventura. O monstruoso: inovação tecnológica e crise do Humanismo. **Perspectivas**, [s. l.], v. 23, p. 25-50, 2000. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2101/1720>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FIDDES, Holly. **Strange, Wonderful, Miraculous, Horrible: Monstrous Animal Births in Early Modern English Media**. 2021. Undergraduate thesis (History Degree) – School of History, University of Leeds, Leeds, 2021.

FINDLEN, Paula. Natural History. In: PARK, Katherine; DASTON, Lorraine (ed.). **The Cambridge History of Science**. New York: Cambridge University Press, v. 3, 2006. p. 435-468.

FISSELL, Mary E. The politics of reproduction in the English Reformation. **Representations**, [s. l.], v. 87, n. 1, p. 43-81, 2004.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Raízes do horror medieval ao malefício demoníaco do feminino: alguns casos exemplares. **Itinerários**, [s. l.], p. 151-168, n. 47, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12319/8095>. Acesso em: 21 abr. 2025.

FOR ADA Lovelace Day: Jane Coe. **MERCURIUS POLITICUS**, 2011. Disponível em: <https://mercuriuspoliticus.wordpress.com/2011/10/08/for-ada-lovelace-day-jane-coe/>. Acesso em: 1 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso de prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FRIEDMAN, Jerome. **The Battle of the Frogs and Fairford's Flies**: miracles and the Pulp Press during the English Revolution. New York: St. Martin's Press, 1993.

FRIEDMAN, John Block. **The Monstrous Races in Medieval Art and Thought**. Syracuse: Syracuse University Press, 2003.

FURTADO, Christina Anne. **Bloody, strange, and unnatural women**: Advertising on early modern English title pages, 1565-1640. 2013. Tese. (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Fordham, New York, 2013.

GASKILL, Malcolm. Afterword: Passions in Perspective. *In*: KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 269-280.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GESTRICH, Andreas. The Public Sphere and the Habermas Debate. **German History**, v. 24, n. 3, p. 413-430, 2006.

GHADESSI, Touba. **Portraits of Human Monsters in the Renaissance**: Dwarves, Hirsutes, and Castrati as Idealized Anatomical Anomalies. Kalamazoo: Western Michigan University, 2018.

GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. *In*: SILVA, Tomaz (org.) *et al.* **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 165-184.

GINZBURG, Carlo. **História noturna**: Decifrando o Sabá. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, René Lommez. **To bring light to the pious reader**: references to information sources and transmission of knowledge in the artistic recipe book by João Stooter (1729-1732). **Bibliothecae.it**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 391-422, 2021. DOI: 10.6092/issn.2283-9364/14072. Disponível em: <https://bibliothecae.unibo.it/article/view/14072>. Acesso em: 9 abr. 2025.

GOMES, René Lommez; TATSCH, Flavia Galli. De selvagens canibais a pacíficos comerciantes: a invenção da iconografia dos ameríndios na Europa renascente, 1492-1555. *In*: CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge; FERNADES, Luiz Estevam de Oliveira; MARTINS, Maria Cristina Bohn (org.). **As Américas na Primeira Modernidade** (1492 – 1750). Vitória: Editora Milfontes, v. 3, 2020. p. 313-400.

GOVETT, L. A. **The King's Book of Sports**: A History of the Declarations of King James I. and King Charles I. as to the Use of Lawful Sports on Sundays. Londres: [S. n.], 1890.

GREENBLATT, Stephen. **Ascensão e Queda de Adão e Eva**. Tradução Donaldson M. Garschagen. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GROSZ, Elizabeth. Intolerable Ambiguity: Freaks as/at the Limit. *In*: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 272-288.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HAGEN, Ross. A warning to England: Monstrous births, teratology and feminine power in Elizabethan broadside ballads. **Horror Studies**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 21-40, 2013.

HAIG, Edward. A study of an English Civil War Pamphlet concerning an Incident at Hull in 1642. **The Journal of Humanities**, [Nagoya], n. 3, p. 197-205, 2020.

HALASZ, Alexandra. **The marketplace of print**: Pamphlets and the public sphere in early modern England. New York: Cambridge University Press, 1977.

HALBERSTAM, Jack. Parasites and Perverts: An Introduction to Gothic Monstrosity. In: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 148-172.

HANSON, Marilee. Tyburn – London’s Most Notorious Execution Site. **English History**, 7 mar. 2022. Disponível em: <https://englishhistory.net/tyburn/>. Acesso em: 20 out. 2024.

HASLEM, Schroeder. Monstrous Issues: The Uterus as Riddle in Early Modern Medical Texts. In: DEPLEDGE, Greta; MANGHAM, Andrew. **The Female Body in Medicine and Literature**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011. p. 34-50.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. Tradução, apresentação e notas de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HILL, Christopher. **O século das revoluções**: 1603-1714. Tradução Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

HILL, Christopher. Sociedade e literatura na Inglaterra do século XVII. **Varia Historia**, [s. l.], v. 11, n. 14, p. 94-123, set. 1995. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/572789979f72660cf99322a1/1462208923373/07_Hill%2C+Christopher.pdf. Acesso em 9 abr. 2025.

HIRSCH, David A. Hedrich. Liberty, Equality, Monstrosity: Revolutionizing the Family in Mary Shelley's *Frankenstein*. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 115-140.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução Maria Beatriz Nizza da Silva e João Paulo Monteiro. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Antony; EIDINOW, Esther (ed.). **The Oxford Classical Dictionary**. 3. ed. New York: Oxford University Press, 1999.

HUET, Marie-Hélène. **Monstrous Imagination**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

HURLEY, Mary Kate. Monsters. In: CLASSEN, Albrecht. **Handbook of Medieval Culture: Fundamental Aspects and Conditions of the European Middle Ages**. Berlin: De Gruyter, v. 2, 2015. p. 1167-1183.

HUTTON, Ronald (ed.). **Medieval or Early Modern: The Value of a Traditional Historical Division**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2015.

HUTTON, Ronald. **The Stations of the Sun: A history of the Ritual Year in Britain**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

INTRODUCTION. **Royal Historical Society Camden Fifth Series**, [s. l.], v. 39, p. 1-35, 2011. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/royal-historical-society-camden-fifth-series/article/abs/introduction/B235A3A0670F40FCC39DE5B09DCEB026>. Acesso em: 14 out. 2024.

JABLONKA, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea**. Manifesto pelas ciências sociais. Tradução Verónica Galíndez. Brasília: UnB, 2020. p. 11-36.

JACKSON, Mason. **The Pictorial Press – Its Origin and Progress**. Londres: Hurst and Blackett Publishers, 2011. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/36417/36417-h/36417-h.htm>. Acesso em: 15 out. 2024.

JEHA, Júlio (org.). **Monstros e monstruosidades na Literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (ed.) **Les représentations sociales**. Tradução Tarso Bonilha Mazzotti. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 1993. p. 31-61.

JONES, Malcolm. The English Print, c.1550–c.1650. In: HATTAWAY, Michael. **A Companion to English Renaissance Literature and Culture**. Hoboken: Blackwell Publishers, 2003. p. 352-366.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KELLNER, Peter; THOMAS, William Harford. England. **Encyclopedia Britannica**, c2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/England>. Acesso em: 10 mar. 2024.

KENT, E. J. Tyrannical Beasts: Male Witchcraft in Early Modern English Culture. In: KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 77-94.

KITCH, Aaron. Shakespeare's 'Monstrous State': Divination, Typology, and the Book of Nature in Julius Caesar. **Modern Philology**, [s. l.], v. 118, n. 3, p. 340-363, 2021.

KIVELSON, Valerie. 'So They Will Love Me and Pine for Me': Intimacy and Distance in Early Modern Russian Magic. In: KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 117-136.

KNOPPERS, Laura; LANDES, Joan (ed.). **Monstrous bodies/political monstrosities in early modern Europe**. 1. ed. Ithaca: Cornell University, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC Rio, 2006.

KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

KRITZMAN, Lawrence. Representing the Monster: Cognition, Cripples, and Other Limp Parts in Montaigne's "Des Boyteux". In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory** – Reading Culture. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 168-182.

LAKE, Peter; PINCUS, Steve. Rethinking the Public Sphere in Early Modern England. **Journal of British Studies**, [Cambridge], v. 45, n. 2, p. 270-290, 2006.

LAMONT, William. William Prynne, 1600-1669. **History Today**, [s. l.], v. 11, n. 3, mar. 1961. Disponível em: <https://www.historytoday.com/archive/william-prynne-1600-1669>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval**. Tradução José Antônio Pinto Ribeiro. São Paulo: Edições 70, 1983.

LE MOS, Fabiano. Kant e o monstro. **Kriterion: Revista de Filosofia**, [s. l.], v. 55, n. 129, p. 189-203, jan. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-512X2014000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/jHwzYSSStrpSDHNnmm7w5Vm/?lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2025.

LICETI, Fortunio. **De Monstrorum Causis Natura et Differentiis**. Padova: Paolo Frambotto, 1634.

LIEBEL, Silvia. A queda da Marquesa D'Ancre impressa dos dois lados do Canal da Mancha (1617). **Rev. História**, São Paulo, n. 183, p. 1-30, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2024.215039>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/215039>. Acesso em: 21 abr. 2025.

LIEBEL, Silvia. Abrir janelas nas almas dos homens: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 24, n. 3, p. 418-431, set./dez 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/hist.2020.243.07>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2020.243.07>. Acesso em 10 abr. 2025.

LIEBEL, Silvia. Bruxaria e possessão diabólica na literatura de rua dos dois lados do canal da Mancha (França e Inglaterra, séculos XVI e XVII). **No prelo**.

LIEBEL, Silvia. **Demonização da mulher**: A construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum. 2004. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LIEBEL, Silvia. **Les Médées modernes**: La cruauté féminine d'après les canards imprimés français (1574-1651). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013a.

LIEBEL, Silvia. Moiras, Erínias e Amazonas - As mulheres da primeira modernidade sob o véu clássico. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2013b. p. 1-08.

LIEBEL, Silvia. **O mundo às avessas na Europa dos séculos XVI e XVII**: Humor, sandice e crítica social. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná,

Curitiba, 2006. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/6037>. Acesso em: 9 abr. 2025.

LIEBEL, Silvia. Os canards e a literatura de rua na França moderna (séculos XVI e XVII). In: RODRIGUES, Rogério Rosa (org.). **Possibilidades de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 11-30.

LIEBEL, Silvia. Le foie et la vengeance féminine: la littérature des rues, source d'une histoire des émotions. In: Conferências, 1., 2018, Rouen. **Anais [...]**. Rouen: [s. n.], 2019. v. 23. p. 1-7.

LIMA, Luís Filipe Silvério Lima; DORÉ, Andréa. O estudo do falso na época moderna. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 41, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.00>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/261784>. Acesso em: 12 abr. 2025.

LIMA, Luís Filipe Silvério. A questão da autoria – Palestra. In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes (org.). **Modernos em curso: escritos e imagens no tempo**. Rio de Janeiro: EDUFF e Ouro sobre Azul. 2022, p. 95-155.

LIMA, Luís Filipe Silvério. Entre ‘notícias estranhas’ e ‘rumores frescos’: estatutos de veracidade e gêneros documentais na recepção inglesa do caso do Sebastião de Veneza (1598-1603). **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, v. 41, n. 2, p. 139-171, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn2525-5649.2023.41.2.06>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/260731>. Acesso em 13 abr. 2025.

LIMA, Luís Filipe Silvério; MACHEL, Marília de Azambuja Ribeiro (org.). **Cultura letrada no espaço euro-atlântico** (Sécs. XVI-XVIII). Recife: Ed. UFPE, 2022. (Série Ars Histórica).

LIMA, Veronica Calsoni. Edição & Censura: a materialidade dos panfletos de Sir Roger L'Estrange no início dos anos 1660. **Anais do museu paulista: História e Cultura Medieval**, [s. l.], v. 28, p. 1-50, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02672020v28d3e24>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/168476>. Acesso em: 15 abr. 2025.

LIMA, Veronica Calsoni. **Impresso para ser vendido na Crown em Popes Head Alley: Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos durante a revolução inglesa (1646-1665)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

LIMA, Verônica Calsoni. Uma narrativa da Revolução Inglesa por meio de seus impressos: George Thomason e sua Coleção (1640-1660). **SEMANA DE HISTÓRIA DA UNESP**, 19., 2014, Franca. **Anais [...]**. Franca: UNESP. 2014. p. 102-115.

LIMA, Verônica Calsoni. **Da edição à sedição: a composição e a dispersão de impressos radicais na Inglaterra, 1650-1680**. 2023. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. DOI: <http://doi.org/10.11606/T.8.2023.tde-22082023-121852>. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-22082023-121852/publico/2023_VeronicaCalsoniLima_VCorr.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. **A hidra de muitas cabeças** – Marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LONG, Kathleen Perry. Hermaphrodites Newly Discovered: The Cultural Monsters of Sixteenth-Century France. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory** – Reading Culture. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 183-201.

LONGO, Lawrence D.; REYNALD, Lawrence P. (ed.). **Wombs with a View**: Illustrations of the Gravid Uterus from the Renaissance through the Nineteenth Century. Cham: Springer International Publishing, 2016.

MACADAM, Joyce. Military reputations, faction and the press relating to the sieges of Bristol, July 1643 and September 1645. **Journal of the Society for Army Historical Research**, [s. l.], v. 97, n. 389, p. 120-136, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26899848>. Acesso em: 21 out. 2024.

MAGHENZANI, Simone; FIRPO, Massimo. Antonio degli Albizzi and Lutheran Propaganda in Early Seventeenth-Century Italy. **The Journal of Ecclesiastical History**, [s. l.], v. 73, n. 2, p. 275-307, 2022.

MANI, Nikolaus. Jean Riolan II (1580-1657) and Medical Research. **Bulletin of the History of Medicine**, [s. l.], v. 42, n. 2, p. 121-144, mar./apr., 1968.

MARTINS, Ana Luíza. **Revistas em Revista**: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922). 1. ed. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2008.

MATT, Susan. Recovering the invisible methods for the historical study of the emotions. In: MATT, Susan J.; STEARNS, Peter N. **Doing Emotions History**. Champaign: University of Illinois Press, 2013. p. 41-53.

MEGIANI, Ana Paula. Escritos breves para circular: relações, notícias e avisos durante a Alta Idade Moderna (sécs. XV-XVII). **Varia História**, [s. l.], v. 35, n. 68, p. 535-563, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-87752019000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/R9vDDHds3rzHkKcNfnSJ79n/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 abr. 2025.

MILLAR, Charlotte-Rose. Over-Familiar Spirits: The Bonds between English Witches and Their Devils. In: KOUNINE, Laura; OSTLING, Michel (ed.). **Emotions in the History of Witchcraft**. Londres: Palgrave Macmillan, 2016. p. 173-190.

MILLAR, Charlotte-Rose. **Witchcraft, the Devil, and Emotions in Early Modern England**. New York: Routledge, 2017.

MINOIS, Georges. De quem é a falta? Mitos e Escritos apócrifos diante do problema do mal. In: MINOIS, Georges. **As origens do Mal**: uma história do pecado original. São Paulo: Editora Unesp, 2021. p. 05-35.

MITCHELL, Alexander; STRUTHERS, John. **Minutes of the Sessions of the Westminster Assembly of divines**. Edinburgh: William Blackwood and sons, 1874.

MITTMAN, Asa Simon. **Maps and Monsters in Medieval England**. New York: Routledge, 2006.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes (org.). **Modernos em curso: escritos e imagens no tempo**. Rio de Janeiro: Editora: EDUFF, 2022.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As Reformas Religiosas na Europa Moderna notas para um debate historiográfico. **Varia Historia**, [s. l.], v. 23, n. 37, p. 130-150, jan. 2007.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. Mosaico de trás para frente. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 47, p. 576-581, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02204714>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/FTXVWfVpTqXbtRjvXqFN4xt/>. Acesso em: 8 abr. 2025.

MOUFFE, Chantal. **On the Political**. Londres: Routledge, 2005.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo: Séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NASCIMENTO, Lyslei. Monstros no Arquivo: Esboço para uma teoria borgiana dos monstros. In: JEHA, Júlio (org.). **Monstros e Monstruosidades na Literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 61-80.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a Literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, Maringá, v. 2, n. 3, p. 23-56, 2011.

NOGUEIRA, Luís. O monstruoso contemporâneo. **EIKON**, [s. l.], n. 11, p. 51-62, 2022. Disponível em: <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/eikon/article/view/1213/886>. Acesso em: 24 abr. 2025.

OCHSNER, Beate. Monster: More than a Word. . . From Portent to Anomaly, the Extraordinary Career of Monsters. In: WOLFE, Charles T (ed.). **Monsters and Philosophy**. Londres: King's College Publications, 2005. p. 231-280.

OSTRENSKY, Eunice. **As revoluções do poder**. São Paulo: Alameda, 2005.

OSTRENSKY, Eunice. Soberania e representação: Hobbes, parlamentaristas e levellers. **Lua Nova: Revista De Cultura e Política**, [s. l.], n. 80, p. 151-179, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452010000200007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/h3DwH7Y8NQN7CtGJzfbGhgS/>. Acesso em: 21 set. 2024.

PAIVA, Vitor. Como os monstros medievais ajudaram a criar os preconceitos atuais em nosso imaginário. **Hypeness**, dez. 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/02/como-os-monstros-medievais-ajudaram-a-criar-os-preconceitos-atuais-em-nosso-imaginario/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PALLISTER, Janis. Introduction. In: PARÉ, Ambroise. *On Monsters and Marvels*. Chicago: University of Chicago, 1982. p. 15-32.

PARÉ, Ambroise. **Monstruos y prodigios**. Tradução Ignacio Malaxecheverría. Madrid: Titivillus, 2019.

PARÉ, Ambroise. **On Monsters and Marvels**. Tradução, introdução e notas Janis Pallister. Chicago: University of Chicago, 1982.

PATTERSON, Serina. Reading the Medieval in Early Modern Monster Culture. **Studies in Philology**, Chapel Hill, v. 111, n. 2, p. 282-311, 2014.

PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Sobre corpos e monstros: algumas reflexões contemporâneas a partir da filosofia da diferença. **Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 179-187, mar. 2010.

PENDER, Stephen. "No Monsters at the Resurrection": Inside Some Conjoined Twins. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 143-167.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez. 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31549/000632033.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura: Primera lección de paleografía**. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, 2002.

PINCUS, Steven. **1688: The First Modern Revolution**. New Haven: Yale University Press, 2009.

PINGREE, Allison. America's United Siamese Brothers: Chang and England Nineteenth-Century Ideologies of Democracy and Domesticity. In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 92-114.

PINTO, Julio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. **Tempo**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 25-42, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2019v260102>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/Wjx9bsNBkk6gz3fCXKdKpqc/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PLOMER, Henry Robert *et al.* **A dictionary of the printers and booksellers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1668 to 1725**. [Oxford]: Oxford University Press, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/dictionaryofprin00plomiala/page/118/mode/2up>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PLOMER, Henry Robert. **A Dictionary of the Booksellers and Printers who Were at Work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667**. Londres: Blade, East and Blades, 1907. Disponível em: <https://archive.org/details/adictionarybook00plomgoog>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PRESCOTT, Anne. The Odd Couple: Gargantua and Tom Thumb – In: COHEN, Jeffrey (ed.). **Monster Theory – Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. p. 75-91.

PUCK. In: BRITANNICA. Encyclopedia Britannica, 21 abr. 2016. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/puck-fairy>. Acesso em: 28 abr. 2025.

PURKISS, Diane. Desire and Its Deformities: Fantasies of Witchcraft in the English Civil War. **Journal of Medieval and Early Modern Studies**, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 1-26, winter 1997.

PURKISS, Diane. Invasions: Prophecy and Bewitchment in the Case of Margaret Muschamp. **Tulsa Studies in Women's Literature**, Tulsa, v. 17, n. 2, p. 235-253, 1998.

PURKISS, Diane. **Literature, Gender and Politics During the English Civil War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PURKISS, Diane. **The English Civil War: A people's history**. Londres: Harper Perennial, 2007.

RAYMOND, Joad. **Pamphlets and pamphleteering in early modern Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

REIS, Marcus Vinicius; CARGNELUTTI, Camila. Silenciamentos sobre gênero na historiografia brasileira: Inquisição e feitiçaria na América Portuguesa. **Topoi**, Rio de Janeiro. v. 21, n. 44, p. 331-349, 2020.

REVELATION 13. **Bible Hub**, c2012. Disponível em: <https://biblehub.com/kjv/revelation/13.htm>. Acesso em: 14 out. 2024.

RIBEIRO JÚNIOR, Wilson Alves. A hidra de Lerna. **Portal Graecia Antiqua**, 1998. Disponível em: greciantiga.org/arquivo.asp?num=0030. Acesso em: 15 set. 2024.

RIBEIRO, Renato Janine. **Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

ROBERGE, Livia Bernardes. Caça às bruxas e Guerras Civis na Inglaterra do século XVII: uma análise do panfleto *Wonderfull News from the North*, de Mary Moore. **Revista Escripturas**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 7-30, 2019. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/revistaescripturas/article/view/255>. Acesso em: 8 abr. 2025.

ROBERGE, Livia. "O povo pobre e oprimido da Inglaterra": as representações Diggers na Inglaterra Revolucionária (1607-1652). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: [s. n.]. 2017. p. 1-10. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502847388_ARQUIVO_ArtigoFinalAnpuh.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

ROMANO, Roberto. Pensamento e monstruosidade. Reflexões sobre Rousseau e seus pares. **Revista USP**, São Paulo, n. 50, p. 210-220, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i50p210-220. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35285>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

ROSENWEIN, Barbara. **História das emoções: problemas e métodos**. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ROSENWEIN, Barbara. Worrying about emotions in history. **American Historical Review**, [s. l.], v. 107, n. 3, p. 821-845, 2002.

SANTOS JÚNIOR, Jaime Fernando dos. A emergência do “moderno” conceito de revolução. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 11, n. 26, p. 122-147, 2018. DOI: <http://doi.org/10.15848/hh.v0i26.1300>. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1300>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SANTOS JÚNIOR, Jaime Fernando dos. Reflexões historiográficas sobre os usos da categoria e do conceito de Revolução para a Guerra Civil e Interregno na Inglaterra seiscentista (1640-1660). **Revista 7 Mares**, Niterói, n. 2, p. 116-134, 2013. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/7mares/wp-content/uploads/2018/11/v01n02a09.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2025.

SANTOS, Cíntia Teixeira dos. Femmes Fatales: a diabolização da mulher transformada em bruxa. In: MARKENDORF, Márcio; SÁ, Daniel Serravalle (org.). **Monstruosidades: estética e política**. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 121-136.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 25 abr. 2025.

SCRIBNER, Robert W. The Reformation, Popular Magic, and the "Disenchantment of the World". **The Journal of Interdisciplinary History**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 475-494, 1993.

SHEPARD, Leslie. **The History of Street Literature: The story of Broadside Ballads, Chapbooks, Proclamations, News-Sheets, Election Bills, Tracts, Pamphlets, Cocks, Catchpennies, and other Ephemera**. Newton Abbot: David & Charles, 1973.

SIEVERS, Julie. Literatures of Wonder in Early Modern England and America. **Literature Compass**, [s. l.], v. 4, n. 3, p. 766-783, 2007.

SILVA, Renan. A representação do Imaginário Medieval nas obras de Epic Fantasy: o caso de as Crônicas de Gelo e Fogo. **Revista ComparArte**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 150-161, 2017. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ca/article/view/11522>. Acesso em: 4 abr. 2025.

SILVA, Vanessa Simon da. **O grotesco e o monstruoso entre culturas: do discurso científico aos folhetos de cordel brasileiros**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-10052016-165531/>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SMITH, Helen. Print[ing] Your Royal Father Off: Early Modern Female Stationers and the Gendering of the British Book Trades. **Text**, Bloomington, v. 15, p. 163-186, 2003.

SMITH, Nigel. **Literature and revolution in England, 1640-1660**. New Haven: Yale University Press, 1997.

SOARES, Paulo. Os Monstros na Cultura Medieval. **Signum** (Associação Brasileira de Estudos Medievais. Online), [s. l.], v. 12, n. 2, p. 188-210, 2011. Disponível em: <https://abrem.org.br/index.php/signum/article/view/56>. Acesso em: 24 abr. 2025.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 344-370.

SOUTO, Generosa. Representação dos monstros e monstruosidades na literatura e no cinema: transformações em *A terceira margem do rio*, de Nelson Pereira dos Santos. **Letras de Hoje**, [s. l.], v. 46, n. 4, p. 97-102, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/7215>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SPINKS, Jennifer. Jakob Rueff's 1554 *Trostbüchle*: A Zurich physician Explains and Interprets Monstrous Births. **Intellectual History Review**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 41-59, 2008.

SPINKS, Jennifer. **Monstrous births and visual culture in sixteenth-century Germany**. New York: Pickering & Chatto, 2009.

SPUFFORD, Margaret. **Small Books and Pleasant Histories: Popular Fiction and its Readership in Seventeenth-Century England**. Londres: Cambridge University Press, 1981.

STAUB, Susan. Surveilling the Secrets of the Female Body: The Contest for Reproductive Authority in the Popular Press of the Seventeenth Century. In: DEPLEDGE, Greta; MANGHAM, Andrew. **The Female Body in Medicine and Literature**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011. p. 51-68.

STONE, Lawrence. **The causes of the English Revolution, 1529–1642**. New York: Routledge, 2017.

STRAWBRIDGE, Jennifer (ed.). **A Primeira Epístola de Pedro: Um Comentário Global**. Londres: SCM Press, 2020.

SUHR, Carla. **Publishing for the masses – Early Modern English Witchcraft Pamphlets**. Helsinki: Société Néophilologique, t. 78, 2011.

SUNKEL, Guillermo. Las matrices culturales y la representación de lo popular en los diarios populares de masas aspectos históricos y fundamentos teóricos. In: SUNKEL, Guillermo. **Razón y pasión en la prensa popular**. Santiago: El Desconcierto, 2016. p. 33-62.

The King James Version of the Holy Bible (1611). [s. l.; s. n.], 2001. Disponível em: <http://www.davince.com/bible>. Acesso em 17/01/2024. Acesso em: 10 fev. 2024.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TOMA, Maristela. Entre Monstros e Maravilhas: Desafiados a dar conta da diversidade da fauna e da flora encontradas nas novas terras, exploradores tiveram de recorrer ao familiar para comunicar o estranho. **História Viva**, São Paulo, n. 14, 2006, p. 45-49. Edição especial temática.

TREVELYAN, George McCaulay. **A Revolução Inglesa: 1688-1962**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

USZKALO, Kirsten C. **Bewitched and Bedeviled: A Cognitive Approach to Embodiment in Early English Possession**. Londres: Palgrave Macmillan, 2015. (Cognitive Studies in Literature and Performance).

VIEGAS, Rafael; SÁ, Luiz César de. A singularidade compósita: o Monstro de Ravenna em manuscritos italianos. **História (São Paulo)**, [s. l.], v. 41, p. e2022017, 2022. DOI:

<https://doi.org/10.1590/1980-4369e2022017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/zWcfb4wstvcBTk9W7gT6gJC/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

VOLOSKI, Jorge Luiz; REIS, Jaime Estevão dos. Viagens de Jean de Mandeville (1356-1357): Breve discussão contextual e introdução ao debate acerca da existência do personagem Jean de Mandeville. In: SEMANA DE HISTÓRIA, 23., 2018, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Edições Diálogos, 2019. p. 109-117.

WALSHAM, Alexandra. The Reformation and ‘the Disenchantment of the World’ Reassessed. **The Historical Journal**, [s. l.], v. 51, n. 2, p. 497-528, 2008. DOI: <http://doi.org/10.1017/S0018246X08006808>. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0018246X08006808. Acesso em: 24 maio 2021.

WEBER, Harold M. **Paper bullets: print and kingship under Charles II**. Lexington: The University Press of Kentucky, 1996.

WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020.

WELCH, Heather. **"Unnatural Cruel Beasts in Women's Shapes": The Female Body in Early Modern England**. 2020. Dissertation (Degree of Doctor of Philosophy) – College of Arts and Science, Georgia State University, Georgia, 2020. DOI: <https://doi.org/10.57709/17476043>. Disponível em: https://web.archive.org/web/20220705063642id_/https://scholarworks.gsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1086&context=history_diss. Acesso em 13 abr. 2025.

WHITELEY, Rebecca. **Birth Figures Early Modern Prints and the Pregnant Body**. Chicago: The University of Chicago Press, 2023a.

WHITELEY, Rebecca. Picturing Pregnancy in Early Modern Europe. **The Public Domain Review**, 8 mar. 2023b. Disponível em: <https://publicdomainreview.org/essay/picturing-pregnancy-in-early-modern-europe/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

WIEDENBECK, Ashley Erin. **The Natural Mother: Motherhood, Patriarchy, and Power in Seventeenth-Century England**. 2015. Dissertation (Degree Doctor of Philosophy) – Arizona State University, Tempe, 2015. Disponível em: <https://keep.lib.asu.edu/items/153658>. Acesso em: 15 abr. 2025.

WILSON, Adrian. **The Making of Man-Midwifery: Childbirth in England, 1660–1770**. Londres: Routledge, 1995.

WILSON, Robert. **The Cobler's Prophesie**. [s. l.]: John S. Farmer, 1594. Disponível em: <https://archive.org/details/cu31924013167196/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 12 abr. 2025.

WILTENBURG, Joy. **Disorderly Women and Female Power in the Street Literature of Early Modern England and Germany**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1992.

WINICK, Stephen. Green Man Connections: The Foliate Head. **Library of Congress Blogs**, 5 out. 2023. Disponível em: <https://blogs.loc.gov/folklife/2023/10/green-man-connections-the-foliate-head/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

WITTKOWER, Rudolf. Marvels of the East: A Study in the History of Monsters. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, Londres, v. 5, p. 159-197, jan. 1942.

WOLFF, Janet. Recuperando a corporalidade. Feminismo e política do corpo. *In*: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (org.). **Gênero, Cultura visual e performance**: Antologia Crítica. Ribeirão: Ed. Húmus, 2011. p. 101-120.

WOOD, Andrea; SCHILLACE, Brandy (ed.). **Unnatural Reproductions and Monstrosity: The Birth of the Monster in Literature, Film, and Media**. New York: Cambria Press, 2014.

WRIGHT, Alexa. Monstrous Strangers at the Edge of the World: The Monstrous Races. *In*: WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). **The Monster Theory Reader**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020. p. 173-191.

YAGO, Daniel Françoli. **A caravana dos prodígios**: Maravilhas, figuras grotescas e freaks na obra “Noites no Circo” de Ângela Carter. 2017. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/19912>. Acesso em: 11 abr. 2025.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [s. l.], v. 4, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12410>. Acesso em: 13 abr. 2025.